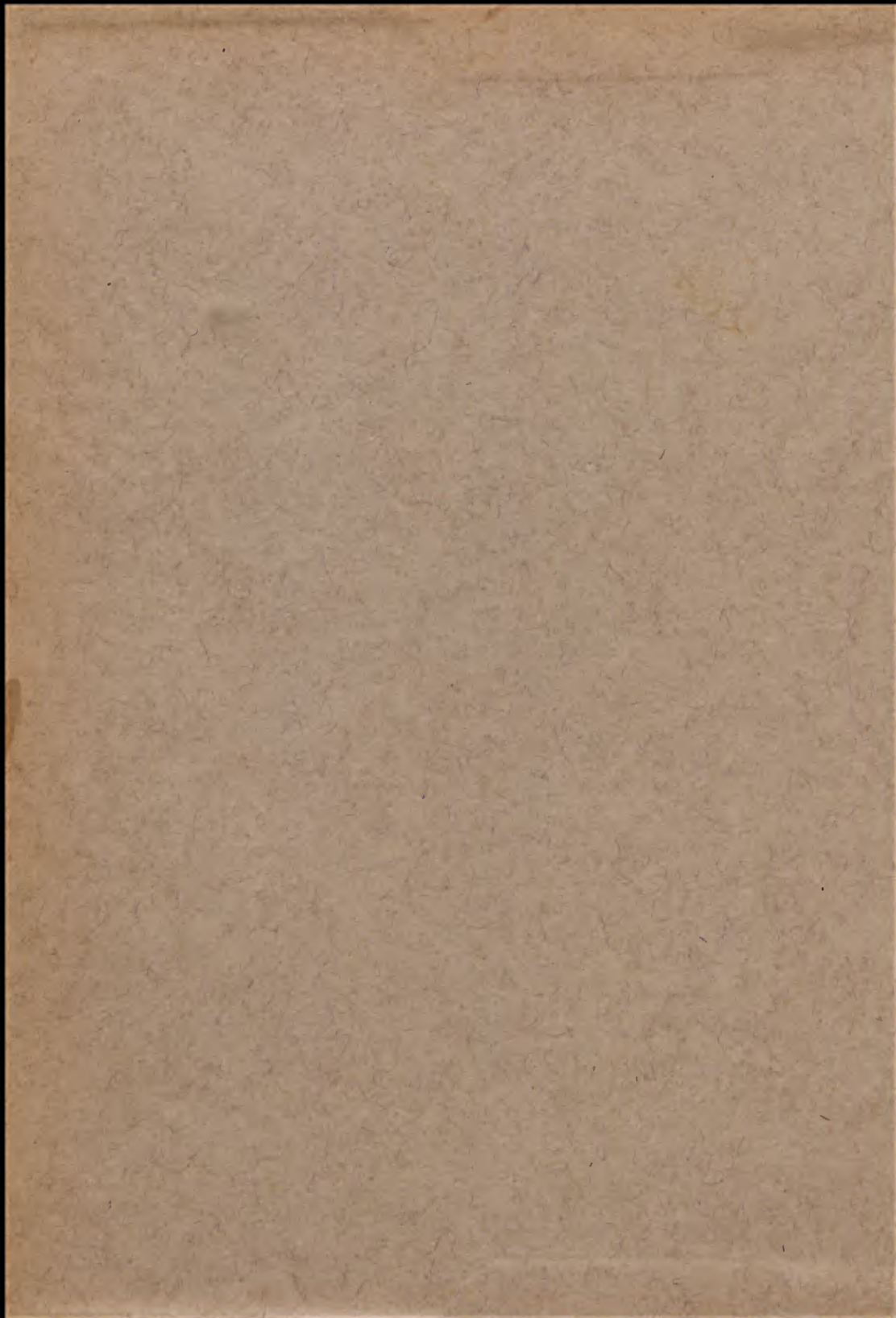
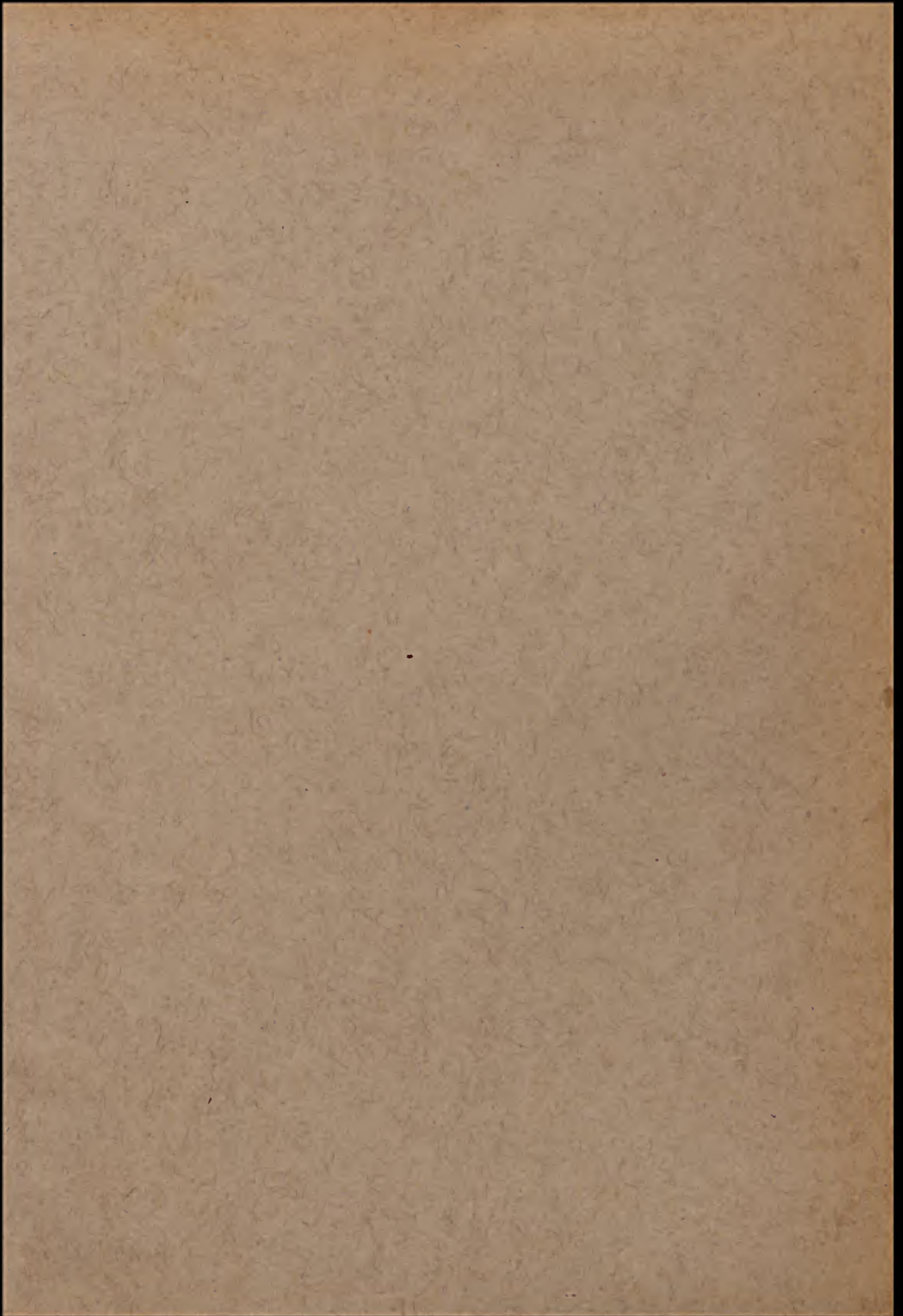
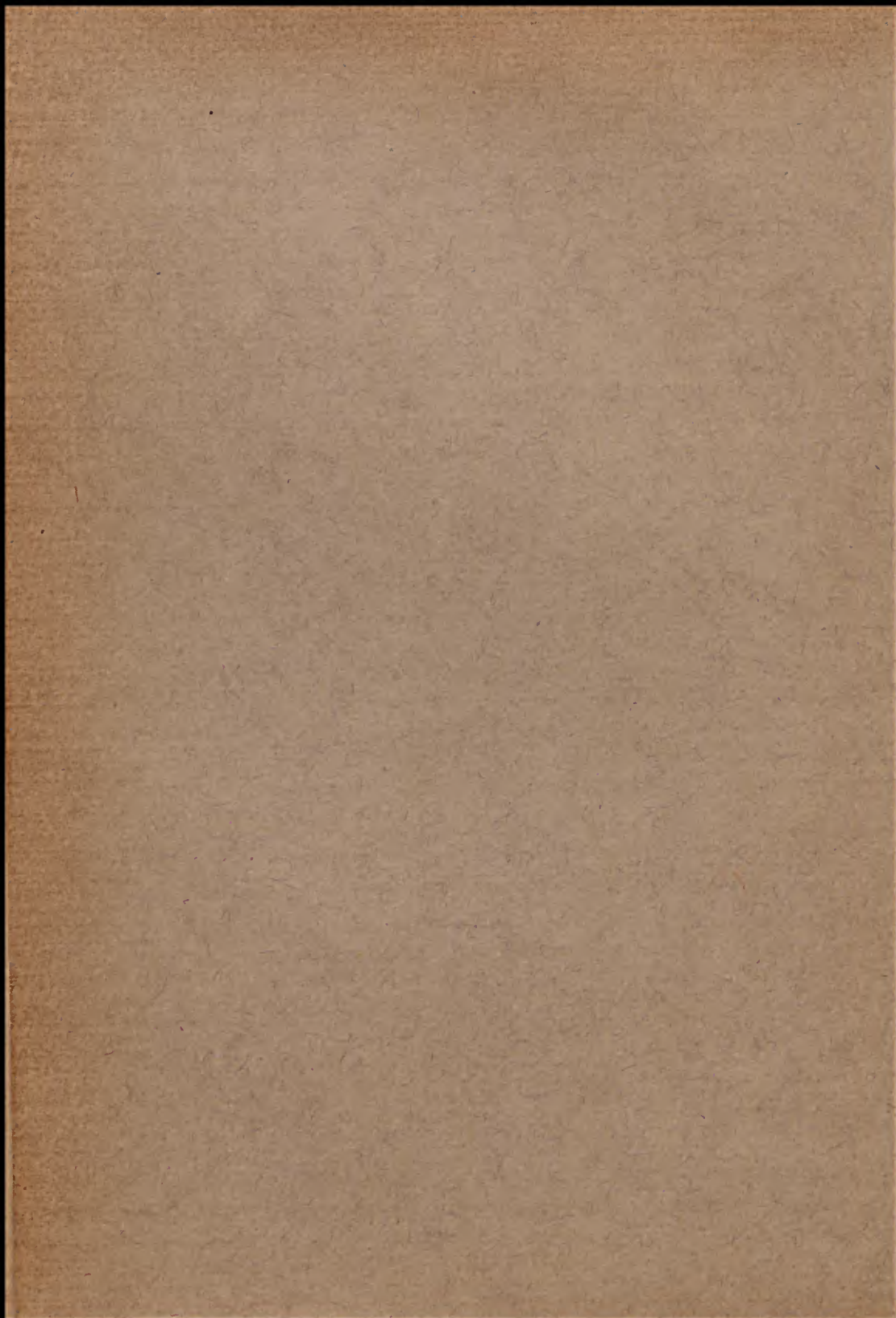




cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16







# REVISTA DO BRASIL

*Rev. do Brasil, Maio 1920*

SUMMARIO do n. 53 — Maio, 1920

O Momento. . . . .	REDACÇÃO . . . . .	3
A democracia funcional na Russia. . . . .	JOSÉ INGENIEROS . . . . .	7
Passeio ao céu. . . . .	GODOFREDO RANGEL . . . . .	28
Na morte de Anteu (versos)	ALVARO MAIA . . . . .	33
O ladrão. . . . .	AMANDO CAIUBY . . . . .	40
Afranio Peixoto . . . . .	JACKSON DE FIGUEIREDO . . . . .	50
Valentim Magalhães e Cas- tro Alves. . . . .	ARTHUR MOTTA . . . . .	57
Bibliographia . . . . .	REDACÇÃO . . . . .	75

RESENHA DO MEZ: — Nota politica (*J. A. Nogueira*)  
  Ariel (*Sergio Buarque de Hollanda*) — Zefa (*Ur-  
  bino Vianna*) — O antidoto do Tejuassú (*João  
  do Norte*) — O jogo de bicho pelo telegrapho sem  
  fio — O typo louro . . . . . 84

CARICATURAS E ILLUSTRACOES.

S. Paulo

1920

Rio

# REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO

Secretário: ALARICO F. CAIUBY

## Aviso ao publico

Em virtude da alta crescente do papel, esta publicação vê-se forçada a alterar os preços da assignatura e da venda avulsa, para não voltar a utilizar-se do papel de jornal, como nos annos anteriores, visto como a maioria dos assignantes, pessoas de bom gosto, preferem-na mais cara, porém impressa no optimo papel actual, do que mais barata e com a feição antipathica que lhe dava o papel antigo.

## ASSIGNATURAS

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	12\$000
Para o exterior, anno . . . . .	25\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$800

Assignaturas sob registro postal, mais 2\$400 por anno.

As assignaturas comecam em qualquer tempo e terminam em junho ou dezembro.

Não se devolvem os originaes.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 (sobr.) — CAIXA POSTAL 2-B  
SÃO PAULO

Succursal no Rio: R. Rodrigo Silva, 28 (2.<sup>o</sup> andar), a cargo do sr. DEZEMBRINO SILVA.



# BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

TRANSFORMADORES

FIOS ISOLADOS

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ISOLADORES

ELECTRICAS 1/2 WATT

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & CO.**

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4.



# ETABLISSEMENTS

---

---

:: Societé

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francs. ———

# Bloch

---

-----  
**FAZENDAS  
E TECIDOS**  
-----

**RIO DE JANEIRO**

116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——



Officinas e Garage Modelo

**DIAS CARNEIRO & C.**

---

---



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e  
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para  
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS  
PNEUMATICOS "FISK".**

**Mechanica — Pintura — Sellaria  
Carrosserie — Vulcanisação —  
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com  
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDERECO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

**RUA 7 DE ABRIL N. 38**

**AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20**

**São Paulo**

---

CANTO LIBERO BADARO'



# The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

**Casa Matriz:**

**4, Moorgate Street-LONDRES.**

**Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.**

Capital Subscripto £ 2.000.000

Capital Realizado £ 1.000.000

Fundo de Reserva £ 1.000.000

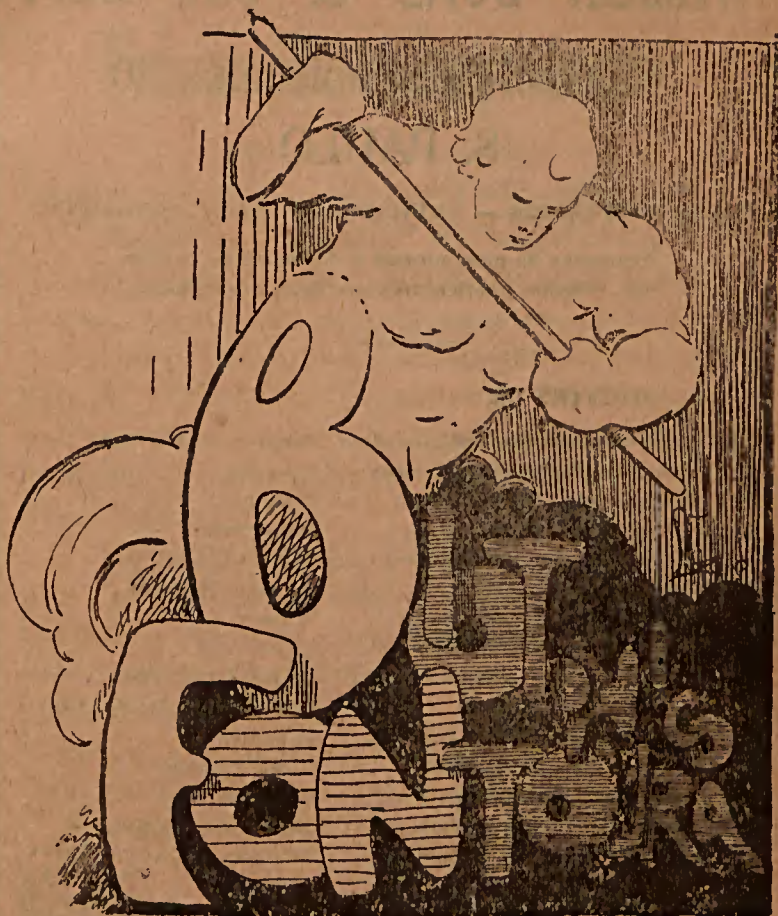
SUCCESSAES : - Manchester,  
Bahia, Rio de Janeiro, Porto  
Alegre, Montevidéo, Rosario  
de Santa Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio. coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA  
CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-  
NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM  
SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS,  
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"



Eminentes medicos affirmam que o BIOTONICO é o mais completo fortificante. Exerce acção benefica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saude.

**O BIOTONICO** cura todas as fórmas de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura a fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra causa.

**E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.**

# WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10  
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão  
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres . . . . .	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . . .	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne.	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull . . . . .	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . .	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham . . .	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha . . . .	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . .	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	Ferro em barra e em chapas

## UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA  
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA  
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-  
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

## IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES  
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS  
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.

# MACHINAS E ACCESSORIOS

## Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechnica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cyllindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

## Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGRESIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO



**PORCELLANAS**

**CRISTAES**

**ARTIGOS DE CHRISTOFLE**

**OBJECTOS DE ARTE**

**PERFUMARIAS**

O melhor sortimento

—◆—  
Casa franceza de

**L. GRUMBACH & CIA.**

—◆—  
Rua de São Bento N.º 89 e 91

**SÃO PAULO**

UNESP - Biblioteca - 1945  
Class: *0R050*  
Tombo/Tit: *1084*

# REVISTA DO BRASIL

---

## VOLUME XIV

MAIO - AGOSTO DE 1920

ANNO V

---



S. PAULO - RIO  
BRASIL

20289



022





# REVISTA DO BRASIL

## O MOMENTO

D. LUIZ

*Falleceu, inesperadamente, em Cannes, D. Luiz de Orléans e Bragança,— falleceu no exílio onde purgava o crime de ser neto de Pedro Segundo. Herdara as qualidades do avô, sua nobreza d'alma, seu coração, seu amor ás letras. Deixou na memoria de quantos o conheceram a marca indelevel que só consegue imprimir a creatura eleita da elevação moral; e na memoria de quantos o leram, a admiração por um talento de escol. Tentou, mas não conseguiu, pisar a terra da sua patria. O republicanismismo ridiculo de Affonso Penna barrou-lhe o passo. Tentou, mas não conseguiu, penetrar na Academia de Letras. Essas duas mesquinhas, porém, só conseguiram amesquinhar o governo e a Academia. Um perdeu optima occasião de mostrar largueza de vistas; outra, a melhor oportunidade de homenagear o seu verdadeiro creador, Pedro Segundo. D. Luiz foi mantido no exílio porque não cabia cá. Não cabia cá da mesma fórma que não cabe aqui a princeza Isabel, essa megera que assignou a lei aurea, nem o Conde d'Eu, esse máo homem que poz fim á Guerra do Paraguay. A Republica é coherente. Feita para uso e goso duma mediocracia rapinante, recebe de braços abertos os Caillaux e os Bolo-Pachá, mas não permite desembarque aos grandes expoentes da Honra, do Brio, da Intelligencia e da Grandeza d'alma. A presença delles envergonharia o nosso barrete phrygio...*

## A VICTORIA DE XIMENÉS

*No concurso para o monumento do Ypiranga venceu o cavalleiro Ximenes, como estava escripto, a lapis azul, no livro do Destino, com dois annos de antecedencia. Ximenes, como o Ma-*



rechal Ney, é um filho querido da Victoria. Sabe vencer, conhece as receitas que manipulam os primeiros lugares. Veio para vencer e venceu. Trouxe com a sua maquette uma boa carga de "psycologia", convencido, por experiencia propria, de que mais vale um kilo de "psycologia" do que uma tonelada de arte. Na Italia, em concurso aberto em Milão, para um monumento a Garibaldi, operou com os mesmos truques, e venceu. E venceu, entre outros, ao grande Bistolfi, que é o mais legitimo orgulho da moderna esculptura italiana. A indignação, porém, foi tamanha, na critica, nos meios artisticos e no povo, que os concorrentes preteridos cotizaram-se e fizeram fundir em bronze a obra maravilhosa de Bistolfi, doando-a á municipalidade para que, posta num palacio publico, ficasse, ab-eterno, como um protesto eloquentissimo contra a "psycologia" desairoza aos creditos da terra.

Ora, si lá, na terra classica da arte, o cavalheiro Ximenes consegue legalizar seus grillos por meio duma "actuação" opportuna, que não será aqui, neste ambiente ingenuo, abridor de bocca, destituido ainda de todo o senso esthetico? Era fatal sua victoria. Só a não admittiam, com antecipação, meia duzia de homens, desses que trazem a cabeça no mundo da lua.

Ha na Italia uma florescencia copiosa de artifices do marmore e do pincel. São obreiros habeis que copiam com mão lesta, reproduzem na perfeição e abarrotam o mundo com seus marmoresinhos e gessos, vendidos na rua, em tableiros, como aqui se vendem cocadas e pés-de-moleque. Na pintura, a mesma coisa. Milhares de pintadores ganham a vida com quadrinhos bonitinhos, engraçadinhos, catitinhas, lambidinhos, reproduzidos ao infinito para a bufarinhagem barata das ruas.

Por entre essa fauna rasteira de cosinheiros de Appollo soerguem-se os verdadeiros artistas, como jequitibás em meio da macega. Detentores d'uma alta e segura technica posta a serviço d'uma sensibilidade de eleição, os artistas fazem a coisa suprema que é crear.

Os outros copiam.

Tocados da centelha divina, os artistas pairam nas regiões mais altas da expressão esthetica e, inspirados, arrancam ao marmore fórmulas de immortal belleza.

Os outros roem a pedra, como o rato roe o queijo.

Deante da obra do artista o homem pára, extactico, empolgado por um mysterioso quid que é o segredo perturbador da verdadeira obra d'arte.

*Em face do outro o freguez, na rua, saca do bolso uma lira, regateia uma Venus de Medicis, compra-a por metade, e vae para casa convicto de que foi roubado.*

*Um é a idéa, a expressão, o sentimento, a belleza eterna de todos os tempos e de todos os paizes; outro é a superficie, o polido, a maneira, o vazio, a insignificação, o bonitote, o "psicológico".*

*Um é a aguia real, de remigios majestosos; outro é tico-tico no farelo.*

*Um é o artista; outro o "artistone".*

*Um é Nicola Rollo; outro é o cavalheiro Ximenes.*

*No emtanto, por deficiencia do vocabulario humano, uma mesma palavra — esculptura — designa a "Eva" de Rodin e o anjo deplorativo dos cemiterios. Mas não importa. Ninguem os confunde, nenhuma pessoa fina confunde o que é arte com o que é fancaria. Em parte nenhuma do mundo isso se dá, salvo... em S. Paulo. Aqui — tão rudimentar é ainda a sensibilidade esthetica do nosso officialismo — entre um Rodin não assignado e um anjo de marmorista ha 8 probabilidades pró-anjo contra 2 pró-Rodin.*

*Não ha exaggero nisto. Documenta-se o asserto.*

*Ha tempos nossa municipalidade ornamentou o parque da Avenida com umas coisas exquisitas, figurando estações do anno, obra dum sapateiro do Piques. Tal era o disparate que deu na vista de todo o mundo, e surgiram protestos indignados. As figuras não tinham, siquer, medida; havia joelhos localizados nas cannelas, e umbigos onde é o seio; havia pernas com inchagões pedintes de bisturi e cabeças deslocadas do pescoço. Abortos de gesso, em summa, teratologia abacadabrante, fugida dos museus de medicina. Entretanto, os vereadores mantiveram o seu acto, e os mostrengos lá ficaram a "educar o povo", annos seguidos, até que, por coacção do publico e da imprensa discutiu-se-lhes a retirada. Pois verificamos, com grande assombro, que uma parte da vereança se oppunha á limpeza, convencida de que as estatuas eram uma coisa maravilhosa. Borborigmou-se, mesmo, um aparte que merece registro em versal:*

*— Quizilias de jornalistas.*

*De modo que, para uma parte do S. Paulo official, uma perna, um palmo maior que outra, um nariz torto, um femur em lugar de uma tibia, um tornozello localizado na testa, um olho orbitado no calcanhar não constituem offensas á anatomia humana e sim... intrigas da opposição! — Quizilias de jornalistas!...*

*Vê-se d'aqui quanto os elementos officiaes da mui nobre e leal Paulicea inda lascam pedra em materia appolinea, facto que explica, sobejamente, a victoria de azas nos pés, mercurina, do cava-*

*lheiro Ximenes. Crack internacional de concursos, vence á força de "psychologia". Venceu na Italia, mas ficou com a sombra de Bistolfi a lhe roer a gloria. Venceu aqui, mas eternamente esmagado por Nicola Rollo. Vencerá na Lapônia, quando a gratidão esquimó erguer uma estatua a algum urso branco benemerito; mas ainda lá lhe ha de sombrear a victoria alguma phoca de genio, concorrente ao certamen. Vencerá em toda a parte, porque a psychologia dos paredros é em toda a parte a mesma e o cavalheiro Ximenes é o maior dos "psychologos" vivos.*

---

*Rollo teve a votação unanime da cidade de S. Paulo com excepção apenas de quatro pessoas que, por coincidencia, formavam a commissão julgadora. Ximenes teve estes votos e mais os applausos de um grupo escolar. Elle mesmo, em entrevista, conta a emoção de que foi victima quando os meninos o victoriarão com abraços e beijos. O presepe encantou devéras a criançada; e levallava-a ao delirio si o esculptor tivesse tido a idéa de lhe aggregar uma distribuiçõesinha de pequenos bustos de chocolate.*

---

*A sentença que deu victoria a Ximenes não veio precedida de considerandos justificatorios; a commissão limitou-se a erguer o dedo, espichal-o para o gesso, e dar um veredictum de pontaria. Não representará, pois, jamais, a eleição sincera do povo paulistano, e sim a attitude disciplinada de quatro respeitaveis furabolos.*

---



## A DEMOCRACIA FUNCIONAL NA RUSSIA

POR  
JOSÉ INGENIEROS

*I — Uma nova philosophia politica. — II A Revolução Franceza e a Soberania Popular. — III Technica actual da representação. — IV Partidos Politicos e Funções Sociaes. — V Rumo á representação funcional. — VI Federalismo politico e federalismo funcional. — VII A Representação funcional na Russia. — VIII Presente e Porvir.*

### — UMA NOVA PHILOSOPHIA POLITICA.

A humanidade acaba de assistir ao pavoroso espectáculo de morte, de violencia, de odio, de intriga, provocado por insanos governantes que arrastaram os povos a uma catastrophe mundial. Alguns epilogos da mesma origem perturbarão, todavia a quietude da "geração da guerra", que assistirá ao nascimento de novas formas de equilibrio politico e social; não alcançará ella, porém, gosar dos seus beneficios, reservados para a immediata "geração da paz".

Na vida social, como na domestica, compete a cada geração preparar a sorte da seguinte, educando-a para viver adaptada ao meio que incessantemente se renova. O nivel moral dos povos pode medir-se pelo seu zelo, pelo Porvir, que é solidariedade prolongada no tempo, e pelo seu sentimento de Fraternidade, que é solidariedade projectada no espaço.

Para os homens que possuem essa Ethica superior, os problemas sociaes da hora presente são dignos de estudo profundo e de serena meditação. Não é possivel cerrar os olhos na esperança de que a realidade desapareça com não ser vista. E a realidade é muito simples: em todas as nações civilisadas se accelerou o rithmo da evolução sociologica, de conformidade com as exactas previsões dos homens estudiosos. Novos

principios de Direito se manifestaram e já estão no periodo de experimentação, tanto na ordem nacional como na internacional; sem prejudicar do seu destino futuro, podemos dizer que elles representam *uma nova philosophia politica*, encaminhada para o aperfeiçoamento do systema democratico representativo federal.

A transformação das instituições e as reformas constitucionaes são factos frequentes em as nações civilisadas. Variam sem cessar as funcções internas de uma sociedade e suas relações externas; essa variação determina a utilidade de modificações institucionaes, destinadas a co-ordenar em formas de equilibrio eternamente instaveis o funcionamento social. A successão dessas formas constitue o Progresso, que não significa estabilidade, mas incessante mutação.

Os que estudaram sociologia sabem que se não conhece uma unica sociedade humana cujas instituições politicas hajam permanecido fixas; nenhuma assembléa de legisladores illustrados compoz jamais uma Constituição suppondo que seria inaperfeiçoavel ou eterna. As instituições servem os interesses sociaes em um momento dado; quando deixam de servir, são substituidas por outras mais bem adaptadas ao novo rithmo das funcções. Não se poderia affirmar sua invariabilidade sem negar ás sociedades toda possibilidade de aperfeiçoamento interno e externo, isto é, nacional e internacional.

As pessoas de instinctos fortes e raciocínio fraco costumam julgar os phenomenos sociologicos atravez das suas paixões e appetites de momento; isso acontece nas classes enriquecidas tanto quanto em as necessitadas, porque a fortuna ou a miseria não podem dar serenidade de julgamento a quem as não adquiriu nas severas disciplinas do estudo e da meditação. Disso provêm as exaltações absurdas dos ignorantes, a proposito de toda nova experiencia social; por isso mesmo são merecedores de perdão, tanto quanto se manifestam em temores convu'sivos e em perseguições estereis, como quando se traduzem por optimismos illusorios e por esperanças illegitimas.

Nas experiencias sociaes contemporaneas só podem ver claro os que não têm taes paixões e appetites de momento, que impedem de analysar o seu sentido e de desentranhar os principios de Direito Politico em que se inspira a experiencia.

São conhecidos os factos historicos que nos propomos analysar. Após dois annos de infatigavel diffamação radio-telegraphica, o povo da Russia continua experimentando um systema politico substancialmente novo, cujas caracteristicas sociologicas são geralmente ignoradas. Em vão as agencias telegraphicas, ao serviço de governos interessados, espalharam mentirosamente horrores sobre horrores, infamias sobre infamias, defendendo por esses meios immoraes o pagamento de emprestimos negociados com a autocracia dos czares; em vão os enriquecidos de cada paiz pretenderam explorar contra o povo russo a inquietação e o medo pro-

duzidos pelos seus proprios conflictos economicos internos; em vão em-  
prezas jornalisticas ao serviço do capitalismo sem patria espalharam fa-  
bulas terroristas de que poderiam estar já envergonhadas, se a sua obs-  
seção aos interesses creados as não tornasse incapazes de vergonha; em  
vão, emfim, se exploraram, em toda parte, as tradicionaes razões do pa-  
triotismo, a religião e a ordem, sem maior resultado do que enfurecer a  
muitos impulsivos e intimidar a alguns covardes. Em vão. Os que honra-  
mos os nossos concidadãos com boas obras, sabemos que o bom patrio-  
tismo é o que busca a Justiça de todo o povo e não o que escora o pri-  
vilegio de alguns traficantes; os que vivemos tão virtuosamente quanto  
prégamos, cremos que a boa religião é a que anheia unir os homens para  
realisar Fins Moraes e não a que encadeia consciencias por meio de  
dogmas; os que dissipamos o chaos dos cerebros incultos, dizemos que  
a boa ordem é a que nasce da Cooperação de todas as forças sociaes e  
não a que opprime a liberdade de muitas victimas para assegurar a im-  
punidade de poucos verdugos.

A mentira organizada logrou parte do seu objectivo, cegando os que  
não desejam estudar os factos historicos actuaes. Os que observam e  
pensam, em compensação, puderam tomar conhecimento de factos incon-  
trovertiveis.

1.º — Que o povo russo logrou adaptar-se a uma nova organização  
politica, tão estavel actualmente como a de qualquer outro povo europeu,  
sem excepção.

2.º — Que esse mesmo povo, em armas para defender o seu direito de  
livre determinação politica e economica, pôz em fuga alguns traidores,  
mercenarios do ouro de capitalistas estrangeiros: Yudenitch, Koltchak e  
Denikine. E em meio da poeira levantada pelos aventureiros fugitivos, o  
povo em armas avançou cantando a Marselheza eterna, até Odessa e  
Arkangel, até o Caucaso longinquo, até a remota Vladivostock; e á sua  
passagem, — cem vezes mais triumphal do que a da admirada Revolução  
Franceza — populações inteiras fizeram côro á canção redemptora, en-  
toando-a como augurio de uma era de Paz e de Justiça.

Ante esses factos — innocultaveis já — começam a cantar a vergonhosa  
palinodia os mesmos governos que mais se distinguiram pela sua obsti-  
nação diffamatoria (1).

---

(1) A 13 de Fevereiro de 1920 o diário "La Nacion" publicou o seguinte tele-  
gramma do seu correspondente especial em Londres, com o titulo: *Novo ponto de  
vista britannico sobre o maximalismo*:

"Londres, 12. — E' indubitavel que ultimamente se modificou consideravelmente  
a opinião politica britannica a respeito do maximalismo. As cousas mudaram e agora a  
opinião publica é quem guia a imprensa, e não como antes a imprensa á opinião  
publ'ca.

"E' provavelmente certo que alguns diários no seu vivo desejo (expontaneo ou  
não) de convencer os seus leitores de que a situação da Russia sob os maximalistas  
é horrorosa, têm feito um esforço supremo. porém esse esforço não teve exito com-  
pleto. Em todo caso, as informações que se publicam agora, enviadas por correspon-  
dentes especiaes enviados á Russia sovietista, não fazem menção das atrocidades que  
antes constituíam o thema principal das correspondencias.

Não cremos, entretanto, que os novos "pontos de vista" da diplomacia mercantil exprimam um honesto respeito pela verdade, nem sequer o remorso de ter mentido propositadamente; nem tão pouco é crível que as mova a rectificar suas opiniões a mera convicção de que os ideaes do povo russo são invencíveis pelas armas dos traidores e mercenários. Seu *mea culpa* é entoado pelas razões analogas ás que antes os impelliram ao crime da mentira systematica: os velhos governos, occupados até agora em politicar venaes interesses, começam a soffrer fome e necessitam ser auxiliados com os abastcimentos que sobram na Russia nova, onde o povo se occupou em organisar-se para trabalhar de conformidade com seus ideaes e aspirações (1).

Independentemente do juizo que possam merecer esses factos e attitudes historicas, a nova experiencia politica ensaiada na Russia tem um valor ideologico que interessa ao philosopho. Por detraz dos acontecimentos circumstanciaes se percebe *uma nova philosophia politica*, cujos principios se vão definindo á medida que o regimen sovietista se aproxima do seu estado de equilibrio, depois das incertezas e tropeços proprios da phase inicial.

## II — A REVOLUÇÃO FRANCEZA E A SOBERANIA POPULAR.

Os systemas políticos effectivos são sempre o resultado da experiencia; nunca improvisações inventadas por chimericos utopistas. Porisso é necessario recorrer ao methodo genetico, pois só elle permite estabelecer o significado historico de um principio ou uma doutrina, e em certos casos ajuda a determinar seu grau de legitimidade.

---

"Naturalmente, pode argumentar-se que os maximistas commetteram taes atrocidades que chegaram a exterminar todos os seus adversarios; mas, por outro lado, grandes correntes de opinião sustentam que a maior parte das atrocidades attribuidas aos maximalistas foram invenções dos reaccionarios e dos que pelas razões financeiras ou de outra ordem esperavam exaltar as nações occidentaes da Europa contra os maximalistas, com o fim de obter dellas ajuda militar para restabelecer a monarchia. Estas opiniões, ainda que arriscadas, merecem ser tidas em conta, ao menos pelo facto de que quasi todos os relatorios de horrores maximalistas procediam de gente que não tinha visto o que narrava e que sempre tinha chegado ao lugar dos successos immediatamente depois de produzidos.

"De todos os modos é improvavel que o afastamento entre as grandes potencias e a Russia continue por muito tempo, porém se reconhece que o restabelecimento de relações de algum genero com a Russia, assim como com a Allemanha, contribuiria em ato grau para o melhoramento da situação economica geral das grandes potencias aliadas; não menos que da Russia e da Allemanha mesmas.

"E' digno de notar-se que *The Times*, cuja attitude ante o maximalismo tem sido até agora tão aggressiva quanto intransigente, publique um artigo do seu correspondente especial na Russia sovietista, no qual se não fala de atrocidades. O correspondente se limita a descrever a situação desse paiz, que julga comparavel á de outros paizes europeus que ainda não provavam do maximalismo

"Todos esses indicios permitem crer que entre a Europa occidental e a Russia sovietista se creará uma situação menos tensa, muito antes do que se acreditava possivel".

(1) Todos os capitalistas gritam em unisono que para reparar os estragos da guerra é necessario trabalhar, porém se encontram em difficuldades porque não dizem quem deve trabalhar nem *para quem*. O unico paiz europeu que em 1919 logrou organizar o trabalho é a Russia, por duas razões: disse que *todos devem trabalhar* e que *ninguem*



Os principios basicos da Revolução Russa têm sido formulados como aperfeiçoamentos de outros já firmados pelas revoluções anteriores: a soberania popular, a abolição dos privilegios feudaes, o systema de governo representativo. Não é nossa intenção — nem seria aqui opportuna — estudar o desenvolvimento historico dos principios politicos que foram a norma fundamental dos paizes civilisados, durante o seculo XIX. Digamos, somente, que se costuma tomar como seu symbolo a Revolução Franceza, e recordemos brevemente sua significação na evolução do direito politico (1).

Só merece o nome de Revolução uma mudança de regimen que implique fundas transformações das ideias ou radicaes disequilibrios entre as classes que coexistem no Estado; por um vicio de linguagem costumam confundir-se com ella os motins e pronunciamentos em que se cansa a historia de certos povos.

Sob o chamado antigo regimen o poder da monarchia havia alcançado em França a sua culminação, annullando todas as outras fontes de autoridade e inhibindo politicamente as forças localisadas feudaes, conglomeradas já em a nação, cujos representantes deixaram de convocar-se desde 1614. O poder monarchico conceituava-se de direito divino, livre de toda coparticipação directa ou indirecta com o povo e a ninguem sobre a terra tinha de prestar conta de seus actos. A philosophia politica deste regimen, concretisou-a Bossuet, o menos original dos grandes pensadores francezes e o mais respeitoso dos interesses creados. A theoria catholica do poder absoluto encontrou seu propheta no violento perseguidor dos christãos dissidentes; concebido o monarcha como representante de Deus na terra, e governando em seu nome, justo lhe pareceu que só a Deus tivesse que dar conta de seu governo. Bossuet não eludira nenhuma das consequencias logicas dessas premissas. Concebendo todas as mudanças que occorrem no mundo como obra da vontade divina, a historia chegou a parecer-lhe constituída por golpes de estado da Providencia. E sendo o dever essencial dos reis servir a causa de Deus, deduzia que elles deviam estar ao serviço da Igreja; isto é, daquelle dos Deuses em que elle cria e daquella das igrejas em que elle militava, com exclusão de qualquer outra.

Absolutismo de direito divino: era a philosophia politica do antigo regimen. Imposta pela omnipotencia da realza, não era acatada sem pro-

---

*deve trabalhar para manter ociosos.* Se estas formulas, tão simples e honradas, se adoptassem nos outros paizes, desapareceriam immediatamente todos os conflictos economicos que affligem aos pobres capitalistas.

Ver o folheto de LEON TROTZKY: *Trabalho, Ordem e Disciplina salvarão a Republica Socialista.*

Ver as *Duas Cartas a Romain Rolland*, por JACQUES SADOUL, membro da Comissão Militar Franceza na Russia, e *Uma obra gigantesca realisada por gigantes*, do mesmo autor.

(1) Ver, com mais extensão, o capítulo *Duas Philosophias Politicas*, em nosso livro "A Evolução das Ideias Argentinas", Vol. I: "A Revolução".

testos. Na ausencia de Constituição ou de leis geraes, que determinassem os direitos e deveres reciprocos das classes e entidades administrativas que conviviam no Estado, cada uma dellas — nobreza, clero, municipio, corporações — brigava de facto o absolutismo do poder. Em certo momento, e pela convergencia de factores numerosos, o regimen da monarchia absoluta vacilou na França. Convocaram-se os Estados Geraes. O processo eleitoral foi um chaos, como era natural, após varias seculos de feudalismo militar, ecclesiastico e administrativo. Desde a sua reunião se pôde comprehender que não ia reformar-se um regimeu, mas substituir um mundo por outro; logo se viu o relampago de uma verdadeira Revolução em toda ordem social, que implicava o advento de outra philosophia politica.

Desde Grocio o direito publico vinha apartando-se nitidamente da Theologia que antes o envolvera, buscando seus fundamentos em a natureza, de accordo com a razão humana; a uma nova concepção do governo se havia chegado, quando escreveu Montesquieu, e em pouco se diffundiram nas minorias ilustradas os principios de soberania popular incorporados á realidade legislativa pela Revolução Norte-Americana. A Assembléa Geral franceza consagrou-os na memoravel “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”.

Seus postulados theoricos, diffundidos com maior efficacia por Rousseau, foram a liberdade e a igualdade politicas de todos os homens, concebidas, uma e outra, como bases imprescriptiveis da legitimidade dos governos e da validade das leis.

A' philosophia politica da monarchia feudal, fundada no absolutismo por *direito divino* e na desigualdade de classes, se oppôz a philosophia politica da democracia, radicando na *soberania popular* toda autoridade legitima, prescindindo de qualquer outro principio politico ou religioso. Por uma, só podia exercer autoridade quem a tivesse de Deus; pela outra, só quem a recebesse do Povo.

Era, pois, a Revolução do seculo XIX o conflicto de duas ordens de ideias theoricamente inconciliaveis. Por outro lado, novas condições de vida social, incompativeis com o antigo regimen politico fizeram que o facto novo violasse o direito velho, renovando *ab-imis* as relações juridicas entre os governados e seus governantes.

### III — TECHNICA ACTUAL DA REPRESENTAÇÃO.

Se prescindimos de alguns grupos sociaes nos quaes se podem conceber a deliberação e a execução directas, estas funcções se especialisam em organs cada vez menos imperfeitos; por muito que variem o principio e a forma da representação, as autoridades pretendem ser representativas. Nas sociedades militares, dos exercitos; nas religiões, da divindade; nas feudaes, da espada e da cruz ao mesmo tempo. Mas, ainda que exis-



tissem assembléas deliberativas, o direito de representação esteve limitado a castas privilegiadas.

A' medida que os limites da sociedade se estenderam da tribu e do municipio á provincia e á nação, as sociedades particulares unificadas no Estado, expressaram com firmeza o direito de deputar representantes aos corpos deliberativos. Assim nasceram as assembléas modernas, extendendo-se variamente o direito de representação aos diversos feudos, ordens e classes.

Embora restricta, a representação aspirava a ser funcional. Os senhores feudaes tinham interesses proprios perante a realeza, da mesma forma que a igreja e o "terceiro estado". Nas republicas e "municipios medievaes existiu, quasi sempre, a representação nitidamente funcional, mediante aggremações e syndicatos profissionaes; foi, entretanto, limitada a capacidade deliberativa, por se reservar o principe ou as classes privilegiadas as funcções mais amplas e o monopolio do poder executivo.

Este processo historico geral corresponde a principios sociologicos muito simples. As sociedades cujas funcções estão pouco diferenciadas, adaptam-se ao meio effectuando reacções geraes; quando as funcções se especializam, a coordenação das partes entre si e a adaptação do conjuncto ao meio, convertem-se em funcções especiaes servidas por instituições apropriadas. A representação é o modo natural de coordenar as funcções para toda acção conjuncta; antepondo a deliberação á execução, diminuem as reacções irreflexivas e inadaptadas aos seus fins.

A soberania popular foi firmada como um direito individual e contra os privilegios de classe; como consequencia desse criterio, se tendeu a distribuir a representação quantitativamente, dividindo o povo soberano em tantas secções eleitoraes quantos representantes devia eleger. Elle permittiu desagregar os privilegios que viciavam as precedentes assembléas; mas, ao mesmo tempo, supprimiu o character funcional da representação, em vez de augmental-o.

Reduzida á sua mais simples schema, a technica adoptada no seculo XIX para tornar effectiva a soberania popular, apresentou duas characteristics.

1.º Extensão dos direitos eleitoraes a um numero de individuos cada vez maior e proporcionalidade numerica entre a população e a representação. Para obter esse resultado se experimentaram diversas technicas eleitoraes. Os partidos politicos não estão de accordo sobre as technicas preferiveis, porque subordinam seu criterio á conveniencia de seus interesses creados; os homens de estudo, entretanto, parecem accordes em que o systema de suffragio universal sem distincção de sexos, o voto secreto, a representação proporcional dos partidos e o ministerio parlamentar, seriam as formas menos imperfeitas de assegurar a representação quantitativa da soberania popular.

2.º Substituição do critério funcional na representação, por um critério topographico e quantitativo; dividiu-se a sociedade em zonas ou districtos sem função diferenciada, cujos representantes não o são de nenhuma função social, ainda que pretendam sel-o de todas ao mesmo tempo (1). Esta technica da representação é a mais illogica e primitiva de todas as possiveis dentro do suffragio universal; a sociedade não está representada por funções naturaes, mas por secções artificiaes. Sua manutenção pode ser considerada como uma habil arteirice de maus politicos para impedir os beneficios da ampliação progressiva do corpo eleitoral. O systema de representação parlamentar, vigente um seculo depois de firmar-se a soberania popular, tem burlado a universalidade do suffragio. A technica eleitoral corrompeu o principio político.

Ainda chegando ás formas que se reputam menos imperfeitas, o regimen parlamentar actual estaria muito longe de representar as funções effectivas das sociedades contemporaneas. Esta affirmação poderá parecer exaggerada ás pessoas que confundem as meudas aventuras electoraes com os grandes ideais politicos; é entretanto, uma vulgaridade para todos os estudiosos de sociologia. As opiniões que expomos carecem da minima originalidade (2).

A forma de representação parlamentar, em todos os paizes — menos em a nova Russia — está viciada de residuos do antigo regimen politico das sociedades feudaes. Um pouco a corrigiu a ampliação do corpo eleitoral pelo suffragio cada vez mais lato; um pouco, a proporcionalidade numerica entre a população e os representantes, tão resistida em certos paizes pela sobrevivencia de antigos regionalismos; um pouco, emfim, o systema da representação proporcional, obstinadamente contrariado em toda parte pelos partidos menos liberaes. Mas mesmo dando por effectuados esses remendos, o systema parlamentar actual falseia a representação.

Sua critica já está feita: sóe considerar-se profundamente desacreditado em todos os paizes, ainda que opinem o contrario os politicos, que só representam suas respectivas clientelas. O descredito é merecido; o parlamentarismo actual levou ao governo representativo quasi todos os vicios e defeitos que seus partidarios reprochavam aos governos absolutos. Nem sequer é o governo de classes privilegiadas ou enriquecidas; peor do que isso: é governo de "rings" formados por profissionaes audazes, sem mais ethica ou doutrina que não o exito individual dentro

---

(1) Em qualquer paiz o deputado de uma Provincia, Districto ou Circumscripção, representa *ao mesmo tempo* os interesses dos banqueiros, dos agricultores, dos ladroes, dos rendeiros, dos acrobatas, dos pedreiros, dos rufiões, dos pharmaceuticos, dos juizes, etc., radicados á sua jurisdicção eleitoral.

(2) Ver sua amplissima demonstração na *Introducção á Sociologia*, do eminente GUILHERME DE GREEF, Vol. II; e no seu ensaio *Regimen Parlamentar e Regimen Representativo*, que deveriam saber de cór todos os "representantes" do povo.

do exito do grupo. A soberania popular, firmada pela Revolução Franceza, é indignamente usurpada no actual systema representativo.

Não esqueçamos que o resultado essencial da soberania popular — segundo Montesquieu e Rousseau — devia ser a equilibração dos poderes do Estado, tirando ao Executivo o privilegio das funcções deliberativas e judiciaes; durante meio seculo se chamaram “constitucionalistas” os partidos que defendiam o Legislativo e “absolutistas” os que obedeciam ao Executivo. Qual foi o resultado, cem annos depois? Com o systema representativo actual, o Poder Executivo não exprime em nenhum paiz democratico a vontade do povo soberano, mas a de perigosas camarilhas profissionais; a falta de representação funcional tem desautorado ás assembleás deliberantes, permittindo que o Executivo se sobreponha em toda parte ao Legislativo e ao Judicial, sustentado por maiorias parlamentares sempre dispostas a servir ao unico anno do Estado.

A expensas da soberania popular se formaram novas “castas privilegiadas”, com o nome de corpos Legislativos, e novos “absolutismos”, com o predominio dos Executivos.

#### IV — PARTIDOS POLITICOS E FUNCÇÕES SOCIAES.

Todos os cultores das sciencias sociaes que escreveram as palavras “politica scientifica” têm coincidido em dizer que esta só será possivel quando os partidos representem expressamente os interesses correspondentes ás diversas funcções sociaes. Dahi nasceu a tendencia ou a aspiração a formar partidos economicos definidos, o que apenas logrou realisar-se antes da guerra em mui poucos Estados.

O maior obstaculo a esse progresso tem sido o regimen actual de representação, puramente quantitativa e indifferenciada; não se teve em consideração que “o povo” é um conjuncto de funcções sociaes distinctas e que para represental-as efficaçmente é necessario “organisar” o povo, pois as zonas ou districtos heterogeneos são absolutamente irrepresentaveis. A essa expressão bruta do suffragio universal se chamou Democracia, sem outro resultado senão desacreditar o vocabulo; o actual parlamentarismo, em vez de representar necessidades e aspirações bem determinadas, exprime vagas tendencias da vontade social, correntes de interesses indefinidos, mal canalizados e sempre expostos a transbordar. Por isso os representantes, se interpretam em um ponto o pensamento de seus representados, estão obrigados a contradizel-o em outros cem, sobre os quaes devem delibèrar sem ter para isso representação expressa.

Os partidos parlamentares têm por finalidade assenhorear-se do poder ou participar d'elle, em proveito dos representantes do povo, mais e melhor do que em beneficio do soberano representado. Os que mais falam de patriotismo, são, geralmente, os de conducta menos patriótica; não tratam de cooperar com os demais para o bem-estar commum, mas de



combatel-os systematicamente para monopolizar o poder; a rixa dos partidos mantem a sociedade em estado de guerra; cada grupo impõe aos seus pro-homens uma estricta cumplicidade que azeda o character e impelle á intolerancia, resultando disso a esterilidade das funcções deliberativas.

Deste fracasso do regimen vigente, muitos ignorantes, e não poucos maliciosos, desejariam deduzir a maldade do suffragio universal e do systema representativo, sonhando que pode desandar a historia vivida e tornar aos systemas inconstitucionaes ou absolutos. Confundem o "systema representativo", que pode ser excellente, com a sua "actual forma parlamentar", que é detestavel. "O parlamentarismo — diz Degreeef — só é uma phase historica e transitoria da representação; nem sempre existiu e é provavel que deixe de existir. A representação dos interesses sociaes, em cambio, é um elemento essencial em toda sociedade; está implicita em toda organização collectiva e é eterna, porquanto toda sociedade, no passado, no presente e no futuro, funciona e funcionará necessariamente de conformidade com algum systema de representação". A traves do desenvolvimento historico, o maximo de liberdade politica e social concorda com o maximo de organização da representação collectiva.

Não diremos, pois, que é mau o systema representativo, mas a sua forma parlamentar. E' um dos inconvenientes que se não previram ao estabelecer-se o suffragio universal, mas esse erro de technica não invalida de maneira alguma o principio.

O aperfeiçoamento da vida politica consistirá em marchar para formas cada vez mais efficazes do systema representativo, procurando que todas as funcções da sociedade tenham uma representação nos corpos deliberativos.

Sabe-se perfeitamente quaes são as funcções essenciaes para a sociedade, internas ou nacionaes, umas, externas ou internacionaes, outras. Sabe-se que ellas têm variado em todo tempo, de onde se infere que suas formas actuaes estão destinadas a variar. Sabe-se que o desenvolvimento dos meios de comunicação e intercambio, augmenta a solidariedade entre os grupos componentes de cada sociedade politica (estado) e entre todas as sociedades do mundo (humanidade).

As actuaes assembléas parlamentares representam as funcções diversas com que a actividade social satisfaz suas necessidades actuaes e prepara a satisfação das futuras? Quem representa a producção, a circulação e o consumo das riquezas, e quem a agricultura, a industria, o commercio, os bancos? E dentro de cada funcção quem representa os capitalistas e quem os trabalhadores? Essas funcções economicas não são, entretanto, as unicas necessarias á vida social, ainda que costumem predominar. Quem representa as funcções reproductivas, isto é, a familia, as mães, os filhos, cujos interesses como taes são primordialissimos na sociedade? Quem representa as funcções educativas, moraes e juridicas? Quem as funcções



MONUMENTO DO IPIRANGA



Projecto de Nicola Rollo

MONUMENTO DO IPIRANGA



Projecto de Nicola Rollo



culturaes e estheticas, as Universidades, os Institutos scientificos, as letras e as artes? Todas essas funcções, e outras muitas, carecem de representação explicita nos parlamentos politicos profissionaes que deliberam sobre a vida e a morte da sociedade inteira.

O cidadão é um zero á esquerda, depois de eleger como representantes os politicos profissionaes que dirigem o partido de suas sympathias. O eleitor não lhes confere a representação de funcções definidas; os eleitos não necessitam de competencia especializada para representar nenhuma funcção. O parlamento, em sua forma actual, não representa a sociedade; é um organismo parasitario e nocivo para o funcionamento das actividades sociaes (1).

#### V — RUMO Á REPRESENTAÇÃO FUNCIONAL.

Pouco temos que dizer para explicar em que consistiria um systema representativo funcional que não trahisse os varios interesses da sociedade, cujo direito de representação está implicito na soberania popular. **Principio essencial:** nos organismos deliberativos não devem ser representadas jurisdicções politicas nem partidos politicos, mas sim as partes interessadas nas funcções sociaes; de accordo com o principio da soberania popular todo ser humano no exercicio de sua capacidade civil, sem distincção de sexo, tem direito de ser representado no grupo ou grupos funcionaes de que faz parte. **Principio derivado:** os organismos executivos não devem representar a maioria inorganica dos habitantes, e sim a organização das funcções sociaes.

Estes principios não são de todo theoreticos; foram já objectos de timidos ensaios em diversas epochas e paizes, não chegando, todavia, ás assembleas legislativas. Uma das suas mais antigas manifestações, não extincta de todo, foi a representação por meio de gremios nos corpos municipaes. A esse fim tendiam os Estados Geraes, cuja representação não era numerica, mas ordenada em clero, nobreza e terceiro estado, ordens estas que, para as idéas da epocha, constituíam as funcções basicas da sociedade. Durante o seculo passado, em muitos paizes, deu-se aos paes de familia representação nos corpos directores escolares. E a Conferencia do Trabalho, recém-reunida nos Estados Unidos, não teve representantes de jurisdicções ou partidos politicos, e sim de capitalistas, operarios e publico, o que significa adopção da representação funcional em vez da quantitativa indifferenciada.

A representação funcional lutou um seculo para penetrar no

---

(1) Explica-se que Spencer e muitos individualistas tivessem horror ao Estado e ao excesso de legislação: julgaram-no pelo systema representativo vigente, sem pensar na possibilidade de um systema representativo funcional.

Poder Legislativo, embora sob formas imperfeitas, compatíveis com o parlamentarismo político. Tiveram essa significação os partidos agrários, industriaes, livre-cambistas, proteccionistas que lograram representar-se nas assembléas deliberativas confundindo, embora, a cada passo, os interesses heterogeneos de capitalistas e de proletarios.

São concordes os sociologos em estabelecer que a "politica scientifica" só se possibilitaria quando as assembléas se compuzessem de representantes de funcções sociaes não de partidos politicos indefinidos. (1)

A representação funcional no Executivo iniciou-se indirectamente com a criação de corpos e institutos technicos, encarregados de assessorar os ministros, com a particularidade que estes variam com as mudanças políticas ao passo que os assessores podem permanecer, como veros gestores de funcções sociaes determinadas.

A estes representantes technicos attribuiu-se um papel relevantissimo nos organismos internacionaes creados pelos recentes tratados de Paz. Essa tendencia para a representação funcional accentuar-se-á nos futuros tratados que hão de firmar os povos anciosos de paz, em substituição dos urdidos pelos governos cnsanguentados na guerra, facto que se dará em seguida aos graves acontecimentos internacionaes facilmente previsiveis hojc. A coordenação dessas representações funcçionaes de ordem internacional tende a estabelecer, sobre as de ordem nacional, um corpo que, num systema federal de boa fé estará para os Estados como estes estão para as Provincias, estas para os Departamentos, e ainda estes para as Communas. Por meio d'elle procurar-se-á eliminar, aos poucos, as soluções antijuridicas dos conflictos internacionaes, abrindo uma porta por onde passarão mais coisas do que se pensa.

Uma funcção social existe — o Ensino Universitario — cujo desenvolvimento pode servir-nos para esclarecer o principio e a technica do systema representativo funcional, na constituição dos organismos deliberativos e executivos. As mais recentes reformas ensaiadas na Universidade de Buenos Aires tem o valor duma experiencia cuja legitimidade não se atrevem a negar inda os que a combatem com intrigas, embora colhendo-lhe os resultados.

Nas antigas Universidades medievaes o organismo deliberativo e executivo representava a autoridade politica ou ecclesiastica que o constituia. Desde a Revolução Francésa, esses organismos, em

---

(1) Os partidos socialistas nasceram propondo-se uma organização nitidamente funcional; afastaram-se disso, ao adaptar-se aos diversos ambientes eleitoraes, organisando-se por districtos politicos. Desta forma abandonou-se uma das características do Socialismo, a qual se conservou na organização de partidos laboristas e das federações syndicaes. As circunstancias approximaram socialistas e syndicalistas, em muitos paizes; n'outros, fortes grupos laboristas acceitaram a luta politica, incorporando-se ao socialismo e devolvendo-lhe, em parte, sua organização funcional.

geral, passaram a representar a vontade da nação, por acto delegativo das autoridades constitucionaes. Deu-se, mais tarde, ao professorado das Faculdades, alguma representação, creando-se conselhos academicos privilegiados que se integravam por si mesmos. Tornou-se, logo evidente a necessidade de estender o direito de representação a todo o corpo de professores, o qual constituiu os corpos deliberativos e elegeu as autoridades executivas, alcançando a chamada autonomia universitaria.

Viu-se logo, não obstante, que essa passagem da representação politica á technica era incompleta, sob o ponto de vista funcional; e nalguns paizes, com acerto, estendeu-se o direito de representação nos organismos deliberativos aos professores supplentes e alumnos. Caminhou-se, pois, para formas de representação cada vez mais funcionaes, prescindindo-se de todo o criterio quantitativo.

Trata-se, como é sabido, de reformas inda em inicio de experimentação; o tempo dará a forma que equilibre e coordene as diversas funcções representadas. Está firmado o principio, e elle se consolidará á medida que a experiencia vá suggerindo melhoramentos technicos e habilitando as partes representadas a bem comprehender seus direitos e deveres. (1)

Não damos, entenda-se, a estas manifestações do systema representativo funcional outro valor que não o de indiciar as novas formas que vão tomando as instituições sociaes. Indícios, nada mais; entretanto, muito antes de ver terra adquiriu Colombo a certeza da sua proximidade observando os passaros e plantas fluctuantes, com frequencia progressiva, em torno das suas desesperadas caravellas.

## VI — FEDERALISMO POLITICO E FEDERALISMO FUNCIONAL

O federalismo politico, cuja legitimidade foi indiscutivel ao celebrarem-se pactos feudaes para constituição de uniões nacionaes, pode considerar-se já inapto para a representação funcional da sociedade. E' certo que, em suas origens, os municipios, feudos ou provincias constituiram sociedades diferentes e hecterogeneas, com certa especificidade funcional bem clara; o feudalismo feudal era, ao nascedorio, mais ou menos funcional. Desde que se adoptou, porém, a technica representativa por zonas ou districtos, e nasce-

---

(1) Os Conselhos Escolares da nova Russia são compostos de representantes dos professores, dos paes, dos alumnos, do municipio e do Conselho de Deputados (Soviet); o systema foi adoptado muitos mezes antes da Reforma Universitaria de Buenos-Aires, o que fez pensar, inexactamente, que o ministro Salinas inspirou-se nas concepções progressistas do ministro russo Lunacharsky.

ram os partidos parlamentares, a representação perdeu o caracter funcional convertendo-se em peça de representação politica artificial.

E' illusão crêr que as deficiencias do regimen parlamentar e a gravitação do poder executivo possam remediar-se com o alento das autonomias, liberdades e fóros municipaes ou provinciaes; esses remedios não correspondem aos males que deviam curar, porque os interesses e aspirações sociaes não dependem de razões topographicas.

Muito se ha escripto sobre a materia e, como sempre, os scientistas demonstraram o contrario do que interessava aos politicos de profissão. "As relações economicas, hoje, bem como as familiares, intellectuaes, moraes e juridicas, differem muito das do passado, seja quanto á extensão ou intimidade, seja quato á complexidade e especialisação. Os grupos de interesses agricolas, industriaes e commerciaes que, em ultima analyse, constituem as relações naturaes dos grupos politicos, requerem hoje formas politicas adaptadas á sua nova estrutura." E' isto que escapa aos partidarios duma descentralização politica "por zonas ou districtos politicos", diferenciados topographicamente, complicação que de nenhum modo nos approximaria da representação "por funcções sociaes". A illegitimidade funcional do velho federalismo augmenta de anno para anno; cada via-ferrea, cada fio de telegrapho, cada jornal ou livro que vá duma aldeia a outra tende a attenuar o regionalismo que difficulta a unidade nacional dos estados homogeneos. E, á medida que o conjuncto se homogenisa, os interesses deixam de ser communs, topographicamente, para serem funcionalmente; os agricultores de qualquer provincia teem interesses distinctos de farmaceuticos de seus respectivos lugares; o mestre-escola em toda a parte já desempenha a mesma funcção e nada tem de commum com seus vizinhos rendeiros ou veterinarios.

Quando ha unidade nacional, ha funcções nacionaes. E são estas as que tem interesses communs acima das zonas e districtos, competindo-lhes ter representação na assembléa deliberativa.

E' impossivel o equivoco. O feudalismo politico torna-se cada vez mais illegitimo; para ser federalista, no futuro, é mister pôr mira num federalismo funcional. "Compreende-se — diz Degreef — que as subdivisões politicas, eleitoraes, percam importancia neste novo systema; as divisões regionaes só poderiam ter representação distincta quando correspondessem a divisões funcçionaes. Politicamente, em a nova organização, formam-se uniões nacionaes, fóra e acima das communas, dos cantões, dos departamentos, das provincias, e, queremos crel-o, dos Estados; todas estas uniões, que cooperam em uma mesma funcção, estarão representadas, em vez das divisões politicas que nos actuaes parlamentos só representam a justaposição quantitativa de elementos heterogeneos e antagonicos. Novas agrupações naturaes, fundadas na similaridade das profissões e das funcções devem, insensivelmente, substituir os antigos grupos politicos que

em sua origem foram determinados por naturaes illações de casta, vizinhança ou officio, mas que já perderam a significação. O órgão, hoje não corresponde á funcção; e é mister que venha harmonizar-se com ella uma variação estrutural do órgão. Não é forçoso insistir para que os espiritos claros compreendam o immenso alcance que esta transformação natural e internacional tem para a unificação da humanidade. Esses grupos e essas relações existem; porque, pois, fugir de reconhecê-la? porque não organizar á imagem della a representação social? porque continuar a vida de ficções e mentiras, vestindo-nos com trajes velhos e demasiadamente apertados?" Resumindo: o ideal consiste em effectivar a representação social, passando no suffragio universal indiferenciado e incoherente ao suffragio universal funcionalmente organizado. Para isso é necessario renunciar ao inutil federalismo politico e ensaiar um federalismo funcional adaptado aos interesses effectivos que coesistem em cada sociedade.

E' possível isso? Que organização technica teria?

Não queremos imitar os utopistas; a impossibilidade de prever as circumstancias em que tal organização poderá effectuar-se, obriga-nos, a não dar um plano apriorista, que, seguramente, viria a ser impraticavel no momento historico opportuno.

Podemos, todavia, formu'ar conjecturas, para demoestrar que o systema novo é possível e é menos imperfeito que o actual.

Entremos, pois, em terreno imaginativo.

Supponhamos que na cidade de X. a Legislação Sanitaria incumbe a deputados politicos de varias provincias heterogeneas, e a Funcção Executiva a um departamento de Hygiene, composto de dez pessoas tiradas pelo presidente do Estado dentre seus amigos politicos, antepondo-se assim esta condição á de competencia technica.

Um bello dia cõe o governo e seu successor resolve que a Legislação Sanitaria e a Funcção Executiva fiquem a cargo dum departamento de Hygiene composto de dez pessoas que representem: 1.º Academia de Medicina; 2.º Faculdade de Medicina ou seus professores de Hygiene e Epidemiologia; 3.º Associação de Medicos do X; 4.º Associação do pessoal technico do departamento de Hygiene; 5.º Federação das communas onde reinem molestias endemicas; 6.º Representantes de saude maritima dos estados visinhos; 7.º Corporação municipal de X.; 8.º Corporação de engenheiros sanitarios ou Faculdade de Engenharia; 9.º Departamento de Estatistica e Demographia; 10. Syndicato central de Asylos e Hospitaes (ou outros corpos technicos, vinculados á funcção de preservar a hygiene publica).

Será desasisado afirmar que este departamento de Hygiene, formado pela representação funcional de corpos technicos, seja menos competente que o actual, formado por delegação do Executivo com dez membros de sua clientela politica?

Está aqui uma expressão de representação funcional. Si cada syndicato ou corporação representada fosse, por sua vez, constituída e dirigida com o mesmo critério representativo, o departamento de Hygiene seria uma repartição publica cada vez mais adaptada aos seus fins, e mais util á sociedade.

Este exemplo, embora hypothetico, está de accordo com as aspirações legitimas já expressas na Argentina e em outros paizes pelo professorado secundario e pelo mestre-escola, os quaes podem considerar-se como o mais illustrado dos gremios. Com unanimidade notoria reclamam nossos educacionistas que nos Conselhos Primarios e Secundarios — municipaes, provinciaes e nacional — tenham representação technica os proprios professores, eliminando-se os elementos politicos que actualmente gravitam como factores de incompetencia e immoralidade. A federação dos Conselhos escolares technicos conduziria á formação d'um Conselho Nacional de Educação conforme aos principios representativos que caracterizam a actual organização sovietista russa; incumbiria a esse corpo technico — conjunctamente com os mais, secundarios, artisticos, universitarios e especiaes — a designação dum Ministro ou Commissario Geral de Educação, com funcções desenvolvidas dentro do poder executivo em que estivessem representadas as demais funcções da sociedade.

Supponhamos, finalmente, que todas as repartições publicas, assim organizadas, deputam representantes para constituir a Assembléa Deliberativa do Estado, e teriamos representadas nella, em vez de partidos politicos, todas as funcções e necessidades sociaes organizadas como serviço publico.

Esse Corpo Deliberativo poderia confiar a varios dos seus membros o cumprimento de suas deliberações formando, assim, um Poder Executivo collegiado, não representativo de partidos politicos e sim de funcções sociaes. (1)

Aqui está um bosquejo do que, conjecturalmente, poderia ser um Estado regido pelo systema representativo funcional.

## VII — A REPRESENTAÇÃO FUNCIONAL NA RUSSIA.

Estamos a ouvir que esta digressão filosofica nos afastou da Revolução Russa. Mas não é assim; a chamada "republica federal so-

(1) Exemplifica-se neste caso a organização do Estado Socialista, tal como tende a realizar-se no chamado "Systema dos Soviets". Para comprehendel-o é preciso não olvidar que se trata duma coordenação technica de órgãos technicos; enquanto pensarmos na representação por partidos e districtos geographicos, permaneceremos no federalismo artificial, que é a antithese do funcional.

Desde 1918 que o systema eleitoral russo excluiu explicitamente "o velho systema de assembléas territoriaes bem como a indicação previa de candidatos pelos directorios centraes dos partidos", com o objectivo de assegurar a eleição de deputados technicos e competentes.

cialista dos soviets" não é, com effeito, outra cousa sinão uma experiencia do systema representativo funcional. Com todas as suas naturaes imperfeições, erros do momento inicial, e difficuldades dum ensaio inedito, o principio basico do novo systema politico russo é a substituição da representação indifferenciada e quantitativa pela representação technica e organizada.

Em principio, um "soviet" não passa duma corporação technica de esculptores, economistas, musicos, hygienistas, ferro-viarios, architectos, sapateiros, sociologos, aviadores; um "soviet municipal" é um Conselho Deliberante composto de representantes de todas essas funcções especializadas, em vez de politicos, de cada districto eleitoral ou dos paredros omniscientes que os partidos elegem.

Os "soviets regionaes ou provinciaes" não se formam com representantes de dstrictos politicos, e sim com representantes de funcções communs a todas as regiões ou provincias. Os productores de cereaes, exemplifiquemos, duma região agricola, formam "um soviet geral de agricultores", composto dos representantes de todos os "soviets agricolas" da região; e os representantes dos soviets regionaes formam o Conselho Nacional de Agricultura, que nomeia um Ministro ou Conselheiro Geral desse ramo. Aspira-se, da mesma forma, á organização federalista de cada ramo das actividades sociaes, aproveitando todas as excellencias intellectuaes e todas as competencias. (1)

Na organização inicial (Abril de 1918) a representação foi conformada de accordo com quatro criterios convergentes.

1.º "Os cidadãos da Republica dos Soviets" nomeiam deputados por grupos funcionaes; a massa desses deputados sae dos laboratorios, das officinas, das escolas, dos centros ferroviarios, das associações scientificas e artisticas, etc. No caso particular de Moscow, capital do Estado, tambem se representa o pessoal technico das repartições centraes. "Assim se impede, desde o começo, o nascimento de profissionaes da politica". Viza ainda este fim o facto de se tornarem demissiveis e substituveis os delegados.

2.º "Por sua especial capacidade economica, ora como productores ora como consumidores". Nos soviets locaes, de cidade ou campo, existe uma subcommissão economica, que delega um deputado á sua respectiva Federação; esta, por sua vez, é representada na Assembléa Geral do Soviet, onde constitue a Secção Economica, conjun-

---

(1) Ver no "Metropolitan" (1919), de New York, as reportagens de Raymond Robins, chefe da missão que a Cruz Vermelha americana mandou á Russia. Ler sobretudo, a entrevista de Robins com Lenine, na qual elle explica as differenças entre a democracia politica burgueza (quantitativa de typo norte americano), e o systema socialista da representação qualitativa (funcional e technica, adoptada na Russia).

ctamente com technicos especialistas (economistas, agronomos, estadigraphos, etc.).

3.º Através dos partidos politicos. "O numero dos representantes eleitos com este criterio é muito pequeno comparado com o dos representantes directos de corporações technicas. Levou-se em conta que os *leaders* politicos podem ser uteis nos serviços publicos; sua cooperação, quando possuem conhecimentos technicos é necessaria no periodo de transição e reconstrucção."

4.º Todo "soviet" local ou seccional mantem representação com "soviets" geraes da mesma especialidade.

E' provavel que este systema, não de todo funcional, se tenha aperfeçoado em 1919, anno em que na Russia se produziu o maior esforço de organização economica, intellectual e politica conhecido na historia europea desde o tempo de Solon e Pericles. (1)

Não é intento nosso illudir a ninguem, suggerindo que essa aspiração já está realizada; mas estamos muito longe, como se vê, de compartir a opinião de certas pessoas interessadas em definir o "Sovietismo" como associação de ignorantes ou malfeitores prepostos a assassinar e roubar os ricos, sem prejuizo de fazer o mesmo aos pobres.

Repetimos, pois, que o plano theorico não corresponde ainda, estritamente, á realidade do regimen Sovietista russo, tal como pôde elle firmar-se em dois annos apenas de ensaio, numa Sociedade devastada pela guerra e minada pela intriga.

Muito de industria temo-nos abtido de falar doutro aspecto caracteristico da Revolução Russa; não que tencionassemos deixamol-o de lado, mas para melhor frisar o sentido politico da representação funcional. Suspeitareis, sem duvida, que nos referimos ao novo regimen economico, tendente a empossar os trabalhadores nos meios technicos do trabalho.

Trata-se, apenas, do regimen anunciado e preparado ha 70 annos, por todos os escriptores e politicos socialistas, regimen que gira em torno da socialização das forças productoras, ideal que figura em todos os programmas socialistas do velho e do novo mundo. Os representantes dos partidos socialistas tem o mandato explicito de propugnar essa reforma, embora por motivos de op-

---

(1) "La Prensa" publicou em 10 de março deste anno este expressivo telegramma:

"LONDRES, março, 9 (Ass.). — Informações radiographicas de Moscow annunciãam a primeira sessão do "soviet" recentemente eleito naquella cidade. Votaram, annuncia-se, 507.000 eleitores, ou sejam 87 % do total dos eleitores alistados. O numero dos habitantes que carecem de voto é de 588.000, dos quaes 468.000 são creanças, e o resto criminosos e pessoas cujos meios de vida não são obtidos pelo trabalho. Sob o regimen do czar o numero dos que votavam não excedia de 15.000. No tempo de Kerensky votaram 45.000."



portunidade prescindam della n'alguns paizes e se limitem a travar escaramuças sobre questões alheias aos principios cardeaes do socialismo. Pouco antes de seu tragico fim, Jaurés, commentando a equivocata attitude d'alguns socialistas do parlamento francez, dizia: "Uma vez mais vos advertimos que abandonaes o socialismo se renunciaes á propugnação da socialização das forças productoras; si não o desejaes ou não o credes realizavel o vosso lugar é fóra das nossas fileiras, para as quaes trareis somente desordem e confusão; intitulai-vos republicanos ou radicaes, mas não usurpeis o qualificativo de socialistas, visto como nada tendes que fazer ao nosso lado e nós nos declaramos vossos inimigos na unica finalidade que justifica o nosso titulo de socialistas."

Os socialistas russos, favorecidos por circumstancias especiaes, tiveram facil accesso ao poder, e procuraram cumprir as promcçsas de meio seculo, inspirando-se nos principios diffundidos por Karl Marx e seus continuadores.

Para isso tiveram que substituir a velha machina parlamentar pelo systema representativo funcional (1) e, consequentes, privaram do voto as pessoas que não desempenham nenhuma função social. O aphorismo "quem não trabalha não come" foi naturalmente completado por este outro igualmente justo: "quem não trabalha não vota". Seria logico que vadios e parasitas dispuzessem do trabalho alheio ?

Quem quererá trabalhar sabendo que se permitem essas injustiças ? A unica attenuação desses principios poderá vir da incapacidade moral ou physica para o trabalho: em uma organização socialista os que não querem ou não podem trabalhar terão a vida assegurada em hygienicos manicomios ou floridos hospitaes.

#### VIII — PRESENTE E PORVIR.

Quem leu a historia d'uma Revolução sabe que as grandes reformas institucionaes não se realizam em lapsos curtos, e que não é possivel evitar episodios desagradaveis, tanto para os que as promovem como para os que as combatem. Mas é necessario pensar — tendo em vista os admiraveis exemplos das Revoluções Francêsa e Americana — que ellas não vizam augmentar a quietação e o

---

(1) Os capitalismos internacionaes (acompanhados nesse erro pelos socialistas mal informados) repetem que são inimigos dos revolucionarios socialistas russos porque estes se oppoem á convocação da Assembléa Constituinte, e feita conforme o antigo systema politico parlamentar. Não percebem que já funciona em lugar della uma Constituinte nova, e feita conforme o novo systema representativo funcional.

Pedir convocação da antiga Assembléa significa renunciar ao regimen politico socialista para regressar á politicagem do regimen capitalista burguez.

tedio dos contemporaneos e sim conquistar novos direitos e liberdades para os porvindouros. Por isso é natural que ellas sejam admiradas e aproveitadas pelos filhos de certos paes egoistas que as combateram e difamaram. A vida individual é demasiado curta para que uma mesma geração semeie e colha; só podem acceitar os sacrificios da sementeira os homens generosos que deixam para os filhos a compensação da colheita.

Não o ignoram os idealistas da Russia. Elles não são tontos. Procuram o bem estar dos adultos, porque estes formam o povo actual cuja cooperação lhes é necessaria; mas sabem que a rotina lhes constitue um obice quasi invencivel para que se adaptem ao systema da Democracia Funcional. Em virtude disso depositam todas as esperanças nos meninos e preocupam-se em educal-os numa moral de amor e solidariedade que os prepare para uma vida limpa de maldade e odio que envenenam os envelhecidos sob o regimen autocratico. (1)

O augmento da felicidade não é para a murcha geração da guerra, e sim para a futura geração da paz. As epochas revolucionarias não tiram a felicidade do nada, e implicam angustia para todos.

Mas, si as creanças ficam sem dentes porque doem ao nascer, e as mulheres se negam a supportar as dores do parto, a humanidade desapareceria muito antes do que pensam os timidos e os estereis.

E' preciso frisar que os mais graves inconvenientes da revolução não se devem aos revolucionarios, sinão á insensata resistencia dos reaccionarios. O caso da Russia é identico ao da classica Revolução Francêsa. A força do habito e da rotina, a educação em ideas falsas que se suppõem eternas, os interesses de classes e individuos, a descollocação da immensa massa parasitaria ou privilegiada, tudo se somma em pessoas com pratica do poder, habeis ao manejo de suas innumeraveis peças. Tal convergencia de interesses e prejuizos, contrarios a todo o progresso, logra, necessariamente, organizar uma opposição tanto mais formidavel quanto mais innovadores são os principios revolucionarios. E' sabido, ainda, que os elementos conservadores tem á sua disposição a proteica rhetorica do tradicionalismo, da religião, do patriotismo, o que não impede de solicitar a cooperação do ouro e das armas estrangeiras, as quaes acodem copiosamente ao appello, porque os conservadores de todos

---

(1) Merece a atenção dos educacionistas a organização do ensino na Russia nova. Em o "The School Life", (1919), publicação official do Ministerio do Interior dos E. U., pode-se ler um informe sobre a educação das creanças na Republica Socialista Russa. Mostra que se estão applicando todos os principios da pedagogia scientifica, estudados no seculo passado, e com uma amplitude extraordinaria: "O envenenamento da reclusão e as angustias do exame foram substituidas por uma verdadeira educação para a vida em sociedade".

Existe um livro "A Escola Laborista", publicado por Lunacharsky, Commissario de Educação e Artes, mas não o lemos ainda.

os paizes formam uma tacita Internacional em defeza dos privilegios communs. Os vehiculos de publicidade e informação permitem-lhes falsificar o espirito revolucionario, bastando para este fim narrar os episodios desagradaveis, exaggerando-os, si existem, ou inventando-os, si não existem. Com o auxilio estrangeiro forjam conspirações; isolam e bloqueiam os povos que lutam pela Justiça Social; tramam vis intrigas diplomaticas; tecem combinações para corromper os principios basicos da propria revolução. Foi o que succedeu ha um seculo na Francêsa e na Argentina, e ocorre hoje na Russa. Como estranhar, pois, os actos defensivos de Robespierre e Marat, de Moreno e Rivadavia, de Trotsky e Lenine? A violencia não é finalidade das revoluções, sinão a dolorosa defesa imposta pelas circunstancias contra a ameaça dos reaccionarios.

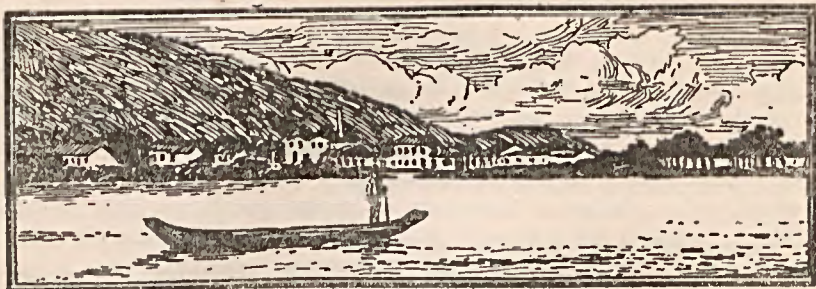
Não é tudo. As revoluções sempre foram obra de minorias educadoras, como tambem são minorias os partidos reaccionarios. A grande massa de povo é neutra e constitue sempre um obstaculo a qualquer especie de progresso que a arranque dos seus habitos.

A mudança de governantes, embora se opere com violencia, não encontra essa resistencia passiva, porque se limitam a substituir um elenco pessoal por outro; as revoluções verdadeiramente baseadas em principios, ao contrario, attingem a todos e molestem os amorphos, cujo ideal unico é continuar na digestão pacifica, com os olhos fechados a todo os beneficios futuros.

Essa enorme somma de forças contrarias só pode ser vencida por um factor decisivo: o tempo. A historia desenvolve-se em funcção do tempo. Todas as innovações, si são justas, triumpham, depois, porém, de alcançada a manutenção natural. Os homens, si têm consciencia historica de sua epoca, encaram com serenidade o que está para vir, e tratam de amenizar a dôr do inevitavel advento; si não comprehendem o sentido dos acontecimentos desenvolvidos em redor delles, mettem hombros á corrente e suscitam turbilhões que aggravam as dores proprias e as dos demais.

As nações civilizadas caminham para uma Democracia Funcional. Educar os espiritos nessa orientação é obra intelligente de Paz; obstruir o curso da historia é obra louca de Guerra.





## PASSEIO AO CÉO

POR

GODOFREDO RANGEL

A creada esquecera perto da cama a bacia grande, onde as creanças lavavam os pés ao deitar-se. Lucas pensou em mandar retirá-la, mas antes que esta idéa tivesse passado da phase mental para a das execuções, o somno traiçoeiramente colheu-o. Dormiu, e, por associação de idéas a agua da bacia fel-o sonhar que estava a caçar picapaus, na matta á beira do açude do Valerio.

Elle habituara-se a ir caçar nessa matta de tres em tres mezes, pontualmente. isto é, no dia do sorteio de supplentes, para o jury, afim de esquivar-se á eventualidade de uma intimação possivel.

Por ser vespera de jury, o medo do recrutamento fôra um de seus sentimentos dominantes no dia, e nada extranhavel que volvesse em sonho.

No sonho, o pequeno capão de matto da beira do açude tomara as proporções de uma floresta virgem.

Lucas trazia a tiracollo sua temivel caçadeira, que tão mirabolantes façanhas, em seu dizer, já havia praticado, façanhas em que ninguem cria, e que, a serem verdadeiras, fariam que ella fosse digna de figurar num museo bellico ao lado da queixada de Samsão e do bisturi dum Dr. Coisa, meu conhecido, que tambem já commetteu proezas inauditas na pelle de seus finados clientes.

Logo á chegada viu dois picapaus, ao alto, a picarem rythmicamente o mesmo galho.

Lucas engatilhou cautelosamente a espingarda.

— Toc... toc... continuavam as aves.

Um grande estrondo e uma fumarada cegante.

Apatetado com o estampido inusitado de sua arma, Lucas não comprehendia bem o que se passara, como se momentaneamente

perdera o accordo de si, mas dahi a instantes, ao dissipar-se a nevoa, vendo no chão dois corpos de aves, já inertes, comprehendeu que as fulminara de um tiro unico.

Era proeza rara, que o enchia de pasmo.

— Vá eu contar isto a alguém murmurou elle, e dirão, como de costume, que é potoca.

E sentia uns assomos de indignação antecipada, tanto mais que lhe remordia a consciencia a lembrança de ter favorecido seu descredito com uma congerie de narrativas fabulosas. Lastimava não ter allí uma testemunha de vista.

Ao abaixar-se para tomar os dois corpos e mettel-os na saccola, surprehendeu-o o rumor de uma tosse.

Seria talvez a tão desejada testemunha ?

Voltou-se rapido e viu entre as arvores, vindo em sua direitura, embrulhado num grande chale manta, á guiza de tunica, uma figura de velho. Tinha uma verruga preta sob o nariz, exactamente entre as duas ventas e umas grandes barbas brancas, que lhe davam um ar biblico.

— Ora viva, sr. Lucas ! exclamou o velho, a titulo de saudação. O sr. é quem illustra e eu quem paga as custas !

Lucas fitou-o com extranheza. Aquellas barbas, aquella frase, até a verruga no nariz, lembraram-lhe uma pessoa muito conhecida, que naquelle momento não lhe acudia quem fosse.

— Não me conhece ? perguntou o velho, dando tento de sua perplexidade.

— Parece-me...

— Sou São Pedro.

— Ah !

Neste "ah !" não havia um espanto accomodado ás circumstancias. A Lucas parecia successo comezinho o deparar-se-lhe um santo naquella matta. Coisas de sonho ! Não sentiu impeto de fugir, nem de cahir de joelhos ; seu sentimento unico naquelle instante, era uma curiosidade comichenta de saber com quem se assemelhava aquella cara.

— Bonito tiro sr. Lucas ! louvou S. Pedro, contemplando os dois picapaus inteiriçados.

— Regular...

— Bonito, sustento-lhe eu ! E S. Pedro acariciava com a ponta do dedo a verruga do nariz, o que nelle parecia indicio de satisfacção. Esse gesto tambem era de outra pessoa, o Lucas não sabia quem.

— De sorte que o senhor viu, disse o Lucas, e se não acreditarem...



— Affirmarei que é a verdade, respondeu S. Pedro, mas com a condição, Lucas, de me prometteres que de hoje em dia nunca mais contarás casos poucos veridicos.

O caçador baixou a cabeça com um ar confuso que era uma confissão de culpa.

— Prometto, murmurou com vexame.

Conversaram ainda um bocado commentando o feliz tiro. Por fim, como si acordasse de obrigação momentaneamente esquecida, S. Pedro despediu-se:

— Está bom, Lucas, adeus.

— Para onde vae ? perguntou o caçador.

— Para o céu,

— E é longe ?

— Um bom pedaço.

Ageitando sobre o hombro uma ponta do seu chale manta, S. Pedro concebeu uma idéa:

— Olha, Lucas, porque não vens commigo ? Não estás hoje de folga ?

— Estou fugindo ao recrutamento do jury.

— Pois então ! E' occasião boa para esparecer, indo ver lá no alto como é aquillo.

— Mas, como ?

— Eu te carregarei.

— Pois então, tópo.

A estas palavras S. Pedro passou-lhe o braço pela cinta, arrebatando-o para o espaço. O insolito do que succedia não privara a Lucas das suas faculdades de analyse. Via a face da terra fazer-se chata e remota; via as pontas do chale manta do santo adejarem ruidosamente, servindo-lhe de asas. Contemplava-lhe as barbas, o rosto, a verruga. Só então, numa fulguração instantanea, percebeu com quem se parecia. Era, sem tirar nem por, o João Nunca, o meirinho. Só então teve medo, um medo duplo, porque fez este raciocinio: "Se de facto é o João Nunca, é capaz de não saber suster-se nos ares e me largar nestes abysmos e estou perdido; ou então usou de esperteza e vae levar-me para a sala das audiencias.

Assim recebeu; mas o santo voava cada vez mais alto, por isso a suspeita em breve se desvaneceu.

Chegaram á parede do céu. Era lisa e convexa como uma casca de ovo. Ao attingir o lugar da porta, S. Pedro bateu na testa:

— O' raio desta cabeça ! Esqueci as chaves na terra... Toca a buscal-as.

Era um transtorno. Para descer com a carga, S. Pedro, pelos modos não podia, pois estava a pôr os bofes pela bocca. Allí, por sua vez, naquella casca lisa, não havia onde uma pessoa se agarresse. Mas havia, dependurada sobre o abysmo, a corda de um sino.

— Olha, Lucas, disse S. Pedro, eu amarro-te nesta corda e vou lá abaixo buscar as chaves.

Lucas acquiesceu, na falta de outro recurso.

Então o santo enrolou-lhe a corda na cinta, amarrando-o solidamente; e, deixando-o a oscillar sobre o vacuo, baixou á terra, agitando as grandes pontas de seu chale manta. Lucas esperou-o a principio com alguma tranquillidade, mas depois com impaciencia, porque S. Pedro tardava. Pensaria em gritar-lhe que voltasse logo, se a enormidade da distancia não lhe mostrasse a inutilidade desse acto.

Ora nesse momento de expectativa aborrecida, elle viu virem subindo da Terra dois pontos pouco perceptíveis. Esses dois pontos foram depois avultando e por fim Lucas reconheceu muito visivelmente que eram os dois picapaus que elle matara. Allí vinham os dois, resuscitados, a despedir dos olhos umas chispas vingativas. Voaram até acima do Lucas, que não os perdia de vista e ahí puzeram-se a bicar a corda que o prendia: "Toc, toc"...

— S. Pedro !

Este brado do Lucas indicava o principio do medo.

Sobre seu corpo baloiçante no ether as duas aves proseguiram com furia na faina de cortar a corda que o sustinha no espaço: "Toc, toc, toc, toc"...

Lucas olhava em ancias para baixo. Quando viria o santo ? Ora, S. Pedro largal-o allí !

Agora, sim, com essa demora, tinha certeza: fôra mystificado pelo seu companheiro. Era o João Nunca. A alcunha dizia-lhe a lerdice conhecida. Esperar que João Nunca viesse ou já saber que não viria nunca, era a mesma cousa.

— João Nunca !

Estaria naquella hora a dar trela aos jurados sorteados, muito ancho, a acariciar a verruga preta, sem lembrar-se da situação afflictiva em que o deixara.

Emquanto Lucas o evocava, os picapaus proseguiram rythmicamente:

— Toc, toc, toc, toc...

Parecia-lhe estar a ouvil-o, a saudar a um e a outro:

— Ora viva, senhor Macuco ! Como vae passando ? Sim senhor, sr. Carrinho ! O senhor é quem paga as custas !

E, num gesto habitual, traçava no hombro a ponta rebelde de seu velhissimo chale manta que lhe servia de cobertor nas diligencias, desde tempos immemoriaes e que de dia era adhesivo sobre sua pessoa como um emplastro permanente, fazendo parte do seu "eu", dando-lhe physionomia particular.

Os picapaus, inexoravelmente, proseguiram na sua obra de vingança. A corda cedia. Estava por um dos ramaes.

Partiu um novo apello de angustia:

— João Nunca !

Lucas esgazeou o olhar para baixo. Nada ! apenas divisara, numa nevoa cinzenta, a Terra longinqua, onde o açude da matta apparecia como uma mancha circular.

— Toc, toc, continuavam os picapaus, de cujos olhos fuzilava uma alegria infernal.

A corda estava por um fio.

— João Nunca ! ainda exclamou o Lucas numa voz debil, sem timbre, preza de um pavor inaudito.

— Zupt !

Despencou. Foi instantaneo e vertiginoso. Como uma seta, zuniu perpendicularmente e cahiu de mergulho no açude da matta.

.....

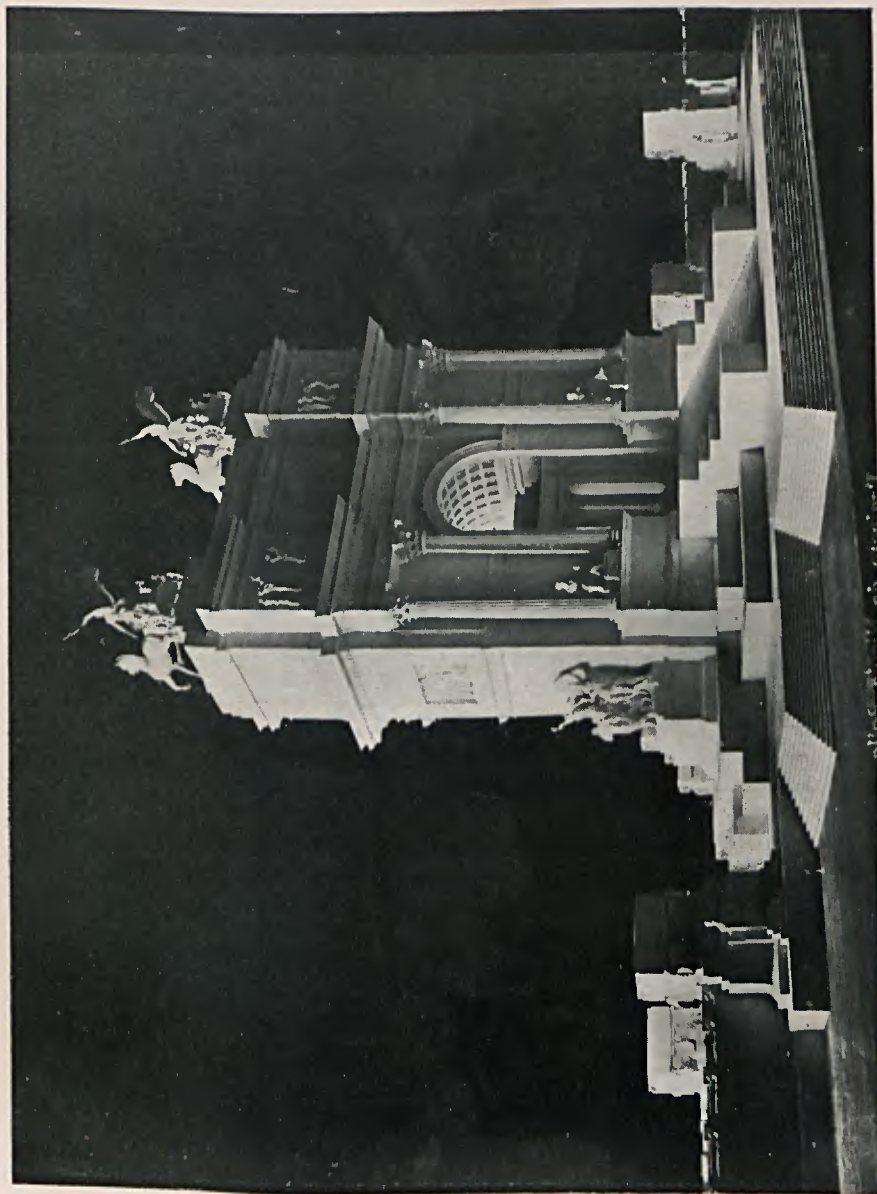
Lucas despertou aos berros: é que despencara da cama dentro da bacia de banho que a creada esquecerera no quarto.

E não ficou só nesta calamidade; no dia immediato sahiu sorteado, e, antes que pudesse fugir, recebeu a intimação.





MONUMENTO DO IPIRANGA



Projecto de Nicola Rollo

MONUMENTO DO IPIRANGA



Projecto de Nicola Roito



## NA MORTE DE ANTEU

A' MEMORIA DE OLAVO BILAC

POR

ALVARO MAIA

"..... Para encher e animar aquelle infinito de leguas, aportarão, como aportaram e estão aportando, densas levas de homens de outros climas e de outras raças, outras tradições, outras linguas, outros costumes: é a invasão de uma patria por outras patrias, — porque cada emigrante leva consigo a sua patria, levando o seu idioma e o seu deus...

..... Abrimos o Brasil a todo mundo; mas queremos que o Brasil seja o Brasil. Queremos conservar a nossa raça, o nosso nome, a nossa historia, a cultura latina em que nascemos e em que nos criamos, e, principalmente, a nossa lingua, sacrario inviolavel, que é o nosso sangue, a nossa alma, a nossa religião.... Daqui a cem annos, cem milhões de brasileiros abençoarão o nosso esforço, e cada um desses brasileiros dirá á patria, como eu hoje a digo, a oração fervorosa do seu amor e da sua fé, articulada na suave e poderosa lingua portugueza."

Olavo Bilac (Abril de 1916, discurso em Lisboa.)

### I

*Patria é uma illusão real em verdades contida...  
E' a terra que viu abrir as tristes vistas  
Para o prazer do sonho e a embriaguez da vida...*

*Patria é o tecto isolado, a nesga de horizontes,  
que me despertou nalma as primeiras conquistas,  
ao ver o alvor do céu espelhado nas fontes;*

*E' o remanso do rio, o sol rindo em mormaços,  
a solidão do valle, a encosta da montanha,  
em que, tacteando ainda, eu dei meus virgens passos;*

*E' a estellifera ronda, a vertigem dos campos,  
que vêm continuamente, em volúpia tamanha,  
os meus olhos mortaes, — immoveis pyrilampos;*

*E' o rumor da cachoeira, o éco dos arvoredos,  
o grito da procella, a reunião dos gemidos,  
todo o fundo pavor dos dementes segredos,*

*Que, numa confusão de torvos atropellos,  
chegam, filhos da furia, ás cryptas dos ouvidos,  
como um féro clarim de infernaes pesadellos;*

*E' a charrua que o solo em vallas dilacéra,  
o surto da energia, o aneio do trabalho,  
a fabrica desfeita em fumo para a esphera;*

*E' a lagrima da réga, o esforço do operario,  
o bosque desvendado em clarissimo atalho,  
a mina a refulgir no sinistro sacrario;*

*E' a raça de que vim, — fusão de marinheiros,  
negros e indios, — trazendo, em loucuras e maguas,  
o atavismo fatal de escravos e pioneiros,*

*— Raça de Prometheus e de Hercules divinos,  
que o almo rio do Tempo, em suas brancas aguas,  
ungiu, purificou para immortaes destinos;*

*E' a cadeia estendida entre mortos e vivos,  
— refulgente rocal de mysteriosas lendas,  
absconditas legiões de espectros redivivos;*

*E' a minha religião, herança do passado,  
Tupan ou Jesus Christo, hostias ou offerendas,  
holocaustos num templo ou num monte sagrado;*

*E' o triumpho excepcional que as cabeças remotas  
conquistaram a rir em livros e combates,  
— Biblia feita de sol sem laivos de derrotas;*

*E' o hymno turbilhonante, a esplendida auriflamma,  
que nas dobras astraes, beijadas nos embates,  
leva exemplos de audacia e paginas de chamma;*

*E' o orgulho espiritual das petalas, — o aroma,  
a humilde hera a enfeitar os frisos de um palacio,  
e, sobretudo, Patria é a opulencia do idioma;*

*E' a lingua, — via-lactea, oceano de alvas bolhas,  
veio, galho triumphal, que da arvore do Lacio  
rebentou para nós numa explosão de folhas,*

*— Lingua de assombração, fino heptacordio de ancias,  
de que a tragedia humana espirala em rebentos,  
entontece de perto, embebeda ás distancias,*

*E tem o som do oceano, a potencia das covas,  
o arremesso da vaga, a inquietação dos ventos,  
o rythmo da palmeira, o olor das frondes novas;*

*E' a lingua melodiosa, harmonia do universo,  
que exhibe a turma heril dos deuses da palavra,  
com os arrojos da prosa e os remigios do verso,*

*-- Lingua do amor, da paz, do mar, das descobertas,  
Chanaan cheia de trigo ao arado que a lavra,  
millionaria Chanaan de radiosas offertas, —*

*Lingua de sensações, cofre de melopéas,  
que scintilla e troveja ao vigor da pronuncia  
para accordar o ouvido á expressão das idéas,*

*E, em syllabas resoando, estúa e se desata  
num hausto de oração, num prantear de renuncia,  
numa orchestra de bronze em florestas de prata...*

## II

*E em todo esse colosso, e em todo esse infinito,  
e em todo esse paiz de heróes e bandeirantes,  
teu cantico estrondou, como um tufão bemdito...*

*Estendeu pela raça os deveres immotos  
aprendidos na Historia, em phrases scintillantes,  
que são para o estrangeiro aureos fructos do Lotus...*

*O atticismo interior desses hymnos eleitos  
o espirito agrilhôa a densos labyrinthos,  
a ruas de crystal, a caminhos perfeitos...*

*Rebentam em clarões, cobertas de apothèses,  
as rebelliões da vida, as gritas dos instinctos,  
— sentimentos subtis, lentas metamorphoses...*

## III

*Tudo rola em teu verso... Homens de velhas éras,  
buscando pelo oceano Atlantidas sublimes,  
de pé, dentro da noite, á prôa das galeras,*

*Exterminios brutaes de Roma e de Carthago,  
— mortes e destruições, abordagens e crimes,  
mundos a desabar num revoltante estrago...*

*Tudo lembra teu canto... A Patria, que exaltaste,  
derramando sobre ella o teu regio thesouro,  
querendo-a no defeito, amando-a no contraste;*

*O entardecer de Maio, em que gargantas roucas  
acclamaram, num brado, as suas praias de ouro,  
abertas, como um rio, a cem milhões de boccas;*

*A raça primitiva, as bronzeas raças dubias,  
que urravam na ignorancia, estrugiam na brenha,  
e voavam para o encontro ao rebôo das inubias,*

*— Escorços de Titans, de belluarios desnudos,  
em que achou o invasor uma lucta ferrenha,  
oppondo á flexa a adaga, aos peitos os escudos;*

*A ousada exploração por bandeiras incultas,  
que enxertaram com sangue os germens do futuro  
e deram amplitude ás riquezas sepultas,*

*— Homéridas virís, mixto de reis e parias,  
que pontuavam o cháos do territorio escuro  
com a reticencia atróz das ossadas mortuarias;*

*As matas virginaes, cortadas de receios,  
guardando á sombra hostil, sentinellas do solo,  
gigantes e avejões, fadas e genios feios,*

*E, enfim, a vastidão destas barbaras zonas,  
onde, em bravos corceis, de arcos a tiracollo,  
corriam, num fragor, nossas mães Amasonas...*

## IV

*Cantaste, ardendo em febre, essas gloriosas phases,  
desde a costa a emergir da cambraia das brumas  
e a varia povoação dos soberbos oasis,*

*Até os dias de agora, em que ao mundo brotamos  
com industrias a crescer, frotas rasgando espumas,  
até o ferreo porvir para que caminhamos...*

*Depois... pediste ao céu o verbo do propheta,  
e flammejaste a voz cheia de mil theorbas,  
jorrando pelo labio a revolta secreta...*

*Olhaste a indiferença, a sede de dominio,  
o desprezo da Patria a sanguinarias hordas,  
á indolencia, ao massacre, ao luxo e ao latrocínio,*

*O olvido do passado e das victorias castas  
por fracas gerações sem amor de justiça,  
e a violação da lei por mãos de iconoclastas...*

*E, vendo a obra ruir sob o aculeo das iras,  
desceste, allucinado, aos disturbios da liça,  
e accendeste o civismo em vigorosas pyras...*

*Mostraste á gente nova a alma do Brasil novo,  
coheso para ser alto, alto para ser grande,  
e interpretaste em rima os desejos do povo...*

*Guiaste a Patria herculea á forte trajectory,  
e ella, com a distensão da força que se expande,  
brillhou, fulgiu, cresceu para só ver a gloria...*

## V

*Em teus versos, Anteu, ha vozes prodigiosas:  
o farfalho sensual dos ventos nas florestas  
e a excelsa orchestração das igneas nebulosas...*

*Reunem-se na cadencia, em notas erradias,  
espasmos de prazer, garganteios de festas,  
corpos a soluçar em sangrentas orgias...*

*Outras vezes, emtanto, evocam revôos de aves,  
sedoso roçagar de pennas hirundinas,  
gorgeios infantis entre branduras suaves...*

*E relembram também lentos choros amigos,  
nocturnos de Chopin nos ermos das ruínas,  
mil violinos tinindo em triclinios antigos...*

*O amor ardente, o amor ideal, o amor fecundo,  
o amor, que esconde o céu dentro do próprio inferno  
e abre, em pleno deserto, os princípios dum mundo,*

*O amor, base essencial das delicias supremas,  
deu-te á vida o fulgor de tudo quanto é eterno,  
e, arroio marulhante, escorre de teus poemas...*

*Mas... teu perpetuo amor foi o amor sacrosanto  
da lingua e do paiz em que tiveste o berço,  
e ergueste com teu vulto, e ergueste com teu canto...*

*Foi o perpetuo amor, que em myrrha se transforma,  
de haveres projectado um monumento terso  
para o ritual da Idéa e incensario da Forma...*

## VI

*Voaste á immortalidade, onde, entre harpas, descanças.  
Enchem o espaço, em fulvo ondeio, os fulvos astros  
de transfigurações e bemaventuranças...*

*Ha rendas de marfim sobre as verdes espaldas  
das montanhas, que, ao luar, são blocos de alabastros...  
E, em tudo, esparge a lua incendios de esmeraldas...*

*Mas... não morreste... A flamma espalha-te nos raios,  
nas mansas refrações, nos lucidos ardores,  
óra em beijos de pompa, óra esfeita em desmaios...*

*Palpitas nas canções, nas odes parnaseanas,  
que escreveste soffrendo: irão, por onde fôres,  
aureolando-te a frente, as primicias humanas...*

*Teus passos seguirão, como um leve navio  
as ondas que formou, ou as côres o arco-iris,  
ou o humillimo heliantho o sol que o seduziu...*



*E entre rosas de fogo, ao tatarar de palmas,  
da treva irromperão, toda vez que surgires,  
com um lírio profano, a desvairadas almas...*

*Quando, em branda surdina, uma fala tranquilla  
murmura um verso, o Orpheu, que o idealizou chorando,  
anima-se piedoso, exsurge para ouvil-a...*

*E teu verso é uma prece, uma oblata celeste  
de uma jovem nação, que a repete cantando,  
e pensa o que pensaste, e diz o que disseste...*

*Foste para esta Patria um doce Anteu de crenças...  
Na peregrinação, se espinhos supportavas,  
no obice apresentado ás desgraças immensas,*

*Encontravas em premio, esvoaçando da terra,  
o impulso da tormenta, a ardentia das lavas,  
e, num gesto pagão, reinavas a guerra...*

*Teu cerebro sorvia os dynamos latentes  
de vegetaes embryões num terreno revoltó,  
de searas germinando á evulsão das sementes...*

*Semeavas... E semeaste o cultivo da graça  
e o esplendor da belleza... E esse humus desenvolto  
fundiu a solidez juridica da raça...*

*Em tua perfeição de transviado rhapsodo,  
sabias perceber a musica das cousas  
e dar brilhos de opala aos residuos do lodo...*

*Dorme! Um pouco do pó de teus despojos hirtos,  
um só resquicio teu rejuvenesce as lousas  
e desparze em redor parasitas e myrtos...*

*Dorme... Surgem do mundo, emquanto, em poeira, dormes,  
um escriptorio de sons, que, em volutas, se eleva,  
e uma formosa cruz de braços proteiformes...*

*E ha nenias de saudade... E ha prantos de abandono...  
São teus versos de amor sonorizando a treva...  
E' o Cruzeiro do Sul, que te acalenta o somno...*





# O LADRÃO

POR

AMANDO CAIUBY

Perdido entre o campo e a capoeira, n'uma baixada que o escondia, era quasi desconhecido o bairro do Jerivá. Cercado d'uma floresta de estípites esguios, nada lhe quebrava o torpor dos dias eguaes. Grande pasmaceira nas casinhas agrupadas entre chiqueiros e hórtas, e uma preguiça, das boas, nas gentes e nas cousas.

Raras tropas e poucos carros espertavam-lhe a modorra com o azucrinante dos cincerros ou o rechino pachorrento da cabreúva sem sabão.

A soalheira amolentava tudo. Jerivá, entretanto, criava pórcos e gallinhas. Coalhavam-se os brejos de cupis escuros e os campos sarapintavam-se de aves. Nos terreiros mal varridos, em horas de mormaço, só cães estirados á sombra ou creançada aos pererécos atraz de alguma gallinha choca. Um espreguiçamento voluptuoso entorpecia-lhe a vida, parecendo, sob sol causticante, suar o proprio corrego.

A' tardinha surgiam rapazes, de jacás de milho ás costas, e logo se reunia, choramingante, toda a porcada. As mulheres acudiam pintos desguaritados, emquanto, das roças, vinham chegando caboclos. Cumprimentavam-se:

- Que tempo não lhe deito os olhos !...
- Negocios fóra. Vendi a capadaria...
- Dinheiro bom ?
- Assim, assim...

Escarranchadas ás portas, com creanças ranhentas nas mamas flácidas, mulheres, de cigarrinho, indagavam:

- Cadê a Emilia ?
- Por ahi, no eito, decerto...
- E o homem ?
- Pitando, na rêde...

Era assim — tudo pitava. Uns, na cama; outros, na porta; raros, no trabalho das rôças. A fumaça nas boccas, deixava as casinhas socegadas. Um prenuncio de incendio, ou fogueira abafada, envolvia os puxados n'uma nuvem negra, á hõra de comida, aggrumando picumans nas paredes e no tecto preto.

Um dia a vida de Jerivá arrepiou-se. Já as mulheres se levantavam para cochichos, mãos nas cadeiras encaroçadas pela saia arrepanhada — desvendando dois palmos de perna esguia; os homens paravam, em commentarios, esgaravatando com a unha do indicador as falripas do queixo; e as creanças negaciavam, resabiadas, por traz das cercas.

Facto grave perturbava o marasmo: furtos de gallinhas. Andavam gatunos por alli, aos quaes os jerivaenses chamavam ladrões.

O inspector de quarteirão, Nho Fidencio, sempre a suspender a calça que lhe ameaçava escorregar pelo abdomen abaixo, esperava os arranchados para uma conferencia, passeando, pensativo, em frente á casa.

Cada sujeito que chegava, ouvia:

— Boas tardes. Vá entrando... O negocio é lá dentro.

Comparecidos todos os moradores de peso, sentaram-se os mais velhos ao redor da mesa, em compridos bancos mal aparelhados.

— Fécha a porta, Dicto!... E' em segredo de justiça...

O rapaz levantou-se. Falante, vinte annos, esperto, gosava a regalia de filho varão, futuro continuador do chefe em sua inspectoria e politica.

Nho Fidencio, fincando os cotovelos na mesa tosca, sobre-cenho fechado, um vinco forte na testa, correu os olhos pela assistencia. Um fremito a fez pestanejar. Vinte e poucos chefes de familia, espremidos, os velhos sentados nos bancos, outros, em tamboretos e tripeças, coçando a cabeça, o queixo ou a barriga, esperavam, contrangidos, a mensagem do presidente ou a fala do throno. E o inspector falou:

— Não quiz resolver sem consulta. Sempre Jerivá foi a mais ordeira da zona. Não por minha autoridade; o povo é que é bom. Agora, não sei... Tenho parafusado... Quero ouvir as "opiniões"...

Silencio. Os inferiores, como sempre, não expõem com franqueza as suas idéas deante dos magnatas. Nho Fidencio insistiu:

— Que é que acha, seu Laurindo?

Laurindo era um barbaças contemporaneo de Mathusalem. Branco té os óssos, tinha ainda as pernas rijas. Tossiu e respondeu:

— E'... Nunca vi dessas coisas...

— Quem será o ladrão?...

— Qualquer...

— Scisma de alguém?

— De um, não scismo... Falando verdade, não scismo...

E quedou-se absorto, olhos fitos na esteira do fôrro, n'uma perfurante sondagem de outros oitenta futuros.

— Compadre Simeão, que diz?...

— Homem... Tenho visto coisas, mas com esta, não atino...

O Redugélo, casca de ferida, não é... Aquelle tranca do Belmiro...

— Esse garanto!... atalhou outro barbaças.

— E o "sojeitinho", o Tónico?!...

— Ranheta não présta. Mas crime dessa ordem, não sei...

— Não é gente nossa!... afirmou um megathério, embrulhado n'um chale manta de suar.

Os velhos concordaram, á uma:

— Não é gente nossa, não! O Jerivá está limpo!...

Os demais membros da convenção, continuando a pitar os eternos cigarrões, sacudiram comprobativamente a cabeça. Nisto, levantou-se de um cêpo, ao canto, um caboclo magro, côr de cuia, bigóde ralo cahido de um lado e arrebitado do outro, como cabo de réfe. Cuspinou pela falha de um canino, e:

— Assim não se póde continuar! Desculpem; mas a verdade é essa. A gente cria os pórcos com tanta "compaixão", dá comida, derruba coqueiro, arranja lavagem, planta róça e vae um "sojeito" cóme o porco sem licença...

— Não cóme, carréga...

— Tóca, mata, carréga, o diabo!... esbravejou o Liberato, furioso com o aparte.

(O Liberato sempre fôra assim. Era magro de tanto desespero. Qualquer coisinha o ralava. Um curandeiro garantiu, uma vez, que elle era "neurasthémico", mas o Dicto, filho do inspector, dizia que aquillo era miseria. E para proval-o contava que de uma feita o Liberato, viajando com seu pae, parou de repente, levou a mão á cabeça, deu um ai e apeou-se do cavallo. Olhou para o chão, procurando nervosamente alguma coisa.

— Que é, Liberato?

— Vamos campear...

E voltou atraz dois kilometros, puxando o animal, esbravejando quando elle empacava, sempre de olho fincado no chão. Afinal, como o sapato lhe apertasse o dedão e o sól torraste, deu um suspiro, desconsolado:

— Pr'as almas... Feliz de quem encontrar...

— Que perdeu, Liberato?

— O tóco de cigarro...

Agóra estrillava com aquelle aparte que lhe vinha estragar um improviso ha tanto ruminado. Continuou, pois, fogoso:

— A gente “amamenta” os capados. Quando vae ver, qu’ê dos bichos? Um safado levou!... As mulheres, só pensam nas gallinhas. Qualquer comidinha que sóbra é **quit, quit, quit**, e lá se vae o jantar dos camaradas... E’ ninhada para cá, ovo chôco para lá, nosso fumo feito formicida nos jacás e piolho por todo o canto... Um inferno! Acóde pinto na trovoada, gasta polvora nos Carácará, afóga no poço gallinha chóca... Tanta “trumenta” p’ra quê? Para um malvado encambulhar os frangos!...

— Muito bem! Tem razão... E’ isso mesmo!... applaudiu um convencional sem bigode, com capulhos esparsos pelo mento, legitimo cará ou meio-páo natural.

— Precisamos acabar com a bandalheira!... proseguiu o caboclo. Cadeia não foi feita p’ra cachorro! Nho Fidencio que é inspector, prenda o assassino!...

— De que geito?

— Unhando o tal!...

O inspector fulminou-o, como o “leader” do governo a um opposicionista.

O Dicto, no silencio sepulchral que succedeu ao desabafo, alvitrou que um dia vigiassem os pórcos, n’outro, as gallinhas. Dois sitiantes que passassem a noite, de olhos arregalados, ouvindo os sapos do brejo, e a criação estava salva. Por proposta do chale-manta, essa tarefa seria attribuida aos moços. O “quarteirão”, depois d’uma pausa, promulgou, afinal:

— Fica resolvido em conselho: o Quim e o Triste espiam a porcada de hoje em diante. Scismando, fogo no ladrão! Olho aberto! Estão ouvindo?

— Estava resolvido o caso; e, tranquillos, orgulhosos da sabia medida, os convencionaes retiraram-se para as casas, reacendendo, no isqueiro, os cigarrões apagados. Iam dormir.

\*

\* \*

A medida policial de Jerivá deu bom resultado durante uma quinzena. Depois, as atalaias, cançadas, entraram a resmungar que não eram “secretas” nem guarda-nocturnos e relaxaram o serviço. Começou, então, a pilheria.

Uma noite em que guardavam gallinhas, desapareceram pórcos. Grande barulho na manhã seguinte:

— Qual ! O Triste só sabe tocar sanfona... Se ao menos o deixassem massacrar um choro no instrumento...

— Nunca ! Avisava o ladrão e acordava os capados.. E porco acordado emagrece...

Emquanto Jerivá philosophava, os furtos recrudesciam. O povo exasperou-se, por fim, uma noite em que o mais gordo suino do bairro foi surripiado, apesar dos vigias agora se revezarem. A colera explodiu. Houve ajuntamento na porta do inspector, berreiro de mulheres, choro de creanças, latir de cães apavorados.

Da soleira da porta, Nho Fidencio, n'um gesto largo, arengava :

— Paciencia, pessoal!... Já aguentamos meio mez ! Havemos de fuzilar o bandido... Roma não se fez n'um dia...

— O roubo é de noite...

— Espere, Liberato!... Não se apoquente. Devagar se vae ao longe. Hei-de mostrar ao ladrão de que páo é a canoa... Agóra, é olho aberto em cima dos porcos... Como jacaré que choca os ovos. Não durmam de noite!... P'ra que serve o dia?

— Vigiar, como se fosse creança nóva?

— Isso mesmo ! Não se retira a vista!...

O argumento foi convincente e a vigilancia redobrada ; mas, inda assim, continuaram os furtos inexplicaveis. Nóvos ajuntamentos, n'um dos quaes Liberato se atracou com o mathusalem, o Triste levou um rombo de páo na sanfona e o Zico sahiu com o nariz mellado. O "quarteirão" atacou cavallaria no "meeting", cachorrada, acompanhada de cacete. Cessado o tumulto, arnicados e ensalmourados os altercantes, o inspector determinou reforço de policiamento nocturno com uma ronda movel.

Durou pouco a expectativa. Dias depois, com ronda e tudo, lá se foi uma duzia de gallinhas peitudas do Simeão. A exasperação foi tamanha, que não explodiu. Limitou-se, em cada habitante, a olhares enviezados ao parceiro. As mulheres estilavam lagrimas de odio em cima dos filhinhos acarrapatados ao cóllo, os homens pitavam furiosamente, estirados nas rêdes, e a criação, resabiada, entocava-se por de baixo das tripéças.

O Liberato teve uma idéa. Pediu emprestada uma espingarda, na cidade, e, mais esgrouviado do que nunca, assegurou :

— Vão ver!... Nada de garruchas desmoralizadas... Com-migo agóra é alli!... Bacamarte no bandido...

Frenético, parecia t'er tomado uma injeccão de cassununga. A sua confiança na pica-páo despertou um zum-zum de mamangavas pelas habitações. Levantaram-se os homens das rêdes. Discutiram, agitaram-se. E nesse corropio de "quem será, quem não será, é este, é aquelle", sómente a Bellinha,

filha unica do Liberato, murmurava, indifferente, aos póvos de Jerivá:

— Deus que me perdôe... Parece fim de mundo. Tanta bulha p'r'amor de uns bichos atôa...

— Não ultraje, filha! Deixe a heresia!... declamava o pae, hirsuto, olhos esboghados, dedo fincado em riste para o céu e cavanhaque para a terra. — Isso até parece maçonaria!...

A Bellinha, n'um muxoxo superior, continuava descrente. Pequena, corada, cabellos negros e fartos, nem parecia filha do caboclo. De olhos travessos, passinho léve, quando o Dicto a via passar, não se continha.

— Como vae, coração?!

— Desenxabido!...

— Zangadinha, hein? Assim é que eu gósto... Conhece corruira do brejo? Tem ninho de gravetos do tamanho de um cupi. Por qualquer cousa faz um barulhão, assiste os coelhos e a saparia. A gente agarra a faca, vae ver, é um nadinha, do póрте do cagasêbo...

— Só? engraçado!... Viu hoje passarinho verde?

— Vi a minha corruira rosada... Não zangue... Venha cá. Decida o casorio. Até quando hei de esperar?

O Liberato que os ouvisse... Filha unica, elle procurava um genro de negocio. Uma vez que lhe falaram no Dicto, bufou:

— Não quero que me olhe para aquelle tranca... disse á filha. Que cresça e appareça!...

Bellinha contou isso ao namorado, que jurou enriquecer. Pediu terras ao pae. Respondeu-lhe o inspector que dividir para dar, nunca: bréjo não precisava divisão. Plantasse rôça, fizesse o que quizesse. Terra estava ahi.

O rapaz entristeceu. Poz-se a trabalhar e a criar pórcos. Era difficil formar rapidamente um patrimonio. Foi á villa. Andou em conferencia com os compradores de fóra. Sempre triste. E agóra, com os furtos, emmudecera.

O Liberato desesperava. Não conseguia experimentar a espingarda. Certa vez, em que o Triste entrava de supplente, para a ronda, com o filho do Simeão, insistiu:

— Hoje é das gallinhas!... Cuidado! Olho nos óvos...

Cahia a noite. Nuvens negras saracoteavam pelos céos. Um vento sul prenunciava chuva. A creação, tratada, accomodou-se. De vez em quando um frango despencava de uma ou outra laranjeira que lhe servia de poleiro.

Os guarda-nocturnos, temendo a tempestade, procuraram abrigo. Afinal, choveu. Ao primeiro cantar dos gallos, n'uma estiada, um tiro quebrou o silencio. Cães ganiram, de envolta com a vóz do Liberato, que trovejava:

— Conheceu, bandido? Commigo é alli!...

Na manhã seguinte, seguindo o rastro de sangue que se perdia no guaximal, o caboclo explicava aos curiosos, com gestos bruscos:

— Não havia garantia! não me fiei nos guardas... Fechei negócio dos porcos, não podia ser roubado. A's tantas, de tocaia, "nhué, nhué, nhué", um gemeu. E' agóra. Divulguei um vulto. Pum! e o malvado sumiu...

Cruzavam-se os commentarios. Mulheres esguias acotovelavam caboclos apalermados. O "quarteirão" chegou, examinou, suspendeu a calça que cahia, reparou no cachão ainda manotado, seguiu o rumo, coçou a cabeça e convidou:

— Reunião em casa, Belmiro! Chame tudo... Vamos! Já!...

Estrondou então a noticia: o Dicto estava doente. Uns diziam que era perna destroncada, cabeça de prégo arruinada, outros que era chumbo. Chegaram todos. Nho Fidencio, sorumbatico, um vinco forte na testa, cabellos emmaranhados, passeava no terreiro, mandando entrar. Mais tarde,

— Puxa d'ahi, creançada! Não quero espião!...

Vendo a miuçalha muscar-se e ouvindo o zum-zum mamangavico em sua sala, entrou, carrancudo, indireitando as fraldas. Sentou-se na cabeceira e com um gesto acenou aos velhos para que se abancassem. Falou-lhes baixo, grosso, devagar, com olhos maguados:

— Sou antigo no Jerivá. Todos são amigos, me conhecem. Só quero a paz e o progresso. Agóra, estou desmoralizado, com a cara suja. Quem fala, não tem crime. O Liberato descobriu o ladrão: é o Dicto, esse filho de quem nunca esperei essa vergonha. Matou minhas barbas...

— Não é nada, compadre!... Coragem... acudiu o magathério. Tambem temos filho... E' sina o desgosto, Nho Fidencio. Mas p'ra tudo ha remedio...

— De que geito? Posso continuar como autoridade? Digam, falem... A justiça começa por casa.

O Fidencio relanceou um olhar supplicante á assembléa.

— O inspector é de confiança... E' chefe. Póde continuar... garantiu o chale-manta.

— Por mim, desisto do porco... aparteou um prejudicado.

— Eu tambem...

— Tambem eu... disseram os outros.

— Não contava mais com as gallinhas... Perdoei... afirmou o Simeão.

— Queremos que Nho Fidencio fique e o Dicto crie juizo. Elle era bom rapaz, tão trabalhador...



— Ah!... suspirou o inspector. Deverei esse favor ao Jerivá. Mas juro que hei de corrigir o malvado!... E' facil. Sujou-se por causa do coração. Quiz casar, mas o pae da moça não consentiu porque elle era pobre. Desesperado, enlouqueceu. Se eu soubesse d'isto, tinha evitado tudo... Agóra, já foi... O delegado, uma vez, garantiu que gente peor, sendo por causa de moça, indireita. E' questão de assentar o amor, casar. Chama-se regeneração. Casamento, cadeia, jury, padre, soldado, tudo é feito para a regeneração...

O inspector gostava do termo. Era o mais "difficil" do seu vocabulario. E tão bem manobrou com elle, que o congresso resolveu salvar o bairro — casando o Dicto.

O Liberato, porém, endureceu. Os convencionaes procuraram amacial-o, e, nada. Os barbaças intervieram e Liberato cedeu, por fim, resmungando que precisava conversar com o rapaz.

— Acabemos com isto, Liberato!... Queremos dormir socegados... Tudo quer dormir: nós, a criação, os guardas... Resolva agóra mesmo, depréssa...

Como palavras não o demovessem, invadiram o quarto do doente, trazendo-o a braços, amarello, para que pedisse perdão do seu crime.

— Tenha dó, seu Liberato... grunhiu o misero.

— Bem feito, patife!

— Não aggrave, perdôe...

— A gente cria os pórcos, "amamenta" os leitõesinhos, vê crescer um por um, faz-lhes coegas na barriga, fica-lhes querendo bem, e no fim, um "sojeito" derruba o coitado e mette-lhe a faca no sovaco... E' ser assassino, peor que os bugres que comem gente...

Os assistentes fizeram cara de que era "demais" a comparação.

O Liberato continuou:

— Nho Fidencio, que sabe, garante que ha remedio; e eu, já que é para salvar um proximo — rapaz que prestou, cêdo — com uma condição...

— Quero casar com Bellinha... lamuriou o Dicto.

— Levante primeiro e depois appareça!...

O Dicto, em lastimavel estado, poz-se a suspirar e a estalar os dedos, desesperadamente, de retorno ao quarto. Vendo-o assim, o mathusalem sentenciou:

— E' grave. Complicou com gemido...

Dias depois levantou-se, mas sem coragem de ir á casa do caboclo. Reluctava, envergonhado. Nho Fidencio, furioso, arrumou-lhe p'ra cima com a mais tremenda descompostura de que

ha memoria em Jerivá; berrou que ia buscar de novo a pica-páu. Os vizinhos acudiram; e o Dicto, muito desconchavado, sahiu em procura do pae de Bellinha.

Encontrou-o com um lenço vermelho prendendo folhas de laranja na téssta, a queixar-se de dôr de cabeça:

— Sente, Dicto... disse, carrancudo. — Então?

— Seu Liberato, juro que sou homem de bem... O meu mal é que preciso casar...

— Hein?...

— Trabalho, hei de ser rico... Mas se não casar, acabo com tudo...

— Com os pórcos?!

— Co' a vida...

— Olhe, rapaz... Sei que foi loucura... Voce é bom, é de boa raça... Perdôo tudo, mas com uma condição!...

— Qual é?

— Pagar os pórcos furtados!...

O rapaz esperára por tudo, menos por aquella:

— Não diga!... Os donos perdoaram!...

— Eu tambem perdôo as gallinhas, mas os pórcos, não! Se quer assim, consinto. Se não, rua!...

O moço cahiu, boquiabérto, n'um cêpo; e o caboclo, matreiro, chamando a filha, disse:

— Vem ver o Dicto... Eu consinto, mas do geito que elle sabe... e sahiu esfregando as mãos e concertando as folhas da téssta.

Logo que Bellinha assomou á porta, o rapaz baixára a cabeça, enleado. Ella approximou-se, meigamente:

— Sarou?

Elle ergueu para ella os olhos compungidos:

— Melhor... Perdôe... Foi por sua causa. Meu pae não me quiz dar o sitio...

— E agóra?

— Agóra? Agóra o seu quer que eu pague os pórcos. E' muita cousa, não pôsso...

A moça poz-se a scismar, emquanto o infeliz namorado aren-gava que se ella o abandonasse, estava tudo perdido, furava os miólos com um tiro — não havia que ver. Assoando-se depois, ruidosamente, com os olhos marejados d'agua:

— Voce me deixa, corruira?

Ella apiedou-se e, carinhosa, passando-lhe a mão pelos cabellos, falou-lhe baixinho. Discutiram. Meia-hóra decorrida, ao se despedirem no terreiro, combinavam o casamento.

Liberato sarou da dôr de cabeça e á noite, radiante, disse á mulher:

MONUMENTO DO IPIRANGA



Projecto de Nicola Rollo

EXPOSIÇÃO REGO MONTEIRO



Cabeça de Crioula

— Bom arranjo. Furtou? pois pague!... Depois case... Isto é que é regeneração!

E dava risadinhas pelo lado arrepiado do bigóde, em cabo de réfe, philosophando.

— Olhe: você faz com as gallinhas o mesmo que Deus com os homens. Cêdo, **quit, quit, quit**, e ellas avançam no milho atirado. As espertas comem tudo, as bôbas ficam de banda. No fim, umas engordam, outras continuam magras. Você vende as gordas e para as magras, panélla... Assim é Deus. Espalha a felicidade. Os espertos enriquecem, os trouxas, panélla. O Dicto que pague os pórcos!...

Dormiu e teve sonhos deliciosos. Na manhã seguinte, levantou-se, sorridente, cantarolando. A mulher estranhou-lhe a alegria...

— E' hoje!... Oito capados de seis arrobas, a dez mil réis, faça a conta... Um dinheirão!... Bellinha que deixe de bobagem e fique firme!...

Sahiu para o terreiro assobiando uma aria da sanfona do Triste. Espiou o chiqueiro, conversando com os suinos. A madrugada desabrochava na mais linda manhã d'aquelle mez. O sól raiava no horisonte, por entre os tufos dos jerivás. Tudo resplandecia.

Liberato sentou-se n'um tôco, olhando as aves irriquietas, dispersas no pasto estriado de sépia e rebrilhante no vidrilho do orvalho. Aquelles pingos rutilos despertaram-lhe a idéa da riqueza, fazendo-o repetir, de memória, o calculo: oito capados de seis arrobas a dez mil réis... Oito vezes seis...

Um sujeitinho que se approximava, aos pinótes, distrahiu-o:

— Ué! o filho do Adão por aqui a estas horas... Que será?

Nesse momento surgia correndo, descabellada, a sua mulher, gritando:

— Acuda, Liberato! Ella fugiu!...

O caboclo, ao dar um salto do tôco, esbarrou com o moleque:

— Sae, tição!

— Seu Liberato! "Escuite"!... O Dicto mandou dizer que foi regenerar a nha Bellinha...



# AFRANIO PEIXOTO

POR

JACKSON DE FIGUEIREDO

## III — CONCLUSÃO

Do Tratado de Medicina Social, que é a sua obra por excellencia, do ponto de vista scientifico, o livro que mais se resente deste grosso materialismo originario, é a sua *Psico-Pathologia Forense*, (1) em que o perigo de certas theses tinha, por força, que ser abordado. Entretanto, é preciso ver que já neste livro não se repete somente um bom combate contra os exageros da chamada Escola Positiva, em materia criminal. O pragmatismo de Afranio Peixoto se revela em plenitude de força. Assim, elle proprio chama pragmatica a escola eclectica a que se liga (2), e entre o que chama a hypothese philosophica do livre arbitrio e a do determinismo, procura um padrão para a responsabilidade e faz da pena a reacção elementar que a incuravel tendencia finalistica chamou reacção de defesa, como se ameça — diz Afranio — um corpusculo micelular, podesse prever a acção boa ou má que é preciso repellir ou aceitar.

A razão não mudaria com a complexidade dos organismos. Attracções fisicas e afinidades quimicas explicam os tropismos ou tendencias rudimentares e d'ahi ao instincto e á vontade, por infinitas complicações. Como attracções e afinidades ha repulsões e antagonismos de substancia, tropismos negativos; uma acção provoca uma reacção positiva e negativa. Isto quer dizer que Afranio, sem esquecer mesmo a differença que vae de normalidade biologica á normalidade social, tudo reduz a uma simples dôr de dente, isto é, *infinitas* complicações fazem parecer somente diversa a dôr de quem precisa de um dentista e a que levou Othelo ao

(1) Afr. Peixoto — *Psico Pathologia Forense* — Livr. Francisco Alves — 1916.

(2) *Psico Pathologia Forense* — 66.

crime. O que acho curioso é como um homem de intelligencia tão clara, tão viva como a de Afranio Peixoto, chega a enganar-se a si proprio com tanta facilidade. Para Afranio a sociedade que, atravez de *infinitas complicações*, fére o que se chama um criminoso, tem, no fundo, a mesma graça da beldade que esmaga a pulga, como nos versos do poeta hespanhol.

Diz Afranio, mais de uma vez, que theologos, philosophos e juristas complicaram sem necessidade a comprehensão de um problema facil (!!) que lhes legara resolvido, a experiencia de todos os tempos da humanidade. E' elle, entretanto, quem resolve tudo com substituir theorias filhas, quando mais não forem, de immenso esforço intellectual, por esta, engraçadissima, das *infinitas complicações*, que marcam a distancia que vae dos tropismos ao instincto e á vontade.

A estas *infinitas complicações* deve o homem muito trabalho e, entre outros, o de escrever Psico-Patologias Forenses, que a Sr.<sup>a</sup> Ameba jamais lerá... Gosto muito da razão mas, seriamente, quando vejo que ella trata com o mesmo desprezo, ou com o mesmo respeito, os velhos Hamurabi, Lycurgo, Solon e a senhora Ameba, quando vejo que ella confunde no seio do Universo o Codigo de Manu' e a secreção de um protista monocelular qualquer, se já não a tivesse perdido de vista, era capaz de dar-lhe uma surra ou quebrar-lhe os oculos de vidros tão grossos.

Emfim, explicada a repulsa de Afranio Peixoto, ao livre arbitrio, explica-se tudo o mais que vem nos seus livros, neste dominio das idéas geraes, e fôra inutil discutir.

Apezar da critica serrada que faz aos que tudo prendem a uma *necessidade* moral, que é nos proprios termos, incomprehensivel, fica-se a imaginar o que, para elle proprio, Afranio, é a responsabilidade moral, que faz derivar da personalidade sã e normal, susceptivel de se determinar pelas representações do justo e do injusto (1).

Que representações, serão as do justo e do injusto, para tal homem — oh! manes de Socrates! — se elle logo em principio, não esquece Pascal e os Pyreneos.

Diz Afranio que o livre arbitrio é uma hypothese philosophica que nada demonstra e não é necessaria ao fundamento da responsabilidade. Antes della — diz elle — o homem já era responsavel publicamente, moralmente, criminalmente. (2). Ora, isto é confundir o factio com as theorias sobre o factio, confundir o fundamento natural de uma lei com as explicações dadas sobre tal fundamento.

(1) *Psico Patologia Forense* — 69.

(2) Obr. cit. 66.

Que o sol existe, existe; que o que se tem dito sobre o sol é tudo verdadeiro, não juro. E antes de formular o homem uma hypothese sobre o sol, não foi menor a influencia do calor e da luz sobre a sua vida. Afranio Peixoto, que ideou typos naturaes diversos, deu depois, como origem da vida social — vida de restricção das actividades — reacções elementares, puramente egoistas ou indifferentes do ponto de vista moral. (1) E se assim lhe parecia facil explicar o porque da responsabilidade, sobre a base de um padrão biologico do justo e do injusto, era dever seu explicar tambem como a noção do dever veio a destacar-se de moveis puramente egoistas e porque só no homem se armou de *tantas complicações*... Parece isto cousa de extrema simplicidade mas não é. Nunca jamais — a quem não crê em Deus como legislador supremo — foi facil explicar o porque cem egoismos juntos criaram uma regra de direito nem muito menos uma regra de moralidade, porque é preciso não a confundir.

O medo ou o temor de represalias não explica a sujeição dos mais fortes nem pode ser origem de vida moral, mesmo porque, quando se faz de um tal elemento base de moralidade, esquece-se que já, de ante mão, se admite organizada a sociedade, pois só assim se comprehende a efficacia do numero contendo os impetos das unidades mais fortes. A formação de tal sociedade é que é difficil explicar e um contracto previo, por exemplo, já subentende tambem gráu de moralidade muito elevado. Não é isto o que se chama um circulo vicioso ?

Se as affirmações da philosophia que verifica no mundo o facto da liberdade, são "affirmações simplistas de fé", não sei de que simplicidade nasce o pedantismo scientifico, a que todos nós pagamos maior ou menor tributo e nos dá por paga do que nos rouba de ingenuidade um rabinho de papel com hieroglyphos... Rodemos sobre nós mesmos e decifremos o que está escripto na cauda mysteriosa. Dizem que é o roteiro das minas de Salomão mas, até agora, a ninguém foi possível decifrar cousa alguma. *Andam os patos sem sapatos* — eis o que lá está talvez, penso eu, pois me lembra do velho Bernardes o conto de um sabio que, ante uma phrase tão simples e verdadeira, empacou para sempre. E por falar em patos veio-me a lembrança agora esta palavra de Schelling: "Quando vemos as verdades que muitos antepõem aos thesouros de sabedoria e sciencia occultos no Christo, involuntariamente nos recordamos daquelle rei de quem fala Sancho Pança, que vendeu o seu reino para comprar um rebanho de patos".

---

(1) Obr. cit. 61.



\* \* \*

E' preciso notar que quando falo do scepticismo de Afranio Peixoto, me refiro ao scepticismo scientifico que, muitas vezes, a si mesmo se ignora e a todo nome attende, menos ao que lhe é proprio. Afranio Peixoto é sceptico como são todos os positivistas, por exemplo, ou, mais modernamente, os pragmatistas de todos os matizes, isto é, todos aquelles que tem como verdade unica a relatividade de nossos conhecimentos. Nós só conhecemos uma verdade absoluta: a da relatividade de nossos conhecimentos.

Taes homens, a contra gosto, se resentem de tão perigoso des-caso da consciencia, e se resentem em todas as ordens de sua actividade intellectual. E' isto que os leva a ter por indignos os argumentos chamados de autoridade, esquecendo que a historia seria impossivel se da autoridade não fiassemos, e que uma só verdade que nos toque conceber — por exemplo: a da relatividade absoluta de nossos conhecimentos — não poderia entrar em circulação, se da autoridade não partisse, se, porque da autoridade, não fosse aceita.

A religião que, quando mais não fosse, pela sua extensão e immemoravel historicidade é problema á parte em nossa vida, podem taes homens olhal-a com ral e profundo respeito, e não haveria, depois disto, problema moral ou historico, ou factio social presente, sempre producto de um passado em que a lei religiosa foi o elemento unificador, por excellencia, a que elles possam julgar com a gravidade da consciencia que, antes do mais, reconhece que ha entre si propria e o mais que existe o véo do mysterio religioso. Em verdade, este véo, se é martyrio da intelligencia, é, em compensação, de onde irradia a singularissima luz que nos obriga a encarar tudo quanto nos rodeia com mais alto e comprehensivel respeito.

O horror á autoridade faz destes homens simples rebeldes mas de uma credulidade tal que causa surpresa aos mais fervorosos crentes. Todas as suas rebeldias só visam, entretanto, a religião. Elles repetem a curiosa historia de todos os fanatismos: fogem á verdadeira autoridade e se entregam de mãos e pés atados a chefes obscuros e rudes, encontrados, por acaso, em derredor da primeira fogueira nos desvãos da terra selvagem. E as historias mais absurdas, com tanto que lhes acarinhem a descrença nas sagradas verdades, são ouvidas em postura humilde e depois repetidas com entonações de mais simples e profunda convicção. Não é certo que tal multidão de sabios teve hallucinações visuaes e auditivas, em que o Bathibius lhes apparecia de azas abertas, num halo



de luz claríssima, a falar-lhes da origem da vida ? Não é certo que mil outros sabios, no afan de fazerem evoluir um macaco, não vacillariam em lhe dar uma filha a casamento ? Não é certo que um prestigiador de Genova, e outros tantos sabios, fez curvar a cabeça, ante a verdade das almas, que elle mostrava estampada nas asimetrias de uma porção de faces ?

A litteratura de Gabriel Tarde garantia successo a toda ousadia, por mais ridicula que fosse. Se um homem de lunetas agitava um rabo de mosquito e gritava que descobrira a verdade — era uma caça infernal aos mosquitos e, todos desrabados, ficavam como prova eloquente de que a verdade — pequena cousa! — podia estar num rabo de mosquito. Se não estava, explicava-se o amolimento... Uma lei scientifica arrastava aquelles sabios á imitação de um sabio de mais personalidade. Fôra esta a de um idiota — pouco importava: o mundo todo já repetia, comovidamente, o grande nome, e a gloria não é cousa que se perca, depois de ganha. Nem judas a perdeu, que a gloria é fama ou pouco mais. Um sabio, no sentido vulgar, contemporaneo, é assim o irmão mais velho de todo aquelle que, como dizia Veuillot, altivo deante de Deus, arrogante para com a Igreja, não se ajoelha senão ante si mesmo “et le maître dont il porte la livrée”... (1)

Mas julgo eu, e Deus me perdoe se érror, é isto ainda signal de vida no coração de taes homens e, sem que tal supponham, formam elles escola de creanças neste mundo, e são tambem defensores da ingenuidade humana. O sceptico que salta de galho em galho, atrás de fructos de oiro, dá-nos, pelo menos, um espectáculo animado e animador. Se não cahir da arvore pode bem ser que olhe uma vez o céo. Macaco medonho de ver-se é o que já não sóbe ás arvores da floresta, nem olha para cima, porque não crê em fructos de qualquer especie, quanto mais em fructos de oiro.

Sustenta-se de folhas sêccas e tem os dentes alvissimos de morder a areia humida das sombrias galerias do bosque. Estes, os philosophos, unicos que podem chegar a este estado de absoluta negação — negam a propria vida que vivem. Para que a esperança ? Para que a actividade ? Para que a intelligencia ? Não vale um caracol a sabedoria dos homens e ainda vale menos todo esforço em busca da felicidade.

A sciencia, pelo menos, não cria nunca homens de tal natureza. Ella é uma fé tambem, leva á acção, requer a pratica. Pode desorientar mas não cretinisa ninguem. Pode fazer ridiculo mas não

---

(1) Lecigue — Veuillot — 198.



é o ridiculo o que ha de menos útil neste mundo. E é por isto que, na arena scientifica, não é raro encontrar-se individuos que, não tendo olhos para avistar uma só estrella no horizonte, são, entretanto, capazes de trabalhar utilmente na extincção de formigueiros ou na fabricação de tira-callos. E a verdadeira sciencia é, official, esta, que reconhece só ter que lutar com factos, num dominio, este sim, de pura relatividade. A Sciencia com *s* grande, a que lhe dá os princípios, as verdades indemonstraveis, com que ha de illuminar seu caminho, em busca das verdades a demonstrar, esta tem que escapar, por força, á preocupação de noventa por cento dos verdadeiros homens de sciencia. Porque Sciencia com *s* grande é philosophia, a verdadeira philosophia, illuminada pela fé, e que se não deve confundir tambem com a prostituta de Voltaire nem com aquella ingleza secca e esteril com que se amasiou Em. Kant, esquecido o bom do virginal allemão que a mocidade ella a esbanjara, improductivamente, com David Hume e outros.

Afranio Peixoto não fugiu, de todo, á tentação de philosophar, dentro do campo das sciencias. Não creio que ande muito satisfeito com o que fez.

Uma cousa, porem, são as suas idéas geraes, outra são os seus trabalhos de pura sciencia. Desta fé tem sido um dos mais abnegados apostolos, e o Brazil que eu ainda defenderei de conceitos seus, deve-lhe já muitos serviços. Em dez annos de professorado, mais do que isto, de apostolado pedagogico, tem Afranio, como Professor da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, da Faculdade de Philosophia e Letras, como Director do Serviço Medico Legal, como Director da Instrucção Publica do Districto Federal, dado provas de uma rara capacidade de trabalho e de um ainda mais raro senso de penetração das nossas necessidades neste sentido. A elle devemos o melhor de quantos trabalhos possuímos sobre Medicina Legal <sup>(1)</sup> e o nosso primeiro compendio didatico de Hygiene <sup>(1)</sup>. Estes livros, ao lado da sua *Psico-Patologia Forense* formam o seu Tratado de Medicina Publica <sup>(2)</sup>, em que ás noções geraes se alliam os dados particulares que importam ao nosso paiz. Este methodo tem toda a sua pujança na *Hygiene*, mas é o que segue o autor no desenvolvimento de toda a obra.

Não são livros estes que me caiba julgar nos seus detalhes, mas da "Hygiene", um dos livros de mais agradável leitura que já se ha escripto no Brazil — do seu valor scientifico dizem bas-

---

(1) Afr. Peixoto — *Medicina Legal*. Livr. Francisco Alves — a 3.<sup>a</sup> ed. é de 1918.

tante as autorisadissimas palavras do Prof. Rocha Faria, recomendando no seu curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

Uma cousa se faz logo notar, porém, nesta obra: é que a Afranio repugnam todas as formas tradicionaes do pensamento e da actividade humana, em todas as suas manifestações, e á propria Medicina desacredita, e levanta como bandeira de misericordia do mundo, uma sciencia nova ou melhor, uma applicação pratica de todas as sciencias, isto é, a Hygiene.



# ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



## VALENTIM MAGALHÃES

*Fundador da cadeira n. 7. Nasceu no Rio de Janeiro a 16 de Janeiro de 1859 e falleceu a 17 de Maio de 1903, na mesma cidade. Foi quem escolheu Castro Alves como patrono.*

## Bibliographia

- 1 IDEIAS DE MOÇO, ensaios (coll. com Silva Jardim), 67 pags. S. Paulo, Typ. Commercial, 1878.
- 2 GENERAL OSORIO, verso e prosa, coll. com Silva Jardim, S. Paulo, 1879.
- 3 CANTOS E LUCTAS, poesias, 86 pags., S. Paulo, Typ. da Tribuna Liberal, 1879.
- 4 A VIDA DE SEU JUCA, poema comico (parodia á morte de D. João, de Guerra Junqueiro) — 296 pags. Rio, Typ. Seraphim José Alves, 1880, (coll. com Henrique de Magalhães)
- 5 COLOMBO E NÊNÊ, poemeto, 43 pags. Rio, Typ. da Gazeta de Noticias, 1880, (publicado antes nesse jornal).
- 6 QUADROS E CONTOS, contos, 225 pags. — S. Paulo, Typ. Dolivaes Nunes — 1882.
- 7 NOTAS A' MARGEM DOS ULTIMOS HARPEJOS — critica ao livro de versos de Sylvio Romero — 85 pags. Rio, Typ. da Escola de Seraphim José Alves — 1884 (artigos escriptos antes na Gazeta de Noticias 1883).

- 8 VINTE CONTOS — contos — 2.<sup>a</sup> edição (a 1.<sup>a</sup> edição, feita pela "A Semana" appareceu em 1886) — 233 pags., Laemmert & C.<sup>a</sup> — 1895.
- 9 NOTAS A' MARGEM — opusculos quinzenaes de critica — 7 fasciculos — Rio Typ. Moreira Maximino & C.<sup>a</sup> e Typ. Carlos Gaspar da Silva, 1887-1888, (publicados antes na Gazeta de Noticias).
- 10 HORAS ALEGRES — contos e phantasias — 216 pags. Rio, Laemmert & C.<sup>a</sup> 1888.
- 11 O ESCANDALO — pamphleto — (coll. com Lucio de Mendonça), ns. 1 a 5, 20, 16, 16, 16, 16, pags. Rio Typ. J. Assis Climaco dos Reis, 1888, havendo tres edições.
- 12 IGNACIA DO COUTO — comedia (parodia a D. Ignez de Castro), 87 pags., Rio — Laemmert & C.<sup>a</sup> 1889.
- 13 ALBUM DA REPUBLICA — 3 numeros (biographias)—Rio, Laemmert & C.<sup>a</sup> 1890.
- 14 NOTAS POLITICAS — pamphleto — n. 1-29 pags., Rio, C.<sup>a</sup> Editora Fluminense 1891.
- 15 O GRAN GALEOTO — traducção em verso do drama de Echegaray (coll. com Filinto de Almeida) 2.<sup>a</sup> edição — 135 pags. — Rio, Laemmert & C.<sup>a</sup> — 1896, representado pela 1.<sup>a</sup> vez no Theatro Recreio Dramatico, em 6-6-1884.
- 16 ESCRITORES E ESCRIPTOS — critica — 2.<sup>a</sup> edição — 205 pags. — Rio, Typ. Domingos de Magalhães, 1894.
- 17 PHILOSOPHIA DE ALGIBEIRA (pseudonymo Marcos Valente) — 98 pags.— Rio, Laemmert & C.<sup>a</sup> 1895.
- 18 A LITTERATURA BRASILEIRA — critica — 300-VII pags.— Lisboa, Livr. Antonio Maria Pereira — 1896.
- 19 BRIC-À-BRAC — contos — 288 pags. Rio, Laemmert & C.<sup>a</sup> — 1896.
- 20 FLOR DE SANGUE — romance — 384 pags., Rio, Laemmert & C.<sup>a</sup> — 1897.
- 21 O CONSELHEIRO — comedia vaudeville — 3 actos — 29 pags., Rio, Casa Mont'Alverne — 1897 (musica de Nicolino Milano).
- 22 DOUTORES — comedia em 3 actos — 91 pags. Rio, Casa Mont'Alverne, 1898 — representada no Theatro S. Pedro de Alcantara a 18-10-1898.
- 23 ALMA — contos (paginas intimas) — 154 pags.— Rio Laemmert & C.<sup>a</sup> — 1899.
- 24 RIMARIO — poesias — 243 pags. Paris, Aillaud & C.<sup>a</sup> — 1900.
- 25 LICÇÕES DE PEDAGOGIA — 1.<sup>a</sup> parte — Psychologia — 51 pags. Rio, Typ. Laemmert & C.<sup>a</sup> — 1900.
- 26 DISCURSO NA ESCOLA NORMAL — de pags. 83 a 115 — Rio, Typ. do Instituto Profissional — 1902.
- 27 NO SEIO DA MORTE — trad. em verso do drama de D. José Echegaray (col. Filinto de Almeida), representado no Theatro Recreio Dramatico pela C.<sup>a</sup> Dias Braga (inedito).



- 28 UM CASAMENTO NULLO—comedia original em 3 actos (inedita).
- 29 A VIDA NA ROÇA — comedia em 5 actos (em coll. com Alfredo de Souza) (inedita).
- 30 O QUE NÃO SE PODE DIZER — trad. em prosa do drama “Lo que no puede decir-se” de D. José Echegaray (em coll. com Filinto de Almeida) representada no Theatro Recreio Dramatico pela C.<sup>a</sup> Dias Braga.
- 31 AMOSTRA DE SOGRA — comedia em 1 acto (em coll. com Filinto de Almeida), representada no Th. Recreio Dramatico (inedita).
- 32 O GATO MORREU — comedia (inedita).
- 33 A MULHER HOMEM — revista comico-phantastica dos acontecimentos de 1885 (em coll. com Filinto de Almeida) representada em 1896 no Theatro Sant’Anna pela C.<sup>a</sup> Jacintho Heller (inedita).
- 34 ABOLINDEM-REPCOTCHIMDEGO’ — revista dos acontecimentos do anno de 1886 (em coll. com Filinto de Almeida) representada em 1888 no Theatro Lucinda (inedita).
- 35 O GRUDE — revista dos acontecimentos de 1890 (em coll. com Henrique de Magalhães) (inedita).
- 36 O DR. RAMEAU — drama extrahido do romance de George Ohnet (em coll. com Henrique Magalhães) (inedito).
- 37 A MOSCA AZUL — peça phantastica em 3 actos (musica de Abdon Milanez) coll. de Henrique Magalhães (inedita).
- 38 O TAL SENHOR, comedia em 1 acto, imitada do francez (inedita).

Existe tambem uma *plaque* publicada pela Typ. Occidental do Porto, em 1894, cuja edição constou de 50 exemplares. E’ um poemeto dedicado á memoria de sua filha Valentina. Não consegui ainda um exemplar.

Euclides da Cunha refere-se a um opusculo “Grito na tréva” que não existe. Trata-se de um conto escripto de collaboração com Silva Jardim, o qual faz parte integrante das “Ideias de moço”.

Além das obras citadas, Valentim Magalhães deixou muitas outras ineditas e possui cabedal nas paginas dos jornaes em que collaborou, para augmentar de muito a sua bagagem litteraria. O seu filho primogenito deve se incumbir dessa tarefa, enquanto vivem os amigos do pae. Sacramento Blake menciona: “O equilibrista”, romance de costumes e “Novas poesias”. O autor annunciou: “Na Brecha”, perfis, criticas, opiniões; “Noções de Economia Politica”; “Fóra da Patria” (carteira de um viajante); “Educação Civica”; conferencias feitas no *Pedagogium*, de Maio a Outubro de 1896. Raymundo Corrêa citou: “Novos contos”, “Outomno”, romance inacabado; “Dudu”, historia de uma alma.

Elle redigiu, durante a phase academica, “Entre-acto”, publicação periodica, de parceria com Ezequiel Freire (S. Paulo 1881); “A comedia”, publicação diaria, juntamente com Silva Jardim, G. J. Pinto Pacca, Ad. Carneiro de Almeida Maia e Eduardo Prado (S. Paulo, 1881); “O bohe-



mio”, com Raymundo Corrêa e antes com Eduardo Prado. Collaborou no “Amolador”, jornal humorístico de S. Paulo, de Gaspar Alves Meira, antes, em 1877, quando se matriculou na Faculdade de Direito foi eleito pelos collegas redactor do “Labarum”, juntamente com Eduardo Prado, e da “Revista de Direito e Lettras”; escrevia folhetins no “Republica”, órgão do Club Republicano, mantido por Manhães de Campos e Lucio de Mendonça.

Escreveu também, enquanto estudante, artigos e folhetins na “Provincia de S. Paulo”, no “Correio Paulistano”, na “Tribuna Liberal”, na “Evolução”, com Julio de Castilhos e Assis Brasil, na “Gazeta de Noticias”, do Rio, cujos redactores o convidaram por telegramma a collaborar na folha carioca onde escreveu “Colombo e Nêê” e o conto “O exqu Coastão” (22-11-1880).

Depois de formado collaborou na “Gazeta de Noticias” (1883), fundou “A Semana” (1885), escreveu em “O Paiz”, no “Jornal do Commercio”, em “A Noticia”, no “Globo”, na “Gazeta da Tarde”, na “Tribuna”, na “Rua do Ouvidor” e em quasi todos os jornaes da época. Em 1893 reapareceu a “Semana”, com o auxilio de Max Fleiuss.

Escreveu ainda na “Revista Brasileira” (2.ª phase): *Camões*, poesia 4.º vol. pag. 452; *Sons de magoa*, poesias 5.º vol. pg. 237; *O vigario*, poesia 7.º vol. pag. 67; (3.ª phase, de José Verissimo): *Prefacio a um livro de versos*, tomo 8.º pags. 351; na “Gazetinha” de Arthur Azevedo, no “Almanack das Senhoras”, de Lisboa, onde publicou a tradução da *Canção do exilio*, de François Coppée (1882); na “Mala da Europa”.

Encontra-se o seu retrato em “Rimario”, Litteratura Brasileira, Littérature Brésilienne de V. Orban, Lyra Popular, Almanack Garnier 1905, A Rua do Ouvidor (31-1-1903). Almanack Popular Brasileiro e em muitas outras publicações.

### Fontes para o estudo critico

- 1 EUCLYDES DA CUNHA — Discurso, elogio na Academia Brasileira de Letras, n.º 4 da Revista da Academia.
- 2 SYLVIO ROMERO — Valentim Magalhães (opusculo).  
       ”          ” — Novos estudos de litteratura contemporanea.  
       ”          ” — A litteratura brasileira (Revista Brasileira, tomo XII, pag. 251).
- 3 JOSE’ VERISSIMO — Estudos de litteratura brasileira, vol. I, pg. 107 e vol. III.  
       ”          ” — Revista Brasileira (3.ª phase) vol. IV pag. 320.
- 4 COELHO NETTO — A bico de penna, pag. 329.





- 5 RAYMUNDO CORRÊA — Valentim Magalhães (Almanack Popular Brasileiro).
- ” ” — Flôr de Sangue (dous artigos em “O Paiz”, 1897).
- 6 EZEQUIEL FREIRE — Livro posthumo, pag. 254.
- 7 SILVA RAMOS — Bric-à-brac (Revista Brasileira, 3.<sup>a</sup> phase, vol. 7.<sup>o</sup>, pag. 137).
- 8 TEIXEIRA BASTOS — Poetas brasileiros, pags. 41 e 51.
- 9 ALVARO GUERRA — Palestras com a mocidade, pags. 95 e 99.
- 10 SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
- 11 VICTOR ORBAN — Littérature brésilienne, pag. 144.
- 12 EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 432.
- 13 MAX FLEIUSS — A Semana. (folheto).
- 14 PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 15 FILINTO DE ALMEIDA — A Semana, vol. 2.<sup>o</sup>, pag. 341.
- 16 LUCIO DE MENDONÇA — O Album, pag. 257.
- 17 MONTEIRO RAMALHO — O Occidente, 10—9—1901.
- 18 MEDEIROS E ALBUQUERQUE — A Noticia.
- 19 M. BOTELHO — Revista Moderna, vol. II, pag. 666.

### Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Valentim Magalhães constitue, no meio litterario do Brasil, um caso singular. Escreveu muito; manteve-se na arena durante 25 annos, em labor activo e incessante; empunhou o bastão de commando dos *novos*; doutrinou em assumptos litterarios; mas não nos legou obra compativel com o seu merito e o talento de que era dotado. A sua bagagem é extremamente leve; é superficial o valor do acervo de livros e opusculos que escreveu.

Explica-se esse phenomeno pelo seu temperamento nervoso e irrequieto, a volubilidade de sua vocação e instabilidade dos planos formulados. O escriptor disseminou a sua prodigiosa actividade por todos os generos litterarios, desperdiçou consideravel parcella de energia na vida do jornalismo, não conseguiu methodisar a leitura nem ponderar as ideias. Foi escrevendo a esmo, numa ancia de producção febril e amontoou rumas de jivros e resmas de papel, sem que deixasse uma unica obra representativa da sua intelligencia robusta.

A causa do seu renome reside na assiduidade com que escrevia nos jornaes, fazendo-se sempre lembrado dos leitores, o espirito combativo que revelou em varias campanhas, como nas polemicas com Sylvio Romero, Carlos de Laet e Ferreira de Araujo e na lucta sustentada entre “A Semana” e “A Vida Moderna” de Luiz Murat. Cooperou na formação de sua gloria ephemera a sua attitude de critico adventicio, surgindo inespe-

radamente na "Gazeta de Noticias" e continuando o tirocinio na apreciação perfunctoria da obra alheia, nas paginas d'"A Semana" e d'"A Noticia", além do espirito de iniciativa, propenso sempre a causas sympathicas, devotado a themas liberaes e generosas ideias.

Embora semeiasse odios e malquerenças entre os representantes do romantismo decadente, entre alguns contemporaneos e principalmente no seio da geração nova, elle grangeou muitos amigos, varios por temor e muitos conquistados pela sua alma affectiva, impregnada de bondade, e seu coração palpitante de devotamento.

Valentim Magalhães foi um polygrapho, na verdadeira accepção do vocabulo; dedicou-se a todos os generos litterarios e ainda dispoz de tempo para cuidar da carreira commercial, exercer a profissão de advogado e até encontrou lazer para aspirações politicas. Escreveu poesias, contos, artigos de critica litteraria, pamphletos politicos e biographicos, peças theatraes, romance, chronicas e dispersiva contribuição jornalistica, philosophia, pedagogia e sciencia social.

Como poeta deixou os seguintes livros: "Ideias de moço", livro mixto de prosa e verso em que Silva Jardim escreveu os ensaios criticos e colaborou no conto phantastico "Um grito na tréva", ao sabor dos que constiteem "A noite na taverna" de Alvares de Azevedo. A parte dos versos, dos 18 e 19 annos de idade, pertence a Valentim Magalhães que já se inspirava em Victor Hugo e ensaiava a reacção contra os romanticos.

No mesmo anno de 1878, com o mesmo collega Silva Jardim, escreveu General Osorio, folheto publicado no anno immediato, contendo um poemeto elegiaco de sua lavra. Succedeu-lhe, sem interrupção, o livro "Cantos e luctas", publicado a expensas do collega Assis Brasil e ao mesmo dedicado. Accentuam-se o character humanista dos themas sociaes e a feição reaccionaria do joven inspirado no autor de "Les Chatiments" e de "Légendes des siècles", em Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Castro Alves, Gomes Leal e Guilherme de Azevedo, sonhando a liberdade, e advento da republica e combatendo preconceitos religiosos. Nota-se o lyrismo incipiente e o ensaio da poesia objectiva.

Em 1880 appareceram dous livros subordinados a outro feito "A vida de seu Juca", poema comico parodiando "A morte de D. João", de Guerra Junqueiro, com o concurso de seu irmão Henrique de Magalhães. E' a primeira manifestação do estylo faceto do escriptor que tanto contribuiu para amenisar a leitura dos jornaes. Não se observa a caracteristica do humorismo nem mesmo da satyra; o sabor é accentuadamente propenso á chalaça, com algum espirito e certa dóse de facecia. E "Colombo e Nê-ne", poemeto que sobrepuja o antecedente, em graça e delicadeza.

O melhor repertorio de versos do autor, por onde se pode julgar o poeta, é a collectanea "Rimario", que abrange a producção escolhida desde 1878 até 1899.



Ha nesse livro versos de valor, inspirados e de forma attrahente e correcta. O processo do poeta subordina-se á simplicidade, seja nos versos lyricos ou nos descriptivos, seja nos heroicos ou nos facetos.

Destacam-se varios sonetos e poesias recommendaveis nas quatro partes em que se divide o livro: "Tabernaculo", "Rimas do amor", "Rimas heroicas" e "Toda a gamma".

"Rimario" e "Vinte contos" são as melhores produções de Valentim Magalhães.

Os seus contos foram enfeixados nos volumes "Quadros e contos", "Vinte contos", "Horas alegres", "Bric-à-brac" e "Alma" (paginas intimas).

São na maioria desprezenciosos, ligeiros, escriptos em linguagem simples e correcta, com as cambiantes necessarias a exprimir as ideias do autor, descrever o meio ou definir personagens. Entre elles ha alguns com intensidade dramatica, como "O enforcado" dos "Quadros e cantos", mas a nota predominante é a comica, mixto de humorismo e de graça. Nesse livro, o primeiro publicado, foi incluido o conto "O exquísitão" que havia sahido na "Gazeta de Noticias", segundo a citação erronea de Sacramento Blake, com as proporções de um romance.

Em "Vinte contos" aprimoram-se as qualidades do *conteur*, sempre adstricto ao seu processo: — a simplicidade na linguagem, em narrar episodios e descrever scenas e paisagens, typos e personagens. Ha no volume contos apreciaveis, como "Trinta annos depois" entre outros.

As "Horas Alegres" compõem-se de phantasias comicas, criticas de costumes e chistosos contos academicos. E' o mais fraco dos cinco livros do genero preferido.

"Bric-à-brac" define o caracter da obra do escriptor, variado e voluvel, superficial e espirituoso, mas deixando transpirar talento, como em todas as produções do poeta que se deixou transtornar pelo vicio do jornalismo. Foram o jornal e o temperamento irrequieto e soffregado de Valentim Magalhães que lhe prejudicaram o valor da obra.

"Alma" reflecte as qualidades affectivas do homem, é um livro intimo, inteiramente devotado á familia.

A parte da critica litteraria, além da que ficou olvidada nas paginas dos jornaes, principalmente de "A Noticia", encerra-se em "Notas á margem", "Notas á margem dos Ultimos Harpejos", critica acerba a Sylvio Romero poeta, "Esriptores e escriptos" e "Litteratura brasileira", livros de divulgação das nossas lettras em Portugal, pois reúne as conferencias que realisou quando esteve em Lisboa.

Nas suas criticas de mera apreciação de qualidades e defeitos dos livros lidos, Valentim Magalhães revelou bom gosto e sempre manifestou severidade, pelo que foi temido pelos estreiantes.

Deixou publicado "O escandalo", pamphleto de critica litteraria e artistica, de politica e de costumes, em collaboração com Lucio de Mendon-

ça; "Notas politicas", apreciação dos actos do governo provisorio; "Album da Republica", tres numeros, contendo as biographias de Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant e Ruy Barbosa.

Na litteratura theatral, sem me referir ás peças ineditas que constam da bibliographia, umas originaes, outras traduzidas e algumas em collaboração com Filinto de Almeida, Alfredo de Souza e Henrique de Magalhães, ha a citar "Ignacia do Couto", parodia em 3 actos á tragedia D. Ignez de Castro, em versos soltos, com o auxilio de Alfredo de Souza; "Doutores", comedia em 3 actos, representada no Theatro S. Pedro de Alcantara, por iniciativa do Centro Artistico; "O Conselheiro", peça de costumes nacionaes, com musica de Nicolino Milano, representada no Theatro Recreio Dramatico em 22—5—1897; e a bella traducção em verso do drama "El gran galeoto", exhibida no palco do Theatro Recreio Dramatico a 6—6—1884.

Não se distinguiu no theatro, ficando até nós como poeta e *conteur*.

Infeliz foi a sua estreia no romance, com a edição de "Flôr de sangue", livro por todos atacado e que só encontrou a amizade de Raymundo Corrêa para o elogio e a defesa.

José Verissimo fez a justa apreciação da obra em um artigo, sob a epigraphe "Litteratura apressada".

Ainda nos legou "Philosophia de algibeira", sob o pseudonymo de Marcos Valente, "Licções de pedagogia", primeira parte (Psychologia) de curso professado na Escola Normal do Rio, e discurso de paranympho no mesmo estabelecimento de ensino.

Nasceu Antonio Valentim da Costa Magalhães na cidade do Rio de Janeiro, á rua do Conde d'Eu n. 58 (hoje Frei Caneca), no dia 16 de Janeiro de 1859. Erafilholegitimo de Antonio Valentim da Costa Magalhães, de nacionalidade portugueza, e D. Maria Custodia Alves Meira, carioca, filha de abastados negociantes .

Com um anno de idade perdeu o carinho materno e permaneceu sob os desvelos do extremoso pae que o criou com muitos mimos, por ser a criança debil, de compleição franzina.

O ensino primario foi dirigido pelos tios Dr. João Alves Meira e D. Maria Quiteria Alves Meira, até ser matriculado no collegio "Perseverança" do Dr. Fabio Reis de onde passou para o Internato S. Francisco de Paula (collegio Belmonte), sito no antigo Largo do Rocio. Ahi se manifestou a sua vocação litteraria, escrevendo aos 13 annos de idade versos para um jornal de caricaturas, mantido no Rio Grande do Sul pelo seu tio Gaspar Alves Meira.

O distincto clinico Dr. Rubião Alves Meira possui uma poesia de Valentim, escripta aos 9 annos de idade.

Em 1876 veio completar os preparatorios em S. Paulo, matriculando-se no anno seguinte na Faculdade de Direito.



Distinguiram-n'o, logo no primeiro anno do curso, os seus collegas, elegendo-o redactor de "Labarum", com Eduardo Prado. Dedicou-se, como já foi dito, á vida jornalística.

Casou-se, quando devia cursar o 4.º anno, com D. Adelina da Costa Magalhães.

Foram seus companheiros do "Entr'acto" e do "Bohemio", ambos illustrados por Narcizo Figueiras e Raul Pompeia, os collegas Assis Brasil, Theophilo Dias, Ezequiel Freire, Fontoura Xavier, Augusto de Lima, Randolpho Fabrino e Henrique de Magalhães. Os pseudonymos de Valentim eram Vicente Mindello, Victor Malin e Piff.

Bacharelou-se em Novembro de 1891 e mudou-se com a familia, mulher e um filho, para o Rio de Janeiro, indo advogar em Pirahy, no escriptorio do seu tio Dr. João Alves Meira.

Em 1883 fixou residencia definitiva no Rio, em cujo meio litterario já era conhecido, contando muitos amigos. Foi, então, que appareceram diariamente as notas á margem, apreciando homens e factos do tempo, com fina graça e capacidade critica.

Proclamada a Republica, Valentim deixou-se absorver pela febre do encilhamento e fundou a "Educadora", com o fim humanitario de facilitar o problema da educação, e mais tarde a "Economica", companhia de seguros. A primeira foi depois incorporada á "Sul-America".

Tambem surgiram-lhe as aspirações politicas e em 1903 pleiteou a eleição a uma cadeira de deputado pela Capital Federal, sem conseguir o successo almejado.

Na "Tribuna" escrevia os folhetins criticos, sob o pseudonymo de Marcos Valente, e na "Noticia" redigia a secção "Semana litteraria".

Em 1896 foi incluído entre os membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Foi nomeado professor de pedagogia da Escola Normal em 1884; emprehendeu a primeira viagem á Europa em 1894, percorrendo Portugal, Hespanha, França e Italia, e pela segunda vez, quatro annos depois, afim de visitar a exposição de Paris e conhecer a Inglaterra e a Belgica.

No anno de 1899 enviuvou, restando-lhe dous filhos.

Era socio correspondente da "Sociedade de Geographia de Lisbôa", membro do "Comité de patronnage de la Revue du bien", redactor da "Encyclopedia Portugueza Illustrada."

Alem dos ineditos a que atraz alludi, deixou ainda "Cousas da vida", e "Aguas passadas", livros de prosa, e prometteu: "Deus em viagem", poema, "Aqui, alli, acolá", estudos artisticos e litterarios e "Scenas e typos".

Caracterisavam o homem a sinceridade, a coragem, a honestidade, temperamento combativo, sentimentos affectivos e muita capacidade de trabalho. Como escriptor distinguiam-se-lhe a desenvoltura do estylo, a *verve*,

as qualidades de polemista, de prosador elegante e fluente, e de poeta imaginoso.

A sua principal feição litteraria é a de poeta, distinguindo-se tambem como *conteur* e chronista ou folhetinista.

Falleceu no dia 17 de Maio de 1903, victima de uma infecção intestinal que encontrou o organismo enfraquecido, porquanto nos ultimos tempos soffria os efeitos de uma dyspepsia nervosa.

Foi sepultado no cemiterio de S. Francisco Xavier, fallando Rodrigo Octavio á beira do tumulo, como representãnte da Academia; Raymundo Corrêa e Lucio de Mendonça, em palavras simples e commovidas, enviaram-lhe o derradeiro adeus.

#### Summario para um estudo completo.

A phase fagueira da existencia — O estudante escriptor — A vida jornalística — *Ceci tuera cela* — O folhetinista ou chronista — Alma de poeta — Feição dos contos e narrativas — Attrahido pela luz da ribalta — As apreciações criticas — Fracasso no romance — O publicista — Suas ideias politicas e philosophicas — O professor e a pedagogia — Politico incipiente — Vida afanosa, actividade sem par — O homem affectivo.





## CASTRO ALVES

*Patrono da cadeira n. 7.  
Nasceu em Curralinho  
(comarca de Cachoeira)  
na fazenda das Cabacei-  
ras, no Estado da Bahia, a  
14 de Março de 1847 e fal-  
leceu em S. Salvador a 6  
de Julho de 1871, sendo  
enterrado no cemiterio do  
Campo Santo.*

## Bibliographia

- 1 GONZAGA OU A REVOLUCAO DE MINAS — drama em 4 actos, representado pela 1.ª vez no Theatro S. João da Bahia a 7 de Setembro de 1867 — 88 pgs.— Rio, Typ. da Escola de Serafim José Alves.
- 2 ESPUMAS FLUCTUANTES — poesias — 259 pgs.— prefacio de Franklin Tavora — Rio, H. Garnier (nova edição) 1901 — A 1.ª edição é de 1870.
- 3 A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO — poema — 1.ª edição— 122 pgs. — Bahia, Imprensa Economica — 1876.
- 4 FRAGMENTOS DOS ESCRAVOS, sob o titulo de *Manuscripto de Stenio* — Bahia, 1876.
- 5 ESCRAVOS, poema brasileiro — precedido da biographia por Mucio Teixeira — Rio, Serafim José Alves — 1883.
- 6 NAVIO NEGREIRO, tragedia no mar, — opusculo — Sahiu antes na "Illustração Brasileira".
- 7 VOZES D'AFRICA E O NAVIO NEGREIRO — Rio, 1880.
- 8 A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO — (manuscripto de Stenio Gonzaga ou a revolução de Minas — Cartas ás senhoras bahianas), contendo as cartas de José de Alencar e Machado de Assis — 352 pgs. H. Granier (nova edição).

9 POESIAS POSTHUMAS — prefacio de Homero Pires — 122 pgs.,  
Bahia — Livraria Catilina.

Sacramento indica os seguintes ineditos: *Calhau*, poema sobre um facto historico da Bahia; *Don Juan*, drama; *O Diablo-mundo de Espronceda*, traducção incluída nas "Poesias posthumas".

Escreveu nos seguintes jornaes: *Diario da Bahia* (1861), *Jornal do Recife* (1862), *A Primavera*, orgão dos academicos de Recife (1863), *O Futuro* (1864), onde publicou uma apreciação sobre as "Poesias" de Augusto de Mendonça, "Luz" (Recife), *Estrella d'Alva*, (Bahia), *Ypiranga* (S. Paulo), *Independencia* (S. Paulo), *O Abolicionista*, etc. Foram publicados trabalhos seus em todas as selectas e anthologias e no *Almanack Garnier* de 1907 (duas poesias ineditas).

Ha varios retratos do poeta, occorrendo-me os que constam em "Vida e obra de Castro Alves" por Mucio Teixeira, na *Lyra Popular* e na *Littérature brésilienne* de Victor Orban.

#### FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 Ruy Barbosa — Elogio a Castro Alves.
- 2 Joaquim Manoel de Macedo — Supplemento do Anno biographico, pa. 59.
- 3 Teixeira de Mello — Ephemerides nacionaes, pag. 9, vol. II.
- 4 Joaquim Nabuco — Castro Alves, artigos publicados na *Reforma*, Rio, 1873.
- 5 Augusto Alvares Guimarães — Biographia na *Gazeta Litteraria* do Rio, ns. de 15 de Outubro e 1 de Dezembro de 1883.
- 6 Sylvio Romero—Historia da Litteratura Brasileira, vol. 2º, pag. 587.  
 " " —Livro do Centenario, vol. 1º, pag. 80.  
 " " —Evolução do lyrismo brasileiro.  
 " " —Quadro synthetico da evolução dos generos.  
 " " —e João Ribeiro—Compendio de Litteratura Brasileira, pag. 242.
- 7 Sacramento Blake — Dicionario bibliographico.
- 8 José Verissimo—Estudos de litteratura brasileira, vol. 2º, pag. 147.  
 " " —Estudos brasileiros, vol. 1º, pag. 183.  
 " " —Historia da Litteratura Brasileira, pag. 329.
- 9 José de Alencar — Carta na Cachoeira de Paulo Affonso e na Litteratura pantagruelica — Os abestruzes no ovo e no espaço.
- 10 Machado de Assis — Idem, Idem.  
 " " " — Critica, pag. 44.
- 11 Franklin Tavora — Prefacio das Espumas fluctuantes.
- 12 Euclýdes da Cunha.— Discurso (elogio) n. 4 da Revista Academica Brasileira de Letras.  
 " " " — Castro Alves e o seu tempo, conferencia.



- 13 Xavier Marques — A vida de Castro Alves.
- 14 Lucio de Mendonça — A Republica, do Rio, Outubro 1872.
- 15 Homero Pires — Prefacio das Poesias Posthumas.  
" " — Castro Alves. poeta social.
- 16 Julio Barbuda — Litteratura brasileira, pag. 369.
- 17 Mucio Teixeira — Vida e obra de Castro Alves.
- 18 Afranio Peixoto — Paixão e gloria de Castro Alves, na Revista do Brasil n. 23 e Poeira da estrada, pag 197.
- 19 Guiilherme Bellegarde — Subsídios litterarios, pag. 334.
- 20 Alfredo de Carvalho — Castro Alves em Pernambuco, 1905.
- 21 Pedreira Franco — Castro Alves (Visita á casa onde nasceu o poeta) Bahia 1890.
- 22 Alvaro Guerra — A mocidade brasileira, pag. 59 e 63.
- 23 Victor Orban — Littérature brésilienne, pag. 89.
- 24 Spencer Vampré—Castro Alves e seus amores — Panoplia (revista).
- 25 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira, pag. 475.
- 26 Almachio Diniz — Anthologia da lingua vernacula, pag. 367.
- 27 Ronald de Carvalho — Pequena historia da litteratura brasileira.
- 28 José Oiticica — Um ponto de litteratura brasileira ("Jornal do Comercio" de 25-12-1913).
- 29 Eunapio Deiró — Diario da Bahia.
- 30 Guiilherme Bellegarde — Conferencia — 32 pags. 1881.
- 31 Alexandre Herculano Ladislau—Esboço biographico de Castro Alves.  
Em 1881 o Gremio Litterario Castro Alves publicou um livro em homenagem ao poeta, no qual escreveram 53 homens de letras.

#### NOTICIA BIOGRAPHICA E SUESIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Poeta da Justiça e da Verdade pôde ser assim appellidado o joven que se devotou á redempção da raça captiva, que dirigiu um o'har de compaixão ao povo sem patria, repellido de todos por um estigma de herança, que se compadeceu da miseria humana, que defendeu opprimidos e vencidos e apaixonou-se pelas idéas elevadas e os sentimentos nobres.

"O que faz a sua grandeza, são essas qualidades, superiores a todas as escolas, que, em todos os estados da civilisação, constituíram e hão de constituir, o *poeta*, aquelle que, como o pae da tragedia grega, possa dedicar as suas obras "ao Tempo": sentiu a natureza; teve a inspiração universal e humana; encarnou artisticamente nos seus cantos o grande pensa-

mento da sua época". Foram essas palavras proferidas pelo grande Ruy Barbosa, quando teceu o elogio de Castro Alves, por ocasião do decennario de seu fallecimento.

Possue a obra do artista todas as cambiantes, desde o lyrismo terno e suave aos hymnos entoados á Natureza, do amor subjectivo e sublime aos inspirados arroubos épicos do poeta social e humanista. A sua lyra chora a desgraça dos afflicto e a triste sorte dos necessitados e vibra sonóra quando canta os sentimentos da alma e descreve as scenas da natureza tropical, do nosso Brasil.

Como Victor Hugo, o poderoso genio da palavra, elle sonha a liberdade dos povos, aspira o progresso social, vaticina a grandeza da America, pugna pela abolição do captivo, em antitheses arrojadas, versos heroicos, tropos de eloquencia e imagens de enlevo.

A obra de Castro Alves é sufficientemente conhecida no Brasil; excusome, portanto, de definil-a com mais detalhe. E' difficil, aliás, a tarefa de enquadrar esse vulto nos estreitos limites dos escorços ligeiros que traço para a "Revista do Brasil", como se verifica em relação a muitos outros escriptores.

Vejam os resumo da sua biographia e terei ensejo de fazer referencias ás produções do notavel poeta bahiano.

Era filho legitimo do Dr. Augusto José Alves, jente da Faculdade de Medicina da Bahia, e de D. Clelia Brasilia da Silva Castro. Nasceu na fazenda das Cabaceiras, proxima a Curralinhos, na comarca da Cachoeira.

Com 7 annos de idade acompanhou a familia que fixou residencia na capital da Provincia da Bahia, onde seu pae foi exercer o magisterio.

Obteve matricula, com seu irmão José, no collegio Sebrão, em 1856, e ahi se distinguiu pela precocidade do talento.

Dous annos depois foi transferido, como semi-pensionista e mais tarde interno, para o Gymnasio Bahiano onde manifestou aptidão para pintura e escreveu os primeiros versos, com a idade de 12 annos.

Em 1860 o director do collegio, o conhecido educador Dr. Abilio Cesar Borges (Barão de Macahúbas) publicou, contra a vontade paterna, os primeiros versos no folheto "Poesias e allocuções" (recitados nos outeiros ou festas litterarias e patrioticas, havidas no Gymnasio da Bahia, a 2 de Julho e 7 de Setembro de 1860).

Transferiu-se para Recife, com o intuito de concluir os exames preparatorios e matriculou-se na Faculdade de Direito em 1862, juntamente com o seu irmão José, tambem apreciado poeta. Continuou a escrever poesias e dedicou-se ao genero de caricaturas.

Só dous annos depois logrou a matricula no curso juridico e tornou-se conhecido, escrevendo chronicas litterarias e theatraes e recitando em publico as suas produções poeticas; captou a amizade de Tobias Barreto.



A atracção pela vida litteraria, a antipathia de um lente e, principalmente, a paixão que lhe inspirou a actriz Eugenia Camara, da companhia Furtado Coelho, foram a causa de haver sido approved simplesmente nas materias do 1º anno do curso academico.

Não se conformou com a nota inferior ao seu merito e repetiu o anno, sempre a publicar e recitar poesias e a improvisar discursos de incentivo aos voluntarios que seguiam para defender a Patria na campanha do Paraguay.

Acclamado o primeiro poeta da academia, teve de sustentar lucta porfiada com Tobias Barreto que, além de adversario, lhe votou inimizade e constituiu um grupo de admiradores da actriz Adelaide do Amaral, contra os que applaudiam Eugenia Camara, em torno de Castro Alves.

Verificaram-se, então, os desafios e os improvisos no Theatro, com a superioridade do poeta bahiano, apesar de só contar 18 annos de idade.

Em 1866, quando cursava o segundo anno, continuou accessa a lucta partidaria que se deslocou dos camarotes do Theatro S. Isabel para as columnas da imprensa: o poeta bahiano na *Luz* e o sergipano na *Revista Litteraria*.

Ausentando-se a companhia Furtado Coelho de Recife, permaneceu em companhia do poeta a actriz preferida que foi morar com elle na casinha de Barro, pittoresco arrabalde da capital de Pernambuco.

Em Recife escreveu a melhor parte de sua obra: quasi todo o poema dos "Escravos", da "Cachoeira de Paulo Affonso", o drama "Gonzaga" e muitas poesias avulsas enumeradas por Sylvio Romero, na "Historia da "Litteratura Brasileira".

Sobre os seus amores e incidentes da vida academica, recommendo a leitura da bella conferencia de Afranio Peixoto "Paixão e gloria de Castro Alves" e as biographias completas elaboradas por Xavier Marques e Mucio Teixeira.

A influencia de Eugenia Camara foi pernicioso ao poeta embora lhe emprestasse inspiração para grande parte das suas poesias lyricas; absorveu-o completamente, a ponto de determinar a interrupção dos estudos quando Castro Alves voltou á Bahia (1867), em companhia da amante, vivendo ostensivamente com ella. Na terra natal fez representar o seu drama "Gonzaga" no Theatro S. João, a 7 de Setembro do mesmo anno, recebendo a maior das consagrações, coroado em scena aberta e conduzido em triumpho ao hotel onde os seus admiradores lhe offereceram um banquete.

Durante a permanencia na Bahia compoz muitas poesias, recitou no Gremio Litterario, no Theatro São João e recebeu as homenagens a que faziam jus os seus successos em Recife.

No anno immediato (1868) dirigiu-se ao Rio de Janeiro, com destino a S. Paulo, levando a felizarda actriz. Ahi foi recebido com honras pelo mundo litterario e pela imprensa.



Obteve a consagração de José de Alencar, Machado de Assis, Pinheiro Guimarães, Francisco Octaviano, Quintino Bocayuva, Joaquim Serra, Fagundes Varella, Augusto Emilio Zaiuar, Rosendo Muniz, Salvador de Mendonça, Cesar Muzzio, Ferreira de Menezes e muitos outros homens de letras a quem leu o drama representado na Bahia.

Matriculou-se no 3.º anno da Faculdade de S. Paulo e teve a mais carinhosa recepção por parte da mocidade academica e da imprensa. Recitou em os sarás litterarios e mereceu, depois dos triumphos, a consagração de primeiro poeta brasileiro de seu tempo.

Approvedo plenamente nas cadeiras do 3.º anno, matriculou-se no immediato e separou-se da actriz que o abandonou, deixando-o taciturno e contemplativo.

Em um dos passeios campestres na Consolação, attrahido pelo prazer da caçada, disparou casualmente a espingarda no calcanhar, produzindo um ferimento grave.

Teve de ir ao Rio, afim de ser operado pelo Dr. Matheus de Andrade e foi-lhe amputado o pé ferido.

Sobrevieram-lhe os primeiros symptomas da tuberculose pulmonar e, em Novembro de 1869, regressou á Bahia onde se occupou em organisar o seu livro de versos "Espumas fluctuantes".

Permaneceu em companhia da familia até Fevereiro de 1870 e procurou o clima do interior, na fazenda de Santa Isabel (Curralinho). Conseguiu nelhoras sensiveis e continuou a escrever, no afan de augmentar a sua producção litteraria. Regressou no mez de Setembro á capital onde ainda brilhou e recebeu muitas homenagens do publico e dos litteratos. Apareceu, então, o volume das "Espumas fluctuantes" cujo successo foi geral, de sul a norte.

Novas conquistas amorosas, pois o joven poeta era disputado pelas filhas de Eva e invejado pelos rapazes.

A ultima vez que sahiu de casa, foi para recitar a poesia "No meeting do Comité du Pain" no theatro, a pedido da colonia franceza. Teve uma ovação delirante e sentiu-se peor, sem poder subir a escada de sua casa.

Continuou a trabalhar, presentindo a morte proxima e lamentando não viver mais dois annos para completar a obra e limar as poesias que escrevera. Publicou a "Carta ás senhoras Bahianas", em prol dos captivos e no dia 15 de Junho escreveu os ultimos versos "Gesso e bronze", ainda ineditos.

Na vespera da morte, quando soou meia-noite, disse: — Ainda mais um dia de soffrimento! — E falleceu, com 24 annos de idade, ás 3 1/2 horas da tarde do dia 6 de Julho de 1871, cercado dos entes caros. No dia seguinte foi sepultado no cemiterio do Campo Santo, sendo o feretro acompanhado de immenso cortejo funebre. A' beira do tumulo o Dr. Rozendo Muniz proferiu um discurso e João Brito recitou a poesia "Castro Alves".

A obra do poeta tem sido julgada com louvores por todos os criticos e muitos representantes da intellectualidade brasileira.

E' talvez o poeta preferido entre os romanticos, ao lado de Gonçalves Dias, Casemiro de Abreu, Fagundes Varela e Alvares de Azevedo, o melhor representante da denominada escola condoreira.

As "Espumas fluctuantes" já tiveram 18 edições, a "Cachoeira de Paulo Affonso" logrou 7 edições com titulos diversos (Vid. Afranio Peixoto — "Poeira da estrada", nota da pag. 245).

O seu mestre favorito foi Victor Hugo e, entre os autores predilectos, contam-se Lamartine, Byron, Espronceda, Musset, Gonçalves Dias, Casemiro de Abreu e Fagundes Varela.

A melhor parte da sua obra é incontestavelmente a que lhe deu a classificação de poeta social: "As vozes d'Africa", "O navio negro", "Pedro Ivo", "O Livro e a America", "Dous de Julho", "Quem dá aos pobres empresta a Deus", etc.

As suas poesias abolicionistas, além das citadas, são: "canção do Africano", "Adeus, meu canto", "A orphã na sepultura", "A tragedia no lar", "A visão dos mortos", "A cruz da estrada", "O remorso", "Bandido negro", "A supplica", "O Sybarita romano", "Mater dolorosa", "Ao romper d'alva", "A creança", "Confidencia", "America", "Anti-these" e o drama "Gonzaga".

A influencia de Eugenia Camara se fez sentir em "Dalila", "O vôo do genio", "A uma actriz", "Os tres amores", "Fatalidade", "O gondoleiro do amor", "Canção do bohemio", "Hymno ao somno", "Bôa noite", "O tonel das Danaides", "Immensis orbis anguis", "E' tarde", "Adeus", "Anjos da meia-noite" (em que a actriz é Fabiola), "Uma pagina da escola realista" e "Onde estás?".

Outras poesias compoz elle inspirado nos amores que teve em Pernambuco, Bahia e S. Paulo.

O condoreiro é emphatico, heroico e ás vezes épico e sublime; abusa de antitheses arrojadas e de imagens arrebatadoras. Bastava o poema dos "Escravos", a sua feição predilecta, para dar-lhe o renome que possui. Mas não se limitou a cantar a triste sina e os soffrimentos dos captivos; appreciou os destinos da Africa, condoeu-se da França derrotada em 70, manifestou sympathia pelos filhos de Israel, foi compassivo para com os orphãos e os pobres, cantou o heroismo de Pedro Ivo, o martyrio de Lincoln e a acção de catechese dos jesuitas, defendeu a liberdade em todos os diasposições e aspirou a proclamação da republica no Brasil.

E' indispensavel a leitura do livro prestadio de Xavier Marques "Vida de Castro Alves", além do conhecimento da obra poetica que nos legou o notavel bahiano, para se conhecer um dos melhores poetas que já teve o Brasil.

## SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A infancia — O collegial — Primeiras manifestações poeticas — Período aureo no Recife — Na Bahia—Consagração no Rio de Janeiro — Successo em S. Paulo — De regresso á terra natal — No sertão — Ultimo periodo — O poema dos escravos—O poeta social e humanista—Os amores de Castro Alves — Poesia lyrica e descriptiva — Gonzaga ou A revolução de Minas — Espumas fluctuantes, A Cachoeira de Paulo Affonso e as Poesias Posthumas — A esthetica da obra.

*ARTHUR MOTTA.*





PEQUENOS TRECHOS — *Octaviano de Mello* — Eds. *Weiszjlog Irmãos* — S. Paulo — 1920.

O presente volumesinho, destinado a servir de livro de leitura complementar nas escolas primarias, resente-se da mesma falha que caracteriza a mór parte dos seus congeneres adoptados quer em S. Paulo, quer em outros pontos do Brasil onde igualmente se cuida da instrucção publica — é arido. Os assumptos, muito bem escolhidos, muito bem coordenados, em relação ás exigencias dos programmas officiaes, não vestem, contudo, aquella forma peculiar da boa literatura infantil, que, pela naturalidade do estylo, pela ausencia de termos de complexa significação, pela apparencia de singeleza das noções transmittidas — constitua para as creanças antes um recreio de ledos attractivos, que não, propriamente, uma *disciplina*. Aliás, culpa não cabe toda ao A., obrigado a ter sempre em vista, ao escrever o seu trabalho, o cingir-se ás normas estreitissimas e asperas que representam, em a instrucção primaria, aquelles citados programmas officiaes. De uma complexidade e amplidão inconcebiveis em se tratando de instrucção primaria, taes

programmas, abarcando nas suas garras conhecimentos scientificos e historicos, conceitos moraes e principios sociologicos, que transcendem apavorantemente da delicada mentalidade infantil — tornam inequível a elaboraçào de um bom livrinho de leitura que apresente os predicados a que atraz alludimos. Dahi a aridez acabrunhadora que forma a eiva de quantos volumes por ahi apparecem, constrangidos á tarefa de ajudar pobres mestres-escolas a martyrisar inermes creancinhas com enormidades como — “Myopia e presbyopia”, “Metaes e metalloides”, “Chlorophylla”, “A ancylostomose”, “Hygiene do exercicio”; “A combustào”, “Funcções da raiz”, “Hygiene do systema nervoso”, “Funcções das folhas”, “Pressão atmospherica”, “Phenomenos physicos e chimicos”, e outros e outros, com que, nos “Pequenos trechos”, o A. houve que entremeiar as lições restantes, em que ainda ha uma certa dóse de suavidade.

A edição dos “Pequenos Trechos” está cuidadosamente executada, acompanhando as lições excellentes gravuras, que, com a nitida impressào do texto, dão ao volume elegante e agradabilissimo aspecto.

**NOVA SEIVA** — *Ed. da "Revista Feminina"* — *Typ. d' "O Estado de S. Paulo"*. — *S. Paulo, 1920.*

Com o intuito de offerecer ás creanças brasileiras, tão carecidas de livros deste genero, um volume de historias moraes, de sadia, amena, attrahente e proveitosa leitura, os editores da "Revista Feminina" emprehenderam a elaboração desta collectanea de contos, com a qual plenamente conseguiram o seu intento.

"Nova Seiva" é um bello livro de historias infantis, muito criteriosamente coordenadas e primorosamente illustradas, estando executado com notavel esmero e gosto, quanto á parte graphica, elemento de imprescindivel, consideração em trabalhos dessa natureza. Com cerca de 150 paginas, de grande formato, impressas nitidamente em optimo papel e solidamente encadernadas em elegantissimo volume, "Nova Seiva" constitue um brinde valioso, que ha de fazer as delicias de todas as creanças que o tiverem por mimo, e a sua leitura ha de produzir os mais salutaes efeitos na mente dos pequeninos leitores a que se destina.

Um valioso serviço prestou assim a "Revista Feminina" á geração infantil, proporcionando-lhe, eom o volume que editou, o prazer que para uma creança constitue a posse de um encantador livro de hsitorias com lindas figuras.

**BOLHAS DE ESPUMA** — *João Pinto da Silva. — Barcellos, Bertaso & C. — Porto Alegre — 1920.*

O sr. João Pinto da Silva, conhecido e apreciado literato e jor-

nalista rio-grandense, reuniu sob o titulo expressivo de — "Bolhas de Espuma", um punhado de chronicas e commentarios bordados á csmo e á margem dos mais diversos factos occorridos durante o periodo de 1916-1919.

Em todas ellas, com um estylo desembaraçado e elegantissimo, e demonstrando, de par com não rara cultura, uma adoravel verve de ironista bem-humorado — reponta sempre uma nota original, um conceito não banal, ou uma eomparação suggestiva, que fazem com que estas chronicas, escriptas para jornal, não peream senão muito pouco do seu brilho, com o distanciar-se da época em que se deram os feitos e casos que nellas são glosados.

Além disso, o A. cm muitos desses trabalhos, que de natureza são essencialmente alleatorios, soube encartar com muita arte bellas e bellas paginas descriptivas, que se lêm eom prazer e que se relêm com não menor agrado.

Assim, a proposito de um delicto rural, desereve elle o curiosissimo typo pampeano do — ladrão de gado, compondo esta pagina:

O ladrão de gado, o de verdade, é sempre um miseravel. Sahe, quasi invariavelmente, da classe malandra dos "agregados". O "agregado" é, no sul do Continente, uma das figuras mais interessantes da vida caniponeza. Tem qualquer coisa dos vagabundos de Gorky, desde o nomadismo nostalgico até á noção hypertrophizada da fatalidade, que o desfibra.

Apparece, periodicamente, ora numa estancia, ora noutra, uas estancias fartas, é claro, onde sabe que o churrasco é abundante e o *amargo*





não falta nunca. Obedece, instinctivamente, ao conselho do sabio e cynico "viego" Viscacha, do incomparavel *Martin Fierro*:

*Nunca llegués á parar  
a donde veas perros flacos...*

Cachorro magro é, assim, na synonymia pittoresca e barbara do gaúcho, demonstração ambulante e latidora de miseria...

Por isso, logo de entrada, o "agregado" sabe si no estabelecimento se come bem ou não: examina, ainda a cavallo, a cachorrada que o foi receber, lá adeante, na porteira, ladrando, colerica e teimosa. Si os cães estão gordos, sorri, de satisfeito, atira para a nuca o *sombrero* de abas larguissimas, apeia, e só abandona o *pouso* quando o enxotam, ou, então, quando desconfia, com o seu faro especial de vadio chronico, que lhe vão dar algum trabalho...

No caso contrario, si a cainçalha parece querer usar as costellas por fóra do couro, a sua demora é insignificant. Muita vez nem desce do cavallo. Finge que não conhece o caminho, diz que se perdeu, solicita informações e sahe, ao tranco, com fome e, portanto, mal-humorado.

Esse typo de parasita profissional comido de preguiça, é infallivel nos romances e contos gaúchescos e seu papel é sempre o mais antipathico nos pittorescos e violentissimos dramas crioulos.

Expulso, um dia, definitivamente, das estancias e, dessas fórmula, sem habitos sadios de trabalho, scm ter nada de seu além do *pingo* meio exhausto e duns *aperos* pobrissimos,

de que elle é incapaz de se desfazer, o "agregado" lança mão do ultimo recurso: rouba, por necessidade."

**A POLITICA DA GLEBA** — *Fidelis Reis* — Casa Leuzinger — Rio de Janeiro — 1919.

Essa obra é um reflexo da vida publica do autor, que é deputado em Minas, onde dirige com admiravel tino e elevação de vistas a Sociedade Mineira de Agricultura. Abre com estas nobres palavras, á guisa de lemma ou motto de bandeira: "Façamos a politica na sua noble idealisação, a politica do bem social, a civilisadora politica da paz e do trabalho, do progresso e da felicidade, que é o que reclama o Brasil". E Fidelis Reis, atravez de quasi trezentas paginas, de olhos postos nesse alevantado ideal, vae apontando com grande enthusiasmo e clarividencia as soluções que reputa melhores aos nossos mais importantes problemas nacionaes. Não revela nenhum pessimismo nem desanimo se bem que não procure disfarçar as nossas falhas e mazellas. Analysas, muito ao contrario, com verdadeiro desassombro, para alvitrar os remedios ou alexiterios reclamados pela gravidade da situação. Sua orientação em face das necessidades prementes do paiz é a mesma de Martim Francisco e de Cincinnato Braga — augmentar a produção, organizando o trabalho technico. Fóra dessa rota não vê elle salvação possivel. Ao passo que com a redempção economica virão por accrescimento ou de crescenças todos os demais progressos e melhorias, que de feito, a olhos avisados, não dei-

xam de apparecer senão como que em função (passe a imagem mathematica, visto se tratar de um engenheiro) da riqueza publica. Oxalá que os sabios conselhos do publicista mineiro floresçam e fructifiquem em copiosas e beneficas realidades.

**DICCIONARIO DE GALLICISMOS** — Carlos Góes — Livraria Alves — 1920.

O apêgo ao puro fallar dos antepassados é a pedra de toque da vitalidade de uma raça. Emquanto houver entre nós paladinos do classicismo, cruzados da san e lidima loquela portugueza, haverá esperanças de triumpho, apezar das torrentes alluviaes de advenas e immigrados. Grande obra de patriotismo será pois todo esforço intelligente ordenado a pôr um dique á influencia nefasta do francez, que tanto desfigura o nosso formosissimo idioma. E ahí está porque merece applausos o infatigavel polygrapho dr. Carlos Góes, por haver enriquecido as nossas letras com um "Diccionario de Gallicismos", recentemente publicado.

Depois da obra classica de fr. de S. Luiz, raros ensaios de tão real valor se têm destinado a dar combate a semelhante praga. Ha nelle muita ordem, clareza e precisão, de envolta com reflexões inteiramente novas. Para não nos extendermos em citações, limitamo-nos aqui a chamar a attenção dos ultimos abencerragens do puris mas para a reabilitação, admiravelmente fundamentada pelo autor, do vocabulo "voluptuosidade", condemnado por Bluteau e geralmente tido

como espurio e estygmatisado na propria lingua donde o julgam erradamente originario. Que tal opinião não resiste á menor analyse mostra-o o conhecido escriptor de modo convincente, cotejando-o com "graciosidade", "religiosidade", "licenciosidade", e outros muitos substantivos emergentes de adjectivos com a apposição do suffixo *dade*.

Pequenos são os reparos que se poderiam fazer em relação á obra tão util. O mais importante delles consistiria em lamentar que o autor não lhe desse grandes proporções, registrando maior copia de vocabulos e modismos francezes. Vê-se, porém, pelo simples manuseio do volumezinho que se trata apenas de uma arremettida inicial, destinada a ampliar-se cada vez mais, nas numerosas edições que se hão de seguir. Nellas serão certamente feitas algumas rectificações de certos enganos, devidos talvez á pressa da revisão. Assim que, não é verdade que "titere" sôe a gallicismo. Já escreveu Bernardes, na Nova Floresta, palavra *Alma*, tit. III, cap. XXI: "Uma só alma grande assistia de fóra a todos os corpos, regendo-os e movendo-os, bem como (podemos explical-o assim) um engenheiro bole com os titeres". Além disso tal palavra é registrada por todos os dicionaristas e já deitou, de ha muito, boa filharada: "titerear, titeireiro, titeriteiro..." Mas é provavel que a observação do illustre philologo atirasse a *marionette* e só por um lapso fosse inquinado de francezia o classico *titere*. De fóra parte taes distrações (Quandoque bonus...), o novo trabalho do sr. Carlos Góes mantem-se á altura de seu festejado

nome e é além de tudo, como valente defesa da nossa lingua, um bello acto de patriotismo.

**O PROFESSOR JEREMIAS**—*Léo Vaz* — Ed. “*Rev. do Brasil*”. — S. Paulo, 1920.

Se, porventura, não julgasse eu que á critica não cabe contar o cnetrecho dos livros que analysa, pois é tirar ao leitor, com o imprevisto, o maior encanto da leitura, estaria agora em difficuldades para o fazer. Este livro não tem enredo. E' um romance, espelho da vida, e por tal forma fiel ao seu destino, que desdenha de alterar a realidade, curvando-a ás necessidades de uma acção seguida e predeterminada. Separou-se o Professor Jeremias da mulher, esposa incommoda e atrabiliaria, que lhe levou o filho. E' a este filho, ausente e desconhecido que o velho professor escreve a sua auto-biographia, passeando uma longa experiencia com um espirito subtil pelo microcosmo de Ararucá. Forma o livro como que um collar de contos incisivos e curtos, tão curtos quanto profundos, tão incisivos quanto naturaes. Logo de inicio descreve a mulher: “a D. Antoninha tocara ao nascer um lote de imaginação lamentavelmente reduzido. Só via as coisas isoladamente, em absoluto. Carregava o eixo do mundo consigo e essa carga tornava-lhe o genio desagradavel. A vida, que pôde ser assistida com prazer, mediante alguma despreoccupação, sabia-lhe ininterruptamente a tragedia e eram lances tragicos os mais insignificantes lances de nossa vida em S. André. “Divorciado” semanas mais tarde li nos jornaes a minha

demissão, seguida da designação desta escola de Ararucá, para onde vim continuar a minha faina de mestre publico, “a bem dos interesses do ensino” diziam os papeis da Secretaria. Mas eu bem vi nesses interesses o dedo de D. Antoninha, que possuia espirito vingativo; e a idéa de que afinal ella terá colhido alguma satisfação desse feito me consolou do transtorno. E já lá vão onze annos! como se suspira nos dramas.” Installado em Ararucá, entre a escola onde professava e a pharmacia onde disqueteava, decide-se o professor a escrever as suas memorias. E começam então esses contos, ás vezes deliciosos de graça e de imprevisto, que formam o trama do livro. Vem de muito longe do dia da sua vinda ao mundo. “Não me lembro de ter nascido. E' uma acção cuja realidade sou forçado a basear em informações alheias, mais ou menos convincentes sem poder fazer della uma demonstração inatacavel. Assim procedo com a prudencia de quem é filha a sabedoria e sobrinha a sciencia. Quem seria hoje Euclides si se tivesse preocupado, mais do que manda a razão, com a realidade do seu postulado? Talvez um cogitabundo embalsamador de mortos. Emquanto isso, um seu visinho mais sensato, a quem occorresse a mesma idéa, escreveria o tratado. E seria hoje para o visinho de Euclides, e não para Euclides a admiração dos preparatorios de Geometria. Suppõe que esse visinho usurpador se chamasse por exemplo Thalotés. Seria o nome de Thalotés e não o nome do Euclides o que receberia o preito das notas de fim de pagina, nos compendios. Por isso,

meu filho, aprende a não insistir despropositadamente pela segurança das verdades humanas". E assim nessa voz tranquilla e surda, nesse espirito de ironia transcendente, nessa expressão familiar e pura, sempre natural e elegante, desfia o autor o seu rosario de capitulos, em cujos titulos já transparece a sugestão do conteúdo: Os foguetes, 93, A voz do Sangue, Um Socco, As Bolinhas, o Tabique, Um Reboiço, A Historia do Violino, Os Peixinhos, Ajudem-se os Santos, Sotero o Altruista, As Duas Irmãs, Festa das Formigas, e tantos mais.

Alguns desses capitulos como "Os Peixinhos", imagem viva da questão social, "Ajudem-se os Santos" ou "As Duas Irmãs", de uma deliciosa psychologia, "Os Foguetes", "93", satyra admiravel de nossa vida politica, "Sotero, o Altruista" ou "O Suicidio" são pequenos encantos literarios.

O processo mais commum do autor é raciocinar sobre o fundo das coisas, por meio das apparencias. Raras vezes vai directamente ao centro de uma idéa. Toma uma imagem, emprega uma analogia, compõe um apologo, sempre fugindo ás affirmações, a não ser as paradoxaes e aos juizos categoricos e simples. Soccorre-se a todo o momento do contraste entre a intenção e a acção, entre a idéa profunda e geral e a sua expressão prosaica e particular. No manejar esse contraste, muito mais arduo do que parece, usa em geral de uma technica quasi firme, de uma arte verdadeira e de gosto seguro.

O gosto é característico e natural no autor. E' o sentimento do equilibrio na belleza, feito de modera-

ção, naturalidade simples, harmonia, discreção e subtileza.

Nem sempre impede o sacrificio da belleza, moderando todos os impulsos e quebrando a energia, que é o elemento talvez essencial do bello. Ha verdadeiro gosto neste livro feito em surdina, em phrases curtas e simples, sem amplificações nem movimento apparente, com uma harmonia toda interior e apenas com os defeitos de uma estréa, em genero tão difficil. O autor é um tímido, cioso do seu mundo interior, fugindo á expressão dos sentimentos, entre um olhar de orgulho mal contido e um sorriso velado de cynismo. Accentúa justamente um absoluto desprendimento por todas as coisas vulgares do sentimento, refugiando-se na razão pura. O sr. Léo Vaz é um homem para quem o mundo exterior existe apenas na intelligencia humana. Dahi um profundo desdem e uma grande piedade pelas coisas humanas. Mas a piedade é profunda, ao passo que o desdem é superficial. Nem uma nem outro são apparentes. O que mostra é uma perfeita seriedade, quasi a severidade do "humour". Transparente como é essa gravidade apenas exterior, deixa ver ao fundo o pessimismo do autor. Esse puro intellectual, para quem a realidade é uma apparencia, e a razão humana parece a unica certeza, zomba da propria razão, mostrando, nessa deliciosa historia do louco de Juquery, o absurdo da logica inflexivel, que se não adapta ás circumstancias da vida e raciocina pelas simples deducções do espirito. Será possivel, depois disso, afirmar que a intelligencia é a unica fé do sr. Léo Vaz? A unica certeza deste livro é

a duvida, a unica fé a daquella “eterna passagem de dia a dia, de minuto a minuto” de que nos fala Montaigne, a continua evanescencia das coisas, que Anatole France exprimiu em uma phrase admiravel ao lembrar que “*même les cieux que nous croyions incorruptibles ne connaissent d'éternel que l'éternel écoulement des choses*”. Porque não lembrar que foi esse talvez o cerne do pensamento hellenico, desde o espirito apollineo de Homero que comparava a geração dos homens ás das folhas, que o vento espalha pelo solo para que a floresta de novo germine, até o baixo espirito dyonisiaco de Luciano, para quem a vida humana era tal qual essas fragéis bolhas de espuma, produzidas pelas cascatas, irisadas ao sol e logo evaporadas?

O espirito desse livro do sr. Léo Vaz, ao mesmo tempo que naturalmente espontaneø e local, liga-o ás grandes idéas immortaes, tanto é certo que para o verdadeiro caracter das obras de arte é mistér não lhes tirar a essencia humana.

Ao fundo de toda aquella negação, encontrou o sr. Léo Vaz o sorriso da resignação. Foi a flôr que o professor Jeremias colheu de sua ironia substancial, feita de desengano e piedade. Sentindo a vaidade de todas as coisas, o ridiculo ás vezes sublime da acção, o transito ephemero dos homens pela terra, bebeu essa lição de conformidade, sem revolta violenta senão pelo desdem risonho que a tudo vota. Foi o que lhe ensinou o velho cão, a que um brinco de creança amarrara uma lata á cauda: — “Um cão bem cão é sempre vagabundo: conserva a independencia primitiva... Independen-

dencia relativa, porém, que apenas se refere aos animaes da tua especie. Quanto ao resto, a mesma fatalidade que tange os da tua, tange os da nossa. Viver é depender. — Não admira portanto, ironisei, que para ahi andes vexado por essa carga humilhante... — Que? Isso?... respondeu estirando o beico para a lata, é isso que te impressionou? Não é mais humilhante do que o resto: é apenas mais visivel... Sempre é verdade que o primeiro juizo é tão imperfeito e falso nos homens como nos cães. Sim, por que a principio quando o pequeno ahi da casa me atou a esse tijolo, senti-me realmente indignado. Dei alguns arrancos que me magoaram a cauda, uivei, arremessei, mordi a minha propria cauda... Mas afinal acabei por me conformar. E ri...”

E' o que nem todos os cães sabem fazer, e morrem alguns, talvez os melhores, luctando contra a lata prosaica e indiscreta...

Mas nem aos proprios sabios permite a vida descanço. Quando melhor dissertava o discreto animal sobre a philosophia da adaptação, ouve-se um “ruído aspero de folha esfregada. Era o cachorro que fugia, ganindo a uma caneca dagua fervendo que lhe arremessara D. Antoninha, inimiga de vagabundos mesmo cães”.

E' mister observar no sr. Léo Vaz uma circumstancia que é certamente, uma das chaves do grande encanto que desperta. Nunca accentúa as palavras de espirito, nem geralmente demora na significação dos seus symbolos. E' um signal de verdadeiro artista e que nem sempre se encontra em nossa literatura. Outro

ponto curioso da arte do sr. Léo Vaz é a ausencia de paizagem. Não ha sequer uma arvore nesse livro. Reduz ao minimo as descripções, limitando-se aos traços essenciaes e indispensaveis. Pois bem, com toda essa ausencia de natureza, com todo o laconismo da caracterisação do meio, com esse intellectualismo fundamental que o distingue, é profundamente verdadeiro e veridico o livro. A vida pacata e monotona desse povoado do interior, os typos ephemeros da pharmacia ou da escola, as mulheres que passam de relance por essas paginas mysoginas, são observadas com uma rara agudeza de visão e expressas com um excèpional talento de artista. Como observador, é um impressionista, procurando nas coisas a nota característica. Como artista, pelo contrario, foge das tintas vivas, ao exprimir as suas observações que vêm sempre envoltas num symbolismo transparente e discreto, onde quasi tudo é subtiliza e surdina.

Romances ha que dispõem de todos os requisitos para ter vida e não a tem. São movimentados, commoventes, coloridos, imaginosos variados e no entanto nunca passam de um aglomerado de condições favoraveis mallogradas. Falta-lhes aquella harmonia profunda e inexplicavel, que faz de um conjuncto de orgãos e funcções um ser vivo. Essa scintilla, que se diz divina, e que biologicamente combina os elementos vitales para os transformar em vida, é tambem indispensavel em arte, para espiritalisar a materia ou a palavra. Na physiologia, como em esthetica, o movimento é a base da vida, mas não basta o movimento para produzir a vida. E assim tambem não

bastam luz, som, calor, o que tudo afinal a movimento se reduz. Mas é aquella mysteriosa harmonia das vibrações vitales que faz viver a obra de arte. A este livro falta movimento apparente, falta fantazia, falta paisagem, falta variedade, falta commoção, falta luz, parecem faltar todos os elementos do romance, e no entanto vive, vive intensamente dessa vida que se prolonga e mantem em nossa memoria feita de vibração interior, de pensamento agudo, de ambiencia mais presentida que provocada, de realidade profunda nas personagens e nos factos, de pequenas minucias luminosas e significativas como de imagens admiravelmente expressivas, adequadas e originaes. Não é isento de defeitos sempre leves.

Poderia, por exemplo, ser ainda mais conciso, e ás vezes menos forçado e tortuoso. Mas nada disso affecta a essencia do livro. O que ainda ha a destacar nesse volume é a lingua em que é vasado. Sem um termo deslocado, sem uma construcção preciosa, ou vulgar, sem rhetorica nem desleixo, é um estylo puro, elegante e preciso, de rara personalidade e character.

O professor Jeremias, como se vê, é uma alma compassiva e debil de apparencia, com uma ironia profunda e risonha, uma grande convicção da vaidade profunda das coisas, e, justamente por isso, um verdadeiro carinho por todas as fórmulas e aspectos; libertado de preconceitos, sybarita e pyrrhónico, irmão daqueles typos que Anatole France e Machado de Assis immortalisaram, incapazes de acção espontanea, optimistas por desengano integral e fructos de uma civilisação requintada e

decadente. Figuras como essa, em nossa literatura, são perfeitamente expressivas do momento intellectual que atravessamos. Não ha nella imitação ou desejo de originalidade senão uma suggestão profunda de atavismo. Podemos dizer, sem receio de errar, embora sem vaidade, que ainda permanecemos em um gráu de civilisação grosseiro e ineiciente, apenas capaz, portanto, de produzir typos literarios elementares e ardentés, com o amor das côres vivas e das affirmações categoricas, a inconsciencia e a alegria da infancia immoderada e ruidosa. E é nesse meio e nesse momento propicios ás figuras do sr. João do Rio, que surgem esses typos de admiravel e apenas prematuro equilibrio de Machado de Assis, dos srs. Afranio Peixoto e Lima Barreto e agora do sr. Léo Vaz, cuja estréa, ao que parece, é uma formosa revelação. Da estirpe intellectual de J. P. Richter, de Sterne, de France, de Machado, conquista, com este livro, um posto de certo relevo em nossa literatura. Pensamento subtil e profundo, de admiravel ductilidade e aguda observação da alma humana, imaginação engenhosa e adequada, com elegancia e gosto na expressão, pouco lhe ha de faltar para vir a ser o ironista que pretende. Do principio ao fim do volume, ao par da duvida optimista que faz a ironia, encontra-se essa mobilidade do pensamento e da palavra que faz a graça. E' um livro de authenticio atticismo, sem desradicação. Pelo contrario, está perfeitamente enraizado no torrão, pela ambiencia physica, pelo meio social, pelos aeontecimentos, pelas imagens, pelos estados de espirito, pela fórmula. Assim deve ser

o verdadeiro caracter nacional das obras de arte. Sem sacrificiar o pensamento humano e eterno ás contingencias de uma região, devem receber dessas contingencias, já então profundas e necessarias, todo o processo de manifestação sensível do pensamento. E' o que se encontra, além dos outros caracteres e encantos apontados, no livro do sr. Léo Vaz, que incontestavelmente é um dos melhores do momento.

*Tristão de Athayde.*

— Recebemos:

ALMANAK DE BOTUCATU' — Augusto de Magalhães — Botucatu' — 1920; BOLETIM do Club Naval — Vol. 7, Dezembro de 1919 — Rio de Janeiro; LIGEIRAS CONSIDERAÇÕES REFERENTES AO ENSINO GYMNASIAL — Amadeu Mendes — Typ. Genoud — Campinas — 1920; DISTRIBUIÇÃO E FREQUENCIA DA LEISHMANIOSE EM S. PAULO — Dr. Romeu Carlos da Silveira — Casa Mayença — S. Paulo, 1920; RELATORIO apresentado á Congregação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, pelo director, Prof. Sarmiento Leite — Livraria do Commercio — Porto Alegre, 1920; PARANA'—S. PAULO — 2 vols. — Documentos colligidos pelos peritos paranaenses na questão de limites, drs. João Moreira Garcez e Ermelino Agostinho de Leão — Corityba — 1919; AS LEIS DA EXPULSÃO E O DOGMA CONSTITUCIONAL — Conferencia—Theodoro Magalhães — Rio de Janeiro — 1919.



## JOSE' INGENIEROS

A "Revista do Brasil" publica neste numero um notavel estudo sobre a situação social russa devido á penna do grande sociologo argentino José Ingenieros. Convidado ha tempos para honrar a Revista com a sua preciosa collaboração, deferiu nosso pedido e hoje a inicia com esse trabalho devéras notavel e que tanta luz derrama sobre a revolução encabeçada por Lenine.

E temos esperança de que não ficará ah!, continuando a projectar a luz da sua alta mentalidade por intermedio da nossa publicação, contribuindo, des'arte, para o estreitamento das relações intellectuoës entre as duas grandes nações sul-americanas, que mais amigas serão quanto mais se conhecerem.

## NOTA POLITICA

### MINAS CONDEMNA OS PINGUINS

Se Gulliver fizesse uma visita á banca mineira, na Camara Federal, não seria maior o pavor. Maior nem mais comico. Excepção feita de algumas personalidades de incontestavel valor, — "rari nantes in gurgite vasto" — os mais, que só devem a sua posição á sabujice e á ardileza, estão literalmente aterrados com o programma, desfraldado pelo sr. Arthur Bernardes, da "mse en valeur" (perdoem-nos a pedantesca francezia) da cultura, da intelligencia e do labor indefesso. Doravante a devassidão elegante, o charuto á bocca e o exercicio da mais

deslavada famulagem vão baixar de cotação nos arraiaes politicos...

Onde estão — oh! deuses tutelares das Montanhas! — os grandes satyricos da nossa raça, os Antônios Dinizés, os Gregorios de Mattos, os Monteiros Lobatos, para descreverem o divertidissimo "solverse quem puder" deste quadro digno de tentar a penna de um Swift?! Venha a anthropo-mymercologia litteraria emboccar a tuba joco-seria que está a pedir esta hyssopaida e cante-nos, ou assobie, a batrachomyomachia assignalada dos politicos que, no afan de serem homens, nada mais conseguem do que ser compadres... Aqui é um que annuncia aos quatro ventos, por complacencia de um amigo jornalista, ruído "camelot" do telegrapho, das mofinas e dos "consta", que na organização ou desorganização de um phantastico directorio "Yaku" foi votada uma moção de applauso e solidariedade acompanhada da indefectivel saudação das sete reverencias: — Ickpling glofftorbb sgnut-seumm bliopm lashmalt, zwin tnodbalk-guffk shiephad gusdelubb asht. Allí é outro, absolutamente inoffensivo, que após triennios e triennios de ex-tigre se imagina de goþe dotado de dúbolicas gadanhas e assoalha o proximo apparecimento de uma gazeta — ogra, sepultreira de prestígio e desvalijadora de boas reputações. Mais além é um truanaz ar-timanhoso que agita, como avelorios, aos olhos deslumbrados de "payayás", "caramurús" e "jeca-tatús" não se sabe bem que vagas promessas de uma ponte ou estrada de ferro, que ha de espirrar da cornucopia governamental, mercê de seu grande valimento. E é um nunca acabar de thurificações e "bandar-loguices" mais



que sufficientes para os afastar irremediavelmente de todos os parlamentos "mirins" ou "gnassús", de Uganda ou Blefiscu, quanto mais destes Brasís não "cazingós"...

Graças a Deus, tão burlescas attitudes só servem de agantar, por contraste, o saneadora varredura que, segundo se anuncia, vai restituir á gloriosa e civilisadora Minas o seu prestigio de outróra. Tomáramos vel-a imitada nessa obra de renovação por todos os demais Estados da República, pois cá e lá suas fodas ha. "Fiquem" no congresso só os que estudam os nossos problemas e procuram resolvê-los, "para o bem geral do nação." "Fiquem" os cidadãos realmente dotados de caracter e de intelligencio, os moís capazes e mais uteis, — os homens emfim, uma vez que os nossos grandes electores ainda não receberam do Altissimo a virtude thaumaturgica que foi outorgada ao velho S. Médard, de transformar com a aspersão de uma pouca d'agua a natureza "silenciosa" dos pinguins... Mui ao contrario, tem sido a applicação do rdo inverso a causa do reboixamento da nossa vida publica. Porque o processo magico, usado até agora, com algumas raras e honrosas excepções, pelos "espiritos paredros" (vá a expressão demonologica de Bernardes) cifra-se em tomar entre mãos uma joven esperança da patria e pronunciar sobre ella a famosa oprostrophe liturgica: "Ego te baptizo carpa" ... E aqui entra não só a carpa, senão as mais humildes, submissas e orelhudas variedades da fauna brasiliense.

Mas já surgem os gritos de alarma. E Minas, "non ignara mali", promette dar o bom exemplo, cheia ainda daquella nobre e santa indignação, que lhe fez brotar do coração, com o sangue generoso, de seus heroicos filhos, os palavras de ouro do poeta mantvano: "Libertas quae sera tamen" ..

J. A. NOGUEIRA.

#### ARIEL

E' caso digno de nota, que quando uma nação atrahida pela grandeza ou pelos progressos de outra pertencente a raça diversa da sua é levada a imitar sem peias, seus traços característicos e nacionaes,

procura assimilar especialmente as qualidades nocivas e as menos compatíveis com a sua indole.

Assim deu-se na Grecia quando alli penetraram os costumes orientaes, assim deu-se em Roma quando esta foi conquistada pela cultura hellenica e tem-se dado em todos os paizes que preferem perder seus caracteres nacionaes a deixar de importar costumes exóticos. Assim está se dando em toda a America Latina com relação á cultura dos Estados Unidos. No Brasil o habito de macaquear tudo quanto é estrangeiro, é, pode-se dizer, o unico que não tomamos de nenhuma outra nação. E', pois, o unico traço característico que já se pôde perceber nessa sociedade em formação que se chama: o povo brasileiro.

Arraigou-se de tal forma esse habito em nossos patricios que já antes de expirar entre nós o regimen ao qual devemos setenta annos de prosperidade, os propagandistas davam como principal razão a favor do novo regimen, a da excepção na America! Entretanto, a nação que, pelos seus progressos conseguiu attrahir melhor as sympathias do governo e do povo brasileiro foi justamente a menos digna de nossas sympathias, a ma's impropria para ser imitada; foi a republica dos Estados Unidos. Foi essa sympathia e consequentemente essa imitação, que creou em nós uma attracção infreme pelo utilitarismo yankee. Um outro factor que influiu sobremodo para o desenvolvimento do utilitarismo no povo brasileiro e dessa nossa tendencia natural para imitar tudo que é estrangeiro, foi a importação do regimen republicano. A Strauss não passou despercebida a superioridade da monarchia sobre a republica, na formação e no desenvolvimento intellectual de uma nacionalidade.

A Suissa depende intellectualmente da Allemanha como os Estados Unidos da Inglaterra. Notara o grande philosopho germanico que a seus patricios apparecem aquellas republicas, dotadas de um realismo grosseiro, de um empirismo frio e prosaico e que, ao serem elles transportados a seu solo, falta-lhes essa atmosfera delicada que haviam respirado em sua patria. Nos Estados Unidos, ha, além do mais, um ar infecto de corrupção que se exhala das classes que governam, difficil de ser



encontrado na Europa. O utilitarismo e a preocupação de ganhar dinheiro, a *auri sacra fames*, conquistaram os norte-americanos em detrimento do espirito intellectual, da moralidade politica e da propria liberdade individual. Isso deu aso a que Schopenhauer os qualificasse de proletarios da humanidade. Seu character proprio, diz elle, é a vulgaridade sob todas as formas: moral, intellectual, esthetica, vulgaridade que se manifesta não somente na vida privada mas tambem na vida publica. O auctor de *Die Welt als Wille* attribua essa vulgaridade em parte á constituição republicana dos Estados Unidos e em parte, á sua origem, isto é, á terem sido no principio uma colonia penitenciaría ou por possuírem por ascendentes, "homens que tinham razões para fugir da Europa."

Seja qual fór a causa, o certo é que o utilitarismo mais do que o de qualquer outro, já dominou o espirito do povo norte-americano. O nosso caminho a seguir devesse ser o mais conforme a nosso temperamento. Não possuímos a actividade, a disposição a certos trabalhos, de modo tão accentuado, como os habitantes das terras frias.

O utilitarismo *yankee* não se coaduna absolutamente com a indole do povo brasileiro, que não tem semelhança alguma com a do norte-americano da qual é o extremo opposto.

A sua intuição entre nós levar-nos-ia, naturalmente a veredas diversas das que dirigiam os norte-americanos. E' uma illusão, crêr-se que a adopção delle dar-nos-ia o vigor e a actividade naturaes nos yankees. Do connubio entre individuos pertencentes a raças oppostas, sahe, na melhor das hypotheses, o albino. Imagine-se o pandemonio que nasceria do entrelaçamento de duas civilizações completamente differentes. Tanto a reunião entre individuos de raças diversas como entre civilizações oppostas é sempre monstruosa, os seus productos não o podem ser menos. Só o desenvolvimento das qualidades naturaes de um povo pode tornalo prospero e feliz. A actual civilização dos Estados Unidos é um exemplo disso. Os germens do utilitarismo já os levaram consigo os passageiros do *Mayflower* e os colonisadores da Virginia. Desenvolveram-se naturalmente tornando-o numa

qualidade innata e intrinseca, na nação norte-americana. Ora, não ha quem deixe de admirar o extraordinario poder de iniciativa, a consideravel actividade physica, a incomparavel força de organização que caracterizam o povo norte-americano. Não ha quem, intimamente, deixe de admirar-o, embora poucos sejam os que podem estimar-o.

No proprio Brasil ha homens que têm-se mostrado avesso á mania de americanisação de tudo quanto é nacional em desproveito na nossa propria individualidade.

Um delles, José Verissimo, dizia, ha tempos:

"Eu confesso, não tenho pela desmarcada e apregoadissima civilização americana, sinão uma mediocre inveja. E, no fundo do meu coração de brasileiro alguma cousa ha que desdenha daquella nação tão excessivamente pratica, tão eminentemente, perdoem-me a expressão, *strugforlista*."

Em outro lugar diz o notavel critico dos *Estudos de Litteratura*: "Admiro grandemente aquelle egregio povo, mas não o invejo e, sobretudo — e isto para nós é o principal — não creio applicavel utilmente ao Brasil quanto lhes fez o progresso admiravel nem quanto os desvanece a elles mesmos."

Caso a civilização *yankee* fosse applicavel a nosso paiz, o seu *abstractum*, o que a torna grandiosa em sua patria nunca aportaria nas plagas brasileiras, porquanto a indole de um povo não se modifica tão facilmente á simples acção de agentes externos. Demais, as nossas condições climatericas impediriam que isso esdesse.

Quando muito seguiriamos a regra geral importando apenas as exterioridades dessa civilização, quero dizer, os defeitos, que ella possui e que não podia deixar de possuir dado o seu character emphatico e exagerado. Apenas serviria, — se isso significa servir — para fazer crescer as nossas desventuras, parasitar esta civilização já doentia e desidiada, tirandonos, mais, o character de povo livre moralmente, character que já quasi não possuímos e acelerar a formação, de que não estamos longe, de um cadinho aberto aos defeitos de todos os povos, no qual só ficará de nacional a propriedade de saturar-se delles.

O nosso *desiderandum* é o caminho que nos traçou a natureza, só elle nos fará prosperos e felizes, só elle nos dará um caracter nacional de que tanto carecemos. E o caminho que nos traçou a natureza é o que nos conduzirá a Ariel, sempre mais nobre e mais digno do que Caliban.

Ariel, o genio do ar, em *The Tempest* de Shakespeare, representa a espiritualidade em contraposição a Caliban, symbolo do utilitarismo, e que além do mais é um *savage and deformed slave*.

Ariel, diz Clarin, no estudo publicado como Prologo, á magnifica obra do notavel pensador uruguayo José Enrique Rodó, recentemente fallecido, Ariel "ama a intelligencia por si mesma, a belleza, a graça e os puros mysterios do infinito."

E o velho e venerando mestre a que soiam chamar Prospero, por allusão ao sabio mago da "A tempestade" de Shakespeare, assim dizia á mocidade sul-americana prognosticando a victoria, entre nós, de Ariel sobre Caliban:

"Costumo embriagar-me com o sonho do dia em que a realidade fará pensar, que a cordilheria que se ergue sobre o solo da America, foi tallhada para ser o pedestal definitivo desta estatua (a de Ariel), para ser a ara immutavel de sua veneração."

*Sergio Buarque de Hollanda*

### ZEPHA

Não nos importa bater na mesma tecla amarellecida pelo tempo e ferir as mesmas cordas frouxas do desuso. Por muito estudados os nossos costumes sertanejos encontramos, sempre, um sabor novo e exquísito em qualquer factó, typo ou aspecto, relembrando o sertão que nos caía sob os olhos.

Que o leitor deixe, pois, o aconchego da cidade e venha viver uns instantes, connosco, a muitas leguas d'ahi, á margem de uma dessas correntes grandiosas e pestilentas, que são o nosso inconsciente orgulho e o terror das populações marginaes, restos miserandos das endemias multiplas e dizimadoras, catalogadas nos quadros nosologicos e tidas no sem-apreço ou indiferença criminosa dos governantes.

Terras goyanas, mui proximas das do Cuyabá, nas cercanias das aguas que se bipartem pelos quadrantes de norte e sul... Sertão adusto e bravo, despido de conforto e cheio de calamidades, pleonastico na repartição rythmica de desgraças.

Atravessemos o Parahyba e vamos, ribeirinho, aguas a cima, por um dos seus numerosos affluentes da direita seja o Claro, o Verde, o Corrente, o Aporé ou do Peixe (que possui na passagem da barca, no caminho de Sant'Anna ao Jatay, uma lagôa thermo-sulphurosa de grande valia na cura de molestias de pelle, rheumaticas e catharraes), ou qualquer outro e vencendo o estalão das chapadas, ganhando os espigões, rodeando as cabeceiras, descendo as vasantes, estadeando nas alfombras dos buritys, palmilhando os massapés, vencendo os areaes, approximemo-nos das cabeceiras dos fios d'agua primordiais do Araguaya — o mais bello e soberbo e empolgante espectáculo da natureza no Brasil — inclinando para sudoeste em busca do "divortium acuarium" do Rio da Prata, pela bacia do Paraguay e Paraná, terras cuyabanas, outr'ora do patrmionio e dominio dos descobertos de Bartholomeu Anhanguera. Ahi, em qualquer nucleo de tres ou quatro casas — ranchos de pão á pique, cobertos de capim, andayá, sapé ou baguassu' — onde vivem famílias aparentadas — muito aparentadas mesmo — paremos para contemplar os quadros tristes e desoladores de miserias inenarraveis, não sentidas e, até, ignoradas.

O embrutecimento faz o claro escuro da miseria material, mais sobreshindo o quadro no bello das tintas com que a natureza o sobredoira, offerecendo na perspectiva dos contrastes o bello e o horrivel das "antimonias entrechocantes", ferindo a visão do observador, balthando-lhe a deducção, perturbando as suas conclusões, nullificando os procesos da psychologia...

Tivemos occasião de ver muitos membros da mesma família, promiscuamente entrelaçados com o desenvolvimento intellectual retardado á custa das taras hereditarias. Tres delles não contavam além de quatro, dois não conheciam a moeda-papel ou metallica, todos eram

analphabetos; apesar de um delles ter frequentado quatro annos de "mestre".

Fossemos transcrever todas as annotações do nosso registo de viagem, e que nos cahiram sob o lapis, debaixo do ponto de vista ethnico psychico pathologico, e muito se alongariam estas paginas.

O sertanejo é uma victima da sua formação e de estados morbidos mediatos ao meio, augmentados, grandemente, pelas taras subsequentes vindas de parentes consanguíneos, em uniões successivas e discriteriosamente arranjadas pelo egoísmo sordido e supina ignorancia.

Deixemos, porém, dessas considerações e falemos da companheira do Geca — a Zepha — desde que o grande typo, magistralmente acabado, mereceu especial re-toque do autor dos Urupés, e nada poderiamos acrescentar-lhe.

A mulher de Geca Tatu' é Zepha, apellido de famílias no diminutivo carinhoso que lhe puzeram os irmãos e primos, quando ao tempo dos brincos da infancia, andava pelas ribas dos corregos e no campo, á cata de gabyrobas e jaboticabas. E' carne da mesma carne, tutano do mesmo osso, e, por isso, não deve ser separada do seu companheiro.

Mais sensível, porém, mais "gente", antecede-o na desgraça, e a semiconsciencia augmenta-lhe a sombra dos infortunios, sentindo a silhueta do infeliz Tatu' a se prolongar, emparelhada com a sua, no verme'ho do barro das estradas e a desmanchar-se pelas grotas e socavões á hora do sol poente, rubro, a se precipitar num mar de chammas...

N'alma o abysmo apavorador de calamidades que não define nem explica,mas, parece, comprehender.

O casamento de Zepha ora adeus!, como a maioria das cousas, não passou de um incidente sem importancia: uma braganha de sendeiros, uma troca de Zebu's, uma compra de terras mereceriam mais atterção.

Um casamento! Todas casavam assim, a modo de rez para o córte, Zepha não seria mais pintada...

Filha de retireiros da fazenda da Sicutipira — vasto latifundio de viuva apatacada possuindo dezenas de leguas de terrenos superiores e alguns milheiros

de cabeças de gado — fóra offerecida em casamento ao Geca, em troca do Chico da Donanna que se casaria com a Caróla, irmã caçula do noivo; outro interesse não moveu este enlace que "apertar" os nós de amizade das famílias respectivas, já aparentadas, e conservar dous ou tres garrotes, patrimonio da nubente.

E, sem amor, sem affectos, sem curiosidade ao menos, indifferentes e muito natural, receberão os noivos as benções do senhor Vigario quando este apparecer, mezes ou annos depois, pela desobriga, já o casal accrescido de um ou dous rebentos, tendo ouvido as palavras do juiz, no casamento da lei, ceremonial da posse do Geca sobre os encantos e dote de Xannica, que em nada lhe impressionara; além do arrojado "catira" e do brodio monstro de que falaram, semanas a fio, todos os convidados e as comadres linguareiras, Geca de mais nada se recorda.

Casados vão viver juntos: a mulher, besta de carga, para o serviço estafante da casa e da roça; o Geca, preguiçoso por indole, na madraçaria enervante, dormindo, comendo e, quanta vez? explorando a mulher que lhe dá filhos para o trabalho e cuja paternidade não discute, indifferente, desprezador, martirizante da infeliz a quem não estima.

Zepha, na impressão moral da sua desventura, sem uma ponta de céu azul, sereno, ou o verde de uma esperança esmaecida, tenue e fugaz, cultivada, no entanto, no rochedo nu' e aspero da sua vida de desditas, a flôr do cardo verme'lha, dos seus desejos, esperando a esmola carinhosa da lagrima do amor!...

E' a coisa, é o traste, é a mulher de Geca, nunca a sua companheira e esposa, e d'ahi a infelicidade que a acompanha. Incomprehendida e martyr no sacrificio heroico de seu destino, resignada ou cheia de revoltas, vi-ga-se duramente, ás vezes, não raro deixa escapar queixumes profundos e o pranto ró'a, a fio, pelas faces precocemente avelhantadas, nadando em lagrimas os grandes olhos negros, rasgados, profundos e tristes; porque a sertaneja goyana é um typo de belleza impressionante no seu moreno claro de feições agradaveis, sympathicas e correctas; porte altivo, erecto,



lembrando a palmeira gracil da varzea; cabellos abundantes, longos, de côr negra ou castanha; dançando-lhe na bocca de cereja um adoravel sorriso, e, no coração, os mysterios de um sentimentalismo innato.

A mulher é uma e unica: escrava ou princeza, Sórora Marianna, Madame de Stael, uma sertaneja ou mesmo cabocla, sem os requisitos da civilização e tons das avenidas.

A mesma escala musical de sentimentos faz vibrar-lhe o coração; e, o homem que a comprehender será o artista—mais venturoso que ella mesma — a despertar ondas de harmonias adormecidas na sua alma vibratil ás emoções de amor sincero.

Apreciemos, porém, na companhia do Tatu', a desventurada Zepha.

Mais intelligente, mais "ladina" e "sagaz", ella, nas trocas e braganhas, com as comadres e visinhos, é de esperteza sem nome e retentiva notavel, guardando lembranças de miudezas insignificantes e indifferentes a qualquer, recordando-se de tudo, trabalhando pe'o marido e por toda a casa, até mesmo assumindo responsabilidades de serviços estranhos á sua habilidade, força e mistér. Compra pelas lojas e mascates e tem credito; abonando o Geca em muita situação difficil.

Zepha trata de todos os serviços caseiros: desde a varredura da casa, de onde sae, cada vez, um rór de terra e lixo — cascas de quanta mandioca, fructa, madeira; palhas, detricos e outras im-murdises — cosinha, cuida dos filhos, trata dos porcos e criação miuda, faz a salga dos gados, a ordenha das vaccas, a lavagem da roupa; fabrica o sabão, o azeite, a farinha, o polvilho, e, ainda mais, trabalha na roça; capina, planta e colhe o producto da lavoura. E' a providencia do lar: besta de carga que o marido explora e maltrata.

A vida da mulher no sertão é uma fatalidade que ella accceita resignada. O marido é um "coisa" che'o de preguiça e de vic'os. Parasita dos compadres e dos patrões, dos quaes tolera os ataques á sua honra como uma compensação, e vae vivendo "maginando a vida", numa hibernação de arganaz.

Zepha, a par das qualidades de dona de casa, apresenta a sombra do seu desasseio e desmazelo, proprios do meio e da educação, que, se fossem outros, lhe dariam a directriz na vida, tornando-a uma mulher adoravel de seducção e boas qualidades; porque Zepha é muito bonita, formosa até e de virtudes; mas, maltratada como a vemos, cheia de despresos, suja, sordida, causa repugnancia e dó. A pelle é fina, porém, está manchada do vermelho ferrugineo da terra e pelo carvão e gordura das panellas que lhe roeram, até o sabugo, as unhas rosadas. A garganta é de linhas accentradas onde vincos paralelos marcam o porejar do suor e a adherencia da poeira. Rosto macerado, triste e mesmo assim, cheio de formosura. Descalça, veste saia de azulão, riscado, ou de americano tinto de mussambé e tijuca, escorrida, sem os babados das roupas domingueiras; camisa de algodãozinho branco, mangas curtas e sem rendas, na golla, um debrunho estreito, pospontado a mão, franzida para se accomodar em semi-circulo, muito descida deixando ver a cova dos seios — "as maminhas"—que o filho suga mui gulosamente e ella, despuorada, tira a cada instante para satisfazel-o sem se importar com quem esteja presente. De resto, se a fórmula, o molde, da taça de Meneláu produziu a guerra de Troya, nos parece que o seio da mulher, entre matutos não vale o risco de uma ponta de faca.

O collo, os braços, nu's e desasseiados, como os pés que adquiriram uma "tiririca damnada", colleante pelas pernas, e que sómente pedra de sabão será capaz de destruir, têm fórmula e linha, mas... repugnam.

E' tagarella, resmungona, estopenta, ou cheia de birras, marimbunda e emburrada, mesmo assim, trabalha como um boi.

Arruma a casa, cuida da cosinha e dos filhos, trata dos "bichos" e da horta ou quintalejo de onde tira as verduras. Muito ralhadeira fala alto com o "titio", cãozinho felpudo e de estima que lhe lambe os pratos "olho no padre, olho na missa", enquanto Zézé, filho mais velho, grita pela passoca e a filhinha acalenta o pequetito.

Zepha como um velho marujo, pita cigarro ou cachimbo, e dahi o estrago nos seus dentes que foram bellos...

Pela tarde, acabado o serviço, a labuta, cose rendas á sombra da choça, emquanto seu marido dorme ou pontcia a viola. E ao bater dos bilros ella vae, em surdina e numa toada triste e merencorea, recordando velhas modas do tempo de solteira.

Quando a tarde mais e mais se aproxima, Zepha deixa aquelle trabalho que lhe parecia tão agradável, para preparar o "quibebe" de aboboras e a sopa—angu' ou pirão melhormente poderia chamar-se — que Geca e os filhos "batem duro", limpando os beiços, ao final, com a manga da camisa.

A' noite agasalhados os filhos a um canto, sobre uma "garra de couro", dormem, marido e mulher, em uma cama de varas — o girão — forrada de folhas, palha e capim mumbeca. E' enquanto o marido tira dos peitos os roncos de barytono, ella vae acalentando o filho pequenino, repousado na rede de taboca suspensa do tecto, e que ella baloiça, cantando, em melopéa, repetidamente:

Dorme nêpem,  
O bicho lá vem,  
Papae tá na roça,  
Mamãe logo vem;

até que adormece e sonha um palacio encantado, em festas, pelo casamento de uma princeza roubada pelo filho do rei que muito bem lhe queria...

E por isso, não raro, muita infeliz se atira pelo plano inclinado da deshonra, libertando-se de um contacto que a enoja e amesquinha, preferindo o abysmo que a absorve ao cemiterio de seus idcaes e sonhos de "menina e moça".

*Matto Grosso* — URBINO VIANNA

#### O ANTIDOTO DO TEJUASSU'

Os sertanejos do Ceará contam que o tejuassu' é inimigo figadal da cobra. Segundo o que affirmam, esse lagarto, que gosta immensamente de se aquentar ao sol do meio-dia, nas veredas dos taboleiros ou sobre os folhiços, mal presente uma cascavel ou jararaca, prepara-se

para lhe dar combate, sahindo muitas vezes vencedor.

Contra a sua feroz inimiga dispõe de varias armas: as unhas, o latego espinhento da cauda, que manobra com rara habilidade, e os dentes. A serpente só pôde mordel-o e, consequentemente, envenenal-o.

Mas o matuto assegura que o veneno da cobra, por mais violento que seja, nada pôde contra o valente tejuassú. Este, logo que se sente mordido, tem por instincto a sciencia de ter sido empeçonhado e procura, na vasta e riquissima phar-macia vegetal que o rodeia, o antidoto com que salvará a vida.

Estava enovellado com a serpe. Abandona immediatamente a lucta e corre em procura da raiz chamada "cabeça de negro", conforme uns, e "batata de porco", conforme outros. Cava o sólo. Desenterra-a. Come-a. E volta ao logar do combate. Si a cobra mal ferida não pôde fugir, acaba de mata-la. Si não, procura a pelos folharaes até a encontrar e recommear a briga.

Dizem que, muitas e muitas vezes, o lagarto experto procura a tal raiz ou batata, de momento a momento, tanto o ophidio o morde.

Uma feita, disse a um vaqueiro, que me garantia a veracidade da existencia do antidoto do tejuassu', que elle devia dar a tal fecula ou a tal raiz a comer a todas as pessoas mordidas de cobra. Elle deu um muchocho e respondeu-me:

— Qual, seu moço, "batata de porco" e "cabeça de negro" só fazem effectô em tejuassú. E' sabido.

Sempre puz de quarentena essa historia, embora todo o mundo no sertão da minha terra acreditasse nella. Nunca assisti á briga do tejuassú com jararaca nem conheci jámais quem lhe tivesse assistido. Todos os que me falavam a esse respeito vinham sempre com o eterno "ouvi dizer" do povo do nosso interior, locução que é a formula sertaneja do profundo sentimento nacional do horror das responsabilidades.

Entretanto, essa lenda não é peculiar ao nosso sertão do nordeste. Ella veiu com mil outras cousas talvez da velha Europa, nossa avó. Applicaram-na ao tejuassú e á cobra, que eram os animaes

do paiz que a essa applicação mais se prestavam.

No decurso de minhas leituras tenho encontrado dezenas de casos semelhantes ao da "cabeça de negro".

Leonardo da Vinci conta no seu interessante "Volucrario" que Peladan traduziu, e pôz em ordem por conta do "Mercurio da França", varios casos quasi identicos. Certamente, como eminente observador que era, colheu-os nas crenças populares e annotou-os nos seus curiosos manuscritos, onde vibra toda a sua immensa alma. Não creio, porém, que de todo lhes desse fé. Não os commentou e, creador do methodo experimental que foi, não os commentaria pró ou contra antes de os ter verificado.

Escreveu elle que o milhafre, quando vê os filhotes no ninho engordando demasiadamente, lhes dá surras com o bico e deixa-os tempos sem comer, afim de que emmagreçam. Que o ibis — "ave parecida com a cegonha" — ao sentir-se enfermo, enche o seu comprido pescoço de agua e, com o longo bico, dá em si proprio um clyster, com o qual fica quasi sempre bom.

Esta é mais admiravel ainda que a do antidoto do lagarto brasileiro.

Accrescenta Leonardo da Vinci que o corvo, depois de matar o cameléão, afim de se purificar, toma um purgativo, comendo as folhas do loureiro, que produzem formidavel effeito.

Hoje em dia quem devora as fôlhas do louro são certos poetas e o effeito traduz-se em livros estupendos...

O autor da Gioconda diz mais que a cegonha, ficando velha, é sustentada pelos filhios; que, setindo-se enferma, bebe agua do mar e fica inteiramente boa. De maneira que a agua salgada é a panacéa das cegonhas, uma como Maravilha Curativa de Humphreys nos nossos sertões...

Quando os filhos da andorinha nascem cegos, a sua mãe vóa á procura duma pedra preciosa chamada celidonia. Tíala ao bico, com ella esfrega lentamente os olhos fechados das avesinhas e está realisado o milagre. Abrem os olhos e vêem! No entanto, foi por ter recebido qualquer cousa das andorinhas na vista que o velho e respeitavel pae de Tobias, conforme narra a Biblia, ficou cego duma hora para outra.

, Por fim, Leonardo nos dá um exemplo completamente igual ao do tejuassú e da cobra. Diz que a luserta detesta a serpente. Provoca-a. Bate-se com ella. E, quando se sente mordida, come a cicerbita, que é um antidoto policroso, e escapa ao veneno do reptil.

E, como Guerra Junqueiro nos pinta o melro assassinando com um galhinho de herva venenosa os seus filhios prisioneiros, o "Volucrario" diz que o passaro chamado pelos italianos cordellino dá peçonha á prole engaiolada.

Ora, todos esses exemplos claramente mostram que o sertanejo não inventou a fabula; limitou-se a applical-a a animaes do seu meio. Chamo fabula, porque não creio na veracidade do raconto e a experiencia ainda não provou as virtudes anti-ophidicas da "batata de pote" ou da "cabeça de negro", sende que esta ultima já a pharmacopéa indiana aproveitou na fabricação dum dos muitos elixires fortificantes ou depurativos que por ahi andam apregoados como maravilhas.

Mas ninguem jámais convencerá o sertanejo de que o tejuassú, como qualquer outro lagarto, não entende de medicina e não se cura por si...

JOÃO DO NORTE

(Correio Paulistano).

#### O JOGO DO BICHO PELO TELEGRAPHO SEM FIO

#### O triangulo estrangeiro Brasil, Argentina... Atlantico

Os senhores, com certeza vão sorrir, suppondo que é uma "blague". Mas não é. E' tudo quanto ha de mais verdadeiro, de mais experimental, de mais verificado. Neste momento, em que a policia não incommoda o "bicho", essa admiravel e estupenda criação brasileira faz o Prata e o Oceano Atlantico curvarem-se ante o Brasil, como dizia a canção famosa. Pôde ser uma vergonha, mas tambem é sensacional.

O "bicho" zomba de tudo e vence galhardamente. Que importa que um ou outro Chefe de Policia mova guerra a essa instituição, que foi creada para attestar eternamente o poder da intelligencia nacional?

Que adianta que, em um dado momento, um homem como o sr. Aurelino Leal bata no peito, afirmando que deu um combate de morte ao jogo do bicho? Nada! Apenas serve para fazer sorrir a quem conhece a capacidade ubiqüitaria, do venerando invento do inolvidavel Barão de Drummond, antigo director do Jardim Zoologico.

O jogo do bicho é como o ar atmosphérico e a fumaça; por mais que se persiga, por mais que se tranque dentro das quatro paredes de uma prisão, sempre encontra uma valvula de escapamento e, morto aqui, resurge immediatamente acolá. Por isso elle é uma instituição mais maciçamente nacional do que a capoeiragem, em decadencia depois da ultima demonstração do Cyriaco, e, sem offensa ao modo de pensar das nossas gentilissimas "torcedoras", tem um circulo de admiradores, muito mais vasto e devoto do que o "foot-ball".

Certos viajantes, que vêm do Acre e de outros cafundós mais reconditos deste paiz immenso, contam, espantados, como encontram o jogo do bicho em toda a parte. Entretanto, para isso, nunca se organizou uma embaixada de ouro, que tivesse por objecto unico fazer a sua propaganda.

Mesmo porque o Lahanca e outros banqueiros não têm interesse em que o jogo se difunda pelo mundo, visto aqui já disporem de um campo sufficientemente amplo para as suas operações. Apesar disso, o bicho vae fazendo a volta do mundo, rapido... como o pensamento que o conceheu genialmente ha perto de trinta annos.

Em Paris, em Bruxellas, em Genova e em outras cidades da Europa, era commum, ha alguns annos, o transeunte parar diante dos mostruarios hrasileiros e, depois de um olhar enfatiado pelos nossos productos, procurar com interesse o moço do escriptorio para saber como era "essa historia do jogo do bicho, de que se contava cousas tão bizarras".

E o bicho foi andando, cada vez com mais vitalidade, mostrando disposição de atravessar, victoriosamente, toda a nossa historia.

Até aqui, entretanto, o jogo só era feito dentro das fronteiras do Brasil.

Mas tudo muda, tudo evolue, tudo se desenvolve e decae. O jogo do bicho, cheio de viço e de communicabilidade, tambem está evoluindo e tomando desenvolvimento, espalhando-se pelo estrangeiro, como que para contrabalançar a influencia de cousas estranhas e exoticas, que estão invadindo o Brasil.

Um intelligente e observador homem do mar, que viaja frequentemente para a Europa e para o Prata, contou-nos que o jogo do bicho hoje domina o Atlantico, da linha do Equador ás nossas costas e á Republica Argentina, formando uma especie de triangulo estrategico.

Mas como?

Ah! a informação é curiosissima!

O jogo é feito pelo telegrapho sem fio. A's tres horas da tarde, de um dos nossos quartéis, talvez do proprio quartel general ou de uma fortaleza, um sargento, sabendo "o bicho que deu", passa um radio para a Amaralina e para a ilha de Fernando de Noronha, onde um posto militar o recebe ás 3 1/2 horas da tarde.

Ah! ha uma pequena pausa. Depois de fazer a importante communicação aos banqueiros da ilha, o radiotelegraphista militar toca no aparelho e faz o signal de — "atención geral!". Em todos os vapores que dispõem de apperellos radiographicos as orelhas dos telegraphistas ficam attentas. Faz-se uma atención religiosa dentro das camaras dos operadores, enquanto, sob o céu azul ou sob a tolda de chumbo do mão tempo, os jogadores e os banqueiros de bordo ansiosamente esperam a communicação. Essa chega até o 2.º grão de latitude, na linha do Equador!

A bordo, as listas são entregues ao banqueiro, que é sempre um graduado membro da tripulação, em envelope fechado. Quando o radiographista faz a sua importante communicação aos passageiros, estes puxam o relógio e annunciam: — Hora brasileira! Faltam dez minutos para as quatro horas da tarde ou para as dezseis horas!

Em Buenos Aires, sabe-se antes das quatro horas, o bicho que deu e a communicação não precisa ser feita por um sargento, que se utiliza do apperello de um estabelecimento militar: qualquer telegraphista civil a transmite directa-



mente para a capital platina, onde o jogo do bicho começa a despertar grande interesse na população.

O Tenente-Coronel Legong, membro da missão militar franceza e que acaba de chegar para servir como chefe do gabinete do General Gamelin, declarou ha dias a um vespertino que, theoreticamente, os officiaes brasileiros em nada são inferiores aos seus collegas francezes e que, em Paris, o Coronel Magnin lhe dissera maravilhas sobre a coragem e a audacia dos nossos aviadores militares. Essa manifestação do distincto militar francez, nos deve encher de orgulho, pois ninguem ignora o papel que a aviação desempenha na guerra moderna.

Mas ao lado dessa virtude, possuímos outra que não pôde nem deve ficar em esquecimento.

Todos sabem que a facilidade de communicações é outro recurso que traz vantagens extraordinarias ao belligerante. No começo da guerra, a Allemanha era o paiz que estava mais bem aparelhado desse recurso precioso. As suas estradas de ferro estrategicas, abundantes em todo o seu territorio, lhe permittiam jogar rapidamente os seus exercitos em todas as fronteiras, fazendo frente victoriosamente a todos os inimigos.

Por outro lado a sua estação radiographica de Nauen, a mais poderosa de todo o mundo, dava aos seus grandes navios de guerra, no começo da conflagração e depois aos seus submarinos, o conhecimento exacto de tudo o que se passava nos mares, reduzindo, assim, as suas perdas navaes, que, sem isso, teriam sido enormes.

Nós ainda não possuímos uma estação radiographica de tal poder; mas caminhamos seguramente para lá; basta que o Sr. Ministro da Guerra saiba aproveitar os prestimos e as aptidões do obscuro sargento que descobriu o meio de fazer a propaganda do Brasil, informando, antes das 4 horas, todos os banqueiros e jogadores que navegam no Atlantico "do bicho que deu", ás 3 da tarde.

Uma tal intelligencia não pôde ficar perdida no fundo de um quartel...

("A Rua" — Rio).

## O TYPO LOURO

Um physiologista inglez emprehendeu demonstrar que os homens louros vão desaparecer do mundo. "Os olhos azues e os cabellos louros", diz elle, serão mais que uma recordação daqui a duzentos annos, e a existencia do louro "gretchen" passará por extravagante imaginação poetica em demencia.

Se tal se dêr, a culpa será dos homens. Elles preferem a morena, á loura. Uma estatistica escrupulosa estabeleceu que na Inglaterra em cem louras, apenas cincoenta e cinco conseguem casar-se; emquanto que, em cem morenas, setenta e nove encontram maridos. Basta esta razão para justificar a opinião segundo a qual o typo louro está condemnado a perecer.

Mas por outro lado, a historia vem em apoio desta these. Por toda a parte, desde os tempos mais remotos, vêm-se os louros ceder o logar aos morenos.

A Iliada falla, a todo o instante em guerreiros e mulheres de cabellos louros; os ribeirinhos do archipelago tem hoje os cabellos pretos; os gaulizes, no tempo dos romanos, eram um povo louro; os germanos, os scandinavos, os anglo-saxonios, por sua vez, passavam por ser raças quasi inteiramente louras. O numero dos morenos augmenta todos os dias na Allemanha, na Hollanda, na Suecia e na Inglaterra. Neste ultimo paiz já se não encontram hoje senão dois louros em tres morenos.

Não tardará, portanto, a chegar a época em que, na feira, se exhibirá como um phenomeno, o ultimo dos louros.

E o leitor brasileiro, depois de ler o que pensa um inglez pernóstico do typo louro (e esse typo com certeza é louro), torcerá o nariz cheio de incredulidade e dirá com os seus botões:— Depois da agua oxigenada, o louro não acabará mais. O Brasil está cheio de mulatos e creoulos... louros, como libras esterlinas; os avós são da Costa d'Africa e as netas parecem filhas legitimas da... Groelandia.

(Do "Espelho do Brasil", Rio).



## CARICATURAS DO MEZ

### EXPOSIÇÃO DE CARICATURA DE YANTOK



As ex... victimas do Yantok, vão a Exposição, visitar as suas novas collegas.

Perdigão (D. Quixote, Rio).

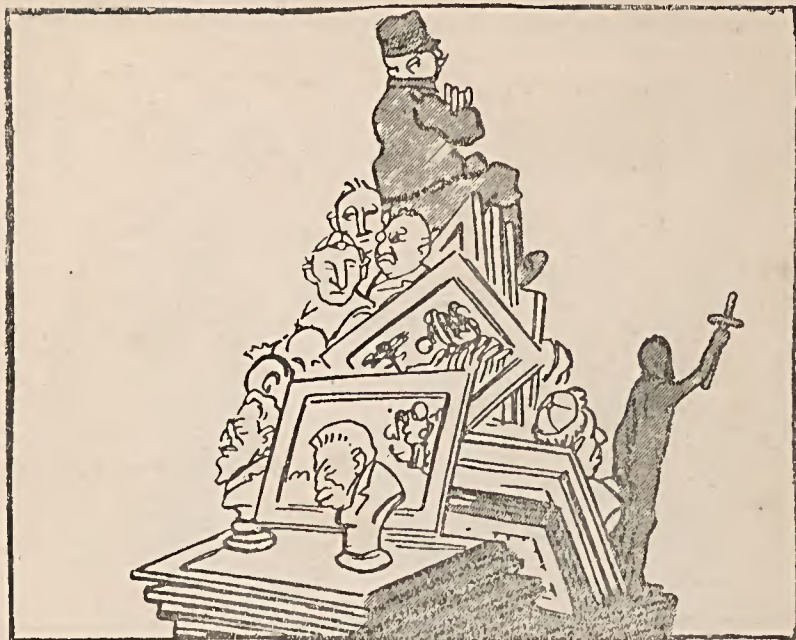
### RECENSEAMENTO NA ROÇA



— ... E do masculino, quantos filhos a sra. tem?  
 — Nenhum. Eu cá só tenho filhos do meu marido; nunca vi este "tá" de "Marculino".

(D. Quixote, Rio).

## O MONUMENTO — XIMENEZ



Il trionfatore — Lascia che cantino gli avversari. M'ero messo tutto in alto perchè tessero scalzarmi!

Voitolino (Pasquino, S. Paulo).

## DE CASTIGO



“O sertão bahiano está apaziguado, mas as tropas interventoras continuam em pé de guerra”.

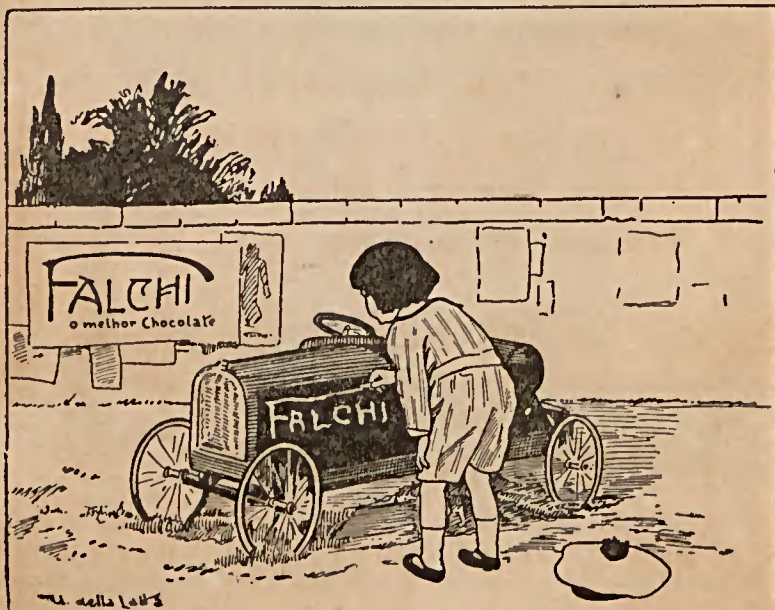
(D. Quixote, Rio).

## OS BUSTEADOS



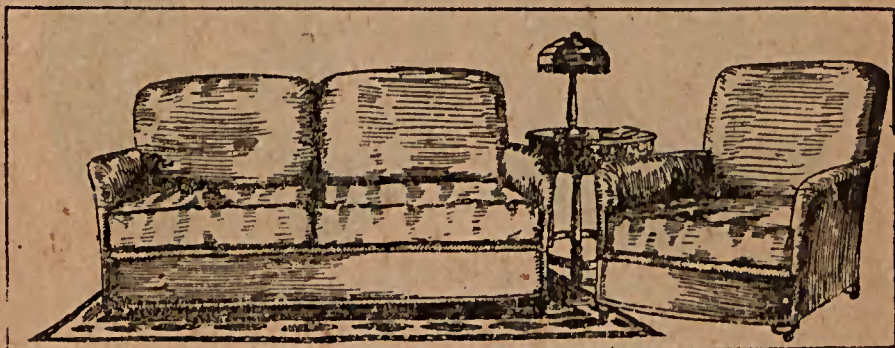
Ximenez — Agora v. v. excs. aproveem doze mil contos para a construção do monumento.

(O Parafuso, S. Paulo).



**MAPPIN STORES**  
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

## MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. —

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

**MAPPIN STORES**

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO



## O Vinho Reconstituente

Recomendado e preferido por  
eminentes clinicos brasileiros.

Silva Araujo



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou extrangelros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof. MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha Intelra confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellent tonico nervino e hematogeiinico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE

ANEMIA

RACHITISMO

INAPPETENCIA

ESCROPHULOSE.

# LOTERIA DE S. PAULO

Em 25 de Maio

## 20:000\$000

Por 1\$400

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM  
TODA A PARTE

ACIDO URICO - URICEMIA  
CYSTITES - BEXIGA-RINS  
RHEUMATISMO - CALCULOS  
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

# BI-UROL

SILVA-ARAÚJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE  
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00



Ferragens, louças,  
phantasias e gran-  
de sortimento de  
artigos domes-  
ticos.

Officina de enca-  
namentos e funi-  
laria.

Concertos de aque-  
cedores e fogões  
a gaz.

RUA MARECHAL  
DEODORO, 26

LARGO DA SE'

Teleph. Central:  
1421.

FIGURINOS NOVOS

AGENCIA

LILLA

EDITORA

INTERNACIONAL

R. L. B. BADARÓ - 101 101 - S. PAULO

OS MELHORES FIGURINOS DO MUNDO

Pedidos pelo telephone

— 3130 Central —

Edições da

**Revista do Brasil**

Acaba de aparecer  
a segunda edição do

**Prof. Jeremias**

de Leo Vaz e

**Sem Crime**

de Papi Junior.

Pedidos para a Caixa 2 - B  
S. PAULO



# INDICADOR

## ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinaarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

## TABELLEAES:

O SEGUNDO TABELLÍO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corrector official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Aivares Pentecado — São Paulo.

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

**Livraria Drummond** Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

**ED. DRUMMOND & CIA.**

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo. - Preço: 8\$000, incluido o porte.

DESCONTO DE 20 % AOS ASSIGNANTES E REVENDEDORES.

Moveis e Tapeçarias

Fino gosto  
e preços admiraveis



**SÃO PAULO** **PROGRIDE**

São Paulo

*Rua do Rosario N. 19*

CASA PAULISTA

DE

**Moyses Gandelhman**

Moveis, Tapeçarias e outros artigos

Facilitam-se os Pagamentos

*Rua Barão de Itapetininga, 14-A*

*Telephone Cidade, 4408 = S. PAULO*



**AGUA INGLEZA**  
 TONICA  
 FEBRIFUGA E APPERITIVA  
**GRANADO**

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,  
 IMPALUDISMO E CONVALESCENÇAS

EXIJAM A  
 NOSSA MARCA  
 RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINUM, CARNE,  
 LACTO PHOSPHATO DE CAL  
 PEPSINA E GLYCERINA.

**VINHO  
 RECONSTITUINTE  
 GRANADO**

TONICO e NUTRITIVO  
 Na tuberculose,  
 anemia, fraqueza,  
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA  
 MARCA

## HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do *Dr. Faria Lobato* — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE  
 ENERGETICO, ANTINEURALGICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS.

## LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

**Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.**

**CLING SURFACE** massa sem rival para conservação de correias.

**IMPORTAÇÃO DIRECTA** de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

---

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO do n. 54 — Junho, 1920

O Momento . . . . .	ALBERTO RANGEL . . . . .	97
Arte religiosa no Brasil . . . . .	M. MORAES DE ANDRADE . . . . .	102
Mão Paterna . . . . .	MARIO SETTE . . . . .	112
Terra Cahida . . . . .	WALTER BATES . . . . .	115
Oliveira Lima intimo . . . . .	MARIO MELO . . . . .	116
O "Croiséé" . . . . .	GODOFREDO RANOEL . . . . .	122
Versos . . . . .	HENRIQUE CASTRICIANO . . . . .	127
	FRANCISCO GASPAR . . . . .	132
	ATHAYDE PARREIRAS . . . . .	133
	ODILON NESTOR . . . . .	133
	ARAUJO FILHO . . . . .	134
Paiz de ouro e esmeralda . . . . .	J. A. NOGUEIRA . . . . .	135
Tradição e progresso . . . . .	LUIZ ARAUJO CORRÊA DE BRITO . . . . .	142
Um e outro . . . . .	PIRMINO COSTA . . . . .	147
A hygiene no Rio Grande do Sul.	ALCINO SODRÉ . . . . .	152
Academia Brasileira de Letras . . . . .	REDACÇÃO . . . . .	157
Bibliographia . . . . .	REDACÇÃO . . . . .	167

RESENHA DO MEZ: — Vasos de... ignominia (*J. A. Nogueira*)  
 — Recenseamento — Emílio de Menezes (*Humberto de Campos*) — A Pyramide do Piques (*Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*) — Frei allemão (*Escragnole Doria*)  
 — O casamento entre carajas (*Coronel Rondon*) — A Reclame . . . . . 173

CARICATURAS E ILLUSTRAÇÕES.



S. Paulo

1020

Rio



# REVISTA DO BRASIL

---

PUBLICAÇÃO MENSAL

---

Director: MONTEIRO LOBATO

Secretario: ALARICO F. CAIUBY

---

## ASSIGNATURAS

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	12\$000
Para o exterior, anno . . . . .	25\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$800

Assignaturas sob registro postal, mais 2\$400 por anno.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam  
em junho ou dezembro.

---

Não se devolvem os originaes.

---

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 (sobr.) — CAIXA POSTAL 2-B

SÃO PAULO



# BYINGTON & CIA.

---

---

Engenheiros, Electricistas e Importadores

---

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

---

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & CO.**

Telephone, 745-Central — S. PAULO  
LARGO DA MISERICORDIA, 4



# ETABLISSEMENTS

---

---

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francs. ———

# Bloch

---

-----  
**FAZENDAS  
E TECIDOS**  
-----

**RIO DE JANEIRO**

116, Rua da Alfandega

**S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14**

—— **PARIS - 26, Cité de Trévise** ——



Officinas e Garage Modelo

**DIAS CARNEIRO & C.**

---

---



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e  
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para  
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS  
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria  
Carrosserie — Vulcanisação —  
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com  
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

**RUA 7 DE ABRIL N. 38**

**AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20**

**São Paulo**

---

CANTO LIBERO BADARO'

# The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

**Casa Matriz:**

**4, Moorgate Street-LONDRES.**

**Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.**

Capital Subscrito £ 2.000.000	SUCCURSAES : - Manchester, Bahia, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Montevidéo, Rosario de Santa Fé e Buenos Aires.
Capital Realizado £ 1.000.000	
Fundo de Reserva £ 1.000.000	

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emitted-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação do cobrança de letras de cambio. coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA  
CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-  
NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM  
SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

# WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10  
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão  
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg	Whisky
J. Bollinger, Ay	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	Ferro em barra e em chapas

## UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA  
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA  
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-  
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

## IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES  
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS  
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.

# The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

**Casa Matriz:**

**4, Moorgate Street-LONDRES.**

**Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.**

Capital Subscrito £ 2.000.000	SUCCURSAES : - Manchester, Bahia, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Montevidéo, Rosario de Santa Fé e Buenos Aires.
Capital Realizado £ 1.000.000	
Fundo de Reserva £ 1.000.000	

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio. coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA  
CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-  
NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM  
SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

# WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10  
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão  
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . .	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres . . . . .	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . . .	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne.	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull . . . . .	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . .	Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham . . .	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha . . . .	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . . .	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	Ferro em barra e em chapas

## UNICOS DEPOSITARIOS DE

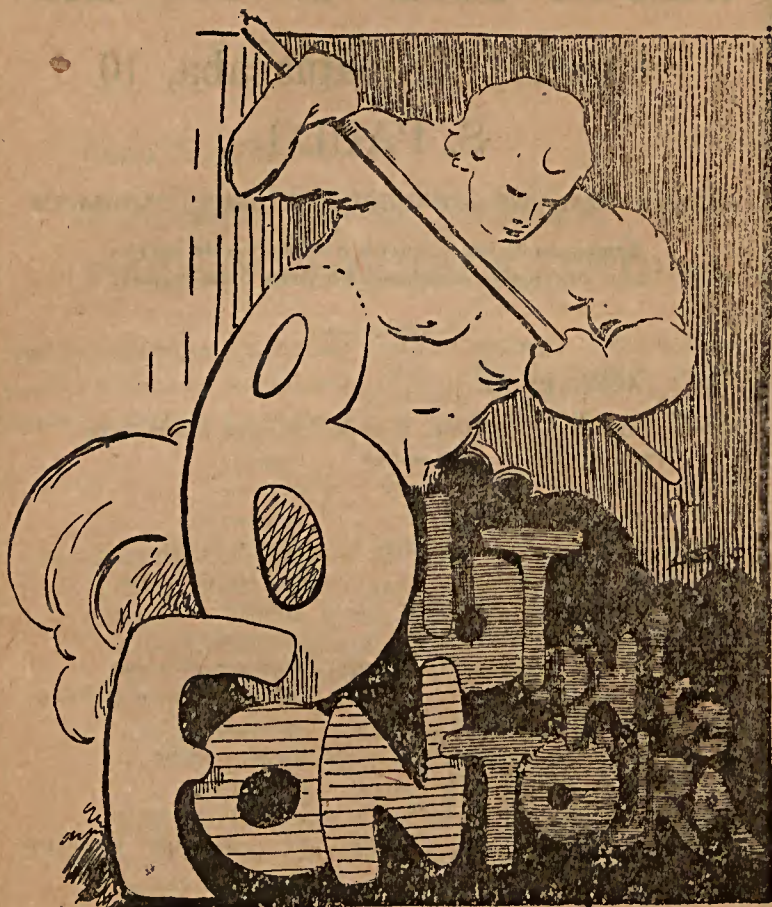
SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA  
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA  
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-  
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

## IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES  
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS  
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS,  
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

**O BIOTONICO** cura todas as fórmulas de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

**E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.**

# MACHINAS E ACCESSORIOS

## Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

## Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO



**PORCELLANAS**

**CRISTAES**

**ARTIGOS DE CHRISTOFLE**

**OBJECTOS DE ARTE**

**PERFUMARIAS**

**O melhor sortimento**

—◆—  
Casa franceza de

**L. GRUMBACH & CIA.**

—◆—  
Rua de São Bento N.º 89 e 91

**SÃO PAULO**





# REVISTA DO BRASIL

## O MOMENTO

*Si a acção conjugada de Epitacio Pessoa e Washington Luis, dois homens honestos, conseguirem pôr termo á horrorosa chaga do suborno da imprensa, esses dois presidentes terão prestado ao Brasil o mais assignalado de todos os serviços. Porque não ha maior crime do que suffocar o pensamento humano, e subornar a imprensa é suffocar, matar o pensamento humano.*

*E' a obra lethal por excellencia, a que conduz um paiz á mais completa degradação moral.*

*O povo tinha como garantia suprema dos seus direitos a voz dos jornalistas. Sempre na estacada, erão elles os gansos do Capitolio, os guardiães da liberdade, a propria voz do povo articulada de fórma habil. Compral-a, subornal-a, vale tanto como asphyxial-a, e outra cousa não tem feito a serie escandalosa dos governos republicanos. Com o dinheiro do povo, arrancado sob fórma de pesados tributos, elles envenenam, adulteram, amordaçam a voz do povo. E este, desnortado, perde o unico meio até aqui inventado de escapar ao despotismo, meio que revolucionou o mundo e constitue a característica mais accentuada dos tempos modernos.*

*Além disso, o suborno á imprensa significa a apotheose duma inversão de valores moraes. Significa o castigo do homem honesto e o premio generoso da pirataria.*

*Quanto mais venal fôr o jornalista, mais infame sua alma, mais de sevandija seu character, mais proventos colherá. E' a prostituição masculina, o aluguel ascoroso do cerebro para a manipulação do alcaloide da mentira com que se envenena o povo ingenuo.*

*E' o bordel mental vestido com apparatus de casa de virtude. E' a sociedade entregue ao governo dos piratas. E' o Pactolo do erario publico ao pé das Sanches de calças.*

*E é também o reverso disso, o esmagamento dos honestos, dos sinceros, dos verdadeiros amigos do paiz, dos bem intencionados, dos patriotas puros, das almas abnegadas que põem o bem publico acima de todas as cousas. Nossos governos não protegem as artes, não estimulam as scienciass—nunca ha verba para isso. Mas gastam contos de reis, aos milheiros, na engorda, té á obesidade, de quanto escrevedor crapuloso consegue extirpar-se da consciencia, do brio, da vergonha, para abrir prostibulario de idéas.*

*Nesta veniaga o prejuizo menor da nação é o dinheiro esbanjado nella, ascendam, embora, as sommas, a algarismos phantasticos — porque muito maior prejuizo representa o effeito moral do acto na consciencia do paiz. Os paes já não sabem em que principios ethicos educar os filhos. Ensinar-lhes as virtudes antigas, a honestidade sobretudo, é conduzil-os a um naufragio certo. Educal-os de accordo com a “moral” nova, é criar deliberadamente bandidos. Nesta angustiosa abertura os paes sensatos illudem a questão não lhes ensinando coisa nenhuma: lá se avenha a prole com a vida, e conduza-se com o opportunismo que lhe indicar o temperamento. Ora, isto é mortal. Não pode uma nacionalidade subsistir alijando na formação da mocidade todas as velhas bases da moral. Proseguir na senda é caminhar para um apachismo collectivo que nos levará á ruina.*

*No emtanto, a attitude dos governos para com a imprensa, não conduz a outro objectivo. Ou vendes a consciencia e terás tudo, ou permaneces honesto e serás esmagado. E’ este o dilemma...*

*E para metter o Brasil neste dilemma saqueia-se, criminosamente, o thesouro publico!*

## EXILIO E PROFANAÇÃO

*Visitei São Vicente de Fóra, em Lisboa, verificando a exhibição que por alguns centavos, as autoridades portuguezas continuam a permittir, na sala macabra onde, em companhia de alguns principes de Bragança, se encontra o nosso D. Pedro II.*

*Não pretendo renovar a descripção d’esses ataudes enfuleirados pelo solo ou pelo alto, numa desrespeitosa promiscuidade de defuntos esquecidos successivamente á autopsia por tempo de peste. Fel-o Gastão Doria com os carinhos de sua tocante geração.*

*Nos arredores de São Gabriel, no Rio Grande do Sul, surpreendi-me certa vez perante um monte de ossadas humanas alvejadas no pampa pelas soalheiras e minuanos, que as desgastavam. Achavam-se confundidos no ultimo entrevero os cavalle-rianos e peledores nos galopes de alguma insurreição gaucha.*

*Na mesma rajada, que ali os houvesse ajuntado, dissolviam-se em poeira sem guardar a lembrança de um nome sequer. Era funebre, mas o vento, os sarandys, a agua da sanga, tudo o que bafejava ou rodeava esses despojos como que os consagrava numa especie de comunhão lateute da terra com os seus agitadores ferozes e esquecidos.*

*Os ossos innumeraveis arrojados aos subterraneos das antigas pedreiras de Paris contristam. Mas, se tratam dos vestigios de populações que, embora dispostos imprpropriamente no seu jazigo de cambulhada e refugio repousam em immensas galerias onde ha, pelo menos, a conveniencia de longos silencios por uma treva adequada.*

*Na catacumba siciliana o frio horror dos exhumados que a terra esturricou, e lá se vêem pendurados a um muro, é uma lição tremenda em que parece confirmar-se o tredo programma de uma expiação prolongada para além da campa.*

*Nada, porém, d'essas impressões no antigo convento lisboeta. Ali a morte é rebaixada a uma marmota barata, repulsiva e sacrilega. Trepando a uma escada o visitante mais irrespeitoso e malandro tem o direito de metter os olhos dentro do feretro imperial e regalar-se de vêr como apodrece um ancião inanime, na sua majestade coroadado de limos e tortulhos...*

*Com que sentimentos discordantes e varios, da piedade á repugnancia, contemplará esse morto solenne a galeria dos que se inclinam sobre o seu rosto em que já não se mascara a putrefacção !*

*De que maneira vibrarão ante o esquife do monarcha, decahido até da commiseração que leva a dar-se sepultura a gatos e a cães, o labrego portuguez que o encara por uma senha de tostão, ou o inglez duro, formalista e furão, que todos pelo mesmo preço, compram esse direito ? O coração dos brasileiros, sei-o por mim, ha de pulsar em sobresaltos de pejo e de revolta, considerando esse velho patricio maltratado em publico pelos elementos de uma decomposição incoercivel, talvez por não poder mais assignar uma promoção ou crear um emprego...*

*E' então assim que se hospeda o cadaver de um augusto exilado, tornando-o objecto de uma exploração a rintens para repasto da curiosidade publica ? Na torre indiana do Silencio davam-se os mortos ao pasto dos abutres, não se os deixava insepultos para attrahir gorgetas ou engordar o erario com propinas a gatos pingados. Desvelada no museu do Cairo a face de Raméses II tem a desculpa de ser quasi prehistorica. A de D. Pedro II, que ainda se não petrificou nessa massa de que são*

oleiro os longos seculos imprecisos, corrompe-se na passividade hodierna de dous pobres povos...

Arrepelo-me contra a exposição do corpo apodrentado do príncipe no desterro, porque d'aquelles todos reunidos na sala funeraria é elle o unico castigado e extranho. E não é curial que se abram excepções de indiscrição ao hospede da casa em pleno sacrificio...

Não deve durar mais a degradação d'esse spectaculo de S. Vicente de Fóra. Se é impotente o meu paiz para recolher á patria o filho que tanto a beneficiou e honrou, e se não pôde a Republica portugueza mandar vedar a transparencia do vidro por onde é dado a toda gente contemplar, n'aquelle estado de mumia que falhou, o nobre, o grande Imperador do Brasil, e nem tão pouco o governo lusitano deixar de cobrar um obulo á afronta profanadora d'essa inspecção vulgar e quotidiana, que aliás já soube prohibir sobre o esquife de D. Carlos, então que a filha e netos de D Pedro recorreram aos sete palmos de terra de uma valla caridosa, enquanto não ha remedio ao Esquecimento e á birra do Pouco Caso do Brasil para com o seu grande amigo e antigo soberano.

Não merecia, com effeito, a alma d'esse magnifico vulto, que nos governou limpidamente por mais de quatro decennios, e foi comparado (sem subvenção do Thesouro Publico) á flôr dos Antoninos, a irreverencia da situação de abandono entre extranhos, aos vexames da materia que se transforma sem o recato ao menos de uma cova rasa. Demais não se proscrevem mortos. A Razão d'Estado que a isso obrigasse seria bem desarrazoada...

Mas, sejam quaes forem os motivos pelos quaes o poder publico brasileiro ainda não decidiu remover o corpo de D. Pedro, sua responsabilidade é grande. Não ha lugar á Politica quando se presuppõe a questão do decoro a um cadaver...

Se isso fosse um motivo para a consulta ao Suffragio popular, estou certo de que os brasileiros sensiveis ao remorso de um dever postergado, e pelo menos superiormente misericordioso e christianissimo, não deixariam de dar o seu voto a essa transladação com a qual não só arrancaríamos o grande morto ao mais incomprehensivel dos superbanimentos, mas tambem se extinguiria uma réles exposição de varejo na qual se rebaixa a cultura elementar de duas nações irmans.

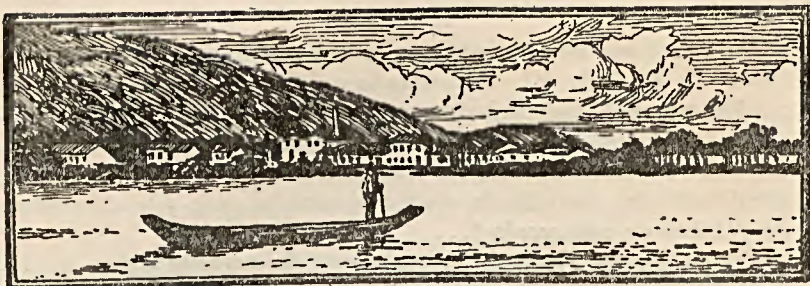
Um projecto de lei recente marcou para solemnisar o centenario da Independencia Nacional a transferencia dos restos imperiaes.

*Na sua fúria de commemoração o legislador reclamou até as cinzas de D. João VI, dispensando as de sua mulher, a megera e adúltera real, mas injustamente glosando as do filho, o Proclamador d'essa Independencia que se intenta celebrar mexendo até com os ossos do Rei da Primeira Palmeira... Dous annos para fazer da remoção do ultimo monarcha uma fita de cinema no festival de um seculo !...*

*Permittido me fosse fallar em nome do respeito pelos mortos e da commoção d'esses transeuntes e compatricios que testemunham aquelle abuso e impiedade de Lisboa, exclamaria: Basta de exilio e cesse a profanação! Sejam os restos do brasileiro D. Pedro de Alcantara devolvidos sem mais tardança á sua terra, e haja enfim no Brasil uma pedra de sarcophago para seu leito de paz e immortalidade !*

ALBERTO RANGEL





## ARTE RELIGIOSA NO BRASIL

POR

M. MORAES DE ANDRADE

EM MINAS GERAES

Vibravam os ultimos accordes do seculo 17 quando os nossos centros de progresso sofreram o grande abalo do desenvolvimento da mineração. Os bandeirantes paulistas voltavam — quando voltavam! — dum sertão misterioso, humedecidos ainda da cabeça aos pés no ouro liquido dos ribeirões, tendo descoberto só por detraz das brancas serranias, na cerrada região das florestas sombrias o mirifico Eldorado de Pizarro. Logo se partia toda uma multidão variegada de brasileiros e reinois em busca dessas paragens de ouro massisso; e sobre o ouro massisso dessas paragens eugastavam a pouco e pouco os brilhantes das povoações. Rapidamente cresceram, explodiram, em faiscas de civilização ficticia, para decairem, um século mais tarde, marasmadas no cansaço, mórbidas na desilusão, exauridas no esforço sem lazer. Suportando as aventuras dessa malta flutuante algumas cidades conseguiram sobreviver, depauperadas embora pelo ciume brusco da terra, a qual recolheu os seus ouros, que a gente ignara em vez de aproveitar para a grandeza de trabalhos seculares, espediçava no quarto-de-hora dum orgulho, dum ágape, dum amor. Castigo! Villa Rica, — centro de fausto, Marianna — centro de instrucção, S. João d'El Rei — centro de heroidade, perfilaram-se num mutismo sem desdem, numa inércia triste, apenas amostrando ao escasso viajor que corre as

aventuras de estradas de ferro innomináveis, levantando a medo o pesado manto de destêro em que se embuçaram um coruscar de glórias mortas. Foi nesse meio oscillante de inconstancias que se desenvolveu a mais característica arte religiosa do Brasil. A Igreja poude ahi, mais liberta das influencias de Portugal, proteger um estylo mais uniforme, mais original, que os que abrolhavam podados, áulicos, sem opinião propria nos dois outros centros. Estes viviam de observar o fardim luso que a miragem do Atlantico lhes apresentava continuamente aos olhos; em Minas, si me permittirdes o arrojo da expressão, o estylo barroco estilizou-se. As igrejas construidas quer por portuguezes mais aclimados ou por autoctonos algumas, provavelmente, como o Aleijadinho, desconhecendo até o Rio e a Bahia, tomaram um character mais bem determinado e, poderíamos dizer, muito mais nacional.

A propria matriz de Caeté, famosissima, cujo traço foi trazido do reino, não tem a importancia artistica do Carmo de S. João d'El-Rei ou da inacabada S. Pedro de Marianna. O grande mal do barroco é ter o mesmo defeito do estylo dos romanos: ao passo que por uma nobre unidade estética, no estylo grego ou no gótico, o elemento decorativo reside na parte intrinseca da construcção, o romano costumava de elevar os seus monumentos para depois recobrir-lhes por completo a estructura como os brocateis de abundante decoração. Como o artista heleno fallando ao alumno que esculpira uma Venus arreiada de enfeites e de túnicas, pôde-se dizer do estylo romano que elle fez construcções ricas por não poder faze-las bellas. O barroco tambem procede assim, com a circumstancia pejorativa de ser nelle a propria decoração que determina o estylo. Ora, na architectura religiosa de Minas a orientação barroca — que é o amor da linha curva, dos elementos contorcidos e inesperados — passa da decoração para o proprio plano do edificio. Ahi os elementos decorativos não residem só na decoração posterior, mas tambem no risco e na projecção das fachadas, no perfil das columnas, na forma das naves.

Com esse character assume a proporção dum verdadeiro estylo, equiparando-se, sob o ponto de vista histórico, ao egipcio, ao grego, ao gótico. E é para nos um motivo de orgulho bem fundado que isso se tenha dado no Brasil.

Das capelas primitivas, poucas tem algum interesse artistico, isso mesmo porque foram varias vezes reformadas. Nomearei a de S. João possuidora do famoso crucifixo de

marfim que é uma das mais perfeitas obras de arte do Brasil. Não me foi possível visitar a capela de N. S. do Parto onde existe um altar "cuja riqueza é quasi phantastica" no dizer do sr. Furtado de Menezes. Conjectura o mesmo escriptor ter sido esse altar ainda construido sob as vistas daquelle pedinchão padre Faria, sobre o qual informam os engraçados versos, que começam assim:

Pregava o padre Faria,  
E logo ficou patente  
Que o sermão acabaria  
Pedindo dinheiro á gente.

Entre os monumentos catholicos de maior vulto que a phantasia mineira levantou, a matriz de Ouro Preto é das mais importantes. A' feição dos grandes templos da edade-media ella foi se modificando pouco a pouco, perdendo quasi a austera apparencia primitiva á medida que a estesia dum novo artista ajuntava-lhe uma nova parte, fossem columnas ou torres. Sendo uma das mais antigas, ella inicia a série das construcções phantasistas, apresentando uma nave elipsoide de muito arrôjo e rara graça. E' perfectissima a sua obra de talha, sendo talvez sómente sobrepujada pelo altar-mor de N. S. do Bom Successo em Caeté.

A matriz de Marianna, contemporanea da de Ouro Preto, conserva ainda a sua primitiva fachada e traz o seu interior dividido em 3 naves, exceptuando-se assim da disposição em nave singela das igrejas mineiras. Nella deparei um quadro que me pareceu, á luz do dia plúmbeo em que o examinei, duma extraordinaria perfeição. Busquei saber-lhe o autor e a época em que ahi fôra collocado, não logrando obter informação satisfactoria. Nem sua excia. revma. o grande arcebispo D. Silverio, tão amigo das obras de arte da sua terra, o soube dizer. Guardo-me para, em mais descançada viagem por essa Minas que tanto amo, responder a esta inter-rogação.

A matriz de Caeté, que para Diogo de Vasconcellos rompeu a marcha gloriosa do impulso mais artistico dado ao barroco jesuitico em Minas, é monumento ciclopico, duma grandeza e duma imponencia extraordinarias, e, o que mais vale, de proporções tão felizes que passa despercebida ao observador fugaz a sua massa formidavel. Na cimalha que ladeia o frontão e as torres podem largamente passear, de mãos dadas, tres pessoas. E' obra ingente, verdadeira maravilha de pro-



porção e de força. Entramos depois numa phase em que se constroem os mais formosos templos do Brasil. Não vos assusteis com a ousadia desta afirmativa, vós que vedes a nossa Paulicéa recobrir-se de matrizes novas, infelizmente feitas com tanta rapidez! Estas poderão ser boas matrizes, poderão mesmo ser bellas, mas — insisto — não são brasileiras. A propria Minas, aliás, já rechassa as suas tradições! Nesse encantado reino do silencio que é Bello Horizonte a matriz será gótica e a actual igreja de que se servem os cidadãos não vos poderei dizer o que é, porque resume todos os estylos. Orgulha-se com a pedanteria de ser uma enciclopédia... Nessa phase que, partindo do segundo quartel do século dezoito, vae alcançar os confins delle, elevam-se as torres dos Carmos de S. João d'El-Rei, de Marianna e de Ouro Preto, do Rosario de Ouro Preto e, engendrada pelo genio ático do Aleijadinho, S. Francisco de Assis. E' nesse estádio que, em vertiginosa subida, o barroco atinge a sua feição mais acertada e mais nobre. No proprio projecto do Castelli para o Duomo de Milão elle se escurenta com o mesmo erro estético da architectura romana; já no espirito destes mineiros ousados a comprehensão do estylo é menos exterior e ao passo que a decoração se simplifica a phantasia curva reflecte-se nos planos. Si as proporções nem sempre são observadas com fino gosto: fáchadas de maior harmonia apresentará a architectura nacional superando a igreja de Antonio Francisco Lisboa? Quem com maior ousadia, em nossa terra, delineou um plano como o da igreja de Chico Rei? Quem poliu columnas mais phantasiosas, e no entanto bellas, que as que suportam o côro da S. do Carmo?...

Carece-me o tempo para que vos descreva ao menos essa igreja de S. Francisco de Assis onde eu pude sobre tudo amar o genio do Aleijadinho e orgulhar-me delle.

Antonio Francisco Lisboa é o unico artista brasileiro que eu considero genial, em toda a efficácia do termo. Esse mesquinho, que atravessou toda uma vida insulado na dor de ser feio e repellente, buscando dia a dia na sua biblia a consoladora recompensa de se ver amado por um Deus, procurando na afeição do seu escravo Mauricio, como um Camões da esculptura, um éco das amizades que lhe recusara o mundo, sem meios para uma viagem de estudos ao Rio ou á Bahia sómente, na sujeição constante das formas que vencia tirando da pedra ou da madeira os seus santos e os seus anjos, esse mesquinho considero-o eu um mesquinho genial. Por certo que não vou encontrar nas figuras que esculpiu a obra de arte impulsadora onde a alma fogosa do artista se alinda com a lição do passado, a alma criadora do genio vivia nelle,

faltava-lhe a instrucção. Toda arte rudimentar deriva ou para a observação fiel da natureza ou, em razão das suas poucas forças, para a idealização do que não pode reproduzir; todo genio inculdo tende para o realismo ou para a estilização. O artista das cavernas préistóricas foi assim. O Aleijadinho, em ultima análise também assim foi: apenas a sua potencia criadora, si tantas vezes produziu obras dum realismo incorrecto, poz uma alma dentro de cada pedra que desbastou.

Si a funcção do genio é criar instruindo, descobrindo feições novas á arte ou á sciencia, nordeando-as diferentemente dos pósteros, Antonio Francisco não seria genio; mas essa funcção altruistica si é a melhor, socialmente fallando, não é a unica. O architecto de S. Francisco ficou só, num meio inculdo não criou prosélitos, nem deu uma faceta diferente á sua arte; mas a sua força foi tamanha, mas o abalo que causou foi tão grande que até hoje em Minas vibra a memoria delle como si elle morrera hontem.

Toda a Minas religiosa está tão impregnada da sua genialidade, que se tem a impressão de que tudo nella foi criado por elle só. Esse misero, feíssimo, corcunda, baixote, sem mãos, amarrando nos côtos dos braços os instrumentos com que fazia explodir da pedra sabão as visagens dos seus romanos e borboletar o sorriso alado dos seus arcanjos, reduziu Minas num só artista: elle! Si o escultor dos prophetas visse numa outra sociedade mais culta, e pudesse instruir-se na contemplação das obras antigas elle seria sem duvida um dos grandes da arte, criaria discipulos, deixaria escola tal a genialidade que se lhe descobre na observação atenta da obra. Mas apenas crente humilde, alforriando-se da escravidão da vida com as oitavas de ouro que lhe a Igreja pagava, viveu esculpindo o seu sonho de fé — beatos e infieis — dando aquelles todo o amor da sua piedade, sonogando a estes, num ódio innocente, a belleza que lhes pudera dar. Si em S. Francisco de Assis deixou a sua obra mais perfeita, em Congonhas do Campo está a sua obra mais grandiosa. Ahi levantam-se os doze profetas de pedra, já bastante damnificados pela populaça que accorre annualmente ás festas do Santuario; ahi vivem as 74 figuras de madeira, tamanho natural, representando os passos da Paixão. Congonhas do Campo é o maior museu de esculptura que existe no Brasil. O revmo. padre Julio Engracia nas engraçadas considerações que faz sobre arte na Relação Chronologica de S. Bom Jesus de Congonhas pede com insistencia que se destruam essas imagens; contou-me o actual zeloso sacerdote que dirige o Santuario que, lá chegado, encontrou um artifice sem nome encarregado de con-

certar as figuras de Antonio Francisco por serem demasiado feias. Vandalismo! Mas que compreensão temos nos da arte, pois que queremos destruir um herege hediondo ou um S. Jorge de má catadura que o Aleijadinho esculpiu? Não é exacto, como assevera o historiador do Santuario que todas as figuras sejam igualmente feias. Si o historiador tambem é feio, devemos nos expulsa-lo da nossa terra? O! progressos da Eugenia! Embora como na Flagellação ou na Coroação de espinhos haja figuras deploraveis, que se dizer do S. João dormindo? e o Christo do Jardim das Oliveiras? e as mulheres da subida ao Golgota? E o maravilhoso Christo pregado á cruz? e os dois ladrões tão bem caracterizados? e a adoravel criança do cravo? e a esplendida figura do centurião? Quasi todas as madonas da escola flamenga são hórridas e pansudas; na escola allemã, Lochner, Schougauer, Cranach, Holbein pintaram rostos de santos com feições avernais; na propria Italia, senhores, o Giotto da Santa Croce, o Mantegna do Jardim das Oliveiras, das santas mulheres do Calvario, e o Verrochio e o Filippino Lippi, e o Bellini da Pietá e o Crivelli tem santas feíssimas; na França elegante o mestre de Avinhão e o João Fouquet, os escultores góticos fizeram monstrenhos por santos: mas é no Brasil que se não toleram os santos feios! Havemos de eternamente gosar só com a arte sem arte dos cromos e dos santinhos de tostão? Porque o Aleijadinho para se vingar do escarninho João Romão dá ao S. Jorge as feições abarrigadas daquelle, ou para se vingar de infieis maltrata-os por sua vez, ou foi menos feliz num rosto de Jesus: que lhe destruam as obras, fazendo desaparecer junto com hediondezes, bellezas incessantes? Vandalismo! Um trabalho para ser designado como obra prima não implica inteira perfeição, basta aproximar-se della. Si obra-prima fosse synonymo de perfeição, nenhuma haveria no mundo; todos nós herdamos de Eva. Descobrem-se defeitos no Apolo do Belveder como no Miguelanjo da Sixtina; ha senões na Iliada como os ha no Tristão! quem ousára negar-lhes o titulo de obras primas? O Aleijadinho uma deixou: S. Francisco de Assis. Ah! tudo que é esplendido é delle. A planta é sua como a harmoniosa e nobre fachada; são delle os dois pulpitos de pedra; a porta; o taumaturgo recebendo os estigmas do medalhão exterior; a obra de talha é delle e dos seus 3 escravos; e é delle finalmente a fonte da sacristia — o trabalho que mais me orgulha de toda a arte nacional. S. Francisco immortaliza o homem que a imaginou. O Aleijadinho deixou uma obra immensa, espalhada por toda Minas:

Junto delle os outros artistas obumbram-se por completo. Poderíamos ainda citar o Francisco Pombal da Matriz de Antonio Dias, um João da Silva Madeira que se celebrou nos púlpitos da matriz de Ouro Preto... Na pintura Minas lembra dois nomes: Viegas, do qual apenas vi, certamente seus, dois trabalhinhos que me não impressionaram, no palacio arquiiepiscopal de Marianna e esse notabilissimo Ataíde que deixou na Penitencia dessa mesma cidade as mais admiraveis pinturas á cola de Minas.

Necessario se fez restringir assim o meu trabalho: não tomasse elle proporções ingentes. Submetí-o a um leito de Procusto para não causar a vossa piedade. Ainda assim: talvez a minha audacia de encontrar genuinas obras de arte nacional na colonia seja tida por vesania ou tomada á guisa de exaltado patriotismo. Asseguro-vos que não agi assim. Vi, com olhos de ver, o que por ahi havia de defeitos e qualidades. Num trabalho que não é positivamente critico, eu não poderia esmiuçar nem estas e muito menos aquellas. Limitei-me a contar-vos que ha por este grande Brasil lindas coisas, que á Igreja devemos, e que podem ser vistas, não só com olhos sentimentaes de patriota, com olhos humildes de crente, mas com olhos enlevados de artista. Não censuro o brasileiro que quer ver Paris, desejaria apenas que elle visse a Bahia, o Rio das vielas estranguladas que ladeiam a Avenida Central e principalmente abrisse o Sésamo acolhedor e encantado de Minas.

## OS NOSSOS TEMPOS

Mostrei-vos o que fez a Igreja no dominio das principaes artes plásticas antes da nossa independencia... Um século vae esta fazer: poder-se-hia afirmar que as artes religiosas progrediram tambem e já proclamaram o seu grito de liberdade? Não. Concordou a grande maioria dos nossos prelados, respondendo a um inquerito de jornal, de que informa F. Badaró na "Revista do Brasil", que a religião catholica progride em nossa terra, sem siquer ter sofrido o abalo da separação que lhe impoz a Republica. E' inegavel que o estado da nossa confissão religiosa e do clero melhoram dia a dia; mas no dominio da arte, além da decadencia, os elementos de que dispomos dispersam-se, orientam-se por idéas diversas e erroneas. Em vez de continuarmos a suave ascenção que trilhamos, buscando na tradição o trigo alimentar, procuramos outros estilos, outras fórmulas como se pudessem estes co-



movidamente fallar á alma do povo. Aliás o que se passa entre nós é mais ou menos o reflexo do que se passa nos proprios centros de arte europeus; apenas, por uma circumstancia natural neste estado de cousas, o reflexo é maior que a luz. Na Europa cada paiz esforça-se por conservar as suas tradições artisticas, ao passo que entre nós, tambem aquinhoados com uma tradição, embora parca, o que impera é o desejo de "épater le bourgeois" com formas exóticas. O povo tem no seu fundo hereditario uma corda sentimental que vibra intensamente a certas visões do passado. A nossa gente é quasi tão saudosa como a lusitana e ainda accentua essa inclinação pelo sangue da raça escrava e da raça expulsa que lhe corre nas veias. Seria demais aproveitar a Igreja todos esses preconceitos ancestrais para influenciar o nosso povo, utilizando-se do pouco de arte que nos ficou do passado, renovando-o com intelligencia, criando enfim uma arte tradicional que desperte em nós uma recordação de épocas mortas? Não. Inspira-nos acaso alguma saudade feliz: um portal romanico, uma cúpula etrusca? Não. Cobrir-se-ha de frutos a macieira transplantada para o Equador? Não. Tudo não. Neste orgulhoso estado de S. Paulo, que se não podia, com justiça, contentar com as igrejas velhas, pardieiros a esfrangalhar-se, foi necessario substituir tudo. Onde fomos buscar inspiração? Em Portugal, que nos deu o que possuímos? ou nos progressos dessa dádiva, realizados na vastidão do Brasil? Nada disso. Queríamos ser progressistas, reformadores, cubistas, fomos buscar o que não era nosso, imitamos sem altivez, copiamos sem engenho, é possível que ainda acceitemos como templo uma imitação de Karnak, um plagio de Santa Sophia; e, porque as paróquias não possuíam o dinheiro necessario ás construcções sumptuosas, nem nos poderíamos contentar com obras demoradas, levantámos igrejas que se limitam a ser o que são velhotas faceiras e pobretonas: uma imitação, lacrimável, embranquecida a polvilho, enfeitada com diamantes de mil reis. O erro nosso de construir igrejas nos mais estrangeiros dos estylos propaga-se com rapidez perniciososa por todo o Brasil. Quebrou-se bruscamente a cadeia da arte religiosa nacional: todos os estylos penetraram a praça numa sarabanda de mistificações. Na Bahia, em Minas, na Capital Federal, no Rio Grande do Sul, em toda parte, si houver uma capellinha por construir, é preciso que seja helenica ou sessessionista. E o nosso barroco?...

No entanto elle, aproveitado segundo as necessidades do presente, não poderia apresentar obras esplendidas? O cri-

terio com que certos paizes europeus pretendem reconstruir as suas villas e cidades e os seus monumentos publicos é todo outro.

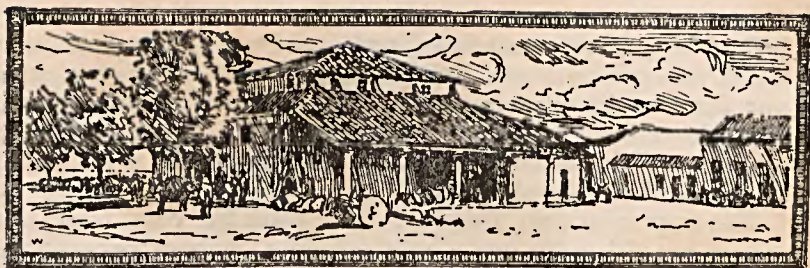
A Allemanha não irá buscar na Cochinchina uma tradição que já tem; nem a França na Bretanha o typo de casas com que reconstituirá as aldeias da Alsacia, como o demonstram já cabalmente os interessantes trabalhos do sr. Paul de Rutté. Na Hespanha os estudos de Antonio Gandi, de Artigas, de Puig y Cadafalch tendem para essa nacionalização da arquitectura. Em Portugal, Raul Lino endireita-se pela mesma senda... Olhai agora para a igreja de S. José de Bello Horizonte. Estamos em pleno carnaval. E' apavorante, desconcertante, acabrunhadora, inconcebivel na disparidade das cores e dos estylos: é a realização architectonica daquella espantosa Chica da Silva, do Tijuco. Acabrunha, senhores. Entrai-lhe o pórtico manuelino, vereis a obra-prima do mau gosto. Nas suas paredes encontrareis todos os mil e um arabescos que os mouros imaginaram, vereis todas as passagens da escriptura, todas as vidas de canonizados, as onze mil virgens e, que sei lá? E' sumptuosissima, grande: falta-lhe a magestade, falta-lhe a unção, tem o ar mofento do museu, é uma orquestra que se afina antes do concerto. Qualquer outra capella de Minas é mais piedosa e mais bella.

Os grandes monumentos podem ser construidos nos estylos que se universalizaram mais ou menos pela sua belleza. Não modifica a feição duma cidade brasileira que lhe seja a cathedral de estylo gótico. A justificação da nossa estaria nas proprias palavras do sr. Ricardo Severo, apóstolo do estylo tradicional, quando diz: "o character duma cidade não lhe é dado pelos seus monumentos, collocados em pontos dominantes, grandes praças ou lugares históricos. Ligam esses locaes as ruas e avenidas marginadas por casas de variado destino, e são estas que dão a característica architectonica da cidade". Poderíamos collocar as igrejas paroquiaes no rol desses monumentos? Certamente que não. A cathedral é a confirmação universalizada duma crença, abrigando alem de todos os cidadãos, os forasteiros; a igreja paroquial responde ás necessidades diarias duma povoação, é a lareira onde se reúne a familia, nos domingos, para cantar o Credo consolador. O seu estylo deve ser regional e tradicional: Ligar-se ao passado, correspondendo ás inclinações do presente. Nós já estamos mais ou menos habituados a esta diversidade de estylos que dá a nossa urbe um aspecto de exposição internacional; é nas cidades antigas que melhor se percebe esse erro. Na rua de S. José, em Ouro Preto, toda ella ladeada de casas

velhas, respeitáveis, religiosas, um futurista qualquer construiu agora uma casa cinzenta, exótica, moderna. E' de ver-se o papel que faz essa dissonancia, esse edificio esquipático, anti-clerical, parecido com o sr. Medeiros e Albuquerque, no meio de todas aquellas velhinhas engelhadas, crentes, desfiando o seu terço para o azul do céu tão perto !

Não quero porem terminar este trabalho com frases de pessimista. E' certo que a arte religiosa, embora perseverando nesse grave erro tem acabado alguns trabalhos de valor. A matriz de Campinas encerra entalhaduras das mais perfeitas, obra de 3 artistas bahianos, cujo chefe foi Vitoriano dos Anjos. Bounard elogiou sem reservas a fabrica romanica duma das nossas matrizes; a Capella do Santissimo no Mosteiro de S. Bento é obra sem falhas, admiravel, apesar de ter desagradado a grande maioria do publico, que, como era natural, não a pode entender. Faremos para terminar uma referencia toda especial ao projecto, em via de execução, do sr. Pzirembel para a futura capella do Monserrate, em Santos. O artista soube beber na fonte tradicional, criou um delicioso projecto onde nem faltam os azulejos, que os nossos architectos em tão boa hora reabilitaram.

Deixai-me esperar por um melhor futuro! O tradicionalismo agita-se em nossa terra. Esta boa cidade de S. Paulo já possuiue artistas que procuram descobrir nas paginas de pedra das igrejas centenárias o credo dum novo estylo. Talvez nós mesmos possamos ainda ver renovar-se no fundo sempre verde das nossas paisagens a igreja simples e nobre, a capella risonha e sentimental que nos aponte no passado o heroismo branco dos Anchieta, o heroismo rubro dos catholicos bandeirantes! Veremos elevar-se nos flancos da Sempre-Amada novos templos brasileiros que serão como um éco dessas igrejas avitas, que se coloraram com a pedra rósea do Itacolomy. Esta querida e grande ara de cabellos auri-verdes hade cantar ainda, na voz da saudade, as cantigas da tradição ! E' de crer que a Igreja, quando se acentuar com mais firmeza esse movimento nacionalista da arte, que ainda vage nos linhos da infancia, enfim realizando o bello architectonico de fundo tradicional, é de crer que a Igreja saiba se aproveitar delle e nos dê ainda templos nossos, capellas brasileiras onde a comoção religiosa da raça palpite, como num lar avoengo, desfiando, sob a protecção do nosso catolico passado, o rosario das oblações ao Senhor.



## MÃO PATERNA

POR

MARIO SETTE

No esmorecer da feira de um domingo, o coronel Tinoco trocára umas palavras asperas com o Jóca, pobre homem, já sexagenario, que vivia de uma pequena olaria, da outra banda do rio, a fabricar pótes, moringas e panellas de barro, muito grosseiras, muito sem geito mas que se vendiam pela vóga que ganharam como duradouras.

A rixa entre os dois homens — um o poderoso chefe politico da localidade, outro, humilde morador da zona — datava de uma eleição em que o Jóca se negara a votar contra o general Dantas Barreto, cujos feitos de coragem, em Canudos, a sua imaginação recebera numa narrativa, para nunca mais amortecerem no seu entusiasmo lealdoso. O coronel não esqueceu a “rebeldia” e, embora o velho não a provocasse, “cuidando da sua terra e da sua gente, que já não era pouco...”, começou a perseguir o matuto, veladamente, em pequeninas cousas, procurando acirrar um gesto de revolta que justificasse violencias.

Jóca, experiente na idade, fechava os olhos ás pirraças que ainda lhe não remexiam “lá dentro”, nem “lhe engulhavam o estomago...” O diabo era si bolissem com o “seu povo”, com a sua Marianna, uma mocetona airosa, ou com o seu filho Lucas, rapaz de deseseis annos, franzino, que ajudava o pae na olaria, o “seu braço direito”, como costumava dizer.

— Aquelle homem! Aquelle homem! Não ha que fiar: alguma arte elle arma! — monologava o Jóca, ás escondidas, temendo assustar os filhos.



CLODOMIRO AMAZONAS



Paisagem mineira



Paisagem mineira

CLODOMIRO AMAZONAS



Estudo

E, de feito, em Fevereiro, o coronel vingou-se: metteu, inevitavelmente, o Lucas no ról dos alistados para o exercito, lista que era feita no Paço da cidade, nella entrando apenas os que menos dóse de sympathia merecessem, e o rapaz foi sorteado. Debalde o pae fez vêr que o filho tinha apenas 16 annos e que, fraquinho, não poderia "sentar praça". Recorreu até ao vi-gario, que o batisara, porem este, na esperança de uma cadeira na futura deputação estadual, torceu a cara, desconversou. O pobre velho viu-se desamparado: ia perder por longo tempo o seu companheiro, quasi parar o trabalho, pois, quando andasse fóra, a vender os seus pótes, quem ficaria amassando e cosendo o barro, em casa! E o seu Lucas, assim "movido" aguentaria aquelles "repuxos" do quartel? Já de uma feita elle não botára sangue dos peitos?! E depois, com essas novidades de guerra! Não se engasgava, não! Ia dar de cára com o coronel, dizer-lhe umas verdades, custasse o que custasse. Medo só dos castigos de Nosso Senhor.

Na vespera, sob pretexto de se não haver apresentado em tempo, Lucas foi preso na olaria quando mettia nas fôrmas uns tijollos de encommenda e arrastaram-no sem que ao menos se despedisse do pae que tomava sentido á bôcca do fórnio. Foi Marianna quem, da porta de casa, deu o alarme. E Jôca tomou a resolução de se entender com o coronel, no outro dia, a qual-quer hora, em qualquer canto...

A feira se acabava; ao escurecer. No pequeno pateo da igreja pouca gente se movia: uns bois focinhavam restos de fructas, palhas de milho, bagaços de cannas. Uma velha arrastava um carrinho tôsko em que o marido, paralytico, chagado, esmolava. Todos procuravam galgar a ponte grande quando o "bate bôcca" do "seu coroné Tinôco" com o "Jôca da Ollaria" teve principio. Era commovedora a indignação do velho e irritante o sarcasmo do chefe politico. Deste, as palavras sibilavam como as cobras que se escondem nas capoeiras; daquelle, as phrases borbulhavam como as aguas do açude quando sangrava... O ancião clamava a injustiça do sorteio a colher o seu filho doente, apenas com 16 annos; mostrava como o seu trabalho humilde, de poucos ganhos, ia parar sem a ajuda do rapaz. Seria a maior miseria, seria a fome. Quem ficaria "socando" o barro nos dias em que elle sahia pelas feiras dos arredóres?!

As lamurias, embora sem humilhação, chocavam a quem as escutava. Só o coronel sorria, sorria, rosnando, por fim, como gracejo, um insulto ao pudor de Marianna:



— Ora, meu velho. Qual fome, qual nada! Você ainda tem uma filha bonita...

A mão tremula de Jóca riscou no ar e plantou-se, rápida, na face do chefe político. Houve o tumulto do panico que se segue ao silencio da estupefacção. Dois guardas municipaes agarraram o "criminoso", que lá se foi para a prisão, sereno, o olhar brilhante de vingança, as palpebras batendo de emoção. Sabia bem do que lhe aconteceria na cadeia — um casarão cheio de cubiculos escuros, onde os detentos mergulhavam em banhos de lama, as raparigas donzellas andavam núas e muitos "desapareciam", mysteriosamente, como o Toinho do Brejo, o Chico dos Imbús, até a Severina lavadeira que não quisera "dormir" com o Carneiro, amigo do peito do coronel. Quanto mais elle, que lhe déra na cára! Que geito! Morrer, quando já se é velho, é "bobagem": — o que lhe custava era deixar a Marianna no abandono, cubiçada por aquella gente sem escrupulos. E o rapaz? Que lhe succederia no "mundo", com a farda ás costas? Tinha duas lagrimas, pelos filhos.

De noite fechada, o coronel veio vel-o, na cadeia, na saleta suja em que o haviam trancado. Um "alcoviteiro" de kerozene, mortificamente, recortava os vultos. Acompanhavam-no dois soldados, o promotor, o delegado, até o vigario... Ia ser um castigo solemne: o coronel mandou buscar a palmatoria da escola proxima. O professor trouxe-a elle proprio, em curvaturas. E a Lucas, tambem trasido de outra saleta, ordenaram as praças, sinistramente, que dêsse vinte bolos no pae, na propria mão que esbofeteara o "eminente" politico. O rapaz, aterrorisado, côr de cêra, recuou até o genitor, achegando-se-lhe como em creança quando tinha medo do lobishomem. Bater na mão que o abençoava!! Nem por Nossa Senhora!...

Houve uns segundos de silencio. Novas ordens, nova recusa de cabeça, porque os labios brancos nem uma supplica balbu-ciavam. O tronco rachitico e sumido do rapaz arfava descompassadamente. O constrangimento da cumplicidade naquella scena covarde, fizera já se afastarem dali o professor e o vigario. Sómente o promotor, que andava de olho numa remoção proveitosa, dava mostras de solidariedade... E Lucas a recusar-se, apesar dos empurrões, apesar dos réfles que lhe roçavam o corpo.

O coronel Tinôco exasperava-se: cochichou uma ordem ao delegado que Jóca comprehendeu: o filho iria para a enxovia das surras, a mesma de onde nunca mais sahiram, vivos, o Toinho do Brejo, a Severina lavadeira. Diziam que até as paredes

“choravam”, de humidade! O pobresinho não “aturaria” até de manhãzinha. Já vivia tossindo! Custava dar gôsto àquella gente, custava!! Mas, tambem, vêr seu filho apanhar de facão, feito ladrão de cavallo! Nunca!...

E Jôca, amarello como defunto, avisinou-se do rapaz, que os soldados brutalmente arrastavam, e estirando-lhe a mão pergaminhada, crusada de veias grossas, bem aberta, ordenou:

— Dê, meu filho, dê. Quem manda é seu pae...



## TERRA CAHIDA

*A respeito deste phenomeno muito commum no Amazonas, e popularisado num poemeto de Catullo Cearense, dá o naturalista Walter Bates, em sua obra "The Naturalist on the River Amazonas", o seguinte interessante testemunho:*

“Os canoeiros do Alto-Amazonas vivem apavorados com as “terras cahidas”, ou desmoronamentos que repetidamente se dão nos altos bancos de terra, quasi sempre quando o rio se enche. Embarcações de vulto são ás vezes esmagadas por esta avalanche de terra e arvôres. Eu teria como exaggeradas as noticias do phenomeno si durante minha viagem não fosse testemunha presencial do facto. Certa madrugada fui despertado antes do nascer do dia por um barulho semelhante ao troar da artilharia. Eu estava só no topo da cabina, reinava a escuridão e todos companheiros dormiam. Puz-me a escutar. Os sons vinham de longe e o estrondo que me despertara era seguido de outros menos violentos. A primeira hypothese que me occorreu foi a de um terremoto, porque, embora estivesse calma a noite, o largo rio mostrava-se muito agitado e a embarcação jogava pesadamente. De repente nova explosão, aparentemente mais proxima do que a primeira; e outras em seguida. O estrondo do trovão rolou, ondulado em altos e baixos, dando a impressão ora de vir de perto, ora de longe. Si o interrompia uma pausa, logo voltava, num roncar surdo. Ao segundo estampido, Vicente, que dormia no leme, acordou e disse-me que era “terra cahida”. Custei a crer. Mas uma hora depois do phenomeno, quando rompeu o dia, vimos o trabalho da destruição n’um rombo de tres milhas rasgado na outra margem do rio. Grandes blocos de floresta, mostrando arvôres colossaes com 200 pés de altura, oscillavam como ebrios, revirando, afinal, para dentro da agua. Após cada avalanche a onda determinada por ella voltava-se contra o bloco de terra ferida e num baque tremendo provocava novos desmoronamentos. A linha da costa escalvada por elles mediria duas milhas, e continuava, mas escondida por uma ilha que nos tirava a vista. Era um spectaculo imponente; as derrocadas erguiam nuvens de folhas e gravetos; a cada abalo novas rupturas se davam e assim se perpetuava o phenomeno sem probabilidades de termo. Quando o perdemos de vista, duas horas depois de erguer-se o sol, a destruição inda continuava sua obra.”



## OLIVEIRA LIMA INTIMO

POR

MARIO MÉLO

Embora pernambucano de nascimento, Oliveira Lima formou o seu espirito no velho Portugal, para onde se transportou aos 6 annos de idade, aperfeçoou-o nos centros mais adeantados da Europa, com a virtude, porém, de nunca se ter esquecido da patria longinqua, cuja historia estudava. Prova disto é que seu trabalho de estréa foi dedicado ao seu berço — *Pernambuco, seu desenvolvimento historico*. Apesar de escripto por um joven de vinte e tres annos de idade, ainda hoje é considerado o melhor livro de historia sobre Pernambuco. Tambem outra prova de afeição pela sua terra natal é ter procurado numa familia pernambucana a feliz companhia de seus dias e visitar periodicamente o Estado que se orgulha de o ter como um dos mais distinctos filhos.

A principio devido á carreira diplomatica, presentemente em virtude de ter de dedicar-se ao professorado nos Estados Unidos que disputam o seu saber e o seu merito, Oliveira Lima vem a Pernambuco sómente “matar saudades”.

Aqui se hospeda numa chacara de Parnamirim ou no engenho Cachoeirinha.

Parnamirim — *Paraná-mirim*, o riosinho — é um arrabalde do Recife, a cinco kilometros do centro da cidade, servido outróra pela via-ferrea suburbana e hoje pelos carros electricos da *Pernambuco Tramways*. Está á margem esquerda do Capibaribe, cortado pelo riacho que lhe deu nome e que se tornou celebre na primeira phase da guerra contra os hollandezes. O clima é ahi amenisado pela grande quantidade de arvores fructiferas que circundam a casa em que habita — propriedade de pessoa de sua familia.

No Parnamirim passa o grande escriptor a maior parte do tempo de suas visitas á terra natal. Dahi lhe sairam os originaes da

*Historia da Revolução de 1817, do Na Argentina e da Historia da Civilisação, prestes a apparecer.*

Cachoeirinha é um antigo engenho de assucar, movido a agua, systema que no seculo XVII, conforme frei Vicente do Salvador, era a perfeição das fabricas dessa natureza.

Está situado entre os municipios da Victoria e Escada, a uns vinte kilometros de cada uma das cidades que lhes servem de séde — para o norte em demanda da primeira e para o sul em demanda da segunda — ambas cortadas por linhas ferreas, distantes apenas dez leguas da capital.

A propriedade é banhada pelo rio Pirapama, de agua limpida, crystalina, o qual cascadeia de declive em declive duma altitude de quatrocentos metros, formando pequenas cachoeiras em sua marcha vigorosa para o Atlantico.

A “casa grande” — denominação colonial das antigas habitações dos proprietarios de engenhos para differencar esses palacetes das moradias dos lavradores ou das antigas senzalas — confortavel, hygienico e espaçoso edificio de solida construcção, está situada na encosta de uma colina, á margem direita do Pirapama, com a fachada para o oriente, recebendo a viração constante que sopra pelo valle do rio.

Ahi se gosa de uma temperatura branda, muito diversa da do litoral em que está edificada a cidade do Recife, quasi ao mesmo nivel do mar.

Solar de um dos rebentos do florentino Cavalcanti que tanto contribuiu para a opulencia da nobreza pernambucana, Cachoeirinha é propriedade commum da sogra, esposa e cunhados de Oliveira Lima. Ahi, quando Pernambuco tem a ventura de o hospedar, passa elle algum tempo; mormente na quadra em que a temperatura mais se eleva no litoral, ou quando está a escrever trabalho de maior vulto.

Em Cachoeirinha concluiu Oliveira Lima o seu famoso *D. João VI*, ha uma decada; ahi reviu as provas da *Historia da Civilisação* em vespas de sair do prelo de uma casa editora de S. Paulo e ahi está elle agora a braços com a *Historia da Independencia*, monumento com que a literatura nacional vae commemorar o primeiro centenario de nossa emancipação politica.

Tendo a ventura de privar da intimidade desse grande brasileiro — o maior pernambucano de nossos dias — e de ter gosado por mais de uma vez das delicias que Cachoeirinha offerece aos que consomem seus dias no borborinho da vida intensa das capitaes, não queremos deixar a outro a indiscreção de divulgar os seus habitos.

Oliveira Lima é, sobretudo, um homem methodico, com extraordinaria capacidade de trabalho. Dahi a sua grande victoria intellectual. Tem tempo para tudo, sem faltar tambem aos deveres de sociedade e sem privar o espirito de umas tantas diversões.

Outro traço caracteristico de sua vida é a bondade de seu coração, seleccionando amizades — como elle sabe ser amigo! — mas acolhendo a todos, amparando os fracos, animando os que comecem, incentivando os que trabalham, elevando sempre o merito dos outros, sem ciumes nem rivalidades.

Entre estudantes é quasi um collegial. Se o convidam para qualquer solemnidade academica, para qualquer reunião intellectual, elle esquece que é o principe de nossas letras e sem insistencia participa das festas do talento. Entre literatos que comecem, faz-se de quasi estreante nas letras. Frequenta as tertulias e ampara os plumitivos diminuindo-se sem falsa modestia para que relevo tenham os que procuram encarrear-se. Vimol-o assim tomando parte em festas collegiaes de distribuição de premios, nas sessões do Centro Academico de Direito, nas reuniões do Congresso de Estudantes, nas apotheoses de neo-literatos, com a mesma bonhomia com que frequenta as sessões do Instituto archeologico pernambucano.

Oliveira Lima dorme habitualmente ás 21 horas e acorda ás 5. Inicia logo o trabalho que mais attenção lhe está despertando e só o interrompe ás 7 horas para o café levado ao gabinete. Se está na cidade lê em poucos minutos, os jornaes de sua sympathia.

A's 8 horas vae ao banho e continua, ao regressar, o seu trabalho até ás 10, quando o almoço estará impreterivelmente á mesa.

Recomeça o trabalho ás 11 horas e só o deixa ás 16, quando lhe servem o jantar.

Se está na cidade e tem qualquer trabalho externo ou alguma reunião, sae entre 13 e 16 horas, demorando alguns minutos no *Diario de Pernambuco*, de que é collaborador, e na *Livraria Contemporanea* onde se abastece do material de escriptorio.

Raramente sae á noite, nem mesmo para espectaculos... a fim de não perturbar o somno reparador dos criados. Sempre que é possível, faz suas visitas aos domingos, durante o dia.

Terminado o jantar, não mais escreve. Na capital, põe uma cadeira de balanço no oitão leste da sua casa do Parnamirim e conversa com a familia até ás 20 horas. Quando se distrae, cochila alguns minutos. No campo, vae para o terraço da "Casa grande" e ali se conserva até ás 20 horas, quando se recolhe ao gabinete, lê ainda durante uma hora e dorme á larga.

Quem vê Oliveira Lima com toda sua adiposidade, quasi roloço, a pesar 144 kilogrammas, julgará que ali está o prototypo da gastronomia. Puro engano. Poucos terão, como elle, tanta sobriedade á





mesa. Pela manhã toma uma chavena de café e uma torrada. Ao almoço raramente se serve de peixe, carne ou aves; em geral toma alguns legumes, fructas, bolos e doces. O jantar é sua refeição principal; mesmo assim não se serve de mais de dois pratos—peixe, carne ou aves. Se ao almoço se tem servido de qualquer destes, ou delles se abstem ou não toca em inais de um e com a maior parcimonia. Não dispensa, porém, ao jantar, legumes, fructas, doces, bolos e queijo. Remata sempre o almoço ou jantar com uma chitarra de chá. A' noite não toma alimento algum, nem mesmo chá. Abomina o alcool sob qualquer fórma. Após as refeições fuma bons charutos bahianos.

Oliveira Lima teve a rara felicidade de encontrar para companheira uma virtuosa senhora. Além de uma dona de casa completa, é uma intelligencia clara e uma illustração admiravel. Conhece a fundo portuguez, francez, hespanhol, italiano, inglez e allemão, linguas que fala com a maior naturalidade.

Em contraste com a calligraphia do marido que elle proprio não entende no dia seguinte, como tem confessado, possui d. Flora de Oliveira Lima uma letra masculina, de traços fortes, muito igual, muito legivel, capaz de enganar qualquer graphologo sobre o sexo e a profissão de seu possuidor.

A illustrada senhora accumula a profissão de dona de casa com a de secretaria do marido. E' uma grande collaboradora dos ultimos livros de Oliveira Lima e de seus artigos de imprensa, bem como de suas conferencias.

Elle estuda, medita e rascunha sósinho o trabalho que o preoccupa, confiando-o a uma meia-folha de papel almaço, sem lauda e sem espaço para emendas. Depois, tendo em mãos aquelle hieroglypho, dita o texto definitivo á sua secretaria. Sae então um trabalho limpo, perfeito, completo, sem que na revisão se lhe precise pôr uma virgula se quer.

Oliveira Lima não deixa carta sem resposta, venha donde vier. Somente as abre com uma tesoura ou canivete, para não estragar a sobrecarta. Depois de respondida, põe-nas em ordem e no fim de cada anno as colleciona. As respostas são protocolladas. Quando o correio extravia alguma, pode com segurança dizer o dia em que a escreveu, o assumpto de que tratou e a data approximada em que a expedio. Das mais importantes deixa copia. O mesmo é usado em relação aos telegrammas.

Os livros são o maior encanto de Oliveira Lima. Teem, assim, tratamento especial. Quando de qualquer delles precisa para uma consulta ou citação se vale de sua esplendida memoria e nada lhe falta. Embora não muito admirador de jornaes, arruma-os depois da leitura e por certo tempo os colleciona.

Em materia de religião, Oliveira Lima diz-se catholico-his-



torico: nasceu num paiz catholico e nessa crença foi educado. Considera das mais puras a moral catholica e não mudará de religião. Assiste com o maior respeito as solennidades de qualquer religião. E' tolerante para todos os credos, o que lhe ia quasi valendo uma ex-communhão de uma parte do clero pernambucano por ter trabalhado para que a Associação Christã de Moços tivesse sede propria no Recife. Como brasileiro, attendendo aos serviços que ao Brasil colonial prestaram os missionarios catholicos, especialmente os jesuitas, não pode deixar de ter as maiores sympatias pelo catholicismo.

Toda a liturgia lhe merece attenção. Até mesmo a pratica commum no interior de "fechar o corpo" com benzedura ou ajustar "espinhela caída" com orações e signaes cabalisticos. Espirito superior, Oliveira Lima tanto se distrae com as diversões da alta sociedade como com as das nossas tradições populares. Applaudê uma modinha brasileira acompanhada a violão, em noite de luar, com prazer maior do que um trecho classico de Wagner, Verdi ou Massenet. Agora mesmo, na epoca de natal, promoveu a vinda a Cachoeirinha de um grupo de pastoras, para realização de uma festa tradicional do norte. E era um encanto vêr que aquelle grande espirito se deliciava tanto apreciando cinco mulheres ignorantes, sem vozes educadas, sem estudos coreographicos, sem mimica, a cantarem versos como

*A flor do ananaz  
E' Abacaxi quando vae crescendo  
Abacaxi, Abacaxi  
Viva a folia deste pastoril*

a saltarem, a gesticularem num improvisado palco de taboas soltas sobre barricas de bacalhau, com acompanhamento de gaita e zabumba, como se deante dos olhos estivessem Pawlova e Duncan no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Ou a apreciar pelo carnaval, tambem por elle atraído para o engenho, um maracatú de uma povoação proxima, com as suas vestes esquisitas, as suas dansas exoticas, a sua orchestra original, a entoar lóas como

*Deus no ceu e rei na terra  
E na escada o seu barão; (\*)  
A nação Cambida-Nova  
E' a primeira nação*

\*

(\*) Barão de Suassuna.

Si existisse ao tempo de Plutarco, Oliveira Lima teria sido um de seus varões. E' talvez, entre os brasileiros da actualidade, o unico character que não se amolda ás conveniencias do momento. Diz o que pensa, como pensa e porque pensa, sem lhe incomodar com as consequencias. A palavra para elle não é um subterfugio do pensamento, mas a traducção fiel do seu pensar.

Os seus inimigos — inimigos que surgem das divergencias no analisar com a sua liberdade os homens e os factos — só lhe teem encontrado um defeito na vida, o unico que lhe atiram á face no calor das discussões, quando feridos pela sua penna scintilante: Ser gôrdo de mais !...

Cachoeirinha (Pernambuco) Fevereiro de 1920





## O "CROISÉE"

POR

GODOFREDO RANGEL

Quando constou que o Binho do Pião ia fazer uma defesa, a noticia causou muxoxos e hilaridade.

"Ora o Binho!" Foi o commentario unanime do povo.

O rapaz mexia com os livros, era falante, mas ter o topete de subir em uma tribuna em Sant'Anna do Barril Furado e d'alli arengar os jurados, em pleno funcionamento augustissimo do jury! Era fazer pouco da justiça e ter-se numa conta excessivamente alta. Todo o mundo lastimava antecipadamente o réo que ia prestar-se para sua estréa. Tomava o maximo, pela certa. Inda mais em Barril Furado, cujo corpo de jurados era constituido dos mais terriveis "criminalistas" de que ha noticia.

Sabe o leitor que significa esta palavra? Soube-o eu um dia com surpresa. Da vez primeira que assisti no interior a um jury, a pessoa sollicita que me iniciava nas cousas e habitos locais apontou-me certo individuo batoque, de camisas de duvidoso asseio, calça esgarçada, explicando-me:

— Aquelle é um "criminalista".

Enchi-me de espanto. O facto pareceu-me incrivel e por isso exigi repetição da affirmativa. Quando a obtive, fixei a vista admirando naquelle homem. Quem tal diria! exclamei comigo. Ver um individuo d'aquelles, com o ar modesto de um fazendeiro vulgar, por cujos lumes interiores nada dariamos e achar-se envolta nessa apparencia roceira a alma d'um criminalista insigne! Garofalo de polainas! Ferri travestido em coronel da briosa!

— E' o Tonho Baptista, continuou meu "cicerone". Conselho em que elle entra, é certo o réo tomar no maximo. Por isso os

advogados o recusam sempre, salvo quando não receiam que a urna estoure.

Nesse momento como que lhe vi as orelhas asininas se fazerem grandes azas e levados pelos adejos dellas Ferri e Garofalo subirem e se desvanecerem no espaço, ficando apenas alli o Tonho Baptista, da camisa ensebada e da consciencia quiçá mais ensebada que a camisa.

E em Barril Furado, de fôro recém-creado os jurados se mediam pela bitola do terrível Tonho, o que tornava mais frisante o arrojo, o desplante, o intromettimento do Binho a se fazer de rabula, um chichemirriche d'aquelles!

\*  
\* \*

Pois o Binho não era tolo. Tinha lá suas razões de aventurar-se a taes alturas. A razão mais ponderosa era um certo "croiséé", exhumado do canastrão avoengo, antiqualha veneravel, de odor secular, que o revestia todo com a sua solemnidade.

No dia da estréa, quando o Binho a principio meio sumido no fundo da tribuna se foi pondo de pé, e emfim mostrou em toda a evidencia o prodigioso "croiséé" um arrepio de veneração e espanto lavrou no dorso dos jurados e demais espectadores. Enorme que era, aquelle "croiséé" absorvia em si a insignificancia physica e moral do Binho, dominando com seu prestigio centenario, pesando nas consciencias como um "provará" irresistivel. Resultado: a estréa do novel advogado foi uma absolvição unanime. Fosse caso de suggestão collectiva, de bestificamento em massa — expliquem o caso como queiram — a realidade era aquella. Aquelle "croiséé" exerceu um poder de fascinação sobre o auditorio e o Binho dominou o conselho de criminalistas.

Dizer que esse dia marcou o inicio de uma série de triumphos, torna-se agora perfeitamente comprehensivel.

Causava assombro semelhante exito. Falliu pela primeira vez o preceito de sabedoria popular: "ninguem é propheta em sua terra". Elle alli conseguiu ser advogado e, se quizesse, seria propheta no Barril Furado, como Diogenes fôra philosopho em outro barril historico. Binho ganhou fama. Ganhou consideração. Ganhou dinheiro. Réo que elle defendesse, ia para a rua. Sua palavra revolvía as consciencias, predispondo-



as a absolver, como certas massas magneticas, entranhadas na terra, determinam a direcção de uma agulha imantada. E com que apurmo, com que solenne impertigamento elle sabia er-guer-se e dizer os latinorios do officio aos "Senhores do Conselho de Sentença!" Berrava o "testis unus, testis nullus" com uma convicção ruidosa, reforçada a punhadas na tribuna, por signal que dizia: "testus unus". Encarrilhava o "fero fers", o "scire leges", o "ad rem" com um espevitamento inegua-level.

O unico que não ia com a onda era o Milote. Para elle o Binho era sempre o Binho do Tião. Buscava desacreditalo macaqueando-lhe os modos. Pura inveja!

Conta-se que de uma feita chegava ao salão quando o "advogado", revestido de seu "croisé" como uma mumia de sua faixa, trovejava com todas as impetuosidades de seu verbo:

— Aos aleives da douta promotoria publica, senhores do conselho, responderei "ad rem", baseado no direito e nas provas dos autos!

E vae o Milote, aparteia num grupo:

— Vejam só! Que enjôamento! Este Binho não vale seu "ad rem" pelo avesso!

A virulencia d'esses ditos, longe de deprimir, concorria a realçar a preeminencia do illustre advogado barrilense.

\*  
\* \*

Mas occorreu um facto lastimavel. O caso é que um dia houve um baile de negros e certo trocista assentou de o ir "esculhambar". Estava-se mais ao menos pelo entrudo. O tal trocista, primo do Binho, foi-lhe ao vestiario e tomou-lhe a occultas o "croisé". Obteve de outro um chapéo coco, e de um terceiro uns botarrões abracadabrantes. Metteu na cara um nariz postiço, dois rodelões de couro á guiza de oculos, e, sem mais, arrastando bagaço e tinindo esporas, foi entrando pela sala do baile. Com o revoluteio das dansas ahí já se espalhavam os perfumes das dezenas de axillas dos valsantes, misturando-se entre si fraternalmente, a ponto de fazer-se uma fragrancia uniforme e, a bem dizer, compacta, o que equivale a dizer que ia em seu auge o entusiasmo dos pares.

A negrada não viu com bons olhos a chegada do moço, que irrompera pelo meio de uma "quadria" animadissima, marcada aos urros de francez do Congo, uns "alavancate" "tu",

"chédedame", que punham em delirio a pretalhada folienta; sem tirar o chapéo coco, puzera-se a dansaricar um miudinho assanhado no meio da sala.

Fôra ousadia. A negrada amontoou, esmurraçando-lhe o chapéo e pinchando-o fóra da casa a ponta-pés violentos. O engraçado fez "goal" porta fóra, encaçado pela turba vociferante. Foi então que no meio do vozeio indignado se ouviu sua voz sup-  
plice:

— Não estraguem o "croiséé" que é do Binho fazer defesas!

E, insensível á dor, era todo gestos de protecção á alfaia preciosissima, que bem surrada sahiu do tal pagode.

\*

\* \*

Foi o azar, para o Binho. Nessa época morreu o seu prestígio. Teve exacta consciencia d'isso, na primeira sessão de jury que se seguiu. Condemnaram-lhe todos os réos. Era inutil a sua empafia, quando a deitar murro na tribuna, elle desfiava o "testus unus" e mais latins, a grande reforço de copos d'agua e de "senhores do conselho de sentença!" Não o tomavam mais a serio. Mostravam-no a ponta de dedo, no salão, murmurando em tom de chacota:

— Olhem o "croiséé" do pagode!

Fallindo o "croiséé", falliu seu prestígio; era aquelle que suppria com suggestão, as suas deficiencias mentaes. Porque afinal o merito do Binho não era d'elle, mas toda de seu "croiséé".

No dia em que lhe condemnaram um 303, sem prova, e um outro caso de "privação", bem caracterizada, Binho comprehendeu sua derrota irremissivel. Samsão perdera os cabellos: o "croiséé" ficara, desmoralizado!

Então largou a advocacia, definitivamente, e hoje tem vendinha, numa encruzilhada.

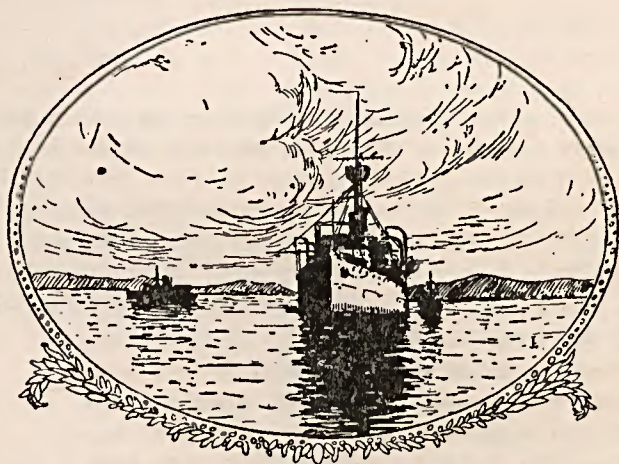
\*

\* \*

Do "croiséé", sabe-se que findou ahi sua carreira gloriosa. Hoje — suprema degradação! serve, tambem na rôça, para vestir espantalhos defensivos das plantações.

Vestiram-no num grande boneco, ao qual penduraram, como judas, sobre um arrozal.

Mas, como se alguma cousa lhe houvesse ficado do antigo officio, quando dá o vento ainda se vê agitarem-se-lhe as mangas em gestos amplos, que lembram o bracear solenne de seu dono, nos aureos tempos, quando, do alto da tribuna judiciaria, berregava com todo o entono o "testus nullus", ao conspecto de seus conterraneos bestificados de admiração e espanto.







## O ABOIO

(NORDESTE DO BRASIL)

A CLOVIS BEVILAQUA

*Ah! como é triste o aboio! ah, como é triste o canto  
Sem palavras — tão vago! — a saudade exprimindo  
Das selvas do sertão, no mez de junho rindo  
Pelos olhos azues das creanças, enquanto  
No tamarindo verde, azas abertas, trina  
A' beira dos curraes, o gallo-de-campina !*

*A' tarde, ao por do sol, do vento ao brando açoite,  
O robusto camponio, o velho sertanejo,  
Envia a alma ao Azul, deixa-a ir num adejo;  
Pede a Deus que ella alcance o coração da noite  
Porque somente a sombra exprime essa incerteza  
Que padece, a tremer, em face á Natureza.  
Sae-lhe do seio nú, em expansões sonoras,  
A lembrança feliz de todas as auras  
E a funda vibração de todas as saudades.  
Essa maguada voz que acorda as soledades,  
Essa tremula queixa, é o gemido e o brado  
De uma raça infeliz, cuja longo passado  
Symbolisa o clamor da miseria e da fome,  
Procurando exprimir tanta angustia sem nome.  
Inda agóra repete, ao incendio do poente,  
Ao sombrio pallor da tarde que se esvâe,  
— Enquanto na Egrejinha a saudade resôa —  
O cantico sem fim desolado e tremente  
Que ha seculos — oh! Deus! — dissimula num ai!  
Por isso, quando a voz do sertanejo então*

O lamentoso aboio, a gente queda e scisma;  
O nosso coração silencia e se abysma  
No pégo da saudade e, lá do fundo, arranca  
Não sei que doce flor emmurhecida e branca.  
A letra da canção ninguém, ninguém conhece,  
Mas sabemos que alli chora e geme uma prece  
Desolada e subtil, cuja modulação  
Si coubesse n'um rythmo, era o do coração.  
E, quando o sertanejo, a larga fronte núa,  
Voltada para o céu, de onde sorri a lua,  
Diz no cantico vago o que a su'alma encerra,  
Ah, nós sentimos bem que fala a nossa terra!  
E' a raça cabocla, a lusa e a africana  
Procurando expressar tanta dor sobrehumana.  
Essa dorida voz, de ondulações extranhas  
Triste através do espaço e através das montanhas,  
E' a mesma que veio entoando pelos mares  
As orações de fé da patria portugueza;  
Que, na lingua tupy, em incertos cantares,  
Primeiro celebrou a nossa natureza;  
Que, depois de soffrer as amarguras do eito,  
Pobre raça infeliz, nos embalou no leito!  
E como exprime bem o sussurro das mattas!  
O soluço do vento e o gemer das cascatas!  
O mugido do gado e o mysterio da selva!  
A voz do passaredo, a cantar sobre a relva,  
E o zizido do insecto e o gemer da araponga  
Cujo brado de dor nas quebradas se alonga  
E vác-se pelo espaço, errante e dolorido,  
E vác-se pelo azul, fundo como um gemido!  
O sertanejo diz, na rude litania,  
Que lhe sâe da garganta, o que outr'ora dizia  
O curvo bisavô, vendo chegar ao aprisco  
O manso gado nêdio, o gado manso ou arisco.  
Conta que é bom o Inverno e o tempo da Fartura  
Quando, provido o lar, bem junto á companheira,  
Passa a noite narrando, ao clarão da fogueira,  
As lendas da carocha aos filhos pequeninos  
Que levantando, a rir, os olhitos divinos  
Procuram ver em cima, á luz dos astros brancos,  
O Cruzeiro do Sul, abrindo os braços francos...  
Lembra os dias azues de socego e de calma  
Quando os carnahubaes, movendo a verde palma,

*E as juremas, em flor, cantam hymnos á Vida  
Pela vóz sem igual da graúna sentida.  
E a noite immorredoira, a noite de S. João,  
Toucada de jasmíns, cravo e mangericão,  
A sonhar, a sonhar no seio bom da viola  
Onde pulsa a alegria e a saudade se estiola;  
E a noite de Natal, num hymnario que é um mixto  
Da alegria e da dor de Maria e de Christo!  
Tudo passa na vóz do pobre sertanejo  
Como passa no labio a caricia de um beijo!  
Depois, — quanta amargura! — a voz dorida exprime  
A historia mais pungente e a mais brutal de um crime  
Do sol, — o creador da Existencia e da Morte!  
O filho dos sertões dessas terras do Norte  
Engeitado da patria, ao dilatar-se o Estio,  
Vendo o leito seccar das lagôas, do rio,  
O panasco desfeito, o mimoso acabado,  
Os filhos semi-nús, morto de fome o gado, —  
Somnambulo da dor, phantasma louco e incerto,  
Foge, deixando o lar para sempre deserto.  
Lucta primeiro, lucta, heroico e destimido,  
Contra o sol, contra o céo, contra o desconhecido  
Trava o combate audaz dos guerreiros inermes:  
Quer a Morte vencer e, da gula dos vermes  
A ninhada arrancar, vida da própria vida,  
Moribundo clarão de uma aurora esquecida.  
Quando não pode mais, buscando o Firmamento,  
Fita o concavo azul; sobre as azas do vento,  
Lá vóa para Deus! Ora constricto, reza,  
Vencido em frente ao nada e em frente á Natureza!  
Para o ceu abrazado, amarello, de jalde,  
Levanta as mãos em prece... Embalde, embalde, embalde!  
Sente-se, enfim, exhausto. O olhar grave e profundo,  
Tem allucinações de quem está n'um mundo  
Onde o sol é de fogo e a lua, tão fria,  
Recorda o miserere extranho da agonia.  
Jaz a enxada no chão, improductiva a um canto;  
Ergue-a desconsolado e — a face torva em pranto —  
Fere-a de encontro ao sólo, entre cardos e pedra,  
Para atirar ahí, onde a vida não medra,  
Não o germen da flor, luz de invisivel brilho,  
Mas dois olhos azues: os do primeiro filho.*

*E' então que elle parte: agóra a enxada antiga  
 Já não pode servir como uma boa amiga:  
 E' o instrumento máu que ha de ajudar á Sorte  
 Para rasgar-lhe o seio e para dar-lhe a morte.  
 Encoraja a mulher; pede a Deus, de mãos postas,  
 Que o ampare ao transpôr essas velhas encostas  
 Onde outr'ora brincou, ridente e pequenino,  
 Cheio dos sonhos bons dos tempos de menino.  
 E é partir, é partir!*

*No alpedre derrocado*

*No rosto as duas mãos, rememora o passado  
 Ao sinistro clamor dos hirtos arvoredos  
 Em cujos ramos nós diz o vento segredos.  
 Tudo por terra jaz estarecido e morto:  
 Não soffreu mais Jesus lá, nas sombras do horto.  
 Desfeita, extincta a fé, exaurida a esperança,  
 O rude luctador chora como creança:  
 Pois quem é que resiste á agonia sem nome  
 De sepultar os seus, mirrados pela fome?  
 E' partir, é partir!*

*Põe um filhinho ao hombro,*

*Cede um outro á mulher, cheia de medo e assombro,  
 Lança a vista em redor... Do alto de uma collina  
 Nesse transe infeliz contempla o lar amado,  
 O musgoso perfil da capellinha em ruina,  
 A casa onde nasceu, junto ao rio prateado,  
 Onde a verde oiticica e o antigo joazeiro  
 Davam sombra e repouzo á manada e ao vaqueiro  
 — "Adeus, serras azues! Adeus, serenos montes,  
 A subir para o céu, ruscando os horisontes!  
 O' clareiras sem fim no dorso das quebradas,  
 Onde grita a jandaia, e as manhãs orvalhadas  
 Fulgem, quando sorri, na doce paz dos campos,  
 A serrana gentil, á luz dos céos escampos!  
 Moitas de mussambê, florindo em julho e agosto  
 No leito do riacho, ao morrer do sol posto!  
 Ninhos de jassanãs, á beira das lagoas,  
 Onde mugem os bois, almas rudes e bôas,  
 E floresce o jucá, na sonora alegria  
 Dos mezes festivaes do amor e da Invernía!  
 Adeus, noites de abril, negras como o velludo,  
 Varzeas, adeus tambem, e montanhas e tudo!"*

*E' isso o que nos diz, ás horas da trindade,  
A voz do sertanejo, anciando de saudade,  
Nessa triste canção, doce como uma prece,  
Cuja letra ninguem advinha ou conhece,  
Mas cujo pensamento, unido de emoção,  
Si coubesse n'um rythmo, era o do coração!*

HENRIQUE CASTRICIANO



## CONTRASTE

FRANCISCO GASPAR.

*Mez de Setembro. Surge a primavera.  
Manhã ridente. Como brilha a aurora!  
Quem me dera ter saúde, quem me dera,  
Para sahir cantando — campo em fóra!...*

*O céu de opala, escampo reverbera.  
Ha vida em cada ramo que se enflora.  
Quem me dera ter saúde, quem me dera,  
Para, em vez de chorar, sorrir agora!*

*A luz irisa a espuma da cascata.  
Ha fremitos de ninhos pela matta,  
Só nos meus olhos resplandecem prantos!*

*As aves cavatinam na floresta!...  
E enquanto fulge a natureza em festa  
A minha lyra plange em tristes cantos!*

## SAUDADE

FRANCISCO GASPAR.

*Quem não sentiu ainda, ao tibio lume  
Da tarde, a voz desse anjo peregrino  
Que soluça nas cordas de um violino  
E se eleva de manso num perfume?*

*A alma, exhalando um intimo queixume,  
Que é a extrema nota querula de um hymno,  
De joelhos abre o esquife crystallino  
Onde alguém dorme, alguém que um céu resume!*

*De tudo guardo candida saudade:  
De uma illusão, de um beijo, da belleza  
De uns olhos de celeste claridade...*

*De tudo o que passou, que já não vive...  
E tenho até, nas horas de tristeza,  
Saudade das saudades que já tive!*

## HARMONIA DAS CORES

ATHAYDE PARREIRAS.

*Branca, recorda uma alma como Ophelia,  
 Symbolo celestial de virgindade;  
 Azul, a melodia da harpa celia,  
 Hymnos tangendo pela immensidade.*

*É rosea a magua santa de Cordelia,  
 A abandonar o pae na velha idade;  
 Rôxa, não tem o amor de uma camelia,  
 Mas, o triste alaúde da saudade.*

*E brama o desespero na amarella,  
 Das almas dos eternos revoltados,  
 Dos que vivem em intima procella.*

*A vermelha — a bombarda das cohortes,  
 Abraça a negra, — irmã dos rebellados, —  
 E cantam juntas os missaes das Mortes...*

## OS PERFUMES

ODILON NESTOR.

*Ha perfumes subtis, que, em tardes langorosas,  
 pairam no azul dormente, em torno dos jardins:  
 aromas que provêm do coração das rosas  
 e dos sensitivos jasmíns.*

*E ha perfumes tambem, que, nas noites serenas,  
 como fluidos de amor, andam suspensos no ar:  
 odor de bogari, efflúvio de verbenas,  
 por noites ledas de luar.*

*Outros ha que eu não sei se vêm das tuberosas,  
 das glycinias em flôr, de alguma flôr fatal.  
 São essencias, talvez, de plantas venenosas,  
 em lindos frascos de crystal.*

*Quer esvoacem na mesa e do festim na sala,  
 quer na sombra da alcovã, entre beijos febris,  
 com elles a alma canta e no prazer se embala...  
 perfumes ha que são gentis.*



*Voltejando na loisa, onde a saudade cresce,  
ou por sobre um altar, dos incensos no véo,  
os perfumes na dôr, na tristeza e na prece,  
são como um balsamo do céo.*

*Recatados alguns, quantos ha tentadores,  
ora occultos num seio, ora em froixo roupão...  
Companheiros do sonho e dos loucos amores,  
loucura e sonho é que elles são.*

*As vezes, quando vêm de um leque abandonado,  
de um cofre que se abriu, da luva que se usou,  
recordam vagamente as festas do passado  
e o sonho azul que se sonhou...*

*Perfumes! eu vos amo, attrahe-me o vosso encanto,  
sois a alma da bonina aberta no arrebol!  
Ao vosso sopro bom se enxuga muito pranto,  
tal como o orvalho á luz do sol.*

## WAGNER

ARAÚJO FILHO

Il mondo pareva diminuito di valore.

*Gabriele d'Annunzio.*

*Para a revelação maior do entendimento  
Da Arte em que foi senhor, mistér fôra outro mundo:  
— Um céo mais claro, um sol sem mancha, um firmamento  
Calm, em contraste a um mar mais forte e mais profundo!*

*Uma noite sem astro e sem termo!... Um segundo  
Cahos!... E, triste, a gemer em máo presagio, o vento...  
E feras a lutar em desespero fundo...  
E outra disposição de fórma e sentimento!*

*Como em pequeno vaso uma planta amortece...  
(Este vaso!?... Esta planta!?... Em chão feraz, quem sabe  
A vida desta planta, o encanto desta flôr?!...)*

*Assim Wagner — o Deus da alta harmonia — desce  
A' Morte! Este orbe aqui, como o vaso, não cabe  
A grandeza de sons do seu sonho interior!*





## PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

XXXII

Angelo entrára em seus aposentos depois de um dia afanoso. Tinha ido em companhia do advogado Pinto da Silva ao cartorio civil, onde extrahira a certidão de idade de Gina, que na realidade já orçava pelos vinte e dois annos. E após uma série de diligencias e formalidades, auxiliado pelo esperto legicrepa de olhos irrequeitos e pontudos, vingára pôr termo ao processo em que se vira desgraçadamente envolvido seu ingenuo irmão.

Pobre Leonardo ! Com o correr do inquerito desvendára-se toda a trama infernal de que fôra victima. Era Pataracchi uzeiro e vezeiro em tirar proveito dos mais generosos sentimentos, arte diabolica em que revelava ás vezes um profundo conhecimento do coração humano. Em parte para se descartar da rapariga, de quem já andava fatigado, mas acima de tudo por uma certa vaidade e prazer em triumphar sempre a poder de astucias e artimanhas, quizera, mais por desporto do que por qualquer outro motivo, brindar regiamente com um casamento rico a humilde operaria. Depois não lhe parecia de todo em todo improvavel que o exito de seus planos lhe trouxesse tambem alguns lucros e proventos materiaes, — razão por que, mezes antes, havia habilmente conseguido que Leonardo cahisse nas garras das duas mulheres.

Enganára-se, porém, desta feita. Jogára demais com a ingenuidade e generosidade do rapaz, suppondo que o mesmo, a effeito de evitar escandalo e poupar vexames á moça, se promptificaria a casar, sem maiores delongas nem perigosas verificações... Vendo, entretanto, que fallára a sua previsão, comprehendeu logo que o processo seria fatalmente archivado, visto como a prova da menoridade, indispensavel para a acção do ministerio publico, não poderia ser obtida. Aconselhou-as então a desistirem da *chantage*

(Oh ! manes do professor Viriato !) e, descobrindo talvez na cachopa alguma nova utilidade, fel-a seguir secretamente para o Rio, onde ia montar, com um jornal ruidosamente político, uma grande machina digna de emparelhar com a pedra philosophal.

Estava Angelo a considerar com indignação misturada de nôjo em todas essas infamias, que lhe chegára ao conhecimento por indagações e conjecturas, quando deu com os olhos em uma gazeta do Rio, aberta sobre o divan. E leu, mesmo á distancia, os seguintes titulos em letras garrafaes :

## COMICIO NO LARGO DE S. FRANCISCO

*Impressionante discurso do jornalista Luciano Aymoré da Penha*

### VIOLENCIAS POLICIAES

“Que estará fazendo no Rio o pobre Luciano ?” pensou. Tomou a folha e, abrindo-a, leu com assombro a longa e minuciosa noticia que se segue.

#### XXXIII

“Atravessamos um periodo anormal, o mais triste talvez de toda a historia. O Rio continua em seu perpetuo estado de sitio. As mais legitimas manifestações da opinião, na imprensa ou na tribuna, são abafadas a golpes de sabres e a patas de cavallo. Hontem, porém, a policia foi impotente para impedir de uma arrancada que um homem singular, que acaba de chegar de S. Paulo, proferisse um discurso impressionante, um libello terrivel contra o nosso desgoverno, em pleno largo de S. Francisco e perante uma multidão numerosa. Trata-se de um dos ultimos abencerragens do jornalismo nobre, livre e independente, o qual vendo-se ludibriado por trapaceiros que mercadejam com os mais nobres sentimentos de patriotismo e de honra, como se lhe fechassem todas as portas da publicidade, tal qual como se deu com o “Inimigo do Povo”, de Ibsen, recorreu ao comicio na praça publica. Chama-se elle Luciano Aymoré da Penha e foi, na Paulicéa, redactor de uma revista patriotica intitulada “Vida Nova”. Infelizmente a agitação morbida em que se achava prejudicou bastante a sua oração, que mais parecia um delirar de possesso. Teria sido, ao parecer de muitos, uma scena comica e até ridicula, se as conhecidas violencias da nossa policia não lhe tivessem conferido o quer que seja de doloroso e quasi tragico. Procuraremos dar, aqui, com a maior fidelidade possivel, o que disse o excentrico orador.

Mercê de umas notas tachygraphicas tomadas por um nosso reporter, que, por feliz acaso, se achava presente, podemos offerer aos nossos leitores uma *compte-rendue* exacta do que foi o discurso do plumitivo paulista.

— Meus patricios. — bradou elle *ex-abrupto*, fallando da escada da escola Polytechnica, com a cabelleira revolta e agitando o chapéo com uma verdadeira “furia sonora”, — meus patricios, vedes deante de vós um homem que tem vivido só de amar a sua terra e a sua gente... Desde muito creança que me habituei a adorar a minha patria e nunca fiz outra cousa do que procurar engrandcel-a, empregando toda a minha energia, toda a minha mocidade, todas as minhas forças em trabalhar para a sua gloria... Alimentei, meus irmãos, o sonho louco de ser um humilde artifice do futuro de minha patria... Identifiquei-me com ella, amei-a como o meu tudo na vida. Nunca tive outra affeição. Não cheguei a conhecer meus pacs, nem jámais um carinho de mulher entrou em minha existencia. Entretanto não me sentia só, porque o amor da minha terra substituia para mim todos os outros amores. O meu lar era o nosso céo estupendo, a luz doirada do nosso sol, o verde das nossas matas, o esplendor da nossa natureza... Decorei a nossa historia, como quem escuta as palavras e aprende o passado de uma mãe... Que quereis, meus patricios... Por mais estranho que isto vos pareça, tendes deante de vós um homem que nunca experimentou na vida a mais pequenina emoção e alegria que não a recebesse desse unico e absorvente amor. Trago nas veias — e o digo com orgulho — o sangue das tres raças que se encontraram no seio das nossas florestas. João Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias vivem dentro em mim, num mesmo impeto de amor á terra brasileira...

— Que está cantando esse doido... gritou uma voz gaiata. Mas ficou só, porque a figura do pobre jornalista impressionava a todos. Lembrava um encergumeno infinitamente desgraçado que alli viesse gritar uma dôr irreprimivel. E havia na multidão tal curiosidade que não deixava logar a outros sentimentos. Todos suspensos — perguntavam — se aquelle sujeito não seria, mais do que louco, um desgraçado digno de respeito e compaixão. A alma varia e indecisa da turba oscillava entre os extremos. A vaia e o applauso, a troça cruel e a sympathia enthusiastica mediam forças, dentro da só impressão da estranheza do espectaculo. Aquella hora o mais arguto psychologo não poderia dizer qual o acolhimento que ia ter o orador. A apothose e a lapidação eram igualmente possiveis.

O homem estava livido, o olhar desvairado, os labios exangues.

— Amei a minha terra e quiz trabalhar desinteressadamente pela sua grandeza. Mas fui, meus patricios, enganado, humilhado,



cuspidado no rosto ignobilmente. A minha liberdade de pensamento e de acção tornou-se illusoria. Impuzeram-me silencio e, como eu repellisse indignado uma proposta torpe, como me revoltassem o quererem subornar a minha penna e a minha palavra, enxotaram-me como um cão e cobriram-me de baldões e escarneos... Almas pequeninas e vis ! Almas immundas e sacrilegas !

Nisto varias praças da força policial, que se haviam postado nas proximidades, procuraram acercar-se do orador. Evidentemente tinham recebido ordem de impedirem a continuação do discurso.

Elle espumava, literalmente. Dos cantos dos labios borbulhavam-lhe como ondas de leite. O rosto, de lividez cadaverica, tressuava, chegando a ensopar a gola do frack. A cabelleira emmaranhada crescia á semelhança de uma selva eriçada e louca.

— Miseria das miserias ! continuava numa agitação sem limites. Todo o meu sonhó cahiu por terra... Tudo está podre de alto a baixo... Reinam os instinctos mais sordidos, as paixões mais ignobeis e inconfessaveis... Ambição, ladroeiras, sabujices, servilismos, arrogancias e mentiras, eis o quadro hediondo que temos ante os olhos. "Amar a patria" parece não ser mais do que uma figura de rhetorica destinada a disfarçar os interesses mais mesquinhos. Só ha por toda a parte lama, covardia e miseria moral...

— Faça o favor de calar-se, bradou uma voz imperiosa. Se não quizer, prendam-n'ó. Dispersem o povo.

Era a autoridade que intervinha. Mas o homem, vendo aproximarem-se os guardas, a envez de amedrontar-se, redobrou de furia.

— Não ha força humana que me ate a lingua neste momento. Mateem-me, mas fallarei até o ultimo alento. Não, senhores... Ha uma força superior á força bruta e é para essa força que eu appello... Appello para a consciencia dos que me ouvem, appello para o meu paiz, appello para a historia gloriosa das nossas liberdades, para a alma activa da nossa raça e do nosso povo...

A excitação tinha chegado ao auge. O pobre jornalista parecia ter enlouquecido.

Mal, porém, os policiaes fizeram menção de segural-o, explodiu do meio da multidão uma voz colerica :

— Não póde... Não póde...

E foi como o desencadear-se de uma tempestade. De todos os lados, em todos os tons, como um só grito tumultuoso e potente, partindo da consciencia de todo um povo, irrompeu com inaudita violencia o mesmo protesto :

— Não póde... Não póde... Não póde...

E como os soldados, interdictos ante a onda popular que se agitava, recuassem á espera de confirmação da ordem dada, o o grito collectivo avolumou-se assombrosamente, propagando-se

até ás ruas proximas e retumbando como uma ameaça tremenda e tonitruante :

— Não póde... Não póde... Não póde...

Durante esse tempo o homem não cessára de fallar um momento sequer. Não se lhe ouvia a voz, mas viam-se os gestos desmesurados e as visagens de indignação sobre-humana.

Os guardas afastaram-se e permaneceram a alguns passos, em attitude de expectativa. O delegado havia reconsiderado o seu acto. O orador podia continuar. Cessou aos poucos a grita da multidão e foram-se distinguindo novamente as palavras candentes que proferia.

— Eu quizera, meus patricios, ter o poder de vos fazer sentir e apalpar as realidades horriveis que se escondem atraz das apparencias enganadoras... Quizera apontar-vos com o dedo as forças hostis que avançam para nos escravizarem e esmagarem... Não vos illudaes com a belleza triumphal desta cidade, com o aspecto grandioso dos nossos mares, das nossas florestas e dos nossos céos... Não pareis á superficie das cousas... Que nos importa a nós todo esse esplendor, se estamos fadados á escravidão e ao anniquillamento ! Aqui tendes deante de vós um homem vencido e conspurcado porque amou a sua patria e quiz salva-la... Oh ! como é triste ver que nos afundamos, que sossobramos, que desaparecemos, sem que se possa clamar por salvação, se ainda fôr tempo... O estrondo pavoroso das torpezas que nos rodeiam afoga-nos a voz, enche de lama a boca que quer gritar, cobre de treva os olhos que, espavoridos, commetteram o crime de ver a sombra immensa que se aproxima... Ha uma fatalidade má que nos dissolve o sangue nas veias, que nos mata e anniquilla de modo assustador... O Brasil está transformando-se num vasto hospital, uma terra de aleijados e mutilados Moraes... Crise de character, crise de ideal, carencia de energia, ausencia quasi absoluta do mais elementar instincto de conservação... Não vos digo que o inimigo está ás portas dos nossos lares, á espreita de tudo o que temos de santo no passado, para o destruir insidiosamente... Digo-vos mais, porque o nosso mal é ainda mais tremendo... Os nossos inimigos já estão em nós mesmos, como uma praça conquistada. As forças da dissolução trabalham noite e dia no interior dos nossos organismos, no fundo das nossas almas... O' Terra de Santa Cruz, ousados navegantes, nossos paes, heróes das luctas gloriosas com os hollandezes e com o Paraguay, erguei-vos todos, sombras do passado, e vinde dizer a este povo o que o espera de momento para momento... Vêde este largo e tenebroso festim de embriagados e somnambulos, que não ouvem o ruido das algemas que se lhes preparam. Acordae-os, se o podeis... Despertaes-os do torpor e da morte... Communicaes-lhes a vossa força e os vossos sonhos...

Ensinae-lhes a defender o legado do vosso suor e dos vossos sonhos...

E atirando ambas as mãos para o ar, para o meio da praça, num gesto subito e violento, apontou para a estatua de José Bonifacio, que emergia solemnemente dentre as multidões, como se fôra todo o passado que accorria a seu appello na immobilidade fôska do bronze.

— Olhae... Olhae, meus patricios... E' a patria que nos contempla e julga... E' o patriarcha da independencia que se ergue á beira do abysmo, que se levanta aqui no meio de nós, como que para conjurar o futuro e defender a sua obra... Vêde, meus patricios... E' o Brasil de outróra que contempla, tranzido de horror, o Brasil de hoje... Cubramos os rostos de vergonha e de dôr, que os seus olhos nos veem e o seu gesto se estende como uma maldição... Estamos mortos, grande sonhador, estamos mortos... (Aqui a voz do orador sahia travada de soluços). Nada em nós se agita mais... Vossa effigie se eleva inutilmente em face da nossa indifferença, como deante de um tumulto. Somos uma assembléa de mortos, glorioso libertador desta terra... Somos uma assembléa de mortos... Sois o unico vivo entre milhões de mortos... Que fazeis aqui onde não reconheceis mais os vossos sonhos e os vossos ideaes ? ! Não está longe o dia em que a vossa imagem será varrida das praças publicas, como já o foi do coração e da memoria do povo que amastes... Maldição das maldições ! Essa estatua vae saltar de seu negro pedestal, para não ver passar as theorias dos escravos e dos vencidos contentes com a escravidão e a derrota, sorrindo de inconsciencia e de miseria... A patria que amastes agoniza aos vossos pés, ó grande José Bonifacio...

O estranho orador tinha arrancos de allucinado. Dir-se-ia que elle corporisava alli no espaço, aos olhos de todos, a historia inteira do paiz. Era como uma procissão de vultos, de factos, de acções heroicas e gloriosas que passavam tremendo, no ar parado, sob o gesto enigmatico do bronze sagrado, para julgarem os tempos presentes com uma severidade de cousas silenciosas e de ha muito mortas na memoria dos homens. Um mal-estar doloroso pesava por sobre a multidão. Aquelle desvairado parecia ter immobilisado subitamente a vida da cidade. Os raros gritos e ruido de vehiculos que ainda se ouviam davam a impressão de virem de um outro mundo, que não tinha nada de commum com o que alli se passava.

— E' a agonia, meus patricios, a agonia de um povo e de uma raça que vêdes em redor de vós e em vós mesmos... Que me importavam a mim milhões de supplicios e de mortes, se eu pudesse esperar que uma parte de mim mesmo escaparia ao anniquillamento. Mas todo o fundo secreto de nossa alma irá connosco para a poeira do sepulchro... Todas as visões relampagueantes do

passado, todas as forças, tradições, soluços, dôres e glorias — tudo se esvae em fumo e vacuo... Que nos faz a nós patricios, que o futuro reserve a esta terra uma grande ciivilização, se essa civilização nada guardar de nós mesmos? Quando esse futuro fosse um paraizo, elle faria estremecer os meus ossos de raiva e de dôr, far-me-ia agitar-me no tumulto, porque nada haveria de commum entre a minha patria amada e esse esplendor frio e estranho, esse espectro inintelligivel e barbaro, essa visão hedionda, que é preciso afastar...

Aqui como um urro de dôr sahiu-lhe do peito arfante. Sua voz grossa e rouca, num esforço supremo, conseguiu troar com potencia assombrosa.

— Não, irmãos... Não devemos morrer... O passado que vive em nós ainda tem talvez reservas de forças occultas, accumuladas por nossos paes... Creemos um ideal e tentemos uma vasta reforma dos nossos costumes... Luctemos até o derradeiro instante... Sejamos senhores e não servos em nossa terra... Independencia ou...

A ultima palavra não poude ser pronunciada. Faltou-lhe o alento e elle cambaleou, tomado de subito deliquio. Populares amparraram-n'o pressurosos, compungidos.

De repente começou um grande tumulto.

— A cavallaria ! A cavallaria !

Era o reforço que chegava com ordem de varrer a espadeiradas e a patas de cavallo a multidão embasbacada. Chegára tarde, porque a policia, que não esperava tomasse taes proporções o comicio improvisado, não se havia apparelhado para conter em respeito os "agitadores e desordeiros". As autoridades estavam indignadas. Apenas conseguiram chegar a tempo de deportar para o Acre um quasi cadaver."

Angelo estava realmente commovido, quando terminou a leitura. "Pobre, pobre e querido Luciano !" pensou. Não foi uma reviravolta, porque elle ama com delirio o seu paiz e continua a ter fé nos seus destinos. Foi um grande movimento de revolta e de indignação, que ha de passar. Vê-se que o que mais feriu o seu coração puro, o seu coração de oiro não foram tantos os pequenos desenganos pessoaes, — senão o aspecto da vasta mentiraria organizada, com os mais pomposos nomes, para dar ganho de causa ás forças da decadencia e da dissolução. Mas esse mal é de todos os povos, nesta hora agitada que atravessa o mundo. Esta grande patria, este meu grande amor não pôde morrer..."

(Continúa)

---



## TRADIÇÃO E PROGRESSO

POR

LUIZ ARAUJO CORRÊA DE BRITO

*A causa real da nossa apathia está na ignorancia do nosso meio e de nós mesmos.*

*Alberto Torres — A Organização Nacional pag. XXIV.*

Espíritos que a si mesmos se intitulam *práticos*, na phase aguda de utilitarismo, no prurido de americanisação que vamos atravessando, estão concorrendo para tornar dia a dia mais accentuado o preconceito de que — tradição e progresso — são ideias que se contrapõem em vez de se completarem, duas entidades incompatíveis, duas forças antagonicas que não podem coexistir na marcha ascensional do desenvolvimento de um povo.

Partindo desta noção duplamente perniciosa — por ser errada e por ser de emprestimo — não admira que já comecem de se lhe fazerem sentir os effeitos nocivos, dentre os quaes avulta, em destaque, o desprezo pelo nosso passado, pelo estudo da nossa historia, pelo zelo da nossa tradição, talvez porque o tempo nos seja escasso para a nossa classica admiração basbaque por tudo quanto nos vem de fóra, com o rotulo do “Made in England”, a etiqueta do “Made in Germany”, a *réclame* dos 3 fr. 50 parisienses ou os estupendos *bluffs* que caracterisam a pratica do pocker.

O progresso só é inimigo da tradição quando implica o esquecimento criminoso do que é nacional para se reduzir, como tem succedido entre nós, a uma imitação caricata das instituições, leis, habitos e costumes dos povos mais adiantados. Para termos progresso, pensam muitos que nos basta possuir avenidas que compitam com as principaes arterias europeias, uma lei basica tão macaqueada quanto inadaptable, malleavel e desrespeitada e o nome pomposo — o nome sobretudo — de democracia.

Esta faina de tudo imitar das nações mais adiantadas, com prejuizo do que é genuinamente nacional, longe de nos dar o procla-



mado progresso, é, bem ao contrario, um elemento dissolvente da nacionalidade, sobretudo nos centros em que domina o cosmopolitismo — poderoso factor de desagregação, produzido pelas lévas de immigrants que afluem ás nossas plagas sem encontrar aqui uma força assimiladora que os incorpore á população nacional, dada a precaria diffusão do nosso ensino primario.

Não se comprehende progresso, na verdadeira accepção do termo, sem estar elle baseado no passado, nas tradições, sem implicar a adopção de instituições adaptaveis ao “nosso” meio, sem o estudo da “nossa” historia, sem o cultivo diffundido da “nossa” lingua, sem o zelo cioso por tudo quanto é “nosso”.

O edificio do progresso, para ser solido, deve assentar sobre os alicerces do passado. Este, por não estar sujeito ás incertezas do presente nem exposto ás vicissitudes e vacillações do futuro, é o esteio mais solido das civilisações. Uma nação que despreza suas tradições e, apesar disto, pavoneia progresso. assemelha-se a uma arvore cuja copa se balançasse ufana nos ares esquecida do muito que deve ás raizes mergulhadas no seio da terra.

Como povo novo, não podemos por enquanto ter vida absolutamente autonoma, sobretudo n’uma época em que a internacionalisação das relações commerciaes, cada dia mais estreitas, e as mutuas dependencias financeiras e economicas tendem a fazer rumar cada vez mais para o dominio da fantasia a ideia das nações absolutamente independentes. Precisamos do concurso das velhas civilisações, não para lhes imitar servilmente os moldes e feitos, transplantando muita vez para cá o que ellas teem de peor, mas para assimilar o que ellas nos possam fornecer de bom e aproveitavel, sem prejuizo da nossa nacionalidade.

Pelos nossos antecedentes ethnicos e culturaes, só podemos ser devotados amigos do passado.

Portugal, si não morreu com o *progresso* da sua republica, é porque sempre foi um paiz cioso do seu passado e, si ainda sonha renascer, é porque crê nesse passado que, de tão relembrado, é um verdadeiro presente, a estimular as novas gerações, propellindo-as para futuro risonho. A França, de que a cada momento nos confessamos devotados “filhos mentaes”, tem o seu solo juncado de tradições e o seu passado immortalizado nas melhores paginas da sua litteratura.

Dir-se-ia, deante disto, sermos um povo fadado a só herdar os vicios e defeitos dos nossos ancestraes e a só adoptar o lado máo dos nossos proclamados “tutores mentaes”.

De Portugal não herdámos o amor ás tradições, mas herdámos o conservantismo ferrenho, o chamado “pé de boi”, que nos tem



entorpecido, e o sentimentalismo morbido, que faz do portuguez um prolongamento da guitarra como faz do nortista um complemento da rede e da viola, minando e embotando, na indolencia tropical, as energias de um povo novo.

Da França não quizemos receber o culto do passado: — preferimos copiar Paris no que elle tem de peor: nos cafés-concertos, onde esquecemos o nosso “folk-lore” para aprender cançonetas estrangeiras; na vida de ostentação das avenidas e *boulevards*; no “can-can”, nos *apaches*, no requinte (no *raffiné*, como lá dizem elles) da corrupção, na dissolução da familia pelo adulterio — prato obrigado de resistencia da sua litteratura moderna que, como dizia Eça de Queiroz, gyra toda ella em torno de um leito; nos theatros e nos cinematographos onde, dia a dia, se perverte o gosto e o senso moral e esthetico do publico com o desenrlar de *films* kilometricos, emmaranhados em enredos pouco edificantes.

E como a quadra é toda de *réclame*, de cartaz e de propaganda á yankee, tudo isto corre com a taboleta de “cultura latina” e as suas consequencias com o rotulo de “vicios chics” dos hyper-civilisados, de que o Jacintho de “A cidade e as Serras” é o acabado prototypo.

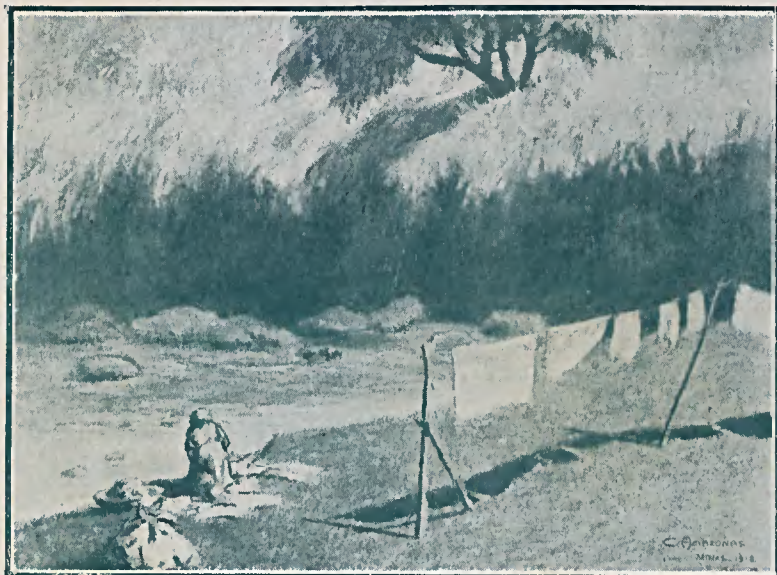
Esta tendencia para querer começar por onde acabam sempre as nações velhas, cançadas e gastas é que já nos fez merecer de um escriptor patrio a observação de que o Brasil se assemelha a um individuo, que começa a envelhecer sem nunca ter sido moço.

Si a tendencia para imitar o que é máo é signal de decadencia, a febre de imitar, mesmo o que é bom é symptoma de fraqueza e incapacidade creadora.

Em vez de cobrirmos de labéos infamantes os povos que custam a se deixar assimilar, deveriamos admirar-os e imitar-lhes a organização pujante pois que só se desnacionalisam facilmente os povos organicamente fracos.

Não faltam entre nós individuos sempre dispostos, com uma solicitude característica, a se afrancezarem, a se anglicanisarem e agora que as perturbações da guerra e suas consequencias os puzeram quasi incommunicaveis com os respectivos modelos, parece que um verdadeiro instincto — que poderia ser chamado instincto vital da imitação — os está arrastando á macaqueação completa dos Estados Unidos, de onde passamos a importar tudo, desde o dinheiro e os “trusts”, imitados pelos açambarcadores que monopolisam nossos generos, até a “caraboo”, e as danças “cake-walk”, “one-stepp”, “two-stepp”; desde os *bluffs*, que por emquanto aqui chamamos *fitas* até o modo (ou a moda) de cortar o cabello e usar o rosto glabro; desde o jogo do pocker até a leitura do Nick-

CLODOMIRO AMAZONAS



Scena mineira



Em Minas

CLÓDOMIRO AMAZONAS



Guarujá

Carter; desde as peripecias de *detectives* e criminosos, nos *films* policiaes, até os paletós curtos e cintados com uma superabundancia de bolsos abotoados sobre a escassez da fazenda.

Esse verdadeiro fanatismo pelo estrangeiro, a quem nos escravizamos a troco de um sentimentalismo piégas com que elle nos engoda e explora, forçosamente só nos poderá levar a extremos lamentaveis.

Assim, vemos brasileiros que conhecem melhor as façanhas bellicas e amorosas de Napoleão do que os factos da nossa historia; brasileiros que, incapazes de escrever com correcção sua lingua, timbram vaidosamente em arranhar francez, rascando emphaticamente os *rr* porque... é *chic*; brasileiros que mais facilmente offercem ao estrangeiro seus serviços de aviador e de soldado do que á propria patria; que escrevem para o nosso theatro peças em francez; que acodem pressurosos, com avultados donativos para todas as Cruzes Vermelhas estrangeiras, deixando para socorrer mingudadamente os nossos irmãos cearenses, acossados pela fome e pela sêde, sómente depois de terem generosamente satisfeito as sympathias de fóra.

Urge que recuemos desse caminho perigoso que nos está reduzindo ao estado que Alberto Torres analysou e definiu, chamandonos "uma nação sem nacionalidade".

Para isto basta que sejamos mais brasileiros do que temos sido até agora.

Não façamos do Brasil um grande cães para onde a Europa ou a America do Norte nos mandem, empacotado no fundo de seus navios, o peor das suas civilisações. Volvamo-nos sobretudo para as nossas regiões nortistas e centraes—as mais brasileiras do Brasil — que estão sendo esquecidas, com prejuizo das nossas culturas e o abandono das nossas riquezas, para congestionarmos a orla do littoral, onde mais intensa palpita uma civilização ficticia, pos-tiça, artificial, de ademanes e arremedos, com seu cosmopolitismo aventureiro e dissolvente da nossa nacionalidade.

De que servem avenidas quando por ellas perambulam, como um escarneo, mendigos esmolando? De que servem fachadas deslumbrantes de edificios grandiosos quando, nos degraus de suas escadarias, pernoita a miseria abandonada? De que serve decantarmos nossas riquezas em estylo Rocha Pitta si até palitos e cabos de vassoura importamos de Portugal? De que serve um solo rico e uberrimo quando sobre elle se arrasta uma população que vive faminta, maltrapilha e analfabeta e que morre dizimada pela ankylostomose, pelo impaludismo endemico, pelo cataclysmo cyclico das seccas do nordeste ou pela polynephrite e o beriberi amazonicos?

De nada absolutamente.



E' tempo de abandonarmos de vez essa obsessão pelo que nos vem de fóra, essa verdadeira paranoia do estrangeiro, para sermos antes e acima de tudo genuinamente e visceralmente brasileiros — brasileiros pelo culto do nosso passado, que jaz tão descurado; pelo estudo do nosso presente, que nos offerece uma serie de problemas vitaes a resolver; pelas aspirações do nosso futuro — que merece ser grandioso o desta terra ainda pouco estudada.

Façamos aqui uma civilização brasileira e não uma civilização transatlantica.

Aprecicemos, visitemos e aprendamos com o estrangeiro, sem nos desnacionalisarmos, como fizeram Rio Branco e Affonso Arinos. Propaguemos pela imprensa a nossa litteratura nacionalista — Euclydes da Cunha, Rio Branco, Affonso Arinos, João Francisco Lisboa, Eduardo Prado, Alencar, Maccdo, Coelho Netto, Albérto Rangel, Sylvio Romero e tantos, tantos outros — em vez de estamparmos diariamente, em folhetins de roda-pé no nosso periodismo — que é o livro do grande publico — romances estrangeiros, atravez de traducções muitas vezes mal feitas e quasi sempre bem pagas.

Reergamos o nosso theatro, em vez de alimentarmos dansarinas de segunda ordem e fazermos da nossa terra o paraíso dos artistas improvisados ou em estado de... aposentadoria.

Substituamos o patriotismo dos passeios e das paradas, o prurido da farda conseguido a cocegas de rhetorica, o patriotismo de aparato sob a forma medieval e aggressiva da guerra, pelo patriotismo mais modesto porém mais fecundo da paz, pelo patriotismo do culto do dever, da iniciativa, da honestidade, do trabalho e da ordem.

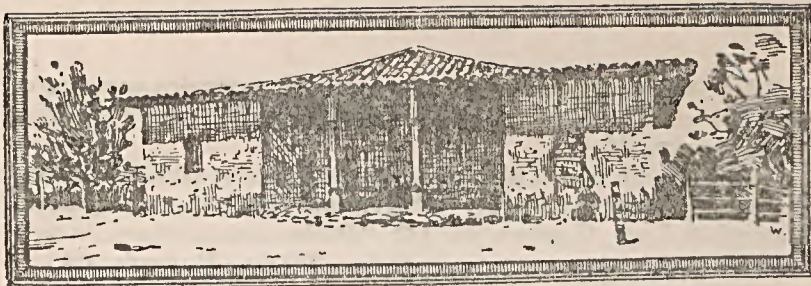
Diffundamos a nossa instrucção, apresentando o Brasil aos nossos patricios analfabetos; zelemos pelo nosso idioma — principal vinculo da nossa nacionalidade—proscrevendo os que o deturpam com os aleijões de peregrinismos inuteis.

Volvamo-nos para o nosso passado, a que já demos por demais as costas; veneremos nossas glorias e tradições com o estudo da nossa historia e o culto civico aos grandes vultos da nossa nacionalidade.

Alguem, attentando na lentidão proverbial das nossas dccisões, já entendeu appellidar-nos o paiz classico do "amanhã".

Sejamos, de preferencia, o paiz do "hontem", defensor de suas tradições, cioso de suas reminiscencias, zeloso de sua historia.

No dia em que nortearmos a nossa orientação para esse rumo, o progresso deixará de ser o pretendido inimigo da tradição e o culto do passado nos reabilitará aos olhos do mundo civilisado.



## UM E OUTRO

FOR  
FIRMINO COSTA

(Ao eminente philologo João Ribeiro)

1. O determinativo *um* e *outro* concorda com o substantivo do singular ou do plural: — “Que entre *um e outro* manjar se levantavam”. Camões, *Lusiadas*, X, 5. “Desfazendo-se os céus vem agua de *uma e outra parte*.” Fr. Luiz de Souza, *Vida do Arcebispo*, II, 138. “Não eram bem despedidos de *um e outro Arcebispos*.” *Ibidem*, 174. “Contra *um e outro* avisos do Céu.” Manoel Bernardes, *Varios tratados*, II, 423. Cumpre notar que é hoje mais corrente a primeira construcção.

2. Póde dar-se a repetição de *outro*, conforme estes exemplos: — “Por palavra, obra e pensamento, contra *um e outro e outro* mandamento.” Manoel Bernardes, *Exercicios Espirituaes*, I, 50.

“Um Ethiope ousado se arremessa.

A ella, por que não se lhe escapasse;

*Outro e outro* lhe saem.” *Lusiadas*, V, 32.

3. Antepõe-se ás vezes o substantivo a *outros*—“*Uma cousa e outra* fazia todos os dias.” Fr. Luiz de Souza. *Vida Arcebispo*, I, 94. “Vendo sempre de *uma banda e da outra* muitos e muito nobres cidades.” Fernão M. Pinto, *Excerptos*, I, 167.

4. O adjectivo *um e outro*, quando serve de sujeito, leva o verbo a qualquer dos numeros: — “*Uma e outra* coisa lhe *desagrada*.” Bernardes, *Nova Floresta*, II, 288. “Daquí nasceu que *um e outro* mau affecto o *cegaram*.” Bernardes, *Estimulo Practico*, 311.

“*Um e outro* é sagaz e presentido;

“*Um e outro* aos ladrões *declaram guerra*.”

Castilho, *Fastos*, III, 19.

E' de rigor a concordancia no plural em exemplos como este: — "Um e outro gemem, amante e dama." F. M. de Mello, Feira dos annexins, 84.

5. Si o sujeito é *nem um nem outro*, tambem se pôde pôr o verbo no singular ou no plural: — "*Nem um nem outro me agrada.*" Gonçalves Lage, Grammatica, 132. "Porém *nem um nem outro o seguem* para toda a parte que ella vae." Bern., Estimulo, 69.

6. Construcção usual e curiosa é a dos seguintes exemplos, em que se dá a ellipse do sujeito na primeira proposição, e a do verbo na segunda: — "Despedindo-se Floriano de Amalta, elle enfadado e ella saudosa, se apartaram um do outro." F. de Moraes, Palmeirim, I, 413. "Gostaram um do outro". Machado de Assis, Quincas Borba, 261.

7. A grammatica de Freire da Silva, pag. 358, e a de Paulino de Souza, pag. 365, condemnaram o uso da expressão *um outro*, mas os exemplos abonadores desta são muitos e valiosos. Citarei os seguintes:—

"Viu apartar-se de *uma outra* vontade,  
"Que nunca poderá ver-se apartada."

Camões, II, 13. ed. Juromenha.

"Nota-se na Hollanda *um outro* phenomeno quasi desconhecido em Portugal." Ramalho Ortigão, A Hollanda, 450. "Ignoram que *um outro* golpe feria a alma do Brotero naquella occasião." Machado de Assis, Paginas recolhidas, 116. "O romano não sacrificava o bem estar na terra ás promettidas delicias de *uma outra* vida, depois da morte." Coelho Netto, Palestras da tarde, 31.

8. Ainda quando *um e outro* determina substantivo do singular, colloca-se no plural o adjectivo, que está em relação, predicativa: — "E desceu *outra* vez, e o cão atraz, sem entender nem fugir, um e outro *alagados, confusos.*" Machado de Assis, Quincas Borba, 428. "Nem *uma nem outra* coisa; ou antes, *uma e outra* coisa *juntas.*" Ruy Barbosa, Replica, 83, n. 175. Entretanto, Vieira assim se exprime em *Sermões selectos*, I, 336: — "Tal foi o fim de Niceforo, tal o de Saprício; *digno* um e outro da fé de ambos."

9. Como correlativos, *um e outro* conservam-se na fórmula masculina, referindo-se a substantivos pertencentes a mais de um genero: — "O *Menino* e a *Senhora*, ambos *um do outro* se nutriam." Bernardes, Varios tratados, I, 215.

"Amo a *paz* juntamente e o *perigo*;  
"E em amar *um e outro* não me engano."

Camões, II, 105.





Em casos como este impõe-se o uso das duas fórmulas genericas:

“As mulheres e filhos, que se matam,  
 “Daquelles que vão presos, onde estava  
 “ O Samorim, se aqueixam, que perdidos  
 “*Uns* teem os paes, *as outras* os maridos.”

Camões, *Lusiadas*, IX, 11.

10. Com referencia ao numero anterior, é de notar que a influencia do adjectivo obriga ás vezes a fórmula feminina, conforme este exemplo, em que o qualificativo *gloriosa* exigiu o emprego de *umas* — “Daqui veio aos athenienses estimarem mais o conselho de Solon que a victoria de Themistocles, porque a *uma*, ainda que *gloriosa*, teve o fim acelerado, e o outro, ainda que de menos fama, aproveitou perpetuamente.” Francisco de Moraes, *Dialogos*, 2.º, 25.

11. E’ curiosissima esta construcção da *Replica*, pag. 185, em que o sr. Ruy Barbosa conserva invariavel *um e outro*, fazendo-o variar logo em seguida: — “A exposição é o jornal vivo, como o jornal é a exposição impressa *Num e noutro* se conteem obras scientificas, literarias e artisticas; mas nem *um* nem *a outro* são obras artisticas, literarias ou scientificas.”

12. Os adjectivos *um* e *outro* são usados nas enumerações: — “A saleta tem tres portas: *uma* que abre para o corredor; *outra* que diz para a alcova; e a terceira que leva á camara dos esposos.” Camillo, *Livro de Consolação*, 244.

“*Um* na cabeça cornos esculpidos,  
 “Qual Jupiter Ammon em Lybia estava;  
 “*Outro* num corpo rostos tinha unidos...  
 “*Outro* com muitos braços divididos...  
 “*Outro* fronte canina tem de fora...”

*Lusiadas*, VII, 48.

13. Antigamente empregava-se o artigo antes de *um e outro*: — “Então serão conhecidos *os uns e os outros*.” Heitor Pinto, *Imagem da vida christan*, II, 167. “Falavam ambos a lingua italiana, *o um* por ser sua natural, *o outro* pola ter adquirida.” *Ibidem*, I, 305. “Abriram as portas da torre, e saíram della duas donas, *a uma* acompanhada como pessoa de preço, *a outra* só sem mais companhia que um pequeno donzel.” Francisco de Moraes, *Palmeirim*, I, 220.

14. Em certos casos conserva-se hoje o artigo antes de *outro*: “Porque *um* domina as suas paixões, *o outro* as serve.”

Bernardes, Nova Floresta, II, 255. "Mas onde a diferença, ainda linear, capillar, microscopica entre um e *os outros*, entre a minha emenda e os modelos do mestre?" Ruy Barbosa. Replica, 133, n. U 5. "Mas bem não vae a lei, em que o sentido e a expressão entre si collidirem. E porque não os afinarmos um *ao outro*?" *Ibidem*, 142, n. 288.

15. Existem vestigios da anteposição do artigo ao indefinido *uma*: — "*A' uma* hora em ponto." Camillo, Bohemia do Espirito, 224. "*Pela uma* hora da tarde tinhamos descido a montanha." Eça de Queiroz, Minas de Salomão, 121. "E levantando clamor todos *á uma*, espertado mais com varios e sonoros instrumentos, morreu afogado em nuvens de fumo." Bern, Floresta, I, 167.

16. As expressões *um a um*, *um por um*, *a um e um*, *um e um*, significam cada um por sua vez: — "Retirando, *um a um*, tijolos e pedras." C. Netto, Palestras da tarde, 46. "E colha nas feições *uma por uma* o transumpto do esposo." Garrett, Dicc. Aulete. "Arrostar-vos com as difficuldades *a uma e uma*, até as levardes todas de vencida." Castilho, Colloquios aldeões, 50. "Vão as naus *uma e uma* rodeando." Lusíadas, 2.º, 106.

17. O indefinido *um*, antes de nomes proprios, tem sentido appreciativo ou depreciativo: — "E nesta fórmula bem podia *um* S. Francisco entender que elle era o pessimo de todos os nascidos." Bernardes, Luz e Calor, 263. "As suspeitas do crime recaíram sobre *um João Pereira*." Moraes, Dicc.

18. Os classicos antepunham ás vezes o adjectivo *outro* aos indefinidos *algum* e *nenhum*, o que hoje não se usa: — "Em logar destes dons, e de *outros alguns*, que poderá haver, lhe daremos infinitos." Diogo de Paiva, Casamento perfeito, 394. "Não ha *outro nenhum* reparo, sinão sabellos escolher." *Ibidem*, 426.

19. O indefinido *um* era usado como sujeito, exprimindo um ser indeterminado, nos casos em que hoje empregamos *a gente*, *a pessoa*: — "E quanto ao ponto de que a discrição e talento proprio basta para *um* se vigiar das traições do inimigo, e adeantar-se nas virtudes, abertamente digo ser falso." Bernardes, Floresta, I, 165. "E claro está, que quanto *um* se assemelhar mais a Deus, e participar da sua natureza, tanto será mais perfeito." *Idem*, Luz e Calor, 80.

20. Paulino de Souza, em sua "Grammaire Portugaise", pag. 429, seguido neste ponto por Julio Ribeiro e Freire da Silva em seus compendios, pag. 244 e 367, estabelece diferença entre o adjectivo *um* e *outro* e o adjectivo *ambos*, affirmando que este ultimo não póde ser usado com substantivos, que desi-

gnem coisas entre si oppostas. Em vez de *ambos os advogados*, si elles são de partidos adversos, dir-se-á *um e outro advogado* ou *os dois advogados*. Os tres illustres grammaticos não tecem nenhuma razão, em vista dos factos da linguagem attestados por estes exemplos:—"O sabio não queria muita riqueza, nem muita pobreza, porque em *ambos estes estados* ha tentações." Amador Arraiz, Dialogos, 75. "*Ambas estas duas partes*, premio e pena, ha de ter quem toma na mão o leme de republica." Heitor Pinto, Imagem da Vida Christian, I, 155. "O que me admira é que tomem dous advogados uma demanda entre mãos e entre dentes; este pelo autor, e aquelle réu, e que *ambos* affirmem a *ambas as partes* que teem justiça." Manoel Bernardes, Os ultimos fins, 304. "Muitas vezes os dous espiritos, o da luz e o das trevas, vestem fórmãs humanas: são dous inimigos mortaes que se guerream, e que *ambos* se chamam nossos amigos." A. Hercutano, O Monge de Cister, I, 112. "Seria sem duvida alliciado por *ambos os partidos contendores*." Ibidem, 115. "Não estava ligado a nenhum dos dous partidos, conservando em *ambos* preciosas amizades." Machado de Assis, Helena, 6. "Abrange *ambos os dominios*, o da materia e o do espirito." Camillo, Scenas da Foz, 138.





# A HYGIENE NO RIO GRANDE DO SUL

POR  
ALCINDO SODRÉ

## O MEIO

A Terra Gaúcha, nos seus 236.553 km<sup>2</sup> de superficie, apresenta como o seu habitante, um cunho regional e distincto. Situada na zona temperada do paralelo 36.º, 46', sua divisão physica territorial, acompanha de um modo absoluto a divisão politica. Na costa, ao despontar a fôz do Mampituba, limite interestadual, a Serra do Mar expira bruscamente, dando lugar ás dunas de areia que se delinêam por todo o littoral rio-grandense até o Chuy. No limite norte do Estado, as mais altas serras catharinenses ao declinarem para o rio Uruguay acompanhando as aguas do rio do Peixe, destacam os limites naturaes, pouco após a travessia d'aquelle rio, surgindo então o verde ondeado das cochilhas sem fim. E' a chamada "Região Serrana" do Rio Grande". Esta região, no emtanto, não dá ao espectador a impressão de serra: os horizontes são mui vastos, e as pastagens se succedem com ausencia de mattas robustas e espessas; é quasi sempre o mesmo panorama da "Região da Campanha", embora a altitude seja ás vezes de cinco a oito centenas de metros. De "Cima da Serra" para a "Campanha", a continuidade do terreno é, em geral, tão suave, que só attenta observação o faz perceber. Assim, o Rio Grande do Sul, releva-se caracteristicamente das demais zonas brasileiras, pelas campinas extensas onde pasce metade do rebanho nacional. O clima, de grande salubridade, apresenta as duas estações antagonicas, definidas e intensas: muito frio no inverno e quente no verão. As altas temperaturas, porém, apresentam-se periodicas, diversamente de outros pontos do Norte. No quadriennio de 1908 a 1912, o quadro climatologico da capital do Estado, em cotejo com o do Rio e S. Paulo, apresentou as seguintes variantes (1):

	Média	Maxima	Minima	Humidade-média
Porto-Alegre . . . . .	19	38	0,3	68,1
Rio . . . . .	22	37	12,9	77,5
S. Paulo . . . . .	18	34,4	0,2	80

1) Boletim da Directoria de Estatistica do Ministerio da Agricultura



O frio, em outras localidades do Estado, attinge commummente até 10.º abaixo de zéro! A geada é então frequente em todo o seu territorio, e em "Clima da Serra" a neve não é rara, cahindo em flócos e juxtapondo-se em camadas de cinco centímetros. "Esta provincia, por qualquer lado que se olhe, é uma das mais bellas de todo o Brasil; seu clima é geralmente agradável e tão excellente, como bem se póde avaliar pela variedade e exuberancia de suas producções; puros ares que dão sau'de; muitos rios perennaes, duas grandes lagóas a humedecem; na parte superior densas e sombrias florestas; tem larguissimas campinas que se tapizam de mui graciosas pastagens; medra em rebanhos, os de gado armentio já são fóra de algarismo; abunda em fructos, e depara deleitoso entretenimento em pescarias, veação e passarinhagem; e para dar ainda idéa mais exacta do seu temperamento, segundo as observações que fiz na capital, no verão o calor chegou a 87.º e a 88.º do thermometro de Fahirenheit, e no inverno, quando sopra o Oéste, tem marcado 44.º e 40.º no mesmo thermometro. (1)" O homem, tem ahí dous typos: o gaúcho e o colono. O gaúcho, como todo habitante do sertão brasileiro, é um producto hybrido do portuguez, indio e negro. E' o "guasca". Isolado da civilisação, na vida sadia da Estancia, apresenta compleição robusta, sem nenhuma enfermidade que o debilite. Carnívoro por excellencia, contrabalança a superabundancia de acido urico que o "churrasco e xarque lhe trazem, pelos exercicios das lides campeiras e os goles quentes do diuretico matte "chimarrão". "E, rompendo pelas cochilhas, arrebatado na marcha do redomão desensoffrido, calçando as botas russilhonas, em que retinem as rosetas das esporas de prata; lenço de seda encarnado ao pescoço, coberto pelo sombreiro de enormes abas flexiveis e tendo á cinta, rebrilhando, presas pela guaiaca, a pistóla e a faca — é um victorioso jovial e fôrte." (2) O colono é o agricultor italiano ou allemão. Aquelle, em maior numero; este, de preferencia na actividade commercial das cidades. A salubridade do sólo, attrahio, desde o 2.º Imperio, a immigração européa, e esta região conjuntamente com Santa Catharina, foi a preferida pelo elemento allemão. A Allemanha, é sabido, sonhava com a organização no Sul, de um paiz de 30 a 40 milhões de tudescos.

Estes colonos, nos campos, adaptam-se ao sólo em melhóres condições que no patrio, e o desenvolvimento e riqueza das colonias italo-teutas do Rio Grande são tão grandes, que tres quartos de sua producção são consumidos pela União! Na região agricola-pastoril do Estado, onde a população vive desseminada, não ha enfermidades epidemicas ou endemicas que a definhem. Agora, que tanto se falla no saneamento do Brazil, forçoso é destacar a situação climatologica privilegiada, do Rio Grande do Sul. Não ha mistér verificar-se os argumentos calumniosos de antanho, sobre o clima tropical; já se não discute a importancia diminuta das enfermidades dos climas quentes, ante a enorme cifra de molestias universaes que anniquillam a humanidade sob todos os climas e que justamente mais nos enfraquecem. Está consagrado o principio biologico de que as especies foram creadas não para um genero de vida determinado, mas sim para um

(1) Euclýdes da Cunha — Os Sertões.

2) Visconde de São Leopoldo — Annaes da Provincia de São Pedro, 2.a edição 1839.

genero de vida nas circumstancias em que se achem collocadas. "Quanto all'adattamento e all'acclimatamento dell'europeo nei paesi caldi, tutto si riduce a una questione d'igiene." (3) Todas as zonas brasileiras de São Paulo para o Norte, têm sido assoladas pelas varias enfermidades "civilizadas", aqui proliferadas, umas, pelo estado actual do meio, outras, em maioria, pelo facto do homem ainda se não achar identificado physiologicamente com a terra, conservando habitos dos seus ancestraes de além Atlantico. Quanto ao estado actual do meio, vemos ante nós a lucta gigantesca que iniciamos e ainda se nos depara, de zonas paludicas como a Amazonia, onde a maior bacia fluvial do mundo, é alimentada a maior das vezes de rios instaveis, esparramando alagadiços por toda parte: "o homem ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido — quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem". . . 4) Este estado actual, todavia, será ephemero; o trabalho do Madeira-Mamoré o attesta, e a situação sanitaria actual da Capital Federal é exemplo edificante. Quanto á aclimação, temos a revelação pujante do nordeste, onde a raça, cessada a immigração, começa a apresentar-se typica e resistente como sóe acontecer com os cearenses, únicos que habituados aos castigos do seu sertão, povoam galhardamente a Amazonia. Infelizmente, as molestias flagellam todo o Brazil Central e extremo Norte, em virtude dos phenomenos inexoraveis do meio e aclimação, e o problema, só no tempo e na lucta encontrará solução. Resta-nos o Sul, com um clima saluberrimo e um estado sanitario excellente na zona rural, contrastando vivamente com o quadro desolador das cidades, onde pullulam todas as affecções que o meio permite.

## A HYGIENE

O coefferiente mortuario por mil habitantes, da capital do Estado, comparado com mais quatro cidades brasileiras, duas situadas em zona tropical, onde grassam as molestias por nós chamadas "flagelantes", e outras duas situadas em zona temperada, apresenta os seguintes numeros: 5)

Porto-Alegre — 29,07  
 Rio — 20,58  
 Belo-Horizonte — 17,15  
 Curityba — 17,0  
 São Paulo — 16,86

A mortalidade infantil de Porto-Alegre, na sua maioria devida a colites, apresenta no mesmo coefferiente o algarismo 255,7. E não podemos cotejar as cifras decrescentes destas cidades, com as da enorme mortalidade gaúcha, uma vez que o Governo do Estado não consente sejam registadas as "causa mortis"! O Relatorio da Hygiene riograndense, restringe-se a divulgar cifras, cifras estas que em

3) Filippo Rho — Prefacio das "Malattie dei paesi tropicale" de C. Mense.

4) Euclides da Cunha — A' margem da historia.

5) Anuario Demographico da Directoria do Serviço Sanitario do Estado de S. Paulo (1916).



1907 collocavam Porto-Alegre no 2.º lugar das cidades brasileiras de maior mortalidade. Assim, o Delegado de Saúde do porto do Rio Grande, não tem por seu lado, fornecido as informações precisas que o cargo obriga, á Repartição federal a que pertence. E' sabido, que em virtude de innumeradas razões, não temos estatísticas exactas; mas, uma vez realizadas com a persistencia das mesmas causas de erro, a orientação e resultados d'ellas advindos, são por isso de grande utilidade. E' pena, não possamos confrontar cifras gaúchas, com "causa mortis"; entretanto, daremos no quadro abaixo, algarismos das quatro cidades brasileiras a que já nos referimos, para evidenciar, graças á sua Hygiene, o estado relativamente pequeno e decrescente do seu coeeficiente mortuario, coeeficiente este, de quatro enfermidades "flagellantes" e duas enfermidades que se estabeleceram no Rio Grande do Sul:6)

	Ancylostomo-						
	Typho	Paludismo	Variola	móse	Peste	Dysenteria	
São Paulo	165	8	17		4	40	1913
	294	18	16		5	49	1914
	156	20	1	11	1	48	1915
	97	13	0	9	0	27	1916
Rio	75	264	118	85	13	169	1913
	100	213	1.230	80	1	178	1914
	172	406	258	51	2		1915
	177	342	121	51	0		1916
Curitiba	29	1	0	0	0	22	1913
	32	0	3	0	0	19	1914
	45	0	0	1	0	12	1915
	27	0	0	1	0	18	1916
Bello Horizonte	5	1	1	6	0	9	1913
	12	1	4	6	0	7	1914
	10	1	1	2	0	11	1915

Os constituintes rio-grandenses, ante a velha e debatida these "O Estado deve viver para os individuos, ou estes para o Estado?", adoptaram como doutrina a ultima proposição e a ella se affeiçãoaram de modo intenso. Não admittem que as duas formulas se completem, se harmonisem ante a relatividade das cousas e preferem os principios absolutos. Pretendem que o Estado não se deve immiscuir na evolução da sociedade, fiscalizando o individuo, e assim, a Hygiene, cega aos interesses da collectividade, não se julga com direitos de orientar a ignorancia individual. Protegidos pelo sonho perenne de romanticos homens publicos, que persistem em praticar formulas philosophicas praticamente perniciosas, as enfermidades brotam e se estabelecem nas cidades rio-grandenses em carácter definitivo. Ahi campeam a peste bubonica, a variola, o typho e a dysenteria. Este aspecto lamentavel ainda mais resalta, ao ver-se um meio onde a ancylostomose, o impaludismo e a febre amarella não conseguiram germinar, e onde, prenhe de molestias cuja prophylaxia é conhecida e

6) Annuarios demographicos dos referidos Estados.



de resultados efficacissimos, as cidades oppõem-se clamorosamente com o estado sanitario dos campos cuja situação dos habitantes não permite estes efeitos lastimaveis. Dá-se um caso de peste: a Hygiene manda saber se a familia do pestoso consente no isolamento, ou, em caso de mórte, na desinfecção. Uma vez negada a permissão para qualquer das hypotheses a Hygiene julga-se desobrigada perante... a consciencia. "O clima mais são da terra, segundo Saint-Hilaire. — Dizem os modernos que muito tem mudado para peor, mas não negando que haja mudado, o que nos parece verdadeiro é que a população, a constituição medica, decaíram. E' triste o engano de suporem os homens de hoje que a nossa terra peorou quando elles é que degeneraram". (1) Tal é a explicação, que absolutamente não subscrevemos, do então homem publico da situação gaúcha, Alfredo Varella. As cidades, máo grado o gosto architectural da corrente immigratória, sabiamente aproveitado por S. Paulo, não merecem atenção: as construcções são pesadas, inestheticas e anti-hygienicas. Posturas municipaes que não permitem construcções sem concreto, sem determinadas dimensões de aposentos e com alcovas, não são cumpridas. Generos alimenticios deteriorados, são vendidos impunemente; do calçamento ruidoso, elevam-se nuvens suffocantes de pó e excremento dos animaes de tracção. E os charlatães exploram a medicina, garantidos pela liberdade de profissão. Porto Alegre, cidade de cento e oitenta mil habitantes, possui serviço de aguas e exgottos deficientissimo, este ultimo só existindo no centro da cidade, sendo nos outros trechos feito por meio de cubos e fóssas... Porque essas miserias? "Porque o individuo não é obrigado a comprar generos deteriorados, nem a chamar um charlatão"... "Porque o Estado não pôde ser "curador"...

Tal é a situação sanitaria da riquissima circumscripção nacional que é o glorioso Estado do Rio Grande do Sul. Estado de grande responsabilidade na Federação, já pelo trabalho de seus habitantes, já pelas maravilhas do seu meio, é de esperar não continue a se prejudicar com principios de governo demasiado philosophicos e mui contrarios á boa evolução humana. Oxalá, o esclarecimento illumine seus dirigentes para que em breve reconheçam os maleficios desses principios que tanto lhe tem retido o adiantamento que apesar dos pezares é ahí notavel, e possa acclerar o brilhante futuro que ao progressista quão nobre povo gaúcho está reservado, na marcha victoriosa da Patria Brasileira.

---

(1) Alfredo Varella — Rio Grande do Sul — 1897.





# ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



## EUCLYDES DA CUNHA

*Successor de Valentim Magalhães na cadeira n. 7. Nasceu no Estado do Rio de Janeiro, na fazenda da Saudade, do Município de Cantagallo (Santa Rita do Rio Negro), a 20 de Janeiro de 1868 e falleceu na cidade do Rio de Janeiro a 15 de Agosto de 1909, victima de um covarde assassinato.*

## Bibliographia

- 1 SERTÕES — (Campanha de Canudos) — 3.<sup>a</sup> edição 618 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1905 (A primeira edição é de 1902, a 2.<sup>a</sup> de 1903, a 4.<sup>a</sup> de 1911 e a 5.<sup>a</sup> de 1914).
- 2 RELATORIO DA COMMISSÃO MIXTA BRASILEIRA-PERUANA de RECONHECIMENTO NO ALTO PURU'S — (Pos-súo o que foi publicado em o n.º 12 da Revista da Academia Brasileira de Letras; foi publicado pela Imprensa Nacional em 1906).
- 3 CONTRASTES E CONFRONTOS — prefacio de José Pereira de Sampaio, 527 pgs. Porto, Empreza Litteraria e Typographica, 1907 2.<sup>a</sup> edição de 1907, 3.<sup>a</sup> de 1912 e 4.<sup>a</sup> de 1918.
- 4 PERU' VERSUS BOLIVIA — 201 pags. Livraria Francisco Alves — 1907 (foi traduzido para o hespanhol com o titulo "La question de limites entre Bolivia y Perú").
- 5 CASTRO ALVES E SEU TEMPO — discurso proferido no Centro Academico Onze de Agosto de S. Paulo — 44 pags. — Rio, Imprensa Nacional, 1907; 2.<sup>a</sup> edição é de 1917.
- 6 A' MARGEM DA HISTORIA — 390 pags. — Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão — 1909. A 2.<sup>a</sup> edição é de 1913.

O Gremio Euclides da Cunha promete a publicação de dous volumes, encerrando os incditos: "Versos e cartas" onde provavelmente será incluída a collecção de poesias "Ondas", escriptas aos 17 annos e "Fragmentos e reliquias", com um prefacio de Afranio Peixoto. Escreveu dous prefacios: Preambulo do *Inferno Verde* de Alberto Rangel e antes dos versos dos *Poemas e canções*, de Vicente de Carvalho.

Encontram-se ainda trabalhos seus na "Revista da Academia Brasileira de Letras": Discurso de elogio a Valentim Magalhães, vol. 4.º, pag. 429. Reconhecimento do Alto Purús (relatorio da Commissão Mixta Brasileira-Peruana) vol. 12, pag. 173 — As catas — poesia, vol. 5, pag. 56; na "Revista Americana": Amazonia, anno I n. 2 (é o Preambulo do "Inferno Verde" de Alberto Rangel), da Independencia á Republica, n. 3 pag. 311 e n. 4, pag. 97 (foi publicado pela primeira vez no "Estado de S. Paulo" e figura como um dos capitulos do livro "A' margem da historia", Observações sobre a historia da geographia do Purús, tomo 3.º, fasc. 1, pg. 34; Um soneto, tomo 3.º, fasc. 1, pag. 95; O povoamento e a navegabilidade do rio Purús, tomo IV, fasc. 1-2, pag. 128.

"Revista Brasileira" (3.ª phase): A guerra do sertão vol. XIX, pag. 270;

"Almanack Garnier" de 1909: Um rio abandonado.

Os primeiros trabalhos que escreveu na adolescencia e na mocidade foram publicados pelo "Gremio Litterario Euclides da Cunha" na "Revista do Gremio" e na "Homenagem".

Collaborou na "Provincia de S. Paulo" (1888) onde escreveu 13 artigos, no "Estado de S. Paulo", no "Jornal do Commercio" onde escreveu artigos sobre o Atlas do Brasil, de Homem de Mello, e na revista "Kosmos".

Escreveu na "Gazeta de Noticias" (duas cartas) e na "Revista do Instituto Historico", Discurso de posse — Novembro de 1903.

As suas primicias litterarias foram publicadas em um pequeno jornal "Democrata", quando elle contava 18 annos de idade.

A reproducção de sua photographia é numerosa; cito, entre muitas, no livro "A' margem da historia", "Littérature Brésilienne" de Victor Orban, "Dous egressos da farda" de Felix Pacheco e em varios numeros da Revista do Gremio Euclides da Cunha.

### Fontes para o estudo critico

1 Sylvio Romero — Discurso em o numero 4 da Revista da Academia, reproduzido em "Provocações e debates".

" " — Euclides da Cunha, ns. 9 e 10 da Rev. da Academia.

- 2 Araripe Junior — Discurso em o n. 7 da Revista da Academia
- “ “ — Dous grandes estylos nos “Contrastes e confrontos”.
- “ “ — Dous vu'ções extinctos (E. da Cunha e R. Pompeia) Setembro de 1909.
- “ “ — Os Sertões, “Jornal do Commercio”, de Fevereiro de 1903.
- 3 Afranio Peixoto — Discurso em o n. 7 da Revista da Academia, reproduzido em a “Poeira da Estrada”.
- “ “ — Dom e arte do estylo, conferencia promovida pelo Gremio E. da Cunha.
- 4 José Verissimo — Estudos de literatura brasileira, vol. V. pg. 73.
- “ “ — Um historiador dos sertões, no Correio da Manhã (1903).
- 5 José P. Sampaio — Prefacio de “Contrastes e confrontos”.
- 6 Félix Pacheco — Dous egressos da farda.
- 7 Souza Bandeira — Paginas litterarias, pags. 5 e 22.
- 8 Alberto Rangel — E. da Cunha (Um pouco do coração e do caracter) conferencia por inicitiva do Gremio E. da Cunha, reproduzida no livro “Rumos e perspectivas”.
- 9 Bazilio de Magalhães — Feição brasileira da obra de Euclides da Cunha, a editar-se.
- 10 Araujo Jorge — Euclides da Cunha — Revista Americana, anno I, n. 1 pag. 114.
- “ “ — O ultimo livro de E. da Cunha, Revista Americana, tomo III. fasc. 1 pag. 64.
- “ “ — Ensaio de historia e critica.
- 11 Candido Junqueira — Revista Americana, tomo III, fasc. 3, pg. 450.
- 12 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira, pag. 57.
- 13 Percira de Carvalho — Os membros da Academia B. de Letras em 1915.
- 14 Francisco Venancio Filho — Euclides da Cunha (notas biographicas) 1915.
- 15 Cortes Junior — Discurso de inauguração da herma de Cantagallo.
- 16 Ignacio de Loyola — Um philosopho nacionalista.
- 17 Waldomiro Silveira — Euclides da Cunha, — “m” A Tribuna de Santos”, Agosto de 1909.
- 18 Viriato Corrêa — Artigo na “Ilustração Brasileira” de 15 de Agosto de 1909.
- 19 João Pinto da Silva — Diante do Orestia, em “Bolhas de espuma”.
- 20 Adalgiso Pereira — Artigos em o “Estado de S. Paulo”, 1918.

- 21 Roquette Pinto — E. da Cunha naturalista, na Revista do Brasil, n. 29 e em folheto.
- 22 Vicente de Carvalho — Revista do Brasil n. 28
- 23 Homenagens a E. da Cunha — Revista do Brasil n. 38.
- 24 Almanack Garnier (1909) pag. 171.
- 25 Revista do Gremio Euclides da Cunha (anuario) de 1914 a 1919.
- 26 Homenagem do Gremio Litterario Euclides da Cunha.
- 27 Por protesto e adoração — *in memoriam* de E. da Cunha, vol. de 250 pgs. e muitos *clichés*, a sahir no corrente mez.
- 28 Juizos criticos sobre “Os Sertões”, publicação da casa Laemmert.
- 29 Arnaldo da Cunha — Conferencia na Bahia — na Revista do Instituto Historico da Bahia — 1919.
- 30 Oliveira Lima — Euclides da Cunha, artigo no “Estado de S. Paulo”, 1912.
- 31 Coelho Netto — Discurso pronunciado em 16 de Agosto de 1909, na Camara dos Deputados.  
“ “ — Os Sertões. artigo em 1903.
- 32 Medeiros e Albuquerque — Chronica litteraria (J. Santos) Noticias de 12-12-1902.
- 33 J. da Penhã — Um livro; na “Gazeta de Noticias” de 14 e 18-12-902
- 34 Jornal do Commercio. de 24-12-1902: Os Sertões.
- 35 Mucio Teixeira — Os Sertões, Jornal do Brasil, 1903.
- 36 Moreira Guimarães — O livro de E. da Cunha, no Correio da Manhã, 1903.
- 37 Campos de Novaes — Artigo na Rev. do Centro de Sciencias e Letras de Campinas, 1903.
- 38 Vicente de Carvalho — Paginas soltas.
- 39 Manoel Bernardes — Artigo.
- 40 João Luso (Armando Erse) — Dominicaes do Jornal do Commercio, 1909.
- 41 Affonso Celso — Almanack Garnier de 1910.
- 42 Eurico de Góes — Artigo nas “Horas de lazer”.
- 43 Miguel de Mello — Prestigio subito — Jornal do Commercio, 1910.  
“ “ “ — E. da Cunha — Gazeta de Noticias, Julho de 1918.
- 44 Dyonisio Cerqueira — Artigo no Jornal do Commercio, 1912.
- 45 Escragnolle Doria — Artigo no Jornal do Commercio, 1913.
- 46 F. V. F. — A data do nascimento de Euclides da Cunha, Jornal do Commercio, 1913 e 20 de Janeiro de 1914.
- 47 Ignacio Amaral — Artigo no “Imparcial”. 1916.
- 48 José Maria Bello — Estudos criticos, 1917, pag. 171.



### Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Tarefa difficil, senão de impossivel exito, afigura-se-me apreciar a obra de Euclides da Cunha, embora em juizo synthetico e summario, como comportam os artiguetes ou perfis litterarios dedicados aos vultos eminentes da litteratura nacional.

Só definir "Os Sertões", livro capital do escriptor fluminense, faria ultrapassar os limites dos subsidios para o estudo critico.

A obra é dividida em oito capitulos de que os dous primeiros assumem cestacada relevancia, pela feição geral de bases para o estudo dos meios physico e social do nucleo do Brasil. O autor, em um relance de observação, ao penetrar o sertão da Bahia, em missão jornalistica, desprovido de instrumentos e apparatus scientificos, com a intervenção exclusiva de solidos conhecimentos de sciencias naturaes e as leituras que emprehendera em memorias de viajantes, obras de investigadores e chronicas sobre a immensa região brasileira, conseguiu esboçar um quadro perfeito da formação geologica da *terra ignota*, estudando a climatologia variada e o phenomeno das seccas periodicas.

O mundo physico do planalto central é descripto com o carinho que sentem os pantheistas privilegiados que conhecem, sem minucias, os segredos da Natureza.

Na segunda parte aborda o problema ethnologico, em função do meio physico e de outros factores influentes na formação das raças e sub-raças. Estuda as feições do jagunço, do vaqueiro, do gaúcho e de outros typos embryonarios da nacionalidade brasileira, segundo o *facies* actual e atravez da evolução historica, definindo o genesis dos mestiços.

Nas partes subsequentes analysa com precisão e rara capacidade critica o caso do Canudos, desde os primordios ás consequencias; intervem com a psychologia precisa da multidão de fanaticos, jagunços e *cangaceiros*, e estygmatisa os sentimentos de vingança e de barbaridade do elemento vencedor, em verdadeira scena dantesca.

E' um quadro triste e vergonhoso da nossa historia, em o qual a ignorancia faz sobressahir a animalidade no mais elevado grau e a sede de vindicta se manifesta com os horrores dos instinctos subalternos do homem.

Si o objectivo do autor estava adstricto a narrar as occorrencias do movimento sedicioso, explicando as origens e as consequencias e descrevendo as incursões das forças expedicionarias, elle excedeu os seus intuitos e offereceu-nos um livro vigoroso, mixto de sciencia e arte, onde a cultura formidavel de um espirito de eleição se allia á esthetica de um artista consagrado: As explicações de phenomenos da natureza servem de fundamento ao estudo de um povo, intervindo com solidos conhecimentos das theorias ethnographicas e os elementos indispensaveis ás deducções a que chegou.

E' um livro vigoroso e de extraordinario valor que lhe grangeou merecida reputação de escriptor consummado. Constituiu a sua estreia e abriu-lhe caminho facil para a gloria.

Até então vivia o engenheiro quasi na obscuridade.

Filho legitimo de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha e D. Eudoxia Moreira da Cunha, nasceu Euclides a 20 de Janeiro de 1866 na fazenda da Saudade, em Santa Rita do Rio Negro, municipio de Cantagallo. Perdendo o carinho materno aos 3 annos de idade, foi transferido para Theresopolis, confiado aos cuidados de uma tia, em cuja companhia só esteve durante dous annos, sendo transferido novamente para S. Fidelis onde esteve em casa de outra tia até concluir o estudo das primeiras lettras com o velho professor Caldeira. Quando o seu pae retirou-se, em 1876, para o Rio de Janeiro, levou-o e matriculou-o successivamente nos collegios Victorio da Costa, Anglo Brasileiro e Aquino.

Emquanto conclua os estudos preparatorios, lia e fazia versos, preparando a collecção "Ondas", poesias sobre varios assumptos, principalmente sociaes, cujo original se acha em poder do Gremio Euclides da Cunha. Tambem se lhe despertou a vocação pelo estudo de mathematica e fez a sua estreia no "Democrata", jornalzinho em que escreveu os primeiros fragmentos de prosa e os versos da adolescencia.

Com 20 annos de idade assentou praça na Esco'a Militar da Praia Vermelha e ahí adquiriu o cabedal scientifico que soube desenvolver com talento e devoção ao estudo.

Então escreveu a "comedia de 15 actos" "Observando", notas de 15 dias da vida academica na Escola Militar e deixou-se enpolgar pela propaganda leal de Benjamin Constant, até praticar o celebre acto de indisciplina perante o ministro da guerra Thomaz Coelho, a 4 de Novembro de 1888.

Narra Afranio Peixoto as peripecias do incidente, desde o inicio, ao desprezar o chefe do exercito, até a magnanimidade do Imperador, fazendo-o desligar das fileiras, graças á benevola intervenção de Francisco de Castro que lhe attribuiu um accesso de loucura, e a uma "varia" do Jornal do Commercio, que ensinou a deliberação tomada.

Dirigiu-se logo após para S. Paulo onde iniciou a sua carreira jornalistica na "Provincia", a 22 de Dezembro de 1888.

No anno seguinte cursou a Escola Polytechnica do Rio, com o fim de concluir o curso de engenharia; mas, ao proc'amar-se a republica, apresentou-se ao Marechal Deodoro e foi reintegrado no exercito, no posto de alferes-alumno.

Em 1892 Floriano Peixoto promoveu -o a 1.º tenente e offereceu-lhe uma commissão, á sua esco'ha. Modestamente contentou-se com o que lhe facu'tava a lei, conseguir um anno de pratica na E. F. Central do Brasil, com residencia em Caçapava.

Por occasião da revolta de 1893 foi incumbido de construir trin-



cheiras na Saude e, quando o Senador João Cordeiro propoz a execução dos culpados, ao se encontrar uma bomba na redacção do "Tempo", elle escreveu duas cartas á "Gazeta de Noticias", protestando contra a tentativa criminosa. Viu-se então obrigado a retirar-se para Campanha e, terminada a revolta, dirigiu-se para Descalvado, afim de exercer a profissão de engenheiro, depois de conseguir reforma a 13 de Julho de 1896.

No anno seguinte partiu para Canudos, a serviço do jornal "Estado de S. Paulo" que publicou a sua correspondencia sobre a campanha vergonhosa.

Nomeado engenheiro de districto da Directoria de Obras Publicas de S. Paulo, teve ensejo de reconstruir a ponte de S. José do Rio Pardo e, em um barracão de madeira que lhe servia de escriptorio, concebeu e redigiu "Os Sertões", de 1899 a 1901.

Apezar do successo causado em leitura intima e do enthusiasmo de Garcia Redondo que recommendou o autor do livro a Lucio de Mendonça, não conseguiu Euclides da Cunha a publicação no "Estado de S. Paulo", nem no "Jornal do Commercio" do Rio. Entregou o manuscrito á livraria Laemmert que resolveu editar a obra, expondo-a á venda em 1902.

A consagração foi subita, tal o enthusiasmo que despertou perante os criticos, a imprensa e os leitores. Exgottou-se promptamente a primeira edição, succedeu-lhe outra sem interrupção e abriram-se-lhe as portas do Instituto Historico e da Academia Brasileira de Letras, em 1903.

Adquiriu amigos sinceros, como Machado de Assis, Coelho Netto, Garcia Redondo, Lucio de Mendonça, Araripe Junior, Sylvio Romero e Oliveira Lima e voltou a trabalhar em S. Paulo até 1904.

Demittindo-se da Directoria de Obras Publicas, foi indicado por Oliveira Lima ao Barão do Rio Branco e começou a trabalhar no Ministerio do Exterior, onde permaneceu até 1909. A principal incumbencia que recebeu, consistiu no reconhecimento do Alto-Purús, na qualidade de membro da Commissão Mixta Brasileiro-Peruana, e o modo per que desempenhou a missão que lhe conferiu o Barão do Rio Branco, tem como attestado o relatorio publicado em 1906 pela Imprensa Nacional.

Teve ahi ensejo de estudar a região amazonica, proporcionando-lhe as suas observações os ensaios magistraes, incluidos nos volumes "Contrastes e confrontos" e "A' margem da historia" e no preambulo do "Inferno verde" de Alberto Rangel. Projectou ainda uma obra de maior folego — "Paraizo Perdido", em que, á maneira de "Os Sertões" estudaria a Amazonia, em conjuncto harmonico, de accôrdo com ideias e factos expendidos em monographias isoladas. Desse livro já possuía o primeiro capitulo prompto, segundo a declaração feita a Coelho Netto, pouco tempo antes de ser assassinado.

A 18 de Dezembro de 1906 verificou-se a sua posse na Academia onde recebido por Sylvio Romero, pronunciou um admiravel discurso de elogio a Castro Alves e Valentim Magalhães.



A 15 do mesmo mez e anno foi covardemente assassinado por dous rapazes que lhe roubaram a honra do lar e ao Brasil um dos melhores escriptores contemporaneos. Morreu com 41 annos de idade, em pleno viço de talento, interrompendo bruscamente a sua obra, pois além do "Parai-zo Perdido" e dos artigos que deixou esparsos, delineara o arcabouço de um romance "Homens bons", segundo allusão feita a Affonso de Taunay e Vieira Fazenda.

Desdobram-se duas feições distinctas no homem que se integram no escriptor: o espirito scintillante do intellectual e o conjunto de qualida-des moraes que serviam de ornamento ao seu character adamantino e sem jaça. A primeira se consegue na leitura de suas obras e a segunda se obtem dos informes dos que com elle privaram, amigos e indifferentes, com especialidade os que escreveram sobre a sua feição moral, como Alberto Rangel, Afranio Peixoto e outros.

Ha, porem, uma fonte completa, sob todos os pontos de vista: é o Gremio Euclýdes da Cunha onde se congregaram alguns dos seus admi-radores, na expansão de qualidades e attributos que dignificam esses moços de valor, a reunir pacientemente todos os dados que definam a vida do escriptor brasileiro, todos os elementos que completem a sua individualidade moral, todos os objectos que lhe pertencem, em verda-deiro culto de saudade e admiração por esse ente privilegiado, que em curto prazo, de 1902 (publicação d' "Os Sertões") a 1909, empolgou a admiração de todos os coevos, do sul a norte do paiz, e mesmo de mui-tos estrangeiros.

Esse Gremio tem dedicado á sua memoria uma revista annual onde se reúnem todos os trabalhos que deixou o inolvidavel escriptor, e as re-ferencias a elle feitas, além da correspondencia intima e outras curio-sidades. Vae agora dilatar a homenagem, editando um volume consa-grado ao autor de "Os Sertões": "Por protesto e adoração".

Euclýdes da Cunha era de temperamento excessivamente nervoso e manifestava a desconfiança do caboclo; mas acima de tudo era um bom, um justo, um honesto e um corajoso, isto é, um homem de character in-tegro e indomavel.

### Summario para um estudo completo

Adversidade na infancia — Educação — O revoltado — Primeiras manifestações de talento — Apparição que offusca — O valor d' "Os Sertões" — O estylo de um artista ignorado — seus meritos scientificos — O engenheiro — A serviço do Brasil — O valor moral do homem — O escriptor em varias modalidades — Reconhecimento do Alto Pu-rús e Perú versus Bolívia — Contrastes e confrontos e A' margem da historia — Como critico — O poeta — A obra interrompida — Como se detem a marcha de um astro fulgurante — Infortunio no fim da exis-tencia.





**Mme. POMMERY** — *Hilario Tactito* — *Revista do Brasil* — São Paulo, 1920.

S. Paulo inaugurou o anno com duas revelações literarias dos mais finos quilates. O *Prof. Jeremias* já fez carreira no publico, que o absorveu e absorve com avidez consoladora.

O mesmo está succedendo a *Mme. Pommery*, satyra formidavel aos costumes paulistanos. O assumpto é escabroso, mas com tal arte soube avir-se o A. que o mais arrepiado moralista o lê sem cara feia. Historia a vida em S. Pau'o d'uma mundana creadora de costumes. Por manhas e artimanhas de tal matrona formou-se uma escola nova de extorquir dinheiro aos homens por meio de pelle feminina e effluvios de *champagne*.

Como chegou ella a esse resultado, depois de sabias auscultações da psychologia dos nossos ricos da cidade, e dos "coroneis" do interior, é coisa que H. T. desfia com uma graça infinita, em esty'o jocoserio, do mais fino sabor humoristico, misturando solida erudição classica, e citações biblicas ás maiores patifarias carnaes de nossa alta gomma. Mas o argumento do livro é coisa de somenos. Esse mesmo argumento, tratado por um espirito vulgar, daria ou obra chilra ou pornographica.

Salvou-o a maneira do A., sua erudição, seu bom gosto literario, seu senso innato do verdadeiro *humour*, suas qualidades deveras notaveis de equilibrio e *savoir faire*. E tão notavelmente attico se revelou

na factura da satyra que para encontrar coisa irmã temos de dar busca no tesouro das letras patrias e socorrer-nos dos nossos mais apurados estylists. Mesmo assim, no genero, não sabemos de livro nosso, emparelhavel com este. O publico, que tem faro, percebeu logo o advento d'um escriptor de escol, desses que raro em raro apparecem, um ou outro em cada geração. E antes que a critica se manifestasse, fez ao livro honras invulgares em nosso meio. Desde que sahiu até hoje a *Mme. Pommery* constitue um thema forçado de palestra, não fazendo ninguem restricções á arte inegualavel do A. Mais estréas como esta, e S. Paulo ajuntará á sua hegemonia economica, mais uma, a literaria.

**O PANSEXUALISMO** — *Franco da Rocha* — *Rothschild & Cia* — S. Paulo, 1920.

Comp'etando, ou antes, desenvolvendo um trabalho anterior, feito para seus alumnos da Faculdade de Medicina, folheto que suscitou muito interesse, mesmo fóra das rodinhas scientificas, o A. dá-nos hoje, em volume de 190 pgs., um magnifico estudo sobre a doutrina de Freud. Este sabio lança todos os actos do homem á conta de manifestações directas ou indirectas, proximas ou remotas, do instincto sexual, instincto que por sua vez é uma decorrente do instincto de conservação da especie. Que joquete é o homem nas mãos da natureza ! Seu livre arbitrio, sua li-

berdade é o que ha de mais determinado pelas injunções despóticas do instincto ! Come e ama. Só faz isso, apparentando fazer mil coisas diversas. Não ha acto seu que, examinado ao arrepio, de élc em élo, não entronque nos dois imperativos ultra-categoricos impostos pela mãe Natura a todos os seres vivos: o que zela da conservação do individuo e o que zela da conservação da especie. A psychoanalyse de Freud nada mais é do que a dissecação desse instincto té o olho d'agua primitivo. Franco da Rocha superiormente explana a theoria — com o desempenho e garbo a que já nos acostumou. Sua maneira de tratar o assumpto é a dos que assimilam integralmente; é correntia como a dos sabios de bons quilates e não mascarada, arrumada, arranjada, como a dos *demi-savants*.

**O PATRIARCHA DA IMPRENSA** — José Eduardo da Fonseca  
— Livraria Editora Leite Ribeiro  
& Maurillo — Rio, 1920.

O Auctor, membro da Academia Mineira de Letras e seu orador official, acaba de enfeixar em livro uma serie de discursos por elle pronunciados em Bello Horizonte. O primeiro, que abre o volume e lhe dá o titulo, é um bello e original estudo sobre a personalidade de Evaristo da Veiga. Nesse trabalho, como nos subsequentes, o autor revela admiravel capacidade de synthese, graças á qual o insigne jornalista da Regencia apparece-nos, sem nenhum encarecimento, á maneira de um alto relevo historico, tal o vigor com que é magistralmente modelada a sua grande figura.

E o estylo do panegyrista é simples, deliciosamente simp'les, dessa simplicidade que, no dizer de Anatole, encerra, como a luz branca, a virtude de todas as demais modalidades do espectro solar. Seus periodos são amplos, sonoros, caudalosos e ao mesmo tempo tão limpidos que fazem pensar em agua de rocha. D'ahi as paginas de alto e

fervoroso louvor com que Augusto de Lima enaltece, em formoso prefacio, a obra do escriptor mineiro.

Já dizia Buffon que qualquer homem culto pôde traçar pensamentos, mas só os consegue *gravar* quem possua estylo. E José Eduardo é sem duvida um desses privilegiados. Porque dá as idéas que expõe um cunho personalissimo. Veste-as de festa. Torna-as vistosas, sem vulgaridade, — ricas, sem demasias de ornato nem preciosismos ridiculos. E tem metaphoras que não esquecem mais. Assim é que, para elogiar uma obra de Arinos, chama-lhe "livro-veronica, em que se estampou a imagem da Patria".

Não é, porém, esse o unico aspecto interessante do trabalho a que nos referimos. De fóra parte as bellezas estrictamente literarias ha ne'le largos descortinos de ordem sociologica ou politica, tomada esta palavra em sua mais nobre accepção.

Basta-nos dizer que o publicista toma do estudo da "Aurora Fluminense" occasião para condemnar as tenazes remanescencias do parlamentarismo em nossa vida publica, attitude acertadissima, que lembra algumas das melhores paginas de Alberto Torres. Mais além, acerca do tão decantado e quasi nunca sincero programma de aproveitamento das capacidades, cita não sem *humour*, o versiculo do Corão, que reza: "O governo que nomeia um homem para um emprego, havendo nos seus dominios outro homem melhor, attenta contra o Estado e contra Deus". E verbera a proposito em phrases cheias de fogo a ignorancia, a inepecia, a estreiteza de horizontes dos nossos homens publicos. E nesse particular — ai de nós! — tem elle sobejas razões para levar até o rubro-branco as incendidas ascuas de sua critica. E faz bem, porque, mesmo naquella região descripta pelo grande Alcofribas, onde as proprias palavras se congelavam no ar, lá vinha um bello dia de serenidade em que, fundindo-se ao calor ambiente, eram a final ouvidas e meditadas.

**A SEMANA** — Machado de Assis  
*Livraria Garnier -- Rio, 1920.*

Bom presente faz o Garnier ás letras, editando em grosso volume de 456 pgs. as chronicas que Machado de Assis publicou na *Gazeta de Noticias*. *A Semana*, chamava-se a sua secção nesse jornal, onde a manteve com regularidade, demonstrativa de grande capacidade de trabalho, durante cinco annos, de abril de 92 a março de 97. Machado revela-se ahi o Machado de sempre, chronista subtil, e critico cheio de atticismo. E mais que em nenhum outro livro, entremostra ao publico todas as suas idéas a respeito dos homens e das cousas. Quem quizer conviver umas horas com a mais bella intelligencia jámais desabrochada no Brasil, leia *A Semana*, leia-a aos poucos, sybaritamente, e nunca se arrependará do tempo gasto nisso. Não ha prazer que valha o prazer mental. Todos os mais são passageiros, e deixam bõrras amargas.

O prazer mental, porem, perfuma-nos o cerebro, irisa-o, e reconcilia-nos com a vida. Ora, é Machado de Assis o maior mestre que temos na arte subtilissima de nos proporcionar ao espirito este prazer dos deuses. Lel-o é arejarmos o cerebro, como si abrissemos uma janella para um jardim de Armida. Prefacia o livro Mario de Alencar, o generoso cultor da sua memoria, dando notas preciosas para o bom entendimento do livro.

**AO VENTO** — Simão Junior —  
*Casa Mayença — S. Paulo, 1920.*

Collecção de chronicas publicadas no "Correio Paulistano" nas quaes o A. philosopha sobre a vida. Se a profissão dum auctor trac-se na obra, como o querem certos criticos, affirmariamos que S. J. ou é ou já foi um sacerdote... Talvez erremos, talvez seja el'e um bacharel em direito ou corrector da praça, mas ha em seu livro um "quêsinho" denunciativo de coitão... Aquelle amargor de Possidonio, uns

vagos rompentes de quem procura sacudir-se de peias e mil coisinhas mais arrastam-nos a crer n'uma bellissima vocaç'o literaria, bem humana, bem sadia, que se estorce dentro dum borzguim de ferro. E é pena.

Escrevedores ha-os por ahi, ás duzias, mas escriptores de facto, desses cujas phrases caem da penna sempre de pé, como os gatos, ha poucos. E é doloroso, ao topar com um delles, sentil-o atado, como Gulliver, numa teia bem differente da de Gulliver, por que é quasi inquebravel...

**BEATOS E CANGACEIROS** —  
*Xavier de Oliveira — Typ. Rev. dos Tribunaes — Rio, 1920.*

Livro tristissimo, este. Revela uma doença social, a mais, entre tantas que torturam o nosso paiz: o Cangaco. E' doença do Norte, e endemica nos sertões. A causa é a ignorancia em que vive atolado aquella gente e o mandonismo coronelicio, que impede a accção da justiça. Para extirpar o beato e o cangaceiro só ha um recurso: cartilha e juizes, coisas de que estamos, por já, muito longe ainda.

O livro do Sr. X. de O. faz a chronica dos successos mais memoraveis dessa especialidade brasileira de banditismo. Aparecem as figuras tetricas do Beato da Cruz, Mané Coco Secco, Zé Pedro, Calangro Quintino etc, gente conformada toda por um mesmo molde, filhos da iniquidade e da ignorancia. Seu estylo é desalinhavado, e dos mais afastados do equi ibrio esthetico que a arte de escrever exige; mas a obra vale como um documento precioso da coisa cahotica, informe, dolorosa que é o Brasil por dentro. Denunciado este phenomeno, pela primeira vez, por Euclides da Cunha, X. de O. traz mais um depoimento sobre a mazela, decorrente do desequilibrio de civilisação entre os litoraneos e os centraes. Estes estão mentalmente num atrazo de scculos sobre aquelles...

**A' VOLTA DO MUNDO** — Ed. Navarro de Andrade — *Rothschild & Cia.* — S. Paulo, 1920.

Viajar, para a brasileira gente, é synonymo de ir a Paris, cair lá na farra, dedilhar a gamma inteira dos prazeres bordelengos e voltar com os bolsos vazios e o cerebro amolecido. E' assim, e acabou-se. O mundo é Paris, e acabou-se.

Esta fórmula nacionalíssima de imbecilidade já vae cançando, de modo que é com alívio que se nos depara um livro destes, de viagem, mas não á moda sandia. O A. apesar de brasileiro, não é to'o — abre excepção á regra. Tem a coragem inaudia de viajar pelo Oriente! E porque é um homem de espirito frio e viajou fóra da zona estragada, seu livro lê-se com especial encanto.

O A. leva-nos aos E. U., ao Japão, á India, a Java, á Colonia do Cabo; leva-nos pe'o braço, de cigarro á bocca, na frescata dum pyjama conversando com a maior despreocupação deste mundo. Conta-nos como resingou com os criados, que más coisas deram-lhe nos hotéis, que ruim gente é o nosso diplomata, e como se su'a por lá. Suou á bessa, nessas regiões queridas do sol, e grande parte do livro transpira os seus suadouros forçados. Mal feito o mundo! Gente a morrer torrada nos tropicos, e de frio, nos polos! Si não era tão razoavel ratear ge'o e sol, de modo a termos uma primavera de polo a polo! Apesar disso, o livro confirma uma vez mais a delicia de viajar. Si porem, é delicia viajar, viajar em companhia do A. é delicia dupla. E gozal-a-á quem der duas horas de attenção ao seu livro, que não é litteratura (fclizmente), nem sciencia perobesca (ora graças!), nem attitude *blasée* de turista entendido, e sim palestra amavel, graciosa, anedotica, instructiva e intelligente. E o A. a impregna de tal fórmula da sua maneira pessoal que em muitos trechos se fica na duvida de estar a lê-lo em livro ou a ouvil-o em

carne, osso e sotaque coimbrão, naquelle encantado paraíso dos eucalyptos que é o Horto do Rio Claro. Bem vindos sejam os livros assim!

**SANDRO BOTTICELLI** — *Moisés Kantor* — Drama em 3 actos de la época del Renacimiento — Edição de "Nosotros" — Buenos Aires — 1919.

O volume que traz este titulo enfeixa mais dois dramas — *Griselda*, lenda dramatica da Edade Media. em um acto e *Noche de Resurrección*, drama em tres actos da epocha moderna.

*Sandro Botticelli* é sem favor uma obra prima do theatro moderno, não se distanciando della as outras duas, nas quaes o auctor, abordando temas absolutamente diversos, desdobra a sua multipla individualidade. Abeberado, sem duvida, dos bons ensinamentos do theatro classico e de boa philosophia, que em toda a obra se respira, emprehendeu na primeira das tres peças a restauração dos tempos aureos da Renascença, á luz da mais encantadora perspectiva philosophica. E de que o conseguiu nos assegura logo a primeira leitura. Com admiravel percepção artistica, entrelaçadas as figuras historicas de Alessandro Botticelli e Savonarola, bastante conhecidas cada qual no seu papel tão afastado do outro — mestre da pintura aquelle, prégador e martyr o segundo — como que uma revelação se nos apresenta: — todo o dualismo da edade media em dissolução, trabalhada pelo renascimento da arte pagan sobre os motivos christãos e pelo despertar da

razão sobre o abastardamento da fé e dos costumes. Nessa grande moldura, cabendo toda a Renascença, com os seus contrastes, as suas incertezas e desequilíbrios, perfeitamente cabe cada um de seus personagens, representação typica, nitidamente acabada, dos elementos sociaes de epoca: Lourenço Medici, o magnifico senhor de Florença, Marcilio Ficino, o philosopho, Benvenuto Gritti, o medico, Fra Mariano, o monge, Francesca e Mona Giovanna, Nicolo, o rico mercador e amator das bellas artes, o marujo que se vae juntar a Colombo e Paolo Allegri, o domagogo, outros tantos typos, que dão a perfeita caracterisação do tempo. Entre o discipulo de Platão e o physico delinea-se o distanciar da sciencia, desprehendida da especulação metaphysica, mais felizes as duas que a arte e o mysticismo, então e ainda hoje, talvez, conjugadas no substratum em que se fundem os sentimentos humanos. Fra Mariano e Paolo são dois antipodos — o frade hypocrita e o condottieri, democrata em politica e religião, ardente e rebelde, com uma maldição prompta para todos os idolos e um applauso, para toda a bravura.

Manejando tão bello material, Moisés Kantor traça o drama com admiravel penetração, apropriando-se dos factos historicos, consorciando-os e levemente corrigindo-os. E, assim, o effeito é surpreendente de verdade e de arte. Savonarola rebelado, implacavel como um justo e um illuminado e Botticelli acossado por ideaes antagoni-

cos, a sua inspiração com raizes profanas no amor de Giovanna e o seu sentimento mystico, que o leva ao fanatismo, aos pés do propheta — eis o trama que os conduz a ambos á morte; um á fogueira e o outro ao duplo suicidio, primeiro do artista, pela cremação de suas telas nos autos de fé do reformador dos costumes, depois do proprio homem, incapaz para a vida sem o seu amor e a sua gloria, bem como o artista, sem a paz interior e o aneio para a perfeição.

Por tudo isso, o attiscismo da linguagem, a naturalidade das situações, a nenhuma emphase, senão a da acção dramatica e, scbetudo, a força, a vitalidade e o chocante das scenas, algumas dellas magistraes como as do "studio", entre Botticelli e o mercador e, depois, entre o artista e o seu modelo, entre o mesmo e Savonarola, encadeadas scguidamente, com extraordinario poder de contraste. Para citar todas, reproduziríamos o drama, porém, não deixaremos sem menção a scena IV do 3.º acto, notas á margem, pittorescas e profundas, de psychologia infantil, proporcionadas por um grupo de garotos, comparsas obrigados de todas as expansões publica de "piangoni" e de "arrabiati"...

O quadro que nos desenha com summa sobriedade, linhas geraes destacadas, pormenores raros e bem engastados no conjunto, é completo e do mais encantador impressionismo. Suggestivo, não ha como não pensar, após a leitura, na immensidade e complexidade da alma humana, descarnada e posta em

toda a sua nudez, sobretudo nos periodos de transição qual o dessa esp'endida Renascença, tão bella e fortemente reconstituída por esse bello artista que é Moisés Kantor.

\*

Em *Griselda*, pequena joia literaria, quanta belleza! A lenda medieval do XIII seculo toma, nas mãos deste nietzscheano com tons accentuados de determinista, todas as cambiantes dramaticas de que é capaz um espirito eminentemente creador.

Por sua natureza, mais literario e rhetorico que o primeiro, é o pequeno drama, por isso mesmo, a pedra de toque do artista, que, aliás, guardando medidas justas, o quanto possivel em obra de pura ficção, attinge o apice da dramaticidade. Mixto de piedade christã, a mais sublime e diluida piedade e da hir-suta rebeldia do super-homem, impiedoso, livre e barbaro em seu requintado orgulho, realisa o mesmo milagre esthetico da dualidade numa alma de nossos dias. E' forte, é impressionante, mesmo cantando, como canta, o amor sobre todas as coisas.

## RECORDAÇÕES DE GUERRA

E DE VIAGEM -- Visconde de Taunay — Ed. Weiszflog Irmãos — S. Paulo, 1920.

Com a edição do presente volume, de cerca de duzentas paginas, acaba de prestar-se excellente serviço ás letras. O Visconde de Taunay não é auctor cujos manuscritos se percam, por menos valia que apparecem, o que, aliás, não é o caso destes. Contendo em parte notas para ulterior desenvolvimento, são o mais fiel testemunho de observações immediatas, de incontestavel valor historico. Referentes á ultima phase da guerra do Paraguay, guardam a frescura e espontaneidade peculiares ás primeiras impressões. A segunda parte, correspondencias da Europa, publicadas em 1878 e 1879 no *Jornal do Commercio*, têm o mesmo particular encanto.

Nuna e noutra ha muito que ler e apreciar. Contribuição valiosissima para o estudo completo dessa grande personalidade literaria, que é o auctor da *Retirada da Laguna* e de *Innocencia*, dois dos nossos mais caros monumentos, *Recordações de guerra e de viagem* em boa hora vem figurar na bibliotheca brasileira, ao lado das duas obras-primas como illustração valiosa.



## VASOS DE... IGNOMINIA

Se o autor da "Arte de Furtar" fosse desta época e deste país, é bem provável que, ao invés dessa famosa sátira, escrevesse a "Arte de Adular". Porque aqui os adularcos não hão mist'ar dissimular as suas baixezas. Estadeiam-n'as, não só nas praças, senão também por via da grande publicidade dos jornaes e agencias telegraphicas, patenteando a todos com um desfudor de rascoeiras as sabujices quotidianas com que se degradam, conspurcando ao mesmo tempo os seus chamados amigos e chefes.

E é sobretudo no terreno dos costumes políticos que mais se desenvolve e braceja a lisonja. Grande obra de patriotismo será o denunciar-lhe sempre os torpes manejos, o assobial-a, o votal-a ao desprezo publico, onde quer que ensaie deitar as patas de vellude. Importa que não só os louvaminheiros, senão também os que se deixam louvaminhar, quando em postos de governo, sejam despidosamente justicados pela opinião.

E' verdade que a lisonja é velha como o mundo. Pois 3.000 annos

antes de Christo, 50 seculos atras de nós, já os hieroglyphos da época dos constructores das pyramides lhes registravam os donaires cortezaões. "Sua magestade, sempre que vou beijar o solo, m'o veda, dando-me a honra de roçar-lhe os pés com os meus labios", gaba-se um summo sacerdote de Memphis, em uma inscripção cinco vezes milenaria, ao parecer com o mesmo aprumo com que o deputadilho Menippo (procure-se a chave em La Bruyère) nos informa de que como valido e familiar nos paços imperiaes, logra o privilegio — ora viva o compadrego! — das grandes entrées Luiz-quinzezas convertidas em nacionalissimas pancadinhas no hombro...

A ancianidade, porém, de uma miseria de modo algum a justifica. Homens... homens! não ha duvida... Mas est modus in rebus. E entre nós a impudencia no exercicio da famulagem sãe diariamente em insolencias tão espantadoras, que só com metaphoras tomadas á escatalogia se pode dar combate á despejada alcateia dos arrivistas sem nenhum outro merito mais que o de poderem offerecer ás suas vi-

ctimas daquelles obsequios que os Bastos, os Souzas e os Pittas da "Hyssopaida" se gozavam de pres-tar ao bispo de Elvas...

*Metaphorizemos, pois, a antiquis-sima e soniosa mazella.*

Refere Luciano de Samosata, em sua Historia Veridica, que na extremidade do Zodiaco, entre as Hyadas e as Pleiodes, existe uma republica das Lampadas, as quaes, a estylo de homens, enchem as praças publicas, mantêm parlamento, administração, policia, distinguin-do-se em grandes e pequeninas, luminosas como pharões e mal es-pezitadas que nem fogos fatuos. Entre as mais illustres teve elle en-sejo de encontrar-se, no palacio da justiça com a boza lamparina de sua casa, com quem travou amistosa pa-lestra ácerca de objectos domesti-cos mui familiares a ambos.

Pois, sem havermos mistér ir até os asterismos longinquos, aqui mesmo, debaixo da Lua, descobri-mos, com grande estranheza, em certa viagem á de Maistre, a exis-tencia incontestavel de uma cidade dos Vasos — Civitas vasorum — E havia-os de ouro, de prata, de ferro e até de lata. E havia-os de eleição e de... ignominia. Havia-os de todos os feitios e com todos os conteúdos... Quando chegamos, rei-nava uma como exaltação renova-dora. Dizia-se que a politica ali-mentar dos caldeiros, assim como a de agua chilra dos potes e bilhas, estava condemnada a evacuar o ágora.. Ia começar uma nova era, — a das amphoras de oiro com in-crustaçõs de pedrarias. Fomos tambem ao palacio do Concelho e

lá tivemos occasião de ouvir uma immensa taça transbordante de ira e de esplendor a declamar contra o predomínio de umas terras-cottas, outrora tributadas pelo imperador Vespasiano. Havia, porém, umas cousas que empestavam o ambien-te com a sua nauseante e insupportavel graveolencia. Quizemos então gritar pelos encarregados da lim-peza publica. Mas um esquisito per-sonagem de louça, especie de aga-lari de serralho ou mestre de ceri-monias, teve-nos mão, explicando: "E' verdade que taes vasos entram aqui a poder de intrigas de recama-ra, a expensas do merito e do sa-ber. E nada desmoralisa mais um povo do que o exito de semelhantes sordicias. Mas são commodos e dif-ficilmente a dispensam nas artes. Como haviam então os reis e ministros de lubrificar e polir as suas adamantinas paredes interio-res? Depois intitulam-se arrogante-mente amphoraes e angustaes. Seria um sacrilegio tocar-lhes..."

E como, arregaçando o pretexto, sahíssemos correndo para fóra das portas, appareceu-nos em uma nu-vem a deusa Higía, como Venus a Enéas, e honrou-nos com um lati-norio, que na realidade acabou em peixe: Macte animo generoso puer! Novus incipit ordo, graças ao abun-dante emprêgo que vou fazer do... formol.

Tres vezes prostrámo-nos como supplicantes e tres vezes elevámos as mãos supinas para os céos.

J. A. NOGUEIRA.



## RECENSEAMENTO

Desde que o governo delibrou cumprir o dispositivo constitucional que manda realizar de dez em dez annos o recenseamento geral da Republica, a Repartição Geral de Estatistica, empenhada em dar completo exito a esse serviço de fórma a se poder computar com segurança os nossos progressos em um seculo de independencia, vem de varios modos incitando a população a auxilia-la neste sentido.

Todos os que comprehendem as vantagens que advirão de um tal serviço applaudem e approvam tudo que possa servir á sua vulgarização.

A imprensa, as associações de todos os generos, e até o proprio cinematographo prestarão, como já vêm prestando, um grande auxilio á diffusão do que é e para que serve o recenseamento.

No emtanto, cremos que se aqui na capital o povo chegará á boa comprehensão desta necessidade, já o mesmo não se dará no interior. O sertanejo não verá com bons olhos qualquer serviço de censo, cujo fim elle não apanha e não discerne do sorteio militar.

Todos sabemos o que tem sido em algumas localidades o alistamento militar. A propria mensagem presidencial reconhece falhas e senões a corrigir, e nós aqui já temos varias vezes apontado irregularidades, publicando reclamações e protestos que se frizam em geral no facto de serem as juntas de alistamentos formadas de elementos politicos locais que se servem do sorteio como meio de coacção quando não de exploração eleitoral.

E' preciso que se esclareça bem a consciencia da população do interior que o recenseamento será um elemento contra esses abusos e que constituirá uma prova a mais contra as arbitrariedades que porventura se derem no alistamento militar.

O governo, ao invés de nomear homens de influencia politica, deverá preferir os de influencia moral que possam exigir a maxima veracidade nas informações. Concomitantemente, procurar quanto antes cohibir e dar mostras evidentes que se interessa em cohibir essas falhas, afim de estimular o povo ao maior escrupulo nos seus informes.

De outra fórma não conseguirá o gover-

no do nosso cabloco, que ainda guarda de oitiva a lembrança do recenseamento da guerra do Paraguay e de experiencia propria conhece o actual alistamento militar, aquillo que elle mais necessita para levar a effeito com successo esse importante serviço.

(Do "Jornal" — Rio)

## EMILIO DE MENEZES

.....

A satira, modalidade combativa, só podia nascer, — dil-o um historiador — de um povo bellicoso. Ella é uma arma como a espada, como a lança, como a flexa, como os mais perigosos instrumentos de guerra. A civilização grega, que deu Aristophanes, não supportaria a brutalidade de Marcial. As azas de ouro do espirito atheniense, tombariam, rotas, ao peso de uma sentença de Horacio. O genio latino, que levantou o Colyseu, enchendo-se de feras, estava mais apto á criação de um genero literario que se podia transformar, de subito, em espectaculo sanguinolento.

Entre o humorista e o satirico aprofunda-se um fôssio insoterravel. O humorista zomba do mundo, e de si mesmo. São-lhe defesos a lisonja, o louvor, o elogio individual. O satirico zomba do homem, seleccionando os individuos e pôde ser lisonjeiro, aulico, palaciano. Juvenal faz o panegyrico de Catullo e respeta a austeridade a Adriano. Rabelais, o "patriarcha do humorismo" não encontrou um antidoto humano para o ridiculo de Pantagruel. Examinando o trigal, o satirico escolhe as espigas, separando-as. O humorista amaldiçoa, ou abençoa, a seára, no seu conjuncto. O pão do primeiro, é feito com o joio. O segundo tritura, para o seu pão, o joio e o trigo.

Exercida genialmente, como o foi por Juvenal, a satira pôde ser, na familia ameaçada, a sentinella da virtude. Denunciando o vicio atrevido, amendrontando o crime insolente, assignalando, rapido, com um traço de fogo, as feridas do caracter, onde ellas mostrem os bordos, o satirico é um dos elementos indispensaveis á disciplina dos instinctos, dos costumes, das instituições. A satira é, mesmo, o freio de ouro das sociedades dessembestadas.

Sob esse aspecto, Emilio de Menezes foi, no seu tempo, incomparavel. A sua irreverencia, caustica, mordaz, dilacerante, encheu vinte annos da vida carioca. Ninguem o ultrapassou no epigramma, na satira, no dito oportuno e pittoresco. A lingua portugueza não teve, jámais, entre nós, de um só homem, tão copiosa contribuição de perversidade purradora, dentro das possibilidades da raça. A fama da sua mordacidade foi tão dilatada, que elle se queixava, nos últimos annos, — como succede, aliás, a todós os satiricos — da responsabilidade, que lhe atiravam, de todas as irreverencias que surgiam.

As flores da sua perversidade eram, entretanto, inconfundiveis. E essa produção corre mundo, fiascante, ferina, fraccionada, como um punhado de navilhas sem cabo, em que se deve pegar com cuidado. As suas laminas têm, quasi sempre um destino previsto. As flexas deste soldado de Amphipolis levavam endereço, geralmente, ao olho direito de Felipe. E vós sabeis como elle as atirava á rua, entre os dedos anonymos da multidão. Em uma roda de amigos, na rua do Ouvidor, na Avenida, nas mesas da Confeitaria Paschoal ou Colombo, a conversa recachia, extemporanea, sobre um typo ou sobre um facto. De repente, Emilio, que preferia ouvir a contar, abria em forquilha o indicador da mão esquerda, sustentava com elle o bigode farto, e desatava a rir, num riso sacudido, sem estrepito, que era, sempre, á perspicacia dos conhecidos, o annuncio seguro de que a machina terminara a manufactura de mais uma lamina.

Certa vez, por exemplo, discutia-se um escriptor eminente, notavel, entre nós, pela variedade e abundancia das suas manifestações literarias.

— E' um genio — dizia, alguem. Elle faz versos, chronicas, romances, contos, critica literaria; é jornalista, orador, politico; enfim, trata de tudo.

Sim — atalhou Emilio; mas é predio da Avenida.

E, como o apologista lhe pedisse o segredo da comparação, explicou:

— Muita frente e pouco fundo!

Alguns dos nossos homens eminentes foram, por muito tempo, o objectivo permanente da sua ironia. Eram uma especie de alvo em que elle se exercitava, a-

certando a mão, ou melhor, a lingua, sempre que lhe faltavam typos novos, postos sob a sua pontaria pela fatalidade dos acontecimentos. Entre esses martyres havia um historiador illustre, sabio respeitadissimo, em torno do qual se creára, injustamente, uma lenda de desleixo, de abandono proprio e, mesmo, de falta de hygiene. Utilizando essa versão popular, contava, então, o poeta:

— Uma vez elle mandou á tinturaria, para ser lavado, um terno com que andava ha doze annos. Uma semana depois apparece-lhe á porta um empregado do tintureiro, e entrega-lhe um embrulho pequenino, que lhe cabia na mão.

E, como lhe perguntavam o que seria, Emilio concluia, invariavel:

— Eram os botões, menino!

A roupa, de poida e velha, havia se dissolvido na agua.

Uma tarde, estava um de vós, temivel ironista, ao lado do poeta, quando passou perto, arrogante, um cavalheiro conhecido na cidade pela sua aversão ao pagamento das dividas. Ferido pela soberba do typo, Emilio voltou-se para o companheiro, perguntando-lhe, á queima-roupa:

— Em que se parece aquelle sujeito com um botão?

O outro não atinou com o chave do enigma, e elle completou, perverso:

— E' que elle também não paga a casa em que mora...

Um colleccionador anonymo dos seus ditos excellentes, registrou, delle, uma série copiosa de "maldades" do genero.

Havia no Rio um jornalista de má fortuna, director de um periodico opportunista, que claudicava de uma perna, aleijada por uma inxação chronica, e que vivia, então, da exploração, mais ou menos intelligente, da vaidade alheia. Uma tarde passava este homem de imprensa ou de negocios, pela rua do Ouvidor, arrastando, tardo, a perna enferma, quando um intimo de Emilio de Menezes lhe chamou a attenção:

— Admira — diz — como aquelle homem, com tamanho defeito, seja tão "cavador"...

— Pois a mim não me admira, — contrapoz o poeta.

E voltando-se para o companheiro:

— Elle não tem uma perna "inchada"?

Ha vinte annos era famoso no Rio, pelos seus processos de adquirir dinheiro,

um bohemio cuja habilidade se tornou proverbial. A sua formula para promover a elasticidade das bolsas, era commoda e commovente. Chegava-se a um amigo, e lastimava-se:

— Veja só! Eu já tive uma fortuna regular, com os meus predios, as minhas apolices, a minha caderneta de banco... E hoje, sou istol!

E, após uma pausa:

— Você, que me viu tão feliz, não me poderá "passar" uma de cinco mil réis?

Commentando esse meio de vida, Emilio explicava:

— Coitado do Rocha! O que elle diz é verdade. Elle teve posição, fortuna. Hoje, vive do "passado"...

Já enfermo, apoiando-se ao bengalão que sempre o acompanhava, ia o poeta, uma tarde, pela Avenida, quando delle se acercou um dos parasitas do seu conhecimento.

— Boa tarde, Emilio! Como vae a saude?

— Vae indo. Mas, que é que deseja? Dize, que eu tenho pressa.

O parasita, gentil, maneirado, aproximou-se do poeta, passou-lhe as mãos pelo teclado de botões do "frak" preto, sacudindo as particulas de uma poeira imaginaria. De repente, descobrindo-lhe na golla um f'apo branco olvidado pela escova, tomou-o com os dedos, lançando-o ao solo, emquanto dava o assalto:

— Estou, Emilio, em um dos meus peores dias; arranja-me uns dez mil réis...

— Dez mil réis! — trouxejou a victima, recuando.

E apontando para a golla do "frack":

— Põe já o fiapo aqui!

O seu orgulho esteve sempre, alliado á sua mordacidade. Ninguem lhe feria o brio de homem, mesmo a titulo de gracejo, sem soffrer, promptamente, a represalia. Pretendendo fazer espirito, um deputado convidou-o para um appetitivo:

— Quero dar-te a honra da minha companhia... Vamos tomar alguma coisa...

E o poeta, com um sorriso de piedade:

— A honra?... Obrigação, meu velho: você já está tão desfalcado!?

As suas definições possuíam um cunho inconfundivel, pelo pittoresco, pela novidade, pela graça imprevista.

Um dos seus amigos, o padre Severiano de Rezende, de regresso de Paris, onde deixara a batina, surgiu, um dia, deante

do poeta, á rua Gonçalves Dias, trajando jaquetão claro, chapéo de palha, flôr á lapella, mas tendo á mão, em conflicto com aquella meia elegancia, um guarda-chuva de cabo torcido.

— Estás bello, padre, assim, á paisanal

— Achas?

— De certo.

E olhando melhor:

— Agora, é só a bengala que traja á clerical.

— Que bengala? — estranhou o ex-sacerdote. Isto é um guarda-sol...

E Emilio:

— Pois é isso mesmo; que é um guarda-sol senão uma bengala de batina?

— De um funcionario do governo que se queixava de não receber os vencimentos ha seis mezes, e que vivia na penuria, dizia elle, penalizado:

— Coitado! Já tem teias de aranha no céu da bocca!...

Em uma roda de literatos, um delles, discutindo poesia, procurou amesquinhar Machado de Assis, observando, lev'ano:

— Era um pessimo poeta. O ultimo verso dos tercettos "A uma creatura", tem onze syllabas; é um verso de pé quebrado!

Emilio, que tinha uma religiosa admiração pelo Mestre, franziu a testa prophetica, e protestou, soturno:

— Os bons versos não têm pés; têm azas!

As anecdotes puramente anonymas de Emilio de Menezes, isto é, aquellas que não visavam a individuos, nem eram actualizadas com a intercalação de nomes proprios, constituirão, no futuro, um dos mais finos cabedaes do repertorio da lingua.

Não ha literatura mais rica, mais opulenta do que essa de anecdotes, que circula pelo mundo nas paginas cosmopolitas dos almanaques. Lendo esses repositorios, sobem a centenas, a milhares, os ditos, os trocad'lhos, as facécias que fariam honra aos espiritos mais escrupulosos e agudos. Quem terá lançado, entretanto, á campina sem dono, essas flôres maravilhosas? Que mão mysteriosa terá passado na treva, semeando, no silencio da noite, esse trigo de ouro, de que se alimenta, sem susto, a alegria innocente do povo? Quem atirou ao oceano esses punhados de perolas, que vêm enfeitar, entre o es-

panto dos pescadores que passam, o collo arfante das praias?

Emilio de Menezes foi um desses percularios. A sua jovialidade era uma agua miraculosa que elle dava a beber a toda a gente, e que ainda lhe extravasava, das mãos. Essa agua, pura e fresca, irá, mais tarde, como a dos rios, perder-se no mar. Identifiquemol-a, entretanto, emquanto se não dá, de todo a fusão da torrente do oceano.

Certa vez, ia o poeta em um bonde, quando se sentaram no banco immediato, em frente, duas senhoras de grandes banhas, que difficilmente puderam penetrar no vehiculo. Com o peso das duas matronas, o banco, que era fragil, range, estala, geme, estranhando a carga. Emilio, que observa o caso, leva a mão á bocca no seu gesto selencioso, no seu riso sacudido e interior. E, como o companheiro o olhasse, explicou:

— Sim, senhor! E' a primeira vez que eu vejo um banco quebrar por excesso de fundos!..

E desatou a rir, de novo, sustentando o bigode nas mãos.

No discurso que Emilio de Menezes pretendia proferir á entrada desta casa, elle queixava-se, amargo, da deslealdade dos ironistas amigos, que se apropriavam das pennas zombeteiras com que fazia coegas no nariz do proximo, e que lhe attribuíam, ainda, em paga, o manejo da ortiga, irritadora da pelle.

No trabalho meticuloso em que Fabre reabilita a cigarra, malsinada por Lafontaine, interprete secular do despeito dos gregos, demonstra esse entomologista a falsidade da tradição que attribue a este insecto, filho do sol, o defeito da imprevidencia. E no restabelecimento da verdade, na reintegração dos seres na natureza e no conceito dos homens, conta que a cigarra nos dias de verão, se aproxima de um ramo fresco e tenro, faz-lhe uma pequena cizura e põe-se a sugar, tranquilla e honesta a seiva deliciosa da planta Acossadas pela canícula, sem uma gotta de orvalho no calix das flores ou na taça verde das folhas, as formigas, correm, de longe, ao aviso da bohemia. E assiste-se, então, a esta scena surpreendente: emquanto a cigarra canta, bebendo, saciando-se á custa da própria te-

nacidade, as formigas dessedentam-se no liquido que ella derrama, e, na disputa, mordem-n'a, procurando afugentala, para se apossarem do mel que lhe sobral

Emilio foi no seu tempo sob esse aspecto a cigarra deste formigueiro Malsinado pelas formigas, que viveram da seiva que elle arrancava, cantando, ainda encontrôu, na morte, como a sua irmã de Verão, a injustiça de Lafontaine!

.....

Pondo Emilio de Menezes os cães acima dos homens, o seu espirito se revoltaria, talvez, no mundo em que repousa, se eu evocasse, a proposito da sua memoria, as outras figuras da especie. Parece-me preferivel, pois, nesta despedida, recordar, em uma imagem final, uma sabida anedota do seu agrado.

No cerco de Paris, em 1870, a fome atormentava a população. Os cavallos foram comidos, um a um.. Os gatos desapareceram dos telhados, os cães desertaram as ruas, e os ratos, mesmo, foram caçados nos esgotos. Por esse tempo, Charles Monselet, que então escrevia no "Figaro", correu ás trincheiras, incorporando-se, com o seu "loulou", o "Azor", em um batalhão de voluntarios. Durante vinte dias supportou Monselet heroicamente o regimen do batalhão, comendo ratos e gatos, cujos ossos o cão, depois, triturava nos dentes.

Um dia faltaram os felinos e os roedores, e o jornalista resolveu um sacrificio perfido: comer o cachorro. A' noite, em uma casa vizinha ás trincheiras, foi o cão abatido, esfolado, posto a terver com especiarias estimulantes e transformado, por um milagre de caçarola, no mais saboroso dos guizados militares. Terminado o jantar, Monselet reuniu em um prato os ossos da victima e gemeu, enxugando os olhos:

— Pobre "Azor"! Que jantar perdeste hoje!..

E' esta, mais ou menos, agora, a exclamação que me cabe:

— Ah! Emilio! Que pilherias nos darias tu, neste momento, se estivesse presente a esta solemnidade!

(Humberto de Campos, discurso na Academia de Letras).

## A PYRAMIDE DO PIQUES.

Si a cidade de S. Paulo conservasse o aspecto colonial — como as velhas cidades m'nciras — apresentaria como distinctivo, notavel pobreza de obras d'arte. O tecto da Igreja de S. Francisco, onde um pinta-monos parece ter passado horas divertidas, é dos unicos exemplares da pintura religiosa. Na architectura o estylo barroco apresentava a sua expressão mais primitiva. N'uas de ornamentos, de grandes curvas pesadas, p'vadas quasi sempre até da nota risonha dos azulejos, nem uma só das Igrejas escapou ao insonso typo apellidado jesuítico.

Tudo isso desapareceu. A leal e heroica cidade procedeu como sujeito enriquecido em relação aos parentes pobres, embóra lhes deva o que é: trata de escondel-os. S. Paulo (*Paulicéa* lembra uma casa de doces) quiz esquecer o seu passado materialmente modesto, mas honradamente honesto. Um rincão parecia esquecido, furtando-se ás vistas dos reformadores. Seguramente — a segurança em Historia, como em todos os conhecimentos humanos, encerra noventa probabilidades de erro — ha mais de 50 annos os poderes publicos respeitavam religiosamente a pyramide do Piques e respectivo jardim. Sacer est locus: é sagrado o lugar. "O largo da Memoria esse então, é, com imperceptiveis alterações o mesmo que eu conheci quando estudante de preparatorios em 1870; o mesmo paredão desenxabido os mesmos pés de cicuta enrolados sem peder trepar, a pyramide desconsolada, e até alguns moradores que eu cumprimentava quando menino." Escreve Martim Francisco, Com certeza — aquella certeza ali de cima — isso contribuiu para que as imaginações ociosas creassem as mais absurdas lendas a respeito do monumento. Commemora a fundação dos Cursos Juridicos, dizia um bacharel, sem attentar para a antecedencia de 14 annos; outros desf'am a complicada historia dumas joias enterradas; depois que ali foram encontrados pedaços de cano de papelão betumado, entendeu-se que fixava a data do primeiro serviço de aguas. De pouco valeu que o venerando sodalicio pela voz competentissima de seu secretario, Dr. Afonso de Freitas, esgotasse o assumpto. Tornemos a elle, com a licença de Ho-

racio, repetindo o que já foi dito, olhos fitos em seu parecer de que as repetições agradam. O que é mister, pois a pyramide tem historia lesenxabida como uma menina de saia cumprida e salto baixo.

\*  
\* \*

A Consolação, boje caminho obrigado aos que fazem a grande viagem, já o foi para os viajantes que demandavam Ytú, Camp'nas, etc. Aos viajantes e aos cargueiros portadores de assucar e outros generos, commercio de importancia *quasi* rival ao da marmelada no seculo 17. Pela estrada do Pe. José seguiam os cargueiros para Santos, e de lá nosso assucar ia adoçar a bocca dos visinhos do Pacifico, e engrossar a fortuna do velho Figueiredo e outros portuquezes espertos. Cada camarada tinha a seu cargo um lote de bestas, e a tropa compunha-se de varios lotes. Que typo curioso o tropeiro! Bohemio infatigavel andarilho, venc'a diariamente tres a quatro leguas, distancia entre dois poisos. Dotado de espantosa sobriedade, da cosinha cuidava um menino, denominado *Juiz*; seus petrechos um caldeirão para o feijão. O *Juiz*, como tantos outros de verdade, não tinha espada nem balança para manipular o toicinho, condimento unico da iguaria. Tres paus fineados em terra e cruzados em cima resum'iam o fogão improvisado. A' roda do lar ambulante passava a noite (depois da formidavel jornada!) ponteando a viola, plangendo uma sanfona rouea, ou batucando *rasgado* catercê. Ou surgia do bojo da patrona, da companhia do fumo palha e isqueiro, um baralho ensabado. Então o truque sobre um coiro prolongava-se pela noite velha. Calça e camisa de algodãozinho, chapéu de palha, na cinta a indefectivel faca, — eis o seu vestir. Corpo magro, nervoso, tendões á mostra, rosto afogueado, raros fios de barbas salpicados pelos queixos, eis o seu physico. Para caracterisar a physionomia moral, basta o traço uno e forte da mais absoluta probidade. Rixoso e brigão, esfaqueiará sem p'edade o desaffectedo de um momento. Mas tendo diariamente á guarda valores e mercadorias, justamente, jamais o accusarão de roubo. Seu luxo e capricho residiam "na cabeçada da madrinha

que andava na frente do primeiro lote. Quando não era aparelhada de prata, era bordada com buzões, tendo sempre alamares pendentes da testeira, e um penacho que ficava no cimo da cabeça. Porém o que a cabeçada tinha de melhor era os tres sincerros de cada lado, que, com os movimentos da cabeça, estavam constantemente repicando para chamar e guiar os lotes que vinham atrás. A madrinha que era sempre um animal escolhido, parecia consciente de seu encargo, marchando sempre muito ancha na dianteira, sem consentir que qualquer outra lhe tomasse a frente". (F. A. Vieira Bueno).

Em 1814, com lentidão de mollusco e economia de avarento — eram tão magros os cofres publicos! — a Junta Governamental resolveu melhorar a estrada do Piques na entrada da cidade. Tratava-se: primeiro de conservar a rua da Palha, *sahida para a cidade nova*, que conduzia ao largo da Palha. — sem prejuizo da estrada do Piques. Isto hoje equivale a dizer: formar a bifurcação da rua da Consolação em Xavier de Toledo e ladeira do Piques; segundo: evitar o lamaçal que se formava na estação chuvosa na descida da estrada do Piques, onde o terreno é argiloso; terceiro: aproveitar uma nascente d'agua existente nas fraldas da elevação. Houve dois projectos: construir o paredão no direcção da ladeira do Piques, lado esquerdo de quem desce, onde tres casinhas trepadas no morro olhavam para a estrada,—formando assim um plano elevado ou praça que iria morrer na rua Xavier de Toledo; e o projecto que se realisou, da amurada seguir a direcção da r. Xavier de Toledo, collocando no triangulo o chafariz e a columna. Encarregou-se do estudo e construcção ao Marechal Daniel Pedro Muller, nascido de allemães, vindo de Lisboa ao tempo de D. João VI. Já publicado no vol. XX do Instituto de S. Paulo, reproduzimos o seu officio ao governo e damos igualmente a lume a planta incdita que o acompanhou. A intelligencia de um é impossivel sem a presença do outro.

\*Exmo. e Illmos. Snrs. — Encarregado por V. Exc'ia., e S. S. pela Portaria de 26 de Agosto do presente anno, da construcção da Estrada do Piques, desta Cidade, posso apresentar as seguintes reflexoens.

Na planta junta se vê a falta de parallelismo que há naquella Rua, e que o lado A. A. hé mais alto que o B. B; não ha pois outro meio de se não fazer duas ruas em differentes planos, sendo a mais baixa, como principal, a mais larga incubrindo-se aquelle defeito: isto pode ser de dois modos.

1.º Fazendo-se a muralha na direcção C, a, b, d, collocando o chafariz em o; mas desta maneira se vê que a rua alta fica com os seus lados em direcções que não de fazer hum muito máo effeito, a praça do xafariz, e a rua maior, acanhadas até mesmo ba de parecer irrisorio o formar-se uma muralha que só tem por fim sustentar os tres ridiculos edificios que mostra o mappa.

Edificando-se a parede na direcção e, f, g, h, com o xafariz em R, arrasando-se o terreno b, f, g, h, i, fica a obra a mais perfeita, que posso conceber neste caso, porque o defeito do parallelismo, que he mais preceptivel em lugares estreitos, que nos largos fica muito remediado; pois que na rua alta he perfeito, e na baixa disfarçado pela praça; resulta pois muito mais elegancia, e menor despesa: porque as paredes que se não de construir são menores, e não ha necessidade de conduzir terras (que no 1.º caso ha de muitas) aproveitando-se as que se desmontão da parte elevada, particularidades estas, que certamente poupão, o que se ha de gastar na compra do terreno.

Mas para se conseguir este segundo projecto que, necessariamente se deve seguir, he necessario que V. Exc'ia. e S. S. mandem proceder á avaliação do terreno b, f, g, h, i, pelo Senado desta Cidade, e que este se pague aos seus dónos pelo cofre que deve fazer a despesa: ora esta avaliação não pode montar a muito, as casas são de pouco valór, e os dónos podem aproveitar uma grande parte dos materiaes dellas; clausula que os avaliadores devem ter em vista.

Espero pois que V. Exc'ia. e S. S. attendendo a esta minha representação, hajão de dar-me o mais breve possivel decisão a este respeito conforme o prudente e sabio juizo de V. Exc'ia. e S. S. julgarem acertado; porque se deve aproveitar, para principio daquelle trabalho que se vae fazer em memoria do gov.º



de V. Excia. e S. S., o resto da estação secca deste anno. S. Pio. 17 de 8brº de 1814. — Sou com todo o resp.º — De V. Excia. e S. S. o mais reverente subd.º — Daniel Pedro Muller”.

A excellencia do Governo era o bispo D. Matheus de Abreu Pereira e as Senhorias o ouvidor D. Nuno Eugenio de Lossio e Seilbz e o chefe de esquadra Miguel José de Oliveira Pinto. Duas obras d'istinctas eram projectadas e foram levadas a termo: o chafariz, fonte publica que se vê distinctamente nas photographias de 1862; valerá a pena lamentar a perda da lapide e inscripção? E a columna erguida *em memoria do Governo*, lê-se no officio de Muller Dahi o d'zer-se frequentemente columna da Memoria, largo da Memoria etc. Em sua face principal está o distico: — *Ao zelo do Bem Publico — 1814.* — Porém é mais provavel que a construcção terminasse em 1815. O pedreiro mestre das obras chamava-se Vicente Gomes Pereira, o mesmo que em 1826 iniciou no Ypiranga a construcção do primeiro monumento projectado á Independencia. Repousava a columna dentro duma bacia d'agua, em forma de semi-circulo (V. photographia de 1862). Seria curioso reconstituir o aspecto antigo, em lugar de, como no actual projecto, collocar um jogo d'aguas atraz da columna.

\* \*

Façamos pausa para uma digressão. Não pertenco á Maçonaria, noticia que pouco importa ao leitor. Sou inimigo das sociedades secretas, no que o leitor de muito juizo discorda de mim. A seu respeito occorre-me o raciocinio: Si nas instituições, corporações, congregações e outros *des* de character publico, impéra e viça a prepotencia, a hypocrisia, — o que será nas sociedades e companhias em que os actos dos chefes ficam adstrictos ao mais absoluto segredo? A Maçonaria paulista é hoje alguma cousa mais do que *brinquedo de crianças inventado para velhos*; offerece louvavel exemplo de beneficio publico. Sob a alguns mil o numero de crianças que recebem instrucção primaria nas escolas que ella mantém. As sociedades secretas existem porque foram e são perseguidas. Desconheço-lhes outra funcções além de embasbacar ingenuos, e servir precipuamen-

te, com prejuizo de tudo mais, o interesse... dos chefes. Assemelham-se á medicina julgada pelo philosopho; quando acerta, a luz do sol, a publica opinção annunciam a victoria; quando mata pela cura, a terra solicita e o covcoiro á pressa escondem o erro. O que ellas fazem de nobre, de util, todo o mundo sabe; ficam sepultados na sombra, sem appello nem outro remedio que o silencio (tal qual o que morreu da cura) todos os procedimentos menos dignos.

Mas quanto a pedreiros livres, longe de mim a idéa de fazer sensacionaes revelações ou intrometer-me em sua vida. Quero apenas externar uma observação que pode occorrer a qualquer outro leigo. A columna é um dos symbolos da Maçonaria, ensinam os dictionarios. Proximo á columna da Memoria, existe o edificio duma loja maçonica. Muito bem. Ora, na parte fronteira do predio, aos do's lados do cimo fachada, o engenheiro collocou o inesperado ornamento de dois columnellos, perfeitas miniaturas da columna da Memoria... Simples coincidência, filha de imaginação precaria? Não é só: em monumento funebre, por signal collocado em lugar extranho, de novo apparecem recitadas as linhas da agulha de pedra de 1814. Deduzir d'ahi que a columna do Piques commemora a fundação da Maçonaria será incorrer em anachronismo ainda mais berrante do que apontar-a como commemerativa da creação dos Cursos Juridicos, pois a Maçonaria paulista foi fundada por um estudante em mil oitocentos e trinta e poucos.

\*

\* \*

Eis a respeito da columna erguida *em Memoria* de um governo obscuro, e do desaparecido chafariz ao derredor do qual se passa a scena que será reproduzida em azulejos para o actual melhoramento, idéa e execução de Wash Rodrigues, nome que se vae ligando á historia do velho S. Paulo.

O constructor da columna, depois de participar do Governo em 1822, época em que tinha fama a belleza de suas filhas, nesta terra de meninas bonitas, — o Marechal Müller teve morte ingloria, afogouse voluntariamente, atormentado por difficuldades financeiras. O

pae da Pompadour dava palmadinhas na barriga do rei perguntando: *Commet ça va?* Müller não quiz familiaridades dessa ordem. Preferiu conservar a honra impolluta e a pobreza causticante. Suas filhas não foram marquezas nem baronezas. Morrer miseravelmente e não chegar a visconde foi o preço de sua dignidade. — *Vicente de Paulo Vicente de Azvedo.*

#### FREIRE ALLEMAO

Ha lugares santos em cada nacionalidade. Chamam-se assim os sitios nos quaes nasceram, viveram, pensaram ou morreram os bomens egregios de cada povo.

Temos os nossos lugares santos. Ninguem ou quasi ninguem os visita. Quantos sabem do lugar santo onde existe Freire Allemão?

A 24 de Julho de 1797, na freguezia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, nascia Francisco Freire Allemão, de um casal de lavradores da fazenda do Mendanha

Cresce pobre. O seu futuro parece limitar-se ao cargo de sacristão da matriz. Nelle, porém, o Vigario, Revdo. Luiz Pereira Duarte, presente intelligencia cuja bruteza espera apenas lapidario para ser joia de um paiz.

Consegue matricular-o no Seminario de São José do Rio de Janeiro. Senta-o nos bancos escolares junto de Evaristo Ferreira da Veiga. Aprende, decora, adivinha.

Em certa altura de estudos, encaminham-no para o sacerdocio. A Igreja é incomparavel farejadora de capacidades.

Freire Allemão recusa o conselho. Não tinha vocação para o sacerdocio. O Padre que não a possui...

Cursa a Academia Medico-Cirurgica. José Bonifacio obtem-lhe uma pensão e, ao cabo dos annos da lei, o ex-sacristão de Campo Grande era o Dr. Freire Allemão.

Aperfeiçoou conhecimentos em Pariz. Organizada, em 1833, a Faculdade Medica do Rio de Janeiro, concorre á cadeira de botanica e zoologia, chama a si o lugar pelo esforço, senta-se na cathedra.

Clinica e herborisa, cura dos homens e trata das plantas. Em 1841 teve a

felicidade de restabelecer D. Pedro II. Medico da Imperial Camara, o Monarca escolhe-o para, como profissional, ir a bordo da divisão naval que, sob as ordens do General de Mar Theodoro de Beaurepaire, foi a Napoles buscar D. Thereza Christina.

Jubila-se em 1853. Na Faculdade de Medicina percorreu quasi vinte annos sobre a botanica, faltando das magnificencias de Deus na exaltação do espirito humano.

Ha emfim de todo para o seu natal, querido e inspirado Campo Grande...

Ainda não. Abre-se a Escola Central, metamorphose da Academia Militar.

E' preciso ensinar botanica. D. Pedro II insta para Freire Allemão tomar a si o encargo.

O sabio vestio farda, para dar aula. "Assentei praça de major", dizia rindo, aceitando a honra, pois os lentes da Escola eram considerados majores de engenheiros.

O doutor ria dizendo: "Assentei praça de major e hei de reformar-me em cadete. O homem mais pacato do Rio de Janeiro de espada á cinta depois dos sessenta annos. A não ser epigramma..."

Em 1858 leccionava o quarto anno e tinha por ouvintes os proprios collegas de congregação. O director quiz separar-os dos alumnos, recusaram-se á honraria e todos ficaram discipulos de um só grande mestre. E que mestre! Desenhava admiravelmente. Sob a palavra e sob os dedos o vegetal vivia, expandia-se aos olhos de todos, por um pouco não florescia.

Herborizava immenso. A matta conhecia-o como amigo, as arvores como pessoa de casa. Vinte mil amostras de plantas vieram nas suas bagagens depois de sua excursão pelas florestas cearenses.

De posse do sitio do Mendanha, sempre em Campo Grande, ahi fixou o lar, o coração; ahi casou, já idoso, com a joven sobrinha D. Maria Angelica Freire Allemão; dahi se dirigia a cavallo para Sapopemba e chegava á Côte pelo trem de ferro, dava a lição de botanica e regressava ao seu Mendanha.

Professou cinco annos na Escola Central, a cabo dos quaes pediu que se lhos mandasse juntar aos vinte annos de ma-



gisterio na Faculdade de Medicina para encerramento do estipendio de sua jubilação. O Conselho de Estado pronunciou-se em favor da pretensão, mas prevaleceu o voto em separado do Visconde de Abaeté negando o direito ao supplicante. Era a ordem de continuar mais quinze annos no magisterio para obter melhor jubilação. O Ministro da Guerra escreveu na consulta — como parece á minoria — e estas quatro palavras de Angelo Moniz da Silva Ferraz assignaram a demissão de Francisco Freire Allemão.

Alquebrado, ferido pela injustiça, ia enfim de todo para o seu suspirado, querido e natal Campo Grande...

Ainda não. A magoa do sabio repercutira numa alma de Soberano. D. Pedro II acudio-lhe, com a nomeação de Director do Museu Nacional.

Ahi deu lustre ao formoso nome, novo lustre, e mostrou que o caracter nada tinha a invejar á intelligencia.

Quando Freire Allemão tomou conta do Museu Nacional, nelle residia a familia do antecessor, o Conselheiro Burlamarqui, numerosa e pauperrima.

Frei Allemão assegurou-lhe que ninguem a desalojaria dos commodos directorias por elle cedidos emquanto exercesse o cargo, preferindo ir e vir do Mendanha a difficultar a vida de gente digna e desvalida.

Assim, grande e bom, celebre e evangelico, patriotico e puro, se conservou até os setenta e sete annos, quando lhe sóu a hora derradeira, somno e allivio das almas de escol, dessas que passam pela vida como de simples emprestimo eccleste.

Emfim ia ser todo do seu querido, natal e suspirado Campo Grande...

A 11 de Novembro de 1874, no sitio do Mendanha, freguezia de Campo Grande, exhalava o ultimo suspiro quasi octogenario, o antigo sacristão da matriz, Francisco Freire Allemão, doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, lente jubilado della e demissionario da Escola Central, chefe de secção e director do Museu Nacional, do Conselho de Sua Magestade o Imperador e medico de Sua Imperial Camara, official da Ordem da Rosa, Cavalleiro de Christo e de Fran-

cisco I de Napoles, o sabio, o desprendido, o Brasileiro.

Como deve ter sido eloquente e inquecivel a sua primeira noite de cada-ver, no sitio do Mendanha, entre as arvores que o botanico plantara e vira crescer

Alli estava inerte, na solidão nocturna da roça, alumida por essas nossas incomparaveis estrellas que se não conhecem mais fulgidas em outros céos, o corpo de um homem cuja velhice minada pelas decepções, pelo trahir dos orgãos, pelos insultos apopleticos, desmorrônara lenta e contristadora.

Mas tudo isso era cinza, cinza da terra. A alma, que é fogo, brilhava e havia de brilhar para todo o sempre, no espirito dos discipulos, na lembrança dos contemporaneos, nas paginas dos livros, na immortalidade da sciencia.

Não morrerias, Frei Allemão. Havia de perecer contigo, simples despojo mortal, trabalhado de annos, carcomido de molestias, a tua parcella espirital de divindade, a tua scentelha de Todo o Poderoso? Havia de sumir-se no sólo o teu merito, a tua canseira de engrandecer o nome brasileiro? As grandezas do mundo podiam ir contigo, tu é que não podias ir de vez. E não foste.

Emquanto houver um teu patricio digno de tal nome serás nosso, bem nosso, tu que exclamavas ao deparar com algum eriribá, raro e prestimoso, daquelles que o Padre Couto, senhor do Mendanha, mandava queimar como archotes para alumiar o engenho durante a noite: "archotes de eriribá! Escapaste do Padre Couto, pobre eriribá!" Não has de ser nosso, Frei Allemão, tu que observavas quando Martins te pedia plantas, de Munich, para classificar-as: "Nessa não caio eu; hei de remetel-as sómente depois de publicadas as descrições; a diagnose ha de ser minha, boa ou má. Não é pouco vel-os lá na Europa, desfazendo o que eu faço e corrigindo, mudando e dando a outrem o que a mim pertence".

Num destes dias de Maio ultimo desejei ir ao lugar santo de Frei Allemão. O tumulto dos homens como elle falla e aconselha, anima e resigna.

A sepultura de Frei Allemão jaz no cemiterio velho de Campo Grande, de

ha muito fechado, fronteiro á matriz, defendido por velho muro de taipa, característico, completando, ás maravilhas, a vetusta do cruzeiro erguido ante a igreja.

Das torres desta, entornam-se os sons dos sinos sobre a cova do glorioso antigo sacristão.

O cemiterio está condemnado a desaparecer totalmente. Segundo dizem, os mortos já receberam ordem de despejo. Consta se deseja estabelecer sobre o sólo mortuario uma agência municipal.

Comtudo, Campo Grande não pôde ser pequeno, ha tanto espaço.

Fui guiado na visita á necropole por pessoa distincta, excepcional, no caso, pela viuva de Freire Allemão, D. Maria Angelica, senhora, cuja robustez physica e espirital, cuja sanidade de virtudes, são populares em Campo Grande, senhora a recordar, adoravelmente, o typo da dona de casa brasileira. Oxalá jámais nol-o arrebate a educação moderna, de portas e vergonha a fóra.

A viuva presta-se, numa doce ufanía de discreta saudade, a mandar abrir a porta do velho cemiterio, enferrujada, como que aborrecida de dar passagem a vivos. Os objectos, ás vezes, parecem ter máo humor.

Entra-se. A terra está revolvida de fresco ao pé das covas hiantes. A relva invade certos tumulos e deixa vêr apenas a ponta de uma cruz. O carrapicho adhere ás vestes ao menor toque. Que lugar de melancolia, que melancolia, para as meditações!

Eis o jazigo de Freire Allemão. Bem se adivinha, o claro em roda delle é o cuidado de viuvez fiel, de quarenta e cinco annos!

Abi dorme o pensador sob as palavras deste marmore:

“Aqui Descanção os Restos Mortaes  
Do Concelheiro

Dr. Francisco Freire Allemão  
Nascido Na Freguezia De Campo Grande  
Em 24 De Julho De 1797  
E Fallecido Na Mesma Freguezia  
Em 11 De Novembro De 1874  
Tributo de Amor Conjugal.”

Não mente a declaração. Alli ha o verdadeiro tributo de amor conjugal. São

os élos de cadéa forjada no altar e não ficados na mão esguia, nos dedos sem carnes da morte esqueletica.

“A principio, diz a viuva, tomei conta do cemiterio, outros me ajudaram, contratei um homem para limpá-o. Depois vieram as difficuldades para todos e mal posso entreter a limpeza do tumulo de meu marido.”

Quando Freire Allemão trespassou não havia montepio. A viuva ia ficar sem recursos. Não ficou de todo. A Prínceza Imperial Regente fóra discipula de Freire Allemão, assignou a pensão em favor da esposa sem arrimo.

Oitenta mil réis naquelle tempo era alguma cousa; hoje...

Ainda assim a viuva de Freire Allemão não perdeu a coragem, ao menos diante de estranhos. Divide magríssimos recursos entre a manutenção do tumulo do cemiterio velho de Campo Grande e a do sitio do Mendanha. Ha muito heroísmo mudo na terra.

Nada sou, nada posso. Direi porém, que o Brasil não deve deixar de prestar a maxíma attenção á sua historia e aos seus lugares santos. Direi tambem que não deve deixar de pagar tributo, bem visível, á memoria de Freire Allemão.

Se o cemiterio velho de Campo Grande ha de ser arrasado, ponha-se-lhe no lugar não uma Agência Municipal, para a qual ha muito local algures, mas uma herma e um lindo jardineiro brasileiro. Tenha este busto de Freire Allemão de baixo dos quaes repousem os ossos do grande sabio, em redor do qual brinquem as crianças de Campo Grande, em cima do qual se derramem os sons dos sinos da matriz e as sombras das arvores solucosas.

Conforme o conselbo pombalino no terremoto de Lisboa cumpre enterrar os mortos e cuidar dos vivos.

Cuidem as sociedades doutas, cuide o Congresso de augmentar com alguns ceitis benditos a pensão dada pela Prínceza Imperial Regente á viuva de Freire Allemão.

Contentar-se-ha com tão pouco... Será tão agradecida... Que pôde querer senão conservar o seu Mendanha? Por que não adquirir esta propriedade nacional, verdadeiramente nacional, de facto senão de

direito? Por que não fundar ahí um horto botânico, sob ás vistas de um Pacheco Leão, para perpetuar a memoria do sabio? No Mendanha estão as arvores que plantou; o Mendanha devia ser um sitio de peregrinação, a mostrar as notabilidades estrangeiras. Povo sem tradição, allumiado de venerações presentes, é povo inferior, indigno de sympathy quanto mais de consideração.

E por que não entregar a um fanatico pelo Brasil a tarefa, desinteressada e gratuita, de reconstruir a velha casa de Freire Allemão?

Emquanto espera, talvez para nunca obter, a viuva do sabio vencendo distancias a pé, ensina catecismo ás crianças, orna os altares da matriz, faz flôres para elles, modesta, ignorada, ignorando. Das mãos da viuva de Freire Allemão, o botânico, ainda sabem flores para o céu.

#### ESCRAGNOLE DORIA

(Do "Jornal do Commercio", Rio)

#### O CASAMENTO ENTRE OS CARAJAS

Do chefe Tehauluna Coodi, da aldeia do Braço-Forte, posteriormente visitada, ouviu o capitão Pedro Dantas que, segundo os velhos costumes da nação Carajá, o casamento obedecia ao seguinte ceremonial:

"No dia aprazado, depois dos preparativos de grandes festas, os rapazes iam incorporados buscar o noivo em casa de seus paes, e traziam-n'o com todos os objectos de que até então fazia uso e que tinham de ser substituidos por outros dados pelos parentes mais proximos. Aquelles objectos eram furtivamente distribuidos entre os companheiros do noivo que permaneciam solteiros.

Formado o par, seguiam-se os cantos, danças e banquetes, assistidos pelos noivos, que depois eram conduzidos por todos os recantos da aldeia até á entrada da cabana nupcial, inteiramente nova, de um só commodo, que se apresentava com o chão quasi todo forrado de uma bella esteira, de orla franjada.

Uma vez recolhidos á sua nova moradia, cada noivo deitava-se numa extremidade da esteira, longe um do outro, e assim repetiam pelas noites subseqüentes, até passarem-se mais do que vinte, o que o

indio exprimia "uau debó ituera", isto é — "pés e mãos acabaram" Assim, o casamento carajá não se consumava antes de estar bem estabelecida uma forte intimidade entre os noivos".

Estes indios, obrigados a morarem nas praias do Araguaya, por medo dos canoeiros, que occupam as terras altas, isentas de inundações, vêm-se praticamente impossibilitados de fundarem a sua subsistencia sobre a lavoura, sempre ameaçada de destruição pelas grandes enchentes do rio. Certamente por isso, elles se tornaram, mais do que quaesquer outros, exímios pescadores, em cuja pratica realizam proezas verdadeiramente phantasticas. O capitão Pedro Dantas relata que, na exploração do rio das Mortes, fazia parte da tripulação da sua canôa um carajá, de nome Uburetan, que, indo com os outros a manejar a vara, na faina de fazer a embarcação avançar contra a correnteza, repentinamente, quando menos se esperava, atirava-se á agua e nella desaparecia num audacioso mergulho. Ficava o official com os sentidos suspensos, ferido de surpresa; mas dahi a pouco via, maravilhado, surgir o indio trazendo sobre uma das mãos espalmadas uma tartaruga, sustida pelo dorso.

Certa vez, o mesmo Uberatan atirou uma flexa contra um camaleão, porém, não foi tão feliz que o attingisse em logar mortal.

O animal, ferido, cahiu no rio, e nelle desapareceu. Atraz delle atirou-se o indio. O mergulho prolongava-se; já todos desanimavam de rever o prodigioso nadador. No emtanto, ainda desta vez elle voltou das profundezas do rio, e, o que é mais, trouxe na mão a desejada preza, que debalde se debatia em contorsões furiosas.

Emfim, não ha peixe, por mais arisco que seja, que escape á flexa carajá; com a mesma segurança ella fisga e trespassa o surubi, o barbado, o tucunará, ou qualquer outro.

Da capacidade creadora da mentalidade carajá darei um exemplo, narrando aqui a lenda de Tahina-Can, estrella Vesper, recolhida pelos capitão Pedro Dantas da bocca do chefe Capikichana.

"No tempo em que a nação carajá não sabia fazer roça, nem plantar o milho



cururuca, nem ananaz, nem mandioca, e só vivia de fructa do matto e do bicho que matava e do peixe, existia um casal que teve duas filhas: Imaherô, a mais velha, e Denakê, a mais nova.

Num anoitecer de ceu estrellado Imaherô viu Tahina-Can brilhar tão bello e suave, que se não conteve e disse: — “Pae, é tão bonito aquillo !... Eu queria possull-o, para brincar com elle”.

O pae riu-se do desejo da moça e disse-lhe que Tahina-Can estava tão longe que ninguem o poderia alcançar. Comtudo, accrescentou: “Só si elle, ouvindo-te, filha, quizer vir”.

Ora, alta noite, quando todos dormiam, a moça sentiu que algum viêra collocar-se ao seu lado. Sobresaltada, interrogou: “Quem és e o que queres de mim ? ”

“Sou eu, Tabina-Can; ouvi que me querias perto de ti, e vim. Casa commigo, sim ? ”

Imaherô accordou os paes e accendeu o fogo.

Ora, Tahina-Can era um velho. muito velhinho, de cabellos e barba brancos como algodão, e de pelle enrugada.

“Vendo-o, á luz da fogueira, Imaherô disse: “Não te quero para meu marido; és feio e velbo, e eu quero um moço forte e bonito”.

Tahina-Can ficou muito triste e poz-se a cborar.

Então, Denakê, que tinha um coração meigo e bondoso, compadeceu-se do pobre velhinho e procurou consolal-o, dizendo: “Pae, eu me caso com elle; eu o quero para meu marido”. E o casamento realizou-se com grande alegria do tremulo velhinho.

Depois de casado, Tahina-Can disse: “Careço trabalhar para te sustentar, Denakê; vou fazer roçado para plantar cousas boas, que Carajá ainda não possui nem conhece.

E foi ao Berô-Can; dirigiu-lhe a palavra, e, entrando nelle, ficou com as pernas abertas, de maneira que as aguas passavam entre ellas.

O velhinho, curvado para a torrente, de vez em quando mergulhava as mãos e apanhava as boas sementes que iam vogando, rio abaixo. Assim as aguas deram-lhe dois atilhos de espigas de milho cururuca, feixes de maniwa de mandioca,

e tudo mais que os Carajás hoje conhecem e plantam.

Sahindo do Berô-Can, Tabina-Can disse a Denakê: “Vou derrubar matto para fazer roçado. Tu, porém, não me venhas vêr no trabalho; fica em casa, cuidando da comida, para quando eu voltar, cansado e com os braços doloridos, matares a minha fome e restaurares as minhas forças”.

Tahina-Can foi; mas demorou tanto que Denakê, de medo que o muito cansaço o tivesse feito cahir exbausto e doente, resolveu desobedecer á recommendação e foi de mansinho espial-o.

Ah ! que surpresa e que alegria ! Quem estava ali, a trabalhar, era um moço bellissimo, de alta estatura, cheio de força e de vida, e tinha no corpo os enfeites e as pinturas que os rapazes Carajás ainda hoje usam.

Denakê não se conteve: louca de alegria, correu a abraçal-o, e depois levou-o consigo para casa, contente por mostrar aos paes o seu esposo, tal como elle era na verdade.

Foi então que a outra irmã, Imaherô, o desejou também e disse-lhe: “Tu és meu marido, pois vieste para mim e não para Denakê.

“Mas, respondeu Tahina-Can, só em Denakê encontrei bastante bondade para ter pena do pobre velhinho; ella o accetou, quando tu o desprezavas. Agora não te quero; só Denakê é minha”.

Imaherô, de despeito e inveja, soltou um grito, cahiu no chão e desapareceu; no logar della e em vez della, viu-se um *Urutau*, passaro que ainda hoje dá um grito triste e tão forte que parece ser de uma ave muito maior”.

Foi assim que a nação carajá aprendeu com Tahina-Can a plantar o milho, o ananaz, a mandioca e outras cousas boas que antes não conhecia”.

Ao terminar este bellissimo conto, o velbo Capitãbana, envolvendo o capitão Dantas num olhar profundo, disse com voz evocativa de passadas emoções: “Foi assim que minha mãe me ensinou”.

CORONEL RONDON.

(*Duma conferencia*).

## A RECLAME

A revista alleman "Die Umschau" traz, sobre a psychologia experimental da "reclame", um artigo que vale a pena conhecer, mesmo em resumo. Assigna-o o prof. Hans Henning, que começa mostrando a importancia que representa hoje a publicidade, a qual constitue uma das maiores industrias, sem a qual não pôdem subsistir a nossa vida economica, a permuta ordinaria dos bens, a imprensa, as novas aspirações da politica, da sciencia e da arte. Em summa: sem a publicidade, a civilização tornaria ao seu estado primitivo.

O desastre occasionado pela guerra, motivou na Allemanha, certa prevenção contra o reclamo, de sorte que varias emprezas se voltam para o psychologo, afim de que este lhes dê conselhos sobre a melhor publicidade a adoptar-se. Este novo ramo da psychologia applicada foi ideado por Hugo Munsterberger, o fundador do exame das attitudes segundo as profissões.

O primeiro ponto da questão, consiste em vêr qual o valor mnemonico que tem um annuncio, o que se pôde resolver tanto por experiencias collectivias como com os apparatus mnemonic.s normalmente usados em psychologia. Segundo as experiencias de Scott, é o tamanho dos annuncios que apresenta a maxima importancia: um annuncio de uma pagina inteira tem o valor mnemonico relativo de 6 e meio; um de meia pagina, o valor de 3; um de um quarto de pagina, o valor de 1; um de um oitavo, o de 0,3. Em outros termos: o effeito não é proporcional ao tamanho do annuncio. Assim, quem paga um quarto de pagina não obtem a quarta parte do effeito produzido por uma pagina inteira, mas muito menos. E quem occupa, com o seu annuncio, um oitavo de pagina, consegue, em vez de um oitavo, um vigesimo do effeito produzido pela pagina inteira. Nessas condições, fazendo o annuncio uma vez só, tudo depende do seu tamanho.

Mas nós devemos considerar, além do tamanho, a repetição do annuncio. Segundo Munsterberger, os valores mnemonicos são dados pelas cifras seguin-

tes: 0,33 para um só annuncio de pagina; 0,36 para dois annuncios de meia pagina; 0,30 para quatro de um quarto de pagina; 0,44 para oito de um oitavo; 0,47 para doze de um duodecimo de pagina. A repetição de um annuncio produz assim um effeito maior do que o produzido pelo seu tamanho: quem insere, no mesmo jornal ou na mesma revista, durante quatro vezes um annuncio de quarto de pagina, influe sobre a nossa memoria, mais do que fazendo um só annuncio de uma pagina.

Ha outro aspecto importante da questão: o logar que deve occupar o annuncio. Segundo as experiencias de Starch, a primeira e ultima pagina de um catalogo, de um periodico ou de um livro, tem o valor 34; a segunda e a penultima, o valor 26; e as outras o valor medio 17. D'ahi resulta que um annuncio na metade superior da pagina tem um effeito muito maior do que um annuncio na metade inferior. Ha ainda outra differença: em cima, á esquerda da pagina, tem-se um valor mnemonico 28; em cima, á direita, um valor mais alto, isto é, 33; em baixo, ao contrario, só se obtem, á esquerda 16; e á direita, 23.

Estas differenças não se explicam somente com factos relativos aos movimentos dos olhos, mas por influencias puramente psychicas. Poder-se-ia demonstrar experimentalmente, por exemplo, que um annuncio feito no meio do texto, perde um terço do seu effeito, e, cntretanto, na pratica, o consideram mais efficaz e por elle se paga muito mais. Todos os meios de publicidade devem ser apprehendidos rapidamente. Os annuncios, os cartazes, as taboletas devem produzir immediatamente o seu effeito, porque o transeunte não tem tempo de se deter muito. A psychologia dispõe de apparatus, chamados tachistoscopios, com os quaes se pôdem calcular, baseado no chronoscopio de Hipp, até o millesimo de segundo, o tempo necessario para apprehender uma visão qualquer.

Com esses apparatus se pôde verificar tambem o gráo de legibilidade. A rapidez da leitura diminue se as letras minusculas são inferiores a um millimetro e meio, mas tambem se ellas exce-

dem de dois millímetros. Tanto mais rápida é a leitura quanto mais certa é a linha, porque, com uma extensão de linha de 60 millímetros nós compreendemos, em cada movimento da vista, tres palavras e meia, ao passo que com uma extensão de 100 millímetros não apprehendemos mais de duas.

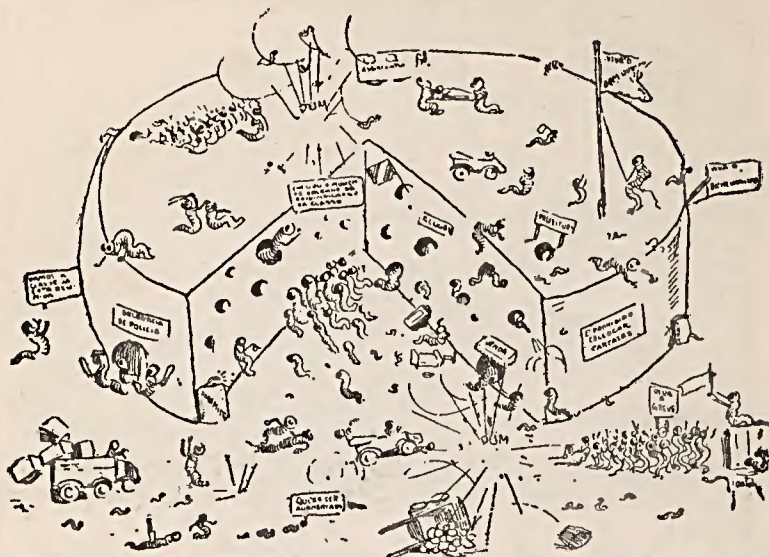
E' errada a opinião de que um cartaz tenha effeito tanto maior quanto mais possa satisfazer ás leis da esthetica. Quando o valor artistico de um cartaz é preponderante, a gente considera o quadro como quadro, de sorte que o nome da firma commercial passa para a segunda plana. Muito importante é tambem a

compilação do texto, sendo necessario estudar as opiniões, os sentimentos, os estados da alma, os motivos determinantes da vontade, que o annuncio pôde evocar. Munsterberger estudou tambem o effeito que certas expressões de annuncios produzem nos compradores. Assim, por exemplo, quando uma casa ordenou que fosse substituida nos annuncios a phrase: "Podemos mandal-o á sua casa?" por esta outra: "A senhora leva o pacote comsigo?"— poupou numerosos automoveis que antes eram necessarios para levar a domicilio os objectos adquiridos. — ("O Estado de S. Paulo").



## CARICATURAS DO MEZ

### GREVE GERAL NA QUEIJOLANDIA



— Foi proclamada a Republica Bichevicki e eleito presidente Kamembert.

Yantok (D. Quixote Rio)

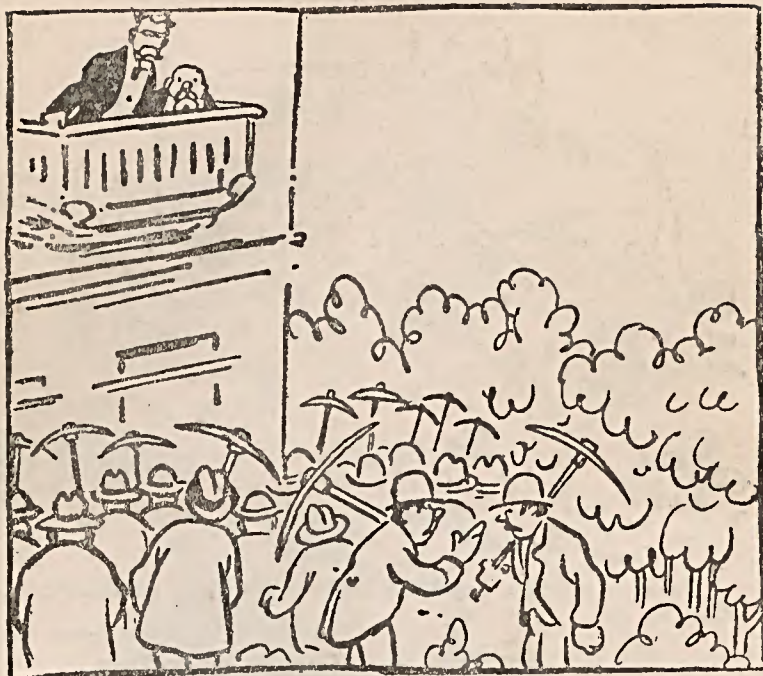
### Carnes do officio



— Não me pôsso conformar com estas exposições de carne!  
— Pois não sabes? o marido é açougueiro...

Castorino (D. Quixote, Rio)

O NOVO GOVERNO: DEMONSTRAÇÃO DE JUBILO  
POR PARTE DA IMPRENSA



O Presidente — Não de dizer o contrario quando souberem que commigo não cavam nada.

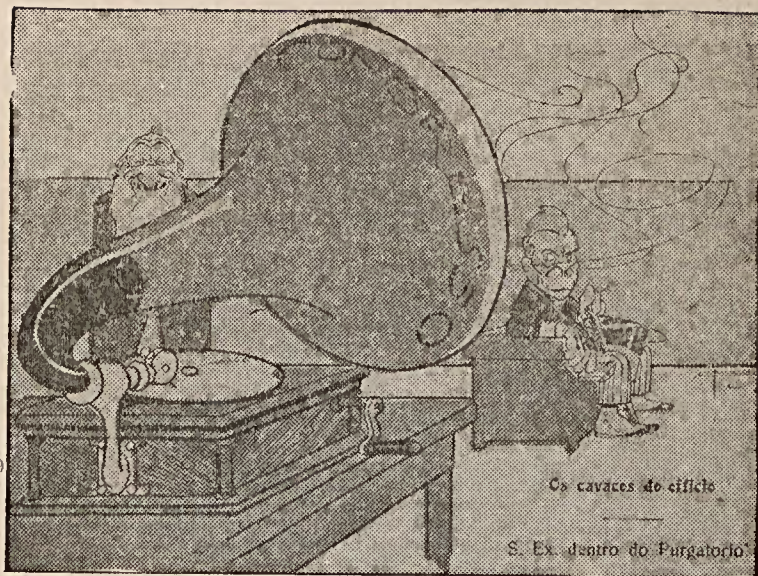
Voltolino (Pasquino, S. Paulo)

DESBASTANDO...



Kalixto (D. Quirote, Rio)





Senado — Recomeçemos a cavação...  
Camara — E que D. Executivo não se esqueça de nós na hora da colheita!

J. Carlos (O Malho, Rio)

## O Vinho Reconstituente

Recommendo e preferido por  
eminentes clinicos brasileiros.

Silva Araujo



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



"excellente preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellente tonico nervino e hematogênico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia Infecciosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE

ANEMIA

RACHITISMO

INAPPETENCIA

ESCROPHULOSE.

# LOTERIA DE S. PAULO

Em 25 de Junho

## 200:000\$000

EM 3 GRANDES PREMIOS

Por 7\$000 — Decimos a 700 réis

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM  
TODA A PARTE

**JEANSELMINA**

Combater o Bacillo  
de Hansen por  
meio das  
ampoulas  
de

DE  
Silva Araujo

Formula  
de Jeanselme

Unico trata-  
mento admittido  
pela sciencia  
para a cura da

Oleo de  
chaumulgra di  
luido, camphora  
e gayacol  
Em ampoulas de 2 e 5 grammos

**LEPRA**

# Lampadas Electricas

DE FILAMENTO METALICO E MEIO WATT, PARA  
TODAS AS VOLTAGENS.

Material para installação

Bombas com motores electricos

**CASA DODSWORTH — COSTA CAMPOS & MALTA**

RUA BOA VISTA, 44.

CAIXA, 962

SÃO PAULO.

## JOÃO DIERBERGER

**FLORICULTURA**

SEMENTES, PLANTAS, BOUQUET,  
DECORAÇÕES.

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM.

S. PAULO - Caixa Postal, 458. Telephones: Chacara,  
Cidade 1006. Loja, Central 511.

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A.

CHACARA: Alameda Casa Branca, (Avenida  
Paulista).

FILIAL: Campinas. Guanabara.

**PEÇAM CATALOGOS**



■ ■ EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL" ■ ■



## O Professor Jeremias

por LE'O VAZ

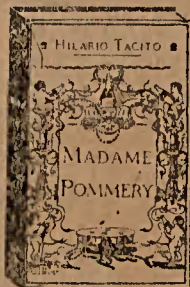
O AUTOR revela-se aqui um fino humorista da familia de Sterne, Anatole e Machado de Assis, vindo occupar o logar deste, vago até agora.

PREÇO, 4\$000 - PELO CORREIO, 4\$500

## MADAME POMMERY

Romance satyrico de HILARIO TACITO, pseudonymo dum dos nossos mais finos humoristas. Neste livro, que lembra Rabelais, o autor estuda a vida e a acção d'uma corteza de alto bordo em S. Paulo, e mostra como tudo se rojou aos pés della, desde a alta governança até eminentes homens da sciencia.

Brochado, 4\$000 — Encadernado, 5\$000



## CIDADES MORTAS



Contos e impressões por MONTEIRO LOBATO, contendo: Cidades Mortas, Coisas de um diário, Cavaliinhos, Noite de S. Jeão, Grammatica viva, Pedro Pichorra, As seis decepções, Cabellos compridos, Um avó, "O resto da Onça", Porque Lopes se cason, O caso do Tombo, O figado indiscreto, O imposto unico, O Piagio, Dnas dançarinas, Luzeiro agricola, "Cruz de Ouro", O espião allemão, etc.

Brochado, 4\$000 — — — Encadernado, 5\$000

PELO CORREIO MAIS. 500 RÉIS

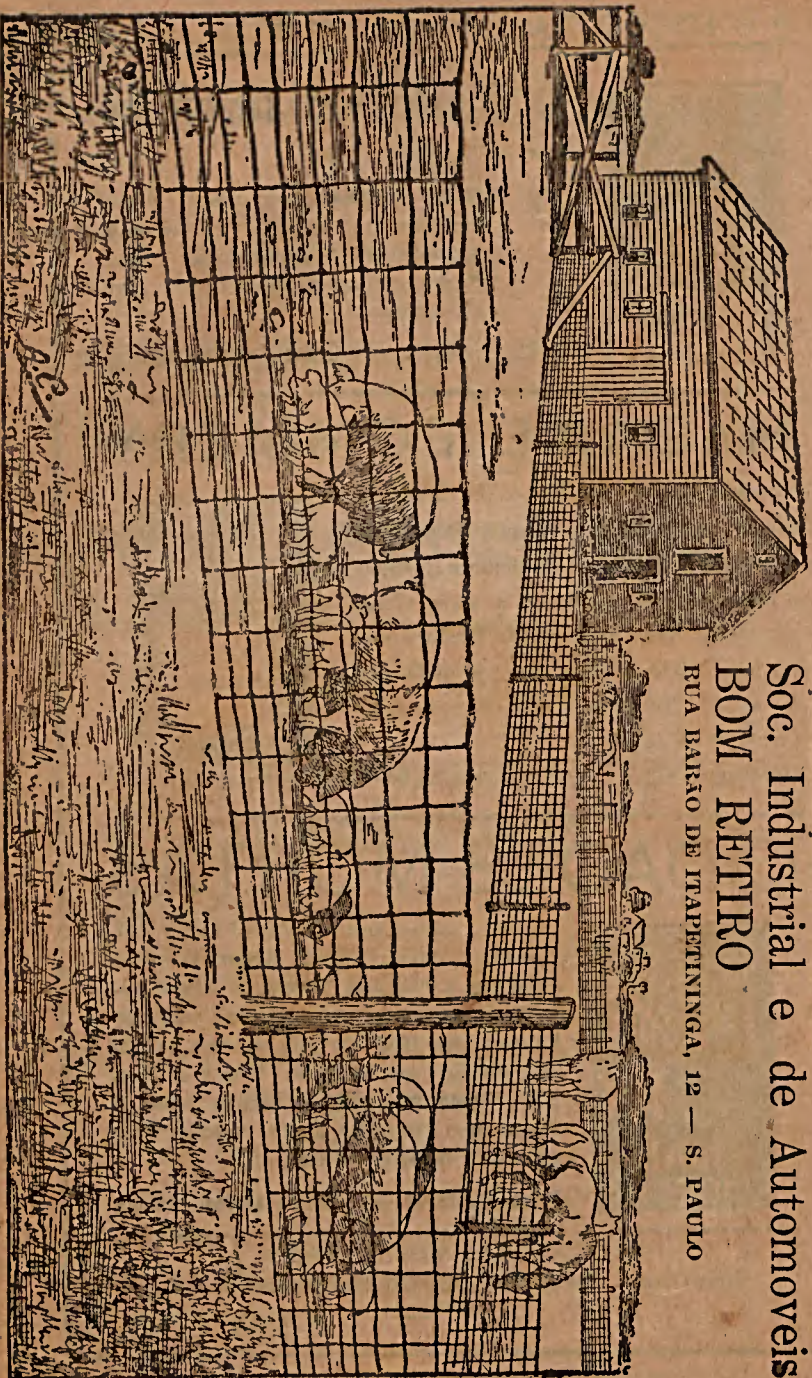
PEDIDOS À "REVISTA DO BRASIL" — CAIXA 2-B  
S. PAULO

# Cerca de Tecido "PAGE"

Pegam informações aos fabricantes:  
Soc. Industrial e de Automoveis

BOM RETIRO

RUA BARÃO DE ITAPERUNINGA, 12 — S. PAULO



**AGUA INGLEZA**  
 TONICA  
 FEBRIFUGA E APPERITIVA  
**GRANADO**

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,  
 IMPALUDISMO E CONVALESCENÇAS

EXIJAM A  
 NOSSA MARCA  
 RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIDM. CAFFEI.  
 LACTO PHOSPHATO DE CAL  
 PEPSINA E GLYCERINA

**VINHO**  
**RECONSTITUINTE**  
**GRANADO**

TONICO-NUTRITIVO  
 Na tuberculose  
 anemias fraqueza  
 neurasthenia, etc.



GRANADO & CIA.  
 S. PAULO  
 EXIJAM A NOSSA  
 MARCA

## HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Farmula do Dr. Faria Lobato — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE  
 ENERGETICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS

# LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

**Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.**

**CLING SURFACE** massa sem rival para conservação de correias.

**IMPORTAÇÃO DIRECTA** de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

---

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS DE "O ESTADO DE S. PAULO"





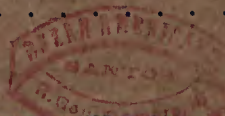
# REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do n. 55 — Julho, 1920

O Momento . . . . .	REDACÇÃO . . . . .	193
Succinta noticia sobre o aspecto physico, geologico e mineralo- gico do Districto Federal . . .	EVERARDO BACKHEUSER . . .	195
Na rectaguárda da civilisação. .	MARIO PINTO SERVA . . . . .	208
Cipó Braúna . . . . .	SERGIO ESPINOLA . . . . .	212
Versos . . . . .	CARLINDO LELLIS . . . . .	218
A paixão do ex-bombeiro . . . .	ALEXANDRE MELO . . . . .	225
Paiz de ouro e esmeralda . . . .	J. A. NOGUEIRA . . . . .	231
A arte nacional . . . . .	RAUL POLILLO . . . . .	239
Lobo do mar . . . . .	SEVERIANO DE MIRANDA . . .	244
Lingua vernacula . . . . .	A. CARDOSO FRANCO . . . . .	249
Academia Brasileira de Letras . .	ARTHUR MOTTA . . . . .	253
Bibliographia . . . . .	REDACÇÃO . . . . .	263

RESENHA DO MEZ — A sciencia alleman (*Mario Pinto Serva*)  
— A retirada da Laguna (*Godofredo Rangel*) — Macter-  
link em Nova York — Uma do Emilio (*João Sem Telha*)  
— O "tiro" no bicheiro — Arte nova (*Menotti Del  
Picchia*) — Arte e cinema — Club dos solteiros (*Guy  
d'Alvim*) — Vida forense — A prova de reporter (*Guy  
D'Affonse*) — As plantas e o seu autographo — O nacion-  
alismo na arte (*Fly*) — Os cavallos do diabo (*João  
do Norte*) . . . . . 267

CARICATURAS E ILLUSTRAÇÕES.



S. Paulo

1020

Rio

# REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO  
Secretario: ALARICO F. CAIUBY

## ASSIGNATURAS

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	12\$000
Para o exterior, anno . . . . .	25\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$300

Assignaturas sob registro postal, mais 2\$400 por anno.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam  
em junho ou dezembro.

Não se devolvem os originaes.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 (sobr.) — CAIXA POSTAL 2-B  
SAO PAULO



# BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & CO.**

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4

# ETABLISSEMENTS

---

---

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francs. ———

# Bloch

---

-----  
**FAZENDAS  
E TECIDOS**  
-----

**RIO DE JANEIRO**

116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——

Officinas e Garage Modelo

**DIAS CARNEIRO & C.**

---

---



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e  
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para  
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS  
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria  
Carrosserie — Vulcanisação —  
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com  
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Cl. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

**RUA 7 DE ABRIL N. 38**

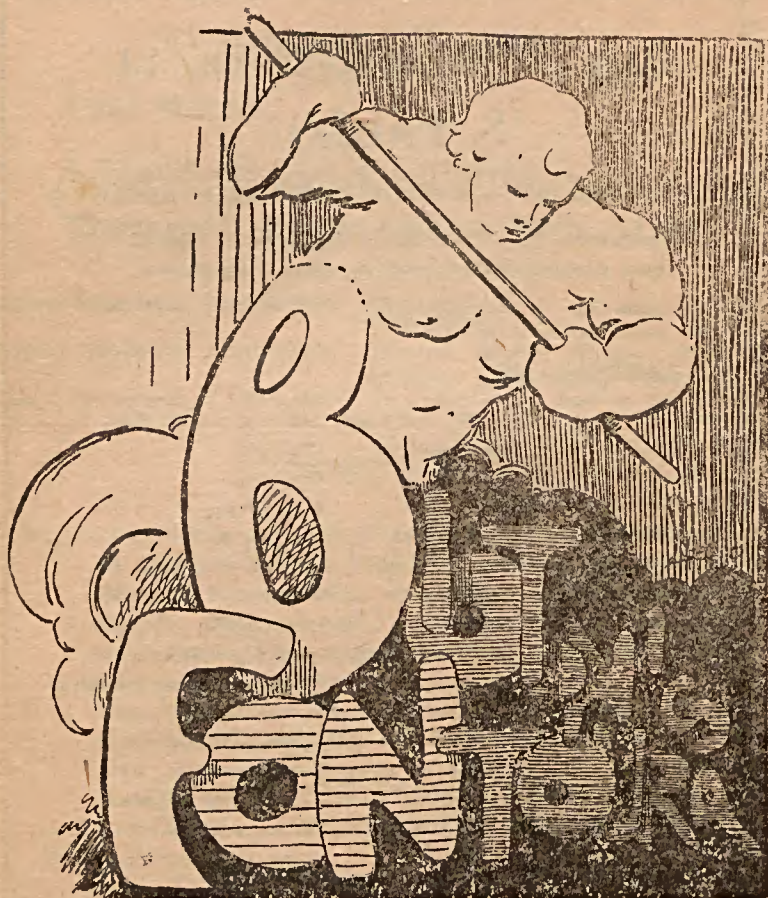
**AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20**

**São Paulo**

CANTO LIBERO BADARO



COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS,  
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

**O BIOTONICO** cura todas as fôrmas de anemia.

Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

**E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.**

# MACHINAS E ACCESSORIOS

## Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

## Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO



**PORCELLANAS**

---

**CRISTAES**

---

**ARTIGOS DE CHRISTOFLE**

---

**OBJECTOS DE ARTE**

---

**PERFUMARIAS**

---

O melhor sortimento

---

Casa franceza de

**L. GRUMBACH & CIA.**

---

Rua de São Bento N.º 89 e 91

**SÃO PAULO**



# REVISTA DO BRASIL

## O MOMENTO

ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO

*Mortes ha que repercutem na sociedade como verdadeiras amputações.*

*Sentimo-nos dolorosamente lesados, e diminuidos d'algo precioso.*

*Causou essa impressão o trespassse imprevisto de Arnaldo de Carvalho.*

*S. Paulo sangrará sempre desta perda, a maior com que podia affligil-o a brutalidade do destino.*

*Cirurgiões emeritos ha-os notabilissimos; mas um em quem se reunam todos os primores da intelligencia, do caracter e do educação — desses espeeimens que a natureza deixa ás vezes escapar do seu laboratorio como amostras duma humanidade superior, é caso rarissimo.*

*Os fados proporcionaram-nos em Arnaldo um homem assim — o mais completo, o mais perfeito, o que tomaríamos por modelo si tivessesmos de crear um molde unico á espeeie.*

*Suspeitavamos isso enquanto Arnaldo vivia; agora que morreu, sentimol-o, reeonheemol-o na mais bella unanimidade que jamais nos eongregou.*

*A impressão geral causada pela sua morte foi de desastre irreparavel.*

*Arnaldo era um ponto fixo, uma luz, uma affirmação no movimento das nossas coisas.*

*Sempre que o momento reclamava num sabio um homem, e n'esse homem um caracter impolluto alliado a um coração magnanimo, todos os olhares convergiam para o seu lado.*

*Era elle o phanal, o conforto, a esperança.*

*Ainda quando não agia, a só lembrança de termol-o á mão como supremo recurso, como ponto fixo, como oasis que desse-denta, anima, restaura energias, ensina, educa, era um calmante de maravilhosa efficiencia á duvida, á afflicção, ao desanimo.*

*Certeza nos momentos incertos; affirmação nos momentos de duvida; lenitivo nos momentos de dor; força nos momentos de fraqueza, em Arnaldo Vieira de Carvalho S. Paulo repousava confiante.*

*A morte cortou-lhe o fio da vida em pleno apogêo da ascen-ção.*

*A estupidez da fatalidade!*

*Matar a Arnaldo e deixar por ahi, a vender saude, tortulhos de carne que embora morressem todos os dias, trezentos e ses-senta e cinco vezes por anno, não resgatariam o mal que fazem, vivendo!...*

*Não faltou ao côro de lamentações que a morte do grande paulista determinou o concurso da "psychologia".*

*Sempre alerta, sempre espertalhona, ella corvejou no momento opportuno, bancou tres lagrimas de crocodilo, estylisou um "te-deum" de pesames e apanhou no ar um negocio.*

*E assim, por uma cruel ironia do destino, o impolluto Arnaldo Vieira de Carvalho, o menos cabotino dos homêns, o mais since-ro, o mais honesto, o mais puro, vae ter a memoria perpetuada por um monumento do... Ximenes*

*Faltava-lhe isso, a corôa do martyrio posthumo...*

*Tel-a-á...*



## SUCCINTA NOTICIA SOBRE O ASPECTO PHYSICO, GEOLOGICO E MINERALOGICO DO DISTRICTO FEDERAL

POR

EVERARDO BACKHEUSER

Não raro se habituam os que muito viajam, aos exaggeros dos moradores de cada localidade em gabar com cores magnificas e exaggeradas as bellezas, muito duvidosas ás vezes, do lugar que habitam. Qual o viajante que já não se viu forçado a subir um morrote pellado para dahi, descortinar um horizonte de meio kilometro indicado como de surprehendente encanto? Afinal, os estudiosos que correm terras e mundos para ver “novas gentes e novas leis”, se acostumam a esses devaneios de quem nunca poz a vista em nada melhor, e não ligam mais importancia a narrativas tendenciosas.

Tinha eu, pois, um certo medo intimo de considerar a capital do meu Paiz como sendo realmente belleza fóra do commum, antes de comparal-a com lugares de fama mundial, como, entre outros, essa famosa *Côte d'Azur*, prolongamento da não menos famosa *Riviera* italiana, cuja linha de praias tranquillias acompanha de perto a sinuosidade dos montes mediterraneos.

Fui e vi. Vi e observei. Instruindo-me no melhor compendio de geographia, que são as viagens, tenho procurado visitar diversos Estados do Brasil e varios paizes do mundo, e depois d'esses confrontos minuciosamente esmerilhados, chego sem hesitação á conclusão de que o Rio de Janeiro é superiormente bello; bello não só pela sua natureza, como tambem pelo trabalho intelligente dos homens; desse glorioso Pereira Passos remode-

lador da velha Cidade infecta, e desse não menos glorioso Paulo de Frontin que a politicagem retirou da administração para que parassem a meio as grandes obras de maiores aformoseamentos que fariam do Rio de Janeiro a joia das joias no anno do Centenario.

Não é do trabalho do homem que me desejo occupar na presente comunicação e, si fosse, eu teria de salientar que a nossa metropole é quasi tão limpa como as mais acieadas cidades allemans; é tão bem illuminada que o rebervéro das suas luzes no firmamento serve de guia aos pilotos em pleno mar; é tão bem ajardinada que o Parque de Versailles lhe fica muito a dever.

O esforço humano porém, seria baldado si não tivesse a favorecer-lhe e a permitir-lhe os realces e os retoques uma situação geographica excepcional. Ainda uma vez se verifica bem que a evolução da geographia humana está intimamente subordinada ás condições da Physica Terrestre.

Nascida na atalaia da "Cara de Cão" (Morro de S. João), para logo os primeiros colonisadores transportaram-na para o Morro de S. Januario (hoje Morro do Castello), ponto mais estrategico pois ficava "em padastro" de Villegagnon.

Começa então a evoluir a Cidade do Rio de Janeiro pelo aterro dos brejais e lagoas rasas que circumdavam os Morretes de S. Bento (então talvez ainda uma ilha, que veio a pertencer a Manuel de Brito), da Conceição, de Paulo Caieiro (hoje da Providencia), de S. Antonio, do Desterro (actualmente de Santa Thereza), do Senado (hoje arrasado e que se chamava de Pedro Dias), do Sisson, da Gloria, da Mangueira, (arrasado tambem para dar lugar a um novo logradouro — a actual rua Maranguape), e até mais longe, no Morro da Viuva (então chamado do Lery ou Leripe, proximo á fóz do rio Carioca).

Logarejos esparshos na planicie, elles se foram ligando a pouco e pouco por caminhos tortuosos aos *aterrados* dos mangues, de modo a irem emprestando á metropole esse aspecto de formação espontanea e natural tão diverso dos alinhamentos rectos, das praças nitidamente circulares ou ellipticas das cidades artificiaes, á *americana*.

Depois, a população cresce por ser a Bahia de Guanabara um excellente entreposto para o commercio com o interior de Minas Geraes, bem como um ponto de facil parada para os navegadores da Africa do Sul e do Oriente. Augmentando a população, procuravam os moradores se installar definitivamente nos morros que a principio eram apenas postos de observação militar, muitas



vezes artilhados, e procuravam essas elevações (algumas das quaes ainda fossem talvez ilhas ao tempo do Descobrimento), porque eram mais aprasiveis e mais salubres, purificadas pelas varreduras das brisas da manhã e da tarde, e tambem lhes augmentando a salubridade a abundancia do oxigenio produzido no frondoso e variado laboratorio vegetal das lindas florestas que as ornavam, e que hoje desapareceram. Basta rememorar, neste tocante, que a ilha das Cobras hoje de rocha viva, era chamada *Ilha da Madeira*, por ser então coberta por um grande bosque de onde se fazia a extracção de madeiras para exportação.

Os augmentos successivos e ininterruptos da população da já então capital do Brasil produziram a conquista, por meio de aterros, de terrenos até então abandonados, como succedeu á Cidade Nova que ligou por terra firme o caminho entre o Centro Commercial e o Paço de S. Christovam, até então só accessivel pela encosta tortuosa do Barro Vermelho, (rua do Conde, actualmente Frei Caneca) até Mata-Poços (hoje Estacio de Sá).

Assim se foi desenvolvendo a Cidade, a principio sobre paúes e após pelas encostas dos morros menores, de modo a tomar a feição alastrada que hoje tem, occupando, com densa população, uma das maiores areas urbanas do Mundo.

As condições physicas são pois, mais do que quaesquer outras, as determinantes da configuração topographica da metropole brasileira actual, configuração que toma em planta um aspecto todo especial, bizarro e imprevisto.

Um passeio, hoje facilmente realisavel graças as excellentes estradas de rodagem cariocas, desde a Avenida Rio Branco á Tijuca, dahi á Gavea e da Gavea de novo ao Centro, deixa o espectador attonito ante a variedade dos panoramas que se succedem celeremente em uma visão cinematographica. Da imponencia architectonica da Avenida Rio Branco se passa ao casario á moda do segundo Imperio por todo o bairro da Cidade Nova e aos predios já mais modernos do Engenho Velho e da baixada da Tijuca. E' portanto, um amontoado urbano denso e sem soluções de continuidade pelo espaço de vinte minutos de automovel.

A subida da Tijuca já se faz em plena natureza. Matta bellissima, sombria, fresca, com recantos adoraveis como a Cascatilha e todo o massiço desde o Silvestre a Jacarépaguá, massiço que se denomina em geral Serra da Tijuca, ou antes Floresta da Tijuca. Do interior desses arvoredos verdes, onde a temperatura é amena e o silencio seria completo si não fôra o trinar dos passaros, pode-se ver a Cidade preguiçosamente estendida em-



baixo, ao reverbero do sol causticante, ou, á noite, com os focos luminosos a piscarem como si fossem miríades de pirilampus; basta ir ao *Excelsior* para se descortinar successivas perspectivas desde o Andarahy com as suas fabricas, o seu Collegio Militar, os seus prados de corridas, até á Ilha do Governador, chata e alongada, até Paquetá, até a baixada Fluminense a se perder no além; basta ir á *Vista Chinesa*, para se ter o complemento do panorama anterior, e ver embaixo a elegante Botafogo, e empaesado Pão de Assucar, e o Oceano sem fim.

Continuando-se a viagem circular iniciada, ir-se-á notando na descida para a Gavea a aproximação do Oceano Atlantico e da Lagoa de Camorim. Já na planicie de novo, o automovel costeará a margem dessa lagoa de aguas paradas até que se venha a ter a impressão magestosa do Oceano indomavel, quer na Estrada da Gavea quer na incomparavel Estrada Niemeyer. Em toda esta ultima parte do trajecto o mar "verde e bravio da nossa terra natal" beija com suas espumas rebrilhantes as encostas rochosas da montanha. E' tão diverso o espectáculo que uma hora antes tivera o viajante com a quietude levemente rumorosa da Tijuca, que elle não pode conter as suas exclamações de espanto e extasi ante o esmeraldino das aguas bulçosas das praias da Gavea jogadas em ondas successivas contra a amurada gnaissica das penedias.

Seguindo sempre, voltam a apparecer as agglomerações de população no Jardim Botânico, nas planicies do Leblon e Ipanema, marginaes da especularmente placida Lagôa Rodrigo de Freitas, na garrida Copacabana, em Botafogo, attingido através de um tunel em plena cidade. Finalmente pela maravilhosa Avenida Beira Mar, logradouro que por si só bastava para tornar celebre o Rio de Janeiro e immortalizar o Prefeito Passos, cem vezes superior a celebrada *Promenade des Anglais* de Nice, chega-se ao ponto de partida.

Essa viagem são algumas horas, duas ou tres, de inesqueciveis lembranças para o futuro e de repetidas emoções que se experimentam com deleite e prazer.

Não ha localidade do mundo que forneça, como o Rio de Janeiro, um tão bem disposto conjunto de circumstancias de modo a poder a cidade manter a vida intensa dos negocios, das industrias, do commercio, dos gosos, a vida social, emfim, ao lado da quietude bucolica da floresta e do bulicio das praias de banho.

Essa situação toda especial deve-a o Rio de Janeiro á sua configuração physica. E esta é oriunda da conformação geologica, como vamos ver.



## CAPITULO I

## 1.º — ROCHAS E TERRENOS

Pode-se considerar geologicamente o Districto Federal subordinado a dois unicos terrenos:

- a) — o arqueano;
- b) — o quaternario.

— O ARQUEANO, que constitue a grande maioria dos massiços montanhosos e mesmo dos morros isolados, é composto de *gnais* de diversos typos, desde os finamente granulados (*gnais* da Candelaria), aos fracamente porfiroides (*gnais* do Engenho Novo) e até áquelles que o são fortemente, apresentando grandes olhos amarellos de ortoclasio (*gnais* do Pão de Açucar).

Afóra essa variedade de typos estructuraes, ha também nos *gnais* cariocas interessantes variações de composição mineralogica, que ás vezes se manifestam por gradações suaves e outras por bruscos saltos de um para outro. A inspecção da planta e córtes geologicos, que é impossivel annexar á presente communição, permittirá examinar melhor as passagens de uns a outros dos diversos typos.

Assim, ás vezes, superabunda o feldspato, assemelhando-se o *gnais* a um *leptinito* (*gnais* do Mundo Novo); de outras, predomina o quartzo, a gran sendo neste caso ora finissima, parecendo a rocha um *eurito* (*gnais* de Ipanema), ora a gran torna-se maior e a semelhança com o *quartzito* é notavel (*gnais* do Andarahy), como se pôde observar em toda uma grande faixa obliqua que córta o massiço da Tijuca, desde os Dois Irmãos (Gavea) ao Morro do Ignácio Dias (Jacarépaguá); de outra, finalmente, ha abundante quantidade de mica, formando-se variedades melanocraticas, quasi verdadeiros *micachitos* (*gnais* do Sumaré).

Todos esses *gnais* se apresentam, ora com planos de estratificação muito nítidos, ora fortemente contorcidos, como que amarrotados, "fuchicados". Nem sempre portanto será facil determinar a orientação e inclinação das camadas.

Sotoposto ao *gnais* ha um grande numero de lacoticos (ou, si se preferir um só e enorme lacolito) de *granito*, que a erosão das camadas superiores tem posto a descoberto em varios pontos, quer nos grandes massiços, quer nos serrotes isolados. De preferencia esses afloramentos surgem ou nos talvegues topogra-



phicos ou nos picos mais altos. Em certos lugares (por exemplo Serra do Carico) a casca gnaissica não tem senão poucos metros de espessura.

Ha tambem, entre os granitos, uma grande variedade de texturas e de colorações. Assim tem-se: o *granito da Penha*, quasi eutetico, cinzento; o *granito de Bangú*, porfiroide e cinzento amarellado; o *granito da Tijuca*, roseo e de gran muito igual; o *granito da Vargem Grande*, manchado em salpicos vermelhos de um mineral que deve ser a ortita; o *granito do Amorim*, pegmatitico, avermelhado e pouco porfiroide; e muitos outros que seria longo enumerar.

Emergem tambem dos gnais suburbanos de Campo Grande, no massiço do Gericinó —, Mendanha, grandes afloramentos de uma eruptiva acida moderna da familia dos *fonolitos*, cuja terra de decomposição é muito favoravel a todas as especies de cultivo pela sua conhecida fertilidade. Ainda não me foi possivel fazer investigações pessoas nessa zona do Districto Federal, de modo que não posso ser muito categorico nas minhas afirmações.

Existe ainda, no massiço da Tijuca, uma rocha *gabrica* e uma outra *dioritica*, que não tem muita importancia pelo pequeno numero de afloramentos em que se mostram.

Todas essas rochas podem ter applicações industriaes como pedra de alvenaria. As mais procuradas são, já pela abundancia, já pela facilidade de exploração e já pela excellencia do material, os granitos e os gnais. Servem: para pedra de alvenaria nas construcções civis e militares, mesmo debaixo dagua; para cantaria, dando-a excellente e muito bella; para meios fios do calçamento; para pedra britada, quer das pavimentações e macadam, quer para lastro de estradas de ferro, quer para concreto; para paralelipipedos. Os paralelipipedos de gnais, antigamente muito usados, pela facilidade de clivagem dessa rocha, são hoje rejeitados pela Prefeitura Municipal pela facil deterioração ao atrito das rodas dos vehiculos. Exceptua-se, naturalmente, o gnais euritico de Ipanema, sempre muito bem acceito. O material habitual para o calçamento é hoje o granito da Penha, encontrado em varios afloramentos em todos os suburbios a partir do Engenho Novo.

A pedra de construcção do Rio de Janeiro é tão afamada que é exportada para varios pontos do Brasil e mesmo do estrangeiro.

— Os gnais são frequentemente atravessados por veios de uma rocha pegmatitica (quartzo e feldspato) que me parecem, segundo algumas observações que pude fazer nos contactos com





o granito subjacente, verdadeiros jôrros ultra acidos do magma granítico nas parte terminaes das apophises desta rocha.

Em muitos outros lugares, onde ha apophises graníticas, não me foi porém possível fazer identica verificação, de modo a parecer mesmo provindos de uma grande massa magmatica de pegmatito propriamente dito.

Os veios de pegmatito ora são largos, ora muito finos, sempre muito contorcidos, aqui normaes á estratificação do gnaís, alli intrometendo-se entre as camadas. São claros, com grande predominio do ortosio, algum quartzo e pouca mica.

Além desses veios acidos, ha varios diques de uma eruptiva basica da familia dos basaltos, negra, ás vezes compacta, ás vezes granulada que atravessa não só os gnaís, como as rochas sotopostas e os proprios veios de pegmatito. Taes diques são tambem, ora de poucos centimetros de espessura, ora de alguns metros de possança. São industrialmente explorados pela sua facilidade de fractura para constituirem o elemento negro das calçadas de mosaico como as da Avenida Central, sendo ellas chamadas de *pedra portugueza*, apezar de provirem taes pedras da rua de Santa Alexandrina e de muitos outros pontos do Districto. E' que de facto os primeiros basaltos da Avenida vieram de Portugal. A pedra amarella dos citados mosaicos, a principio tambem *pedra de Liôz* de Portugal, hoje é ou calcareo minerio, ou simples feldspato do veios de pegmatito.

A proposito dos veios convem citar desde já que a erupção dos basaltos e diabases provocam um forte metamorphismo nas rochas gnaissicas, principalmente quando ellas estavam humidas no momento do derrame.

Ha assim em muitos pontos do Districto, como a Planta Geologica mostrará, uns veios de uma especie de *brécha* hidro-termal de pedaços de feldspato, de gnaís e mesmo de basalto ligados por um cimento de calcedonea esverdeada, brécha que poderá ser aproveitada como pedra de ornamentação.

— As acções metasomaticas (para alteração das rochas de fóra para dentro) tem actuado desde tempos immemoriaes (isto é desde o periodo arqueano), muito fortemente sobre o complexo granítico gnaissico. Convem salientar esse ponto porque o resultado final dessas acções chimico-mecanicas dos agentes exteriores dá certas feições topographicas characteristics na geographia local.

E' realmente devido a taes forças geodinamicas que se deve a formação das grandes *barreiras* exploradas para fins industriaes.



As barreiras oriundas dos gnais fortemente feldspáticos dão *argillas* (barros) mais ou menos vermelhos, conforme a maior ou menor quantidade de biotita (mica ferro magnésiana). Inúmeras olarias empregam essa argilla como materia prima, pela excellencia do producto natural que já vem quasi que expontaneamente dosado com a conveniente porção de silica livre (quartzo), indispensavel aos productos ceramicos mais usuas (tijolos e telhos). Os gnais, com pouca mica, muito quartzo e bastante feldspato dão *saibros* claros como o *saibo das Lorangeiras*, tão gabado pelos constructores, producto metasomatico do gnais typo Mundo Novo.

Os veios de pegmatito se alteram para *caolin* e já vão sendo explorados para a extracção desse mineral, hoje tão procurado pelos seus variados empregos.

Os typos porfiroides de gnais assim como os granitos em geral se desagregam e decompõem muito menos metasomaticamente, por motivos de ordem geral já sufficientemente conhecidos.

— O QUATERNARIO é representado: por *depositos arenosos* de rio, mas principalemnte de mar, formando extensas regiões planas; por alguns *depositos de calhãos* quartzos rolados, de que é bello e frisante exemplo aquelle que se encontra no morro do Jockey Club, á cota de 10 ms. acima do nivel do mar; e finalmente pelos *depositos calcareos conchíferos* dos chamados *sambaquis*.

Grande parte desse terreno quaternario está encoberta pelos aterros feitos para a edificação da cidade.

## 2.º — MINERAES

Os mineraes, que se apresentam no Rio de Janeiro, teem pouca importancia economica, e portanto geographica, por isso que nenhum delles é muito abundante de modo a se tornar exploravel industrialmente, sendo talvez unica excepção o caolin.

Apresentam todavia algumas curiosidades scientificas que não podem ser explanadas nesta Communicação.

Limitar-me-hei pois, a fazer uma simples enumeração.

Como elementos essenciaes ou accessorios das varias rochas citadas no paragrapho anterior ha a mencionar:

— o *quartzo* (*crystal de rocha*). Em geral não se apresenta cristalizado, mas todavia é achado ás vezes, especialmente nos veios de pegmatito, com as suas formas cristalinas habituaes de prisma pyramidado. O Gabinete de Mineralogia da Escola Polytechnica possui mesmo uma *drusa de cristaes de rocha* de dimensões apreciaveis, encontrada no morro de Santos Rodrigues.



Apresentam-se ainda as variedades: *quartzo enfumado*, escuro, chamado *diamante d'Alençon*; *quartzo ametista*, roxo, limpido em massas volumosas que já teem servido para aproveitamento em joias; *calcedoneas*, verdes claras ou acinzentadas, productos de metamorphismo de contacto junto aos veios do basalto; *calcedoneas opalescentes*, quasi verdadeiras *opalas* grosseiras. São tambem de quartzo todos os grandes areiaes alvissimos das encantadoras praias. Algumas das praias cariocas tomam certas colorações, devido á maior porcentagem de certos outros mineraes misturados á areia quartzosa.

— *A ortoclasisita*, feldspato potassico, que fórma não só os grandes olhos amarellos de gnais porfiroide. como a massa principal dos pegmatitos. Apresenta-se com diversas colorações: a rosea; a avermelhada (em certos granitos suburbanos); a amarella (a mais frequente); a branca (nos gnais muito leucocraticos); e a verde (em certos gnais porfiroides). São frequentes nos veios, os grandes e lindos cristaes desse mineral, com faces muito nitidas, vendo-se bem a fórma classica da geminação de Carlsbad.

— *A microclina*, só reconhecivel ao microscopio.

— *A adularia*, *pedra da Lua*, com lindos reflexos prateados.

— *A labradorita*, quer como elemento das rochas basicas, quer como amostras destacadas com vivas irisações (Tijuca).

— *A mica ou malacacheta*, quer a branca (*muscovita*), quer principalmente a preta (*biotita*), que é um elemento essencial dos granitos e gnais. Nos veios de pegmatito formam-se concentrações desse mineral, em laminas maiores e em cristaes nitidos.

— *Os aphibolios e piroxenos*, nas rochas basicas, só reconheciveis ao microscopio.

— *As granadas almanditas* marchetando os gnais com as suas colorações vermelho vivas. Ha pontos onde a concentração desse mineral é tão forte que se o pode considerar como elemento essencial da rocha. Tem sido encontrados bellos cristaes em rombododecaedros e trapezoedros.

— *Turmalina preta (afrisita)*, de Andrada), apparecendo frequentemente nos pegmatitos. O mineral vem muito fracturado, de modo que não pôde ser bem aproveitado para a joalheria.

— *Turmalina verde (esmeralda do Brasil)* muito rara no Rio de Janeiro, apesar de Eschewegge a ter encontrado no local onde hoje é a Praça da Republica. Talvez a esse mineral se refiram certas chronicas, que dão como tendo sido achadas verdadeiras *esmeraldas* no Rio de Janeiro.

— *Berilios*, de cor amarellada, em agulhas estriadas.

— *Aguas marinhas*, infelizmente em pouca quantidade, e com cristaes fracturados (Morro do Pasmado).

— *Andaluzitas*, roseas, em agulhas finas.

— *Piritas*, quer disseminadas nos granitos (Bom Sucesso), quer em maiores concentrações (Bangú), quer em veios alongados (Pedra da Babilonia).

— *Calcopirita* em mui pequenas porções.

— *Magnetita*, mineral muitissimo disseminado nos granitos, como revela o microscopio. Além disso se concentra em areias magnetitas como producto de alteração da Broteta (Ilha do Governador e de Paquetá), bem como em pequenas massas, reconhecíveis a olho desarmado, e até em pequenos cristaes.

— *Limonita*, producto de alteração dos outros mineraes de ferro, é achado em quasi todos os lugares onde se faz sentir a acção da agua e especialmente cobrindo como uma capa parda-centa as pedras das praias.

— *Calcita*, rara, em certos veios de Santa Thereza, juntamente com a *malaquita* e a *siderita*.

— *Graphita*, achada em muitos pontos, tendo as principaes concentrações na Gavea, onde houve um começo de exploração não continuada porque os nodulos graphitosos vinham envolvidos em muita argilla.

— *Monazita*, disseminada nas rochas e concentrada nas areias das praias em proporção que varia de 0,02 a 0,05 por cento.

— *Zirconita*, tambem disseminada. Derby refere que achou cristaes maiores na Tijuca.

— *Sillimannita*, em agulhas claras ou ligeiras. Já era conhecida a sua existencia (Hussak), mas os meus auxiliares Ruy de Lima e Silva e Othon Leonardos encontraram grandes porções, em cristaes, com dimensões superiores a um centimetro no gnais chamado do Sumaré e nos seus afloramentos no Andaray.

— *Ortita*, na Ilha da Sapucáia (pegmatito) e nos granitos dos suburbios.

— *Cordierita*, no Andarahy e na Tijuca.

— *Dumortierita*, já estudada por Eberhard Rimann.

— *Caolin*, em grandes massas, oriundas da decomposição do feldspato dos veios de pegmatito; tem tido exploração industrial.

— *Argilas*, diversamente coloridas pelos oxidos de ferro, desde o amarello claro ao vermelho carregado, tendo, como já disse, muita applicação para a fabricaçãõ de productos ceramicos.



— *O ouro e a prata*, a que se referem crônicas antigas citadas pelo pouco autorizado Francisco Ignacio Ferreira, no seu Dicionário Geográfico das Minas do Brasil, não são hoje encontrados. A prata do Sacco do Alferes já não existiu por certo. Quanto ao ouro é possível que tenha sido confundido por inexpertos exploradores — como de resto ainda o é hoje — com a mica amarela (biotita alterada) muito frequente, ou com a pirita de ferro. Não seria porém impossível que em outras épocas os rios tivessem, por concentrações multiseculares, um pouquinho de ouro. Nem a outro motivo se deve atribuir a nome de Rio do Ouro que tem um dos cursos da água do Distrito.

— *O petróleo*, a que também se refere Ferreira, como existindo na Lagoa Rodrigo de Freitas, nada mais é do que água amoniacal de transformações orgânicas de algas ou peixes apodrecidos.

— *A galenita* (sulfeto de chumbo), e a *estibinita* (sulfeto de antimônio) que tenho visto citadas ainda não foram por mim encontradas. Do mesmo modo a cinabarita (sulfeto de mercúrio), a que os jornais se referiram.

— *O ferro* é abundante no Rio de Janeiro, não sob a forma de minerais de possível extração, mas como compostos facilmente alteráveis, de modo a provocar a coloração das rochas e a tornar ferruginosas certas fontes. No bairro das Laranjeiras eram tão frequentes as águas ferreas, que uma parte daquela região urbana assim ficou denominada. Em muitos outros pontos do Distrito se encontram também águas ferruginosas.

### 3.º — PHASES DA EVOLUÇÃO GEOLOGICA DO TERRITÓRIO DO DISTRITO FEDERAL.

Entre a época arqueana, — durante a qual surgiram ou se metamorfozaram os gnais e se produziram as rugas montanhosas propriamente ditas — e o começo da terciária, o Distrito Federal não teria passado por grandes alterações (salvo as erosivas), e teria estado sempre fóra d'água.

Durante a época terciária teria, porém, todo o solo do litoral meridional do Brasil (\*) sofrido grandes abalos sísmicos, donde os desníveis de terreno, formando paredões abruptos, tão comuns no Distrito Federal, e de que são primorosos exemplos: o Corcovado, a pedreira da rua Bento Lisboa, os Dois Irmãos na Gávea e outros muitos. Esses declives de terreno, dei-

(\*) Penso ter demonstrado essa asserção no meu trabalho — “A Faixa litorânea do Brasil Meridional — Hoje e Hontem”.



xando um bordo muito abaixo do outro, são, como se sabe, chamados *falhas*.

Contemporaneamente, ou logo depois da formação dessas falhas, deu-se um derrame de rochas basálticas (donde também de diabases) pelas fendas deixadas.

Na parte do Districto Federal cujo levantamento geológico detalhado já foi possível fazer, verifiquei um notável parallelismo, na direcção Leste — Oeste, das grandes falhas e dos grandes diques diabasicos. Além dessas falhas e desses diques que podem ser denominados de *principaes* pela sua importancia, ha um grande numero de outras falhas e de outros menores, orientados mais ou menos em sentido perpendicular ao da primeira direcção.

As falhas são em maior numero e mais nitidas na vizinhança do Oceano, quer nos districtos urbanos da Gloria, Lagôa, Copacabana, onde são vistas a do Morro do Novo Mundo, a do Corcovado, a do Morro dos Cabritos, quer nos districtos suburbanos da Gavêa, Jacarépaguá e Guaratiba, onde se observa a mesma linha de falhas nos Dois Irmãos, Pena, Garganta da Tijuca. A' proporção que o territorio se afasta da Costa as falhas são em menor numero e de menor relevo nos bordos.

Ha pontos na vizinhança do mar onde a rocha cahe a pique, deixando grandes fundos muito proximos á costa. Exemplo: Costão do Pão de Assucar e ponta do Galeão, na Ilha do Governador.

Tendo occorrido no periodo terciario, são geologicamente muito recentes e não tiveram pois tempo para serem erodidas pela acção mecanica das aguas torrencias.

A partir do final do periodo terciario e durante todo o quaternario começa a se manifestar um importante movimento de emersão da costa, em virtude do recuo gradativo do mar (\*). Em virtude deste movimento eustatico negativo do mar dá-se o apparecimento de terras sob a fórma de planicies arenosas: as ilhas passam a peninsulas e afinal a continente.

Foram surgindo também como se tivessem a sua origem na propria terra firme extensos depositos conchiliferos considerados por pessoas extranhas aos estudos geologicos como construcções indigenas (*sambaquis*) mas formados em verdade de baixo dagua pelo accumulo de colonias de moluscos (ostras, samanguiás etc). Desses depositos ha grandes extensões em Guaratiba (\*\*), assim como menores porções em outros pontos

(\*) Ver sobre esta parte do movimento eustatico negativo do mar, o meu citado trabalho sobre "A faixa litoranea do Brasil Meridional".

(\*\*) Ev. Backheuser — *Sambaquis do Districto Federal*.

de Jacarépaguá e Penha, conforme descoberta por mim comunicada á Sociedade Brasileira de Sciencias em sessão plena. Posteriormente a essa comunicação e ás minhas publicações anteriores sobre o assumpto, tenho achado pequenos depositos de *Venus flexuosa* em outros pontos do Districto. Espero ter maior segurança nos informes para poder fazer uma nova comunicação documentada.

Vê-se assim, resumido, que o territorio passou por um primeiro movimento convulsivo nas proximidades do tempo em que a Terra ainda estava em ignição; succedeu-se um periodo de calma durante todo o periodo primario e secundario; só tendo vindo a se dar abalos fortes, formidaveis mesmo, no terciario. A este periodo sismico segue-se o recúo do mar até a época presente.

O primeiro gera as rugas montanhosas. A longa época de calma interna dá lugar a fortes lavagens de agua superficial. O segundo periodo de abalos fórma as penedias abruptas. Finalmente o ultimo lapso de tempo provoca a formação das planicies, em que hoje assenta a Cidade propriamente dita e todos os suburbios e bairros baixos.

Dessa concepção historico-geologica decorre o facies geral orographico e hydrographico do Districto Federal.





## NA RECTAGUARDA DA CIVILISAÇÃO

POR

MARIO PINTO SERVA

Dir-se-ia que a lei da inercia domina a collectividade brasileira. Um enorme torpor nos pesa nas palpebras, nos paralyza o cerebro, nos immobilisa os membros, nos detem todos os passos.

E por isso o Brasil está condemnado a andar na rabeira dos outros povos. Fomos o ultimo paiz occidental a abrir os portos ao commercio estrangeiro. Fomos o ultimo povo na America a declarar a sua independencia. Fomos o ultimo a abolir o trafego dos escravos, coagidos pela Inglaterra. Fomos o ultimo tambem a decretar a abolição da escravidão. Fomos o ultimo a proclamar a Republica, não o fazendo, aliás, senão no papel. Fomos o ultimo a instituir uma Caixa de Conversão. Seremos o ultimo a ter um Ministerio da Instrucção Publica. Seremos o ultimo a facultar a navegação costeira ao commercio estrangeiro. Seremos o ultimo a decretar o voto secreto e obrigatorio. Seremos o ultimo a emprehender a lucta contra o analphabetismo. Seremos o ultimo a organizar a educação nacional. Seremos o ultimo a fundar os partidos politicos nacionaes. Seremos o ultimo a possuir uma organização bancaria

A grande lei da inercia domina o organismo nacional, boçalisa a nossa mente, degrada o nosso character. Deixamos sempre para amanha a realização de todos os actos de que depende o nosso progresso ou o nosso aperfeiçoamento.

A reforma eleitoral indispensavel e inadiavel no nosso paiz não nos custa um vintem. Não se pode allegar contra ella a situação precaria do Thesouro, com que se tranca a porta para a realização de outros melhoramentos indispensaveis. Entretanto, porque se não leva a effeito a reforma eleitoral? Porque o Brasil



RIO DE JANEIRO



Cascata grande da Tijuca.

RIO DE JANEIRO



Lagoa Rodrigo de Freitas.

é uma nacionalidade cataleptica e os políticos querem continuar a explora-la, mesmo ao preço da sua degradação definitiva.

Os argentinos desde 1910 possuem a sua lei de voto secreto e obrigatorio, a cousa mais simples do mundo, que não custa um vintem para realizar, que não pesa no orçamento, representando entretanto um tonico decisivo para o revigoramento moral do paiz.

Nós fomos o ultimo povo da America a proclamar a Republica, mas tomamos o cuidado de proclamal-a só no papel.

Porque a verdade republicana reside nas eleições e as nossas eleições são mentiras cynicas e repulsivas. Sob o nome de comicios eleitoraes temos artefactos de tyrannia e corrupção, orgias de fraudes, bachanaes donde fogem os homens de bem e que os cidadãos pacificos e decentes evitam, da mesma forma que evitam as tabernas e os lupanares.

O Brasil é eleitoralmente esse grande lupanar em que se prostituem todas as consciencias, ao passo que a Argentina, depois da lei Saens Peña, presencia um vigoroso e sabio renascimento civico, cujos écos transpõem a fronteira e chegam até nós, trazendo a segurança de que as eleições nesse paiz são a eclosão real da vontade de um povo altivo e soberano, orgulhoso da verdade de suas eleições, capaz de dirigir os seus destinos, livre de caciquismo, enquanto nós brasileiros, em perfeito regimen de senzala, vamos ás eleições ratificar as determinações dos nossos patrões.

O Brasil precisa de um estadista que realize no nosso paiz o que Saens Peña realizou na Argentina.

O actual Presidente da Republica Argentina já é um candidato eleito por dous partidos de opposição combinados — o radical e o socialista.

A maior parte das provincias argentinas, com o voto secreto e obrigatorio, viram esboroarem-se os governos-eleitores, passando a presidencia a ser prehenchida por candidatos de opposição, em meio do maior entusiasmo civico e de uma lucta renhiddissima. As eleições argentinas constituem agora um espectaculo civico irreprehensivel. Em Buenos Aires e no resto do paiz as eleições são disputadas por partidos regulares, de organização e programmas definidos, como sejam, o partido socialista, o radical, o constitucional e a União Civica.

A sabia lei Saens Peña obrigando a cumprir-se com verdade, não já o direito de voto, mas o dever de votar, despertou a consciencia democratica, que é a tendencia natural dos paizes capazes de Civilisação.

A consciencia nacional no Brasil está adormecida: dê-mos a lei do voto secreto e obrigatorio, ella começará a despertar e em breve se levantará na plenitude de sua energia.

A nova lei eleitoral argentina a que nos referiamos trouxe ás urnas a totalidade dos cidadãos independentes a tornar um facto politico concreto o suffragio universal que até então fôra uma simples aspiração da democracia.

E assim se iniciou na Republica platina a lucta, não mais entre grupos de profissionaes da politica, submettidos á pressão directa dos dirigentes, como ainda acontece no Brasil, mas entre as grandes massas populares argentinas, movidas segundo orientações definidas e conscientes e que melhor se precisarão com o aperfeiçoamento da opinião.

A formação dos partidos na Argentina foi uma consequencia necessaria da nova lei. O povo argentino comprehendeu que, numa contenda em que se movia uma multidão de mais de centenas de mil homens, não se podia aspirar ao triumpho de pessoas, mas de collectividades.

Tornava-se necessario optar entre uma ou outra das grandes correntes de opinião publica, porquanto o voto attribuido a uma personalidade sem ligação com um grupo organizado era, na pratica, um voto perdido.

Nós brasileiros queremos pretender a hegemonia sul-americana para o nosso paiz e as nossas eleições, manifestação da soberania nacional, são exhibições de cafagestismo, e constituimos, sob o ponto de vista democratico, um lupanar, pois as urnas constituem uma grande e quasi unanime prostituição de consciencias.

Nós brasileiros somos de uma susceptibilidade patriotica morbida e exaltada, não admittimos que o estrangeiro critique cousa nenhuma, irritamo-nos quando elle nos faz qualquer observação desfavoravel e, no entanto, nada fazemos positivamente para tornar o nosso paiz uma cousa decente, sendo que o primeiro passo para isso é despertar o sentimento da responsabilidade civica de cada um de nós e assim restaurar a consciencia nacional pelo respeito ao voto, que é a expressão da soberania nacional.

O voto é para o patriotismo o que a hostia é para a religião. Assim precisamos preservar o voto num sacrario guardando-o de todas as profanações, porque elle é a exteriorisação da consciencia intima da Nação.

Nós brasileiros indignamo-nos quando na Europa se critica acerbamente certas cousas do paiz e não nos lembramos de que isto não é um paiz mas apenas uma feitoria em que as eleições são

simulacros de designações impostas por vontades autocraticas, sob cujo regimen vivemos e de que, por falta de brio e dignidade, não nos sabemos libertar.

Nós brasileiros extranhamos qualquer critica que façam ao paiz e não temos, como cidadãos, nem vergonha, nem brio, nem dignidade, porque somos politicamente escravos de autocracias, ás mais das vezes cynicas e delapidadoras.

Nós brasileiros chamamos de calumnias, mentiras e falsidades tudo quanto os estrangeiros criticam em nós e, no entanto, nada fazemos por tornar o Brasil um paiz digno de respeito, pois somos a caricatura das republicas, consistindo o nosso systema de governo substancialmente num perfeito caciquismo de que as eleições são o simulacro externo, espectáculo permanente de degradação moral, de aviltamento colectivo de uma raça e de uma nacionalidade.

Si nós brasileiros não nos respeitamos, não dignificamos, não veneramos a nossa Patria, mas, ao contrario, a conspurcamos, a rebaixamos, a aviltamos, a envillecemos, a deprimimos, não ha de ser o estrangeiro que se deverá mostrar mais realista que o rei, dando-nos exemplos de amor e dedicação ao nosso paiz.





## CIPÓ BRAÚNA

POR

SERGIO ESPINOLA

O exito da caçada fôra-me de antemão garantido.

—E' o que lhe digo, *seu* doutor... Eu nunca vi tanta paca como neste "Sertãozinho". Ainda na semana passada, mal os cachorros começaram a trabalhar, eu já tinha espichado duas bichonas, aqui mesmo neste sitio, bem juntinho daquellas brejaúbas.

Manoel Formiga dizia-me estas cousas acororado á beira do córrego, enquanto procurava na terra humida o rastejo da caça appetecida. Á seu lado, ainda na trela, de olhar inquieto e orelhas engrilladas, a canzoada alvoroçava-se, anciando por mergulhar nos arrastões.

— Será melhor ficarmos por aqui, concluiu ao cabo de algum tempo o meu companheiro de jornada e famanaz atirador de algumas leguas em torno. O capim está muito repisado e as traças são muito frescas. O senhor fica de espera nesta trilha que eu vou fazer a soltada dos cachorros mais em cima, e venho depois garantir os olheiros da cabeceira da grotta.

Caçador de poucos tiros, desacostumado aos grandes contactos com a natureza, tão depressa Manoel Formiga embarafustou pelo primeiro picadão, e eu de todo já me havia esquecido das suas pacas, para ser só olhos e ouvidos, num mixto de enlevo e receio, ao alegre despertar daquelle bocado de paisagem agreste, onde o sol acabava de chegar, pondo um frizo de ouro na crista do arvoredado mais alto.

Pela escumilha da folhagem numa grenalha imponderavel e faiscante, ou então pelas frinchas da ramaria em longas tiras de luz, a claridade a pouco e pouco invadia o recesso da matta, adelgaçando-lhe os contornos e reaccendendo os verdes da vegetação, que ainda se marasmava, perdida em sombras orvalhadas e espessas.

Alertada nos seus esconderijos, a passarinhada, ensaiando o vôo, baixava ás clareiras ensoalhadas, onde travesseava sobre os esgalhos, a desfazer-se em trinós, regorgeios e pipilos. Dos tufos de verdura mais proximos, logo acudiam novas vozes, que se concertavam com as primeiras, preludiando a grande symphonia com que, a breve trecho, por todo o matagal, se haveria de festejar a volta da manhã.

Nas intercadencias da chilreada, rumorejos de agua corrente, estalidos de galhos seccos, fremitos d'azas, zumbidos de insectos e outros mil ruidos sonorizavam o ambiente, que todo se animava na pressa de retornar ás alegrias do sol.

De tocaia á ourela do riacho, entre moitas reçumbantes de lyrios do brejo, os primeiros latidos da cainçalha surpresaram-se em pleno devaneio de uma écloga vigiliana, quando a minha espingarda já se transformava numa avena pastoril e, a cada arramalhar da folhagem, eu cuidava entrever a figura caprisaltante de algum fauno ou oreada de cabelleira verde a resurtir assustadiça dentre a trama inextricavel dos troncos, cipós e sapopemas.

Instigando a tarefa dos cães, pouco depois chegava-me a voz de Manoel Formiga, que reboava pelas quebradas, a repetir melancolicamente os seus appêllos: — Eh, onça ! Eh, Paiz ! Vamos, Motuca !

A esse gritos de commando, que orientariam a matilha na maneira de conduzir a presa até os nossos rechêgos, eu aprestei-me para os lances mais emotivos da caçada ; e, já de arma aboccada á sua direcção, voltei a vigiar diligentemente os carreiros que me tinham sido confiados.

As pacas, cntretanto, não correspondiam á presteza do meu gesto. Dir-se-ia que os cachorros maticavam á beira de qualquer tóca, já que os seus alaridos continuavam muito longinquos e tinham sempre o mesmo som.

Cansado de esperar, ao cabo de alguns minutos de attenção e quietude, de novo deixei cahir a espingarda para um lado e, de cigarro ao canto da bocca, volvi aos encantamentos da paisagem que me cercava, compartilhando da exultação com que um bando de periquitos assaltara a copa de uma arvore proxima. Pouco se demorou, porém, nas minhas visinhanças e revoada irrequieta, que, de levante, se espavoriu, e rasando em vôo baixo os bastios do convalle, foi perder-se entre a vegetação da encosta fronteira.

Ahi, a triumphar-se do estendal de franças verdes, os meus olhos divisaram uma arvore de porte altanado e senhoril que, em pleno viço de sua floração, estadeava ao sol, como um immenso pallio de ouro, a fronde auricomada.

Embevecido na contemplação do soberbo vegetal, eu me perguntava qual seria o nome desse gigante da floresta, quando a matilha voltou a esganiçar-se com mais calor, anunciando talvez a imminência da corrida. E' verdade que Manoel Formiga não dava treguas á cachorrada e os seus gritos continuavam a restrugir pelos grotões: — Eh, onça! Toca, Jasmim! Vamos, Motuca!

Mas ainda dessa vez, como de outras, não foi mais feliz a minha expectativa. A's acuações, sem continuidade, intercalavam-se largos periodos de descanso, em que só se ouvia um ou outro ganido, e assim mesmo partido de pontos diversos, como a indicar que os cães ainda andavam no farejo da caça e trabalhavam sem orientação.

Aplacando a minha impaciencia, que já mettia a riso as promessas do companheiro, e lhe levava as pacas á conta dos grossos carapetõse com que todo caçador que se preza usa de lardear as suas narrativas, ao termo de umas duas boas horas de espera, Manoel Formiga veio tirar-me daquelle isolamento, surgindo inesperadamente a uma curva da estrada que defrontava com o meu refugio. Elle caminhava a passo lento e pelos modos parecia tambem trazer algum desanimo.

Acompanhavam-n'o tres dos seus cães, que já se diriam inteiramente alheios da tarefa que lhes fôra confiada, tal a maneira por que foliavam em conjuncto e se atropelavam em carrerias loucas, aos saltos e cabriolas, entremordendo-se, rosnando, babujando...

— Cansadinho, hein *seu* doutor? E pelo que vejo hoje não se arranja mais nada, disse Manoel Formiga a olhar desconsoladamente para os cachorros.

Só agora foi que eu vi porque é que esses diabos me estão fazendo passar vergonha e não querem trabalhar. E' que a Motuca está no vicio e elles estão só com sentido nella. Não sei como isso me passou. E' verdade que eu sahi de casa cedinho e hontem estive todo o dia na turma, sem ter olho nos cachorros.

Bem que eu tinha implicado desde o começo do trabalho com aquella cousa de só quasi que ouvir a Onça a pelejar. E' que enquanto isso os patifes andavam lá por baixo, vendo se tenteavam a cachorra.

E depois de ficar pensativo por alguns instantes:

— Mas é bem feito. O culpado sou eu mesmo. Porque é que eu não me desfiz dessa "joia" da Motuca, assim que o Medeiros foi-se embora? Eu logo vi que aquella traste não me havia de deixar cousa que prestasse.

Trazido á baila o nome do administrador Medeiros, azou-se-me de perguntar a Manoel Formiga os motivos por que tão depressa o meu amigo fazendeiro se desfizera de um empregado que fôra



admittido sob tão bons auspícios. Eu mesmo, por interferencia de terceiros, concorrera para o seu aproveitamento, baseado nas allegações que o davam como um profundo conhecedor das cousas da lavoura, além de ser um rapaz de toda a confiança e com muita disposição para o trabalho.

Manoel Formiga, numa meia-lingua de colorido inimitavel, trouxe-me então um rapido quadro do que havia sido a passagem do Medeiros pela fazenda.

Tudo, no começo, caminhara ás mil maravilhas e o homem parecia mesmo carresponder á fama que o precedera. Além de um trabalhador incansavel, capaz de se desdobrar em multiplas actividades para attender e fiscalisar os varios serviços que lhe estavam affectos, elle não se descurava dos proventos do patrão, procurando por todos os modos augmentar-lhe as fontes de renda.

A seu conselho, fizeram-se logo immensas derrubadas e as varzeas começaram a ser preparadas para receber as novas sementeiras. A fazenda não podia continuar a viver exclusivamente de café e um pouco de cereaes. Urgia tentar outras culturas. O algodão e a mamona se impunham antes de mais nada.

Mas não seria com o regimen do carro de bois e o trabalho moroso da foice e da enxada sobre uma terra já esfalfada, que elle chegaria aos resultados ambicionados; e o fazendeiro, cujos conhecimentos agronomicos não corriam parelhas com a abastança dos seus recursos financeiros, achando justas as ponderações de Medeiros, mandou sem demora buscar ao Rio um caminhão-automovel, dispendiosos e complicados machinismos para lavrar a terra e beneficiar os productos colhidos, uma infinidade de adubos chemicos, forragens seccas para o gado e sementes novas de toda sorte.

Por todos os cantos da fazenda se alastrou a febre das reformas, que foi desde o engenho de café até á mais singela moenda, não poupando o armazem em que se abastecia o pessoal, onde, da noite para o dia, a colonada cahiu em exatse, diante de um sortimento de bugiangas e avellorios, como até então nunca por lá apparecera.

Além de um numero maior de aggregados, todos os empregados da fazenda tiveram os seus salarios augmentados, pois que na opinião de Medeiros era impossivel exigir bom serviço de uma pobre gente que vive miseravelmente e mal ganhava para comer.

No intuito de incentival-os, para os colonos que mais se destacassem entre os seus pares, foram ainda estabelecidos certos premios, que eram distribuidos mensalmente, numa sessão presidida pelo



proprio fazendeiro, e a que nunca faltava um certo gráo de solemnidade.

As cousas caminhavam neste pé e o meu amigo agricultor, depois de tres mezes de convívio com o novo auxiliar, ainda não encontrara uma formula com que lhe exaltar condignamente os meritos, quando uma bella manhã, entre o pasmo de todos a nova se espalhou pela fazenda de que o Medeiros havia fugido com a mulher do João Machinista, tendo tido a cautela de empalmar previamente algumas rumas de boas notas, que aguardavam no cofre do armazem o pagamento da feria do pessoal, a ser feito naquelle mesmo dia.

Manoel Formiga estendia-se ainda sobre a figura do ex-administrador, exprobando-lhe a villania e salientando as desgraças que pesavam sobre o lar do pobre João Machinista, quando eu, na supposição de fazer justiça, adiantei que, apezar de todas as suas patifarias, não se podia deixar de reconhecer no Medeiros um individuo cheio de iniciativas e profundo conhecedor dos assumptos de lavoura.

— Qual nada! *seu* doutor. Nem isso! Tudo aquillo eram gabolices. Eu ainda estou p'ra ver um homom mais soberbo e embusteiro. O doutor talvez não acredite, se eu lhe disser que elle nem sabia como é que se plantava a mandioca.

Olhe, mal comparando, o Medeiros era como aquella arvore que alli está, a mim foi que elle nunca tapeou... E Manoel Formiga apontou-me na tombada opposta a bella arvore que pouco antes já fizera a minha admiração.

— O doutor não conhece páu, mas mesmo que conhecesse, só de olhar para aquellas flôres amarellas, havia logo de dizer que era uma braúna. Pois errava. E errava como muito bom madeireiro já tem errado. Eu mesmo, só digo que não é braúna, porque estive lá perto e conheço todo este matto. Aquillo é páu atôa, enfeitado com cipo braúna.

O senhor nem póde imaginar as peças que esse raio de cipó já tem pregado nos lenhadores. E' que elle gosta das arvores altas e dá flôr tambem no verão, no mesmo tempo que a braúna. Quem é que só de olhar para a copa toda amarellinha, póde lá saber se as flôres são mesmo da arvore ou do cipó que está enroscado nos seus galhos?

Vai dahi e se o lenhador não fôr mesmo sabido, bota a baixo um páu qualquer, cuidando que está derrubando uma braúna. E' por isso que eu só gosto de conhecer madeira no fio do meu machado. Ao menos assim a gente nãa passa pelo vexame de já estar contando de longe com umas boas tóras de braúna e ir topar depois, mes-

mo no seu lugar, com uma caixeta, casca d'anta ou outro páu sem prestímo.

E eu ainda retinha os olhos sobre a arvore magnifica, quando Manoel Formiga rematou:

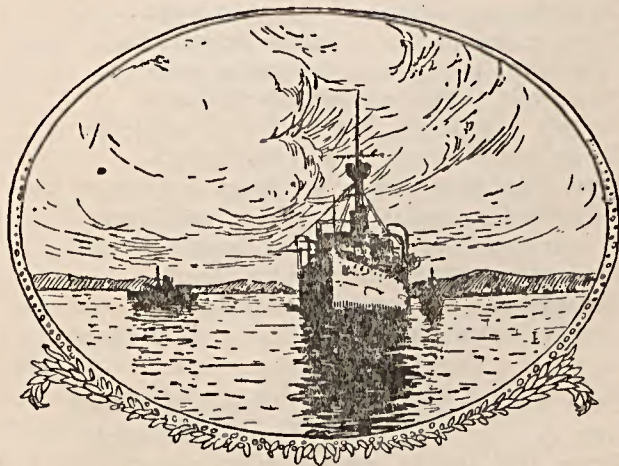
— Pois a sabença do Medeiros e toda a sua seriedade eram tambem assim: de longe muita cousa, de perto um páu atôa...

Fazia-se tarde. Se estavam perdidas as pacas, que ao menos fosse garantido o almoço. Manoel Formiga, mettendo dois dedos na bocca, deu um silvo agudo. Pouco depois a Onça, que ainda caminhava na matta, veio juntar-se ao grupo dos cães, onde Motuca continuava a ser requestada.

E já em caminho, enquanto eu acompanhava distrahidamente o vôo lento de um gavião que se calava do azul, ao arpepio do vento, sopesando-se nas azas, veio-me de novo á lembrança o symbolo admiravel com que Manoel Formiga estigmatizara os vicios do administrador.

.....

Quantos páus atôas não formam na grande floresta humana, disfarçados em madeira de lei, graças ás flôres do cipó braúna?





## FERNÃO DIAS

EPISODIO DA CONQUISTA DAS MINAS GERAES NO SEculo XVII

POR CARLINDO LELLIS

### I

Destroços do que foi, uns farrapos de gentes...

Tanto tempo passado ! Era maio. Luzentes,  
As armas sob o sol, a bagagem, os peões,  
Os fardos a guardar as fartas provisões...  
Move-se, vai partir, as selvas penetrando,  
Pelo sertão a dentro, o destemido bando:  
Não receia fadiga, e, muito menos, teme  
Perigos, si o conduz Fernão Dias Paes Leme.  
No ar lavado do sol, como uma saudação  
Retumbam, com fragor, em honra aos que se vão  
Os tiros da escopêta, os trons da colubrina.  
A cruz se alçava no ar, como benção divina,  
Em côres variegada a multidão fremia.  
Era alegria o sol, o sol daquelle dia.  
Anceava entre o pesar, anceava entre a esperança

Cada um que ia partir... Aturada provança,  
Essa de ir-se ao sertão, á remota e selvagem  
Terra, toda traição, em asperíssima viagem !  
Que lhes ficava além ? A furia dos gentios,  
A febre, a sucury, as barreiras dos rios,  
O dente cannibal, a flécha ervada, o nú  
Calcaneo ao cascavel, á sanha do urutu'.

Um abraço dos seus, olhos baços de pranto,  
A angustia do soluço...

Era bem, entretanto,  
Ser forte e não tremer. E' partir! E se apresta  
Tudo na confusão, como um rumor de festa.  
Os que ficam, em vão, clamam, num alarido...  
E' partir, é partir, é partir, rumo ao desconhecido.

Dormem, longe, á distancia, em serras, os metaes:  
São montanhas de prata e blócos de cristaes  
Verdes: são de esmeralda! e valles que as areias  
Têm de ouro, e que as levou a torrente das cheias.  
Fecha a selva o thesouro: em dèrredor se cerra  
Por aspera cadeia e os paredões da serra.  
E guarda-o, sol a sol, defende-o o carnicheiro

Selvagem cujo setta é o dardo mais certo.  
E o estranho que vingar o intricado da matta,  
Vencer fomes e a fera, e a montanha de prata  
Tiver de conquistar e as pedras de esmeralda,  
A febre o matará... E' a febre que desfralda  
O sudario da Morte, áquellas solidões,  
E extingue em estertor, em fogo, em afflições.

E' preciso porém buscar esse thesouro,  
Os cristaes de esmeralda, a grande copia de ouro,  
Talhar todo o sertão, andar de sul a norte,  
Correr todo o paiz, sulcar todos os rios,  
Galgar os chapadões, descer aos mais sombrios  
Valles e navegar no roldão das cachoeiras,  
Em balsas, em canoa, ás semanas inteiras.  
Com o selvagem lutar; em meio da saturna  
Brenha, ir buscar a féra aos recantos da furna,  
Vencel-a a bacamarte, e, mais, ir affrontar  
Nos seus valles de dôr, a Morte encastellada,  
Matando sem ser vista: a febre, a "carneirada"

Para a gloria do rei, gloria de Portugal,  
Um dia, esse thesouro ha de ser, afinal,  
Arrancado da terra e ha de ir enriquecer  
A grandeza do Reino. E não retarda em ser,  
De todo, desvendado, e as galeras ao mar,  
A's centenas hão de ir, garbosas a sulcar,  
Atochadas de prata e das barras pesadas  
De ouro, mais de esmeralda, as velas atufadas.

E partem, a buscar as terras escondidas.

Grandes, em Taubaté, ao sol, as despedidas.  
 Como uma caravana, ajoujada, de gentes,  
 Fremindo de valor, na mesma fé ardentes,  
 Parte, como quem vai á guerra, aventureira,  
 Ousada, a se internar no sertão, a "bandeira".

## II

Sete annos no sertão! Sete annos no degredo  
 Sete annos no queimar, no aneio de o segredo  
 As selvas arrancar! Sete annos de miragem  
 De sonho a allucinar, na deserta paizagem  
 O velho Fernão Paes!

Os seus já devassaram  
 As selvas do sertão. Valles esquadrinharam,  
 Viram Vupabussú, além, o Itacambyra  
 Desceram a Guaicuhy...

Mais de um selvagem vira  
 As serras de esmeralda. E' preciso chegar,  
 Seja a que preço fôr, a seus amos levar,  
 Imponente e triumphal, o fructo da conquista,  
 E, como um rei, tornar...

E se lhe estende a vista,  
 Longe... Entre os seus voltar, a S. Paulo, dalli,  
 Partindo da caudal das aguas do Guaicuhy,  
 Varar de novo a brenha, e as serras, de uma em uma  
 Galgar, entre o nevoeiro e as cortinas de bruma.  
 Transpôr, por outra vez, os rios transbordando,  
 Ouvindo ao cangussu' o ronco formidando,  
 Os dias sob a selva, a ramaria espessa  
 Que véda a luz do sol, sem sem que, por ella, desça  
 Mais que a penumbra gris de um cinzeo fim de dia.  
 E, por final, chegar entre os seus! A alegria  
 De entrar, grandioso, a villa, elle, o conquistador  
 Das minas, e o saudar, nobre, o governador,  
 E proclamal-o heróe

O seu surrão desata:  
 São seixos de esmeraldas e maticões de prata.  
 Assim, pensa Fernão. Ha de voltar. E, immoto,  
 Em seu sonho se quêda... E, lembrando o seu voto,  
 Levar arrobas de ouro e refazer a egreja  
 De taipas que deixara, e em que a Virgem alveja

A face angelical. Ha de voltar, e ouvir  
A margem do Tieté, o sino a retinir.  
Ha de ir em oração junto ás plantas divinas,  
O seu voto cumprir e dar graças de ter  
Tornado ao velho lar, vaidoso de volver,  
De feito, vencedor: Capitão-Mor das Minas.

## III

E' sombra do que foi o ousada companhia.

Ha um presago silencio. E' ao fim de um longo dia.  
Os fogos do arraial se espalham na esplanada  
Como luzes no céu em noite estrellejada.  
Para o norte, ao sertão, occulto, o Itacambyra,  
Perdido na distancia, ao sul, o Amantiquira...  
E o perlongo sem fim da estrada interrompida  
Dos rios em caudal, das serras, e a aguerrida  
Nação dos Cataguá... E o lar, a esposa os filhos  
Ficam muito mais longe. O caminho se perde  
Entre a matta a crescer, entre o diluvio verde  
Da selva a revičar, a refazer os trilhos  
Abertos na incursão, em busca do thesouro  
Das pedras de esmeralda e das pepitas de ouro.

Não é todo o arraial mais que casas ligeiras  
De troncos e sapé. E, por perto, as primeiras  
Roças. O milharal apendôa as espigas.  
E quanto lhes custou, que exhaustivas fadigas  
Fazer vingar a roça. A matta resistia  
Ao golpe do machado, atroante, que a feria.  
E, buscando, na terra, a força, exuberante,  
Mais formosa, viçava. E, no seu verde guante,  
Cingia o milharal e lhe extinguiu a vida.

O homem sentia alli, aos poucos, combalida  
A fé que o conduziu ao meio dos sertões,  
Acceso da cobiça, ás rudes incursões,  
Na luta desigual, entre elle e a Natureza,  
Era esta quem vencia; elle era, emfim, a presa  
Da força vegetal a defender a terra.  
Cresce-lhe em de redor a mattaria e o cérra  
Num circo que se faz, cada hora, mais estreito,  
Apaga-lhe o caminho, abre-lhe os braços: Leito



Em que venha atambar, em soturno abandono,  
 Para dormir, em paz, e derradeiro somno.  
 Mas, trêda, sobretudo, a Morte escaveirada  
 Entra no acompanhamento.

E leva-a a "carneirada":

Corre, por um momento, á espinha, um calefrio;  
 Uma ancia, um abandono. Emfim um arrepio.  
 Depois, a pelle queima, incendêia-se, abraza,  
 Sécca a bocca, de sêde, é todo o corpo em braza.  
 Amortece-se a luz dos olhos, e, no leito  
 Tomba como um vencido. Arqueja e, no seu peito,  
 Sente que o coração, enlouquecido, bate.  
 Vem o delirio após, e, ás vezes, o combate,  
 Bem rapido, termina... E morre, escancarado  
 O olhar, olhando o nada, aberto, apavorado!

#### IV

Quem póde supportar o inferno do sertão?  
 E' preciso voltar, e fugir do roldão  
 Da morte que levou metade da "bandeira",  
 Morte que espreita aos mais, terrivel e traçoeira,  
 Que surge á beira da agua, e de chofre, reponta  
 No meio da clareira, ou, trémula, na ponta  
 Da flexa envenenada, assaltá de improviso...  
 Voltar, rever o lar! Voltar faz-se preciso.

Mas o orgulho, o valor do chefe Fernão Dias  
 Não permitem voltar. Que valem agonias,  
 Penas e soffrimento, e mortes e tórtura,  
 A vida do sertão, mais aspera, mais dura,  
 Si é para dar ao rei arrobas e montões  
 De prata e de esmeralda?! E não tem dos poltrões  
 Elle a correr-lhe o sangue. Ha de tornar, é certo,  
 Em dia que ha de vir, e que presente perto.  
 Mas levará comsigo amostras da riqueza,  
 Que ha de arrancar do seio á bruta Natureza:  
 A prata levará e as esmeraldas finas,  
 Emfim, ha de voltar Capitão-Mór das Minas.  
 Ha de ficar alli a "bandeira", e, por deante,  
 Ainda proseguir.

Assim tem declarado,

Energico na voz, o chefe bandeirante,  
 Erguendo, no ar, a mão, em gesto arrebatado.





## V

Ficar? Si isto é a morte, ao lento, pouco a pouco,  
Apertado na selva!... E' de obstinado e louco.  
Sete annos se extinguir!... E quantos ficarão,  
Da gente que, sem fé, ora á "bandeira" resta,  
A' sombra secular, em meio da floresta,  
Sete palmos, abaixo, excavados no chão?

Dos homens da "bandeira", um delles, José Dias,  
Bronzeado mameluco, a quem as ousadias  
Fizeram respeitado, em trévas, entre a gente  
Trama a conspiração: Um dia, de repente,  
Ao fim de uma revolta, os homens prenderão  
Os chefes: Fernão Paes, o duro capitão,  
Garcia e Barba Gato. Hão de os fazer, assim,  
Aos lares regressar, e retornar, emfim  
A's terras de S. Paulo. Hão de tornar á villa,  
Entrar Piratininga, ensombrada e tranquilla:  
Em vez de conduzir os thesouros, as gemmas,  
Ha de voltar Fernão, carregado de algemas.

Solerte, o capitão surprehende os que conspiram.  
Treme do que, na tréva, os ouvidos ouviram...  
Querem leval-o e aos seus, sob o peso dos ferros,  
De certo, em zombaria, entre selvagens berros!  
Voltar como um galé, elle, o seu chefe?!... Não!  
Velho, mas valoroso, alli, nesse sertão,  
Ninguem o ha de vencer! E nunca o seu valor  
Afronta soffrerá, seja em que parte fôr!  
Não lhe hão de deshonrar as cãs, a elle, o valente,  
O chefe que talou as terras de Goyaz,  
Que tribus extinguiu!... E a elle e á sua gente  
Pretende-se prender, e deshonral-o!...

Mas...

O chefe, o mameluco...

O seu olhar, parado,  
Fica numa visão... Tanto tempo passado!  
Uma india de Goyaz!... Que linda! Elle a levou  
Comsigo. Era formosa. A morte a arrebatou...  
Ficou-lhe esse menino... E' seu filho, é seu pae...  
Quer deshonral-o o filho, e a revolta prepara!

Mas levanta a cabeça, olha em redor, e sáe,  
E a densa escuridão, como uma sombra, vára.

## VI

Em armas, á manhã, todo o arraial fremia,  
 Mal repontara o sol, mal despontara o dia,  
 Aquelles do motim, entre algemas, surpresos,  
 A' presença do chefe eram levados, presos.  
 Qual delles o cabeça, o que urdia a traição?  
 Era elle, o mameluco...

Impassivel, Fernão,  
 Sem um tremor na voz, sem se lhe ver no rosto,  
 Siquer a contração traícoeira de um desgosto,  
 Ordena que, sem mais do que um breve intervalo,  
 Façam, em frente aos seus, numa estaca, enforcal-o!

## VII

Em meio da esplanada, e pendente do braço  
 Da forca, no abandono, oscillando no espaço,  
 Um pendulo macabro! Os ohos escancara.  
 É, agitado do vento, o balanço não pára.  
 Sobra-lhe a lingua á bocca, aberta, em convulsão,  
 E se lhe crispa, em raiva, enfurecida, a mão.  
 Tem tumido, congesto, o rosto contorsido,  
 Como a mascara do odio. O labio é ennegrecido,  
 E fére-lhe o pescoço a corda do baraço.  
 Ficam nessa feição revôlta, em cada traço,  
 A raiva, a maldição que, em colera, trabalham.  
 E na orbita, sangrenta, os olhos se esbogalham,  
 Fitando em desafio, ameaçando, sem voz,  
 Sósinho, em face ao céo, a impavidez do algoz!

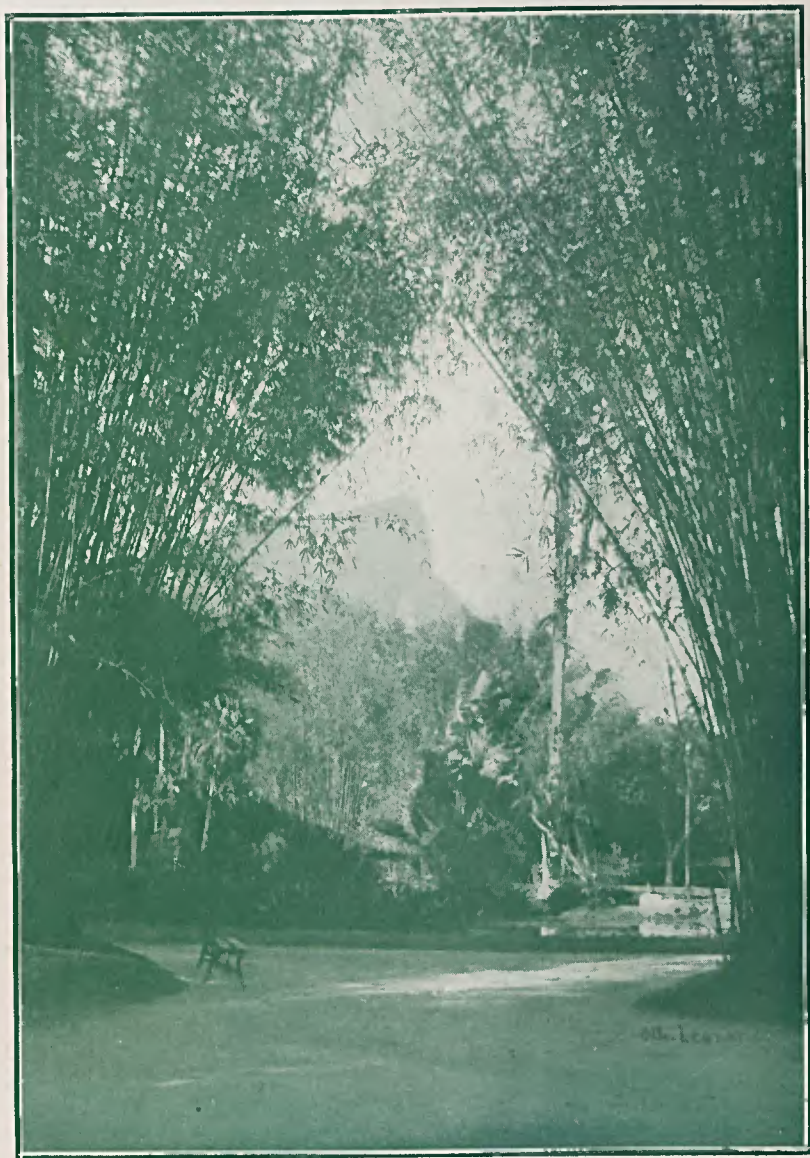
Contempla Fernão Paes, em frente, o justicado,  
 Vê da orbita rasgada aquelle olhar parado  
 Sellado pela morte. O derradeiro brilho  
 Morreu-lhe na retina, á forca! Elle, o seu filho!  
 O pae lhe fóra o juiz, o pae, o executor!

Sem sombra de pesar, sem contracção de dor,  
 Olha, em frente o enforcado, e,  
 "Do alto dessa viga  
 Seja o cadaver, diz, levado á sepultura."

E accrescentou depois, alçando a voz segura:

"É, em busca da esmeralda, a expedição prosiga"!

RIO DE JANEIRO



Jardim Botânico.

RIO DE JANEIRO



Lagoa Rodrigo de Freitas e Avenida Delíim Moreira.



## A PAIXÃO DO EX-BOMBEIRO

POR

ALEXANDRE MELO

Naquella fundura estreita e de má fama do becco dos Pardaes que era o alcoice da cidade, ficava o voluptuoso ninho de amor do ex-bombeiro Barnabé. A cousa tinha dado que falar... A Bahianinha não era bem vista na redondeza, e aquelles seus olhos quentes que eram o tormento dos homens e das mulheres tambem, provocavam a ira e o despeito das outras, as do mesmo officio que, de tocaia á freguezia pela nesga da janella, rosnavam ao vê-la passar, toda catita nos seus roupamentos vivos, bem feita de corpo, roliça.

— Lá vae ella! Não toma geito e desavergonhada!... punham-se a fallar, num desabafo, inventando cousas, lembrando scenas e factos: — “e daquella vez que a bicha comera cadeia, pernoltando lá no secco, sem homem?...”

A mulata, entre os soldados gulosos e admiradores, subira pelo meio da rua, firme, desempenada, o chale vermelho trançado por baixo do sovaco sobre o seio redondo, as chinelas gritantes...

Atrás, o ex-bombeiro, carrancaça enfezada, o chapéu no olho, o toco ao beço, e a mulher, a Nha Dita, aquella negrinha arrelienta e ciosa que viera brigar com a outra por causa do marido.

Fôra em pleno meio-dia.

A casa da Bahianinha estava quieta mas ouvia-se lá dentro a voz do homem, a fallar, e as risadas rasgadas da rameira.

A mulher chegou, espiou de fóra e varejou pelo corredor a dentro, reivindicadora e furibunda. Resolvera que aquella vida de inferno havia de acabar a bem ou mal.

Eram rugas todo o dia, sopapeamentos, a criançada sem pão nem feijão, e ella feito escrava a se matar na barrela, lavando o panno alheio para o sustento daquelles descarados. Porque o homem chegava á tardinha, taciturno e ameaçador, fedendo a pinga e pedia-lhe dinheiro.

Dava-lh'o, com medo ás pancadas, cheia de experiencia, e ia chorar lagrimas sentidas, com os tiozinhos no collo, á beira do rio.

Muita vez lembrou-se de pinchar-se nagua, morrendo lá no fundo para acabar aquella vida maldita.

Mas o instincto fallava alto e ficava ruminando projectos de vingança, pensando naquella faca pontuda e enorme do "sô" Zéca do açogue. Deu-lhe a mania de ir fincar-se á porta do marchante, num prazer agudo de vê-lo empunhar o facalhão, a retalhar as carnes...

Dia a dia iam as cousas de mal a peor

O marido, agora, não apparecia que não fosse para pedir-lhe dinheiro, para roubar-lhe dinheiro, ameaçando-a com a foice do quintal. E o mais doido de tudo, é que o amôr de Nha Dita pelo marido rebelde não passava e vinha crescendo, crescendo como o rio no tempo da chuva.

Chorava, dependurada do pescoço d'elle, com os braços negros e lustrosos, chamando-lhe "meu fio", "meu amô"... Elle, bruto e retinto, fazia cara de enfado, o olho muito alvo, a dentalhada branquissima — Tá bão! Tá bão!... E sahia, empurrando a mulher, empurrando os pretinhos, cachimbando... Na cabeça da preta, volviam novamente os planos sinistros. Chorava, chorava, com raiva, com odio, esfregando roupa, ganhando dinheiro para elles enquanto lagrimas iam pingando e cahindo no rio. Lembrou-se da faca do açogueiro, retalhando...

Parava, os pannos molhados na mão, as pernas nuas pelo joelho, mergulhada nagua, a imaginar o prazer de esfaquear tambem, assim, as carnes da rival — *Precisava matá aquella peste...*

Um dia bem cêdo, de trouxa á cabeça, foi vêr o "sô" Zéca, e comprar umas carnes de patinho. Enquanto o homem, de costas, serrava um osso, sobre o cêpo, ella, olhando para os lados, roubou-lhe o facão e enfiou-o na trouxa. Estava um cão faminto uivando á porta, esmolando migalhas.

— Crédo! "sô" Zéca! Tenha dó do cão... disse. Depois pegou a carne e sahuiu.

Foi nesse dia que Nha Dita resolveu levar a cabo o seu sonho de vingança.

O ex-bombeiro chegou, querendo "algum dinheiro", olhar carnicheiro, gaforinha empomadada sobrando das abas do chapéu.

Enxotou os negrinhos para o quintal, sentou, comeu um caldo de herva com farinha e resmungou, enfiando os nickeis no bolso. Accendeu o pito e sahuiu. Na venda do italiano parou, falou de fóra e continuou, com um embrulho no braço.

A mulher vinha atrás, espiando de longe; estacou irresoluta, encostada á esquina: esteve scismando, depois... Chegou, es-

piou e varejou pelo corredor a dentro, reivindicadora e furi-bunda.

A Bahianinha, deitada na rêde, de coxas trançadas, fumava vagarosamente, o braço gordo e nu cahido para o chão. O ex-bombeiro, de cabeça baixa, botava umas cordas no violão.

Nha Dita galopou sobre a rival, de facalhão nas unhas, ber-rando: Tóma, peste!...

A mulata, de susto, rolou da rêde, gritando por socorro. O ho-mem, rápido, arremessou o violão á cabeça da agressora. Mu-lher e instrumento rolaram pelo chão com estrondo. Ergueu-se, estonteada, e ainda se atirou contra a outra: abraçaram-se: ro-laram por terra, com as pernas de fóra... O sujeito interveiu, tomando a defesa da amante, esbordoando a mulher, pisando-lhe o corpo... A Bahianinha gritava, Nha Dita berrava, o ex-bom-beiro regougava, espancando.

A vizinhança acudiu, curiosa e avida de escandalo, cheia de cuidados hypocritas, "reparando" na casa. Veiu a policia e le-vou-os. Os magotes das esquinas e as caras bisbilhoteiras das ja-nellas foram desaparecendo.

E a rua soceguou...

Depois disso o ex-bombeiro abandonou definitivamente a mu-lher e passou a viver maritalmente com a Bahianinha. Mesmo porque aquella pobre da Nha Dita, ninguem mais sabia della!.. Diziam que mudara, fugira para longes terras; diziam que tinha enlouquecido e lá etava no hospicio, a ter allucinações com o "desgramado" do marido: diziam que tinha morrido...

Ninguem sabia onde parava aquella pobre "negra de Deus".

O homem, pouco se lhe dava sabê-lo. Tinha pegado birra com ella. E, demais, estava positivamente dominado pelos encantos da mulata. Quedava-se risonho, a vél-a dentro de casa, para cá e para lá, o busto bem feito, as ancas arredondadas, o pé bonito, pequeno.

Agarrava o violão, dedilhando queixumes: ella vinha e, junto delle, na rêde ou no collo da espreguiçadeira, cantava tambem, com uma voz quasi bonita.

Bebiam licores baratos, beijocavam-se, mordiam-se...

Mas, afinal, aquillo não podia continuar assim. O dinheiro que havia, pouco, foi-se na calaçaria do homem, e ninguem vive de amores, ainda que impuros.

Por ahi começaram as primeiras rugas e os germens de futu-ras discordias, porque a mulata, petulante e desbriada, erguida deante delle, fizera umas insinuações, dizendo que poderia ga-nhar quanto dinheiro quizesse...

O ex-bombeiro sahiu furioso, batendo a porta da rua. Uma



cousa qualquer, uma como apprehensão ficara dentro delle, no peito, na alma, como um punhal cravado.

Entrou no botequim do italiano e pediu um trago. Havia gente abancada em roda, bebendo e cuspindo, dando á lingua.

— O'ia só! C'aquella idade e atrás de saia!...

Pôz attenção, virando a cara enfesada para as vozes. Quem havia de sêr?!...

O velho Souza, aquelle mesmo que sahia de tocha e balandrau nas procissões, dorminhocando pelas ruas, fungando rezas!...

Dizia-se que o sujeito tinha algo de seu, umas casas, letras da Camara dando bom cobre... Mesmo algum dinheiro enterrado ao pé do muro...

O negro botou o nickel e sahiu pensativo, com uma grande raiva dansando-lhe na cabeça. Nesse dia demorou fóra, mas, ao voltar, vinha empregado, e de pacóte com gulodices para a amasia.

O violão cantou de novo, pelintramente, e a voz aguçada da mulata ergueu-se no ar, tremulante, como a chamma da véla que o vento secode.

Parecia que a tranquillidade tinha descido, uma vez ainda, para a companhia de ambos.

Na vizinhança, amiude, rebentavam charivaris barulhentos de gente bebida e ouviam-se as mulheres esbordadas berrando por soccorro. Havia correrias no becco, falatorios, choradeiras e a policia que vinha...

Punham-se a rir, os dois, enojados daquella vida miseravel dos outros, dos seus deboches e das suas bréchas, e da cadeia que os esperava.

Nesses momentos, a creoula, sentada nos joelhos do macho, beijava-lhe a barba, o cabello, fallando da sua fidelidade. O preto abraçava-lhe a cabeça, satisfeito e amoroso, inundando-lhe o cogote e os hombros de beijadas sensuaes.

Mas, na redondeza, as linguas se agitavam...

Caras curiosas tinham visto o da "tocha" entrar em casa da Bahianinha na ausencia do seu homem. Riam della, despeitadas e ordinarias, sabendo as economias do babão, vendo nelle um bolso facil de roubar.

Houve mesmo quem lembrasse de contar ao ex-bombeiro, toda aquella sordida trahição da amasia com o velho sexagenario. Mas tinham-lhe medo á sua coléra, ao seu chapelaço derrubado no olho... Limitavam-se a murmurar distrahidamente, em ar de conversa ingenua, quando o viam passar: — Então o da "tocha"!... O que mais não se verá, santo Deus!...

Parece que o negro desconfiou de alguma cousa... Andava mais casmurro, embezerrado, olhos ameaçadores para tudo...



Um dia appareceu em casa, inesperadamente.

A mulata estava para o quintal, a colher quiabos na horta viçosa, e cantarolava, sentada de cocras.

Esteve a olha-la, da porta da cozinha, indeciso e bestão:

— O' Saninha!... Ella virou para trás uma cara espantada.

— Xé, homem! Você em casa, estas horas!... Garrô vadiagem outra vez?...

Elle mudou de tactica, desconfiando, cada vez mais, de que a amante o trahia com o tal da "tocha".

Ja metter-se na venda do carcamano, a beber grogues, e dalli do canto, debruçado da mesa, ficava espiando o becco vasio.

Na vespera, tinha tido uma rixa feia com a femea, por causa de uns brincos novos que descobrira num gavetão.

A Bahianinha jurava que aquillo era "cousa velha", do tempo do seu agarramento com o Xéde sacristão, que lh'os dera numa noite de amôr, a troco do seu beijo quente e doce...

Elle roncou, disse pragas, de olho vermelho, querendo já esbordoar-la. Ella insistiu affirmar, em jurar, e — que podia perguntar "p'r'elle" se quizesse, para acabar com aquella ciu-meira.

— Diabo do inferno!... Punha-se agora, de atalaia no botequim, a olhar, a espera nem elle sabia de quê.

Mas, afinal, quem porfia mata caça... Era uma segunda-feira, desenxabida e quente. O velhote dobrou a esquina e entrou no becco, carcovado e tropego, de fraque marrão e bengala. Desceu pela calçada opposta, melifluo, canalha, e parou lá abaixo, em frente á casa.

O negro foi-se levantando e chegando mais para a porta, espiando, com uma ponta de cabeça de fóra.

O sujeito atravessou a rua, direito, e entrou...

— Que velho desgramado!...

O ex-bombeiro pagou a pinga, calmo, satisfeito e sahiu assobiando. Veio descendo. Parou e entrou pela janella, sem bulhã! Estava um zum-zum na varanda e os anneis da rêde gritando nos ganchos.

O typo erguia a voz, a momentos, uma voz molhada e palerma, dizendo o seu amôr, querendo que ella abandonasse "aquelle negro sujo" para ir morar com elle, "numa casa limpa, com móvel na sala"...

Resistia a Bahianinha, enjoada, fingindo zanga, gabando o seu homem.

O outro beijava-lhe o braço, o hombro nu, enfiando a cara pelo decote largo.

— Homem?... Um chimpazé!...

O negro surgiu no humbral, formidavel, de tranca de ferro na mão.

A mulher saltou da rêde, com um grito agudo, desarranjada, o peito de fóra.

O velho, de joelhos, pedia misericórdia, cobarde e chorão. O ex-bombeiro ergueu o ferro no ar e desfechou uma pancada cêga, arrebetando a cabeça do homem, espirrando sangue e massa pelos cantos.

A mulata deitou a correr, apavorada, pela porta da cozinha.

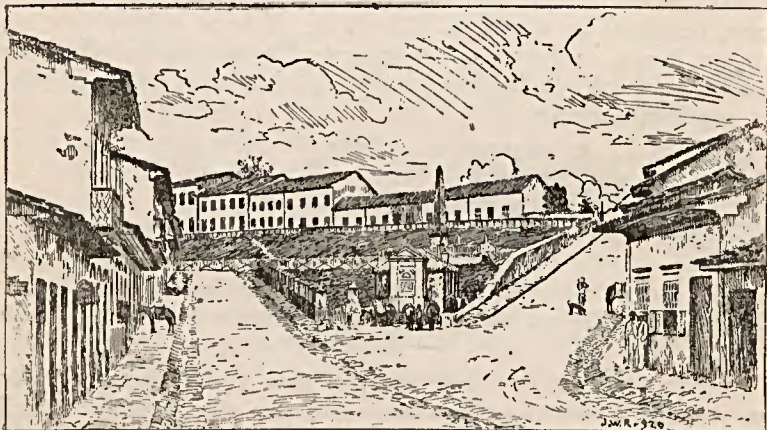
O amante, pela janella, atirou-lhe a tranca ás pernas. A mulher rolou a escada com um gemido profundo e cahiu lá em baixo, nas pedras, com as tibias quebradas.

Elle desceu, vagaroso, hirto, como um somnambulo, fóra de si, e veio ajoelhar-se aos pés da amasia.

Um fio de sangue raiava da bocca da Bahianinha para a orelha, e no canto dos olhos pairavam lagrimas.

Esteve pensando na grande dôr que ella soffrera, olhando o seu corpo martyrizado, perdido para sempre.

E cahiu num choro ruidoso, desesperado, agarrado á mulata, beijando-lhe a bocca sanguinolenta...



Largo do Piques.



## PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

Descia a noite sobre a cidade ruidosa. O céu brusco e enfunado lembrava um fôrro immenso de fabrica.

Leonardo, submerso em profunda meditação, caminhava um pouco ás tontas, pela avenida Rangel Pestana, rumo do chalet onde moravam, no Belemzinho.

O abalo moral que lhe causara a traição de Gina produzira-lhe doloroso sentimento de solidão, de angustia e de desamparo. Ia tão perdido em suas tristes scismas, que ao chegar junto ás porteiras da Estrada de Ferro, perto da estação do Norte, apesar da aglomeração de gente e de vehiculos, avançava abstracto, sem advertir que para passar, havia de esperar ou então dar volta pela ponte. Foi preciso que o detivesse impossibilidade material de continuar a andar. Viu-se assim acotovellado no meio da multidão que anciosa aguardava a passagem do trem. E o aspecto daquelles pobres carroceiros, carregadores e operarios, apinhados allí, e pelas proximidades determinou a direcção das suas idéas.

Ultimamente, com a decepção que tivera, cahira em grande desalento. Até o seu entusiasmo pela Reforma Social andava repassado de amargor. Recapitulara de si para comsigo a evolução dos ideaes e verdades que se succedem de epoca em epoca, todos egualmente violentos e inflammados nos começos das eras novas, assim como caducos, moribundos e sem prestigio sobre os espiritos após algumas gerações. E a visão dessa repetição eterna e monotona enchia-o por vezes de cansaço e desengano; como se fôra condemnado á semelhança de um Ahasverus a as-

sistir ao desfilar dos seculos, com as suas esperanças e desilluções incessantemente renovadas.

A vista daquelles homens maltrapilhos e sujos, condemnados ao trabalho de manhã á noite, ao pé dos grandes edificios, das obras da industria, dos prodigios da civilização, fez-lhe sentir mais uma vez indefinivel tristeza. E perguntava-se, com desanimo, se valia bem a pena de lutar tanto para que individuos e povos se subvertessem todos na mesma voragem das cousas ephemeras e irremediaveis.

Nisto passou o comboio fragorosamente, imagem materialisada em ferro e fumo do genio de um seculo pesado de injutiças e oppressões disfarçadas ironicamente em luzes, direitos e progressos. Abriu-se a porteira e a multidão precipitou-se. Leonardo deixou-se ficar para traz e, seguindo vagorosamente, alcançou o passeio do lado opposto.

Sentia-se tão só e parecia-lhe tão sombrio aquelle barulhento entardecer, na cidade, que um gelido sopro de Ecclesiastes lhe passou um momento pelo generoso coração. Só uma cousa se lhe afigurava naquelle instante como certa. E' que os homens só repousariam e respirariam de maldades e explorações quando cessasse a vida... Nunca haviam de aportar a esse paraíso tão suspirado onde não houvesse mais luctas, competições, carneficinas e dores de toda a casta. Pois que significavam os ideaes de felicidade e egualdade senão o nada, o não - ser?

Mas será isso razão para abdicarmos? pensou. Será por acaso preferivel a existencia pequenina e esteril do bruto, que se contenta com os prazeres materiaes? Embora todos os esforços venham a resolver-se em poeira e disparar em desilluções, não valerá a pena de lutar por lutar, de sonhar pela alegria de sonhar, de apaixonar-se a gente pelos ideaes de seu tempo e de sua geração?

Taes interrogações deslocaram o seu ponto de vista do absoluto para o relativo. Certo cada epoca tinha o seu ideal e a sua verdade. Não havia uma verdade, mas milhares de verdades. Fosse, porém, como fosse, era preciso uma fé para se elevar a vida e tornal-a digna de ser vivida. E tudo indicava que estavam atravessando um momento de universal expectativa angustiosa. Todos os velhos idolos tinham perdido seu ascendente no espirito dos homens. A descrença, o amollecimento das vontades, a desorientação, a ausencia de consolação e arrimo para as almas revelavam-se mais ou menos em todos os paizes. Como na decadencia do Imperio Romano, havia como que espalhada no ar uma sêde ou ancia de um ideal novo, que viesse levantar e exaltar o esforço humano. Era o mesmo afan na bus-

ca de novas regiões de esperança, na escalada de novos céos... Uns apellavam para um neo-espiritualismo, outros para as mais blasphematorias negações, todos inquietos espreitavam os espaços e sonhavam com o apparecimento de novos sóes. De nenhuma outra parte, porém, parecia poder vir a salvação com tanta força e probabilidades de victoria do que das camadas mais humildes dos desherdados e opprimidos. Pouco importava que fosse essa ou não a verdade e a justiça, porque afinal a verdade e justiça são puras creações humanas... O que importava é que consolasse e amparasse as almas, fascinasse e embriagasse a pobre humanidade, em sua eterna corrida para as metas ironicamente moveções ou os horizontes que recuam sempre de esplendor em esplendor...

Leonardo todo entregue a essas meditações, voltava insensivelmente ao seu fervoroso optimismo, apenas obumbrado um instante pela tristeza da hora e a recordação ainda pungente da traição da moça com quem sonhára para companheira. Todos os recantos de seu ser povoavam-se mais uma vez de esperanças. Que importava o procedimento de Gina? Não fôra ella victima das desigualdades sociaes? Vendera-se como tantas milhares de filhas de proletarios se vendem diariamente. E chegava a perdoar-lhe no fundo de sua alma. Era porventura responsavel por ter que disputar sósinha — tão fragil e pequenina! — um pedaço de pão á força monstruosa e anniquilladora da hydra de cem cabeças que é o capital?... O certo é que nas mais impenetraveis escuridades de sua subconsciencia batia azas — oh! com que secreto movimento que nem a si mesmo confessaria! — a esperança tenaz de um dia redimir tambem a ella...

E os antigos sentimentos, que estiveram um instante como que sopitados em desgosto, volveram á tona com tanto maior fervor quanto agora estava mais só e mais necessitado de consôlo. Doravante, mais do que nunca, teria por irmãos aos pobres operarios. Consagraria á sua causa toda a sua vida e todos os seus haveres. E enternecia-se, re-experimentando os estados de alma provocados pelas paginas outrora lidas. Vinham-lhe á memoria em ondas de fraternidade humana "Os Maus Pastores", de Mirbeau, os angustiosos romances russos, o jornal "Les Temps Nouveaux", e "O Mundo Redimido", as obras de Reclus, Kropotkine e Malatesta, emfim toda aquella athmosphera de revolta e mysticismo de que se saturára a sua extrema sensibilidade. Revia com ternura as physionomias dos *camaradas* e tornava a sentir a mesma piedade pelas operariasinhas que, nem bem amanheceu, iam em bandos garrulos para as fabricas e arma-

zens. Dir-se-ia que o frescor rosado daquellas manhãs em que tantas vezes fôra ver passar Gina lhe inundava novamente a alma. Aqui uma pontinha de esperança indecisa lhe acenava para felicidade muito pessoal, algo de mysterioso e enigmatico, uma como saudade da Cidade Futura, onde teria querido poder ir encontrar o seu amor... Era que o seu coração dolorido presentia immenso despontar de alvorada por sobre os horizontes encantados de uma terra nova, uberrima e inesgottavel, futura patria universal, bemdito paiz todo de ouro e esmeralda...

## XXXV

Essa noite Leonardo teve um sonho á maneira de Hippolyto Dufresne.

Levantando-se pela manhã como de costume, sahiu a tomar o bonde para o centro da cidade. Mas com assombro que tocava as raias de um deslumbramento não reconheceu mais as ruas de S. Paulo. Tudo se havia transformado como por obra de alta magia. Ao envez de sordidas casas que se amontoavam e agglomeravam, empurrando-se umas ás outras pelas viellas do Belém e do Braz, eram largas avenidas ladeadas de edificações simples, hygienicas e floridas de encantados jardins de Armida. O céu claro e abençoador estava semeado de passaros mecanicos, tripulados por seres humanos que mais pareciam creaturas aladas, formosos cherubins tranquillos e fraternaes. Apenas chegou á altura onde suppunha iria tomar o seu bonde, dirigiu-se-lhe, sorrindo maviosamente, uma linda figura de androgyna ou de ephebo, trajada á masculina, mas de sedosos cabellos cacheados e com uns modos de olhar reinadios, salpicados de pontos de ouro. E disse-lhe encantadoramente:

— Eu sou Ginon, camarada. Queres dar-me o prazer de vir commigo no meu aeroplano? Deixar-te-ei no logar para onde te destinares. Hoje estou de folga, de sorte que poderei levar-te a qualquer parte, ainda que seja á Guanabara ou á Cidade das Minas... Esta andorinha tem azas de vento... Como te chamas, camarada?

— Chamo-me Leonardo... Mas tu não és Gina?!

— Gina! Que idéa! Sou Ginon, camarada... Superintendo uma zona de raios no extremo sul da União Fraternal Americana. E', como vê, um officio bem leve, porque os patagões, de ha muito, perderam a velleidade de fazer incursões pelos terri-

torios que fazem parte da Harmoniosa Confederação dos Povos...

Leonardo não cahia em si do meio enlevo, meio estupor em que se achava. Aquillo tudo ultrapassava os limites de suas mais arrojadas previsões do futuro. Lembrou-se então de haver lido em um dos seus auctores estas palavras propheticas: "Até chegarmos a uma modificação total da sociedade escoar-se-á uma duração geologica. Os homens desse porvir longinquo serão taes que a um pensamento actual seria impossivel comprehendel-os. O que lhes diz respeito é um verdadeiro conto de fadas. O certo, porém, era que esse maravilhoso conto de fadas estava alli visivel e palpavel diante delle. Dissimulou o seu espanto e disse o mais naturalmente que poude:

— Está bem, camarada Ginon. Aceito o teu offercimento. Podes levar-me ao extremo sul da União Americana... Mas de caminho explica-me a organização social em que vives... Porque devo dizer-te, embora não possa comprehender como isto se passa, — venho do seculo XX da era christã e ignoro completamente em que epoca estou...

Aqui o ephebo mostrou-se surpreso, se bem não tanto como era de esperar.

— E' extraordinario, retrucou. Alguns dos nossos sabios pretendem ter descoberto um processo de embalsamamento em virtude do qual póde um ser humano, segundo asseguram, jazer em estado de mumia seculos ou millenios para, no momento dantemão marcado com uma precisão mathematica, tornar á vida com o mesmo vigor da idade em que se submetteu ao tratamento interruptor das funcções physiologicas... Mas o que eu ignorava é que já no seculo final da "era sombria" semelhante cousa tinha sido praticada. Dahi vejo que não têm razão os que chamam a epoca donde vindes de pre-scientifica ou de tenebrosa barbaria. Mas vamos, camarada, afim de tomarmos refeição numa das villas de ouro que separam o Paiz das Esmeraldas da Icaria Azul-prateada...

Nisto tirou de uma bolsa que trazia á cintura uma especie de cofrezinho transparente e, apresentando-o a Leonardo, acrescentou com delicioso sorriso, a tempo que se lhe desenhava no mento uma encantadora covinha relembiativa da Venus de Milo:

— Respira isso, camarada. Do contrario, não supportarias a velocidade com que vamos atravessar por cima das Communas Verdes...



Elle recebeu o frasco e levando-o ao nariz, sorveu com delicia um como odor fragrantissimo e capitoso, que lhe proporcionou estranho bem-estar. Tomaram assento na machina volante e seguiu-se esfusiada de sonho. Lá embaixo a terra amiga e redimida desfilava vertiginosamente coberta toda, quasi que sem interrupção, de architecturas insonhadas, rodeadas de campos cultivados, de florestas, de jardins, de parques nunca vistos... Era um mundo novo e maravilhoso.

— Explica-me agora uma cousa, disse então Leonardo... Em que data estamos, se é que vigora a antiga chronologia?

— No anno 521 da libertação de Prometheu... respondeu tranquillamente o estranho personagem. E teve a complacencia de ajuntar uns esclarecimentos: Prometheu é um antiquissimo symbolo que se perde na mais remota noite dos tempos. Com certeza ouviste fallar nesse mytho, que é muito anterior á epoca em que nasceste...

— Perfeitamente... Era a imagem da humanidade acorrentada ao soffrimento...

— ... á miseria e á fome... O soffrimento é eterno e é um grande bem... Mas depois de uma immensa guerra que ensanguentou a terra, nos começos do seculo XX, em que foste embalsamado, — depois que uma grande nação inaugurou o regimen collectivista, dando origem ás tentativas e desanimos que envolveram os povos em mais de cem annos de desordem, levantes e revoluções, surgiram afinal os Tyramnos Bons, que impuzeram rythmo ás forças dispersas, lançando os fundamentos da Harmoniosa Confederação dos Povos... No dia em que as explorações e usurpações desapareceram da face do nosso astro, lembraram-se do velho symbolo e a nossa era ficou chamando-se “da libertação de Prometheu”... Parece mesmo que houve um propheta ou vidente europeu que annunciou esse acontecimento em plena barbaria do seculo XIX...

— Refere-se talvez ao inglez Schelley...

— Não me recordo bem... Mas logo á noite consultarei a respeito o meu apparelho de phono-paleographia... Verás, camarada Leonardo, como elle funciona com admiravel precisão... Foi uma linda aquisição que fiz... O interessante é que se adapta a um engenho photo-cinematico tão perfeitamente, que poderemos percorrer juntos todos os successos de teu seculo, como se lá estivessemos vivendo... Depois has de dizer-mê se não é exacta a reconstituição das menores cousas...

Neste ponto Leonardo quedou triste e pensativo. Em seguida disse com amargor:





— Vejo com dolorosa surpresa que ainda existe *o meu e o teu*, que a nova ordem não aboliu a odiosa propriedade individual...

— Como não, camarada! atalhou Ginon. Cuida acaso que os polvos monstruosos da “era sombria” não desapareceram todos? Verdade é que persistem alguns abusos e males. O *rythmo* social não attingiu ao mais alto gráo possível de perfeição relativa e humana. Mas á terra, o ar, a luz, com os seus fructos e applicações, assim como todos os meios e instrumentos de produção, são patrimonio commum de todos os homens... Isso, porém, não quer dizer que a gente não possa gozar e utilizar os bens da vida... Ha ainda e ha de haver sempre ricos e pobres, porque uns são mais bem dotados que os outros... Mas quem faz a maior ou menor riqueza de cada individuo é a natureza-céga, e não o máo funcionamento ou desharmonia das forças sociaes... Todos podem fruir da existencia, na medida da sua capacidade; mas ninguem pôde accumular em detrimento dos outros... A vida ainda é *lucta*, mas *lucta leal*, *lucta* das forças *reaes*, e não ficticias. Depois todo ser humano é sempre um irmão...

— E o problema dos sexos, camarada...

— A distincção dos sexos é assumpto de ordem muito intima e privada. Só os filhos interessam á União Fraternal... O resto...

Aqui Ginon baixou as palpebras, com os longos cilios a tremer.

— O resto, camarada, é a mais nobre e mais livre das outorgas. O instinto primitivo transfigurou-se em belleza e divindade...

— Até que enfim exclamou o moço — a pobre humanidade descobriu o segredo da paz e da felicidade!

— Paz e felicidade são cousas com que muito se occupam os nossos poetas, atalhou o androgyna. Por ventura o camarada foi poeta, na “era sombria” onde viveu a primeira parte da sua vida?

Leonardo olhou fito para o singular companheiro, a ver se descobria alguma expressão de ironia no seu rosto. Elle, porém, parecia tão absorvido em dirigir o vôo do aparelho, que desistiu de decifrar o enigma. Calou-se e entrou a observar com extrema curiosidade uma especie de passaro *roca* que crescia muito alto no azul.

— Que vem a ser aquillo, camarada? perguntou, apontando para a mancha escura.

— Creio ser um expresso marciano que se dirige para a Christantemia. Ah! no teu seculo, lembro-me agora, o nosso planeta ainda não tinha encetado communições com os demais astros... Pois o camarada vae ter occasião de conhecer os habitantes de meia duzia de patrias diversas... A nossa patria é a terra... E' pequenina, camarada; mas é a nossa casa, a nossa amada casinha... Não lhes invejemos o esplendor. Porque nós temos o *sentido* da vida e conhecemos o Amor...

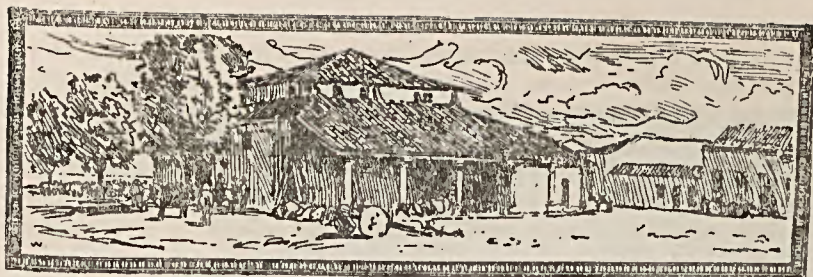
— Graças aos deuses bemfazejos ainda ha Amor debaixo do céu?! exclamou Leonardo deslumbrado, pois suspeitára, em vista dos modos singulares de Ginon, que o coração humano se tivesse despojado — ai! — de todos os antigos sentimentos.

— Porque dizes *ainda*, camarada, como se na "era sombria" de que procedes fosse o amor conhecido e praticado! Pois se o Amor, o Amor Universal é cousa recentissima, que se começa apenas a organizar no mundo!... E uma das maiores glorias de nossa patria — a Terra — consiste justamente em ser a annunciadora do Amor entre os demais seres do Infinito...

Aqui Leonardo despertou estremunhado e, recordando vivamente a traição que lhe ihe inflingira a chapeleirinha, sentou-se no leito com o coração atravessado de lado a lado por dilaceradores soluços de sangue, e levando as mãos aos olhos chorou como uma creança: — "Ah! Gina! Gina! Acabo de sentir o que poderias ter sido, se uma fatalidade melhor te houvera guardado para a Cidade Futura. Pobre victima da maldade dos homens! Quando ha de chegar o dia da tua redempção!"

(*Continúa*).





## A ARTE NACIONAL

POR

RAUL POLILLO

O numero dos artistas brasileiros cresce continuamente e, no entanto, a arte nacional continúa em embryão. Dentre os artistas e, principalmente dentre os escultores e pintores, depois do saudoso Almeida Junior, talvez não se encontre um que, atravez de suas obras, demonstre ser puramente nosso. Geralmente suas telas vivem de plagios Moraes, evidentes. São bonitas, não bellas, mesmo considerando-as como obras de arte universal. Quando muito, agradam aos nescios ou aos leigos em arte.

Perguntae a um pensionista do Estado porque pintou uma "Madona", uma "Magdalena" ou outra obra qualquer, e elle vos responderá que assim o fez porque admirou uma tela igual de Raphael, muito considerada na Europa; porque gostou do assumpto, ou, ainda, porque Andréa del Sarto, Sebastiano del Piombo, Rubens ou Dürer attingiram a gloria tratando assumptos semelhantes.

Nunca vos dirá que pintou por sentir a necessidade imperiosa de desenvolver este ou aquelle thema. Dahi a falta do caracter nesse ramo de arte, e ainda mais de caracter brasileiro.

Para provar que a pintura pode ser nossa e moderna, sem plagiar autores ainda que famosos, é sufficiente um ligeiro exame das obras estrangeiras. Consultando-as vemos que as ha de caracteres infinitamente diversos.

Examinemos, por exemplo, as da escola veneziana, florentina, ou napolitana. Todas ellas têm o caracter local; são muito differentes entre si, mas não desmentem a flagrante sensação de italianidade e são estupendas como obras de arte moderna. Marcham de par com a evolução universal e, como vestaes magnificas, con-

servam o caracter da sua nação, da sua provincia e da terra, as vezes tão limitadas em territorio quão escassas em bellezas!...

As obras francezas distinguem-se das italianas, das hollandezas e mesmo das flamengas, com as quaes, apesar de tudo, teem muita affinidade; e possuem sempre a nota accentuadamente moderna e o esvoaçar grandioso das poderosas innovações geniaes, sem desmentir, por um momento sequer, a sua nacionalidade.

Ora na variação do colorido predominante, ora nos assumptos ou themas desenvolvidos, ora na maneira de sentir a psychologia do factu ou na argumentação complementar das luzes e das posições, vivem poderosamente o caracter nacional e a individualidade do auctor.

As obras do illustre Michetti são extraordinarias; os themas poderiam muito bem ser da Allemanha, da França ou da Russia; quando os examinamos, porem, sentimos que são themas italianos ao menos pela maneira com que o artista se exprime.

As scenas predilectas do francez Enjolras podem passar-se em qualquer toucador de qualquer nação; apesar disso, vendo-as e sentindo-as, convencemo-nos de que são puramente francezas. Têm o *quid* mysterioso da nacionalidade. E quando fossem assim executadas por artistas allemães ou italianos, não poderíamos deixar de sentir terem elles agido sob a influencia do francezismo, mentindo, portanto, ao seu caracter nacional.

Nós, os brasileiros, não temos e, talvez, estejamos longe ainda de possuir obras de caracter nacional; a nação não gosa de independencia artistica; as obras dos nossos autores andam impregnadas de influencias extranhas ao nosso clima, aos nossos costumes e ás nossas tendencias.

Qual a causa deste mal? E' facil advinhal-a quando se toma em consideração a educação artistica dos nossos pensionistas. Vejamos: — o alumno sahe da Escola Nacional de Bellas Artes com o premio de viagem e a cabeça repleta de phantasias absurdas, insufladas pela leitura assidua de um dado autor que, mais do que um critico, é um literato apaixonado; este, ao em vez de examinar a obra como um clinico examina um cliente, faz uma descripção literaria, cheia de bellos floreados, metaphoras e outras cousas que impressionam o artista.

Assim, por exemplo, de um sorriso banal da "Gioconda" faz toda uma inteira psychologia completamente imaginaria, não existente. Enlevado com essa leitura, o alumno chega a Paris, vae ao *Louvre* e vê o quadro. Enorme decepção! Alli, diante da obra tão decantada, o alumno *sente* que a "Gioconda" é celebre pela sua historia e por ser de Da Vinci, mas que Da Vinci nunca attin-

RIO DE JANEIRO



Gávea, Avenida Niemeyer.

da arte verdadeira; a copia é coisa abominavel; e quanto ás composições podemos objectar o seguinte: assim como não se chama um alumno do 2.º ou 3.º anno da Faculdade de Medicina para praticar uma operação, tambem não se deve exigir do alumno de uma academia de bellas artes uma composição; quando muito, seria razoavel um *estudo* para composição.

Além disso, é sabido que as academias não formam os bons artistas; de modo que, para bem estudar, o alumno deveria ir trabalhar de preferencia no *atelier* de um artista de reconhecido merito, e especialmente designado pelo governo, si possivel fosse. Alli, só com a frequencia, sem executar cousa alguma, simplesmente com o auxilio da observação, ganharia mais em um mez do que em dois annos de academia. Estudaria a verdade mais por intuição que por execução, e aprenderia a representar o que a alma sente, não o que suppõe sentir.

Nas academias o estudo das cores é de mesquinho desenvolvimento; o alumno apaixonava-se por côres *quentes* ou *frias* não porque as *sinta*, mas porque as vê usadas com franca acceitação. Fica depois sabendo de memoria que o céu, em dia calmo, deve ser azul claro com uma pontinha de verde; que na aurora o céu avermelha-se na linha do horizonte e tem alguns reflexos de luzes brancas denunciativas do sol; que no crepusculo esses reflexos devem ser contrastados com luzes azues ou verdes; aprende mais que a matta é escura no primeiro plano, amarellada no segundo e azulada no horizonte.

Entrementes passam-se os cinco annos de pensionato. Volta ao Brasil. A critica não faz aqui considerações sérias, ou melhor, a critica de arte, entre nós, não existe ainda. Se algum jornal fala do novo artista, usa de palavras tão lisonjeiras que quasi sempre redundam em prejuizo do lisongeado.

Convencido de que é um grande, o recém-vindo expõe trabalhos executados no velho mundo, e alguns, muito poucos, aqui. E logo á primeira vista nota-se que pintou uma paisagem brasileira com as côres predilectas de Vandyck, de Tiziano, de Paulo Veronese e assim por diante. São essas, naturalmente, côres muito bellas. mas numa paisagem nossa não correspondem á realidade. E resalta, então, a prova de que o artista não aprendeu a *sentir* as côres; decorou-as, ou melhor, usou-as com a receita na mão (como ironicamente se diz nos ateliers). Nada mais verdadeiro, pois, do contrario, pintaria paisagens brasileiras com côres brasileiras e não venezianas ou flamengas.

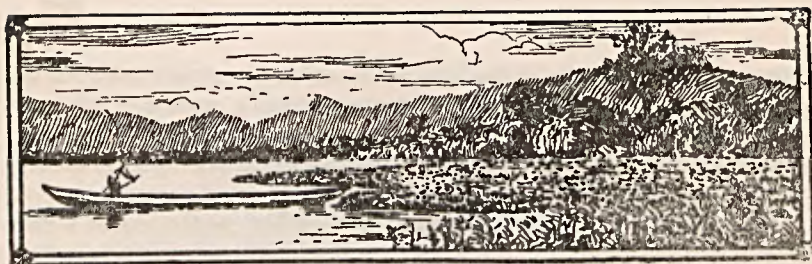
Deduz-se dahi que a causa de todos os males reside na má educação do sentimento do artista. Si chamássemos um Dall'Oca Bianca, um Mentesi, um Carrière ou um Enjolras, ou todos jun-



tos, para pintar uma paisagem nossa, elles o fariam com cores nossas. Porque ? Porque são *artistas* e sentem a natureza tal qual ella é; e diante duma floresta do Amazonas sentiriam que não estavam diante da natureza flamenga, pois é sabido qual a differença entre o colorido nosso e o europeu.

Não é, portanto, falta de talento que se faz sentir, e sim a má educação desse talento. Si fosse prodigalizada aos principiantes uma educação severa como a que costumam dar a si proprios certos artistas estrangeiros, a nacionalidade da arte no Brasil estaria já adiantada, como succede na Argentina e mesmo no Uruguay. E poderíamos, acompanhando com segurança as evoluções europeas, ter trabalhos modernissimos, mas com a indispensavel caracteristica brasileira...





## LOBO DO MAR

POR

SEVERIANO DE MIRANDA

O illustre advogado, príncipe da tribuna judiciária e da elegância dos salões, num gesto que lhe é peculiar e no qual põe toda a sua distincção de maneiras, levou o indicador á altura do labio visando afastar para a direita e para a esquerda os fios do bigode e, como os não encontrasse, pois se tinha americanizado na vespera, ageitou com mãos ambas o pince-nez disfarçando o enleio (só Mademoiselle teve hombriedade para sorrir) e sentenciou:

— Convenhamos, senhores. Um homem para distinguir-se num meio estritamente profissional, fóra do julgamento em grosso do grande publico, precisa de uma bagagem de conhecimentos que os chamados *electricos* de hoje não podem possuir...

— Perdão, acudiu o sympathico jornalista, a época dos não-preparados passou e não serei eu quem vá sacudir a poeira em que jazem enterrados, victimas das proprias munições que accumulavam para atirar-nos aos olhos, mas estou convencido de que, um ou outro, por fas ou por nefas, cousegue impôr-se á admiração dos seus mais eruditos collegas.

— Por exemplo..., sempre conseguiu arriscar, com intimo desafogo a viuva do general, que até então não tinha vindo á tona do assumpto, num grande enervamento por estar em cheque o seu prestigio de mulher de espirito.

— Oh! Madame. Não calumnio sem provas. Pela authenticidade do facto que vou referir empenho a palavra do meu Director.

Todos fizeram o gesto, apenas o gesto de approximar as suas cadeiras em signal de attenção expectante, mas a irmã da generala, sentada ao sofá com o jornalista, enocntrou maneira e ensejo de achegar mais as suas ao orador, como mulher de corpo... da guarda velha, digo, da velha guarda.



Este, o orador, seguindo a praxe decadente, em desuso mesmo, afinou as cordas vocaes em ré bemol, concertando a garganta, mas desconcertou em seguida porque, com o susto provocado, o pomerania de mademoiselle escapou para o jardim. Mademoiselle correu alegremente ao seu cnalço e o joven tenente julgou indeclinavel o dever de auxiliial-a na captura do intelligente animal.

Decorridos alguns minutos durante os quaes os circumstantes aguardaram os recemsahidos, aproveitando-os (os minutos) para recompor o ambiente, o brilhante periodista, para não prolongar a falsa posição que é regra mathematica nesses e em casos mais, atacou o assumpto com emphase e forte colorido:

— Num meio estrictamente profissional... (Não me furto ao prazer de interromper quem está com a palavra para responder á interrogação tacita de alguns leitores curiosos, declarando que mademoiselle e o obsequioso tenente não regressaram ao salão, arido demais para elles, deixando-se ficar em delicioso *tête-à-tête* no jardim.

Quanto a Loulou direi que o epitheto de intelligente lhe cabe por direito de conquista porque a sua fuga foi premeditada com o fim de garantir um merecido habeas-corpus á sua gentil senhora, truc aliás largamente explorado por ambos e de concerto. Dirão os senhores exigentes que isso não revela argucia do animal e sim educação ou treinamento e que os papagaios tambem fazem cousas muito apreciaveis. Eu volverei em replica, explicando miudamente que a argucia se manifestou na maneira como Loulou apanhou a opportunidade por uma perna, dando ao seu susto apparente o aspecto de causa occasional da evasão.

Tenho provas outras de criação mental do animalzinho e fico á disposição dos que se interessarem pelo assumpto, mas por ora sou forçado a fechar esta parenthesis já bastante longa, sufficientemente longa para que mademoiselle leitora consigne tambem o pretexto do seu pomerania).

— Num meio estrictamente profissional, apartado do *pecus inconciente*, como diria o Dr. Afranio, e pois de accôrdo com as premissas estabelecidas, Jeroboão Villa-Nova, ignorante de todo na sua profissão, conseguiu boquiabrir, assombrar litteralmente os seus mais eminentes collegas numa questão puramente technica.

Jeroboão privava num dos Estados do norte e exercia proficientemente a pratica de banqueiro de jogos de azar. Bafejado sempre pela sorte, procurava entretanto prudentemente pôr-se em guarda contra a eventualidade de um máo jogo do azar. Receiava uma partida ao xadrez, jogo que nunca cultivára por exi-

gir dispendio de energia mental que elle preferia empregar em evital-o.

De facto a policia, representando a sociedade, adopta o máo costume — a que chamam policia de costumes — de dissecar a vida alheia, exigindo para qual uma profissão, e por isso Jeroboão andava a procura de um rotulo.

A patente de invenção da briosa, forjada para encobrir, já quasi denuncia ausencia de titulos ao portador e assim resolveu Jeroboão entitular-se, intitulado-se qualquer cousa de mais official do que guarda nacional.\* Sonhava mesmo em envolver-se, como num manto de protecção, no panno verde dos resposteiros do Estado.

Dispondo de excellentes amizades, conseguiu, num exame de occasião, arrancar um diploma de piloto de longo curso, dignidade que passou a figurar, para os seus fins, no seu cartão de visita.

E assim o batel da vida do novel piloto singrou mansamente por muito tempo até que appareceu o primeiro rochedo.

A morte subita do commandante de um navio e a falta de carta superior constituindo impedimento para que o immediato assumisse immediatamente o commando, foram bater á porta de Jeroboão, unico piloto presente na cidade, na occasião, entre os registrados na capitania.

Debalde Jeroboão allegou as excusas mais accitaveis. O capitão do porto, assediado pelos armadores, intimou-o formalmente, sob as penas da lei, a tomar a direcção do barco que devia zarpar nessa mesma noite, com rumo ao sul.

E foi assim que Jeroboão Villa-Nova, banqueiro de profissão, mas marinheiro de primeira viagem, tanto na legitima como na segunda accepção do termo, assumiu ás vinte e uma horas desse dia as suas elevadas funcções trocando as primeiras impressões com o immediato, homenn nascido no mar, sessenta annos atraz.

Começou por declarar ao seu auxiliar, insinuando delicadeza de sentimentos, que, universal que era a sua reputação de profissional competente, lhe confiava a direcção do *seu* navio, direcção que só não lhe fôra adjudicada officialmente por falta de uma formalidade e mais que só o procurasse no character de commandante num caso de importancia capital.

E recolheu-se ao camarote esperando que a sorte que o não desamparava, evitasse esse caso de *importancia capital*.

---

\*O A, rendendo homenagens ao Exercito e á sua 2.<sup>a</sup> Linha, cuja linha actual é de primeira, declara em tempo que as linhas acima foram escriptas antes da reforma da G. N.

A sorte não lhe falhou, como sempre. A viagem quasi era um passatempo nessas condições e, já senhor de si, pensou, durante o somno tranquillo, nas gordas propinas com que lhe acenaram os armadores perante a sua recusa.

Além disso o tempo era magnifico. No dia seguinte ao acordar, acôrdou Jeroboão mais uma vez consigo mesmo que era um predestinado da fortuna. E divertiu-se alegremente com os passageiros contando anedotas picarescas, até ás 10 horas da noite, hora em que o navio deu entrada no porto immediato.

Na manhã seguinte Jeroboão entregaria o paquete a um outro capitão contractado telegraphicamente e regressaria á sua terra despido de responsabilidades e guarnecido de gloria. Um successo!

Antes de mandar parar as machinas, porém, o immediato, num requinte de distincção a quem tanto devia em gentileza, interrompeu a palestra do commandante pedindo que lhe indicasse com quantos ferros deveria fundear.

Chegou para Jeroboão o seu momento fatidico. Sem a minima noção dessa questão eminentemente, visceralmente technica, Jeroboão comprehendeu que uma resposta falsa seria a perda de todo o seu prestigio allí e algures, seria a derrocada e, appellando para toda a sua finura emquanto vagamente o olhar corria o horizonte á busca de uma idéa, retorquiu com firmeza, no tom de quem diz a ultima palavra: fundeie com todos!

Disse e continuou a prosa interrompida, intimamente satisfeito com a solução *vinda do céu*, a qual, não precisando numeros não trahia por isso mesmo a sua ignorancia nessa questão que Jeroboão percebia ser banal para o ultimo moço do porão.

Cumpridas as ordens não tardaram os commentarios mais pihericos sobre o caso sem precedentes: sob um tempo segurissimo, um navio fundeado a quatro amarras!

As tripulações dos barcos ancorados no porto correram ás amuradas. Era de morrer de rir...

Como porém tudo passa, passou tambem a troça dando lugar ao somno reparador em que mergulharam aquellas almas, cansadas da faina de um dia exhaustivo.

E a noite foi povoada de sonhos roseos para todos, como acontece quando a gente adormece acalentada pelo mar, ao balouço hypnotico de bordo.

Subito, pela madrugada, com surpresa e panico geraes, um ribombo aterrador despertou o porto inteiro.

O vendaval já se havia installado sem tempo de defeza. O tufão impetuoso arrastando a superficie das aguas em turbilhões de vagas colossaes, sacudia os cavernames das frageis cas-

cas de noz que estavam como nozes comprimidas numa alavanca de segundo genero.

O horror pairou no espirito daquella gente, affeita embora ás crises epilepticas do mar.

Todos buscavam um ponto de apoio no sólo fugidio emquanto o pensamento subia para os céos.

Mas, depois da tempestade... o dia amanheceu radioso e lindo como uma apothese!

Só então, no dominio de si mesmos, os tripulantes do "Castalia" julgaram penetrar o alcance, o descortino do seu capitão e, diminuidos pela lembrança de seus risos da vespera, tomados de um respeito quasi supersticioso, erguendo hurrahs, carregaram-n'o em charola, por todo e a todo o vapor, agradecendo com lagrimas caudalosas a vida que lhes conservára com o seu golpe previdente e seguro ao fundear.

O "Castalia", só, na amplidão do porto, embora avariado, mantinha uma nobre attitude de heroe, firme na segurança ferrea das suas quatro amarras.

Os outros navios... garraram todos e fundearam para sempre.





# LINGUA VERNACULA

POR

A. CARDOSO FRANCO

I

## DOUTOR

*Doutor* era a designação que, antigamente, a Igreja dava com especialidade áquelles santos que mais escreveram, e cuja doutrina foi mais autorisada e geralmente seguida por muitos seculos. Contam-se quatro doutores da Igreja grega, e outros tantos da latina. Posteriormente ao duodecimo seculo deu-se esse nome a varios theologos escolasticos, cujos escriptores são tidos como fontes da verdadeira doutrina christan, com um epitheto especifico que denota particularmente em que consistia o seu merecimento. Taes são o de *angelico* (Santo Thomaz de Aquino); o *serafico* (São Boaventura); o *melifluo* (São Bernardo), etc.

“ Santo Agostinho *doutor*,  
Jeronymo, Ambrosio e Thomaz,  
Meus pilares,  
Servi aqui por meu amor,  
E qual melhor.”

(Gil Vicente, *Auto da Alma*).

Modernamente dá-se o titulo de *doutor* áquelle que cursou e recebeu solemnemente em uma faculdade universitaria o mais e'evado grau academico, pelo qual se lhe concede o direito de trazer a borla e capello, e de ensinar a exercer aquella sciencia em que foi graduado; por exemplo: *doutor* em direito, em medicina, em mathematica, em theologia, etc. *Doutor* é tambem o titulo que se costuma dar ao bacharel formado em direito, (*Ordenações Affonsinas*, Liv. V, Tit. 43), — ao bacharel em mathematica, e a todos os facultativos (embora estes sejam habilitados pelas esco'as medico-cirurgicas, as quaes não conferem graus academicos. (Aulete, *Dic. Contemporaneo*, pag. 560).

*Doutor de gabão* ou *lareiro*, nome que se dá ironicamente ao individuo de poucas ou nenhuma lettras, que presume de sabio e experto, que falla muito e em tom sentencioso, e quer dar conselhos aos outros, especialmente em questões forenses.

“Tal o doutor de Sancho, no banquete  
Da insula bemdita, sem piedade,  
Um depós do outro, os almeçados pratos  
Ao faminto escudeiro denegava.”

(Garret, *D. Branca*, C. II, Cap. 9).

*Doutor da mula russa*, mau medico, mau advogado, homem que tem o grau scientifico, mas que pouco sabe, ou que presume de sabio sem o ser; “do que resulta que ha muitos *doutores* que não são *doutos*, e muitos *doutos* que não são *doutores* nem cuidão de sê-lo”. (Roquette e Fonseca, *Dic. dos synonymos da Lig. Portuguesa*, pag. 232).

\*  
\* \*

*Bacharel* (do latim *bacco*, baga, e *laurus*, louros) litteralmente significa corôado de louros com bagas; nome que se dava outr'ôra áquelle que tendo cursado quatro annos com approvação qualquer faculdade, recebia o primeiro grau academico; titulo que se dá aos diplomados por qualquer escola superior ou gymnasio; por exemplo: *bacharel em Sciencias naturaes e pharmaceuticas; em philosophia e letras, em sciencias e letras*, etc.

*Bacharel in-utroque jure*, nome que se dava aos que tomavam o primeiro grau nas antigas faculdades de direito civil e canonico.

Na linguagem popular, dá-se por zombaria o nome de *bacharel* a um tagarela, a um palrador insupportavel, que allega muitas razões e nada prova.

“Como será discreto  
Amor não entendido?  
Mas amor *bacharel*  
Nunca foi amor fino.”

(Escobar, *Chrystaes d'Alma*, pag. 179).

Accusando o recebimento do jornal, que da primeira vez publicou esta chronica, disse o estudioso investigador Agenor Silveira, em carta que nos dirigiu:

“Sobre a *laurea* de *bacharel*, ha o seguinte em Camões, quando se refere o el-rey D. Diniz, o qual fundou a Universidade de Coimbra:

“Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
O valeroso officio de Minerva,  
E de Hellicona as Musas fez passar-se  
A pisar do Mondego a fertil herva  
Quanto pode de Athenas desejar-se,  
Tendo o soberbo Apollo aqui reserva,  
Aqui as *capellas* dá tecido de ouro,  
Do *baccaro* e do sempre verde *louro*.”

(LUS., c. III, est. 97).

Commentando Epiphanio Dias esta estrophe:

“*Baccaro* é aportuguezamento de *baccar* ou *bacchar* (segundo Sprengel a *Valeriana celtica* LINN.), planta a que a antiguidade attribuia virtude contra a feitiçaria:

*Pastores, hedra crescentem ornate poetam...  
aut si ultra placitum laudarit, baccare frontem  
cingite, ne vati noccat mala lingua futuro.*

(VIRG. BUC. VII, 25-28).

F. S. (Faria e Sousa). STORCK pensa, e com razão, que em *baccaro-lauro* ha trocadilho com "*baca-laureato*," isto é "*bacharelato*". Ainda pode-se adduzir o seguinte: as *capelias* tecidos de ouro são o *capello* de *doutor*, ou o gorro que o director da Faculdade nos ajusta á cabeça, proferindo em seguida o *tibi quoque*, que tanto confundio, em 1903, um dos nossos prezados collegas de turma."

## I I

### PROFESSOR-CATHEDRATICO-LENTE

"Professor" é o que ensina uma sciencia, expondo as suas doutrinas como proprias, e quasi sempre ostenta seu saber oralmente como parlar, orador ou tribuno.

Modelo do genero de "professor" são: Pedro Lessa, Frederico Steidel e Reynaldo Porchat nas aulas da Faculdade de Direito de São Paulo.

"Professor regio" ou "publico", diz-se especialmente do que é nomeado pelo Governo para reger uma cadeira de instrucção primaria, e como exemplo citamos "O Estudante Alsaciano" de "Coppée", traducção de Accacio Antunes que com muita expressão o descreve.

O "Professor publico" póde ser tambem de instrucção secundaria, "*vrbi-gratia*":

"O meu paterno avô foi "professor"  
De latim, que ensinou ou bem, ou mal;  
E o materno viveu no seu casal,  
De que ainda agora eu mesmo sou senhor".

("Abbate de Jazende, Poesias. Tom II — pag. 93").

"Cathedratico" é o professor ordinario, proprietario de uma cadeira de uma faculdade ou eschola, em que ensina a sciencia de que está encarregado. "Substituto" é o professor extraordinario que professa nas faltas ou impedimentos dos cathedraticos, fazendo jús á propriedade da cathedra quando vague, ou quando pela antiguidade lhe pertença.

O "cathedratico", si ensina á moderna, tem o titulo de "professor, doutor"; si professa á antiga dá-se-lhe o nome de "leitor" ou "lente".

"Lente" ou "leitor" litteralmente significa pessoa que lê para outro ouvir; éra aquelle que segundo o methodo escolastico, lia ou explicava as doutrinas approvadas pelas faculdades ou corporações religiosas, contidas em um compendio, do qual não se afastava. Era o "magister" das escholas antigas".

"Não vençam logo taes "lentes!"  
Se vierem, sejam mortos;  
Se não, direi que sois tortos  
E do "Correia" parentes".

("Fernão Rodrigues, Poesias e Prosas, pag. 19").

Tambem dá-se o nome de "lente" aos professores das escholas normaes ou gymnasios e aos discos de vidro que refrangem os raios luminosos, se bem que, neste caso, o vocabulo "lente" se origine do latim "*lens*" e naquelle de *legens*.

- 8 PROPHYLAXIA PUBLICA DA SYPHILIS E ENFERMIDADES VENEREAS — (comunicacion presentada al 2.º Congresso Medico Latino Americano) publicado em "Argentina Medica (28-4-904) 16 pgs. — 1904.
- 9 REFORMAS EFFECTUADAS NO HOSPICIO NACIONAL DE ALIENADOS DO RIO DE JANEIRO — 1905.
- 10 FOLIE MANIAQUE-DÉPRESSIVE — (extrait des Annales médico-psychologiques Mars-Avril 1905) 18 pgs. Paris, L. Maretheux — 1905.
- 11 LA PARANOIA LÉGITIME, SON ORIGINE ET NATURE — Rapport au XV Congrès international de Medicine( em colaboração com o Prof. Juliano Moreira) Lisbonne — 1906.
- 12 CLIMA E DOENÇAS DO BRASIL — (notas escriptas para o Brazilian Year Book de 1908) — 36 pags. — Rio, Imprensa Nacional—1907.
- 13 CLIMAT ET MALADIES DU BRÉSIL (extrait des Annales d'Hygiene publique et medicine legale — Mai 1908) — 28 pags. Paris, J. B. Baillièrre et Fils — 1908.
- 14 THE CLIMATE AND DISEASE — translated from portuguese — Rio, 1908.
- 15 REGULAMENTO PARA O SERVIÇO MEDICO LEGAL DO DISTRICTO FEDERAL (decreto n. 4864 de 15-6-1903) Rio, 1903.
- 16 VIOL ET MÉDIUMNITÉ — (extrait des Annales d'Hygiène publique et médecine-légale. Août 1909) 15 pgs. Paris, J. B. Baillièrre et Fils—1909.
- 17 LE DIAGNOSTIC DE LA FOLIE MANIAQUE DÉPRESSIVE (extrait des Annales medico-psychologiques — Juillet-Août 1910) 12 pags. Paris, L. Maretheux, 1910.
- 18 MEDICINA LEGAL (Elementos de) — 1 vol. in 8.º grande — 532 pgs. Rio 1910. A 2.ª edição é de 1914 e a 3.ª é de 516 pgs. Rio, Francisco Alves & Cia. — 1918.
- 19 HYGIENE (Elementos de) 1 vol. in 8.º grande 678 pgs. Rio, 1913 — A 2.º edição é de 717 pgs. — Rio, Francisco Alves & Cia., 1918.
- 20 MESURES PRÉVENTIVES CONTRE L'INTRODUCTION DE MALADIES CONTAGIEUSES EXOTIQUES — Communication ao IVe Congrès international d'Assainissement et Salubrité de l'habitation, Anvers (em colaboração com o dr. Graça Couto) Compte-rendu, Anvers, 1914.
- 21 NOÇÕES DE HYGIENE PARA USO DAS ESCOLAS (collaboração do Dr. Graça Couto) 660 pgs. — Rio, Francisco Alves & Cia. — 1914.
- 22 PSYCHO-PATHOLOGIA FORENSE — 379 pgs. — Rio, Francisco Alves & Cia. — 1914.
- 23 DISCURSO INAUGURAL DE POSSE NA CADEIRA DE HYGIENE DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (1916) — no "Livro jubilar do Prof. Rocha Faria" — Rio, 1917.



- 24 A ESFINGE, romance — Rio, Liv. Francisco Alves, 1.<sup>a</sup> edição 1911 (482 pgs.), 2.<sup>a</sup> ed. 1911 (479 pgs.), 3.<sup>a</sup> edição 1913 (479 pgs.), 4.<sup>a</sup> ed. (7.<sup>o</sup> milheiro) 1919 (411 pgs.).
- 25 LA ESFINGE, tradução hespanhola de Mario (Julio Piquet) — publicada em "La Nacion" de Buenos Ayres, em volume (n. 520) da "Bibliotheca de La Nacion", in 18. — 332 pgs. Buenos Ayres, 1912.
- 26 MARIA BONITA, romance sertanejo — Rio, Francisco Alves & Cia. 1.<sup>a</sup> ed. 1914 (323 pgs.), 2.<sup>a</sup> ed. 1917 (327 pgs.), 3.<sup>a</sup> ed. (5.<sup>o</sup>, 6.<sup>o</sup> e 7.<sup>o</sup> milheiros) de 1919.
- 27 MINHA TERRA E MINHA GENTE — educação civica — 230 pgs. — Rio, Livr. Francisco Alves, 1916 (2.<sup>a</sup> ed., 10.<sup>o</sup> milheiro de 1916 — 246 pgs.).
- 28 POEIRA DA ESTRADA — 380 pgs. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1918.
- 29 TROVAS BRASILEIRAS — (quadras populares collecionadas e prefaciadas por A. P.), 316 pgs. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1919.
- 30 DISCURSO DE RECEPÇÃO do Sr. Afranio Peixoto, pelo sr. Ramiz Galvão, orador perpetuo, na sessão de 26-7-1919 do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — 29 pgs. — Rio, Imprensa Nacional — 1919.
- 31 A TUBERCULOSE DOS HOSPITAES DO RIO DE JANEIRO (numero especial dos "Archivos Brasileiros de Medicina")—Fev. 1913.
- 32 FRUTA DO MATO — romance — 393 pgs. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1920, (appareceu em Dezembro de 1919).
- 33 SERVIÇOS MEDICO-LEGAES (Boletim Policial) — Rio, 1907.

Escreveu o prefacio do romance "Miss Kate" de Araripe Junior.

Tem collaborado nos "Archivos de Jurisprudencia medica e Anthropologia" do Rio: *A herança do adulterio* (contribuição para o estudo de uma questão psycho-sociologica) 1898; no "Brasil Medico" do Rio: — *Coexistencia episodica dos delirios persecutorio e mystico na melaneolia*, 1899, *Grandes syndromas mentaes: agitação, depressão e confusão* (Formulario pratico do B. M.) 1904; *Febre typhoide* (Formulario pratico, idem) 1906; *Diseurso*, proferido na sessão magna da Academia Nacional de Medicina, 1907; *A Paranoia e os syndromas paranoides*, 1904; *Epilepsia* (Formulario pratico, idem) 1904; *Constipação habitual* (Formulario pratico, idem) 1908; *Nina Rodrigues*, ensaio bjographico e critico (Formulario pratico, idem) 1915; na "Gazeta Medica da Bahia": *Inspeção do nasopharynge por um novo processo de autopsia*, 1901; na "Revista da Bahia": *Os casamentos pathologicos* (lição do curso de medicina publica na Faculdade de Direito da Bahia) 1902; "Annales médico-psychologiques" de Paris: obras citadas na bibliographia; "Annales d'hygiène et de médecine légale de Paris: obras citadas na bibliographia; "Archivos de Criminologia, Medicina Legal y Psychiatria": trabalho citado; "Revista da Faculdade de Recife": *O projecto do Codigo Civil Brasileiro e Medicina legal* (notas sobre os arts. 257 e 259) 1904, incluido nas publicações da Comissão Parlamentar do Codigo Civil; "Jornal do Commercio": *De-*

*feza social contra a tuberculose* (relatório ao 2.º Congresso Medico Latino Americano de Buenos Ayres) 28-4-1904; "Argentina Medica": trabalho citado; "Revista da Academia Brasileira de Letras": *Vocabulario medico popular do Brasil*, vol. 8.º pag. 327 (1912), *Superstições populares relativas á saude, doença e morte*, vol. 10.º pag. 231 (1912), *Discurso de elogio de Eulydes da Cunha*, vol. 7.º pag. 165; *Discurso de recepção de Oswaldo Cruz*, vol. 11.º, pag. 127; *Fruta do Mato*, conto vol. 4.º, pag. 313 (terá o titulo de "Fruta brava", para não confundir com o romance de igual titulo), *Elogio de Xantipa* vol. 11.º pag. 1, *Lembrança de Aluizio Azevedo*, vol. 12.º, pg. 311; "Archivos Brasileiros de Medicina": trabalho citado; "Annaes da Faculdade de Medicina do Rio": *O problema sanitario da Amazonia* 1917, 1.º vol. pag. 64; *Curso de medicina publica*, pag. 477; "Revista do Brasil", (S. Paulo); *Paixão e gloria de Castro Alves*, n. 23, *Parabolas*, n. 25, *A educação e a defesa nacional*, n. 27, *O problema sanitario da Amazonia*, n. 28, *O saneamento do Brasil* (discurso), n. 29, *A antiga e a nova medicina: a hygiene*, n. 32, *O ensino da linguagem*, n. 32, *Educação e saneamento*, n. 33, *Outros males*, n. 35; "A Bahia": *A um morto* (depois de ouvir insultos á memoria de Moreira Cesar) é a estreia em 1897, *Os novos em litteratura* 1897 (pseudonymo Jap); "Diario da Bahia": *Morte*, conto philosophico, 1897; "A Atlantida", Lisboa: *Judith ou a gratidão do povo*, conto, 1915, "Revista de Sciencias, Letras e Artes de Campinas": *Guerra aos homens* (sainete em 1 acto, representado no Theatro Municipal do Rio, em S. Paulo e varias cidades), n. 42, 1916; "Revista Americana": *Aspectos do humour na litteratura nacional*, Novembro, 1916, pag. 30, *Comparações*, Abriç 1917, pag. 18, *Recepção de Oswaldo Cruz* (discurso) Julho-Agosto 1913 pg. 20; "A Escola Primaria": *A Educação Nacional* (conferencia na Liga de Defesa Nacional), Rio 1917-1918, pag. 58; *O ensino da linguagem* (conferencia pedagogica na Bibliotheca Nacional), Rio 1917-1918 e muitos artigos nessa revista, em 1917, 1918 e 1919; "Almanack Garnier": *Academia de Medicina* (1909), *Doença ou molestia?* (1914).

O seu retrato tem sido reproduzido em varias revistas illustradas, em cartão postal e no livro "Le Brésil Contemporain", 3 ème tomc.

#### FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 Araripe Junior — Revista da Academia Brasileira de Letras n. 7 (discurso).
- 2 José Verissimo — Estudos de litteratura brasileira, vol. IV pag. 265; Revista Americana, anno 3.º, ns. 5-6 (pag. 499); La Revista de America, Paris, Junho 1912.
- 3 João do Rio — Momento litterarjo, pag. 299.
- 4 Souza Bandeira—Paginas litterarias, pag. 61; Almanack Garnier (1914) pag. 242.
- 5 João Ribeiro — Revista do Brasil, vol. III n. 9, pag. 51.
- 6 João Köpke — Revista do Brasil ns. 6 e 7.

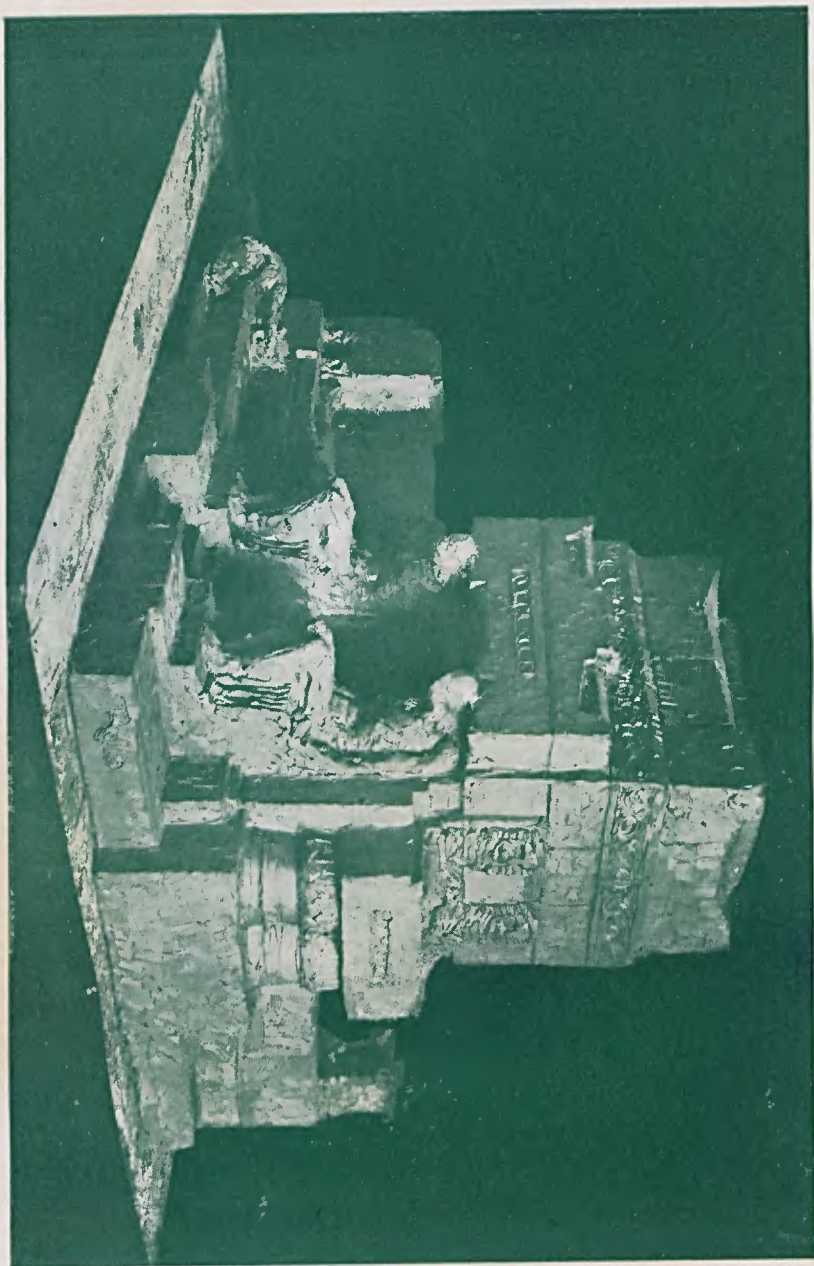


RIO DE JANEIRO



Corcovado e Lagoa Rodrigo de Freitas.

ESCUPTURA



Nicola Rollo — Projecto de monumento funerario.

- 7 José Maria Bello — Estudos criticos, pag. 33.
- 8 Pereira de Carvalho — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 9 Revista do Brasil n. 38 — Bibliographia.
- 10 Ramiz Galvão — Discurso de recepção no Instituto Historico e Geographico Brasileiro — 1919.
- 11 Dr. P. Rovelly — Le Brésil Contemporain, 3.º vol.
- 12 Fernandes Costa — Afranio Peixoto e a sua obra.
- 13 Jackson de Figueiredo — Revista do Brasil ns. 51, 52 e 53.
- 14 Medeiros e Albuquerque — “A Noticia” de 24-9-911.
- 15 Constancio Alves — “Jornal do Commercio” de 17-8-911.

Pronunciaram-se tambem sobre o valor da obra litteraria de Afranio Peixoto: Mario de Alencar, Agenor de Roure, Paulo Barreto, Osorio Duque Estrada, D. Julia Lopes de Almeida, Teotonio Freire, Joaquim Eulalio. Alaor Prata, João Luso, Gilberto Amado, Fran Paxeco, Rodrigues de Carvalho, Tristão da Cunha e D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

#### NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Apezar do artificio de que revestiu a sua obra de estreia, no aspecto externo da edição, á guisa de missal, assimilando estylo liturgico, de impressão polychromica; máo grado a tendência manifesta para seguir a feição symbolista de Rimbaud, Mallarmé, René Ghil, e o culto de adoração tributado, na dedicatória, a D'Annunzio, Maeterlinck e Eugenio de Castro; despertou a attenção da critica o symbolo tragico de Julio Afranio—“Rosa mystica” — primeira parte de um hymnario. Araripe Junior e José Verissimo descortinaram o valor do estreiante, atravez de tantos disfarces, e vaticinaram o successo que se verificou.

O autor abandonou o genero litterario durante um decennio, lapso de tempo que medeia entre a publicação de “Rosa mystica” (1900) e o anno em que escreveu o romance “A esfinge” (editado em 1911).

Antes de apparecer o symbolo tragico, escreveu em “A Bahia” (*A um morto*, a proposito de Moreira Cesar, trucidado em Canudos) e no “Diario da Bahia” (*Os novos em litteratura*, artigos e *Morte*, conto philosophico).

A partir de 1900 mudou de rumo e dedicou-se exclusivamente á sciencia, emprehendendo estudos de psychiatria e medicina legal e escrevendo artigos, monographias e obras varias.

Nasceu Julio Afranio Peixoto em Lençóes, chapada diamantina, no sertão da Bahia, de que conservou as reminiscencias no romance “A esfinge”, principalmente na evocação do Barro Branco, sitio proximo da cidade de Lençóes.

Criou-se no rio Pardo, municipio de Cannaveiras, littoral do sul da Bahia, na fazenda da Bôa Vista (Jacarandá), tambem por elle descripta em “Maria Bonita”.



De Cannavieiras se occupa o romancista em "Fruta do Mato".

Transferiu-se para a capital do Estado, afim de completar os estudos preparatorios no collegio Florencio, onde os concluiu em dous annos, obtendo notas plenas e distinctas e as honras de alumno laureado.

Em 1892, com 16 annos de idade, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia e terminou o curso em 1897, sempre approvado com as mesmas notas.

A sua these inaugural de que não logrei um exemplar, versou sobre "Epilepsia e crime". Deve ser um trabalho de valor, porque mereceu as honras de reedição onze annos depois, com um prefacio dos Profs. Njna Rodrigues e Juliano Moreira.

Para o provimento no posto de socio effectivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, escreveu em 1897 uma memoria, ainda inedita, sobre a epigrapha "Epilepsia e consciencia".

Obteve, por concurso, a nomeação de preparador da cadeira de medicina legal, no seu Estado, sendo no anno seguinte (1901) distinguido com a designação para reger a cadeira de medicina publica na Faculdade Livre de Direito de S. Salvador.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1903, foi nomeado inspector sanitario, admittido como membro da Academia Nacional de Medicina e logo após director do Hospicio Nacional de Alienados, cargo por elle desempenhado até 1905, quando empreendeu a primeira viagem á Europa.

Ao regressar, um anno depois, ao Brasil, inscreveu-se em um concurso na Faculdade de Medicina do Rio e obteve o logar de professor substituto das cadeiras de hygiene e medicina legal.

De 1907 a 1911 exerceu o cargo de director do serviço medico legal da policia, com interrupção dos annos de 1909 e 1910, quando se ausentou novamento do paiz, viajando pela Grecia, Egypto, Palestina, Balkans e Asia Menor.

Eleito na vaga de Euclides da Cunha, em 1910, para a Academia Brasileira de Letras, tomou posse a 15 de Agosto do anno seguinte, pronunciando um magnifico discurso de elogio ao seu antecessor.

Nessa occasião Araripe Junior estabeleceu o confronto entre a alma de barbaro, constituição dionysiacca do autor de "Os sertões" e o espirito super-civilisado, de feição apollinea do elcgante e apurado romancista da "Fruta do mato".

Visitou pela terceira vez a Europa de 1912 a 1913 e exerceu o cargo de director da Escola Normal do Rio, de 1915 a 1916.

Actualmente é professor da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio, desde 1915, lénte cathedratico de hygiene, por accesso, da Faculdade de Medicina, desde 1916 e occupou o logar de director geral da Instrução Publica do Districto Federal, em 1917.

A sua obra litteraria, alem do mencionado livro de estreia, compõe-se de tres romances: "A Esfinge" (1911), "Maria Bonita" (1914) e "Fruta do mato" (1920); "Minha terra e minha gente" (1916) livro de educação

cívica, "Poeira da estrada" (1918) ensaios críticos e de história e "Trovas populares brasileiras" (1919).

Como romancista excelle o seu valor, reunindo um conjunto de qualidades preciosas que o caracterizam como um dos melhores escriptores no genero, entre os que tem possuido o Brasil. A sua capacidade de observação é perfeita, o estudo da psychologia dos personagens manifesta o exacto conhecimento da alma humana, adquirido pelo autor no estudo das funcções cerebraes e dos desequilibrios do systema nervoso, sem exhibir erudição, pois o romancista é sobrio e discreto, incapaz de descambar para a exposição de casos clinicos ou de analysar phenomenos teratologicos, consentaneos com as monographias scientificas.

Elle expõe os personagens dos seus romances com extrema naturalidade, sem diagnosticos moraes, deixando ao leitor o trabalho de definir e classificar os typos. Não intervem outrosim na acção dos comparsas e protagonistas; deixa-os sob a influencia do livre arbitrio, assumindo a attitude de narrar episodios e expôr incidentes, sem lhes emprestar um determinismo psychico adrede concebido nem intervir com methodos de demonstração, como procederia um professor em um curso de psychologia. Não se destaca o preparo scientifico do autor, nem se adivinha o intuito de defender theses csboçadas; tem-se a impressão da realidade e não se descobrem artificios.

A Lucia de "A Esfinge", a Maria, como a Joanninha da "Fruta do Mato" se encontram por esse mundo alem; não são creaturas inventadas para elemento de prova de concepções theoreticas.

Os principacs typos femininos dos romances de Afranio Peixoto, excepto Luizinha e outros em plano secundario, são diabolicos, apresentam o atavismo condensado da seducção de Eva no Eden, exercem sobre os homens que os cortejam, uma poderosa acção hypnotica de dominio. O homem é sempre fraco e se deixa vencer e subjugar, como aliás se verifica, em notavel maioria, no mundo real.

Mas, para o romancista brasileiro a mulher conserva sempre um residuo de fel, de substancia toxica, sob a apparencia enganadora de um ente fraco e bello, a despertar sympathia e conquistar admiração.

Apresentarei melhor o typo feminino de Afranio Peixoto em um estudo sobre a evolução do romance no Brasil, e, cntão, examinarei em detalhe o valor inestimavel de suas produções novellisticas.

Sinto verdadeira attracção para emprehender a apreciação critica da obra desse distincto e vibrante escriptor.

Por agora, ao lado dos predicados que salicntei, devo mencionar a precisão do seu estylo, a sobriedade das narrativas e descripções e a justa harmonia que predomina em suas composições, abrangendo todas as modalidades, quer na parte estatistica, quer no aspecto dynamico da obra.

Foi providencial a mudança de orientação no escriptor que não nos proporcionaria nunca os tres livros citados, si persistisse em completar a tetralogia do hymnario que comprehenderia ainda o "Myrto Enamorado", "Liz

Impolluto” e “Loiro frutescente”. O Julio Afranio desviou-se a tempo da vereda do symbolismo e parece até, embora sem razão, haver renegado a produção da primeira phase, porquanto não publicou os volumes promettidos das parabolâs mysticas “Caminho da morte”, outro symbolo tragico “Os guias”, e adoptou nome litterario diverso: — Afranio Peixoto.

“Minha terra e minha gente” é um livro sincero em que o autor, sem intuitos demolidores ou manifestações pessimistas, aponta aos adolescentes as nossas imperfeições, combate os nossos erros e destróe os preconceitos dos que entoam hymnos e tecem lóas a tudo o que concerne ao Brasil, inculcando nos leitores noção da verdade e invocando a instrução e o civismo bem comprehendidos como meios seguros para regenerar o paiz. Prende os sentimentos nacionalistas á tradição, base indispensavel para estabelecer o character de um povo, e firma, na parte doutrinaria do livro, os principios que nos devem guiar para alcançarmos o futuro digno da patria brasileira.

Essa tentativa honesta despertou celeuma entre os professores que louvavam, com exaggerado optimismo, as grandezas do presente e a fatalidade do destino glorioso. João Köpke, o velho educador, poz-se na vanguarda e profligou a tentativa do autor, redigindo artigos de critica severa publicados na “Revista do Brasil”. João Ribeiro, outro pedagogista de reconhecido valor, defendeu o livro e os intuitos do autor.

Em “Poeira da estrada” reuniu Afranio Peixoto os discursos pronunciados na Academia Brasileira de Letras, de elogio a Euclides da Cunha e de recepção de Oswaldo Cruz, e alguns ensaios recolhidos de collaboração em revistas litterarias.

O autor possúe a faculdade da comprehensão exacta e precisa dos themas que aborda em seus estudos; revela, alem disso, notavel capacidade critica, de synthese e analyse, e sabe exprimir, com justos conceitos e termos adequados, o que pensa. São os predicados indispensaveis a esse genero de trabalho.

Seja no triptico do “Elogio de Xantipa”, ou nos “Aspectos do *humour*” na Litteratura Nacional; seja na “Educação nacional” ou na “Paixão e gloria de Castro Alves” e ainda nos doze capitulos restantes do volume; encontra-se muito cabedal instructivo, grande messe de ideias proveitosas e de provas de erudição.

“Trovas brasileiras” representam uma contribuição para o estudo do nosso *folk-lore*, o qual ainda conta escasso numero de cultores.

A exemplo do que fizeram Agostinho de Campos e Alberto d’Oliveira em Portugal, Afranio Peixoto procedeu á pesquisa peciente das quadras populares brasileiras e as enfeixou em volume, devidamente classificadas e precedidas de um prefacio explicativo da importancia do assumpto e da difficuldade em colligir o material esparso, seleccionando com criterio o conteúdo do livro.

Na parte scientifica, pondo de parte os artigos, extractos de revistas e folhetos mencionados na bibliographia, deve-se destacar: “Epilepsia e





crime”, “Manual de thanatoscopia judiciaria”, “Clima e doenças do Brasil”, “Medicina legal”, “Hygiene”, “Noções de hygiene para uso das escolas” e “Psycho-pathologia forense”.

Classificam-se os seus trabalhos, como se deprehe de dos titulos, em estudos de medicina legal e de hygiene.

Sem me referir á these inaugural, pois não a conheço, devo primeiro citar o manual destinado ao estudo da morte, segundo as exigências do nosso codigo, destinado ao uso de magistrados, peritos e medicos.

O autor apresenta os caracteres distinctos entre a morte real e apparente, firmando os signaes e phenomenos para o reconhecimento dos cadaveres; estuda a thanatognose, classifica os generos de morte e ensina a se proceder ao corpo de delicto em todos os casos apreciados.

“Medicina legal” é um livro didactico, destinado aos alumnos das escolas de medicina e direito.

Encontra-se mais generalidade de assumpto em “Psycho-pathologia forense” onde o autor faz o estudo da responsabilidade criminal, de semiologia mental e de psychiatria, caracterisando todos os casos de desordens nas funções cerebraes e classificando as molestias mentaes.

O trabalho sobre hygiene, ao alcance da minha comprehensão e correspondendo á minha predilecção de estudos, representa um poderoso esforço de synthese em que o autor aborda com discernimento e proficiencia todos os ramos da vasta e complexa sciencia applicada que abrange um conjunto numeroso de conhecimentos da physica terrestre em todas as subdivisões.

O professor emerito, tão justamente applaudido no mundo scintifico como no litterario, tirou o maximo proveito do programma traçado e cumpriu galhardamente a tarefa. O livro é bem escripto, revela erudição natural, é subordinado a um methodo impecavel e preenche de modo cabal o fim a que se destina.

Como esse, todos os estudos de Afranio são interessantes e proveitosos.

O dr. Afranio Peixoto, como medico e professor, tem prestado relevantes serviços ao paiz, contribuindo para nos elevar no conceito alheio, haja vista o pronunciamento sincero de Fernandes Costa perante a “Academia das Sciencias de Lisboa”; e principalmente para educar a mocidade e colaborar nos magnos problemas nacionaes de instrucção e hygiene.

O sympathico e talentoso escriptor é um nacionalista, na verdadeira accepção do vocabulo. Como romancista, empresta a sua faculdade de psychologo arguto, o seu espirito de observador justo e escrupuloso e o brilhante estylo descriptivo que lhe é peculiar, na composição de romances de vida regional e de um naturalismo sobrio e sadio, de bom gosto. O caracter regionalista dos seus romances avigora o cunho de nacionalismo da litteratura contemporanea.

Assim tambem se define a acção do homem na vida publica, na qualidade de pedagogista, critico, higienista e publicista.



O folheto de Fernandes Costa nos transmite a noticia, que eu já havia lido algures, de que o prestimoso intellectual tem em preparo, "para breve publicação, uma vasta Anthologia Brasileira, em numerosos volumes, dos quaes já tem prompto o primeiro, relativo aos dous Bonifacios, e em via de execução muitos outros."

De algumas centenas, ou milhares de homens de valor como Julio Afranio Peixoto, carece o nosso paiz, para acelerar a marcha do seu progresso.

#### SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Em contacto com o sertão— Do infante ao adolescente— A sua brilhante figura nos estudos — Iniciação litteraria — Influencia dos symbolistas e das novidades — O psychiatria e o medico legista — Carreira rapida e fulgurante — O hygienista — Como educador — A feição e o valor dos romances de Afranio Peixoto na litteratura brasileira — Os ensaios e estudos de um erudito e talentoso escriptor — Nacionalismo e regionalismo. — A anthologia brasileira.

ARTHUR MOTTA





AMORES DE GENTE NOVA —  
*Raul de Azevedo — Typ. "A Editora, Ltda." — Lisboa, 1916.*

Um romance com tres casamentos e um obito, convenhamos que não é bem um romance, senão tres, a menos que seja uma chronica mundana ou boletim demographico. Entretanto, "Amores de gente nova" é a historia assim romanceada, a que não ficava mal o velho titulo: — "Tres casamentos felizes".

Bello livro. Bello no aspecto, na confecção typographica e no venturoso desenrolar dos episodios, acolchetados por notas muito typicas, muito caracteristicas da acção e do meio. Passa-se no Rio e estende-se até a Europa. Disso não ha que duvidar.

Lá está a paginas tantas aquella documentação indiscutivel:

"Os garotos apregoavam "Correio da Manhã", "Paiz", "Gazeta", "Jornal do Brasil", "Jornal do Commercio..."

Referencias tambem a Alberto de Oliveira, Bilac, Afranio, Coelho Neto não deixam duvidas. Estamos no Rio, assim como depois, aos nomes de Paris, Berlim, Karlsbad, como , Nice, Interlaken nos certificamos de que viajamos

a Europa, viagem de nupcias, apressada portanto, para que de tudo restem os nomes apenas e nomes sacramentalmente os mesmos de todas as viagens á Europa.

Se a um romance bastasse correcção de linguagem, seria talvez este um bom romance. Com toda a emphase, assim começa, em phrase a que se não pôde negar grammatica:

"Morena e alta, d'uma elegancia espontanea e requintada, fina e esguia, com uns géstos morosos de fidalga estirpe, Lina Rosa possuía a linha suprema da distincção rara". Se tem grammatica, não faltará quem affirme que "tem estylo"...

"Amores da gente nova" tem, entretanto, coisa mais interessante: duas conferencias no salão do "Jornal do Commercio" e um soneto de Bilac. E', decerto, para a nota local, com muito engenho, sem duvida.

De resto, a arte do sr. Raul de Azevedo apresenta aspectos dignos de nota. As suas imagens, vivas e novas, se medem por esta que é um padrão: — "Na vida tudo é fita..." A's vezes, para illustrar uma scena, lembra um porme-

nor pertinente, que fica em suspenso a meio da narrativa: — “A chuva tamborilava lá fóra...”

Não esqueçamos que o livro, depois dos tres casamentos, termina com um obito. Lina Rosa, que se casára com Paulo Gustavo, assim como Sinhásinha com o dr. Godinho e Olga com o Silvestre, succumbe a um edema de Bacedon... Porque? Segredos da natura, ainda não penetrados pela sciencia.

**TERRA CATHARINENSE**--*Chrispim Mira* — *Liv. Moderna* — Florianopolis.

Interessantissimo estudo sobre o Estado de Santa Catharina, abrangendo não só a feição politica dessa circumscripção como a physica, a historica e a social. C. M. revela-se um escriptor superiormente dotado de qualidades raras, embora sem requintes de lingua.

Seu estylo é expontaneo, desataviado, mas vivo e correntio como a agua dos corregos que saem das mattas. Noutro numero da Revista transcreveremos um capitulo do seu livro sobre o folk-lore, deveras interessante, qualidade, aliás de que elle impregna toda a obra. A proposito da fundação da antiga Desterro conta o A. a tragedia horrivel que poz fim á vida do seu povoador, Dias Velho, um paulista de Santos. Velho fôra para lá com a familia, mulher e quatro filhos, mais um companheiro branco, José Tinoco, 500 indios mansos e dois jesuitas. E teve occasião, certa vez, de re-

pellir a tripulação dum corsario hollandez, commandado por Roberto Lewis, e fundeado, por motivo de tempestade, em Canasvieiras, apoderando-se do carregamento de prata que elle trazia. Veiu dahi sua desgraça. Lewis, sequioso de vingança, voltou em 1867 e atacou o reducto, sendo repellido. Noite alta, porém, renovou o ataque e conseguiu, de surpresa, aprisionar o colonista.

“O que então se passou é de pungente recordação. Tres filhas de Dias Velho são trazidas, de rasto, á capella por elle construida no lugar onde é hoje a cathedral de Florianopolis” e alli entregues á ferocidade dos marinheiros. Dias Velho, amarrado num poste, assiste á scena horrorosa das filhas violadas pela maruja vinolenta... Depois, cae sob os golpes dos bandidos.”

**ROGERIO** — *Orris Soares* — *Drama em 3 actos* — *Imprensa Official* — Parahyba, 1920.

O sr. Orris Soares nos envia da Parahyba, onde o fez imprimir na typographia official, um drama russo, em tres actos. Depois da guerra e da revolução de Lenine, appareceu na literatura esse novo genero, quasi sem escola — o drama russo... O sr. Orris, joven de talento, é de sua epoca e dahi o sacrificar impiedosamente todos os Romanoff, todos os burgoezes e patrões, muito embora na Parahyba não seja isso das empresas mais faceis.

E' lamentavel que o faça tão gratuitamente, quando não fal-

tariam motivos toleraveis para manifestação de suas boas qualidades artisticas, que as tem em escala aproveitavel. Não deixa de ser ridiculo que num pequeno e modesto Estado do Brasil, de todo afastado das agitações sociaes destes dias, irrompam os romanticos srs. Rogerio, Manfredo, Emilio e Tanio o invectivar a guarda imperial, o burguez carniceiro da esquina e outras phantasmagorias absolutamente infundadas além Capiberibe, bem como Deboras e Malvinas, tirantes á andaluza, a conspirar pelos opprimidos, ao rebentar de paixões sanguinolentas e vaporosos amores mais ou menos mal correspondidos. Tudo com muita pança extripada, muito vinho impossivel a menos que seja o de cajú, espíões, trahidores, e caterva... Lamentavel.

De par com seus defeitos de linguagem e da technica, seus inconsiderados arrojões, o auctor nos dará ainda obra menos inconsistente e artificial, com raizes na observação propria e no meio, em que tantos e tantos themes dramaticos deva encontrar. Lembre-se elle do nosso grande Martins Pena, de memoria tão cara aos nossos patricios do Norte e, de futuro, deixe em paz os cosacos e a revolução universal.

**DA EDUCAÇÃO PHYSICA—ANTINÜOS** — *Fernando de Azevedo* — *Weizflog Irmãos* — S. Paulo, 1920.

A idéa da nossa reabilitação engenica dá um largo passo com a publicação destes dois excellen-

tes livros. Nelles se desenvolve a idéa mais sensata que existe a respeito da cultura physica: o corpo humano é o melhor dos apparatus de gymnastica. Está na comprehensão deste luminoso principio o segredo da Grecia e, esporadicamente, hoje, o segredo dos metodos harmonicos que fazem não athletas, essas grosseiras hypertrophias musculares, mas homens ao molde grego. Lá, a cultura do corpo ia de par com a do espirito. Euripedes levantava corôas nos Jogos Olympicos e ao mesmo tempo compunha a "Ephigenia". Platão, antes de banquettear a humanidade com suas idéas filosoficas, ganhava pareos no estadio. O celebre Milon de Crotona erguia um boi na unha mas não faltava a uma lição de Pythagoras. E' a restauração disso que visa o A. Não quer nem cabeças monstruosas, desservidas de musculos, nem musculos empelotados com microcephalia por cima. E lança á publicidade a primeira obra séria, bem escripta, ponderada, intelligente que no Brasil jamais se escreveu sobre o assumpto. Não cabe nesta noticia uma apreciação extensa dos dois excellentes livros, mas cabem palmas e bravos á magnifica realisação de Fernando de Azevedo. Elle dá ao publico, sem nenhum favor, o melhor livro da epoca, o livro mais precioso e mais capaz de excellentes fructos. Não ha quem, lendo-o, não sáia fanatizado pelo grande ideal da belleza, da força e da saude. A edição é primorosa — a mais bem feita de quantas hão apparecido ulti-

mamente. Illustrou-a Rasmusen, um artista completo, cuja presença entre nós nos enche de orgulho.

Si tivéssemos cada anno um livro assim, um só que fosse! . . .

**QUANDO O BRASIL AMANHECIA** — *Alberto Rangel* — *A. M. Teixeira* — Lisboa, 1919.

Abre o livro um prefacio onde o A. defende a sua maneira de estylisar a lingua, replicando assim ás restricções que lhe tem feito a critica. Tem razão o A. como tem razão a critica. "Est modus in rebus". O seu processo é valioso, é bello, até o ponto em que, não caindo em excesso, não perturba a facil transmissão do pensamento; desse ponto em diante, si sacrifica a clareza, o processo torna-se mão, e feio. A linguagem escripta é um meio de transmittir ao leitor as sensações do autor; e tanto mais perfeita se faz esta transmissão, tanto mais perfeito o estylo. Porque o estylo é um meio e não um fim. O fim é transmittir idéas. Quem diz: o homem é mortal, usa d'um melhor estylo do que quem diz: o bipede implume contingencia-se numa thano-fatalidade. Mas o caso de A. Rangel não é este esquentá--cabeça de máo gosto. Senhor dum opulento vocabulario, e dum espirito onde a cultura das artes e das sciencias desabrocharam todas as flores, elle tira patido de um e de outra, conjungando-os, fundindo-os num luminoso jacto de impressionismo scientifico e literario a um tempo. A sua cultura mathematica, por

exemplo, revê em innumeradas phrasas. Ora, essa forma de impressionismo é um processo como outro qualquer; e bom, e excellente, si o autor o usa no grão de equilibrio e medida que é o segredo de tudo. Essa medida possui-a A. Rangel. Demonstra-o sobejamente este novo livro, onde se estudam, menos sob a forma estriccta de contos que sob a de "manchas" ou "pochades" impressionistas, aspectos, homens e coisas do Brasil colonial. Desde o primeiro monjolo até o sino de Iguatemy, do vôo de Gusmão até o tomo de Pedro I, não ha aspecto pittoresco da madrugada brasileira que não reviva nesse livro, sempre integrado no ambiente geral.

Opera assim como o mais precioso dos guias. Conduz-nos atravez do passado, evoca-lhe os lances mais curiosos, apresenta-nos aos homens, explica-os, commenta-os, desenreda os factos a principio incompreensíveis, mostra-lhes a logica, illumina-os. Quem conhece o Brasil atravez de compendios de historia, insulsos e ineptos, na maioria, fica maravilhado quando um autor destes o insinua e o mostra como realmente foi. O Brasil é uma paisagem sobre a qual ha relatorios. Com A. Rangel surgem os primeiros quadros, vivos, vigorosos, onde, em vez de relatada, a paisagem é pintada.

Consegue, assim, o seu livro ser uma rica, uma esplendida exposição de pintura impressionista retrospectiva.





### A SCIENCIA ALLEMAN

A Allemanha é no mundo o paiz em que a cultura scientifica está mais difundida, e desenvolvida. O povo allemão tem preparo scientifico superior a qualquer outro do mundo. A sciencia não tem nacionalidade, é commum a todos os povos, mas está muito mais espalhada na Allemanha que em qualquer outro povo. A Allemanha, graças ao seu preparo scientifico, venceu todos os povos na luta economica e não venceu na guerra européa, porque contra ella se colligaram todas as grandes potencias do mundo.

O povo allemão tem muitas vezes mais preparo scientifico que os povos mais adiantados do mundo. Caracterisa-o tambem um espirito rigoroso de disciplina, de ordem, de methodo, de cooperação harmonica, de subordinação individual aos fins nacionaes, e, por isso, na luta economica a sua victoria era, como foi, inevitavel, emquanto os outros povos não se apoderavam de iguaes methodos. A guerra por um momento quebrou e desnorteou toda essa organização.

O espirito scientifico caracteriza essencialmente o povo allemão. O allemão colloca-se ante qualquer problema social, economico e financeiro como ante uma equação a ser resolvida scientificamente.

Domina-o um espirito de positividade, de apprehensão rigorosa de todos os factores, quaesquer que sejam, determinantes de um determinado phenomeno. Emquanto outros povos declamam ou constroem hypotheses, o allemão é um espirito absolutamente scientifico que nunca pro-

cura sophismar a realidade ou encaral-a com uma pilheria ou uma ironia.

Porque isto? Pela mais positiva das razões.

Porque durante um seculo inteiro um systema completo, integral e perfeito de educação, o mais admiravel do mundo, superior ao de qualquer outro paiz, applicado á massa toda da população allemã, plasmou a intelligencia desse povo ineguavelmente, tornando-a o mais perfeito instrumento scientifico.

Em consequencia disso o trabalho e a produção intellectual allemães são muito mais intensos que em qualquer outro paiz. Em 1913, por exemplo, o ultimo antes da guerra, publicaram-se nos Estados Unidos 12.230 livros, na Inglaterra 12.379, e a França 10.758 e na Allemanha 35.078 !

Quer dizer que a Allemanha intellectualmente produz tanto como os tres mais adiantados paizes do mundo sommados, isto é, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França.

Emquanto outros povos hesitam, duvidam, vacillam, o allemão observa, raciocina, medita, estuda e age com methodo, calma, ordem e segurança.

Ha 70 annos atrás, o mais patriota dos francezes, Jean Macé, possuido do sentimento da grandeza intellectual da Allemanha, dizia em 1862: "Na arte na sciencia, na historia, na philosophia, os allemães esmiuçaram todas as questões. Ha trinta annos, pelo menos, elles nos ganharam a dianteira, sem que nós tenhamos bem consciencia disso. Elles espalharam sobre as camadas inferiores do povo allemão ondas de conhecimentos, que

fariam corar a frente de um francez que quizesse estabelecer a comparação".

Esse contraste formidável, que se accentuou depois de constatado por Macé, outro francez da actualidade, Victor Cambon, vem constatando contemporaneamente sem que a sua advertencia seja ouvida ou os seus conselhos sejam praticados. Antes chamam-no de derrotista, como aqui no Brasil a quem se sente na obrigação de dizer a verdade embora desagradavel.

Os francezes, como nós brasileiros, ainda estão no tempo em que se pensava que nem todas as verdades se dizem. Um anno antes da guerra, Victor Cambon levava aos mais importantes jornaes de Pariz o aviso documentado do proxima aggressão alleman, inevitavel, e recebeu nesses jornaes, como acolhimento, o pedido de doze francos por linha para a inserção do artigo, porquanto, informaram-lhe, "esse assumpto não interessa o publico".

E porque os francezes pensam que nem todas as verdades se dizem, vão assim prolongando e aggravando um contraste que economicamente já lhes foi fatal, pois na ordem das potencias mundiaes hoje lhes cabe apenas o quarto ou quinto logar, que amanhã será o sexto ou setimo, ao passo que já foi o segundo ha muito tempo.

Não ha sciencia franceza, nem ingleza, nem alleman, nem americana. A sciencia é uma só, é universal. Nenhum povo tem o monopolio scientifico nem pôde ter mais aptidão scientifica que outro. Pôde ter mais estudo e applicação. A sciencia é um patrimonio commum a todos os povos. Na Allemanha a sciencia está mais adeantada porque o systema de educação e o conjunto de instituições scientificas são incomparavelmente superiores ao de qualquer outro paiz, porque a instrucção publica, sob todos os pontos de vista, está mais desenvolvida na Allemanha que em qualquer outro paiz.

A sciencia alleman não pôde ser inferior á de qualquer outro povo pela simples razão de que o cerebro allemão, estudado psychica e physiologicamente, tem a mesma capacidade funciional do cerebro francez ou de qualquer outro. Por isso é absurdo affirmar a inferioridade da sciencia alleman, mesmo porque não existe sciencia

alleman nem franceza, mas apenas uma unica sciencia que é a universal.

E' quercr tapar o sol com uma peneira o pretender desconhecer o adeantamento scientifico da Allemanha. O melhor é vêr claro e aproveitar a lição. Os povos inteligentes não procuram illudir-se nem occultar-se coisa nenhuma, mas, ao contrario, abrem o mais possivel os olhos, prestam a mais penetrante attenção, applicam a mais profunda observação aos seus rivaes, afim de imitar-lhes o que têm de bom, para superal-os no progresso. Conhecer o segredo da força dos adversarios, é dominal-os.

E' esmagadora a superioridade dos allemães na producção scientificamente organizada. Assim, por exemplo, com relação á agricultura, na cultura da beterraba de assucar, a producção em quintaes por hectare era a seguinte em diferentes paizes: Allemanha 317,9; Hollanda 307,3; Italia 340,7; Suecia 298,4; e França 243,7.

Na cultura da batata a producção em quintaes por hectare era a seguinte em diferentes paizes: Allemanha 158,6; No-107,4; Inglaterra 154,8; Dinamarca 146,6; Irlanda 137,0; e França 35,8.

Na cultura da aveia a producção em quintaes por hectare em diferentes paizes era a seguinte: Allemanha 21,9; Hollanda 20,1; Inglaterra 17,4; Canadá 17,4; Japão 15,6; Suissa 21,8; Dinamarca 18,3; Escocia 17,4; Noruega 16,; e França 10,6.

Na cultura da cevada a producção em quintaes por hectare em diferentes paizes era a seguinte: Hollanda 27,5; Dinamarca 23,7; Irlanda 22,4; Allemanha 22,2; Suissa 19,7; Canadá 19,0; Escocia 18,5; Noruega 17,0; Inglaterra 16,5; e França 10,9.

Na cultura do centeio a producção em quintaes por hectare em diferentes paizes era a seguinte: Allemanha 19,1; Irlanda 18,9; Suissa 18,6; Hollanda 18,2; Dinamarca 17,1; Noruega 16,4; e França 10,4.

Em todo o terreno da producção do commercio, da navegação, da organização bancaria, do credito, da finança, é sempre completa e absoluta a superioridade da Allemanha, graças ao incomparavel preparo scientifico da sua população.

Os allemães falharam na colonisação, mas em compensação possuem a mais perfeita sciencia de organização economica, e é preciso estudal-os minuciosamente, desmontar-lhes todo o aparelhamento,





peça por peça, para poder comprehender como foi elle construído e imitar-lhes o exemplo.

A personalidade falha de Guilherme II arrastou a Allemanha a commetter em 1914 o assalto criminoso contra a França e a Belgica. Esse crime não tem nenhuma atenuante. Mas na propria Allemanha é preciso distinguir as classes que desencana dearam a guerra das que apenas a acompanharam.

Finda a guerra, para que a Allemanha não occasione nova catastrophe, é preciso que os outros povos se apropriem dos seus processos integralmente, penetrem e desvendem completamente o segredo da sua efficiencia, que não é senão o prodigioso desenvolvimento da sua educação scientifica.

Ignorar a Allemanha é tornal-a perigosa, é fazel-a novamente ameaçadora, é ser vencido por ella. O que aos outros povos cumpre fazer é estudar e imitar os seus processos economicos e o seu methodo paciente e rigoroso de determinismo scientifico, e, sobretudo, a sua integral, perfeita, completa e formidavel organisação pedagogica, essencia unica da robustez alleman, arcabouço indestructivel de sua formidavel energia.

A Allemanha só poderá ser vencida economicamente pelos seus proprios methodos, quando os seus concorrentes delles se apoderarem e os empregarem contra a organisação teutonica, provisoriamente abatida pela colligação de todas as grandes potencias do mundo.

MARIO PINTO SERVA.

(*"Estado de S. Paulo"*)

#### A RETIRADA DA LUGUNA

(O cholericlo abandonado sobrevivente)

Os que leram "A retirada da Laguna", de Taunay, não olvidarão facilmente o episodio do abandono dos cholericos. Acossados pela cavallaria inimiga, perseguidos por toda a sorte de calamidades, viram-se os brasileiros na contingencia de abandonar os contagiados da terrivel epidemia á merce dos paraguayos.

Numa clareira aberta á noite em um capão de matto, ficaram "mais de 130 cholericos sob a protecção de um méro appello á sua generosidade, nestas palavras traçadas em grandes letras sobre

um cartaz prégado a um tronco: — com paixão para os cholericos!"

"Pouco depois de partirmos, prosegue Taunay, e já fóra do alcance da vista, o estrepito de uma nutrida descarga de fuzilaria veiu ferir-nos os corações; e que clamores indiziveis não ouvimos! Nem ousavamos olhar uns para os outros".

"Segundo o que mais tarde nos contou um dos pobres abandonados, salvo por milagre, muitos doentes (elle não sabia bem se houvera, ou não, geral morticinio) levantaram-se convulsivamente e, reunindo todas as suas forças, deitaram a correr no nosso encalço: nenhum pudera alcançar-nos, ou fosse por fraqueza, ou pela crueldade do inimigo".

A este sobrevivente, do qual nem se menciona o nome, faz ainda o historiador nova menção no final do capitulo XVIII:

"Ainda nesse dia (29 de Maio) vimos chegar ao acampamento, seminú e semelhante a um cadaver, um dos miseros abandonados no dia 26, que, encontrando no proprio excesso do terror um resto de força vital que o salvou, viera á noite, arrastando-se, em nosso encalço, através dos cerrados mais espessos. Nem sempre conseguira, entretanto, evitar os paraguayos; mas estes' ao vel-o no estado a que a molestia o reduzira, contentaram-se por divertimento com espancal-o; e quando elle lhes pedia que não o matassem, respondiam:

"Nós não matamos cadaveres; queremos é o teu commandante". E atiravam o misero ao chão com o conto das lanças. Desta sorte foi restituído á nossa expedição, depois de soffrimentos a que poucos organismos poderiam resistir."

O que poucas pessoas saberão é que esse cholericlo, escapo miraculosamente, ainda vive na cidade de Estrella do Sul, antiga Bagagem (Triangulo Mineiro), sendo chefe de numerosa familia.

Chama-se Calixto Medeiros de Andrade.

Com menos de 20 annos de idade, alistou-se no 17.º batalhão de voluntarios na epoca a que nos referimos tinha as divisas de cabo.

Se ainda vive, deve-o a uma série de acasos favoraveis.

São interessantes as peripecias de sua fuga, que poderiam constituir o enredo de um romance de aventuras.

Sua narrativa em mais de um ponto diverge da referencia de Taunay.

Por exemplo, Calixto nega que os inimigos o tivessem apanhado. Como eu lhe lesse o que a seu respeito disse o historiador no ultimo trecho citado, declarou que isso, além de inexacto era inverosimil, pois a lança inexoravel dos paraguayos nem aos mortos poupava, mutilando-os barbaramente.

O accento de veracidade com que Calixto narra suas aventuras, o conceito em que é tido de homem digno de credito, trazem a convicção de que suas palavras exprimem a verdade.

Qualquer duvida sobre sua indentidade tambem deverá ser afastada, E' elle, propriamente, a pessoa a quem se referiu Taunay. Veja-se, para prova, a polyanthéa "A retirada da Laguna" publicada 11 de Maio do corrente anno, sob a direcção do distincto jornalista sr. Urbano Rebello, em Pirassununga.

Consta da mesma uma palestra havida entre o professor Cesar Martinez e o veterano Joaquim da Silva Rabello, daquelle localidade, na qual este declara que "o cholérico fugido da matta e que conseguiu alcançar a columna era natural da Bagagem e chamava-se Calixto". a sua odysseá:

Demos agora a palavra ao mesmo Calisto, que no dia 24 do corrente mez, a nosso pedido, mais uma vez nos relatou sua odysseá:

"Eu e os demais doentes fomos levados para a matta depois de já haver ficado noite. Era um capão redondo, cujo centro fóra roçado.

A's perguntas que faziamos sobre o motivo de nos deixarem alli, diziam que iam fazer uma emboscada aos paraguayos e que depois viriam buscar-nos.

Ao alvorecer do dia immediato estavamos sós. Só se ouvia de todos os lados: Ai! ai! agual! agual!"

Mas não havia ninguem que dêsse agua aos doentes.

Ainda ao lusco fusco dessa manhan appareceu um esquadrão de cavallaria paraguayá.

Ao chegar, a cavallaria deu uma descarga contra nós; vendo, porém, que eramos doentes, os soldados apearam-se, e, formando fileira, foram lanceando a cito, sem poupar nenhum, aos que se achavam ao alcance de seus braços.

A chegada dos paraguayos foi alli "como creolina em bicheira"; todos, desesperadamente, procuravam levantar-se e fugir.

Eu estava bem no meio dos doentes; como não tinha forças para ficar de pé, fui de gatinha pulando por cima dos outros, e cahindo, até que sahi do roçado e entrei no matto, do lado de baixo do terreno, que era em declive. Continuei a engatinhar pelo matto abaixo, até um corregozinho de pouca agua, ouvindo sem cessar um horrivel côro de ais.

Deitei-me de bruços e bebi dois ou tres goles de agua. Incontinenti senti uma especie de surdez e a vista escura e num estado de ligeiro desmaio fiquei alguns minutos.

Recobrando os sentidos continuei a caminhar matto a dentro, até sahir no campo. Então vi que o capão estava todo cercado de soldados. Vendo que alguns cholericos que conseguiam chegar até o campo eram ahí lanceados, fiquei na beirada do matto. Mais ou menos a uns cem metros de mim achavam-se alguns cavalleiros paraguayos. Escondi-me debaixo de um pé de cipó prata.

Esse pé de cipó tinha um tronco grosso e dos lados as "galhas" chegavam

ao chão. Tem aquelle nome porque sua folha é verde por cima e branca por baixo.

O dia estava acabando de clarear. Deitei-me de bruços e, com as mãos, ia cautelosamente puxando folhas seccas do chão e me "rebuçando" com ellas. Cobri primeiro os pés e depois o resto do corpo, até a cabeça, mas de modo que continuasse a poder observar o que que se passava perto.

Pelas oito horas da manhan os paraguayos desarream os animaes e proximo dalli acamparam, ficando quietos o resto do dia.

Dalli iam buscar agua naquelle corrego, passando perto do pé de cipó, em cujos ramos pisavam. O que eu mais receava era que seus cachorrões me descobrissem. Achava impossivel que estes não dessem pela minha presença, adextrados como eram.

O dia inteiro houve aquelle transito alli, para ir buscar agua.

A, tarde chegou uma boiada paraguayá. Pegaram quatro rezes e carnearam-nas, tirando-lhes o couro,

Ao anoitecer puzeram fogo em varios montes de lenha espalhados pelo campo. Eram numerosas as fogueiras e distavam umas das outras poucas braças.

Tomando grandes postas de carne, punham-nas nuns espetos longos, ficando estes no chão, perto do fogo.

Quando a carne assava de um lado, elles, segurando o cabo do espeto, o faziam girar meia volta, sem o arrancar, para assal-a do outro lado.

Depois de escurecer mostrava-se o acampamento muito claro, mas havia entre fogueira e fogueira umas pequenas faixas de sombra.

Eu enxergava nitidamente todas as pessoas e os cães, mas raciocinei commigo que, quem se acha perto da claridade, não enxerga no escuro. Então sahi de meu esconderijo e engatinhei por uma daquellas zonas de sombra, sempre temendo mais dos cães do que dos homens.

Canseguí passar despercebido e continuei a arrastar-me pelo campo, mas dahi a umas cem braças parei exausto e ahí dormi.

Ao clarear o dia, experimentei tres vezes levantar-me, mas não o consegui. Fui então engatinhando á toa pelo campo. Felizmente o terreno era accidentado de "morrótes" que me furtavam á vista dos paraguayos.

Caminhando assim ao accaso, fui dar na batida que havia deixado a passagem das tropas brasileiras.

Era um sulco largo, através do capinzal, e assemelha-se a uma estrada, tão apizoado ficara o terreno.

A certa distancia avistei os paraguayos, que estavam recolhendo os animaes. Observei que estes não dormiam soltos e sim amarrados na extremidade de um grande laço, preso na outra ponta a uma estaca.

Nesse momento vi perto de mim, num "cocuruto" do terreno um cavallo paraguayoy, muito magro, pastando.

Talvez se escapara á noite do laço e pudera assim afastar-se dos demais. Cheguei-me a elle, sem que se espantasse, e segurei-lhe a crina. Abracei-me em seguida a seu pescoço. Então pensei commigo: "Como hei de guiar este cavallo?"

Nessa irresolução minha attenção prendeu-se a um manajo que incommodava o braço, quando eu engatinhava. Era uma tira de pano, de quasi dois metros do comprido, que estava enrolada no logar em que o medico me sangrara. Na inconsciencia da molestia eu nem sabia que havia soffrido uma sangria.

Amarrei a tira na bocca do cavallo, e subindo num cupim, montei-o. Fui tocando pela batida deixada pelos brasileiros. Passei um espraído onde a agua deu nas costellas do cavallo e subi serra. De certo ponto desta avistei ao longe o esquadrao paraguayoy avermelhando o campo (as fardas paraguayas eram vermelhas, ao passo que as nossas eram azues).

Açoitei com uma vara meu cavallo. Embora de uma magreza extrema, elle galopou commigo até pelas duas horas da tarde. O terreno me favorecia, porque eu agora atravessava trechos de matto e de cerrados.

Subito, adiante de mim rinchou um cavallo. Estaquei e com cuidado observei o que era. Vi á minha frente, num vargedo, outro esquadrao paraguayoy. Dei uma volta para contornar o logar em que elle estava e apanhei a batida outra vez.

Depois que o sol entrou, vi, num espigão que me ficava fronteiro, quatro esquadraes paraguayos, acampados. Depois eu soube que dalli elles enxergavam as nossas forças, que se achavam á beira do rio Miranda, impossibilitadas de passar-lhe a corrente impetuosa.

Desta vez eu fui tambem avistado. Vieram muitos cavalleiros, a toda a brida, para capturar-me. Apanhei um matto que havia perto. Ahi o terreno era pantanoso. O meu cavallo atolava-se, mal podendo avançar. Em certo logar elle afundou as duas mãos e não pôde sahir. Abandonei-o, e, atolando meus braços e minhas pernas, fui engatinhando pelo brejal.

Por essa occasião escureceu de todo, e, onde eu me achava, a escuridão ainda era mais profunda, por causa das arvores. Não sei que rumo levaram nesse momento os paraguayos que me perseguiam. Sentindo-me esgotado de forças, deitei-me na lama, pondo a cabeça em cima de uma raiz ou tronco que estava atravessado á minha frente, e que eu apenas pelo tacto sentia, por que, como disse, a escuridão era absoluta. Nessa posição passei por uma mo-

dorra. Acordei sacudido por um accesso de tosse incommodo. Quando fiquei quieto, cuvi perfeitamente rumor de passos humanos que se avizinhavam de mim, guiados pela minha tosse. Felizmente esta cessou.

Os passos, chapinhando na lama, continuavam a aproximar-se. Retive o follego o mais que pude. Senti queessa pessoa parou rente commigo. Se dêsse um passo mais, esbarrava em mim. Pensei que eu tivesse sido visto, e, encolhendo o corpo, esperei a lançada. O paraguayoy parou ahi uns cinco minutos, escutando; depois deu um profundo suspiro e voltou por onde veio.

De madrugada tive uma agradável surpresa: ouvi os sons das cornetas e da banda de musica da brigada brasileira, o que me deu a conhecer que ella não estava acampada muito longe. Presentei muito sentido á direcção de onde vinham os sons. Logo que clareou sufficientemente para que eu pudesse seguir, comecei a caminhar em linha recta na referida direcção. Ainda no interior da matta encontrei um ribeiraõ que tive de passar com agua pelo peito. Tive primeiro o cuidado de despir-me e atirar a roupa para o outro lado, onde novamente me vesti. Pouco além entrei numa macéga de capim flexa. E' um capim tão alto que encobre um cavallo. Subi um morro coberto pelo referido capim.

Ao chegar ao alto do mesmo, novo perigo me esperava: vi dois cavalleiros paraguayos de sentinella, á minha direita e outros dois á esquerda. Eu caminhava cautelosamente para que não me vissem, mas mesmo assim receava que os movimentos dos pendões do capim denunciassem minha presença. Passei entre elles despercebido e transpuz o espigão. Vi então, o exercito brasileiro acampado á beira do rio Miranda, a menos de um kilometro do logar em que me achava.

Ainda um ultimo perigo me restava para passar. O capinzal alto findava a pouca distancia de mim, sendo substituido por um vargedo de capim mimoso, onde infallivelmente os paraguayos me avistariam. Cheguei a essa zona perigosa; mas como era na descida do morro, os inimigos não me poderiam ver logo, porque o boleado do terreno me escobria á sua vista.

Ora, exactamente quando eu engatinhava na descida desse morro, os brasileiros de longe me avistaram, reconhecendo, pela minha farda azul, que eu era um dos seus. Compreenderam o perigo que eu corria e por isso mandaram um batalhão ao meu encontro. Então rejubilei. Estava salvo!

De facto, o batalhão chegou sem embaraços até onde eu estava; ahi dois soldados ajudaram-me a apurar-me, um amparando-me de um lado e outro do outro lado e assim caminhei até o nosso acampamento.

A' chegada fizeram-me um presente que recebi com grande prazer — deram-me duas laranjas”.

Para terminar acrescentarei mais umas breves notas sobre Calixto:

Ao receber a sua baixa tinha o posto de segundo sargento. E' natural, não da Bagagem, mas de Santo Antonio do Boqueirão, municipio de Paracatu' e reside em Estrella do Sul. Tem actualmente cerca de 72 annos de idade. Casou em 1877 com d. Lucinda de Jesus, sendo pae de dezoito filhos.

Estrella do Sul, Agosto de 1919.

GODOFREDO RANGEL

#### MAETERLINCK EM NOVA YORK

As conferencias de Mauricio Maeterlinck motivaram, na America do Norte, cousas bem curiosas. O festejado escriptor belga chegou a New York num momento propicio, e tudo lhe augurava o mais completo triumpho na viagem que então realizava.

Popular na Europa inteira, principalmente entre as mulheres, que têm quanto Mauricio Maeterlinck publica, elle tem desbancado facilmente todos os seus confrades contemporaneos. Precedido, pois, da muita fama de que goza, realizou a sua primeira conferencia na vasta sala do “Carnegie Hall”, repleta do mais escolhido auditorio, e... registrou-se, então, o mais retumbante escandalo literario-social destes ultimos tempos. Poucos actores pôdem lamentar-se de terem recebido pateada semelhante, tão furiosa e ensurdecedora foi a que se viu no salão do “Carnegie”.

E, todavia, a causa de tão inesperado insuccesso não podia ser mais simples.

E' que não houve quem o entendesse. Falava numa extranha linguagem que não era nem a franceza, nem a ingleza, nem idioma conhecido de ninguem. Parecia o chinez, o vasco ou outra qualquer destas linguas arresadas. Parte do publico começou a gritar: fale em inglez ! Outra parte pedia: fale em francez ! Mas qual ! O autor do “Passaro Azul”, tendo perdido de todo a calma, parecia até haver esquecido o seu proprio nome !

Como a conferencia estivesse escripta, pelo menos Maeterlinck levava um maço de papeis nas mãos, o seu representante e interprete, temeroso de que aquillo ti-

vesse peiores consequencias, tratou de apaziguar o publico, propondo-se a ler a famosa peça literaria.

Com isto restabeleceu-se mais ou menos a calma, se bem que alguns protestos ainda se fizessem ouvir. Sentou-se, então, Maeterlinck e... Agora era o interprete que estava atrapalhado. Por mais que olhasse para o papel, por mais que se esforçasse, acabou declarando-se vencido: não percebia patavina !

E não ha como relatar o fim desta festa extraordinaria.

Segundo affirmaram pessoas interessadas no caso, Maeterlinck, ao assentar as bases da sua excursão, com uma empresa “yankee”, comprometteu-se a fazer as suas conferencias em inglez apesar de não conhecer uma palavra deste idioma.

Num destes repentes que só occorrem aos genios ou aos cretinos, o grande pensador belga tomou como professor, immediatamente após a assignatura do contrato, um criançola de 16 annos, que lhe leccionou durante um ou dois mezes e, com esta bagagem shakespeareana, fez-se de velas para os Estados Unidos.

Levou a conferencia escripta em francez e obteve uma boa traducção della para o inglez, mas esta traducção — que era a que elle leu e o interprete não pôde comprehender — ao em vez de estar escripta em orthographia correctamente ingleza, o estava em uma especie de equivalente phonetica, estylo “Methodo Ollendorff”, para que um francez pudesse pronunciar as palavras.

E eis ali como um poeta, um philosopho, de vida tranquilla e sosegada, como Maeterlinck, que foi a New York em busca de gloria e pecunia, encontra-se agora seriamente envolvido em complicados pleitos ante os tribunaes norte-americanos, em virtude de não cumprimento de contratos assignados na fórma da lei... — (“A Rua”, Rio).

#### UMA DO EMILIO

O pranteado Emilio de Menezes, como todos sabem, possuia o mais irrequieto bom humor a par de uma intelligencia privilegiada. Em qualquer agrupamento onde Emilio estivesse, não tardava muito

que, um dito mordaz ou um trocadilho a proposito, se lhe escapasse como um relampago de riso, dentre as espessas bre-nhas dos seus vastos bigodes. E a gargalhada, então, espoucava da garganta de cada circunstante, enquanto o sublimo autor das "Ultimas Rimas", circumspecto e grave, com os olhos no infinito, saboreava, silenciosamente, o effeito causado pela sua "tirada" espirituosa.

Entretanto, em certa época, foi tal a fama anedoctica de Emilio, que, ainda mesmo em sua vida, qualquer calembourg simplesmente cretino ou qualquer trocadilho infamemente idiota, embora não pudesse vir da cabeça de Emilio, tinha que levar como "hors d'œuvre" a pergunta estellionataria:— Sabes a ultima do Emilio?...

E, após o seu passamento, Emilio, naturalmente muito a contra gosto, tem dado a paternidade posthuma a quanto mostrengo anedoctico por ahi existe, filho de paes incognitos e degenerados.

Por essas e outras, sempre que me é perguntado se conheço "uma" do Emilio, vou, mentalmente, redimindo a memoria do poeta com o sacrificio da minha incredulidade.

Hontem, porém, o Domingos Saboia — pessoa incapaz de pregar duas mentiras ao mesmo tempo — contou-me um caso passado entre elle e o Emilio, e que, eu pela terminação intempestiva, propria do humorismo emiliano, não tive duvidas em aceitar-o como sendo do "redemptor" do "Corvo" de Edgard Põe.

O caso foi que, certa manhã, entrando o Saboia na "Paschoal", encontrou-se com o Emilio que o convidou, prazerosamente, a tomar um "kerozene" (old ton gin" e syphão). Após muita reluctancia da parte do estomago do Saboia que, talvez, achasse pouco um só "kerozene", o caixeiro da confeitaria deitou, num calice minusculo, uma dose homœopathica de "veneno", levando ainda a garrafa da "preciosidade" para cima do balcão.

Emilio, que tudo observára, revoltou-se com o facto e, chamando o "garçon", disse-lhe, em tom aspero: — Seja menos grosseiro... Deixe a garrafa aqui na mesa... Por causa destas picuinhas é que eu gosto da "Colombo"... Lá o dono

da casa tem toda a confiança na honestidade dos freguezes...

O "garçon", depois de desmanchar-se em desculpas, deixára a garrafa sobre a mesa e já ia longe com as orelhas rubras pela reprimenda, quando o Emilio, mais calmo, tornou ao Saboia:

— A "Colombo" é hoje um dos unicos lugares onde se pôde beber... E eu gosto muito do Lebrão... E' um bom coração; amigo do seu amigo; espirito cheio de iniciativa e, além do mais, um grande architecto...

— Architecto? — fez o Saboia, arregalando os olhos com o descabido da asserção.

— Sim, sustentou solemne o Emilio: um grande architecto... Talvez o maior do Universo. depois do Padre Eterno... — ? ! !

— Pois tu não viste as grandes remodelações que elle está fazendo na sua casa de commercio? Não viste a collocação dos enormes espelhos? E os custosos ladrilhos? E por cima disso tudo, lá no tecto, bem no alto, aquellas collossaes vigas de ferro?

— Vi...

— Pois, filho, qual seria outro architecto, que não elle, capaz de conseguir collocar vigas de ferro em cima de "pãos... d'agua"?

E o Saboia, com os olhos razos de agua, a rir, a rir, pagou a despesa... —

JOAO SEM TELHA.

("O Jornal" — Rio).

#### O "TIRO" NO BICHEIRO

O seguinte caso é authenticico e foi-nos narrado por pessoa recém-chegada de Corumbá.

Existe nesta cidade um unico banqueiro de bicho, o Oliveira, cidadão portuguez, minhoto, e apatacado.

Como não tenha confiança no bicho do Rio, elle instituiu um systema local que não é, em ultima analyse, sinão o systema primitivo do Barão de Drumond.

Apenas, em vez da figura do bicho, elle põe numa caixa, pela manhã, escripto num cartão, o nome do animal.

A caixa é suspensa ao tecto e ahi fica, á vista dos jogadores.

À tarde, aquelle que maior jogo fez, desce a caixa, abre-a e proclama o bicho vencedor.

Ora, uma certa vez, um pequeno atilado conseguiu descobrir, á hora de preparar a caixa, que o nome do bicho, escripto no cartão, começava por B.

Correu ao Philippino, o maior jogador da cidade, e contou-lhe o que vira.

— Mas você viu mesmo, menino?

— Vi, sim senhor; o nome não pude ler, mas vi bem que a primeira letra é um B.

O Philippino foi aos amigos intimos e narrou-lhes o facto; ficou resolvido dar um formidável tiro.

— Mas como?

— Carregando em todos os bichos da letra B.

— São apenas dois: *Borboleta* e *Burro*.

— Mas o Oliveira, bom minhoto, pronuncia *Bacca* e *Beado*...

— E' verdade: nesse caso carregaremos o jogo nos quatro.

A coisa ficou resolvida na roda dos amigos e, nesse dia, o Oliveira não teve mãos a medir em vender os quatro bichos.

À tarde, o Philippino, que jogara 200\$, foi chamado a descer a caixa.

A casa do Oliveira regorgitava: a anciedade era enorme. O Oliveira coçava a cabeça...

Houve um momento de silencio: os coações quasi deixaram de bater.

Corumbá em pezo tinha os olhos fitos na caixa mysteriosa.

Um palpitava: — é burro; e outro: — qual nada, é *bacca!* — e um terceiro é *beado*... — é borboleta, murmurara um quarto.

Mas Philippino já descera a caixa: abriu o cadeado, retirou o cartão e empallideceu.

— Que é? que é? perguntaram todos a uma voz.

E Philippino sibilou, deixando cair os braços: **BESTRUZ!**

(Do "*Jornal de Minas*" — *Bello Horizonte*).

#### ARTE NOVA

Duas forças antagonicas mantêm o equilibrio social e regulam a marcha evolutiva do progresso: o misonicismo e

o philoneismo. Uma conserva, outra renova; uma é estatica, outra dynamica.

Todas as actividades sociaes estão sujeitas a essa lei da harmonia collectiva; da correspondencia exacta dos seus valores depende a ordem. No mundo economico e industrial, no mundo moral e artistico, por tudo ella se revela imperativa e eterna.

O movimento universal, a dynamica dos mundos, das idéas e das cousas talvez seja a unica verdade scientifica in-contrastavel. A idéa da inercia absoluta é um absurdo que a razão repelle. Nossa inquietude fatal destróe lenta e seguramente as nossas proprias creações na ancia perpetua do novo. Nossas idéas, como supposições giram como os astros. Tudo se resolve no creado, no admiravel rythmo da vida universal.

Só estaciona o que morre. A vida é movimento. Os museus são tumulos. A historia é um epitaphio.

Desse protheico e monstruoso variar de aspectos é que nasce a originalidade. Na arte, a procura do inedito quebra as formulas de hontem; cada affirmacão de personalidade é a fixação de um aspecto novo de idéas e de imagens. E' o delirio do "ultimo". E' a conquista do "não visto".

Por uma ironia das leis invariaveis que regem o mundo das idéas e das formas, os apparentes ineditismos não são mais que combinações e arranjos de concepções pre-existentes e seculares. Somos como as crianças que brincam com certas caixas de madeira, fazendo castellos, cruces, figuras, monumentos, sempre com as mesmas peças.

O philosopho triste do Ecclesiastes já disséra, ha mil annos, essa verdade. Creamos apenas o ephemero. Só Deus engendra o immutavel e eterno. Adão repete-se através das épocas; a differenciação da sua personalidade é uma questão de indumentaria; a mutação dos seus pensamentos, uma questão de inversão de idéas.

Eva ainda devora a maçã biblica e escuta a serpente. Caim mata Abel com um revólver, em vez de lhe achatar o craneo com uma lasca de silex. Em logar da torre de Babel elevam-se os "arranhacéos".

Mas a nossa sede de novo muda a collocação das pedras; pensamos possuir o não imaginado, invertendo apenas os elementos de que dispomos. A lenda do Judeu Errante foi mal compreendida: a humanidade é que é Isaac Laquedem em perpetuo movimento. E quem parte de um ponto do meridiano voltará outra vez a esse ponto do meridiano...

Assim em tudo. Assim na arte.

O nosso tantalismo de belleza é iconoclasta; nada estaciona; o discipulo reforma as concepções do mestre; o que não avança retrotrai; o que não descobre uma combinação nova modifica o antigo, moderniza-o. Assim fez D. G. Rossetti; assim fizeram os esculptores que procuraram estylizar o grego, o egypcio, o médio, o assyrio.

Nessa galharda e audaciosa vesania do inédito, alguns cahiram no morbido, no bizarro, no hermetico; os mediocres, delirando, engendraram gongorismos idiotas; os genios, creando, penetraram os humbraes dos nebulosos, que os fanaticos acceitaram, fingindo comprehender o absurdo. Dahi apparecer na arte uma criação doentia, que se chamou cubismo, uma escola enigmatica e doida, que se chamou futurismo.

Nada, porém, é perdido. Esse actuar de forças philoneistas, que alcançam os extremos, provocou a reação dos elementos conservadores, agitando a estratificação das idéas acceitas, que envolvem, alcançando um estagio superior de criação, modificando os excessos e restabelecendo o equilibrio. Esse meio termo, que justifica o axioma da virtude estar no meio, é que fórma a arte sadia e representativa de um determinado tempo da cultura humana.

O que é uma verdade é que a arte não estaciona. Estacionam as obras que representam um maximo de belleza numa determinada época. Esses são os marcos do genio creador do homem e devem ser julgados e apreciados com um espirito de relatividade.

Todos param, assombrados, deante das estatuas gregas. Nenhum artista, porém, as reproduz. Fazel-o seria copiar servilmente um anachronismo. Assim, as telas de Fra Angelico, de Raphael, as estatuas de Phidias, de Canova, de Mi-

guel Angelo são realizações geniaes que, pintadas ou esculpidas hoje, representariam apenas estudos curiosos e não obras de arte, si não tivessem como os quadros dos pre-raphaelitas, um espirito moderno.

O proprio Rodin será em breve obsoleto. Dazzi e Zanelli, Mastrovic e Metzeli amanhã não passarão de soberbos artistas creadores de uma arte velha.

O que é, porém, irreverente e sacrilego é não prestar um culto a esses genios. E' não olhar com os olhos do passado o esforço e a gloria desses titães que legaram á humanidade tanta belleza.

A nossa falta de senso critico ergue o impiedoso camartello do desprezo para mutilar todo esse patrimonio de gloria. Por um decadentismo que se accentua ignominiosamente após a guerra, na loucura crescente de se reformar a face do mundo, os artistas, hodiernos escarnecem desse passado e, por uma ironia irritante, engendram uma arte pueril, absurda e ephemera, que divinizam sob a egide do primitivismo e da ingenuidade. Artistas admiraveis, contagiados por essa corrente cultuam essa arte doentia, que amanhã pela reação sensata dos artistas menos radicaes, apenas será uma ridicula memoria na historia da arte.

Gongora fez isso na literatura; teve sequazes. Hoje não passam, elle e seus proselytos, de uma lamentavel documentação do que podem o mau gosto e o artificio...

Felizmente, por nossa propria inquietude, pelo eterno retorno ás fontes antigas de que fala o genio de Nitzche, tudo isso passará; essa syncope mental, resultante do esforço exhaustivo da grande guerra, será apenas um estado morbido e passageiro da nossa esthesia amollentada.

Os gigantes do pensamento reagirão por esse espirito de conservação que vela perpetuamente no seio da humanidade. E o bom senso esthetico será restaurado, agonizando, inane, o monstro apocalypticico do super-modernismo que nos avassalla.

Menotti Del PICCHIA.

("Correio Paulistano").

## ARTE E CINEMA

Paris festejou com um grande banquete a eleição de Louis Lumière, inventor do cinematographo, para a Academia de Sciencias. E' grato aos francezes, e aos corações amigos da França, o registro de que duas das maiores invenções industriais e a maior descoberta scientifica dos ultimos tempos são francezas — o cinematographo, o automovel e o radium — sem desmerecer na descoberta e na invenção maravilhosa e surpreendente do aeroplano, que é legitimamente brasileira, mas mesmo assim o nosso glorioso Santos Dumont quiz que a França compartilhasse della e foi em Paris que a executou triumphal.

Em que pese a seus inimigos declarados ou occultos, a França nada perdeu, nos modernos tempos, do seu poderoso espirito inventivo de sempre. Em 1895 havia no mundo inteiro um unico cinema e era o do Grand Café, no bolevard des Capucines; ha-os hoje mais de cincoenta mil, numero verificado pelo sr. Louis Brezillon, presidente do syndicato dos directores.

O invento de Lumière — nome de predestinação — gerou farta fonte de vida para todo um formigueiro de trabalhadores, ou ainda mais, como ao finalizar o banquete disse em discurso o sr. Romain Coolus, presidente da Sociedade dos Autores Dramaticos, esse invento trouxe para os humildes uma alegria inedita, e quasi transforma os adultos e os anciãos em crianças, resuscitando para elles as deliciosas voluptuosidades da lanterna magica que lhes foi o encanto da meninice... E' o cinematographo uma distração inestimavel mesmo para aquelles que as distrações já não mais seduzem, e ainda mesmo aquelles que a essa preferem outras outras não recusam a Luiz Lumière o titulo de um dos bemfeitores da humanidade.

Romain Coolus foi ainda mais longe. Reconhecendo embora que os espectaculos cinematographicos são muitas vezes mediocres, julga elle que a culpa não cabe ao cinema, porém, aos que o utilizam mal; e o cinema deve ser considerado como uma verdadeira arte e um modo novo de expressão. Os escriptores,

disse elle, até então não possuíam para traduzir suas concepções e transmittir ao publico suas emoções imaginativas senão a materia sonora, ou se preferem as palavras, que são tardas e muitas vezes insufficientes embaixadores do pensamento". A invenção de Louis Lumière "abriu-lhes o mundo infinito das imagens que se podem succeder quasi com a rapidez do proprio pensamento" e esse inventor lhes poz á disposição, se assim se pôde dizer, a "materia visual".

O entusiasmo do orador o empolga e arrasta demasiadamente longe. Diga o que disser o sr. Romain Coolus, em sua engenhosa theoria, as palavras não são apenas simples "materia sonora". Ellas são antes de tudo signaes, e nisso exactamente consiste a superioridade da poesia e da alta literatura até mesmo sobre as outras artes de valor incontestavel.

As palavras tambem são innegavelmente "sons", possuem uma musica que lhes é propria; têm até mesmo colorido. Podem evocar todas as impressões musicas, pittorescas e plasticas. O mundo visivel e o invisivel, o sensivel e o abstracto, nada escapa ao dominio universal do verbo, que é uma maravilha de tal ordem que alguns, até Bonald, não a puderam considerar como invenção dos homens, e attribuíram-lhe uma origem divina. O inconparavel valor literario do verbo resulta de que se não dirige elle precisamente nem aos olhos nem aos ouvidos, dirige-se á propria intelligencia; e daquillo de que directamente não pôde reproduzir nem o objecto nem a emoção, suggere-os e os evoca pela idéa.

Um grande escriptor — por exemplo Stendhal — usa estylo perfectamente simples, abstracto e nu', mas no emtanto capaz de evocações e resonancias infinitas.

A um instrumento assim tão poderoso, tão sabio e tão vario, não se pôde assemelhar nenhuma materia visual, nem principalmente a de que dispõe o cinema. As artes plasticas são certamente mais limitadas que a arte literaria, mas até certo ponto possuem a mesma força e a mesma liberdade. O pintor e o escultor escolhem e compõem; vão assim até ao raciocinio e ao entendi-





mento, não se limitam a copiar, antes interpretam a natureza.

O cinema não é mais que uma photographia aperfeiçoada e em movimento, mas como a photographia apenas um aparelho registrador. Depende do modelo, e nada elle accrescenta. Por certo, poder-se-á facilitar-lhe coisa melhor do que os quadros e attitudes que até hoje se lhe têm amprestado. Mas, afinal de contas, não se percebe como poderia elle passar além do nivel da pantomima, que tambem já foi uma arte deleitosa, apreciada pelos Gauthiér e pelo Bonville, mas, indubitavelmente, muito restricta.

Isso tudo, quanto ao lado theatral e literario. Resta ainda, porém, o lado por assim dizer "documentario" — no qual realmente o cinema é por certo preciosissimo.

Em resumo: o cinema é, de certa maneira, uma coisa analoga ás imagens dos livros ou dos jornaes illustrados, um excellentes aparelho para divertir, para informação e vulgarização.

Uma arte maior e uma nova linguagem... isso não!

#### CLUB DOS SOLTEIRÕES

Os inglezes, quando emigram, levam para os paizes que vão beneficiar com os seus gutturaes "all right" e clangorosos "very well" todas as excentricidades que beberam no berço materno.

E' muito commum nas cidades inglezas a permanente organização de clubs de solteirões, onde são recebidos todos aquelles que, ao passar além da casa dos trinta e cinco, não se deram ao trabalho, por demais fastidioso, de escolher uma costella que os aqueça.

Não pensem que essas associações tenham um fim immoral qualquer; tudo lá se pauta pela mais restricta honestidade. O solteirão albionico, ao contrario do que se dá com os seus collegas latinos, despreza a mulher "in totum", não só como esposa, mas tambem como amante. Foge de qualquer rabo de saia com mais presteza que um gamo. Assim, nos seus clubs, o elemento feminino não tem entrada.

Os associados reúnem-se todas as noites sómente para jogar, beber, comer e

falar mal da outra metade do genero humano.

Comer, beber e jogar, não só para os subditos do rei Jorge, como para muita gente boa, é o ideal da vida; parece-nos que aquelles que assim pensam não deixam de ter carradas de razão, desde que não tenham outra coisa que lhes subordine as horas do dia. Uma centena de solteirões reunidos para tão grande empreendimento, eis o club por excellencia.

Ha uma cidade no Mexico arrevezadamente denominada Chiu-Hua; nella existe uma grande colonia ingleza. Trataram logo os membros da colonia de fundar uma associação daquellas que vicejam na mãe patria. Eram tambem admittidos como socios os nacionaes.

A cerimonia principal dos estatutos era o "enterro" do socio que se casasse. Pois a cidade de Chiu-Hua acaba de assistir, pela primeira vez, á espantosa cerimonia.

De la Pétaradde, subdito britannico de origem franceza, era o rei dos solteirões, sob o nome de Buttock I; apaixonou-se aos quarenta e cinco por uma hespanhola de vinte e seis, e tão louco de amor ficou, que resolveu abandonar os seus consocios, mandando-os pentear macacos.

A indignação foi geral, tendo sido De la Pétaradde intimado para deixar-se "enterrar".

A's dez horas de uma noite de esplendido luar realizou-se a solennidade. O noivo foi conduzido numa magnifica carruagem negra, enfeitada de azul e branco; puxavam-na tres parelhas de cavallos tordilhos.

O acompanhamento formava-se de 30 socios, vestidos com tunicas roxas e levando cirios nas mãos.

Dez criados encasacados conduziam cestos enormes, prenhes de gin, whisky, old-tom e rhum.

Num riquissimo catafalco, em pleno bosque, foi collocado o "cadaver". De la Pétarade teve que ouvir todos os canticos de corpo presente, e, para maior castigo, ainda foi martyrizado com uma compridissima arenga do advogado Muñoz Salas, orador do club.

Terminada a cerimonia, pegou elle, pela ultima vez, uma respeitavel mona,



em companhia dos seus amigos, ao dobre de um sino que tristemente badalava.

Em seguida foi aclamado rei dos solteirões o mexicano Juan de las Gambias, sob o nome lidimamente castelhano de Matamoros I.

GUY D'ALVIM.

#### VIDA FORENSE.

O sr. René Benjamin, um dos novos escriptores francezes que têm a rara qualidade de escrever para dizer alguma coisa e de dizer alguma coisa quando escrevem, publicou recentemente um livro interessante sobre a justiça em Pariz. Não é uma dissertação, não é um catalogo, não é uma estatística, não é uma conferencia, não é, em summa, qualquer das manifestações escriptas do talento de adormecer tão contradicho hoje entre os denominados homens de letras. Não é tampouco um romance: é uma série de quadros, um punhado de episodios apanhados da realidade e não inventados pela imaginação, distribuidos e narrados de tal maneira que delles resalta com nitidez cheia de vida a imagem perfeita do que é a justiça em Pariz.

Quereis saber o que ella é? Oh, meus senhores, é uma coisa dolorosa. E' isto: um officio massador que os juizes procuram desempenhar com o minimo do attenção e o maximo de somno, uma especie de machina classificadora de litigios, um typo novo de moinhos de oração de uso em algumas regiões da Asia Central. O presidente das Camaras dá uma volta á manivella julgadora e o aparelho entra a funcionar com a monotonia de um velho realejo do mesmo passo que os juizes, accomodados nas poltronas amplas, mergulham nas delicias de uma somneca reparadora, ao somcadenciado das declamações dos advogados e dos "considerandos" do presidente.

Ao somno da magistratura corresponde, não raro, nas salas de algumas Camaras, o somno da assistencia de modo que o Palacio da Justiça toma em certos dias, quando funcionam todas as Camaras, o attrahente aspecto de um vasto e solemne dormitorio.

Esse torpor só é sacudido quando no

litigio figura como parte ou como advogado qualquer politico influente ou quando a causa é extremamente picante...

Descontado o que ha de exaggero nessa pintura ou, melhor, nessa caricatura da justiça pariziense, o que fica ainda é bastante para nos consolar dos vicios e defeitos da nossa. Com o systema de estudo adoptado pelos juizes do Tribunal, os quaes examinam os autos em casa vagarosamente antes de ir para as sessões e lançam por escripto em cadernos particulares a opinião que formaram, não correm as parte, em hypothese alguma, o perigo de ver os seus direitos sacrificados pelo somno dos julgadores. Nenhum risco padecem ellas tambem por terem os adversarios entregue a defesa de seus direitos a figurões da politica ou da advocacia. Ainda não vimos uma só causa no Tribunal de Justiça de São Paulo ser decidida de um determinado modo só porque as partes ou os seus advogados pertencem ao estado maior da politica, da finança ou da sociedade. Politicos em pleno fastigio do poder temos visto perderem causas como qualquer cidadão anonymo e advogados do mais alto renome nada conseguem frequentemente, na defesa do incerto direito dos esus clientes finorios. Salvo uma ou outra excepção, necessaria aliás para que o tribunal não perdesse o character humano e tomasse os ares de um gremio sobrenatural, os juizes da instancia superior não ligam a menor importancia aos grãos-senhores da politica ou da advocacia ou, por outra, não lhes reservam tratamento diverso do que dispensam a todos os homens dignos, poderosos ou não, illustres ou obscuros, que militam na politica ou na advocacia ou em ambas conjunctamente.

Um julgamento da Camara Civil, por exemplo, que é a mais importante pelo numero de juizes e pela natureza das causas de que conhece, poderá, ás vezes, não ser justo; nunca, porém, será o fruto de influencias estranhas, de pedidos, de suggestões. Será sempre a somma do estudo, calmo e consciencioso, de cada um dos juizes. Não entra na cabeça de quem quer que de perto lhe acompanhe os trabalhos que no voto deste ou daquelle ministro se haja in-

sinuado, de um geito ou de outro, consciente ou inconscientemente, o desejo de ser agradável a uma das partes ou a um dos advogados.

Se em nada levam vantagem aos nossos os juizes parizenses, o mesmo acontece em relação aos advogados. Embora não disponhamos de uma organização como a da Ordem dos Advogados de Pariz, pareceu-nos, pelo que deduzimos do livro do sr. René Benjamin, que os profissionais de cá nada têm que invejar aos de lá. Os vícios e as virtudes repartem-se, lá e cá, com a mesma regularidade e, cá e lá, os talentos e as illustrações apontam com a mesma parcimonia. A advocacia em ariz é, em proporções muito grandes, a mesma coisa que é em S. Paulo. Não lhe faltam nem os grossos tubarões do fóro nem os parvos vitalícios do jury. Enxameiam lá como aqui os "cabotinos" da profissão. altos e baixos, graudos e meudos, e, aqui como lá, raro, a tolice empavonada cede a palavra e o logar ao bom senso e ao bom gosto...

Sirva-nos isto de lição patriótica. Já é tempo de nos convencermos de que a superioridade do estrangeiro só existe... em nossa imaginação e em nosso pendor para desprezar o que temos. Somos todos da mesma massa e todos estamos sujeitos á acção do erro e ás sollicitações da fraqueza.

Nacional ou estrangeiro, o homem é sempre a mesma criatura van, pretenciosa e egoista, capaz de tudo, inclusive de virtude, que é a mais bella das suas pretensões vaidosas. Estrangeiro ou nacional, elle é sempre o mesmo gorilla lubrico ora com mais ora com menos enfeites.

Admirar o estrangeiro só porque é estrangeiro é indicio de debilidade mental — é cuidar que elle é, ou póde ser diferente de nós... Ou desprezemos-o como nos desprezamos, ou nos estimemos como nos estimamos. Temos o direito de ser modestos, mas não temos o de ser idiotas, ou, por outra, temos tambem o de ser idiotas mas não devemos exercel-o sosinho, para o proveito e goso do resto da humanidade...

Poupemol-o.

("O Estado de S. Paulo")

#### A PROVA DE REPORTER.

O expresso que nos levava para a fronteira da Hespanha, havia sahido tres quartos de hora antes, e corria entre o silencio de uma clara noite de Agosto. Eramos apcnas dois passageiros, no vagão de primeira classe, e quando para elle entrei fil-o com o intuito de instalar-me o mais commodamente possivel para passar a noite. De repente, o meu companheiro de viagem volta-se para mim mostrando-me um jornal de ultima hora, que acabára de ler.

— Conhece, senhor, os novos detalhes sobre a aggressão perpetrada, ha tres dias, no rapido da Belgica?

— Nada li — respondi, sem poder deixar de sorrir. — Mas acredito pouco nessas historias de aggressões em estrada de ferro.

— Pois faz mal— replicou o meu companheiro—por minha parte, nunca viajo sem o meu fiel Browning, préviamente carregado.

— Pois eu, confesso-lhe que nunca tomei semelhante precaução.

O meu companheiro fez um pequeno movimento de hombros, sem replicar, e estendeu-se no banco. Eu fiz o mesmo, envolvendo as pernas na minha manta, depois de haver diminuido a luz.

Fechei os olhos, mas o somno fez-se esperar. Lembrei-me de que cinco dias antes eu havia entrado nas officinas do importante jornal "A Nova Idéa", muito emocionado, levando uma carta de recommendação para o director. Este mostrou-se muito amavel e affectuoso, perguntando-me:

— Então, o senhor bastante joven, deseja ser jornalista? E vem recommendado pelo meu bom amigo Dormond. Muito bem. Mas eu neste momento, não tenho logar algum disponivel. Quer voltar a procurar-me daqui a um mez? E' provavel que cntão se faça alguma cousa. De qualquer modo, aqui tem o senhor um passe que lhe permittirá passar alguns dias, ou algumas semanas, á sua escolha, nos Pyrinéos. E se de lá me quizer enviar algumas chronicas...

E é por isso que nessa noite me encontrava em um compartimento de primeira classe do rapido de Hespanha.

As minhas idéas tornaram-se confusas. Entrevia não sei que futuros exitos jornalisticos...

Uma sensação extranha fez-me despertar sobresaltado. Entreabri os olhos e vi o meu companheiro de viagem na minha frente, apontando-me um revólver á cara e observando-me, com ares de ferocidade:

— Nem um grito!... senão!...

E depois, em tom baixo e imperiosamente:

— Dê-me a sua carteira... já...

Cheio de terror obedeci.

— E agora — disse o ladrão — muito cuidado em não ir contar essa aventura a pessoa alguma. Sei quem o senhor é. Chama-se Guy d'Affonse, acaba de terminar os seus estudos e vive na rua Rennes 317. Se o senhor falasse, teria noticias minhas.

Eu estava tão aturdido, que não vi desaparecer o ladrão e passei todo o resto da noite com o coração angustiado, sem animo para mover-me. O trem corria, corria sempre...

Logo que amanheceu pude reflectir um pouco. Calculei que era melhor guardar silencio, já que a minha segurança estava ameaçada. E' verdade que perdia 450 francos que tinha na carteira, e uma estadia de verão nos Pirinéos; mas, que remedio?...

Quatro dias depois, estava de volta a Paris, onde durante algumas semanas continuei fazendo a minha vida de costume.

Approxima-se o mez de Setembro e disponho-me a visitar de novo a redacção d'"A Nova Idéa", quando uma manhã recebi a seguinte carta, acompanhada de um embrulho de fôrma achatada:

"Illmo. Sr. — Ha dias, o senhor solicitou o logar de reporter d'"A Nova Idéa". A profissão de jornalista exige sérias qualidades moraes, sem as quaes toda a cultura literaria é absolutamente inutil. Infelizmente, estamos certos de que o senhor não possui as qualidades requeridas. No trem rapido que a 9 de Agosto ultimo o conduzia aos Pirinéos, o senhor deu, antes de mais nada, provas de uma imprevisão singular, declarando a um passageiro que não levava arma comsigo, e, além disso demonstrou uma pusilanimidade deploravel re-

nunciando a dar queixa contra o seu aggressor, e, coisa mais grave, uma falta absoluta de tino jornalístico, deixando passar a occasião para seu lindo artigo de reportagem vivida. Nestas condições, temos o desprazer de lhe declarar que não podemos aceitar os seus serviços.—Pela directoria, DULERA'S."

"P. S. — Devolvemos-lhe a carteira que teve a bondade de confiar ao nosso collaborador, na noite de 9 de Agosto ultimo".

O embrulho de fôrma achatada, continha, realmente, a minha carteira e dentro della todos os papeis e a somma que eu havia guardado.

Fiquei espantado e não mais tornei a pensar em ser reporter.

GUY D'AFFONSE.

(D'"O Jornal", Rio.)

#### AS PLANTAS E O SEU AUTOGRAPHO.

As experiencias recentes do sr. J. Bose, do Instituto Bose de Calcutta, despertaram grande curiosidade ao mundo scientifico.

Partindo do principio que os mais complexos problemas da vida animal devem encontrar solução no estudo dos typos de vida mais simples, procurando-se a relação entre a nossa vida e a da planta, emprehendeu o sr. Bose uma série de pesquisas com um engenhoso aparelho de sua invenção e que denominou "Crescographo Magnetico" ou Registrador resonante, cujos resultados formam o objecto de sua memoria intitulada "A unidade da vida", apresentada áquelle Instituto.

As experiencias consistiram em registrar as modificações que os agentes physicos e chimicos produzem sobre a sensibilidade e o crescimento dos vegetaes, semelhantemente ao methodo graphico empregado pelos medicos para registrar o pulso arterial dos seus doentes.

A parte principal do Crescographo Magnetico consta de uma comprida alavanca magnetica, cujo braço mais curto é ligado á planta por um fio; a outra



extremidade da alavanca move-se em frente a uma pequena agulha movel, ligada a um pequeno espelho.

Os movimentos da extremidade livre da alavanca fazem mover a agulha e o espelho a que está presa. Projectando-se um feixe de luz sobre um quadro apropriado a mancha luminosa reflectida delle, é possível não só acompanhar, como fazer a propria planta registrar o seu crescimento, descrevendo no quadro registrador, um traço ou linha sinuosa, cuja amplitude varia conforme a vida do vegetal se intensifica ou decresce. Assim, enquanto a planta cresce, a mancha luminosa move-se numa direcção, se porém se contrae sob a influencia de um choque, então o movimento da mancha se faz em direcção inversa. Applicando-se á planta uma substancia toxica, nota-se o decrescimento da vida, podendo terminar pela morte, se um antídoto não fôr empregado.

E' obvio que os resultados que destas experiencias poderá tirar a agricultura, serão importantes. Assim, conclue o professor Bose que o emprego de estimulantes chimicos, ou physicos, produzirá effeitos diversos conforme a dóse.

Aos visitantes do Instituto Bose, é dado observar o traçado graphico formado de duas curvas parallélas: uma indicando as modificações da atmosphera, a outra a resposta correspondente de uma arvore frondosa as condições varias de cada minuto nas vinte e quatro horas.

A simples passagem de uma nuvem mais ou menos carregada é registrada pelo delicado aparelho.

("A Imprensa", Manáos.)

#### O NACIONALISMO NA ARTE.

A arte não tem patria, costumam dizer os que não são artistas, principalmente aquelles que ligam tanto interesse ao que é noso como á primeira camisa que vestiram...

Certas phrases parecem, não ha duvida, muito bonitas, têm effeito, sonoridade, embora no fundo sejam profundamente acacias.

A arte não tem patria... não tem patria aqui, no Brasil, onde o artista nacional é a eterna victima indefesa dos

rivaes estrangeiros, muitas vezes gananciosos e sem probidade artistica.

O exemplo disso, em muitos dos nossos Estados, e até na propria Capital da Republica, está nas "celebres" galerias de retratos das repartições publicas, onde, quasi sempre, os retratos de autoridades são assignados e "assassinados" por estrangeiros, protegidos e ousados...

Em geral se faz uma critica injusta ao artista nacional. Que pôde elle fazer si, systematicamente, lhe arrancam das mãos as melhores oportunidades?

Nós, entretanto, o vemos trabalhar com uma rara heroicidade pela arte no paiz e, quando surge a rara possibilidade de ver coroado o seu esforço, lá vem, na sombra, esgueirando-se, humilde, sorrateiro, um "Jean qualquer coisa", um "Bartholini" ou "Bestacroff", que sei eu! que açambarca tudo e sorri, ao fim da empresa, da nossa estulta ingenuidade de hospitaes bôhos.

A arte não tem patria... Vá alguém dizer isso na França, na Italia ou em outro paiz mais civilizado que o nosso! Não tem patria no Brasil, repetimos, onde não ha o patriotismo que valoriza nos outros paizes a obra de arte e o merito do artista! Até bem pouco parecia victoriosa a campanha racional do nacionalismo. Em nosso paiz as boas idéas são como as modas: passam depressa...

O nacionalismo na arte deve começar pela defesa do trabalho do artista; garantindo este, o reso virá com facilidade. Não ha nisto jacobinismo e nem despeito; ha apenas o direito de defesa, direito que ao artista é negado na sua propria patria, porque os homens que nos dirigem são, neste particular, os primeiros a darem as mãos aos usurpadores...

FLY.

("Diario de Minas").

#### OS CAVALLS DO DIABO

O sertanejo cearense acredita no diabo, piamente, tão piamente, quanto os camponeses das mais cultas nações européas. O seu demonio é como os demonios e os deuses de todos os povos, creado á sua imagem e semelhança. Si de ou-

tra fôrma acontecesse, estariam revogadas as leis sociológicas que regem a matéria e que a experiência e a observação têm ensinado a quanto philosopho ou sociologo andam por ahi escrevendo e publicando livros maçudos.

Os cossacos e ukrânicos acreditam num diabo chamado Lijeschi, o qual é o vento que sibila, uiva, gane, resôa nas steppas, pela noite além. O demonio sertanejo anda vestido de couro como qualquer vaqueiro e só se distingue do commum dos mortaes, quando descalço, porque tem pés de pato, ou no escuro, porque seus olhos afuzilam como os dos gatos em certas occasiões solemnes... "Figa, pé de pato!" diz o matuto e faz o signal da cruz.

Esse diabo tem os mesmos habitos dos seus creadores: gosta de cachaça, sãboreia carne de bode picada, cosida com pirão e gerimum, corre atrás do gado na catinga e no carrascal, anda a cavallo e é especialista em assumptos de alquilador mais do que qualquer cigano dos "passados na casca do alho"...

O diabo sertanejo tem, no seu inferno, que parece com o sertão em tempo de secca, sendo "mais mió" um bocadinho, affirmam os vaqueiros, uma grande estrebaria, tão bella e tão rica como aquella subterranea em que o rei Herodes guardava as suas eguas de estimação, cavallos de todas as côres, qualidades, raças e feitos, nas quaes viaja quando precisa ou campeia as almas quando necessario.

A familia do demonio é — coom as familias do sertão — immensa. Nunca mais se acaba! dizem os matutos. Tem mulher, que elles ignoram seja a Lilith da lenda e chamam singellamente a "muié do Cão", porque o marido é chamado, não sei porque — o Capeta e o Cão. Tem um rôl de filhos e uma filha só — que é uma belleza de estontear.

Contam lendas sertanejas que um rapaz formoso, valente e forte, viu, numa noite de lua, a filha do Cão passeando numa varzea. Ficou loucamente apaixonado, num estado de excitação igual ao de certos individuos dos suburbios do Rio de Janeiro que, trabalhados por leituras romanticas de infima classe, matam as namoradas ou amantes e suicidam-se em seguida.

O seu anjo da guarda procurou dissuadil-o daquelle amor; mas nada conseguiu: o "beguin" era terrivel. E o interessante é que a diabinha tambem se enamorou do nosso amigo vaqueiro. Mandaram-se recados e ella chegou a falar ao pae que desejava vir morar em cima da terra, na fazenda do seu noivo. O Cão, conservador tradicional, e, no fundo, eminentemente burguez, sonhara outro matrimonio para a filha. Ficou decepcionado e furioso.

Negou consentimento. Bateu com o pé de pato no chão. Deu gritos e estouros. E acabou trancafiando-a num dos calabouços do Averno.

Uma feiticeira communicou tudo ao rapaz, que, desesperado, resolveu arrancar a pobrezinha ás garras desse pae cruel de dramalhão barato. A humanidade em todas as suas ficções reduz sempre o diabo aos mais réles papeis. Como essa campanha é de descredito dura ha seculos, o pobre senhor do fogo subterraneo está inteiramente desmoralizado.

O valente vaqueiro montou no seu cavallo castanho-escuro-fechado, sem signal de especie alguma, nem descoberto nem encoberto, animal de fama na ribeira, e partiu para o inferno.

Não reza a lenda a maneira em como conseguiu chegar ás profundas. Mas o certo é que esse Orpheu matuto atrás da sua Euridyce, esse Dante do sertão em busca da sua Beatriz, lá chegou, rompeu os ferros da masmorra, poz a "melindrosa" infernal á garupa do castanho e fugiu.

Chega ahi o momento em que a lenda é profundamente sertaneja, encerra a alma da gente rustica do paiz das secas, que aproveita para enumerar as quantidades e defeitos dos cavallos, de accôrdo com a côr do cabelo e com os variadissimos signaes externos ou semi-internos, desafiando o velho aphorismo dos maquignons francezes: "à tout poil bonne bête".

O diabo acorda, sabe da fuga da filha, enche-se de colera, manda sellar um dos seus cavallos e lança-se em sua perseguição. Dos dois fugitivos logo ella o avista, porque está na garupa, meio voltada para trás. O moço, prevenido

por ella, esporeia o castanho e pergunta:

- Em que cavallo vem teu pae?
- No gazeo.
- Cavallo gazeo “sará” (albino) nunca prestou nem prestará.

As respostas rimam como meio muenico. O demonio, sentindo escapar-se-lhe a preza, muda de animal. Do novo elle pergunta:

- Em que cavallo vem teu pae?
- No alazão.
- Trazes o freio na mão, onde deixaste o teu alazão?

Nova mudança; outra pergunta:

- Em que cavallo vem teu pae?
- No bebe em branco.
- Quem monta em bebe em branco, monta em cavallo manco.

Mas o “Maioral” do inferno verifica pela propria experiencia que não alcançará os dois em esses cavallos e monta em outros de pigmento melhor. E as perguntas afóra:

- Em que cavallo vem teu pae?
- No cardão-rodado (tordilho).
- Cavallo cardão-rodado nunca póde estar parado.

— Em que cavallo vem teu pae?

— No cardão-pedrez (chuviscado ou pintadinho).

— Cavallo cardão-pedrez para carga Deus o fez.

— Em que cavallo vem teu pae?

No melado-caxito (baio de crinas pretas).

— Cavallo melado-caxito tanto é bom como é bonito.

Mas já a excellencia do animal nada adiantava. Os dois amantes penetravam no mundo, onde se casaram e foram muito felizes. O “Maioral” é que voltou para o inferno furioso e fatigado. Ao entrar em casa, a mulher indagou:

— Alcançou-os?

— Não. Não pude. Montavam um cavallo castanho-escuro.

— E?...

— E cavallo castanho-escuro pisa no molle e no duro!

João do NORTE.

(“Correio Paulistano”).



REVISTA DO BRASIL  
**CARICATURAS DO MEZ**  
 TORCEDORA



- Rapariga, p'ra onde vae com essa roupa molhada?  
 — Vou trocê no futebó.

Perdigão (D. Quivote, Rio)

AUTO-PUNIÇÃO



- Prenderam o chauffeur?  
 — Sim, está preso. E' esse que ahi está entalado.

J. Carlos (D. Quivote, Rio)



UM NINHO



O proprietario — O logar é muito saudavel. A casa tem luz, da lua; agua no rio a dois kilometros e telephone... na pharmacia, junto á estação.

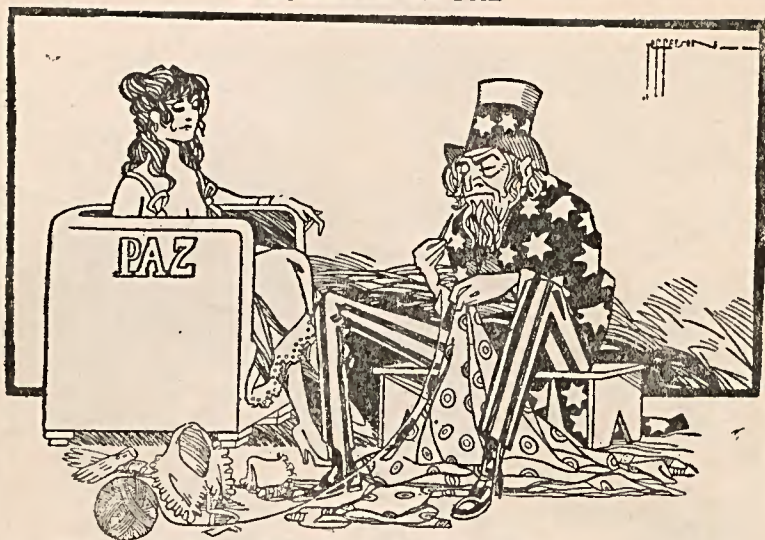
(D. Quixote, Rio)

OS NOSSOS ARBITROS



Auto caricatura de Ferrignac.

## A TOILETTE DA PAZ



- Que é isso, Tio Sam? E a clamide da Victoria.  
 — Não; é a tunica de Nessus.

Jefferson (*D. Quixote*, Rio)

## O FUTURO DA MUSICA



- Você fazia negocio de ferro velho...  
 — Sim, mas agora sou professor de orchestra.

Raul (*O Malho*, Rio)

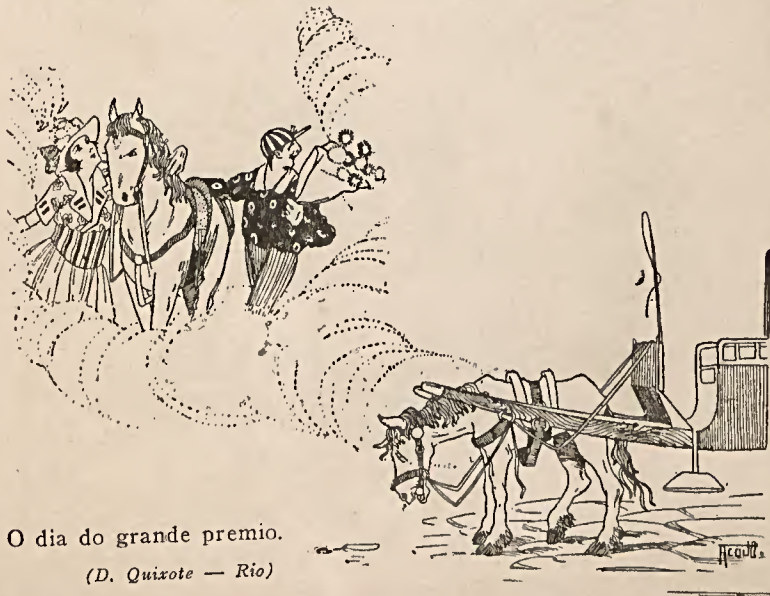
LA FORCE "OPPRIME" LE DROIT



E fizemos a guerra contra a Alemanha! Entretanto, lá, nunca se applicou ás Escolas a maxima bismarkeana.

Kalixto (D. Quixote — Rio)

SIC TRANSIT...



O dia do grande premio.

(D. Quixote — Rio)



- Que fizeste do terreno que tiramos no concurso?  
 — Ora, vendi-o para pagar aquellas peras que me encommendaste.

Perdigão (D. Quixote — Rio)

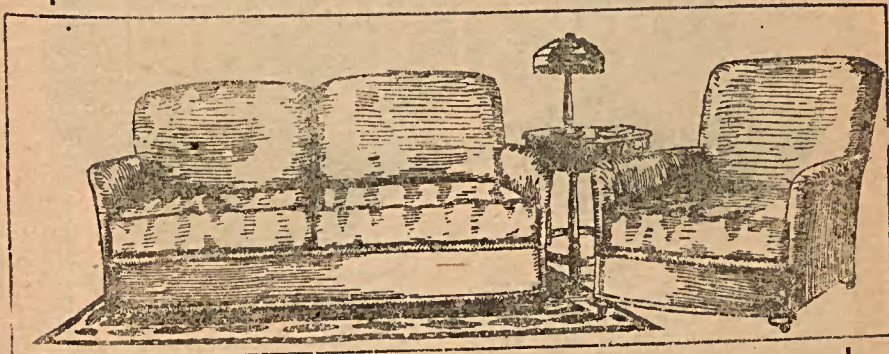


Recepção da nova cosinheira.

Jantok (D. Quixote — Rio)

**MAPPIN STORES**  
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

## MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. —

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

**MAPPIN STORES**

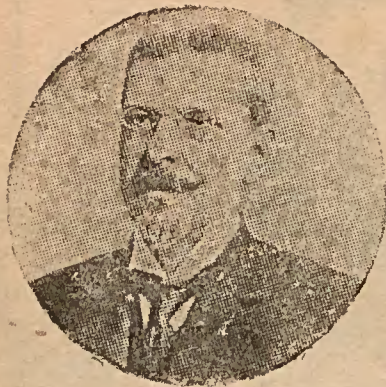
R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO



## O Vinho Reconstituinte

Recomendado e preferido por  
eminentes clinicos brasileiros.

Silva Araujo



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo metucioso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellento tonico nervino e hematogelnico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE

ANEMIA

RACHITISMO

INAPPETENCIA

ESCROPHULOSE.

# LOTERIA DE S. PAULO

Em 16 de Julho

## 60:000\$000

Por 7\$000

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM  
TODA A PARTE

ACIDO URICO - URICEMIA  
CYSTITES - BEXIGA-RINS  
RHEUMATISMO - CALCULOS  
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

# BI-UROL

SILVA-ARAÚJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE  
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00

FERRAGENS, LOUÇAS, PHANTASIAS E MIUDESAS  
**OFFICINA DE ENCANAMENTOS E FUNILARIA**  
 Rua Marechal Deodoro Nº 26  
 TELEPHONE CENTR: 1421



Ferragens, louças,  
 phantasias e gran-  
 de sortimento de  
 artigos domes-  
 ticos.

Officina de enca-  
 namentos e funi-  
 laria.

Concertos de aque-  
 cedores e fogões  
 a guz.

RUA MARECHAL  
 DEODORO, 26

LARGO DA SE'

Teleph. Central:  
 1421.

FIGURINOS NOVOS



Pedidos pelo telephone  
 — 3130 Central —

Edições da  
**Revista do Brasil**

Acaba de aparecer  
 a segunda edição do

**Prof. Jeremias**

de Leo Vaz, a 4\$000

**e Alma Cabocla**

de Paulo Setubal, a 3\$000

Pedidos para a Caixa 2 - B  
 — S. PAULO



# INDICADOR

## ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

## TABELLIAES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corretor official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

**Livraria Drummond** Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

**ED. DRUMMOND & CIA.**

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 755. RIO DE JANEIRO.

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie  
MAISON D'IMPORTATION

**BENTO LOEB**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

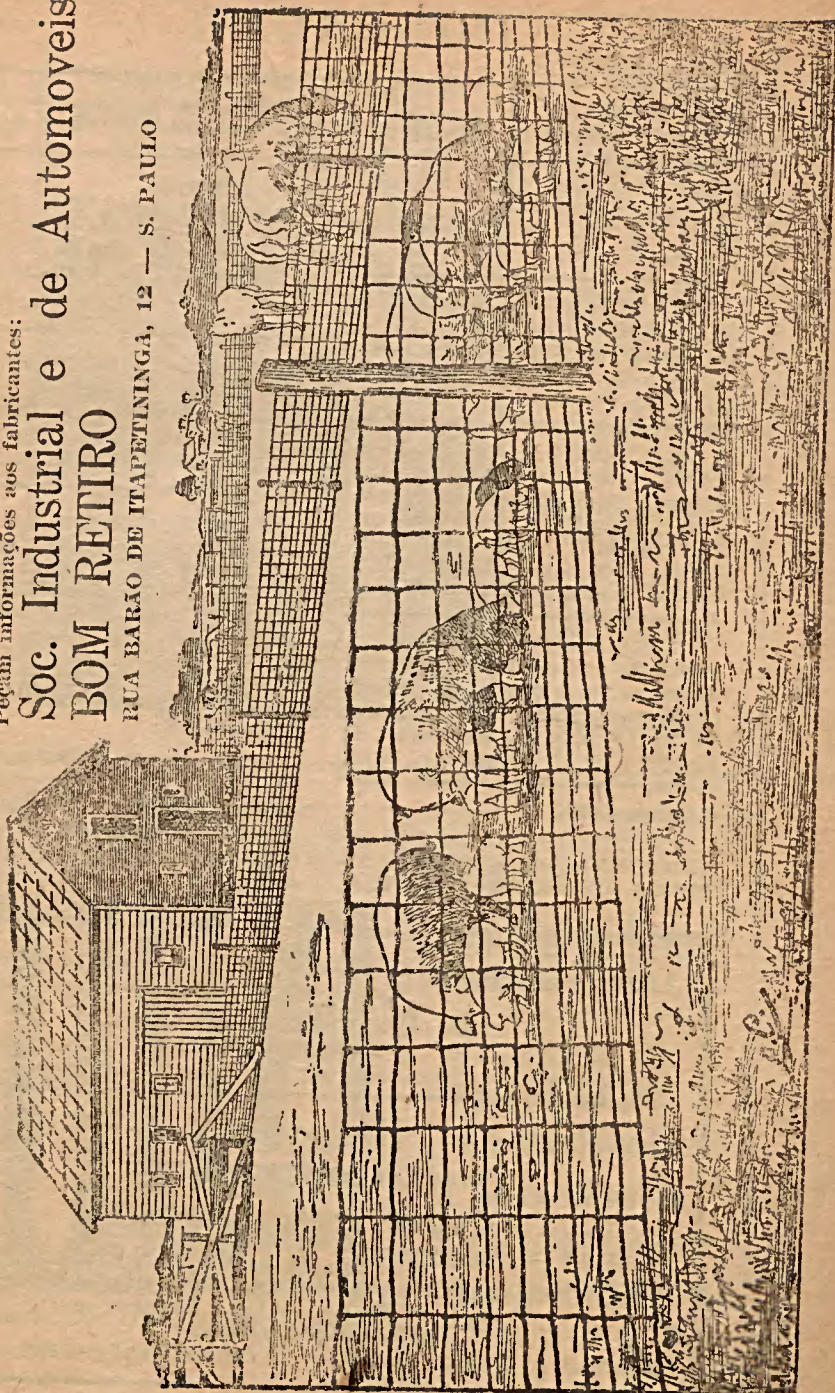
30 — RUE DROUT — 30

# Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes:

Soc. Industrial e de Automoveis  
BOM RETIRO

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 12 — S. PAULO



# MADAME POMMERY

O romance sensacional do anno. O leitor poderá avaliar das excellencias deste livro lendo o frontespicio que aqui transcrevemos:

## Madame Pommery

Chronica muito veridica e memoria philosophica de sua vida.

Feitos e gestos mais notaveis nesta cidade de São Paulo.

Com um perfunctorio esboço biographico, em que pela primeira vez se registram as lendas e anecdotas mais abonadas sobre o nascimento, infancia e educação da mesma conspiciua senhora: baseada em documentos ineditos, memorias proprias e no testemunho respeitavel de varias pessoas abalisadas que mais se avantajaram no seu trato e intimidade; obra necessaria ao perfeito entendimento de mritos factos particulares, assim politicos, como sociaes, que resultariam sem ella de impenetravel obscuridade para o futuro historiador; e, porisso, dedicada ao Instituto Historico e Geographico, a Academia Paulista de Letras, a Sociedade Eugenia e mais Associações pensantes de São Paulo.

Composta por

## HILARIO TACITO

(Natural da Botucundia)

em

1919

Preço . . . . . 4\$000

Franco de porte

Pedidos á Caixa 2 B — "Revista do Brasil"



## Edições da "Revista do Brasil"

Acaba de sair a segunda edição das CIDADES MORTAS, livro de contos de Monteiro Lobato, contendo as seguintes matérias: — **Cidades mortas** — **Coisas do meu diário** — **Cavallinhos** — **Noite de S. João** — **Grammatica viva** — **Pedro Pichorra** — **As seis decepções** — **Cabellos compridos** — **Um avô** — **O "Resto de Onça"** — **Porque Lopes se casou** — **O caso do tombo** — **"Gens ennuyeux"** — **O figado indiscreto** — **O imposto unico** — **O plagio** — **O romance do chupim** — **O luzeiro agricola** — **A "Cruz de Ouro"** — **De como quebrei a cabeça á mulher do Mello** — **A poesia e o poeta** — **O espião allemão.**

Um lindo volume brochado  
com capa illustrada por Paim 4\$000

Encadernado . . . . . 5\$000

Franco de porte

Pedidos á Caixa 2 B — "Revista do Brasil"



**AGUA INGLEZA**  
**TONICA**  
**FEBRIFUGA E APPERITIVA**  
**GRANADO**

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,  
 IMPALUDISMO E CONVULSÕES

EXIJAM A  
 NOSSA MARCA  
 RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIM, CAFÉ,  
 LACTO PHOSFATO DE CAL,  
 PEPSINA E GLYCERINA.

**VINHO**  
**RECONSTITUINTE**  
**GRANADO**

TONICO, NUTRITIVO  
 Na tuberculose,  
 anemia, fraqueza,  
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA  
 MARCA

## HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do *Dr. Faria Lobato* — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE  
 ENERGICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

**AS MACHINAS**

# **LIDGERWOOD**

**para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá. -----**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.  
**Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.**

**CLING SURFACE** massa sem rival para conservação de correias.

**IMPORTAÇÃO DIRECTA** de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

---

**PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.  
DIRIGIR-SE A**

**Rua São Bento, 29-c - S. PAULO**

REGISTRO DE DEBRES D' "O ESTADO DE S. PAULO"



# REVISTA DO BRASIL

*J. M. Torres*

## SUMMARIO do n. 56 — Agosto, 1920

Minas do lume e do pão . . . . .	F. J. OLIVEIRA VIANNA . . . . .	289	
Paiz de ouro e esmeralda . . . . .	J. A. NOGUEIRA . . . . .	301	
Drama da geada . . . . .	MONTEIRO LOBATO . . . . .	314	
Versos . . . . .	{ FULVIO MEÔNI ATHAIDE PARREIRAS CARLOS GONDIM . . . . . MARIO DE LIMA JAYME D'ALTAVILLA	321	
A arte e a critica em S. Paulo . . . . .	RAOUL POLLILO . . . . .	326	
Academia Brasileira de Letras . . . . .	ARTHUR MOTTA . . . . .	331	
Bibliographia . . . . .	REDACÇÃO . . . . .	343	
RESENHA DO MEZ — D. Luiz de Orleans — Francisco Glicerio ( <i>Humberto de Campos</i> )—O meu S. João ( <i>João Semana</i> ) — Indiscrições de papeis velhos... ( <i>Miguel Mello</i> ) — Os remendos inestheticos ( <i>F. de A.</i> ) — O genio commer- cial da Allemanha ( <i>O Misanthropo</i> )—Raymundo Correa ( <i>Adelmar Tavares</i> ) — O bacharel dee Cananéa ( <i>Ruy Lima</i> ) — No dominio do Folk-Lore ( <i>José de Carvalho</i> ) — O que as ereanças sonham — O Combate de Campo Osorio ( <i>Assis Cintra</i> ) — A estatua de Benjamin ( <i>Anto- nio Torres</i> ) — A hygiene da mesa ( <i>Dr. L. P. Barretto</i> ) "Cacuris" e escravos ( <i>Frederico Villar</i> ) — O dicionario brasileiro ( <i>Monteiro Lobato</i> ) . . . . .			352

CARICATURAS E ILLUSTRACÕES.

S. Paulo

1920

Rio

# REVISTA DO BRASIL

---

PUBLICAÇÃO MENSAL

---

Director: MONTEIRO LOBATO

---

## ASSIGNATURAS

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	12\$000
Para o exterior, anno . . . . .	25\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$800

Assignaturas sob registro postal, mais 2\$400 por anno.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam  
em junho ou dezembro.

---

Não se devolvem os originaes.

---

Toda a correspondencia deve ser dirigida a MONTEIRO  
LOBATO & CO.

RUA DA BOA VISTA, 52 (sobr.) — CAIXA POSTAL 2-B

SÃO PAULO





# BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES,

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & CO.**

Telephone, 745-Central — S. PAULO  
LARGO DA MISERICORDIA, 4

# ETABLISSEMENTS

---

---

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francs. ———

# Bloch

-----  
**FAZENDAS**

**E TECIDOS**  
-----

**RIO DE JANEIRO**

116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——

Officinas e Garage Modelo

**DIAS CARNEIRO & C.**



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e  
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para  
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS  
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria  
Carrosserie — Vulcanisação —  
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com  
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

**RUA 7 DE ABRIL N. 38**

**AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20**

**São Paulo**

CANTO LIBERO BADARO'



# The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

**Casa Matriz:**

**4, Moorgate Street-LONDRES.**

**Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.**

Capital Subscripto £ 2.000.000

Capital Realizado £ 1.000.000

Fundo do Reserva £ 1.000.000

SUCCESSAES : - Manchester,  
Pernambuco, Bahia, Rio de  
Janeiro, Porto Alegre, Rio  
Grande, Montevidéo, Rosario  
de Santa Fé o Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio. coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA  
CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-  
NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM  
SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

# WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10  
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão  
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres Seguros contra fogo  
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . Cimento  
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . . Creolina  
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . . Mataborrão  
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . Chá da Índia  
Read Bros. Ltd., Londres . . . . . Cerveja Guinness  
Andrew Usher & Co., Edinburg . . . Whisky  
J. Bollinger, Ay Champagne . . . Champagne  
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tync. Tintas preparadas  
Major & Co. Ltd., Hull . . . . . Preservativo de Madeiras  
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . Dynamite  
Ghotham Co. Ltd., Nottingham . . . Gesso estuque  
P. Virabian & Cie., Marselha . . . . Ladrilhos  
Platt & Washburn, Nova York . . . Oleos lubrificantes  
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . Ferro em barra e em chapas

## UNICOS DEPOSITARIOS DE

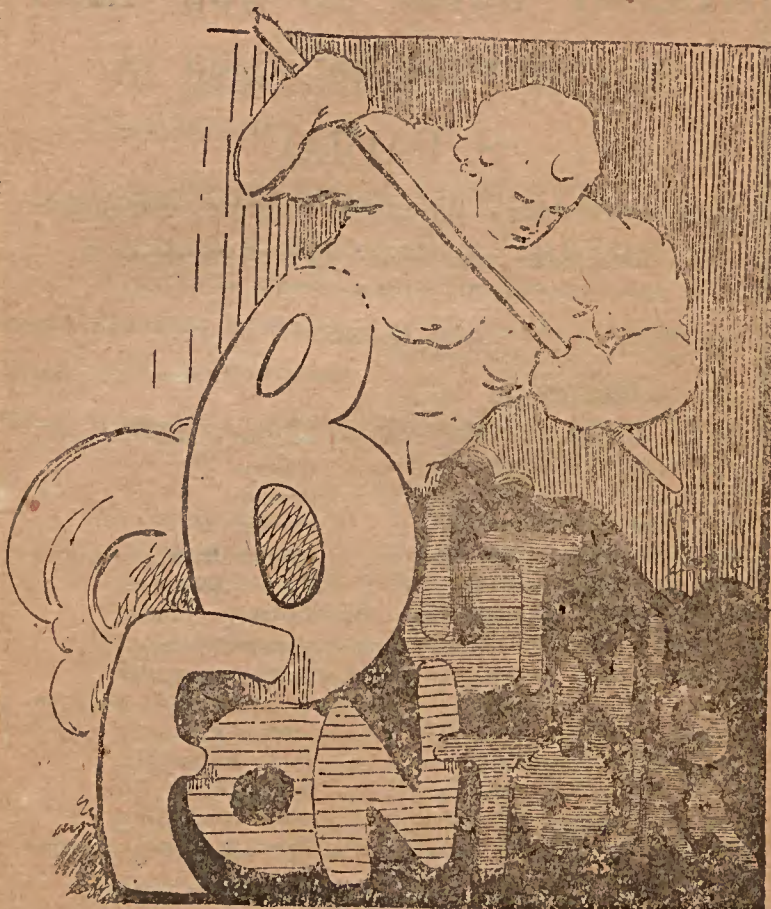
SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA  
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA  
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-  
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

## IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES  
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS  
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



**COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS,  
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"**



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

**O BIONICO** cura todas as fórmulas de anemia.

Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistência. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por inolestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

**E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.**

# MACHINAS E ACCESSORIOS

## Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Maehina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; maehinas eompletas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; maehinas completas para serrarias; ditas para eylindrar sola.

Importamos todas as classes de maehinas. Temos sempre em deposito todos os artigos eonsumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para maehinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem eompromisso.

## Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO



**PORCELLANAS**

**CRISTAES**

**ARTIGOS DE CHRISTOFLE**

**OBJECTOS DE ARTE**

**PERFUMARIAS**

**O melhor sortimento**

—◆—  
Casa franceza de

**L. GRUMBACH & CIA.**

—◆—  
Rua de São Bento N.º 89 e 91

**SÃO PAULO**



# REVISTA DO BRASIL

## MINAS DO LUME E DO PÃO

POR

F. J. OLIVEIRA VIANNA

Pouco antes de embarcar-me para Minas, um mineiro dos mais typicos, descendente de uma das mais tradicionaes familias dalli, disse-me aqui no Rio: — Si quizer conhecer o mineiro, no seu genio, nos seus costumes, na sua hospitalidade, não fique na zona da matta; a matta está muito infestada dos fluminenses; vá para o centro, vá a Ouro Preto, a Diamantina, a Marianna; ahi é que está Minas.”

E’ provavel que assim seja. Póde muito bem ser que, ampliando mesmo o meu campo de observação para além da região montanhosa, indicada pelo meu amigo, outr’ora região dos grandes centros mineradores e hoje região principal da vida religiosa de Minas; extendendo-me para as zonas do oeste, onde estão S. João d’El-Rey, Lavras e Oliveira, bellos centros de actividade agricola e criadora, e para as ricas zonas da matta, para Leopoldina e Cataguazes, onde outr’ora floresciaam os cafesáes famosos; pode bem ser que o typo do mineiro me surgisse outro, sob outros contornos e outro colorido, que não aquelle sob que me appareceu na zona atravessada pelos trilhos da Central. Mas, não creio que as variações regionaes sejam tamanhas, que o typo — juizforense, o typo palmyrense, o typo barbacenense, o typo horisontino por mim observados, não possam ser tomados como representativos do mineiro em geral, nem que a sociedade desses logares não contenha os elementos essenciaes para um julgamento approximativo da sociedade mineira no seu conjuncto; pelo menos a de Barbacena, que encerra uma das melhores tradições da historia mineira.

Dos mineiros eu venho sabendo desde os dias da minha mais tenra infancia; elles se me prendem a mim por uma pequena re-

miniscencia, uma saudosa reminiscencia desses tempos de meninice, que já vão, passados numa velha fazenda dessa baixada fluminense, tão opulenta outr'ora e hoje tão malignada e empobrecida. Foi depois da abolição, talvez mesmo depois da guerra civil, e no periodo climatico da febre cafeeira. Por esses campos desolados pelo exodo escravista, corria, por esse tempo, a voga de uma cantiga, que nunca mais me esqueci. Pelas estradas silenciosas da minha aldeia natal, cheias, lembro-me bem! da luz doce dos seus grandes luares, os pequenos Carusos ruraes passavam cantando, numa toada semelhante a da canção dos tropeiros:

Vou-me embora para Minas,

diziam com voz tremula e longa, alagando de melancolia a solidão da noite illuminada;

Vou-me embora para Minas,  
Mineiro está me chamando!  
Mineiro tem mau costume:  
Chama a gente, e vae andando!

Nunca pude comprehender a razão desse preconceito dos meus conterraneos sobre os mineiros. Tentava explical-o dizendo que naturalmente elles, ao descerem para estas planicies, em busca de braços para as suas lavouras rendosas, traziam os bolsos recheiados. Chegavam, convidavam, desenhando ante a imaginação do planicola arruinado uma perspectiva de grandeza e de fortuna nas suas plantações; mas, não insistiam; era si quizesse; e iam andando... Talvez fôsse isto. O que é certo é que esta impressão ficou-me, como toda a impressão que se cunha na cêra molle do nosso character em formação. Subindo para Minas agora, levava ainda a curiosidade de verificar a verdade dessa extravagante tradição.

Ora, nada mais absurdo. Posso affirmar, com a segurança de uma longa observação, que os mineiros, pelo seu temperamento, são absolutamente incapazes dessas attitudes de arrogancia ou grosseria. Elles exprimem, mais do que nenhum outro, os aspectos mais brandos da nossa indole nacional. De maneira que essa tradição do nosso folk-lare regional, não sei como explical-a.

Nesses estudos sobre Minas, deixo de lado a Minas rural, do pastoreio e das lavouras, que não me foi possivel observar directamente. Deixo de lado a Minas metallifera, do ouro, do ferro e do manganez. Deixo de lado a Minas intellectual. Deixo de lado a Minas da politica e da politicalha, a Minas da administração e a

Minas dos coronéis. Eu quero, por agora, neste artigo, descrever unicamente a Minas íntima e doméstica, a Minas que se reúne em torno da meza familiar para compartilhar o pão da amizade, e junto ao lume larário para os ritos do culto da hospitalidade. Desta é que vou falar, resumindo as impressões de seis longos mezes de convivência entre os mineiros.

Todas as vezes que medito sobre Minas e a alma mineira me vem á lembrança uma pagina de Renan, em que o incomparavel historiador do christianismo descreve a psychologia íntima dos povos de sua Bretanha natal:

— “Nunca familia humana viveu mais isolada do mundo e mais pura de qualquer mistura estrangeira — diz elle. E’ nesta vida retirada, nesta desconfiança de tudo que vem de fora, que se deve procurar a explicação das linhas mais íntimas da índole da raça celtica. Ella tem todos os defeitos e todas as validades do homem solitario: altiva e tímida, poderosa no sentimento e fraca na acção; em casa, livre e expansiva, fóra, esgueira e acanhada. E’ por excellencia uma raça doméstica, nascida para a familia e as doçuras do lar. Em nenhuma outra o laço de sangue tem sido mais forte, criou mais deveres, ligou o homem ao seu semelhante com tanta extensão e tão profundamente. E’ opinião espalhada neste paiz que o sangue fala e que dois parentes desconhecidos, encontrando-se em qualquer parte do mundo, se reconhecem pela secreta e mysteriosa emoção que experimentam diante um do outro.” (1)

Renan não teria alterado siquer uma linha a esse quadro admiravel, si, ao envez dos celtas da Bretanha tivesse observado esses serranos sedentarios e frugaes. Como o homem da Armorica, o homem da Mantiqueira é o homem do lar. Todas as particularidades que podemos observar como caracteristicos da gente de Minas, tem a sua explicação primaria neste irreductivel exclusivismo familiar do mineiro. Todos nós brasileiros somos mais ou menos assim, bem o sei; em todos nós, homens do sul, do centro, ou do norte, o viver doméstico é em tanta maneira absorvente que a vida publica e social soffre a acção dessa preponderancia, e se atenua. Em Minas, porém, mais do que em nenhuma parte. E’ alli, nestas montanhas, nestes campos, que podemos sentir, na sua nitidez e relevo, os contornos mais subtis e íntimos dessa modalidade da psychê nacional. Em Minas, o lar é um centro solar; todas as forças sociaes cedem diante dessa attracção poderosa e dominadora; a profunda concentração do homem em tôrno da ara doméstica como que creia allí o vacuo para fóra de tudo o que não seja a familia. Eu comprehendendo agora aquella phrase de Saint-

---

(1) — in Sylvio Romero — *A patria portuguez*”, pg. 227.

Hilaire: — dans ce pays la société n'existe point et, á peine, y pouvait-on découvrir quelques elements de sociabilité. (2). Na vida das suas pequenas cidades, como Palmyra e Barbacena, como na vida das suas grandes cidades, como Juiz de Fora e Bello-Horizonte, nos seus comícios, nas suas festividades, nos seus círculos sociaes, nos seus theatros, na multidão e no individuo, em tudo descobrirei as impressões indissimulaveis desse fundo instincto patriarchal.

Considere-se, por exemplo, a attitude dos mineiros diante dos forasteiros, que os procuram no recesso amavel das suas montanhas. Sentireis ahí as influencias subtis e delicadas do lar, modelando uma das mais amenas e doces indoles de povo, que eu tenho conhecido.

Nas duas relações com os adventicios, o traço mais distinctivo dos mineiros é, com effeito, uma certa amenidade de tracto, uma certa brandura e singeleza de maneiras, e uma grande delicadeza natural, que nos deixa perfeitamente seguros e despreocupados de qualquer possibilidade de offensa a esses pequenos melindres de amor proprio, que constituem o centro nevrálgico da nossa personalidade nas relações do mundo. Sobre este ponto, elles possuem um tacto agudissimo, e com isto revelam possuir não apenas uma fina intelligencia e uma fina educação social, mas tambem, e antes de tudo, uma fina sensibilidade moral. E' precisamente nessa delicadeza muito apurada dos seus sentimentos, que os mineiros buscam estas suas attitudes amaveis e discretas, cordiaes e polidas, singelas e modestas, que tanto acariciavam a sensibilidade aristocratica de Saint-Hilaire. Este que viajou todo o Brazil meridional, tinha um certo fraco por elles e só se sentia bem entre os mineiros — entre "os meus bons mineiros", como costumava dizer. Os meus conterraneos fluminenses nunca lhe estiveram muito nas graças, e é sempre com concentrada amargura que a elles se refere: — *Surtout chez les gens riches, on trouve dans la capitainerie de Rio de Janeiro peu d'hospitalité.*" (3)

De minha experiencia pessoal, posso dizer que vivi entre esses serranos longos mezes, e nunca lhes surprehendi a menor indelicadeza, ou irreverencia, nada que ferisse a epiderme das minhas susceptibilidades, aliás vivissimas. Sempre os encontrei, desde os mais graduados aos mais simples homens do povo, cortezes, pres-timosos, attentos sempre, finos nos modos e nas palavras. O encanto do seu convívio está em que elles sabem, como ninguem, respeitar a personalidade dos extranhos. Ou muito me engano, ou este é que é, penso, o verdadeiro sentido, o intimo sentido, o sen-

(2) — Saint-Hilaire — *Voyage aux sources du S. Francisco.*

(3) — Saint-Hilaire — *Voyage au Rio Grande du Sud, etc. pg. 501.*

tido por assim dizer esoterico da tradicional hospitalidade mineira. E' sob este aspecto que podemos dizer que os mineiros são hospitaleiros. De mim confesso que não pediria mais, e viveria alli a vida inteira. Os que, ouvindo falar da hospitalidade mineira, julgam encontrar alli as acolhidas ruidosas e francas, o largo sacudir de braços amigos, a sociabilidade explosiva e insobria, a camaradagem facil e de primeira abordagem, os lares accessiveis, enganam-se, como eu me enganei, e terão, como eu a principio tive, uma decepção amarga. Essas expansões só acontecem ao norte, ou ao extremo-sul, entre os gau'chos exuberantes e joviaes. O homem do centro-sul, o mineiro principalmente, é reservado, retrahido, pouco expansivo, e só lentamente se afaz á confiança e á intimidade. O forasteiro, que vem dos grandes centros parece a elle sempre um observador ironico, um critico irreverente e trocista dos seus costumes, dos seus habitos, do seu viver e das suas cousas. E' preciso, por isso, uma grande prudencia no tratar com elles; qualquer restricção, uma pequena critica, mesmo um elogio exagerado, fal-os logo recolherem-se, desconfiados e inquietos. Para a gente que vem do Rio (os "cariocas", como chamam) é então enorme a sua reserva. Vezes havia em que, depois de muito conversar com este e aquelle, em palestra despreoccupada e chã, la vinha o momento em que elles percebiam que eu era do Rio.

— O senhor é do Rio?!

— Sim.

Fechavam-se. Encolhiam-se. O caramujo entrava na casca. Dahi por diante continuavam, como sempre, cortezes e attentiosos; mas, já agora, impenetraveis e esquivos.

Essa esquivaça, essa impenetrabilidade, essa reserva causou-me, nos primeiros tempos, um certo amarume; comecei a duvidar mesmo dos mineiros e da sua apregoada hospitalidade. Depois, com o tempo, entrei a comprehendel-os melhor na intimidade da sua alma e vi que essa reserva é apenas uma attitude defensiva diante dos extranhos, que não conhecem bem e de cuja sinceridade desconfiam. Tudo isso desapparece, desde que o forasteiro lhes ganhe a confiança. Então peccam pelo excesso contrario—por uma confiança exagerada. Certa vez tive, como companheiro de hotel, um hespanhol intelligentissimo e viajadissimo, falando quatro ou cinco linguas, homem que havia percorrido toda America do norte, o Mexico, as Antilhas, o Chile, a Bolivia, o Peru', o Paraguay, onde conversára com Albino Jara, a Argentina, o Uruguay, e que, por fim, entrara por Matto Grosso e viera até S. Paulo. Dahi descêra até o Rio como secretario de uma companhia chilena de saltimbancos. Exhibia titulos fidalgos, dava-se como marquez, e era de vel-o falar, com emphase, em la sangre azul de mis abolengos. Havia sido mil cousas, desde advogado em Hespanha

e senhor de hacienda em Cuba, até copeiro de hotel em Barbacena. Podia ser um bom sujeito; mas, tambem podia ser um aventureiro. Habil, insinuante, conversador amavel e vivaz, esse homem em poucos dias impoz-se á confiança de todo mundo alli, e mais tarde vim enconral-o agente commercial de grandes casas de Bello-Horizonte e Juiz de Fora, movendo, sem outra garantia sinão as suas palavras, sommas avultadas. . . Depois disto, perdi-o de vista, e não sei o que terá acontecido.

Da preponderancia absorvente da vida de familia resulta para o mineiro uma extrema restricção dos circulos da sociabilidade. Mesmo em cidades adiantadas e polidas, como Barbacena, o ambito das relações sociaes é diminuto, si o comparamos com a sociabilidade praticada nas pequenas comunidades fluminenses, onde as visitas, as reuniões, os bailes se multiplicam e se succedem entre as familias de uma mesma cidade. Dizem que em S. João d'El-Rey a sociabilidade é maior; mas, não creio que estas variações locaes alterem este mau conceito sobre esse aspecto do povo mineiro e da sociedade mineira.

Prova excellente desses habitos reclusos e caseiros do homem de Minas está em que os mineiros não frequentam os seus jardins e os seus parques. Em Juiz de Fora, em Palmyra, em Barbacena, em Bello Horizonte, parques e jardins estão sempre desertos, já não direi de moças e rapazes, mas mesmo de crianças. Em Barbacena, eu era o unico frequentador do pequeno parque da Praça da Intendencia, onde á sombra austera dos seus cyprestes, das suas figueiras e carvalhos passei os dias mais encantadores da minha vida. Nunca percebi alli, porém, alegrando-o, uma ronda alacre de crianças; os transeuntes passavam, rapidos, fugazes, como si entre aquellas arvores tranquilas se acoutasse alguma alcatéa de sacys.

Entretanto, esses climas montanhezes são a patria das arvores e das flores. Nos jardins publicos e particulares, os crysanthemos e as dhalias principalmente floream com uma exuberancia primitiva. Os crysanthemos vermelhos, então! Estes ostentam nas corollas estellares um carmim tão vivo, que fulgura; entre a folhagem verde claro das suas touças vicejantes, balouçam-se e fremem, ardentes e rubros como chammas. Nunca vi rozas maiores e mais vermelhas, nem cravos mais radiantes e perfumados do que em Barbacena (e é sempre com saudade que recordo tambem os seus tufos de giestas, tão exóticos nestas paragens, e sempre lindamente recobertos de florículas cor de ouro). Em Palmyra, quando ahi cheguei, em janeiro, toda ella andava cheia do perfume inebriante das magnolias amarellas. Ha all um pequeno jardim, no largo da matriz, pequeno, mas cuidado, e encantador pela sua boa sombra e pelos seus balsedos de roseiras, sempre floridos. Durante os dous mezes que alli passei, nem um só dia deixei de ir pousar á sombra olente das suas magnolieiras

em flor, pela tarde, á hora desses maravilhosos crepusculos de Minas, longos, lentos, radiosos, em que o ar, muito leve que circula e nos envolve, se embebe de tanta luz e claridade, que é como si estivessem a arder, numa incandescencia subtil, os seus proprios elementos. Tambem alli os unicos frequentadores do jardim eramos eu e algumas familias de veranistas; da gente local, ninguem. E' verdade que o mesmo acontece no Rio; tambem aqui os jardins ficam desertos; mas, no Rio ha mil e uma diversões, que estas pequenas cidades não conhecem. Só uma indole muito reclusa, muito aferrada ás commodidades do lar, explicará esta geral despreocupaçãõ de gosar um pouco de luz e ar, á sombra amiga das arvores.

Este feitio do temperamento mineiro eu o encontrei em Bello-Horizonte, cidade modernissima. Bello-Horizonte é uma admiravel cidade no ponto de vista de construcção. No meio dessas soberbas edificações, desses bellos palacios, dessas avenidas, tão amplas, tão claras, tão alegres, tão lindamente arborizadas, não se vê, porém, o homem. E' uma cidade deserta. Está reclamando transeuntes. O mineiro é já de si mesmo retrahido, recluso, organicamente sedentario; nesta vastidão edificada, em que o collocaram, a sua reclusão resalta ainda mais, fere mais a attenção do forasteiro, vindo do denso formigueiro carioca. Nas horas de maior agglomeraçãõ o movimento das ruas, nos pontos principaes, é inferior ao de Nitheroy, mesmo nos dias uteis, ou de qualquer estaçãõ suburbana do Rio. Essa cidade, tão formosa e grande, não está, porém, despovoada; ao contrario, está inteiramente habitada; apenas, não se vê o habitante. O velho proloquio que diz que "boa romaria faz quem em sua casa fica em paz" — tem para o mineiro, embora já urbanisado, o valor sagrado de um versiculo biblico para um puritano do tempo dos Stuarts.

Mesmo reunido em multidão, o mineiro não perde esses caracteristicos. Nada mais interessante de se ver do que uma multidão em Minas. Nenhuma mais calma e menos ruidosa. Eu tive occasiãõ de observ-a em Palmyra, pelo carnaval; em Barbacena, pelos festejos da Semana Santa; em Juiz de Fóra e Bello Horizonte, nos theatros, nos cinemas, nos cafés, nos pontos elegantes, nos comicios eleitoraes, nas solemnidades officaes — e sempre a vi assim, silenciosa, pacata, respeitosa, como si se movesse dentro da nave de uma igreja. Eram sempre os mesmos homens de gestos moderados, falando baixo, a meia voz, como se estivessem contrafeitos no meio do tumulto. Os contactos collectivos, que são sempre superexcitantes, como observa Sighele, não os commovem, nem os alteram. Qualquer desses grandes peritos de multidões e da sua vida tumultuaria. Taine, Zola ou Jean Lombard, nada veria, contemplando uma multidão mineira, capaz de impressionar a sua palheta de coloristas. Sente-se que o mineiro não respira bem no meio da multidão; que as agitações da vida publica

não o seduzem; que é o lar, a vida privada, o campo predilecto da sua actividade. Ahí é que elle se sente bem, respira bem, oxygenisa e arterialisa o seu sangue e a sua alma.

Este culto do lar, e dos sentimentos e preconceitos correlativos, reflecte-se nas relações sociaes dessa gente serrana sob as modalidades mais expressivas, principalmente nas relações entre moças e rapazes. Estas são alli de uma ingenuidade encantadora; trescalam um certo perfume de innocencia e revestem-se de uma pureza que já não encontramos mais nos centros civilisados do littoral. E' assim, por exemplo, que a linguagem das flores, tão do gosto dos nossos avós dos romances de Alencar, ainda entra alli em muita copia como elemento de expressão predilecta; alli se sabe, talvez como em nenhuma outra parte do mundo, que a flôr ao lado quer dizer: — cuidado! e, quando á cintura, quer dizer: — ternura. O derriço á janella, o flirt, a bolinagem nos cinemas, tão habituaes nas sociedades das grandes capitaes, são cousas demasiadamente progressivas para essa sociedade medalhada á antiga; fariam escandaloso. O homem alli guarda ainda pela mulher, o seu pudor, a sua dignidade, a sua honra, esta sorte de respeito supersticioso, que era o timbre distinctivo do cavalheirismo entre os nossos antepassados.

Sobre este ponto, o que observei é que alli tudo se resume numa troca de olhares, quando moças e rapazes se cruzam e se recruzam nos passeios, nos dias domingueiros. Vão as cousas correndo assim por essa tôada, longo tempo, até que lá um dia vem, inesperadamente, o pedido. Este era, outr'ora, antes de 88, um passo solemnisimo, e era feito por um amigo commum, homem severo e respeitavel, que, ao partir para a sua missão, nunca deixava de vestir a sua sobrecasaca preta e dar á physionomia o ar grave e compenetrado dos grandes momentos. Era tambem inevitavel o elemento surpresa — surpresa commovida da predilecta, surpresa fingida da mamã, surpresa sincera do papá, que franziã o sobr'olho, reflectindo. Hoje, aqui na nossa sociedade ultra-modernisada, tudo isso acabou, e é o proprio candidato que vae a casa do papá, desembaraçadissimamente, bem barbeado, bem penteado, bem perfumado, as roupas claras, o palheta novo, a bengala girando entre os dedos em molinete, á lapela o cravo rubro, gritando a certeza do triumpho. Os jovens mineiros não estão assim tão adiantados; ainda utilizam do homem da sobrecasaca preta; ainda padecem as torturas da expectativa e da incerteza; ainda fazem rolar muita lagrima de alegria pela face, sempre bella e pállida, de Rosa, Maria ou Leonor.

Disse, no meu artigo anterior, que estas pequenas comunidades mineiras, se encontram numa phase de disequilibrio social, e entre os symptomas indicativos desse disequilibrio, falei de um certo desaccordo entre o systema de meios de existencia e o systema de modos



de existencia ahí dominantes (4). Juntarei agora mais uma outra prova dessa instabilidade — e é o facto da emigração dos mancebos. Em regra, os rapazes das classes melhores destas pequenas cidades, assim que entram em adolescencia, ou se emancipam, emigram, em grande numero, para maiores centros de actividade, para Juiz de Fóra, para Bello-Horizonte, para o Rio, ou mesmo, ás vezes, para S. Paulo, em busca dessa collocação, que não encontram no meio acanhado dessas pequenas communidades.

Dahi vem este outro facto interessante, esta outra prova do assinalado disequilibrio, que eu tive ampla opportunidade de verificar em Palmyra e Barbacena: — a sensibilissima disproporção entre a consideravel massa feminina em condições de nubidade e o numero dos rapazes casadouros, numero extremamente reduzido. Barbacena, por exemplo, gosa da fama de possuir as mais lindas moças de Minas. Realmente, vi altos typos femininos dos mais graciosos e galantes; ha alguns mesmo formosissimos. Entretanto, o coefficiente da municipalidade é nessa cidade quasi insignificante.

Para isto concorre tambem um outro facto, que é, por seu turno, uma nova prova do referido disequilibrio—e já agora consistindo no desaccordo entre o ideal de belleza e as condições reaes do meio. Realmente, essa deficiencia de “rapazes da cidade” podia ser supprida pela contribuição provinda das zonas ruraes, pela “rapaziada das fazendas”, outr’ora viveiro de noivos, gente leal, honrada, operosa, fundida ainda nos moldes anteriores de 88. Esta gente da roça, porém, já não corresponde mais ao ideal de belleza masculina das moças da cidade, todas com a visão educada pelos modelos vindos dos grandes centros de civilisação e de elegancia. Os modos rusticos e desaprumados desses camponios, o ar canhestro e encolhidico, o mau gosto dos trajes, o collarinho sem lustro, a gravatinha no páu, o palitó mal feito e apertadinho, cortado acolá no Jorge Turco — tudo isto faz com que elles já não tenham mais sobre ellas o antigo poder de seducção.

Essas feitura da alma mineira, essa singeleza, essa sobriedade, essa reserva, esse espirito patriarchal, esse culto do lar, donde lhe vêm? — Não é difficil responder: Vêm do campo; é na formação rural do proprio povo que ellas buscam as suas origens e o cunho que as distinguem. Como todos os brazileiros, o mineiro é fundamentalmente um homem do campo, um homem de formação rural. Eu já disse porque, e amplamente, em outro estudo, aqui mesmo nestas paginas, e seria ocioso redizel-o. (5).

---

(4) — V. numero de Julho de 1918.

(5) — V. numero de Junho de 1917.

Essas influencias ruraes, é preciso accrescentar, comtudo, não actuaram dessa maneira apenas pelo facto de serem ruraes; actuaram, modelando este feitio especial do character mineiro, porque se exerceram dentro de um regimem economico particular ao nosso povo— o regimen do grande dominio rural, isto é, o latifundio fazendeiro. Este é que, pela sua enormidade territorial, restringindo o circulo da sociabilidade, isola as familias e as habitu'a á solidão.

O vinco rural é tão forte, tão estructural no character mineiro, que é facil reconhecê-lo mesmo no mineiro sujeito á pressão de um meio altamente urbanizado, como é Bello-Horizonte. Os que construíram essa esplendida cidade quizeram talvez urbanisar a alma mineira. Deram-lhe então o luxo sumptuoso das avenidas, a imponencia dos bellos palacios, até a maravilha de uma iluminação electrica, que fez dessa cidade, crepitando em myriades de globulos rutilantes, uma cidade de conto feerico, como si o ceu de Minas, tão tranquillo e tão lucido, a recobrisse com o estendal das suas estrellas. Mas a alma mineira, feita do bom metal antigo, o metal da nossa antiga simplicidade patriarchal, entra nessa cidade e, ao envez de se deixar absorver por essas maravilhas, derrama, ao contrario, sobre ellas, sobre esses esplendores de architectura, sobre essas avenidas, sobre essas praças, tão radiosamente batidas do sol, a sua tranquillidade, a sua frugalidade, o seu isolamento, o seu doce espirito familiar, que trouxe das suas vivendas ruraes, onde só habitam a modestia, o socego e a paz!

Essas influencias ruraes — accrescentarei ainda — não agiram sós na modelagem do character mineiro. Ha tambem um outro factor de diferenciação, que não deve ser esquecido. Elle contribue grandemente para caracterizar a sociedade mineira e distinguil-a da sociedade paulista, que lhe deu origem.

Quando os paulistas antigos entram a expandir-se pelo seu chapadão e pelos quadrantes do sul, do oeste e do norte, caçando indios, fundando curraes, abrindo angulos, descobrindo ouro, ou diamantes, formam já uma população perfeitamente diferenciada pela acção do meio americano, já distincta, pela estrutura e mesmo pela mentalidade, da velha sociedade peninsular originaria. Descobertas as jazidas metallíferas dos chapadões mineiros, para alli carreiam os paulistas a sua colonisação poderosa, e com ella a sua civilisação particular, o seu typo social, os seus costumes, as modalidades especificas do seu temperamento e do seu genio. Nelles teriam, por certo, perpetuado essas antigas formas do seu espirito e da sua cultura, se alli se tivessem insulado, livres de contactos perturbadores, como aconteceu nos altos platós catharinenses de Lages, Curytibanos e S. Joa-



quim, onde a sociedade pastoral que ahi vive, guarda os traços sensíveis dos seus antepassados das bandeiras (6).

Em Minas, porém, dá-se a intervenção de um factor novo, que altera profundamente a feição inicial daquella população. E' a appareição dos emboabas. Estes entram esses chapadões metaliferos em corrente grossa e compacta, e acabam, depois de luctas serias, sobrepujando os primitivos colonisadores. Ora, esses emboabas não haviam soffrido nenhuma differença, o derivada de uma longa estadia no meio tropical, ao subirem para Minas. Das caravelas, que os trazem das praias luzas ás praias americanas, elles se transladam intactos, em grandes massas, até os altos platos, onde se agita a sociedade revolta das minas. Só alli é que se opera a transmutação dos seus costumes sob a acção do novo meio. De modo que os contingentes peninsulares entram na formação da gente mineira em condições muito particulares — mais densos, menos dispersivos, mais puros. Dahi o serem os mineiros, dentre os varios grupos regionaes das nossas populações, talvez aquelle em que mais se conservam os aspectos luzitanos da nossa cultura.

Essa concentração de fortes massas luzas, sem um estadio de adaptação anterior, parece ter-se dado tambem no extremo-sul, com os colonos alentejanos que alli se fixam e se caldeiam com a população primitiva igualmente oriunda dos planaltos paulistas. Nos plainos do extremo-sul tudo parece indicar que o elemento preponderante na formação da sociedade gau'cha é o alentejano, isto é, o portuguez do sul, temperado de celta e de arabe (7) No centro-sul, é o portuguez do norte, o duriense, o minhoto, o beirão, o transmontano, mais fortes de sangue celta e godo, o elemento mais activo da differenciação.

Nos mineiros principalmente, essas affinidades de temperamento e de costumes com o luzo do norte parecem-me perfeitamente discerniveis, especialmente no tocante á organização da familia. O portuguez é tambem uma raça essencialmente domestica; de modo que o meio rural teve alli a grande função de accentuar ainda mais este attributo original.

Por outro lado, a situação estritamente continental de Minas, o insulamento natural da sua população, o desvio das novas correntes emigratorias para os chapadões paulistas — tudo isto permittiu que esses serranos mantivessem até agora, com relativa pureza, apezar da sua crescente civilisação, as tradições da sua antiga sociedade modelada sob a acção conjugada da influencia luzitana e do meio rural.

(6) — Delgado de Carvalho — *Le Brésil Méridional*, pg. 270.  
(*Revista Trimensal*, T. esp., P. I.)

(7) — J. G. Campos — *Os povoadores do Estado do Rio Grande do Sul*

Bem sei que os mineiros não se sentem muito lisongeados com esse tradicionalismo. E' como se os julgássemos atrasados, ou rotineiros. Entretanto, a grandeza de um povo está na força de persistência dessas tradições familiares e domesticas, que são as expressões mais typicas do seu caracter nacional. Mantel-as tanto quanto possivel dentro das formas evolutivas da civilisação — eis o ideal de um povo sciente da sua personalidade e orgulhoso do seu espirito. Nada mais edificante do que esses camponios da Bretanha, cujas tradições milenarias ainda se resentem da frescura e da espontaneidade dos primeiros dias, e de quem Maupassant disse que, ao mostrarem-lhe a mesa, onde se sentára Cezar, “falavam-lhe de Cezar como de um antepassado que tivessem visto”.

Lembro-me bem do que se passou commigo quando, em Bello-Horizonte, ao descer para o Rio, um amigo meu, mineiro authentico, desses, que “nunca viram o mar”, e que me viera trazer até á estação em despedida, disse-me, como se eu me julgasse naquelle instante o mais feliz de todos os mortaes:

— Que feliz que você é! Deixa o exilio; e vae para o Brazil!...

— Não. Deixo o Brazil e vou para o exillo...

Sorriu. Sorrimos. Eu, com amargura. Elle, sceptico. — Modos de ver. De ver e comprehender. De comprehender e de sentir...

De Minas eu não guardo apenas a recordação das suas paysagens tranquillias, dos seus horizontes infinitos, dos seus climas amenos e hospedeiros, e desses ares purissimos que os varrem, saneiam e salubrisam. De Minas guardo tambem o encanto de me ter revelado um Brazil, de que eu tinha apenas uma lembrança muito vaga, porque lembrança da minha mais verde juvenillidade: Brazil patriarchal, de que falavam os meus avós, conservando ainda, quasi intactos, esses nossos costumes, tão cheios de penetrante poesia, que a civilisação dos littoraes, na sua expansão incoercivel, vae rapidamente destruindo. Esses costumes, essas tradições, esses modos, essas feitura da velha alma mineira, assim tão repassados do nosso espirito nacional e do calor do nosso solo, souberam á minha sensibilidade, ao meu espirito, aos meus instinctos nativistas, como ao paladar dos entendedores os vinhos caros de uma frasqueira: quanto mais antigos, tanto melhores no sabor, na limpidez e no perfume.





## PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

XXXVI

Dias depois, como Angelo e Leonardo descessem á sala, o doutor Strauss, que acabava de executar com *brio* excepcional a sua ariazinha de flauta das nove horas da manhã, guardou em uma mala, alli aberta e em via de arranjo, o amavel instrumento e communicou-lhes com sereno e alegre rosto, uma cousa surprehendente. Elle e *frau* Mathilde partiam para a Allemanha, pelo primeiro vapor.

Ante o espanto dos dous irmãos por aquella subita resolução, dignou-se de explicar as altas razões de semelhante deliberação.

— Dentro de alguns mezes, se tanto, prophetizou modestamente — vac rebentar uma grande guerra européa, que está destinada a preparar a verdadeira organização do mundo. Eu e minha companheira não renunciámos á gloria de prestar os nossos serviços á patria... Sou medico e Mathilde póde dar uma bôa enfermeira. Não será com agua de rosa, senão com sangue e muito sangue, que se hão de hierarchizar definitivamente os povos e as nações.

Os Orsini olharam-n'o attonitos. Não teria enlouquecido o bom do doutor?! Nada disse. O homem fallava com a segurança e a tranquillidade de quem estava perfeitamente ao par da politica internacional e cria com orgulho no singular papel messianico do seu paiz.

— Mas isso é impossivel, *per tutti i dii*... exclamou Leonardo. O operariado do mundo inteiro ha de colligar-se. Fraternalizarão com os soldados e todos recusarão marchar... Se tal ameaça se der, doutor, será a *grève* geral, o *consummatum est* da burguezia e o começo da redempção universal...

Angelo sorriu tristemente e observou:

— Não sei quem já disse que ha dous grandes erros, egualmente condemnaveis em taes questões. São elles de um lado a myopia do nacionalismo apaixonado e de outro a presbytia do internacionalismo libertario. *In medio stat virtus*, meus senhores... Mas que pressa é essa em deixar-nos, caro doutor? Espere ao menos que acontecimentos significativos justifiquem os seus receios...

Strauss, porém, não manifestava nenhum receio, mas sim uma alegria immensa, calma, como que subterranea. Não podia nem pronurava disfarçal-a. Dir-se-ia estranhamente transfigurado por gloriosa certeza de vidente.

— Os acontecimentos, meus amigos, são os mais claros possível. Ha muito que a Paz está por um fio. Quanto á resistencia do proletariado, respondo pelo patriotismo dos syndicatos e corporações operarias de minha patria. E' verdade que o socialismo dissolvente dos latinos vae crear difficuldades aos governos... Isso, porém, é uma das *nossas* forças, e não das menores.

Aqui Strauss, com aspecto de quem ia fazer uma revelação estupefata, explicou-lhes, a modo de confidencia, que as nações haviam de ir-se organizando á semelhança dos individuos, pois era uma lei da Vida constituir conjunctos harmonicos que, aperfeçoando-se, viessem a obedecer a um *sensorium* unico. Assim a vida do vertebrado, por exemplo, era resultante das vidas individuaes de todas as vertebrae e a consciencia de um ser animado provinha da consonancia de milhares de consciencias elementares... Do mesmo modo as nações podiam ser comparadas a cellulas destinadas a agruparem-se em torno de uma força central e ordenadora. E não seria difficil conceber-se a formação de uma futura consciencia da humanidade, formada do concerto de todas as consciencias de individuos, de cidades, de provincias e nações, á maneira de um unico ser animado e divino... Então começaria a idade de oiro do planeta Terra. Cessariam as guerras. Reinaria uma paz nobre e honrosa, não a paz dos fracos e humildes, senão uma paz resultante da hierarchização das forças, a paz dos fortes e dos triumphadores...

— E a Allemanha será a consciencia ou *sensorium* unico, como diz o doutor, desse ser immenso que se vae formar? perguntou Angelo sorrindo.

Mas Strauss não sorriu.

— Assim o creio, respondeu com simplicidade; Já houve quem chamasse á Allemanha "a consciencia da Europa". Esperamos que o venha a ser da humanidade...

E o seu olhar tomou tal fulgor, que não mais parecia o medico bonacheirão com quem conviviam. Era um homem novo, uma imagem, um magnifico symbolo de força e de fé. Naquelle mo-

mento sua cabeça loira, ingenua e sonhadora figurava concentrar em si todo o esplendor da Allemanha de Goethe e de Nietzsche. Dir-se-ia que a sua vista interior, cobrando sobrehumano poder de devassar o futuro, adivinhava, mesmo atravez das possíveis derrotas e humilhações, um mysterioso e longinquo reamanhecer do seu povo...

## XXXVII

A bondosa *frau* Mathilde, antes de partir em companhia de seu deus Frederico, proporcionou a Angelo agradável surpresa, entregando-lhe uma cartinha de Maria Luiza, que viera inclusa em outra a ella endereçada.

Eram doces palavras de amor, de grande e absorvente amor, repassadas de saudade e de infinita ternura.

Ao percorrer mil e uma vezes as linhas encantadas, tremulas de divino recolhimento virginal, onde a mãozinha fina e patricia da joven brasileira puzera toda a sua bella alma, num lindo incendio de paixão e de bondade, o moço teve a certeza de que os longos mezes de ausencia só haviam augmentado os thesouros de affeição de que era objecto.

Atravez, porém, da trama carinhosa das phrases, significativas de que aquella dedicação sem limites estava resoluta a desafiar os maiores obstaculos, surgiam aqui, alli, innegaveis sombras de tristeza. Via-se claramente nas entrelinhas e reticencias que a opposição do pae continuava acerrima e irreductivel.

O orgulho do afidalgado fazendeiro parecia uma cousa antiquada, verdadeiro carrancismo naquelle S. Paulo cosmopolita, cheio de modernices e novidades. Ainda nas mais altas familias já não eram raros os exemplos de consorcios com estrangeiros enriquecidos. Porque razão havia então de obstinar-se o coronel em sua recusa? Porventura a velha cêpa dos bandeirantes não poderia concorrer conscientemente para a formação dessa *nova nacionalidade* que se ia em torno formando a olhos vistos?

Neste ponto de suas reflexões, como resposta a taes perguntas, acudiu a Angelo o asserto de Strauss: "Atravez da apparente altivez de familia o que ha é a legitima resistencia de uma raça que não quer desaparecer. Vieira, como Viriato, symbolisam as mais puras forças do passado, necessarias á obra de transformação, sem perda da personalidade..." E no seu nobre coração, máo grado a amargura que lhe causava o ver indefinidamente adiada a realisação de seus sonhos, perpassou um tal ou qual sentimento de orgulho em sentir-se amado com extremo por uma mulher de seme-

lhante estirpe, delicada floração do melhor e do mais remontado vigor de um povo.

“Ha, todavia, aqui um exaggero e um engano”, pensou de si para consigo: A final elle e Maria Luiza não eram tão extranhos assim um ao outro. Porque, a seu ver, todos os povos latinos possuíam uma só grande alma, a que se poderia dar o nome de “alma do Mediterraneo”. Não seria facil caracterizar em duas palavras o em que consistia esse espirito maravilhoso, sahido do mar civilizador. Era, porém, um como sopro creador que durante muitos seculos foi expirar nas columnas de Hercules, onde os antigos julgavam que ia acabar o mundo: *Ibi deficit orbis*. Mas com o italiano Colombo e o portuguez Alvares Cabral a alma latina atravessára os mares e viera encher do seu fervor as florestas do novo mundo. Chegavam, pois, do mesmo sonho, ligados por sagrado laço primitivo. Traziam ambos as mesmas aspirações que desbarbarizaram o occidente. E que significavam as fronteiras e as distancias materiaes ao lado das semelhanças de ordem moral? Um italiano do Trentino ou do Trieste era por certo muito mais irmão de um brasileiro no outro hemispherio do que de um austriaco, ou allemão ou eslavo, seu vizinho de casa. Antes que chegasse o dia da Patria Universal, com que tanto sonhava Leonardo, cria sinceramente, sem haver mister “substituir o amor da patria pelo amor dos antipodas”, na grande patria universal, mas real, que se podia chamar a patria latina,— a qual existia mais na côr das idéas, nas formas de sensibilidade, nos gestos da alma e do coração do que no espaço e no tempo. Sentia-se, por isso, immensamente feliz em cuidar que havia um como sangue espiritual, mysteriosa essencia de luz ou de sol, que lhes pertencia em commum, a elle e a Maria Luiza, e esperava que o amor, intima penetração de duas almas, viria a apagar as differenças que acaso existissem... E esse amor, capaz de os converter em um só ser, em uma só vida, não seria bastante poderoso para crear em seus filhos um rythmo novo, destinado a transfigurar á luz tropical destes céos o sonho ancestral das remotas plagas do Mediterraneo?

### XXXVIII

“Meu caro Angelo.

Para que você não tenha o trabalho de voltar a pagina, saiba desde já que quem assigna esta é um sertanejo por nome Luz, o ex-bacharel Benicio da Silva Luz...

Escrevo-lhe de Paracatú, de pleno sertão mineiro, quasi que das abas de Goyaz... Você ha de ficar com razão espantado ao receber semelhante noticia. Eu mesmo nunca pensei em vir parar aqui





neste nosso longinquo *far-west*. Como lhe disse ha tempos, tencionava desde muito dar uma saltada a Caxambú, para ahi tratar-me daquelle meu mal do figado. Pois a tal saltada deu ensejo de encontrar-me com um antigo collega, hoje boiadeiro, e... abjurei definitivamente essa civilizaçõzinha litoranea, que com as suas incessantes macaquices e ridicularias me ia levando á cova. *Agarrei* da mala, ainda não aberta, e *soquei* em companhia delle para este mundão de nosso Senhor.

Para que augmente ainda o seu legitimo assombro, ouça lá de chofre estas espantosas novidades: — Curei-me em 15 dias. Estou outro, inteiramente outro. Descobri a alegria e a saude. E... (não volte agora contra mim os meus anathemas de outr'ora) e... vou casar-me com uma roliça filha de Goyaz!!!

Ainda não é tudo, meu caro. Pode fazer mais provisão de assombro, que aqui vou queimar em sua honra meu derradeiro cartucho literario e erudito. Lembra-se você, Angelo, daquelle formosa pagina de Aristoteles, conservada por Cicero, ácerca da existencia dos deuses? Talvez não se recorde mais... Como ainda me está decorada, ahi vae ella. Tenha paciencia e leia a cousa, que vae ser esta o meu canto de cysne bacharelesco.

“Se existissem seres, — diz o peripathetico — que tivessem sempre vivido nas profundezas da terra, em moradas ornadas de quadros, de estatuas, e de tudo o mais que possuem em abundancia os felizes do mundo; se taes seres tivessem vagamente ouvido fallar na existencia de deuses todo-poderosos e um dia, entreabrindo-se o solo de repente, pudessem elevar-se do fundo dos seus recessos subterraneos ás regiões que habitamos — quando dessem com a terra, com o mar e com a abobada celeste, quando reconhecessem a extensão das nuvens e a força dos ventos, quando admirassem a belleza do sol, sua grandeza e suas torrentes de luz, quando enfim contemplassem, em chegando a noite, o céu estrelado, as variações da lua, o levantar e o pôr dos astros, no seu curso immutavel desde toda a eternidade, sem duvida exclamariam: “Sim! Ha deuses, e estas grandes cousas são suas obras!”

Está você boquiaberto, meu caro Angelo, diante de tão nesperada papafina classica. Creia, porém, que não estou louco não. Estou... é á procura de uma imagem que sirva para dar uma idéa approximada da infinita surpresa de que ando possuido, com o descobrimento que fiz do sertão, ou melhor, da natureza, da deslumbradora natureza brasilica. Porquc, ahi, meu caro, no meio desses mil e um artificios simiescos a que dão o nome de civilização, nessa exteriorização geral da vida a que chamam vida intensa e vertiginosa das cidades, a gente fica tão longe da verdadeira belleza das cousas como os taes homens subterraneos imaginados pelo genio enthu-

siasta do philosopho grego. Sabe-se vagamente que o sol e a lua illuminam o mundo. Mas isso é longinqua reminiscencia de outras vidas ou lembrança de detestaveis metaphoras impingidas, entre poeiras e apertões, por algum orador official, em dias grandes de festas nacionaes. Quando é que se olha *de verdade* para o céu, para para as estrellas, para as arvores?

Não se ria de mim, Angelo — Descobri o céu, a lua, as estrellas. Sei agora o que é a natureza com N maiusculo, sem ter necessidade de ler Holbac nem Rousseau. Descobri uma patria, meu amigo, que me enche de orgulho, tanto mais, quanto a possuo em commum com os seres que me rodeiam. . . Pois aqui existem almas que são verdadeiras emanações da natureza. Ha homens de uma espontaneidade e frescor de agua de rocha. Gente rude, mas forte. Gente divina. Vivem como que perdidos na natureza e confundem-se, por assim dizer, com os elementos. São os gigantes da terra, as forças brutas e sans. Tenho aprendido com elles a ser simples e feliz, a integrar-me no meio e na roça, a ser brasileiro em fim. Porque o verdadeiro, o grande, o invictissimo Brasil, meu caro, está no sertão. Vocês, os litoraneos os civilizados, os desordenados têm a illusão de que são a nacionalidade. Mas na verdade estão apenas em marcha para o sertão. E o sertão os ha de um dia conquistar e transformar a todos. Longe vão de mim os antigos receios e pessimismos. Agora creio no triumpho da *nossa* vida. Porque trabalham e acodem por nós o céu e a terra, os rios e as matas, todas as potestades, em fim, que nos fizeram quaes somos. Com taes alliados, a nossa força de assimilação e de nacionalização não conhece limites. Havemos de impor ao futuro um rythmo perpetuo e perpetuamente novo, sem deixar de ser *nosso* — porque o Brazil-homem e o Brazil-natureza se fundem aqui num só poder oceanico, numa só realidade, capaz de estampar nas mais diversas almas a mesma indelevel effigie da patria. . .

Está você pensando que estou me divertindo em fingir de Luciano. Pois engana-se. Fallo serio, ridiculamente serio. Que quer o meu amigo? Sinto-me aclimatado; mais do que isso, sinto-me restituído de órgãos que havia perdido, de partes de meu ser que eram indispensaveis á harmonia de minha vida, e eram estas montanhas, estes chapadões, aquella agua corrente lá em baixo na bocaina, e mais a viola, e os touros e os poidros por domar. . . E' toda a minha infancia, a minha saude, a minha terra e a minha gente que me voltam de golpe e me poem no rosto já bronzeadado um bom e alegre sorriso. Respiro com estes campos — são os meus pulmões. E *vivo* nestas montanhas, onde bate fundo, forte e alto o meu impetuoso coração. Venha cá, Angelo. Corra para aqui, meu bom e querido amigo, que, em chegando, ha de você exclamar, á vista destes céos, á maneira dos taes entes subterraneos de Aristo-

teles: "Sim! Ha deuses tutelares, nesta terra, e elles me guardam, a mim e aos meus filhos, thesouros de felicidade !

Mas... basta de literatices. Perdoe-me, Angelo, pois só fallei em mim. O verdadeiro fim, porém, desta é pedir-lhe noticias suas e aconselhar-lhe que, se quizer consolar-se daquelle desgosto que sabemos, faça as malas e venha para o sertão. Tenho cá minhas razões para acreditar que aqui você tambem ha de encontrar a verdadeira felicidade... Abraça-o com todo o coração o ex-pifio-bacharel e hoje authentico sertanejo

LUZ."

(*Continúa*).





## VALOR EMOTIVO DAS PALAVRAS

Do “*Ensaio sobre a linguagem medica do Brasil e de Portugal*”, notabilissimo trabalho do prof. Honorato Faustino, que brevemente será dado a prelo, a *Revista do Brasil* publica um fragmento de capitulo, sufficiente para dar a medida do valor da obra.

E’ tempo de passarmos uma vista d’olhos sobre as perturbações mentaes.

O *debil mental* é geralmente um SIMPLES, SIMPLÓRIO, PAMONHA, + ESQUECIDINHO, + SARAMBÉ (Corr. *çarâ-bê*, escorrega todo, falsêa de todo. No sentido vulgar — *que não tem idéas firmes*). O termo *sarambê* emprega-se tambem para significar um obscurecimento momentaneo e passageiro da intelligencia, por qualquer facto emotivo. “Com a terrivel noticia fiquei méio *sarambê*”.

Os termos ESPELOTEADO, ZONZO, PANCADA, TELHUDO, significam sujeito *estonteado* ou *desequilibrado*, sem ser todavia um louco. Este é um morto para as relações sociaes, ao passo que o *espeloteado*, o *pancada*, é como o passarero que foi attingido por uma pelota, ou o individuo que apanhou uma bordoadá: ficaram apenas *tonteados*, porém não *mortos*.

Exprime-se ainda esse mesmo estado, dizendo que o individuo tem uma ADUELA DE MENOS; compara-se a instabilidade de suas idéas á falta de firmeza das aduelas de um barril, quando lhes falta uma. “O tal Silvestre... tinha aduela de menos”. (T. V. *Critica*, 14).

Como synonymos de *doido* temos uma boa copia: — GIRA, ZORATE, CHALADO, ALUADO, LUNATICO, VARIADO, + VARIADO DO JUIZO, + DE MIOLO VARIADO, + SOF-

FRENDO DA BOLA ou DA CABEÇA, COM A BOLA VIRADA, DOENTE DA CABEÇA, ALOILADO, ALVARINHO (*prov. transm.*). "... seu pae está doente da cabeça..." (C. C. B. *Os brilhantes...*, 105). "O Homero está soffrendo da cabeça..." (J. A. *Encarnação*, 22). "... andava de miolo virado..." (Taubay. *Ao entardecer*, 66). "Corre no vulgo a alcunha de lunáticos aos de cabeça transvariada" (A. F. B. *Instituições*, 49). "Uma loucura, e o Ayres um "aluado". (A. M. *Ruínas...*, 218). "Sinhô diz qu'elle tá gira" (C. N. *Rei negro*, 419).

+ NÃO REGULAR, + NÃO REGULAR DO JUIZO? ESTAR VARRIDO DO JUIZO? PERDER O JUIZO, são locuções que equivalem a *estar louco*. "Tinham-me dito que elle não regulava..." (J. A. *Encarnação*, 22). "... seu pai não regulava do juizo..." (C. C. B. *Os brilhantes...*, 105. "A menina perdeu o juizo" (J. A. *As minas...*, I, 44). "Teu galante, filha, está varrido do juizo." (*Ibid.*).

Em Minas DAMNAR DO JUIZO é *enlouquecer*, e no norte do Brasil a um accesso de loucura chama-se *PILOIRA*.

Finalmente, as manias tem entre o povo os seguintes nomes: TINETA, TELHA, ZINA, BÔLHA, + MAL DE LUA. Entende-se que a lua influe sobre os maniacos. "... deu-lhe para alli na zina." (Ap. C. de F.). "... deu-lhe a tinêta de partir logo para o Porto..." (C. C. B. *Corja*, 21). "Estás hoje nas tuas noites de bôlha, Leontina?" (A. P. *Ninho de guincho*, 75).

TELHUDO, QUE TEM TELHA, é o mesmo que maniaco. "... Eusebio Macario observou que o rapaz era telhudo..." (C. C. B. *Eusebio Macario*, 111).

---

Finalisaremos este capitulo com os termos e expressões populares que se referem ao estado de excitação nervosa, produzido pela ingestão de bebidas alcoolicas.

Todo o mundo tem tido occasião de observar as diversas phases de embriaguez em individuos alcoolisados; praticam estes os mais extravagantes actos, provocantes ora de riso e chacota, ora de repulsa e indignação.

Tratando-se de um vicio universalmente espalhado, occasionando phenomenos physiologicos de molde a attrahir a attenção de todos os que os presenceam, comprehende-se que o povo tenha sido levado a crear uma immensidade de termos e locuções para exprimir os diversos graus de embriaguez.

Como synonymos de *embriaguez*, temos:

AÇORDA	CARTOLA	PILÉQUE	TACHADA
AGUARDENTIA	(p. trasm.)	PELEIRA	TEMULENCIA
BARRETINA	+ CHUVA	(Talvez por	TIÓRGA
BEBEDEIRA	EBRIEDADE	<i>pieleira</i> , de +	TOPÉTE
BEBEDICE	EMA	<i>piela</i> ).	TOUCA
BICANCRÁ	+ GANSO	PITADA	TORTELIA
BORRACHEIRA	GATA	(p. trasm.) +	TORTOLIA
+ BORRACHERIA	GATEIRA	PITEIRA	TRABUZANA
BORRACHICE	+ GATOSA	PIZORGA	TROVOADA
+ BROCHA	MOAFA	PORCO	(T. de Alijó)
+ BRUECHA	MONA	PORRE	TURCA
+ CABELLEIRA	NENA	+ RAPOSA	+ TRUACA
CACHACEIRA	PALA (T. do	RAPOSEIRA	VERNIZ
CAMOECA	<i>Fundão</i> )	RASCA	VINAGREIRA
CARAPANTA	PERUA	ROSCA	VINHAÇA
CARDINA	PIÉLA	(De <i>piar</i> )	VINOLENCIA
CARGA	PIFÃO	(prov. minh.) +	XUMBERGA (1)

Termos que significam *embriagar-se* ou *estar embriagado*:

+ AMONAR-SE	+ BANCAR-AVESTRUZ
BICAR (embriagar-se ligeira- mente)	CARREGAR OS MACHINHOS
CHUPAR	+ ENTRAR NA VINHA DO SE- NHOR
EMPITEIRAR	+ ERRAR A CONTA
ENCANASTRAR (prov. trasm.)	+ ESTAR ALCOOLISADO
MELAR (N. do B.).	+ " ARRELAMPADO
TOCAR (beber um pouco)	" BANZEIRO (meio em- briagado)
TOMAR	" BICUDO
ROER	+ " CHEGADO
XUMBERGAR	+ " CHEIO
+ ACHAR A RUA PEQUENA	+ " CHUMBADO
ANDAR AOS BORDOS	+ " CHUPADO
+ " AZURATADA	+ " DÓCE
+ " CERCANDO FRAN- GO	" ENCACHAÇADO
+ " ESCREVENDO	" ENFRASCADO
+ " NA RESSACA	+ " ENTORNADO
+ " NO GANSO	" ENTRADO
+ " TROCANDO AS PER- NAS	+ " ENVERNISADO
+ " Aos SS e RR	+ " ESPIGAITADO (ligei- ramente embriagado)
+ ARRIMAR AS MÃOS A' PA- REDE	+ " ESPOREADO
	" ESQUINADO

(1) Sobre este termo diz Rodolpho Garcia, no seu *Diccionario de brasileirismos*: "Parece provir do appellido *Xumbergas*, do famigerado 4.º governador e capitão-general de Pernambuco, Jeronymo Furtado de Mendonça, que o deveu á maneira por que usava os bigodes tufados á Shoemberg, do nome do general allemão Armando Frederico Schoemberg... Furtado de Mendonça tanto foi odiado na colonia, que seu nome e alcunha se tornaram alvo de todos os vilipendios, entre os quaes é bem possivel se contasse o daquella se prestar á synonymia de embriaguez."

+ ESTAR MELADO	+ ESTAR NO MEL
+ " MORDIDO	" NA MÉLA
+ " " DE ARARA	" NO PÓRRE
+ " QUÊNTE	+ " " VEROÉL (1)
+ " SAPECADO	+ " A MEIO PAU
" TACHADO	+ " COM MEIAS PINTAS
" TOCADO	+ " COM DOUS DEDOS
+ " TOLDADO	" DE GRAMMÁTICA
+ " TOMADO	+ " COM GRÃO NA AZA
+ " TONTO	(Começo de embriaguez)
+ " TORRADO	" COM OS SEUS VA-
" TRANCUCO (S. do	" PORES
Bras.)	+ " DE MEIA REDEA
" ZARANZA (T. do Tur-	+ " " MEIO OLHO
quel)	+ " ENTRE ÀS DEZ E ÀS
" ZINETO (um tanto	" ONZE
ebrio, T. de Turquel)	+ " MEIO CA' MEIO LA'
" ZUCO (T. da Bairrada)	" MONTADO NO POR-
+ " NA AGUA	" CO (N. do B.)
+ " " BROCHA	" NA ou COM A GATA
+ " " EGUA	+ " NO TROLY
+ " " GRAXA	+ FAZER SS
+ " " CHUVA	+ FERRAR O PEQUIRA
+ " " PINGA	+ MONTAR NA ÊMA
+ " NO BICO, BICADO ou	+ NÃO SABER DE QUE FRE-
RISCADO (em começo	GUEZIA E'
de embriaguez)	+ QUEBRAR A MUNHÉCA
+ " NO GOLE	TOMAR O PORCO

"Naturalmente Bocage, quando tomava carraspanas..." (J. M. M. *Moreninha*, 2). "... isto não passa de uma mona..." (*Ibid*, 137). "... bem cosida a camueca!" (J. A. *Til*, I, 149). "... era padre-mestre de moafas". (Garret, *Falar verdade* (Ap. C. de F.)). "... estava, decerto, "prompta", "na tiõrga" (A. M. *Ruinas...*, 151). "... contou-lhe casos... das piteiras do povo de Deus" (C. C. B. *Corja*, 20). "Era raro o dia em que eu não tomasse uma bebedeira" (F. J. *Folhetins*, 58). "... já meio trancucho, mas não murcho..." (A. M. *Ruinas...*, 63). "... entrar no côro a fazer SS..." (C. C. B. *Amor de perdição*, 71). "... quando anda azurata..." (*Ibid.*).

Um *embriagado* é:

+AREAL	+CHOPISTA	LAMBAMBA
BEBERRÃO	CHUPISTA	+MAMOEIRO
BORRACHO	COPISTA	ÓDRE
+CAIXA D'AGUA	+CHUVA	+PAU D'AGUA
CANGICA	ESPONJA	+PE' DE CANNA

(1) Talvez de *very well*, estribilho de algum *bife* encervejado. (Ap. Firmino Costa. *Almanaque Garnier* — 1905 — 231).

PIÇÓ	+ROEDOR	TONEL
PIO	+ROIDO	+VASILHA
+PIPA	SANGUESUGA	+VIRA-COPO
PITEIREIRO	SOPÃO	ZARANZO (T. alemt.)
+PORRISTA	+TARRAÇO	ZARANZA (T. de Turquel)
+PROMPTO	TEMULENTO	

“... preparava outra “saude” ao borracho...” (A. M. *Rui-nas...*, 64). “... estava, decerto, “prompta”... (*Ibid.*, 151). “E’ uma esponja viva” (C. C. B. *Amor de perdição*, 72). “... as pernas vacillantes de um temulento...” (A. R. *Sombras nagua*, 135). “Eu nunca o vi tão cangica” (C. C. B. *Corja*, 20). “Uma piteireira. Hei de espetal-a num romance!” (*Ibid.*, 37).

*Ingerir bebidas alcoolicas é:*

+ACCENDER A LAN- TERNA	EMPINAR ENTORNAR	PIAR (Do caló, <i>pic- jar</i> , beber)
+BEBER	MATAR O BICHO	+ROER
+CHUPAR	+MOLHAR A GAR- GANTA	+VIRAR COPO
+COMER AGUA		+XUMBERGAR

“... dá-se antes do almoço aos trabalhadores, os quaes dizem que vão matar o bicho (Beira-Alta).” (Vasc. *Trad. Port.*, 228). “Homem, ninguem empina melhor!” (F. M. M. *A feira dos ane-xins*, 137).

*As bebidas alcoolicas chamam-se:*

ABRIDEIRA (que abre o appetite)	CAXIXI (N. do B. Aguard. ordinaria)	+PATRICIA PILÓIA
+A DO O’ (da freguezia do O’, em S. Paulo)	+DINDINHA ESPIRITO	PINGA PINGOLETA
+BRASILEIRA (Cf. G. B. Terra do Sol, 185)	+GIRGOLINA +GERIBITA	+PIÚGA PÓRRIO
BICHA	+GRAMMATICA +GUAMPA	+RESTILO +SETE VIRTUDES
+CAMBRAIA	MANDUREBA	+SINH’ANNINHA (N. do Brasil)
+CANNA CANNINHA	MINDUREBA (N. do Brasil).	TEIMOSA
+CANHA	PARATY	TIUBA (N. do B.)

+ BICADA, + BICULA, + GORNÓPE, + REMADA, + TRAÇO, são termos que significam *porção de aguardente bebida de uma só vez*. “... para ir tomar bicadas numa taverna proxima” (Do *Jornal Pequeno*, 182—1911. Ap. R. G. *Dicc. Bras.*). “... com um copasio de boa cachaça de Piracicaba...” (J. A. *Til*, I, 155). “... que lhe filava a pinga...” (*Ibid.*, 161). “... nunca mais bebera “espírito” (Afr. Peixoto, *Maria bonita*,



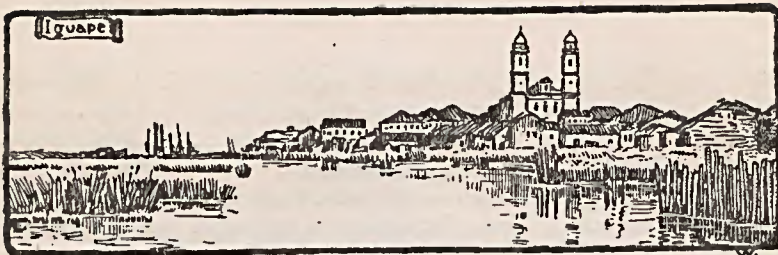
102). “— Traga paraty! ordenou o escrivão” (G. A. Chanaan, 199). “... encha ahi um quarto de restillo...” (*Ibid.* 101). “... não ha melhor que um gole de canna...” (*Ibid.*, 105). “... ao lhe servir o copinho da branca...” (G. B. *Praias e var-seas*, 108). “A denominação — *teimosa*, dada á cachaça, é de uma philosophia adoravel. Nada diz melhor a attracção que ella exerce sobre aquelles valentes e o desejo nunca realiado, que elles teem, de evital-a.” (E. C. *Sertões*, 132). “... só tem o defeito de se tomar da pingoleta” (C. C. B. *Amor de perdição*, 71). “A *patricia* é o vinho do pobre” (Franklin Tavora, *O matuto*, 147. Ap. R. G.). “Então? vens tomar uma guampa?” (J. A. *O gaúcho*, II, 158). “Chamam-n-os *abrideiras*” (Alberto Seabra. *O perigo alcoolico*, 12). “Neste particular a pinga com limão goza de uma reputação sem igual” (*Ibid.*, 19).

O estado de indisposição consequente á embriaguez, chamado entre os francezes, não sei por que motivo, MAL AUX CHEVEUX — é entre nós pelos nomes de + RESSACA, + GOSTO DE CHAPEU VELHO, + GOSTO DE CABO DE GUARDA-CHUVA.

Nota: as palavras assignaladas com o signal (+) inda não foram incorporadas aos dicionarios.



W.



## DRAMA DA GEADA

POR

MONTEIRO LOBATO

Junho. Manhã de neblina. Vegetação entanguida de frio. Em todas as folhas o recamo de diamantes com que as adereça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retranzidos, deitando fumaça pela bocca.

Frio de geada, desses que matam passarinhos e nos põe sorvete dentro dos ossos.

Sahiramos cedo, a ver cafesaes, e ali paramos, no viso do espigão, ponto mais alto do caminho. O major, dobrando o joelho sobre a cabeça do socado, voltou o corpo para o mar de café, aberto ante nossos olhos, e disse, num gesto largo:

— Tudo obra minha, veja!

Compreendi-lhe o orgulho e senti-me orgulhoso tambem de tal patricio. Aquelle desbravador de sertões era uma força creadora, dessas que ennobrecem a especie humana.

— Quando adquiri esta gleba, era tudo mataria virgem, de ponta a ponta. Roci, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei vallos, estiquei arame, construi pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café. Fiz tudo. Trabalhei como negro captivo durante quatro annos a fio. Mas venci. A fazenda está formada, veja!

Vi, o mar de café ondulando pelos seios da terra, disciplinado em fileiras e ruas de absoluta regularidade. Nem uma falha. Era um exercito em pé de guerra. Bisonho ainda, só no anno vindouro entraria em campanha. Até ali, os primeiros fructos não passavam de escaramuças de colheita. E o major, chefe supremo do exercito verde, por elle creado, disciplinado, preparado para a batalha decisiva da primeira safra grande, a que liberta o fazendeiro dos onus da formação, tinha um olhar orgulhoso de pae diante de filhos que não mentem á estirpe.

O fazendeiro paulista é alguma cousa séria no mundo. Sua energia crea. Cada fazenda é uma victoria sobre a fereza retractil dos elementos brutos, colligados na defesa da virgindade aggreddida. Seu esforço de gigante paciente nunca foi cantado pelos poetas, mas ha muita epopéa por ahi que não vale a destes heroes do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é proeza formidavel. Alterar a ordem da natureza, vencel-a, impor-lhe uma vontade, canalisar-lhe as forças de accôrdo com um plano preestabelecido, dominar a replica eterna do mato damninho, disciplinar os homens da lide, quebrar a força das pragas. . . Batalha sem tréguas, sem fim, sem momento de repouso, e, o que é peor, sem certeza plena de victoria. Colhe-a, muitas vezes, o credor, um onzeneiro que adiantou uns patacos carissimos, e ficou, a seu salvo, na cidade, mãos encruzadas na barriga, de cocaras num titulo de hypotheca, espiando o momento de cair sobre a presa como um gavião.

— Realmente, major! Isto é de enfunar o peito. E' deante de espectaculos destes que vejo a mesquinharia dos que lá fóra, commodamente, parasitam o trabalho do agricultor.

— Diz bem. Fiz tudo, mas o lucro maior não é meu. Tenho um socio voraz que me lambe, só elle, um quarto da producção: o governo, Sangram-na, depois, as estradas de ferro, mas destas não me queixo, que dão alguma coisa em troca. Não digo o mesmo dos tubarões do commercio, esse cardume de intermediarios que começa ali em Santos, no zangão, e vae, numa cadeia, até o torrador americano. Mas não importa! O café dá para todos, até para a besta do productor. . .

Tocamos os animaes a passo, com os olhos sempre presos no cafesal intermino. Sem um defeito de formação, as paralellas de verdura ondeavam, acompanhando o relevo do solo, até se confundirem, ao longe, em massa uniforme. Verdadeira obra d'arte em que o homem, sobrepondo-se á natureza, impunha-lhe o rythmo da symetria.

— No emtanto, continuou o major, a batalha não está ganha ainda. Contrahi dividas, a fazenda está hypothecada a judeos francezes. Não venham as colheitas que espero e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza, depois de subjugada, é mãe; mas o credor é sempre carrasco. . .

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, como galvanizadas pelo fogo numa convulsão de dôr. Pobres arvores! Que destino triste, verem-se um dia arrancadas á vida em commum e insuladas na verdura rastejante do café, como rainhas escravas á cola de um carro de triumpho! Orphãs da mata nativa, como não hão de chorar o conchego de outr'ora! Vêde-as. Não tem o desgarre, o frondoso de

copa das que nascem em campo aberto. Seu engalhamento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotesco; sua altura desmesurada, em desproporção com a fronde, provoca o riso. São mulheres despidas em publico, hirtas de vergonha, não sabendo que parte do corpo esconder. O excesso de ar as atordoa, o excesso de luz as martyrisa, afeitas que estavam ao espaço exiguo e á penumbra somnolenta dum *habitat* millenario.

Fazendeiros desalmados! Não deixai nunca arvores núas pelo cafestal, Cortae-as todos, que nada ha mais pungente do que forçar uma arvore a ser grotesca.

— Aquella perobeira ali, disse o major, deixei-a de pé para assignalar o ponto de partida deste talhão. Chama-se a peroba do Pereirão, um bahiano valente que morreu ao pé della, estrepado numa jissara...

Tive a visão do livro aberto que seriam para elle aquellas paragens, e disse:

— Como tudo lhe ha de aqui falar á memoria!

— E' isso mesmo. Tudo me fala ás recordações. Cada toco de páo, cada pedra, cada volta de caminho tem uma historia que sei, tragica ás vezes, como essa da peroba, ás vezes comica — pittoresca sempre. Alli... — está vendo aquelle cêpo de jerivá? Foi por uma tempestade de fevereiro. Eu abrigára-me num rancho coberto de sapé. E lá, em silencio, esperavamos, eu e a turma, o fim do diluvio, quando estalou um raio, em cima quasi das nossas cabeças.

— Fim de mundo, patrão! lembro-me que disse, numa careta de pavor, o defunto Zé Coivara... Parecia!... Mas foi apenas o fim dum velho coqueiro do qual resta hoje — *sic transit*... esse pobre cêpo... Cessada a chuva encontramol-o feito em ripas.

Mais adeante abria-se a terra em bossoróca vermelha, esbarrodada em colleios até morrer no correjo. O major apontou-a, dizendo:

— Scenario do primeiro crime commettido na fazenda. Rabo de saia, já se sabe. Nas cidades e na roça ella e a pinga são o movel de todos os crimes. Esfaquearam-se aqui dois cearenses. Um acabou no lugar; outro cumpre pena na correcção. E' a saia, muito contente da vida, mora com o *tercius*... A historia de sempre.

E assim, de evocação em evocação, ás suggestões que pelo caminho iam surgindo, chegamos á casa de moradia onde nos esperava o almoço. Almoçamos, e não sei si por boa disposição creada pelo passeio matutino ou por merito excepcional da cozinheira, o almoço desse dia ficou-me para sempre na memoria. Não sou poeta, mas si Appolo algum dia me der na cabeça o estalo do padre Vieira, juro que antes de cantar Lauras e Natércias hei de fazer uma

belleza de ode a esse almoço sem par, unica saudade gustativa com que descerei ao tumulo... Depois, enquanto o major attendia á correspondencia, sahi a espairecer pelo terreiro, onde me puz de conversa com o administrador. Soube por elle da hypotheca que onerava a fazenda e da possibilidade de outro, não o autor, vir a colher o fructo de tanto trabalho.

— Mas isso, esclareceu o homem, só no caso de muito azar — chuva de pedra ou geada daquellas que não vêm mais.

— Que não vêm mais, porque ?

— Porque a ultima geada grande foi em 91. D'ahi para cá as coisas endireitaram. O mundo, com a idade, muda, como a gente. As geadas, por exemplo, vão-se acabando. Antigamente ninguem plantava café onde o plantamos hoje. Era só meio morro acima. Agora, não. Viu aquelle cafezal do meio? Terra bem baixa, no entanto, se bate geada ali, é sempre coisinha, um tostado leve. De modo que o patrão, com uma ou duas colheitas, paga a divida e fica o fazendeiro mais “prepotente” do municipio.

— Assim seja, que grandemente o merece.

Deixei-o. Dei umas voltas, fui ao pomar, estive no chiqueiro vndo brincar os leitõesinhos, e depois subi. Estava um preto dando nas venezianas da casa a ultima demão de tinta. Porque as pintam sempre de verde? Interpellei-o. Mas o preto não se embaraçou. Respondeu sorrindo:

— Pois veneziana é verde como céu é azul. E' da natureza della...

Acceitei a theoria e entrei. Soára a hora do café.

A' mesa a conversa gyrou em torno da geada.

— E' o mez perigoso, este, disse o major. O mez da afflicção. Por maior firmeza que tenha um homem, treme nesta epoca. A geada é um eterno pesadello. Felizmente a geada não é mais o que era. Já nos permite aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombras plantavam um só pé de café. Mas apezar disso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atraz da orelha. Virá? Não virá? Deos sabe!...

Scu olhar mergulhou pela janella, numa sondagem ao céu limpido.

— Hoje, por exemplo, está com geito. Este frio fino, este ar parado...

Ficou scismatico uns momentos. Depois, espantando a nuvem, murmurou:

— Não vale a pena pensar nisto. O que tem de ser lá está escripto no livro do destino.

— Livra-te dos ares!... objectei.

— Christo não entendia de lavoura, rematou o major, sorrindo.

\*  
\* \*

E a geada veio. Não a geadinha mansa, de todos os annos, mas calamitosa, geada cyclica, trazida em ondas da Argentina.

O sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol boreal, tiritante. E a noite caíra rápida, sem preambulos. Deitei-me cedo, batendo o queixo e na cama, apesar de enleado em dois cobertores, permaneci entanguido uma boa hora antes que me viesse ferrar o somno. Acordou-me o sino da fazenda, pela madrugada, e sentindo-me enregelado, com os pés a doer, ergui-me para um exercicio violento, unico remedio efficaz em casos desses. Sahi para o terreiro: o relento estava de cortar as carnes. Mas que maravilhoso espectáculo! Brancuras por toda a parte. Chão, arvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atoalhado branco. As arvores, immoveis, inteiriçadas de frio, pareciam emersas dum banho de cal. Rebrilhos de gelo pelo chão. Aguas envidradas. As roupas dos varaes, tesas, como endurecidas em gomma forte. As palhas dos terreiros, os sabugos de ao pé de côcho, a telha dos muros, o topo dos moirões, a vara das cercas, o rebordo das taboas — tudo porvilhado de brancuras, lactescente, como chovido por um sacco de farinha. Maravilhoso quadro! Invariavel que é a nossa paisagem, sempre nos mesmos tons o anno inteiro, encantava sobremodo vel-a de subito mudar, e vestir-se dum esplendoroso véo de noiva — noiva da morte, ai!...

Por algum tempo caminhei a esmo, arrastado pelo esplendor da scena. O maravilhoso quadro de sonho breve morreria, apagado da tela pela esponja de ouro do sol. Já pelos topes, e faces de batedeira, andavam os raios na faina de restaurar a verdura. Abriam manchas verdes no branco da geada, dilatavam-nas, entremostrando nesgas do verde submerso. Só nas baixadas, encostas noruegas ou sitios sombreados pelas arvores, a brancura persistia ainda, contrastando sua nitida frialdade com os tons quentes resurrectos. Vencera a vida, guiada pelo sol. Mas a intervenção, apressada demais, do fozoso Phebo, transformára em desastre horroroso a nevada daquelle anno, a maior de quantas deixaram marca nas embaúbeiras de São Paulo. A resurreição do verde fôra apparente. Estava morta a vegetação. Dias depois, no Estado inteiro, a vestimenta do solo era um burel immenso onde a sepia exhibia a gamma inteira dos seus tons reseccos. Pontilhava-a apenas, cá e lá, o verde sujo dos eucalyptos, o invencível verde negro das laranjeiras e o esmeraldino sem vergonha da vas-sourinha.



Quando regresssei, sol já alto, estava a casa retranzida no pavor das grandes catastrophes. Só então me lembrei que o espectáculo tão grandioso que eu até ali só encarára pelo prisma esthetico, tinha um reverso tragico: a ruina do heroico fazendeiro. Procurei-o, ancioso. Tinha sumido. Passara a noite em claro, disse-me sua mulher; de manhã, mal clareara, fôra para a janella, e lá permanecera, immovel, observando o céu atravez dos vidros. Depois, saíra, sem ao menos pedir café, como de costume. Andava a examinar a lavoura, provavelmente.

Devia ser isso. Mas como tardasse a voltar — onze horas, e nada, a familia entrou-se de apprehensões. Meio dia. Uma hora — nada. O administrador, a mandado da mulher, saíra a procurar-o. Horas depois voltou, mas sem noticias.

— Bati tudo, e nem rasto. Estou com medo d'alguma coisa. Vou espalhar gente por ahi, á cata.

D. Anna, afflicta, de mãos enclavinadas, só dizia uma cousa:

— Que será de nós, santo Deos! Quincas é capaz duma loucura...

Puz-me em campo tambem, em companhia do capataz. Corremos todos os caminhos, varejamos grotas em todas as direcções — nada! Caiu a tarde. Caiu a noite, a noite mais lugubre da minha vida — noite de desgraça e afflicção. Não dormi. Impossivel fazel-o naquelle ambiente de dôr, sacudido de chôro e soluços. Certa hora os cães latiram no terreiro, mas silenciaram logo. Rompeu a manhã, glacial como a da vespera. Tudo geado, novamente. Veiu o sol. Esvaiu-se a alvura e o verde torrado da vegetação sujou a paisagem com o seu desalento. Repetiu-se o core-corre do dia anterior — o mesmo vae-e-vem, os mesmos “quem sabe?”, as mesmas pesquizas inuteis.

A' tarde, porém, — tres horas — um camarada appareceu esbaforido, gritando de lonje, no terreiro:

— Encontrei! Está perto da bossoroca!...

— Vivo? perguntou o capataz.

— Vivo, sim, mas...

D. Anna surgira á porta da casa grande. Adivinhara o dialogo de longc, e chorava, sorrindo.

— Bemdito sejas, meu Deus!

\*

\* \*

Minutos depois partiamos todos de rumo á bossoróca. De longe avistamos um vulto ás voltas com os cafeeiros requeimados. Aproximamo-nos. Era o major. Mas em que estado! Roupa em

frangalhos, cabellos sujos de terra, olhos vitreos, desvairados. Tinha nas mãos uma lata de tinta e um pincel. Não deu fé da nossa chegada. Não interrompeu o serviço. Continuou... continuou a pintar, uma a uma, do lindo verde das venezianas, as folhas requeimadas do seu cafezal morto...

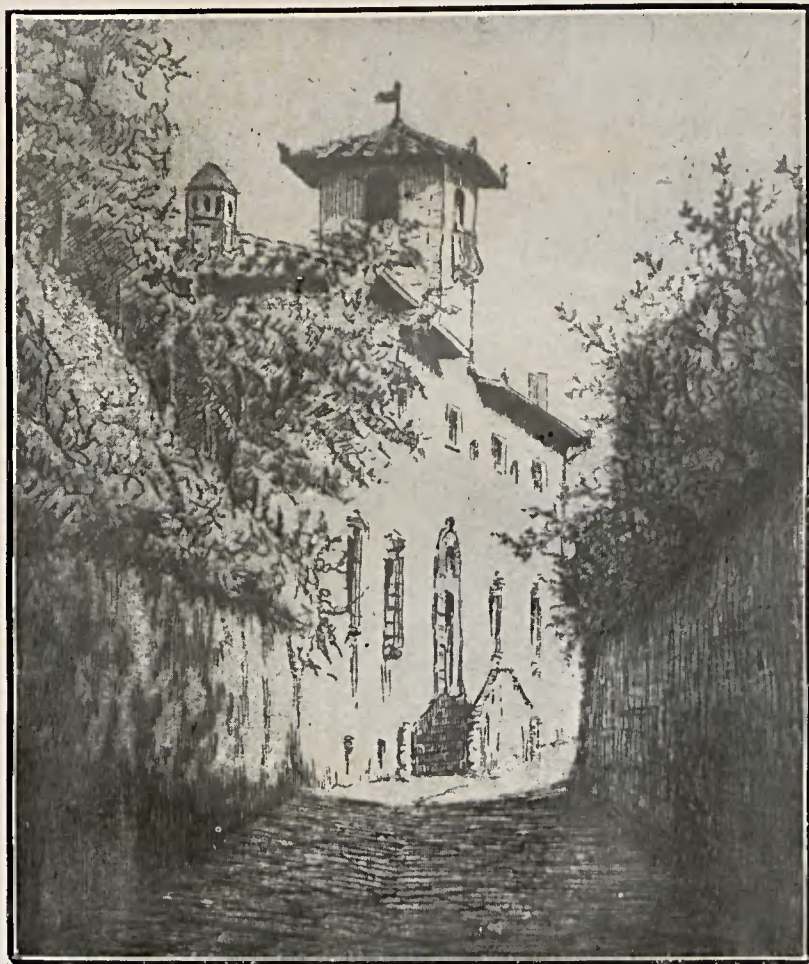
D. Anna, estarecida, entreparou, imovel. Depois, rompeu em choro convulsivo:

— Louco... louco, meu Deus!



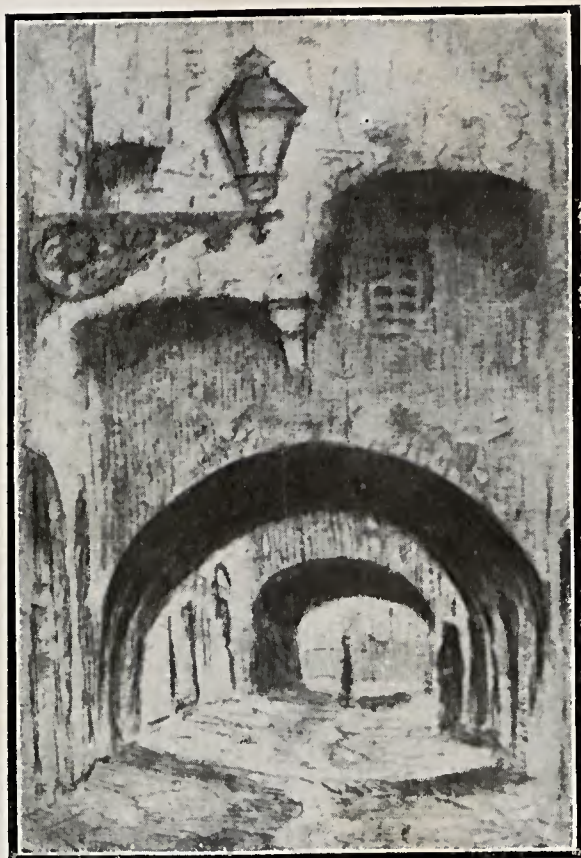


ARTE NACIONAL



Agua forte de Lopes de Leão

ARTE NACIONAL



Agua forte de Lopes de Leão



## OS MUNDOS

---

*Longe, na escuridão do céu fulgura  
Um luminoso ponto pequenino.  
Chamam-no Estrella... E' um mundo adamantino  
Que se perdeu nos vórtices da altura...*

*No Espaço infinito ali perdura,  
Eternamente em luz, Mundo divino,  
Que parecendo um ponto purpurino,  
E' de um sonho de amor a sepultura...*

*Assim, na Vida, tu me apparecias  
Como um raio de luz e me escondias  
Os sentimentos em que a vida enleio...*

*E hoje a mancha de luz, transfigurada,  
Mostra á minh'alma em chamma, deslumbrada,  
Esse Mundo de amor que tens no seio...*

## A MATILHA

(A uma Veadinha...)

*Tu não me esquecerás... Eternamente,  
Como enxame de vespas infernaes,  
Sentirás os meus beijos immortaes  
Adejar no teu labio rubro e ardente...*

*Tu não me esquecerás... O teu fremente  
Corpo de linhas puras e ideaes  
Vibrará sempre, como quando caes  
No martyrio do nosso amôr demente...*

*Has de sentir eternamente o grande  
Amôr que de meu ser vai desdobrando  
A rêde que ao redor de ti se expande...*

*Pódes fugir um dia... Mas, fugindo,  
Serás acompanhada pelo bando  
Dos beijos meus que hão-de ir-te perseguindo...*

## PLANTA MENTIROSA

*Nada mais devo ser na tua vida,  
Que uma sombra de amôr e de carinho.  
Para nos abrigar não vejo ninho  
Digno de ti, de mim, de nós, querida!*

*Sinto a tua existencia mal vivida  
Como a de humilde e triste passarinho,  
Que na gaiola deste amôr, sosinho,  
Para fugir de balde anceia e lida.*

*Vai construir teu lar. Vai reviver  
Ao lado de alguma alma generôsa  
Para estes tristes sonhos esquecer...*

*Vai... Lá te espera um differente amôr...  
O meu é como a planta mentirôsa  
Que não dá fructo e permanece em flôr...*

FULVIO MEONI.

## ALAU'DE

*Da minh'alma o alaúde lacrimoso,  
De quatro cordas se compõe apenas;  
Lembra a primeira um ideal formoso,  
Sonhado em noites de luar serenas.*

*Fala a segunda de um amor ditoso,  
Que fugio, como fogem as falenas  
Na primavera, pelo esplendoroso  
Céo, povoado de canções amenas.*

*Chóra a terceira a dulcida Saudade,  
Melodiosa e pura suavidade,  
Que traz a brisa do rosal celeste.*

*A derradeira, a mais sublime e forte,  
Canta o poema triumphal da Morte...  
— Corda enlaçada em ramos de cypreste.*

ATHAYDE PARREIRAS.

## AS CYMBULIAS

*Do Pacifico á flor das aguas, em cardumes,  
Ora roseas abrindo as asas, ora azuleas,  
Vogam na espuma argentea, em seus radiosos lumes,  
Como ephemeris sóes, errantes, as cymbulias.*

*Centenares, ao léo das vagas, em ceruleas  
Conchas, de burgalhões e remotos negrumes  
Surgem, bailando ao som de mysteriosas dhulias,  
Haurindo á equorea planta os estranhos perfumes.*

*Loucas, no amplo lençol das aguas escachoantes  
Redoleiam semeando uma ignota Golconda  
De topazios, rubis, saphyras e diamantes.*

*E voluveis, ruflando as asas sobre as vagas,  
Em farandola ideal ellas vão de onda em onda,  
Borboletas do oceano, adormecer nas fragas.*

CARLOS GONDIM.

## RENASCIMENTO

*A' memoria de Olavo Bilac*

## I

*Patria, embocas com garbo o clarim da Esperança!  
Vibram teus nervos. Ferve o sangue em tuas veias.  
É, embora ames a paz e sejas terna e mansa,  
em flamma bellicosa a tua alma incendeias.*

*Empunhas o broquel. Brandes, altiva, a lança...  
Não para conquistar as divicias alheias,  
mas para garantir a tua segurança  
e para defender os campos que semeias.*

*Ante o teu despertar, basta que eu me concentre,  
vislumbro-te a empunhar a palma da victoria;  
sinto a palpitação do porvir no teu ventre...*

*É, em civico delirio, ouço, enlevado e attento,  
o destino resoar, nos carrilhões da gloria,  
os repiques triumphaes do teu renascimento!*

## II

*Vejo, em sonho de luz, teu esplendor venturo:  
saneados teus sertões; os teus campos lavrados;  
cada escola um quartel de juvenis soldados;  
viveiro cada lar do civismo mais-puro.*

*Ha-de cumprir-se um dia, o fado que te auguro.  
Florescerão, de norte a sul, os teus povoados.  
É, celleiro do mundo — encherás os mercados...  
É — esclarecida e forte — honrarás o futuro.*

*Assim, do cahos presente, em victorioso ascenso,  
— grande povo a crescer num territorio immenso —  
surgirás no porvir, cujo arcano descêrro,*

*Exhibindo, gloriosa, ao seculo vindouro,  
uma raça viril de intelligencias de ouro,  
de caractêres de aço e musculos de ferro!*

Bello Horizonte.

MARIO DE LIMA.

## REINO DO SOM

*Mozart lembra uma rosa a esfolhar-se, tocada.  
Beethoven é o soffrer; é a grande dor humana.  
Schubert evoca o amor, beijos, luz, alvorada.  
Paderevski o minuete, a gavota e a pavana.*

*Wagner é o turbilhão do rythmo e a rajada.  
Liszt é a eloquencia, o ardor, a paixão soberana.  
Chopin é uma saudade; é a magua musicada.  
Bach é o incenso christão que a alma ao passado irmana.*

*Bellini é o céo da Italia encantada e florida.  
Strauss é Salomé que entre perfumes, dança.  
Schumann é um pôr de sol—a ansia extrema da vida*

*Cada um nos acorda uma estranha lembrança.  
Carlos Gomes, porém, é a voz estremecida  
Da patria e evoca o sol, a alegria e a esperança.*

JAYME D'ALTAVILLA.

---



## A ARTE E A CRITICA EM S. PAULO

RAOUL POLLILO

Não é dos mais facéis o desempenho da tarefa que a propria consciencia impõe ao critico de arte, e mais difficil ainda se torna quando este, alem de assignalar defeitos e virtudes, necessita apontar ao criticado o caminho a seguir. Quem, no exame rigoroso de uma obra artistica dada a publico se dispõe a prodigalizar algumas considerações deve ser dotado, indiscutivclmente, de um pronunciado espirito de justiça e de observação. Sem esta virtude que, na maior parte das vezes, é innata, não é possivel conseguir um articulista pôr em relevo as bellezas arcanas de uma obra e, a um tempo, os senões que ella apresenta. Mesmo nos grandes centros europeos não é muito commum encontrar-se um critico arguto que, além de possuir profundos conhecimentos historicos e estheticos, gose de exemplar serenidade de julgamento, de caracter justiceiro capaz de elevar seu juizo acima de todos os preconceitos. De mais a mais, a propria divergencia de idéas e conceitos emittidos plos poucos que formam a pleiade eleita, faz que o publico os julgue differentemente, donde provém o acatamento mais ou menos accentuado das considerações criticas de um certo autor que nem sempre é, na realidade, o mais idonco.

Encarando-se esta questão, esta divergencia de conceitos, sob um ponto de vista puramente theorico, seria de inferir que ella é bastante propicia ao bom desenvolvimento da cultura artistica do publico. Das discussões consequentes deste contraste de idéas resultariam sérias ponderações que muito podriam contribuir tambem para a relativa facilidade da assim chamada "enscenação" de um quadro por parte do artista—o que, em verdade, não seria



para reprovar. Mas, afim de que os debates artisticos sejam provcitosos a quem os assiste, é indispensavel que scjam laeas, francos, argumentados com factos, procedentes e logicos, embora paradoxaes, muitas vezes.

Ora, na Europa, e mesmo nos Estados Unidos isso se dá de um modo irregular, porém, frequente; dahi a evolução quasi continua das artes naquelles centros, e dahi tambem as innovações arrojadas que, muitas vezes, apparecem antes do tempo.

No Brasil, entretanto, a critica é uma palavra morta; os criticos verdadeiros, conscienciosos, justos, não são mais do que habitantes de uma região utopica, entidades intangiveis, talvez inexistentes de todo, mas sob cujo nome se costuma atirar á publicidade artigos retumbantes que nada dizem. De quando em vez, principalmente em S. Paulo, apparecem alguns que, com ares soberanos, *poses* de entendidos na materia, se investem da espinhosa missão de juiz, nada mais fazendo, porém, do que estereotypar bellos phraseados, completamente vãos de idéas, a favor deste ou daquelle vago prenuncio de artista, esquecidos de que esse monstro multanimic cognominado "publico" tambem tem os seus momentos de clarividencia e comprehende a mentira que se lhe pretende inocular, lardeada na rethorica.

Ainda está para desabrochar, entre nós, a critica sã, destituída de interesses e de boçalidades. E nada mais natural.

Quando se considera que a propria Arte, em geral, é, no Brasil, apenas uma figura de rethorica com que se deleitam os inconscientes e os irresponsaveis — é logico, é evidente que a critica artistica ainda não se tenha manifestado. Nós, os brasileiros, temos dado sempre uma importancia muito vaga á missão estafante do critico, tendo-a como cousa secundaria e vulgar em demasia, ou como simples meio de, acintosamente, lançar epithetos mordazes, quando não elogios ironicos, aos que, no grande sonho attribulado da vida, lutam para a realisação da maior das mendacidades physicas e da mais bella das verdades ideaes — a Arte.

Já um escriptor francez, cujo nome se esvaiu entre os esquecidos, disse orgulhosamente que o critico nada teria a fazer no mundo se os autores, primeiro, nada produzissem. Esta temeraria asserção, na Europa, depois de longo tempo e goso da maior popularidade, deixou de ser enunciada, ainda que vagamente, com o apparecimento de Sainte Beuve, de De Sanctis e, ultimamente, na Italia, de Benedetto Croce e de Della Guida.

O maior delles, De Sanctis, com os seus estudos critico-estheticos sobre as obras de Dante, patenteou que tambem o critico sabe estudar, produzir e transmittir as mais francas e subtis manifesta-

ções do sentimento. Para isso creou o estudo sobre a Francesca da Rimini de Dante, cujas paginas são um novo monumento de beleza, tão grande que não poucos o consideram, ainda hoje, em nada inferior á maravilhosa creação dantesca. Evidentemente, ao menos emquanto elle construia a sua grande obra de perscrutação nas tragedias do Inferno, devia ser, se não superior, certamente igual ao creador primitivo das grandes maravilhas da "Commedia". De Sanctis, porém, especializou-se na critica litteraria. Nas artes propriamente ditas, foi o illustre Benedetto Croce quem, com equilibradas ponderações sobre todas as evoluções, demonstrou que o critico, ás vezes, é a alma do artista. É, embora a muitos isto pareça um paradoxo extranho, ou, ainda, uma ironia — nada pode haver de mais real, de mais verdadeiro.

As ultimas manifestações evolutivas, as doudas espiraes ascendentes da arte, indubitavelmente, são fructos da observação critica. Esta, frequentemente, faz parte do proprio "eu" do artista que toma a si a tarefa de lançar em campo mais um pedaço de alma humana para a fecundação do Ideal.

A critica, quando é feita com a necessaria porção de justiça, de equilibrio, de intuição e de sinceridade, é o fulcro da alavanca com que o artista consegue levantar os seus sonhos.

Não obstante estas verdades, a critica, entre nós, não deixou dar a todos. A's vezes é o producto de uma vontade cruel de paixões não desafogadas, ou, então, um meio caviloso para agrada a todos. A's vezes é o producto de uma vontade calafetada de crear novas ironias, de exhibir uma erudição extraída laboriosamente de uma chrestomathia litteraria, quasi sempre chã e mal dissimulada.

E', talvez, por isso que a arte é semi-fleugmatica e marcha com vagar enervante nesta terra onde já fulgurou uma intelligencia artistica como a de Pedro Americo, e onde jaz esquecida a obra daquelle forjador de formas que foi Almeida Junior.

Que as artes, no Brasil em geral, e principalmente em S. Paulo, estão ainda em embryão, ou estateladas como cousas destituidas de virilidade, é um facto que não se pode negar, muito embora se nos apresentem, a cada instante, rebuscadas sophisticações proprias de salão, impregnadas de tolices e vulgaridades, attestando o contrario.

Em grande parte a causa do mau encaminhamento das artes aqui é justamente essa prosaica emissão do conceito vulgar com que, ou se reprova sem a necessaria argumentação para justificar a sua attitude e indicar ao artista o erro que deve ser evitado —



ou se tecem pomposos elogios inoculados de comparações descabidas.

Parece que, doravante, quem se quizer dar ao sacrificio de, por espirito de justiça, expôr a sua sincera opinião sobre qualquer obra de arte, talvez tenha de amordaçar, antes de tudo, essa critica atoleimada, escripta apenas com a intenção de agradar. Seria tudo perdoavel si, por acaso, essa abundancia de paralogismos não redundasse em descredito, não fosse pernicioso para com os proprios artistas. Elogios atirados assim, ao acaso, sem distincção de autores, de capacidade artistica, são como um pantano onde o lyrio — depois de abrolhar a medo — tomba e apodrece.

Dos maleficios que nos accarreta uma tal casta de considerações sobre a arte, é prova eloquente a resposta muda a uma pergunta feita ha já muitos annos, mas que hoje se adapta perfeitamente ao caso; — “será que depois de Almeida Junior, dentre os milhões de almas que floriram nesta terra immensamente bella, nem uma siquer, se encaminhou pela estrada das artes de maneira plausivel ou admiravel?”

No emtanto, legiões de estudantes partem para a Europa; voltam; expõem. Mas a arte nacional não dá um unico passo, não apparece á luz!

Além de dois ou tres artistas brasileiros que vivem ha muito tempo nos centros europêos e dos quaes raramente nos chegam noticias, não temos mais um, ao menos, que, sem attingir a um apogêo raphaelesco, seja digno de nota— artisticamente falando. Temos bons literatos, harmoniosissimos poetas, diplomatas eminentes, tudo, emfim; não temos, porém, um só artista, que o seja verdadeiramente. Não nos faltam talentos vigorosos, nem intelligencias delicadas. Nada disso. A razão do lethargo da nossa arte está na ausencia da critica. Quando talentos artisticos se manifestam, o governo manda-os ao velho mundo onde, nos dias de hoje, poucos autores possuem individualidade artistica indiscutivel. Lá estudam, copiam. Passa-se o tempo estabelecido para o pensionato e elles voltam á patria, trazendo, na maior parte dos casos, muitas obras que nem sempre são bem feitas nem de sua exclusiva autoria. A par disso e de protecções recommendaveis, trazem ainda muita vontade de se elevarem e muita sêde de elogios. A critica os espera de braços abertos, e sem consultar o bom senso, inconscientemente, atira-lhes todo um dictionario de palavras bonitas, de grande effeito theatral. Ao em vez de consideral-os simples estudantes que terminaram apenas o pensionato (e não os estudos) e dignifical-os nos limites admittidos pela sua juventude, chama-lhes *genios*, *mestres*, etc., etc. Não lhes diz a verdade, isto é, que progrediram, mas que ainda necessitam de

estudos afim de crear a individualidade propria e serem artistas independentes de influencias extranhas. E o autor, que se tinha ainda por estudante, fica sabendo que já é realmente um mestre — um chefe de escola. Como no criterio do elogiado todos os elogios são merecidos, começa elle a sentir-se ufano. A vaidade é dos humanos e em gráo maior ou menor todos a possuem, sobretudo os artistas. Assim elogiado, elle não se preocupa mais com a realisação de novos arrojós, novas creações; nada. Foi consagrado, triumphou com grande facilidade e... basta! Engolfa-se na produção machinal afim de tentar fortuna e morre para a Arte.

Inferese de tudo isto que, si tempo houve em que os artistas e as bellas imaginações fanavam-se por não serem comprehendidas, — hoje fenecem como flores desligadas da haste porque a critica — essa critica aleivosa que por ahí se faz sem ao menos precedel-a de uma consulta, de um exame á obra criticada — julga ou finge comprehendel-os... de mais...

D'onde se conclue que a critica, tal como a temos, fóрма entre as causas que originaram e prolongam ainda o lethargo da nossa manifestação artistica.



# ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

## CLAUDIO MANOEL DA COSTA

*Patrono da cadeira n. 8. — Nasceu em Marianna, antiga villa do Ribeirão do Carmo, Minas Geraes, a 6 de Junho de 1729 e suicidou-se no carcere de Villa Rica, (Ouro Preto) a 4 de Junho de 1789.*

*F. Wolf attribue o nascimento a 9 de Junho, Alberto Lamego e José Verissimo a 5 do mesmo mez e anno.*

### BIBLIOGRAPHIA

- 1 MINUSCULO METRICO — romance heroico consagrado ao Rev. D. Francisco da Anunciação; sendo segunda vez confirmado na dignidade de Reitor da Universidade de Coimbra — Coimbra, in 4.º, por Luiz Secco Ferreira — 1751.
- 2 EPICEDIO — consagrado á memoria do Rev. Fr. Gaspar da Encarnação, reformador dos conegos regulares de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, in 4.º de 8 pgs., Coimbra, no Real Collegio das Artes da C.ª de Jesus — 1753 (Faz parte do tomo III dos "Elogios funebres de ecclesiasticos de Portugal", colligidos pelo abbade Diogo Barbosa Machado e pertencente á Bibliotheca Nacional.
- 3 LABYRINTHO DE AMOR — poema — Coimbra, por Antonio Simões, in 8.º — 1753.
- 4 NUMEROS ARMONICOS — temperados em heroica e lyrica consonancia — Ibi, idem — in 8.º — 1753.
- 5 CULTO METRICO — a uma abbadessa do Mosteiro de Figueiró.
- 6 THESE EM CANONES, com uma dedicatoria deduzida dos versos de Virgilio.
- 7 OBRAS DE C. MEL. DA COSTA, arcade ultramarino, chamado *Glauceste Saturnio*, in 8.º de XXII-320 pgs. Coimbra, officina de Luiz Secco Ferreira, 1768. (Comprehende 100 sonetos, dos quaes alguns em italiano, 3 epicedios, 20 eclogas, 6 epistolas, 8 cantatas, 4 romances e cançonetas, em versos rimados e em toantes).

Varias edições foram emprehendidas das Obras poeticas do autor. E' recommendavel a ultima, feita sob os cuidados e competencia de João Ribeiro.

OBRAS POETICAS DE C. MEL. DA COSTA (Glauceste Saturnio), nova edição, contendo a reimpressão do que deixou inedito ou anda esparso, e um estudo sobre a sua vida e obras por João Ribeiro, 2 vols. (Tomo I: Sonetos, Eclogas Epistolas, Fabu'a, Epi-cedios e Romance heroico, 351 pgs.; tomo II: Romances, Cantatas, Cançonetas, Poesias ineditas e o poema "Villa Rica", 281 pgs.) Rio, H. Garnier, 1903.

- 8 VILLA RICA — poema — Dado á luz em obsequio ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro por um dos seus socios correspondentes. Ouro Preto, Typ. do Universal, in 4.º, de 8 pgs. XIX-80 pp. num. (A ultima pagina é occupada por um soneto de José Maria Francisco de Assis) 1839-1841.

A segunda edição, que possúo, é de Ouro Preto, Typ. do "Estado de Minas", XXX-95 pgs.-1897. Tambem editou separadamente os — *Sonetos*.

Apparecem algumas dessas obras em publicações geraes ou collectaneas, como: *Collecção de poesias ineditas dos melhores poetas portuguezes*. Lisbôa 1809-1811, 3 vols.; *Parnaso brasileiro* de Januario da Cunha Barbosa; *Florilegio da poesia brasileira* de Varnhagen, *Revista do Instituto Historico* (t. 53), *Revista brasileira* (1895), além de muitas selectas e anthologias. O *Fundamento historico* que acompanha as edições do poema "Villa Rica", appareceu pela primeira vez com o titulo *Memorias historicas da Capitania de Minas Geræes*, no *Patriota*, de Abril de 1813, jornal litterario, politico, mercantil, etc., do Rio de Janeiro, redigido por Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, em que collaborou por algum tempo Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

Deixou os seguintes manuscriptos, segundo documento de Alberto Lamego: *Rimas* nas linguas latina, portugueza, italiana, castelhana e franceza, em poesia heroica e lyrica, dous tomos in 4.º; *Rimas pastoris* ou *Musa bucolica*, em duas partes, in 4.º; *Centuria sacra*, poema ao glorioso parto de Maria Santissima, em oitava rima; *Cataneida*, poema joco-sério em cinco cantos e oitava rima. Muitas poesias dramaticas que se representaram diversas vezes, nos theatros de Villa Rica e de outras cidades de Minas e Rio de Janeiro. *Mafalda Triumphante* que se mandou imprimir e foi composta a empenho do Exmo. Bispo de Minas, Fr. Manoel da Cruz, a quem foi dedicada. *Cyro* ou *liberdade de Camboydes*, *Circe* e *Ulysses*, *Orlando Furioso* *Psyche* e *Cupido* (em rima solta), *Calipso*, varias traducções dos dramas de Pietro Metastasio: "O Ataxerces", "Dirceia", "Demetrio", "José reconhecido", "Sacrificio de Abrahão", "O Regulo", "O Parnaso accusado"; alguns em rima



solta, outros em prosa. Fez uma traducção contestada do "Tratado da origem das riquezas das nações" de Adam Smith e deixou memorias sobre a litteratura antiga e moderna.

## FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 Ferdinand Denis — Résumé de l'histoire littéraire du Brésil.
- 2 Ferdinand Wolf — Histoire de la littérature brésilienne, pg. 63.
- 3 F. Boutterweck — Litteratura portueza.
- 4 Januario da Cunha Barbosa — Parnaso brasileiro.
- 5 Simond de Sismondi — De la littérature du midi de l'Europe.
- 6 Pereira da Silva — Varões illustres do Brasil, vol. 2, pg. 29.  
" " " — Plutarcho brasileiro, vol. 1, pg. 225.
- 7 Theophilo Braga — Arcadia Luzitana.
- 8 C. Castello Branco—Curso de litteratura portueza, vol. 2.º pg.248.
- 9 Joaquim Manoel de Macedo — Anno biographico, vol. 2.º, pg. 157.
- 10 Charles Ribeyrolles — Le Brésil pittoresque.
- 11 Quintino Bocayuva — Lyrica Nacional.
- 12 J. C. Fernandes Pinheiro — Littertura nacional, pg. 411.  
" " " " — Resumo de historia litteraria, vol. 2.º,  
pg. 321. —  
" " " " — Revista do Instituto Historico e Geo-  
graphico Brasileiro.
- 13 Santiago Nunes Ribeiro — Nacionalidade da litteratura brasileira.
- 14 Sylvio Roméro — Historia da Litteratura Brasileira, vol. I, pg. 226.  
" " — Livro do Centenario, I, pg. 28.  
" " e João Ribeiro — Compendio de litteratura bra-  
sileira, paginas 69 e 75.
- 15 Pinheiro Chagas — Diccionario popular historico-geographico.
- 16 Innocencio da Silva — Diccionario bibliographico, vol. 2.º, pg. 79.
- 17 Mello Moraes Filho — Parnaso brasileiro.
- 18 Almeida Garrett — Bosquejo da poesia portueza.
- 19 Diogo Barbosa Machado — Bibliotheca Luzitana, tomo IV, pg. 91.
- 20 Mattoso Maia — Historia do Brasil, pg. 208.
- 21 Alexandre Timoni — Tableau synoptique et pittoresque des littératu-  
res, tomo II, pgs. 250 e 261.
- 22 Alberto Lamego — Autobiographia e ineditos — Revista da Acade-  
mia Brasileira de Letras, n. 7, pg. 5.
- 23 José Verissimo — Poetas do grupo mineiro — Rev. da Academia B.  
de Letras, n. 4.  
" " — Historia da Litteratura Brasileira, pag. 130.
- 24 Commemoração do Centenario de C. Mel. da Costa — pelo Instituto  
Historico e Geographico Brasileiro em 4-7-1889.

Attribuíram-lhe uma viagem á Italia, com permanencia em Milão, Nápoles e Roma, certamente sob o fundamento de conhecer o poeta, com esmerado apuro, a lingua italiana e de haver pertencido á Academia dos Arcades onde adoptara o nome de Glauceste Saturnio. Essa versão é contestada pelos autores citados e por João Ribeiro, com argumentos dignos de fé, como a propria declaração do poeta no prologo de suas poesias, onde diz haver passado cinco annos ausente da Patria.

Tambem Pereira da Silva, Fernandes Pinheiro e outros affirmam que o poeta regressou ao Brasil em 1765, o que se contesta com documento de valia, qual seja a carta topographica de Villa Rica, levantada pelo poeta em 1758, o que lhe valeu o premio de meia libra e 128 oitavas de ouro. Ha ainda uma carta autographa de 1761, segundo a referencia de Ramiz Galvão.

Deixou o poeta um amor não correspondido em Portugal, a sua adorada Eulina, e veio se estabelecer como advogado em Villa Rica, onde cedo adquirira a reputação de jurisconsulto e economista. Era consultado pelos governadores e foi nomeado 2.º secretario de Estado, cargo que resignou quando o Visconde de Barbacena assumiu o governo em 1788. Attribuem-lhe alguns autores a traducção do "Tratado da origem das riquezas das nações" de Adam Smith, bem como umas memorias sobre a litteratura antiga e moderna.

Em Villa Rica combateu os impostos exaggerados pela extracção do ouro e tomou parte activa na conspiração mineira. Denunciado como cúmplice da tentativa revolucionaria, recebeu ordem de prisão, quando se achava enfermo, foi recolhido ao carcere de Villa Rica e suicidou-se na prisão, segundo affirma a historia. Houve, porém, suspeita de que fosse assassinado, afim de não embaraçar o processo com os seus vastos conhecimentos de direito.

Como poeta, a sua inspiração é oriunda das plagas luzitanas e a influencia dos autores portuguezes e italianos se nota em suas producções. Apenas na fabula do ribeirão do Carmo e no poema "Villa Rica" se observa o cunho de nacionalismo.

De Petrarcha recebeu o influxo nos sonetos eroticos; de Metastasio guardou a nota caracteristica nas cantatas e cançonetas; de Ariosto e Guarini, Bocage e Garção, Theocrito, Ovidio e Virgilio observam-se traços nas canções e eclogas e o sainete arcadico.

Com a publicação do poema "Uruguay" de Bazilio da Gama, surgiu-lhe a idéa de compôr "Villa Rica".

O poeta era nostalgico, saudoso dos valles e campinas do Mondego; melancolico, ao evocar as imagens de Eulina e Nize, conservando a feição do lyrismo subjectivo. O seu estylo é simples e a linguagem sempre correcta.

A parte principal de sua obra é incontestavelmente constituida pelos sonetos que rivalisam com os de Bocage, si os não sobrepujam.





Emprestaram-lhe alguns criticos a autoria das "Cartas chilenas" de Critillo a quem elle escreveu a epistola apologetica; sabe-se, porém, que foi o seu companheiro Thomaz Gonzaga que as compoz.

Theophilo Braga inclúe o seu nome entre os membros da Arcadia Luzitana e é possível que elle tivesse pertencido á Academia dos Occultos; mas nada se pôde affirmar com segurança e objectam alguns criticos que já se achava Claudio no Brasil, quando se fundou a Arcadia Luzitana em 1756. Isso, porém, não obsta que tivesse elle pertencido á citada sociedade litteraria, como succedeu em relação á Arcadia Romana e á Arcadia dos Renascidos da Bahia, na qualidade de socio correspondente ou honorario.

E' digna de leitura a obra do poeta mineiro, com especialidade na parte lyrica, destacando-se os sonetos que se classificam entre os melhores escriptos em lingua portugeza.

#### SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A sua origem e primeira educação -- No Rio de Janeiro -- Estudos universitarios em Coimbra -- Elementos controvertidos de sua biographia -- O advogado em Villa Rica -- A sua competencia -- Poesia pastoril -- Influencia dos classicos latinos e gregos -- Os seus autores predilectos em Portugal e na Italia -- Varios generos poeticos -- Os sonetos de Claudio Manoel da Costa -- Feição nacionalista -- Os ineditos e escriptos ignorados -- A inconfidencia mineira -- Fim tragico.

---



ANTONIO MARIANNO  
ALBERTO DE OLIVEIRA

*Fundador da cadeira n.  
8 — Nasceu em Itaguahy  
(Palmital do Saquarema),  
no Estado do Rio de Ja-  
neiro, a 28 de Abril de  
1859.*

BIBLIOGRAPHIA

- 1 CANÇÕES ROMANTICAS, poesias 1877-78, 121-II pags. Rio, Typ. da "Gazeta de Noticias" — 1878.
- 2 MERIDIONAES, poesias, com introd. de Machado de Assis — 158 pags. Rio, Typ. da "Gazeta de Noticias" — 1884.
- 3 SONETOS E POEMAS — Rio, Imprensa Moreira Maximino & C., 1885.
- 4 VERSOS E RIMAS — 1895.
- 5 POESIAS COMPLETAS (Meridionaes, Sonetos e poemas, Versos e rimas, Por amor de uma lagrima, Livro de Emma) — 398 pags. — Rio, H. Garnier (edição definitiva) 1900.
- 6 LYRA ACACIANA — (Coll. com Olavo Bilac, Guimarães Passos e outros) Collecçionada por Angelo Bitú — 87 pags. Rio — 1900.
- 7 POESIAS — 2.ª série (Alma livre — Terra Natal — Flôres da serra — Versos da saudade) 1898-1903 — 306 pags. Rio, H. Garnier 1906.
- 8 PAGINAS DE OURO DA POESIA BRASILEIRA, anthologia com prefacio do autor — 419 pags. — Rio, H. Garnier, 1911.
- 9 POESIAS — 3.ª série — (Sol de verão — Céu nocturno — Alma das cousas — Sala de baile — Rimas varias — No seio do Cosmos) 1904-1911 — 299 pags. — Rio, Livr. Francisco Alves, 1913.
- 10 CÉU, TERRA E MAR—(collectanea prosa e verso) 340 pags.—Rio, Francisco Alves & C.ª — 1914.

Encontram-se produções de Alberto de Oliveira em: *Revista Brasileira* (2.ª phase): Camões, soneto, vol. 4.º pg. 505; (3.ª phase): Trechos de um poema, vol. 3.º, pg. 65; Alvorada, tomo XIV, pg. 178; Uma escola primaria, vol. XVI, pg. 257. *Revista do Centro de Sciencias, Lettras e Artes*, de

Campinas: O bater da cancella, poesia, n. 43 de 1916; *Kosmos*; *Estado de S. Paulo*: conferencia proferida na Cultura Artistica de S. Paulo; *Revista Americana* Crescente de Agosto, soneto, Outubro 1916, pg. 25; Discurso de recepção de Goulart de Andrade, Novembro 1916, pg. 104. *Revista da Academia Brasileira de Letras* Ode ao sol, n. 1 pg. 49; Litteratura brasileira (Algumas inexactidões) n. 2 pg. 311; Romance da janella, poesia, n. 4 pg. 249; Caetano Lopes (autobiographia) n. 8 pg. 243, n. 9 pg. 75, n. 10 pg. 205; *Almanack Garnier* (1903): Azas de neve (poesia), A festa das azas (poesia); (1904) Fonte occulta, Luva abandonada; (1905): Peroba (prosa); (1906): Mensageiros aereos (soneto) (1914): O verso alexandrino na poesi portugueza; *Revista do Brasil* A rima e o rythmo (prosa) ns. 1 e 3, Sonetos n. 12, Galathea (prosa) n. 14, Sonetos, n. 21, O professor Mombaça, n. 25, Uma carta e um soneto a Antonio Salles em Alguns autographos n. 32, Thesouros esparcos n. 33.

Encontram-se os seus retratos nas Poesias, na Bibliotheca Internacional, na Littérature Brésilienne de V. Orban, *Almanack Garnier* (1903) *Revista de Sciencias Letras e Artes de Campinas* (n. 39 de 1915), *Lyra popular*, *Almanack Garnier* (1905), *Le Brésil contemporain*, 2ème tome.

#### FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

1. Machado de Assis — Critica pg. 223.  
" " " — Prefacio das Meridionaes.
2. Araripe Junior — Entusiasmo e ternura nos Versos e rimas.
3. José Verissimo — Estudos da litteratura brasileira, vol. II pg. 277.  
" " — Estudos da litteratura brasileira, vol. IV pag. 135.  
" " — *Revista Brasileira* (3.ª phase) tomo III pg. 60.
4. Sylvio Romero — Livro do Centenario I pg. 100.  
" " — Evolução do lyrismo brasileiro.
5. Alcides Maya — Chronicas e ensaios pg. 174.
6. Mario de Alencar — Alguns escriptos pg. 92.
7. Almachio Diniz — Da esthetica na litteratura comparada, pg. 73.
8. Nestor Victor — A critica de hontem, pg. 173.
9. Teixeira Bastos — Poetas brasileiros, pg. 29.
10. Luiz Murat — A vida moderna n. 3 de 24-7-1886 e n. 4 de 31-7-1886).  
— Ronald de Carvalho—Pequena historia da litteratura brasileira, pg. 296.
12. Sampaio Freire — *Revista de Sciencias Letras e Artes de Campinas*, n. 39 — 1915.
13. Jorge Jobim — *Revista Americana* n. 1 anno VII pg. 86.
14. *Almanack Garnier* de 1907 e 1910.
15. Victor Orban — Littérature brésilienne, pg. 273.
16. Eugenio Werneck — Anthologia brasileira, pg. 425.
17. Pereira de Carvalho — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
18. Dr. P. Rovelly — *Le Brésil Contemporain* 2.º vol.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO  
CRITICO

Ainda não emancipado do romantismo agonisante, publicou o poeta a sua collecção de versos de 1877-78, sob a influencia do movimento reaccionario que se operou na poesia brasileira, a partir de Gonçalves Crespo, Luiz Guimarães, Machado de Assis, Teixeira de Mello, Theophilo Dias, Affonso Celso e muitos outros. Era o inevitavel reflexo da modalidade esthetica que surgiu em França, para derrocar a escola romantica.

Em torno de Leconte de Lisle, no *Parnasse Contemporain*, reuniram-se alguns poetas que restabeleceram os themas classicos e o culto da fórmula impeccavel, sob o ideal da arte pela arte, constituindo o grupo dos parnasianos, cujas idéias, diffundidas por Banville e Gautier, tiveram carinhosos acolhimento entre os poetas de além e d'aquem mar.

Antonio Marianno Alberto de Oliveira, nascido em Palmital do Saquarema, povoação do Estado do Rio de Janeiro onde passou a infancia e a adolescencia, a contemplar scenarios da natureza, sentiu-se attrahido pelos moldes bizarros que atravessavam o Atlantico e, certamente, despertado pelo entusiasmo de Arthur de Oliveira, compoz "Apparição nas aguas", Mas as "Canções romanticas" de 1879 guardaram, a despeito de taes influxos, o cunho dos predecessores na poesia brasileira, como aliás reconhece o autor no qualificativo escolhido para o titulo de seu livro de estréa.

Surtos de maior amplitude succederam aos das primeiras canções do poeta que se affirmou, segundo o conselho de Machado de Assis, perdendo a indecisão do estylo que se mantinha fluctuante. Em "Meridionaes" accentuou-se a feição parnasiana do artista com erudição historica e sensivel pendor para o objectivismo, a descrever paysagens e pintar quadros em miniatura.

Destacam-se, entre muitas de fino lavor, as poesias "O leque" que lembra Macedo Papança e Sully Prud'home; "Conselho", inspirado hymno pantheista; "Manhã de caça", de attrahente estylo descriptivo e o soneto "A janella de Julieta".

Nos "Sonetos e poemas", versos de 1883-86, Alberto de Oliveira attingiu a perfeição sonhada, alliando ao rigor da fórmula a impassibilidade de sentimentos; ás rimas raras de Banville a predilecção pelos themas hellenicos e latinos, á maneira de Leconte de Lisle, Sully e Heredia, nos sonetos; aos quadros descriptivos os poemas pantheistas em que canta a arvore, a borboleta azul, o marmore, as formigas, as trevas, a lagarta, a montanha e tantos outros seres minusculos e espectaculos varios da natureza.

Evolúe o seu lyrismo, reaccende-se-lhe a inspiração e elle addiciona ao culto da arte pela arte, da fórmula impeccavel e do estylo burilado, os ingredientes que Araripe Junior revelou na sua pesquisa de critico: a ternura e o entusiasmo erotico. Aparecem nas paginas dos *Versos e rimas*

"A nova Diana", "A camisa de Olga", "O sonho de Bertha", "A um amigo", "Extrema verba" e outras. Mas já se lhe nota interesse pela alma humana, embora perdue, dominando, a obsessão pela alma das cousas. Percebe-se a integração gradativa do poeta, a colher peça por peça os adornos da perfeição: vocabulário rico, estylo castiço, perfeito conhecimento de metrificacão, extasis perante a natureza, sempre bella e sempre nova, ternura nos sentimentos e tantas qualidades preciosas que se confundem nos verdadeiros poetas.

O Livro de Emma (1892-1897) é o resultado da integraçã, como synthese de todôs os predicados do artista, em perfeito equilibrio, em proporçõs determinadas, em unidade de concepção.

O poder emotivo de Alberto de Oliveira se expande e obscurece os processos e artificios do parnasiano, mantendo-se em penumbra discreta. Apagam-se as tintas predominantes e offusca-se o brilho em destaque; mantem-se a belleza harmonica e opera-se a encarnaçã do ideal dos poetas: o consorcio íntimo do sentimento com a expressã. A palavra está subordinada ao pensamento, desaparecendo o artificialismo da escola que apregoava a fórma impecavel e a impassibilidade emocional do artista, como elementos de reacção ao romantismo de Lamartine e Musset, dois grandes poetas de valor imperecivel.

*Livro de Emma* já apresenta dôse apreciavel de subjectivismo de que os volumes anteriores estavam quasi isentos. Embora o autor continúe com predilecção de paysagista, encantado pelo mundo exterior, a pintar, com extrema minucia de miniatura, os quadros mais insignificantes da natureza, aproveitando assumptos vulgares, as idéas e a sensibilidade apparecem com maior vigor e o enthusiasmo erotico se attenúa para dar realce á ternura no amor subjectivo.

Na segunda série de poesias apparece com uma physionomia nova: a do poeta nacionalista que se deixa attrahir pelos scenarios da região que percorreu em suas excursões. Mas si descreve o curso do Parahyba, raras vezes têm o character topographico as suas poesias descriptivas. Pinta uma arvore, tece um ninho, entõa um hymno á iua ou debuxa uma garça de um pantano.

A' primeira parte — "Alma livre" — serve de introito um soneto camoeneano e perdura no volume o character mixto do Livro de Emma, como nas "Flôres da serra" e nos "Versos de saudade".

O livro, com as producções de 1898-1903, conserva o mesmo diapasão do precedentc; mas na ultima série, versos dos 45 aos 52 annos, volta-se á feição caracteristica que nunca o abandonou, de cantar o mundo objectivo, como principalmente em "Sol de verão", "Céo nocturno", "Alma das cousas", "No seio do Cosmos" e "Natalia" que é o poema descriptivo do seu torrão natal, paginas nostalgicas de saudades, recordações de sua infancia.

Na qualidade de educador, pois Alberto de Oliveira é professor da lin-

gua vernacula, de historia e de litteratura, organisou duas anthologias: *Paginas de ouro da poesia brasileira*, cujo nome indica o intuito do colleccionador, e *Céo, terra e mar*, destinada a servir como exercicio de leitura, composição e redacção.

Cultivou tambem a poesia satyrica, collaborando na *Lyra acaciana* folheto onde se pretendeu ridicularisar um politico fluminense que foi presidente do Estado do Rio de Janeiro, deputado e ministro, além de jornalista e publicista.

Muito pouco consegui respigar sobre o homem. Além da data e logar em que nasceu, soube que passou a infancia e parte da adolescencia em Itaguahy, que é diplomado em pharmacia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que foi director da Instrucção Publica no Estado natal e tem sido professor das disciplinas mencionadas.

Elle tem a concluir um "Curso de litteratura portuguzca" e distingue-se como prosador correcto, devotado ao estudo do idioma patrio, cultor dos classicos e conhecedor profundo dos segredos da lingua portugueza.

E' tambem um bibliographo apaixonado, possuidor de uma bibliotheca que encerra preciosidades, como a edição original das Obras de G'auceste Saturnio (Claudio Manoel da Costa) entre muitas.

Alberto de Oliveira conhece á saciedade as minimas particularidades de sua arte, maneja como poucos a lingua portugueza, possui um estylo fulgurante e empunha o bastão de chefe supremo da poesia brasileira entre os que a cultivam presentemente.

Conta hoje 61 annos de idade e ainda conserva o porte varonil, o especto apollíneo e o brilhante espirito de um joven elegante. Continúa a cscrever poesias e espera-se com anciedade o volume que deve encerrar as suas producções posteriores a 1913.

#### SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Ô artista a ec'ypsar o homem — Carencia de dados biographicos — O poeta das "Canções romanticas" — O parnasiano — Livro de Emma — Os versos de um outomno prolongado — Vida sem inverno. — A sua metrica e o seu estylo — A rima e o rythmo — O professor — Ultima phase.

ARTHUR MOTTA



**A CIDADE ENCANTADA —**  
*Xavier Marques — Ed. Livraria*  
*Catilina — Bahia — 1920.*

Xavier Marques, um dos nossos mais bellos romancistas, acaba de dar-nos um livro de contos — *A cidade encantada*, que vem confirmá-lo nos seus fóros de escriptor. De facto, com elle se verifica não só mudança de genero como a da propria inspiração, demonstrando a extraordinaria malleabilidade do estylo e do espirito do auctor. Ao passo que nos seus romances nos tem pintado scenas reaes, nestas novellas nos apresenta os mais altos arrojões de uma imaginação quasi desregrada.

Abre-se o livro com *Viagem maravilhosa*, que não é mais que uma especie de adaptação de Wells ao nosso meio. Octavio, Deolinda e Flôr vão visitar a terra em que nasceram. Embarcados em um navio monstro, chegam, e, afinal, encontram tudo mudado. A gente é um povo de gigantes claros e louros, muito brutos e muito lascivos, que, dizimando e afugentando para as cavernas os antigos habitantes, se tornaram senhores da terra. A lingua que falam é inintelligivel e os seus costumes, inassimilaveis á moral antiga. Eram as hostes do Sul que haviam subjugado o palz...

A raça vencida se tornara selvagem, com caracteres do monstro.

Octavio, entretanto, encontra um, fala-lhe, comprehende-lhe a linguagem e jura protegelo e libertar a terra escravizada. Vendo, porém, Flor, sua filha, nos braços de um gigante, assalta-o, sendo repellido e suppliciado, enquanto Flor e Deolinda são arrastadas para longe, como todas as mulheres de raça que se exterminava...

Vae nesse conto, decerto, uma lugubre prophesia, com allusões claras a terras que muito bem conhecemos. Só ha a admirar nelle, comtudo, o forte engenho do auctor.

As outras peças do livro moldam-se por essa mesma exuberante imaginação. Assim, a que dá nome ao volume, *Cidade encantada*, na qual a maneira do contador se desvencilha de toda a symetria e ordem vulgares para, aos turbilhos, nos narrar a caça á cidade phantastica, a que, nos sertões da Bahia, levariam os roteiros do moribeca.

Entre os outros tres contos, *Mariquita* sobresaé como um pequeno drama cheio de belleza e de emoção, no qual, parece, Xavier Marques se mostra o artista completo que é e que não chegou a se revelar todo nos dois contos anteriores.

*A cidade encantada* é, assim, um livro interessantissimo, que sobretudo, prende á attenção do leitor com o grande vigor descriptivo e o impenetravel da fabulação extranha.

**JESUS** — *D. João de Castro* — Ed. "Renasceça Portuguesa" — Porto — 1920.

Se ha por onde se possa aferir da differençação entre lusos e brasileiros é na literatura que pronunciadamente o vemos e, em especial, na poesia. Em que nos parecemos com portuguezes? E portuguezes em que comnosco se parecem, senão na lingua, no material da expressão, que, aliás, uns e outros modelamos por diversa maneira? Prosadores portuguezes da actualidade, depois de morto Fialho, não os encontramos capazes de nos prender a attenção. Absorvidos nas luctas politicas da Republica, que pouco nos interessam, os seus escriptores assemelham-se-nos aos chronistas da insignificancia. E os poetas? Decididamente, distanciam-se demasiado de nossa alma para que os leiamos. Ainda Antonio Nobre é susceptivel de leitura no Brasil; já Eugenio de Castro, só em parte. São os outros poetas bastantes regionaes pelo coração, pelo gosto, pela feição idiomática e de tal modo e tanto que não os penetramos. Enclausurados na desbordante sentimentalidade da raça, que por cá teve derivativos innumeros, na religiosidade, que entre nós se desvaneceu, não os comprehendemos como é mistér comprehender poetas: identificar-se com o seu espirito.

D. João de Castro exemplifica. Bom poeta portuguez, como tolerar-lhe o poema Jesus? Na verdade, afastamo-nos demais do feito original da antiga metropole. Toda a emoção mystica daquelles versos não nos faz vibrar uma só fibra. A sua gelida philosophia, com os esgares de Anthero mas sem o encanto da sua livre inspiração, não a percebemos com a feição emocional, que se faria necessaria.

Em conclusão, ao passo que a nossa alma se separou da alma

lusa, a nossa cultura seguiu rumos diversissimos, que nos incompatibilisam com tal arte.

**GAÚCHOS** — *Milton da Cruz* — L. Jacintho Ribeiro dos Santos — Rio — 1920.

Não ha negar um grande progresso entre os poetas nacionaes. Já não estamos nos tempos em que afeiyavam a poesia brasileira, mesmo entre os seus mais graduados representantes, defeitos imperdoaveis de technica e de linguagem. Os proprios estreadantes timbram em apresentar-se isentos de senões tão materiaes. A metrica dos novos poetas é correcta e a lingua que falam tem grammatica. E' pouco, muito pouco para poesia.

E' mesmo lamentavel que tanta grammatica e tão boa metrica se malbaratem assim, em pura perda, só de raro em raro emergindo da onda dos mediocres um nome digno do appellido do poeta. Dão-nos, em geral, rhetorica, não poesia.

Em todo caso é um progresso e coisa extranha já nos parece um estreadante sem taes qualidades. E' o caso presente. "Gaúchos" é uma lamentavel tentativa poetica, que só se salvaria se, por artes dos defeitos de fórma, tivesse podido conter as verdadeiras virtudes da inspiração. Entretanto, nem uma, nem outra cousa.

Vejamos o soneto "Navegadores", a Olavo Bilac:

Não foi senão um sonho de aventuras,  
A sêde de ouro, prata, pedrarias,  
Riquezas, terras, mares honrarias  
Que nortecaram aquellas armaduras.

Foi perlustrando excelsas urdiduras,  
Dum sonho magistral nas arcarias,  
A invocar de "Cipango" as cercanias,  
Que o genovez transpõe eras futuras.



Os Americos, Gamas e Balboas  
Cruzam os mares, tecem suas tramas,  
Abrem caminho, com arrojo, ás prôas...

Mas o destino malhando em suas frágoas  
Mostra a Colombo da fortuna as gamas,  
E a maravilha esplende sobre as aguas!...

Tem commentarios? Aquella deliciosa ennumerção do primeiro quarteto é bastante eloquente por si mesma. Assim, a precisão de termos do quarto verso... Depois, a correspondencia dos tempos verbaes no segundo quarteto, com aquella phrase — "Foi perlustrando... que o genovez transpõe eras futuras" — não é menos edificante.

E o rythmo do verso — Mas o destino malhando em suas frágoas?"

E as gamas da fortuna?...

**A NOSSA CASA** — Raul Lino —  
*Typ. do Anuario Commercial* —  
Lisboa — 1920.

Com um prefacio do sr. Manoel de Sousa Pinto abre este livrinho, que, já em terceira edlção, deve ter concorrido bastante para o aperfeiçoamento do "bom gosto na construcção das casas simples", como se propõe. Architecto, o sr. Raul Lino expõe em cento e poucas paginas os preceitos fundamentaes da construcção nunca se arredando do velho bom senso, base sobre que assenta o bom gosto em toda a arte, notadamente nessa cujo character predominante é a utilidade.

Illustram o volume, além de varias plantas, bellos projectos de casa para as diversas regiões de Portugal, notando-se-lhes o accentuado cunho tradicional sob as

suas linhas renovadas e modernas.

"A nossa casa" é um llvro que, destinado especialmente a um paiz que nos é extranho, aproveita, entretanto, a quantos o leiam, guardadas as restricções em que importa a differença dos meios. A' falta de obra semelhante que nos diga respeito, encontramos nessa ensinamentos apreciaveis.

**LES ÉCRIVAINS CONTEMPORAINS DE L'AMÉRIQUE ESPAGNOLE** — Francisco Contreras — Ed. de "*La Renaissance du livre*" — Paris.

Da riquissima literatura hispano-americana nos dá noticia em criteriosas apreciações o sr. Francisco Contreras, um dos illustres representantes da pleiade de que nos fala. Escripito em francez, o livro com ser uma bella propaganda da America Latina é um estudo sério, que se lê com agrado e proveito. O auctor passa em revista todos os expoentes literarios das Republicas americanas, dando-nos de cada um a feição precisa.

Começando por um golpe de vista geral sobre o movimento literario moderno nesses paizes, conclue pela emancipação da literatura hispano-americana, que, repercutindo além dos mares vae fazer escola na antiga metropole. Estuda em seguida os escriptores do centenario, romancistas, criticos, prosadores e poetas, em capitulos esclarecidos quaes os referentes a Rodó, Ruben Dario e Ugarte.

**O MOSTEIRO DE NIMES** — *Zeferino Galvão* — *Typ. da "Gazeta de Pesqueira"* — 1920.

"Junto ao muro do mosteiro de Nimes parou a liteira que conduzia a esposa de Ricardo de Langeais. Um dos guardas aproximou-se do portão e deu tres argoladas, com força. Minutos depois, roçou o portão sobre as conceiras, e uma mulher surgiu, com a cabeça envolta num capuz. O principe d'Arlemont esperou o cavallo, e acercando-se da religiosa, salvou-a respeitosamente. A porteira respondeu com uma simples vénia".

Assim começa o romance, que é "o segundo da "Trilogia" de que fazem parte "Heloisa d'Arlemont", já publicado e "A guerra dos camisardos", a publicar-se.

O auctor é de folego. As suas vinte obras já publicadas promette juntar outras tantas, abordando os generos mais diversos, do poema ao estudo, do romance á satyra. E', pela obra copiosa, um benemerito das letras.

E não o é menos pela natureza della. Pois, quanta obra celebre já não deveu o successo ao genero de que acima demos uma amostra? E' característico: — um convento, tres pancadas sonoras e uma cabeça encapuzada que entreabre um portão, um portão que gira nos gongos e umas esporadas em corcel fogoso. Que mais? ahi está toda uma grande, vasta literatura: o romantismo.

Entre aquelle começo e o fim que ahi está ponha o leitor a historia de uns amores medievaes e terá o "Mosteiro de Nimes" de que, em nosso mister, não nos compete desvendar as maravilhas e os mysterios.

**S. PAULO EM 1920** — *A. Carneiro Leão* — *Ed. Anuario Americano* — Rio — 1920.

O sr. Carneiro Leão, um dos nossos mais operosos publicistas e dos que mais fazem sentir a sua influencia, pois que, norteadado pelo nobre desejo de ser util, prefere para os seus estudos, os nossos grandes assumptos, acaba de publicar um livro bom e, sobretudo, caro á nossa vaidade... Em perto de duzentas paginas, o auctor de "O Brasil e a Educação Popular" estuda o desenvolvimento deste Estado, juntando ás observações e documentos de nossa vida, a explanação de conceitos que, com serem lisongeiros, não são menos inspirados na realidade e animados de um bello espirito nacional.

E' um livro cuja falta se fazia sentir. Não é de hoje que São Paulo ouve os elogios incondicionaes de todo mundo. A imprensa está cheia delles e não ha livro de estudos brasileiros, onde não se leiam algumas paginas que nos são dedicadas. Entretanto, estudo nenhum ainda não se fizera desse conjunto, cujas partes sómente lograram suas entrevistas. O sr. Carneiro Leão, perlustrando detidamente a nossa jornada, nos dá agora esse trabalho.

Com a sua copiosa documentação, deslisa pelo livro um são optimismo, que, tendo muito de sympathy, lhe favorece a visão critica, levando-a por veredas que não devem ser erradas. Assim, ao constatar o nosso brasileiro e a nacionalização das massas estrangeiras. Não somos,

de facto, brasleirissimos e não absorvemos, devéras, o immigrante? Decerto, sim.

"São Paulo em 1920", obra que se lê de um jacto, tão leve tom lhe deu o auctor, merece a grande acceitação que certamente vae ter.

**SILENCIO** — *Agrippa de Vasconcellos* — Ed. *Joaquim Bastos Monteiro* — Rio — 1920.

Não diz nada o titulo. Os versos, alguma coisa. Com segurança de technica mas não de arte, o sr. Agrippa de Vasconcellos nos dá um livro que é uma promessa feliz.

Ao par de trabalhos bons, outros imperfeitos. Falta-lhe ainda a capacidade de assimilar perfeitamente os seus themas para lhes dar a boa expressão artistica, que, entretanto, muitas vezes consegue.

Dá ideia do livro o seguinte soneto:

#### O CURUPIRA

Vel-o-eis na escuridão das noites bravas,  
O curup'ra. Os rudes pés nojentos  
Aos sapateios ou forçando aldravas,  
Na missa negra dos assombramentos.

Seguem-lhe azas nocturnas como escravas,  
E, por varzeas e compos somnolentos  
O avejão ronda, o olhar acceso em lavas,  
Cerrando as trevas e mandando os ventos.

Genio de azar, abre traçoeiros fôssos  
E espreita, aos pinchos, pelas grotas hian-  
[tcs,

Raivando pragas e rangendo os ossos.

E a noite toda marcha, entre ais e ch'stes,  
Para arrazar no pouso aos caminhantes  
Restos de crenças e de amores tristes.

Não vamos rastrear-lhe os defeitos, que, um ou outro, na propria linguagem ahi se encontrariam. E' innegavel, entretanto, que ha nesses versos alguma coisa que releva um poeta.

**COLUMNAS** — *Luiz Carlos* — Ed. *Jacinto Ribeiro dos Santos*—Rio — 1920.

Luiz Carlos é um poeta bastante conhecido em São Paulo. Antes deste seu livro, que traz a consagração prévia de uma leitura na Academia Brasileira, já os seus versos corriam as nossas revistas, apreciados e applaudidos sempre.

Para tanto ha razão. Luiz Carlos tem entre os nossos poetas o logar que lhe assignala o seu verdadeiro estro, bem como a tradição a que se filia, da boa arte, do verso perfeito e da linguagem pura. Ha nas columnas a medida completa das suas forças, que se desdobram através dos themas, ora puramente poeticos, como Fidalga e Velho sino, ora descriptivos como Cemiterio de escravos e Ponte velha, ora mais profundos como Pedra o Sombra.

Merece leitura o soneto — Fidalga — destinado a fazer carreira:

Garça esvelta no porte assumindo a postura  
Airosamente real duma joven rainha  
Na alta cabeça, posta em luz se lhe ad-  
[vinha  
O correcto perfil da nobre raça pura.

Forma-lhe a iris do olhar a esphera em  
[miniatura  
Nos cambiantes do verde-azul da côr ma-  
[rinha,

Diffunde-se-lhe a graça inquieta em toda  
[a linha.

Fidalgo, o gesto eril corôa-lhe a figura.

Nenhum traço, ao de leve, o typo lhe de-  
[forma:

O pescoço... os quadris... tudo nella  
[acompanha  
Justo, classico estylo esthetico da forma.

Vaga-lhe o rosto pulchro o riso a flores-  
[ceio...

E revestindo-a o Sol duma fulgencia ex-  
[tranha,

Urde-lhe afios d'ouro as tranças do ca-  
[bello.

O mesmo dizemos d'A Pedra, á pag. 75:

Na pesada mudez da sua indiferença,  
Deve a pedra esconder um riso de sar-  
[casmo;  
E, dest'arte, esprimir, pelo silencio, o  
[espasmo  
De uma concentração em que ha mille-  
[nios pensa.

Affronta os temporaes nos pincaros sus-  
[pensa,  
Tem um rictus de horror, sem um signal  
[de pasmo !  
E, ante a gloria que inspire o maximo en-  
[thusiasmo,  
Tem a mesma expressão inerte da des-  
[crença.

Por todos nós pisada e escarnecida, ex-  
[posta  
Nas ruas, aos baldões, em pleno des-  
[abrigo.  
Recebe humildemnte o ultrage, sem res-  
[posta.

Mas, na morte — ai de nós ! — o mal se  
[lhe compensa:  
E' de vê-la cobrindo estatica o jazigo.  
Na pesada mudez da sua indiferença.

A' constatação de taes bellezas, não diremos que o poeta haja attingido a plena perfeição. Um critico encontraria na sua obra alguma coisa a respigar, impertinentemente. Assim, diria que Luiz Carlos, levado, aliás, por bons principios de arte, encara de frente e ex-abrupto os seus temas, tão em cheio e sem rebugos que resvala ás vezes pela vulgaridade, fazendo uma peça do que devia, antes, confinar-se nos limites de méro pormenor. O contraste é o grande elemento de sua poetica e, se o manaja bem em A dor e A' princeza Isabel, alguma vezes se limita á méra antithese, que, degenerada em jogo de autonymos, perde o melhor do seu effeito.

Senão, vejamos porque alguns fechos de soneto agradam mais que outros, quando a sua feitura

é, no fundo, a mesma. A pag. 103, em A Dor, lê-se o tercetto final.

"Irmã da noite, cerra-me o horizonte,  
E talvez, possa constellar-me a fronte  
De tanto encher-me o coração de treva !"

Bello, extraordinariamente bello, como imagem e como discreção de contraste, que, com ser sobrio, não é menos chocante.

Veja-se, entretanto, a chave de Esphinge, á pag. 240:

"Quem és ? Quero julgar-te... Cresce  
[arcano !  
Pois a humana razão é muito fria  
E é muito quente o coração humano !"

O que nos desagrada ahí não é, decerto aquelle "Cresce o arcano! "que, verbo e substantivo raramente conjugados na mesma phrase, nos sôa extranhamente. Desagrada-nos, sim, o falso do timbre, o tom de chocalho bimbalhante e óco daquella opposição de vocabulos e não de ideias: — quente e fria...

No bello soneto Sombra o mesmo se nota:

"Eil-a que, a nossos pés sinistramente  
[unida.  
Passo a passo comnosco, em seu vulto  
[descerra  
O fantasma da morte acompanhando a  
[vida !"

Aquí, ainda passa, como derivado um de outro, naturalmente, os extremos. Mas, quanto melhor não nos parece o tercetto da pagina 120, A' princeza Isabel:

"Si me remistes, outr'ora os brasileiros,  
Hoje, os escravisaes, pela saudade,  
Que é decerto, o maior dos captiveiros."

O verbo "remir" chama a si, immediatamente o seu opposto "escravisar", porém, a phrase continua e a vulgaridade se es-

bate, afinal, no ultimo verso e na ultima palavra. que, assim, tomando logar do segundo termo ou antithese, contrasta com a ideia de libertação contida em "remistes" e, demais, emparelha com "saudade" em sugestivo confronto.

Em *A Morte*, o poeta se despoja da naturalidade para envergar o fardão de literato, deixando repontar absoluta preocupação literaria. O soneto começa:

"A morte, o grande assumpto entre os de-  
[maís assumptos."

A morte é um assumpto ?  
Por exigencia da rima ?  
E' que tem em assumpto ?

O soneto continua:

"A morte—a paz hostile—a vida arranca  
[a esconde  
No arcano de um paiz incognoscivel, onde  
Todos hão de ficar, emfim, um dia jun-  
[tos.

Donde só se pode concluir que — "a morte é um assumpto que arranca e esconde a vida" — coisa que o poeta não quiz dizer. Aquillo é, portanto, simplesmente, "um cheville de mots" intolleravel, que, além de tudo, impressiona como o desaponto de quem chega á luz da ribalta e annuncia á platéa:

—"A morte é um assumpto.  
Eu vou tratar delle..."

Tudo isso, porém, nada vale. A obra de Luiz Carlos resiste se esses pequenos contrapesos, cuja acção não é perceptivel á balança do grande publico.

**O DESTINO DE ESCOLASTICA**  
— *Lucilo Varejão*—Ed. José Soares — Recife — 1920.

O sr. Lucilo Varejão tem as qualidades de romancista, que põe em relevo em *O destino de*

*Escolastica*. Escripto em lingua-gem simples, correntia e despre-tenciosa, lê-se este livro com interesse. Repassado de doçura e sentimentalidade a principio e, depois, de grande sensualidade, tem o entretcho certa feição original e algo desabrida.

São bem pintados os typos e alguns delles, de papel secundario, dão entretanto muito caracter á narrativa.

E' uma estrella auspiciosa a do sr. Lucilo Varejão, que nos pode dar optimos romances, especialmente de abstrahir-se um pouco do erotismo, que o absorve, como o unci fito de sua arte e, assim desvencilhado, passar a entrevêr a vida como coisa mais interessante e divertida que immoral e suja.

O romance termina assim: — "A Felicidade é uma especie de chimera, que, se apossando do individuo, logra manietal-o ao pos-te dos seus caprichos... Portanto, vejamos qual a sorte das duas fugitivas: mas no derradeiro livro desta trilogia, deste complicadissimo romance que nos tem custado mais de uma noite de vigílias".

**CONFABULAÇÕES — ONDE ESTÁ A FELICIDADE...** — *Raul de Azevedo* — *Aillaud e Bertrand*. — Lisboa, 1920.

O A., que é jornalista em Marnãos, distingue-se por uma operosidade quasi sem exemplo comparavel em nosso paiz. Traz uma bagagem de 15 volumes publicados ou no prelo, com varias edi-

ções exgotadas, prova de que não se fatiga em vão.

Dá agora a lume mais dois livros: "Confabulações", collectanea de artigos e chronicas de varias datas, e "Onde está a felicidade"... — romance. Num e noutro mostra-se o Sr. R. de A., sinão um estylista esmerado, nem um ideologo de vistas largas, pelo menos esse escriptor de officio, de cuja penna escorrem os periodos com visivel facilidade. Demais não se abalança ao complexo nem ao latente, antes prefere o que esteja aberto á percepção de todos, e proclama que é summamente bello o que é summamente simples". Nem todos, está visto, hão de queimar incenso no seu altar "simplista", principalmente os que suspeitam de outros elementos indispensaveis ao bello, alem da simplicidade, mesmo quando simplissima...

**FORÇAS DA NATUREZA** — Augusto Amado — Typ. do "Jornal do Commercio" — Rio.

"A esthetica do sr. Augusto Amado tem por base a concepção biologica da vida, na conformidade Haeckeliana" — diz um critico e diz com profundeza, tanta que se não chega ao fundo... Uma esthetica que tem por fundamento a "biologia da vida" concebida "na conformidade Haeckeliana"... Apré! Ha de ser de força.

De facto, a "apresentação" diz:

O universal espirito profundo  
Concorre em mim. Dirci, mais inspirado,  
Que o meu sonho é melhor impressionado  
Pelas revelações moraes do mundo.

E é muito louvavel isso: um pouco mais bem impressionado pelas revelações moraes do que por outra cousa. Muito bem. Mas, fecha o soneto:

E o que fôr obscuro nestes versos,  
E' mais clarividencia ao que me custa  
Ampliar-vos... reduzindo os universos.

Isso é que não. Tenha paciencia o sr. Amado. O que fôr obscuro é obscuro mesmo. Não nos queira dizer que é mais clarividencia, ora essa! Não é por Goethe haver attribuido o successo do "Fausto" á obscuridade que elle proprio lhe poz, que vamos agora inverter os valores mentaes, assim, do pé para a mão.

Não paremos á entrada do templo. Vamos para o altar e escutemos o canticco final — "Os perfumes de Astréa". A fabula é interessante. Ha um anno de casada, Astréa chora. Abraça-a o marido e consola-a com um beijo. Depois, philosophando: — "Não me assiste dlreito algum de ciumes. Quando a namorada já lhe aspirava os perfumes.

E não foi a noticia que corria  
De bocca em bocca, do exsudante cbeiro,  
Que me instigou a, sofrego e ligeiro,  
Correr á sua casa áquelle dia  
E offerecer-lhe o coração inteiro?"

De accôrdo, pois não? Foi a noticia do cheiro, sem duvida, um cheiro exsudantemente noticioso. A historietta continua:

Astréa tem o marido ao lado. Porque, pois, tem o olhar irado "se outrem olha de mais o bem amado"? Elles mudam de balro. Mas, as vislhanças novas não deixam o marido e invadem a casa por causa delle... Assim, "num anno já fiz mais de dez mudanças!" — canta em verso.

E o dia inteiro a gente á porta entrando!  
Formam-se ás vezes prestitos extensos,  
E ha gritos, brigas, empurrões immensos,  
E toda a gente ás mãos vem carregando  
Vasos, vidros, e roupas, rendas, lenços...

Tudo isto pelo cheiro de Astréa. "O espectáculo é notado na gente que ainda mesmo do outro lado da rua passa tonta, cambaleando, com o nariz para cima levantado..." Ainda é verso leitor amigo.

Na verdade, um escandalo. E tem razão o poeta para este assomo de bom-senso: "E' demais! Não posso tragar o desaforo de quem, hoje, meu brio, honra, decôro, assim com insinuações de quem sondava feriu no meu sagrado intimo fôro: — E's pobre — me propõe — e alto negocio faremos... — A riqueza e as opulencias! — Tens as materias primas — as essencias... Eu tenho o capital — serás meu socio... Uma industria que traz independencias!...

Tem razão, porque é mesmo demais. Entretanto, se o cheiro era tão pronunciado e tão delicioso que todo o mundo ia buscal-o, engarrafado, á tua casa, dando tamanho escandalo que do outro lado da rua, cahiam bebedos os passeantes; e, se tu, ingrato, te deixavas cortejar pelas meninas do bairro, não admira que te propuzessem negocio com o cheiro da Astréa e que a propria Astréa, por despique, accedesse em veniagar o seu doce cheirinho.

Como se vê, a esthetica do sr. Augusto Amado é nova. Se o é na "conformidade Haeckeliana", não sabemos. Se se baseia na "concepção biologica da vida", talvez... Nessa historia dos perfumes da Astréa deve andar coisa de biologia.

Trazendo os versos, por epigraphes, uns versiculos de Salomão, nada affirmaremos nesse particular.

Digam-no os sabios da escriptura.



#### D. LUIS DE ORLEANS

"Ainda não faz um anno que a ex-familia imperial do Brasil sofreu o rude golpe da perda do principe D. Antonio, victima de um horrivel desastre de aviação na Inglaterra, e a morte de D. Luis, vem agora enlutando-a, augmentar mais a dor que sobre ella pesa, aureolando de mais soffrimento a velhice veneranda dos seus augustos chefes, o conde e a condessa d'Eu.

D. Luis Felipe de Orleans e Bragança era um dos principes mais intelligentes e illustrados do seu tempo, alliando á sympathia natural que irradiava a sua pessoa á nobreza de uma cultura digna por todos os titulos da admiração dos seus contemporaneos.

Herdeiro do throno do Brasil, em virtude de ter renunciado aos seus direitos o seu irmão mais velho, o principe D. Pedro, D. Luis, sobretudo um grande e sincero patriota, nunca, apesar disso, se envolveu nas lutas politicas do palz, preferindo uma attitudo de discreta expectativa á menor interferencia directa, de qualquer modo perturbadora, nos negocios publicos do Brasil.

Casado com a princesa Pia de Bourbon, o desventurado principe que contava pouco mais de quarenta annos, tendo nascido em Pe-

tropolis, servira antes de 1914, no exercito austriaco, quando, sobrevivendo a guerra, pediu demissão do seu posto, indo com os seus irmãos alistar-se no exercito inglês, no qual prestou sempre com a maior dedicação e o mais bello entusiasmo, durante toda a grande conflagração, o concurso generoso do seu heroismo e do seu sangue.

Extremamente conceituado nos altos circuitos sociaes do velho mundo, D. Luis era uma creatura cuja bondade da alma pedia mesas á fidalguia do seu espirito, razão porque, ainda ha pouco, lhe offereceram os monarchistas portuguezes o throno de D. Manuel II, que sua alteza, porém, com raro desprendimento e rara abnegação, polidamente recusou, preferindo um exilio cheio de amarguras e saudades a assumir as rédeas de um governo que não o de sua patria.

O que, todavia, antes do mais o distinguia era o seu talento de escriptor, elegante e moderno, sabendo dizer na mais doce das linguagens os mais subtis e profundos pensamentos e conceitos.

Apaixonado pelas viagens, o seu primeiro livro, "A travers l'Indo Kusch", valeu-lhe o premio C. Malte Brun (Medalha de ouro) da Sociedade de Geographia de Paris. "Dois mil francezes, escreveu "Le



Gaulois". na sua edição de 20 de abril de 1907, tiveram hontem occasião de acclamar um joven príncipe brasileiro, filho do Conde d'Eu e neto do segundo imperador do Brasil". Porque, como é facil de calcular, dada a nobre linhagem do premiado, a recepção de D. Luis no seio da douta corporação franceza revestiu-se de uma imponencia á altura do seu sangue e dos seus dotes intellectuaes.

Num discurso caloroso e entusiasmado, mr. Le Myre Vilers, saudando o príncipe, manifestou-lhe a ardente admiração que lhe tributavam os homens de estudo parisienses.

Seis dias depois, uma linda manhã, D. Luis embarcava incognito, em Bordeaux, no "Amazone", da Messageries Maritimes, com destino a Buenos Aires. Era intuito seu, porém, desembarcar no Rio de Janeiro, de onde seguiria por terra para S. Paulo. Em Dakar, um passageiro, que viajava para o Brasil, fez-lhe uma proposta curiosissima: ganharia cinco francos o que tivesse coragem de atirar-se ao mar, do tombadilho do navio.

Accepta a aposta, o descendente dos Braganças não teve duvida em arriscar-se a tão temeraria empresa... e ganhou mesmo os cinco francos!

Dahi por deante tornou-se a bordo de uma popularidade enorme, não tardando, por isso, que um bello dia alguém lhe descobrisse a identidade. O príncipe chegou ao Rio ás 7 horas da manhã de 12 de maio, e a sua recepção, por parte das autoridades republicanas, não foi nada lisonjeira: trinta agentes foram destacados para bordo fiscalizando o serviço de vigilancia o então 3.º delegado auxiliar dr. Alvaro Luna, o capitão de mar e guerra Miranda Campello, o Inspector geral da Policia Maritima Trajano Louzada. Uma commissão da Sociedade de Reverencia á Me-

moria de D. Pedro II, composta dos srs. C. Laet, Amarilio de Vasconcellos e Carvalho de Moraes, offereceu-lhe um pergaminho, tendo pintada ao centro em aquarella uma vista da Guanabara e a palmeira plantada por D. João VI no Jardim Botânico, além de uma colleção de cartões postaes do Brasil.

Em nome dos monarchistas brasileiros, saudou o príncipe o sr. C. de Laet, fazendo uso da palavra a seguir, o sr. Muçio Teixeira.

Foi quando rebentou um pequeno escandalo: o sargento da Brigada Policial, Nemesio Gay, fez um discurso ardoroso de saudação á Republica, o que provocou protestos, determinando a prisão do inflamado orador.

Terminada a manifestação, o sr. Trajano Louzada communicou ao príncipe que o seu desembarque não era permitido, respondendo-lhe Sua Alteza:

— E' uma violencia, mas acato as ordens do governo brasileiro.

E encerrando-se na sua "cabine" com o marquês de Paranaguá, o visconde de Ouro Preto, o conde de Affonso Celso e o conselheiro João Alfredo, escreveu o seu protesto contra o que elle julgava um abuso de poder das autoridades republicanas.

No dia seguinte, os adeptos do antigo regimen protestaram tambem contra o acto do governo, no cartorio do juiz da segunda vara federal.

Um artigo sobre o caso, publicado no jornal "Correio da Manhã", pelo conselheiro Andrade Figueira, provocou um discurso no Senado, do conselheiro Ruy Barbosa, que rebateu os argumentos daquelle velho monarchista.

O protesto do príncipe era do seguinte teor:

"Impedido de desembarcar em terras do Brasil onde nasci e de que sempre me tenho mostrado affectuoso filho, não posso deixar

de lavar este protesto, e da violencia, que ora me é feita, tomo por testemunhas Deus e a Nação Brasileira.

Não é verdade que em tempo algum tivesse aberto mão dos meus direitos de cidadão brasileiro. Curstando a Escola Militar da Austria e exercitando-me na carreira das armas no exercito daquelle paiz, tornei logo formalmente explicito que não abandonava a minha nacionalidade, de modo que em qualquer perigo nacional pudesse ser util á minha patria, offerecendo-lhe um soldado preparado e disposto a todos os sacrificios, inclusive o da vida, em prol da honra e da segurança do Brasil.

Confiando nas garantias que a Constituição de 24 de fevereiro assegura a qualquer, brasileiro ou estrangeiro, para desembarcar ou permanecer em tempo de paz no territorio nacional, independentemente de passaporte ou outra formalidade, eu me propunha a visitar a minha Patria, e deste proposito sou demovido por uma intimação que considero violenta e arbitraria.

Brasileiro como os que o posam ser, e sentindo vibrar em meu peito todas as fibras do meu patriotismo, revendo após 18 annos de exilio as terras do Brasil e não podendo nelle desembarcar, appello para a opinião dos meus compatriotas, para o do mundo civilizado, para Deus Supremo regedor das Nações, e confio que ainda um dia se me fará a justiça, que me é negada."

A' princeza Isabel, sua mãe, d. Luis expediu daqui o seguinte telegramma:

"Impedido de desembarcar pelo governo, saúdo da bahia de Guanabara, na vespera do dia 13 de maio, a redemptora dos captivos".

No album de um amigo, o principe escreveu:

"Só uma coisa lastimo: não poder festejar amanhã, na minha patria, o dia 13 de maio".

De volta á Europa, D. Luis publicou, pouco depois, um interessante livro, "Sous la croix du sud", cujo successo de livraria foi enorme, chegando-se mesmo a falar no seu nome para a vaga de José Ve-rissimo, na Academia de Letras.

Era filho do conde e da condessa d'Eu, neto de D. Pedro II e do duque de Nemours e irmão de D. Pedro, principe do Grão Pará.

Com a sua morte, passa a herdeiro presumptivo da corôa do Brasil o seu filho mais velho, que é muito creança, D. Pedro Henrique.

Sabiamo-lo entrevado, ha já algum tempo, em razão de uma molestia adquirida nas tricheiras, na-da fazendo crer, todavia, que tão proximo estava o seu desenlace.

O principe deixa tres filhos e o seu corpo deverá ser enterrado em Dreux, na capella real ou capella de S. Luis, onde é praxe serem sepultados os principes da casa de Orléans e onde repousam os restos de D. Luis Felipe".

("Correio da Manhã").

#### FRANCISCO GLICERIO

Procurando justificar a inactividade que assignalou a primeira questura de Agricola, cujo maior esforço consistiu, talvez, em haver dado uma esposa modelar ao affecto carinhoso do historiador, nota o sizado Tacito que essa inercia mesmo era um attestado de sensatez e de prudencia, pois que, sob Nero, o silencio era sabedoria.

O caminho para a notoriedade politica é feito ordinariamente, na Brasil, com a espada silenciosa do patricio romano. A' semelhança de certos lagartos anti-diluvianos que por terem crescido demais, foram desligados scientificamente da ras-tejante familia dos saurios, o poli-

tico de talento deixa de pertencer, na fauna brasileira, á familia politica, para ser incorporado á dos poetas, á dos jornalistas, á dos oradores, ao grupo confuso e complexo dos homens de sonho e de letras. Ante esse leito de Procusto, em que são estirados os tendões a todos os liliputianos que nelle se deitam, o individuo mais alto ou corta as pernas, tomando a estatura de todos os outros, ou é atirado para a frente, recommendado, apenas, á gratuita protecção do orvalho e das estrellas.

E' essa a convicção que se nos enraiza no espirito ao examinarmos, passados tres annos sobre o seu termo, a carreira politica do general Francisco Glicerio. As homenagens que o rodeavam em vida e cercaram, depois, a fria pedra do seu tumulo, fazem scismar, em verdade e, com resultados tristes, sobre a crise de homens de que se resente a nossa actualidade politica. Todo o homem publico, para se assignallar no seu meo e no seu tempo, necessita de uma qualidade ou de um defeito notavel, incommum, excepcional, que o differencie dos seus contemporaneos. Nas sociedades difinitivamente constituídas, o homem de Estado é, geralmente, um Ajax, um Sarpedon, um gigante homerico, a surgir de uma floresta de individuos normaes. Entre nós, a particularisação não se verifica pela estatura, pela evidente variedade de tamanho. Todos têm o mesmo corpo, a mesma altura, o mesmo peso, denunciando a origem no mesmo harro; e se algum se torna mais interessante do que os outros, é por uma ligeira desigualdade de feição e de retoque, por ter o nariz mais curvo, a boca mais larga, a testa mais ampla, as orelhas mais longas. A impressão que se tem, ao descobri-los no meo dessa farfalhante mattaria politica, não é a de quem encontra um baobab, um cedro, uma aroeira, na verde confusão de um bosque vulgar: é a de quem depara, nesse

bosque, entre arvores do mesmo vulto, uma ou outra, que se especialisa pela direitura do caule ou pelo retorcido caprichoso dos ramos.

A memoria de Francisco Glicerio confirma, em absoluto, esse asserto. Ninguem contesta que elle foi, na politica brasileira, uma das figuras mais prestigiosas e notaveis. De onde lhe veio, porém, esse prestigio? Que serviço lhe grangeou essa notoriedade? A sua vida, desde a alvorada, foi um vôo planado, uma especie de carreira de avestruz ou de pato domestico, em que as azas nada fariam se não fossem ajudadas pela surprehendente ligeireza dos pés. Nunca teve um surto, nem fez, sequer, um esforço, para sentir nos cabellos o sopro de ventos mais altos. O ar que respirava jámais lhe chegou absolutamente puro aos pulmões, mas viciado pela poeira miseravel que elle proprio, muitas vezes, levantava. A atmosphera em que vivia era a mesma em que se envelenavam os seus pares da politica federal. Não tinha, mais do que elles, nem cultura, nem patriotismo, nem talento, nem sinceridade. Foi um fruto do acaso, um milagre facil, realisado pela força de um momento, uma gota d'agua da terra que, para subsistir, fazia o esforço de se purificar a si mesma, para se confundir, na folha da arvore nacional que é o seu Estado, com as claras gotas de orvalho da noite.

Glicerio nasceu em Campinas, em S. Paulo, de um casal de fazendeiros modestos. Ao receber na capital paulista a noticia de que perdera o pae, o joven campineiro, que ahi estudava humanidades e fazia inédita literatura deshumana, regressou á cidade natal, confiando-se, de novo, á doçura do carinho materno. Rangel Pestana, que o conheceu por esse tempo, conta que, apesar de rapazola, passava Glicerio o dia a cantarolar pelos corredores e pateos, sem occupações, sem disciplina, sem cui-

dados. A mãe, senhora sensata e pobre, censurava-lhe aquella incuria, aquella bohemia, aquella mocidade de passaro solto, lembrando-lhe que devia pensar nos dias vindouros, pois que era orphão e não tinha seara segura. Glicerio, de passagem, respondia-lhe, entre um discurso decorado e uma aria de assobios:

— Deixa estar, mãesinha, tempo virá...

Já com dezoito annos e, tendo como lastro do espirito os rudimentos que aprendera na Paulicéa, e as orações politicas que recitava em familia, seguiu para Rio Claro, onde entrou como professor de meninos no lar do velho republicano coronel Francisco de Paula Souza, emerito commentador da politica nacional e assignante de todos os jornaes da côrte e da provincia. Lendo as folhas e ouvindo os commentarios do dono da casa, Glicerio fez-se republicano, e era como republicano de outiva que apparecia, annos depois, em Campinas, no escriptorio de advogado de Campos Salles, seu antigo companheiro de "republica", em S. Paulo. Ahí, associado a este, que o aproveitara como solicitador no fóro local, pôde Glicerio consolidar as suas precarias convicções politicas, entrando a agir, como hraço do seu conterraneo, em favor dos novos ideaes.

E' nesse escondido ninho de republicanos que Rangel Pestana, seu primeiro biographo, e que ignorava o destino surpreendente do seu modesto biographado, vai encontrar-o em 1878. Glicerio tinha então trinta e dois annos, e estava para Campinas "na mesma relação do fogão para a casa de familia". Era elle que alegrava, que animava, que fazia a vida da cidade. Artista de circo de cavallinhos que lá chegasse era portador, necessariamente, de uma carta para Francisco Glicerio. Era pela sua mão que se penetrava nos clubs de recreio, nas lojas maçonicas, nas irmandades, nos theatros,

nas igrejas, na Santa Casa de Misericordia. O seu braço, embora republicano, abria as prisões, abrandava a justiça, franqueava os púlpitos, movia os prelos, carregava os andores e embandeirava a cidade, e tudo isso com o assentimento unanime da população, que admirava aquella actividade aparentemente desprezetosa, e que fingia não ver aquella estrada estrategica penosamente aberta, que o desbravador ia dissimulando, palmo a palmo, com as flores de mais encantadora jovialidade.

Dessa posição para uma cadeira na Assembléa da provincia ou do Estado a transição foi rapida e natural; e dahi para a Camara da Republica, e para o Senado, o salto foi egualmente facil, maximé tendo ogimnasta, como vara de toureiro, o prestigio nacional dos seus amigos de adolescencia.

O segredo das victorias de Francisco Glicerio residiu, assim, essencialmente, na sua habilidade, na philosophia amavel com que elle enfrentava as mais delicadas situações. A sua falta de cultura, suppria-a elle exactamente com a franqueza de não simular esse predicado. O conhecimento, que possuia, do meio e dos homens, fazia-o viver, em todos os tempos, á altura delles. A sua capacidade de trabalho politico, ou politiquero, era um braço que lhe dava todas as estaturas. Se a sua cabeça não chegava á nuvem em que mergulhava, então, a do sr. Ruy Barbosa, lá subia esse braço arrancando estrellas; e se a do sr. Hermes da Fonseca estava na alma do ridiculo, por lá se afundava, tambem, a mão certaíra do antigo solicitador de Campinas, pedindo licença, amavelmente, para ser tão pellada de callos como era pellada de idéas, naquella época, a desgovernada cabeça do dictador.

O que havia, entretanto, de extraordinario nesse melro da alta, comedia republicana, era o modo por que se equilibrava, ao mesmo tempo, no marmore da politica de

S. Paulo e no pantano da politica federal. Em S. Paulo, era o principe filho do Sol e da Lua, que andava de cabeça erguida nos régios paços do pai. Transpostas no entanto, as janellas do paiacio, era o papagaio ou o corvo encantado, que só voltava á primeira fórma ao penetrar, de novo, os batentes de sua gaiola dourada. Aqui, era o cardeal Monfalto, coroado e de muletas; mal, porém, passava a estação de Cruzeiro, Sexto V entoava, solemne, o seu "Te Deum", pela grandeza do orgulho paulista. Dionysio de Syracusa, que procurava, aqui, as chaves do poder, em companhia da marujada politica, limpava as botas com a bandeira dos partidos nacionaes e não via, então, diante de si, senão a soberania de São Paulo!

Francisco Glicerio foi pois, nas suas qualidades e nos seus defeitos, um exemplar característico da fama politica do seu tempo, um arbusto sem relevo especial nos dous bosques em que abriu o sussurrante labyrinth dos ramos: no Rio, por ter apparecido, em todas as situações, como um pequeno profissional da politicagem, e em São Paulo, por ter sido sempre, com os seus contemporaneos um fervoroso amigo da sua terra.

**Humberto de Campos.**

(*"Gazeta de Noticias" — Rio*).

### O MEU S. JOÃO

Balões, lenha, fogo, fôgos, foguetes; leitões, perus, quitandas caseiras, betuques de negros, caracterê de caboclos, samba de mulatos, baile de brancos; um modesto altar, uma tosca imagem, um capelão; um maestro, uma bandeira, uma penca de laranjas, eram os ingredientes com que, no meu tempo, se manipulava uma festa de São João

A colheita ia em meio, e a fazenda toda rescendia a café maduro. O terreiro limpo de vespera, a

pyra votiva levantada em frente ao casarão senhorial, os filhos do fazendeiro de fato novo, os negrinhos de camisa limpa, grande azafama na cosinha de desmedida extensão, tudo estava a postos para receber a onda de convidados e de intrusos que não faltariam á festa.

Surgia o primeiro trolley envolto numa nuvem de pó, subia o primeiro foguete que se desfazia em fumo e estilhaços de papel. Outro trolley, outros foguetes, e a festa estava começada.

Escurecia. As fogueiras crepitavam, levando a distancia seu clarão vacillante e povoando o céu com a poeira faiscante emersa do seu seio.

Agora, os fôgos, a reza, a ceia, as danças...

Os fôgos para as creanças, as danças para moços, a reza para os velhos, a ceia para todos...

Quando se é creança e se tem o espirito virgem de impressões, no colorido diaphano de um baião se vê mais pintura que numa tela preciosa; no turbilhão confuso de sons — tambaques, sanfonas, violas, puitas, reque-reques — se ouve uma grande symphonia; e a exalação combinada do café, da poeira, da polvora queimada, do pomar visinho, dos guizados da cosinha, ficam na memoria olfactiva da creança como um cheiro de festa, superior ás melhores combinações chímicas de Lubin ou Delettrez...

Como é bom ser creança!...

Quando somos moços, a fogueira, os balões, a reza, a mesa, são apenas a moldura de um quadro encantador, cuja tela é o baile, E, neste, musica, decorações, luzes, todo-o-mundo, figuram em plano secundario, em perspectiva. No primeiro plano ha sempre a eterna "Ella" a illuminar-nos a vida.

Que delicia, a mocidade!

Quando se é velho...

Mas que é que se ha de dizer de um velho?... Se é crente, reza;

se é atheu, blasphema; se ainda tem estomago; vence os moços na mesa; se é dypeptico, jejua; se é gaiteiro, é o **quindim** das meninas, si é sisudo, é um trombolho na festa...

Como é triste ser velho!...

Mas ha uma cousa mais triste que a velhice: — o pessimismo.

Não sejamos pessimistas. Já não nos divertimos hoje? — Recorde-mos...

A casa grande e branca da fazenda jorrava luz por todas as janelhas.. Dentro o hallé, a mesa sempre posta..

Fóra, a noite, o frio de Junho Mas quem se lembra de frio, quando ha tanta brazza?

Os balões já subiram todos, menos os que queimaram cá em baixo... os pistolões, já os rapazes os queimaram entre gritinhos de moças nervosas e algazarra da molecada...busca-pés, já não ha mais, já esfuziaram pelo terreiro perturbando por tres vezes o batuque. Restam algumas bombas que, de quando em quando, pontilham com estalido irritante a monotonia da musica barbara da negrada.

Uma bomba arreventou dois dedos a um **piá**. Coitado! tudo é festa.. Viva S. João!

Parece que a festa esfria... Já é tarde... Na fogueira, pouca lenha, muita brazza, muita cinza... Já ha negros roucos... Mais quente!...

Um violeiro já cançou. Embrulhou-se no pala e repousa sobre um toco, ao pé da fogueira, fumando e cuspiendo na cinza...

E' hora de banhar o santo no correjos dos poetas; ólho nágua e desfila entre canticos, perturbando a paz do gado que dorme espapagado no caminho.

Longe da casa a noite é mais escura, mas o céu é mais brilhante... muita estrella... O Escorpião descamba obliquo como um navio que sossobra de prôa...

O corrego murmurinha como os correjos dos poetas; ólho nágua e não vejo o meu vulto. Mau signal.

Era assim o S. João do meu tempo...

Como está o S. João de hoje? — Não sei, não sou mais deste mundo...

Mas parece-me que se manipula com fox-trots, **It is a long, long way to Tipperary**, cantado no original, **five-o-clok-ten**, **marrons-glaçés**, **Extra-dry**, almofadinhas, **sans-dessous**, **jupes collantes**, pernas ao vento, pudor em cheque, tradição amortalhada...

**..Le monde marche... en arriére...**

Como não ser pessimista?!

#### JOÃO SEMANA.

(“O Combate” — Jaboticabal).

#### INDISCRICÕES DE PAPEIS VELHOS...

Remexer papeis velhos, impregnar nosso espirito das recordações que elles docemente exhalam, deixar que a sua força evocativa nos transporte calmamente á contemplação de uma era agitadissima, que já passou, não é apenas um prazer, mas é tambem um dos meios mais serios de perscrutar a natureza humana, apanhando-a no flagrante da sua fraqueza credula, da sua incoherencia mysteriosa e da sua fantasia sempre infantil.

Ha dias me deliciei na contemplação de importantes papeis relativos a um dos mais curiosos periodos da historia da nossa republica: a revolta contra Floriano.

Tive em mãos longo tempo um caderno que pertenceu a um marinheiro de Villegaignon, e uma especie de “codigo”, uma cifra, uma interessantissima combinação telegraphica feita pelo almirante Saldanha da Gama para, durante sua campanha á frente dos federalistas do Rio Grande, corresponder-se com o seu amigo M. M. de Carvalho (Manuel Maria de Carvalho), seu representante aqui no Rio de Janeiro.

O caderno do marinheiro, ou, antes, do sargento ajudante do Corpo de Marinheiros Nacionaes Belmiro Ferreira dos Santos, é curioso, contendo na integra uma cópia do manifesto do almirante Saldanha, o celebre e muito conhecido manifesto sebastianista de 9 de dezembro de 1893 contra Floriano e mo qual ha o seguinte trecho:

"A logica, assim como a justiça dos factos, autorisaria que se procurasse, á força das armas, repôr o governo do Brasil onde estava a 15 de novembro de 1889, quando, num momento de surpresa e estupefacção nacional, elle foi conquistado por uma sedição militar, de que o actual governo não é senão uma continuação."

E, mais adeante, volta o almirante a profligar o "jugo abominavel de escravidão em que o militarismo de 1889 nos quer reter".

O facto de ter feito a copia de tal manifesto revela o enthusiasmo do sargento pela causa da revolução, que em má hora ahraçou.

Folheando esse caderno, eu me puz a meditar na melancholia em que com certeza viveu, durante a revolta, preso na sua ilha de Villegaignon, onde todas as tardes choviam as balas das fortalezas do governo, esse pobre marinheiro, esse atormentado sargento, para quem os dias da revolução deviam arrastar-se immensos e tediosos, forçando-o a lançar aqui para a cidade olhares cheios de tristeza e de sêde de amor...

Lá estão no seu caderno, fragmentos de sua alma, em phrases soltas a respeito de mulheres, entre notas particulares e apontamentos de serviço.

Copio esta:

"E' bem usado, bem arido, hem morto, o coração que já não conta com o amor, nem com o respeito que segue o amor."

Coitado!

Tem-se a impressão de que a elle, a esse sargento, cançado do ribombar do canhão, perseguido

pelos bombardeios diarios, de certo lhe pareceria finalmente bem melhor vir para a terra é "contar com o amor e com o respeito que segue o amor", do que continuar mettido na aridez da aventura politica do seu temerario almirante.

Muito mais curiosos são os papeis que contêm a combinação telegraphica de Saldanha da Gama.

Estes pertenceram á collecção do Dr. José Carlos Rodrigues, vendida ao sr. Ottoni, que a doou á Bibliotheca Nacional, onde se acham.

E' um "codigo" secreto muito bem feito e que revela alguma cousa de ainda inedito a respeito do famoso almirante de quem Ruy Barbosa, um dia, escreveu que era um dos typos mais bellos e mais completos de homem que elle já conheceu.

Mal sabia Ruy Barbosa o conceito em que o tinha a sagacidade desse homem tão completo...

Pelo "codigo" de Saldanha se vê que elle encarava como coisa possível o entrar algum dia em negociações de paz com Floriano Peixoto.

Os telegrammas deviam ser passados de Montevideó, e todos em estylo commercial, para esconder melhor o occulto sentido revolucionario.

"Saque acceto" queria dizer: "Possibilidade de entrar em negociações".

"Saque endossado" correspondia a "Negociações entabuladas".

E ha assim varias phrases em que entra a palavra "saque" sempre significando "negociações". Entre ellas esta, que traduz a previsão de uma probabilidade muito desagradavel para os salvadores da patria: "Saque prejudicado", e cuja traducção seria a seguinte: "A revolução não pôde continuar por falta de recursos"...

A parte mais interessante, porém, é a referente a pessoas.

Dentre os nomes que figuram na cifra do almirante, aquelle de quem elle mais se occupa, e a cujo

respeito faz maior numero de hypotheses, prevendo maior quantidade de situações, é o do sr. Alexandrino.

A palavra "letra" queria dizer Alexandrino de Alencar, e é empregada numa porção de phrases, imaginando de antemão todos os acontecimentos que durante a luta poderiam occorrer com o commandante do "Aquidaban", hoje tambem almirante., reformado depois de ter sido desde o governo Affonso Penna um dos mais uteis esteios da ordem..

Entre essas phrases ha uma de máo agouro: "Letra regeitada.", que corresponderia a "Alexandrino fuzilado".

O almirante previa tudo...

Só tres nomes têm substantivos como palavras correspondentes. São o de Alexandrino de Alencar, e os de Floriano e Prudente.

"Baixa" significaria Floriano, e "Alta", Prudente.

Essa escolha é bem significativa.

Todos os outros nomes são representados por adjectivos, e quem attentar bem para elles verá com que finura, com que justeza, com que perspicacia feliz, o almirante os escolheu.

São verdadeiros julgamentos, que pôdem ficar para a Historia, cada um delles synthetizando no breve golpe certo de uma só palavra.

Em vez de adduzir commentarios, limitemo-nos a publicar aqui esses termos da cifra, pondo deante de cada um o nome que lhe corresponde:

"Firme" — Saldanha da Gama.

"Seguro" — Manuel Maria de Carvalho.

"Inconcebível" — Gumercindo Saraiva.

"Inabalavel" — Gaspar da Silveira Martins.

"Frouxo" — Custodio José de Mello.

"Oscilante" — Ruy Barbosa.

Vê-se que houve escolha intencional e que o almirante procurou

para cada nome um epitheto que se lhe ajustasse de accôrdo com a sua opinião intima a respeito de cada um.

A palavra que coube a Custodio de Mello não representa mais que uma simples rivalidade de dous chefes, que se disputavam o commando supremo de um mesmo movimento, e serve para mostrar como se hostilizavam lamentavelmente uns aos outros os companheiros de revolta, numa desunião que em pouco tempo os inutilisou a todos.

O remoque atirado tambem contra Gumercindo ainda mais confirma isso.

Todavia, se não erra o talento de Mucio Teixeira, o veneravel Barão Ergonte, que nos ensina a sobrevivencia da alma, nesse caso bem pode ser que a esta hora o espirito do almirante, de vez em quando, baixe os olhos para a Terra e ainda sustente pelo menos alguns dos seus conceitos, usando da phrase que ha tempos ficou celebre por occasião das ultimas eleições presidenciaes: "Del no vinte"...

Releiam as pessoas daquella época, com cuidado e calma, esses epithetos contrarios, como os de "inabalavel" e "oscilante", pensem bem nelles, e depois respondam se os julgam acertados ou não.

Miguel Mello.

("Gazeta de Noticias" — Rio).

## OS REMENDOS INESTHETICOS

Deve um povo em plena mocidade prezar suas tradições? Ou, pelo contrario, esquecer o passado, para melhor encarar o futuro?

Uma nação recente não pôde, naturalmente, ter longa nem solida tradição. Quando essa nação é um amalgama de raças distinctas, com caracteres ás vezes oppostos, e vive num continuo evoluir, mais imprecisa e fragil se torna a tradição. E' o nosso caso. O Brasil,



como as demais nações americanas, é um typo curioso de civilização. Os povos asiáticos ou europeus seguiram uma ordem mais ou menos normal em seu desenvolvimento, do mais simples ao mais complexo.

Nós vivemos á luz em pleno fulgor do renascimento, vegetámos obscuramente durante tres seculos, e, bruscamente, em cem annos de independencia, queremos realizar o que os nossos maiores gastaram seculos a apurar. Adoptámos os modelos mais avançados em todos os ramos de organização ou criação. E só ao empregar systemas e usos de civilizações sedimentadas, reconhecemos quanto são toscos e tacteantes os nossos meios de realização. Um dos caracteres visíveis de nossa nacionalidade é justamente — essa perfeição dos typos adoptados em contraste com uma pratica primitiva e incerta. As leis são modelares: nunca chegam a uma applicação continuada. As medidas de governo são geralmente magníficas: raramente dão fructo: os homens mostram saber muito: quantos realizam alguma coisa. As intenções são excellentes: as acções são mancas. As theorias de arte abundam: a produção artistica é fragilissima. Succedem-se as iniciativas: raream as applicações. A lei natural é a decadencia. Por que? Pelo que acima dissémos: pelo desaccôrdo entre nossas idéas e os meios de que dispomos para realizal-as. Somos uma nação em desiquilibrio congenito.

Nessas condições o espirito de tradição, entre nós, apenas pôde existir por um esforço de pensamento. As crianças quebram geralmente os brinquedos da vespera... E', portanto, perfeitamente inutil dizer que só a volta á tradição nos pôde salvar, que os povos que desprezam o proprio passado estão naturalmente votados á ruina, que a instabilidade do nosso gosto é

uma falta de character, que o mimetismo é uma prova deploravel de servilismo, e mais quantas verdades sedições houver. Não ha prégação possível contra a fatalidade de um estagio provisório de civilização.

Ha annos, de viagem pelas nossas velhas cidades mortas de Minas, voltel com o coração ferido pela indifferença dos homens perante a ruina de um passado de pompas e opulencias. Ouro Preto deixa as intemperies consumirem os prodígios do Aleijadinho; Caethé e Sabará mal se oppõem á ganancia dos vendedores de alfaias; Diamantina consente que mutilem a sua preciosa Casa do Contrato; Mariana, Congonhas, Serro, S. João del Rey — calam-se perante o tempo e os exploradores qua as corróem. Por toda a parte as capellas se esfarinham roldas de cupim; os Cruzeiros apodrecem; nas fontes de pedra-sabão cavam as aguas da chuva sulcos de uma dor como que humana; as pratarias e os jacarandás das sacristias emigram sorrateiramente. Que dolorosa impressão a dessa capella de Raposos, outróra um dos marcos notaveis das "entradas" e cuja ruina actual Affonso Arinos me indicara com os seus olhos tristes de sertanista! Voltei então maguado e com palavras de rebate aos lábios.

Hoje comprehendo quanto a revolta é vã. As cidades mortas de Minas hão de morrer, irremediavelmente morrer, porque aos proprios que as amam e admiram falta tenacidade para as defender. Um povo que cresce deve, mas não pôde amar suas tradições. Longo tempo havemos de viver com os olhos prégados em amanhã, e só começaremos de valer alguma coisa, quando volvermos esses olhos cansados para o nosso passado. Que revolta então! Que saudade! Que remorso!

Mas a vida ensina a resignação.

Em nesses casos o consolo é justo porque é necessário. Temos muito que nos esquecer antes de começarmos a lembrar. E' a própria vida que exige essas ingratições dolorosas.

Calar as palavras de indignação não implica o silencio. O desamor absoluto pela tradição nacional é normal nos povos em desequilíbrio, como nós, mas não louvavel. E' de nosso dever, por isso, indicar os symptomas de um mal que, se não é curavel, pôde ser attenuado. As manifestações delle são moraes ou materiaes. Aliás, estas implicam aquellas. Moralmente, o desvio da tradição pôde ser um bem. Nessas virtudes tradicionaes de severidade, sensibilidade fácil arrebatamento, dilettantismo, bondade, submissão, podem ou devem ser corrigidas. Materialmente, a falta de tradicionalismo é uma ingratição e um erro de gosto. Despresando os argumentos sentimentaes, fica o insulto á belleza. O ambiente, se não dá toda a belleza, prepara o essencial della. O caminho da perfeição esthetica é o da conformidade com o meio. Se começarmos por desprezar os ensinamentos deste, como chegaremos áquella? A arte exotica é um simples mal estar dos monumentos de decadencia. Não advogamos particularismos estheticos, que — tomados como systema — opprimem a arte. Queremos apenas accentuar que um artista não pôde ser grande quando totalmente alheio ás condições que o produziram.

Do desprezo pela tradição resulta portanto um erro de gosto. Sendo esse desprezo inevitavel, a conclusão necessaria é que o gosto, entre nós, ainda é prematuro e manco. Aliás, o que é o gosto senão o sentimento esthetico do equilibrio, o senso das proporções, o instincto do rythmo? E como poderemos realizar a enrythmia das nossas sensações de belleza se vivemos em desequilíbrio congenito?

O gosto, sendo a mais subtil, é a mais perfeita manifestação do sentimento artistico. E, assim sendo, pôde considerar-se apanagio dos povos em fastigio, estranho portanto ás nacionalidades incipientes e ás civilizações requintadas. Quanto a nós nacionalidade incipiente, podemos diariamente argumentar com factos.

Ainda agora, essa conclusão, que de tão fatal já nem é triste, acaba de ser confirmada pelo attentado contra dois dos mais interessantes documentos de nossa tradição: o antigo Paço Imperial e os Arcos.

Os Arcos são, sem duvida, o mais caracteristico monumento do Rio, uma dessas construcções que fixam o perfil de uma eldad. Mas, siços, troneudos, de linhas simples e lisas, têm a belleza das coisas exactas. Pois o prurido de reformar, de remoçar os velhos monumentos está tirando aos Arcos o encanto que o tempo e a elegancia de sua construcção honesta lhe haviam dado. Estão revestindo a sua base de cimento, desse cimento aspero, picado de esecova, das vilas modernas de Copacabana! Não chega a ser absurdo porque é o natural... Mas que lamentavel signal dos tempos!

Outra prova do espirito de innovação que vicia as fontes do nosso gosto esthetico, é o que a Rpartição dos Telegraphos está fazendo com o velho Paço Imperial. Edificio rude, pesado, frio, pobre, é um documento claro do espirito da época. A architectura é o espelho dos tempos. A Cadela Velha é o seculo XVIII — aspero, solido, "felo" mas honesto; O Palacio Monroe é o seculo XX — vistoso, imitador, apressado, mais agradavel de ser habitado, mas ainda mais "felo"... O antigo Paço Imperial é um typo de architectura "séria", onde não transparece o desejo de exhibição senão a conformidade com o fim collimado. Sua belleza

está na severidade original da construção.

Pois os 'Telegraphos' acabam de provar como as repartições democraticas de um paiz joven, estão acima desses preconceitos estheticos. Quizeram reformar o velho edificio: ide ver, ide ver o que fizeram! Ladrilhos de hospital, praticados de gradil, fios e isoladores suggestivos, vidraças foscas azues e brancas, divididas por taboinhas de um memoravel aspecto, tudo que era possível encontrar em materia de máo, de pessimismo, de lamentavel gesto, foi empregado para remoçar as velhas paredes! O effeito naturalmente foi desastroso! Essa ala do antigo Paço da cidade semelha um velho encasquilhado, um "vieux-marcheur"!

Pobre edificio! Pobre gente!

Mas não nos revoltemos: é o signal dos tempos... Os Arcos calcados de cimento, o Paço Imperial de janellas coloridas, dão-nos uma lição necessaria de humanidade...

T. de A.

(D'"O Jornal" — Rio).

#### O GENIO COMMERCIAL DA ALLEMANHA

Desde que irrompeu o formidavel conflicto de 1914, alguns espiritos lucidos apressaram-se a affirmar, de encontro á interpretação idealista engenhosamente offerecida ao mesmo pelos inimigos da Allemanha, que elle representava unica e exclusivamente um violento choque de interesses commerciaes, proveniente da marcha cada vez mais vertiginosa e segura dos germanos para a conquista da hegemonia, da preponderancia commercial em todo o universo.

Taes asserções, a que emponstou entre nós o brilho inexcedivel de seu magnifico talento, num livro que um assombro de clarivi-

dencia, subtilidade de analyse e vigor de argumentação, o ex-deputado Abranches, nada puderam contra crise de exaltação mystica determinada no seio de quasi todos os povos neutros, mais notadamente daquelles que são ou se pretendem latinos, pelo habilissimo "camouflage" sentimental, liberal, humanitario, á cuja confecção esmerada a Entente se entregára com a prudencia e antecipação necessarias, conhecedora perfeita que era da eterna, indestructivel ingenuidade humana.

Sómente agora, depois de reunidos em Paris, para a exploração da victoria tão difficilmente obtida, os representantes das nações alliadas e associadas — associadas, vejam bem! — depois de imposta á nova Republica tedesca numa paz que a estrangula e assassina, e de inflingidas as mais cruéis decepções aos elementos de pouca efficiencia militar do grupo, como sejam o Brasil, Portugal, Belgica e Servia, cahe enfim a venda que trazia cegos os homens de boa fé, desperta afinal a humanidade do extase em que cahira ante o colossal mystificação de uma guerra sagrada para defesa da civilização e da humanidade... E nós, os brasileiros, em particular, acabámos de verificar os excellentes sentimentos que nos consagram esses admiraveis amigos francezes, tão insuperaveis na eloquencia com que exaltam os principios da moral internacional...

Desfeito o embuste, dissipado o equivoco, podemos firmar uma convicção: não foi a politica imperialista que perdeu a Allemanha, mas tão somente a revolta contra o genio commercial que a caracterisa. Dahi um corollario logico: não ha tratado de Versailles que possa exterminar esse attributo; consequentemente é fatal uma resurreição gloriosa da Allemanha. A'quelles que não acreditam, peço que estudem o inquerito promovido no "Figaro", pelo escriptor Eugéne Monfort, sobre a preparada

invasão, pelos germanos, do commercio de livros francezes. Esse pequenino factio tem o valor de uma allegoria. Emquanto as casas editoras francezas elevam seus preços, as congengeres allemães preparam, a preços irrisorios, edições magnificas dos autores de França. Haverá estolicismo que, em taes condições, leve o amator das boas letras a regeitar o artigo allemão, sómente para cooperar nas hostilidades economicas á Germania? Francamente, custa-me acreditar-o...

#### O MISANTHROPO.

(*"A Rua"* — Rio).

#### RAYMUNDO CORREIA

Alberto de Oliveira, que foi, talvez, o companheiro maos constante do poeta quantas vezes, nas tertulias que me dá a honra de conceder, me tem revelado factos intimos da vida do poeta que dignificariam um homem, si não revelassem, a limpida pureza de uma alma.

Em 1884, Raymundo Corrêa, estelou a sua vida de magistratura, momeado Promotor Publico de S. João da Barra, no Estado do Rio. Espantadigo, como todo estreante, desconfiado, receberam-n'ó o chefe politico local, o escrivão, o juiz, emfim, as autoridades da comarca. No almoço, offerecido em casa do coronel F.... chefe do Partido, disse esse ao Promotor, em tom grave:

"Senhor doutor, lembre-se que está em uma terra pequena. Isso aqui é um viveiro de intrigas. Ha tambem boa gente... Mas um homem prevenido vale por dez.... O sr. é moço... Não vá cahir em alhadas..."

Raymundo, ponderou que ali o levava sómente o cumprimento do dever. Agiria sempre com o que lhe dissessem a justiça e a sua consciencia. E não foi sem certa amargura que o dia passou a mal-dizer intimamente ter vindo cahir em terra intrigante.

Passaram-se os dias, um mez, Raymundo esqueceu as palavras do tal chefe que não primava pelo preparo intellectual, e dois mezes transcorridos, dia de anniversario e festa na fazenda do coronel F...., o nosso Promotor é recebido, antes de desmontar o cavallo, com estas palavras do dono da casa:

— Olhe, dr. Raymundo, eu, não lhe dizia que tomasse cuidado com esta terra de intrigas?!... Já me viéram dizer umas coisas... Mas, não dei credito...

Raymundo ficou frio. Coronel, de mim?! Disseram?! Que disseram?!

— Nada. Desmonte, sr. dr. Depois nós conversamos... Eu não dei credito...

Raymundo subiu as escadas, entrou na vasta sala da Fazenda, e voltou:

— Coronel, faz favor, que lhe disseram?!...

— Socegue, dr. eu cá sou amigo... Não dei credito...

E assim passavam as horas, o magistrado a insistir, e o chefe politico a ter evasivas de que não acreditava no que lhe haviam dito.

Certo momento, proximo ao jan, tar festivo, Raymundo não se conteve, e proferiu inabalavel:

— Sr. coronel, suas palavras tiraram-me a calma. Ou o senhor me relata a accusação de que sou victima, ou me retiro, e de uma vez, da comarca.

O coronel sacudido por essas phrases firmes, apanhou carinhosamente Raymundo pelo braço e levando-o a um canto da ampla varanda lateral, reiterou: — Sr. doutor, não se véxe... Eu não dei credito... Vieram dizer-me que o senhor é poeta!....

Adelmar Tavares.

(*"O Norte"* — Rio).

#### O BACHAREL DE CANANE'A

Creio que tinha a assignatura do sr. Affonso Celso o elogio do Bacharel que li, certa vez, nas paginas triviaes de um almanack.

O monarchista brasileiro e conde do papa não é, apesar do ostracismo, uma criatura amarga, com idéas tristes. Proclama-se, ao contrario, um cidadão "que se ufana de seu paiz" por um "tas de choses" ás quaes a sua qualidade de vencido sem esperança não lhe basta para as denegrir e despresar.

E é nisto, precisamente, que consiste a poderosa seducção deste Chauvin contra quem é preciso estar sempre em guarda.

Eu, por exemplo, tendo feito o meu curso na Escola de Direito, participo, no entanto, da prevenção geral contra o Bacharel. Sim, porque acabei me convencendo de que devo á carta todo o meu insuccesso até hoje na vida. Isto, porém, não impede a minha reconciliação com o Bacharel toda vez que tenho presente o panegyrico do sr. de Ouro Preto.

O Bacharel sai-nos dessa prosa lyrica a victima de uma clamorosa ingratição. Nós precisamos ser menos injustos e reconhecer que elle representa afinal, nulla ou mediocre, toda a sabença que Geca Tatu' possui. Sem o Licenciado — em — Qualquer Coisa que seria de nós dcante do mundo? A elle, o homem ridicularizado de anet de grau no fura-bolos, é a quem incumbe esta tarefa formidável — fingir lá fóra que sabemos ler!

Os senhores meditaram bem no que significa isso? No concerto classico dos povos, de quando em quando convidam o Brasil para dar um ar de sua graça, a este melancolico Brasil que faz vegetar, dispersivamente, da riba atlantica ao "hinterland" quase inexplorado oitenta por cento da população analphabeta. Figuram na brilhante companhia, em ponderoso commercio mental, individuos como a Inglaterra, a França, a Allemanha, a Italia, os Estados-Unidos, "leaders" da cultura universal. O Brasil tem que comparecer. Lá manda

alguem. E a quem manda? Ao Bacharel.

Por muito que o aborreçamos, devemos convir em que elle ainda não fez má figura. Tem dado, ao contrario, esplendidamente, o seu recado. E, dêz que, de uma feita a Europa se curvou ante o Brasil, por causa de Santos Dumont, diplomado em engenharia, das outras occasiões em que se tem repetido a flexão desse espinhaço consideravel, vamos encontrar o Bacharel, triumphando! Citemos, ao accaso, o bacharel Ruy em 1907, na conferencia de Haya.

Elle é, assim, pau para toda obra. Está sempre á frente das minimas iniciativas. Em nada o dispensamos. Quase tudo o que somos, devemolo o Bacharel. E é espantoso que tenha já conseguido tanto, vexado com o peso morto da ignorancia encyclopedica que leva dos bancos academicos. Nós confiamos ao desgraçado um trabalho do mouro apenas sahe da Faculdade, um pouco menos estudado que uma azemola, victima que é dessa coisa ineffavel, — o nosso ensino superior.

No apreço, pois, que me merece a classe bacharelícia eu não podia deixar de enternecer-me deante desse typo singular que nos surge da legenda, do fundo das nossas frescas tradições de patria joven — o bacharel de Cananéa.

Pobre e mofino lusiada condenado por um arresto talvez iniquo, eu estou a ver-te na angustia daquella tarde presaga em que os batels da frota del-rey-nosso- Senhor te abandonaram na praia deserta com uma leva de degredados. Dahi a pouco, tangidas pelo teral, as velas aventureiras não eram mais que azas do phalcnas gigantescas como que adejando á flôr das aguas, na rota das Indias. E só, mpressionante, a immensidão da brenha se te apresentava com os seus mysterios e os seus terrores. Estavas á mercê do indigena

anthropophago, das feras soltas, de toda a natureza hostil...

Comtudo, reza o chronicon brasílico, trinta annos depois, apresentavas-te um dia de repente á vista dos compatriotas que voltavam. E os amparavas no ousio das "bandeiras" iniciaes! Tinhas então prestigio, uma prole numerosa. Fazias-te cubigar quer pelo incola, quer pelos expedicionarios de Martim Affonso, que a metropole tanto tempo depois enviava a continuar a obra de Pedralvares! E é preciso não ter alma para escapar a uma alta e divina emoção, pensando no que representam esses seis lustros de existencia na solidão da gleba primitiva.

Oh, esse "bachiler" de Cananéa de que fala com respeito um narrador do tempo! Fosse João Ramalho, mestre Cosme Fernandes, Duarte Peres, Francisco Chaves ou Gonçalo da Costa, fosse outro qualquer, o seu estoicismo representa o mais nobre exemplo aos advenas que lhe succederam no desbravamento da Santa Cruz. Com elle, o Bacharel começou a sua immensa contribuição para o esplendor da terra. A figura do "bachiler" não tem o fulgor da de um Anchieta, não tem mesmo fulgor algum, pois do que nos contam não se sabe, ao menos, se elle escrevia sonetos na areia da praia, á maneira do jesuita sublime com as estrophes mysticas dos seus poemas. E justamente por isso, por tão obscura e esfumada nos longes da historia, ella é ainda mais admiravel. As gerações que vieram desse filho humilde de Coimbra herdaram delle, mais do que doutro, o indizível heroismo de viver no Brasil selvagem, de construir o Brasil colonia, de trabalhar pelo Brasil Imperio e Republica. A bacharellice que herdámos do degradedo de Cananéa pode ter mil e um defectos, mas é, em resumo, a nossa grande força nacional.

Desconhecido avô, pioneiro da nossa civilização, homeride sem

Odysséa, é para elle que se deve voltar a gratidão enternecida de nós todos, os calumniados bachareis do Brasil.

Ruy de Luua.

(*"Jornal do Commercio"* — Recife).

#### NO DOMINIO DO FOLK-LORE

E' pena que João Ribeiro, no seu livro e no capitulo — "TRANSFORMAÇÕES DE ESPECIES FOLKLORICAS" não nos tivesse offerecido uma recolta maior de lendas ou de fabulas. As modificações por que no nosso meio, entre o povo, passam as lendas, apologos ou historias é uma das feições mais interessantes e curiosas dessa ordem de estudos.

Interessantes, por se verem nelles introduzidos novos elementos ethnicos, modificando, ampliando ou restringindo os problemas primitivos, não só em relação á moral, como a usos, costumes e linguagem. Uma fabula de La Fontaine, de Esopo, de Phedro, um apologo arabe, são recitados nos nossos sertões, de geração a geração, soffrendo sensiveis modificações, de accordo com o novo "habitat", o meio, e as suas relações moraes, intellectuaes e physicas.

Um exemplo: O apologo da pomba e da raposa, que João Ribeiro transcreve e que, tambem, aqui o damos, de origem arabe, posto na bocca do philosopho Sindabar, ouvimos-o, quando criança, no Ceará, grandemente modificado.

E' este o primitivo: "Uma pomba ameaçada de uma raposa que lhe queria devorar os borrachos, accetou o conselho de um pardal que lhe falára: — Quando vier a raposa dize-lhe de subir até ao ninho. E ouvindo-o, a raposa, saiu ao encontro do pardal e perguntou-lhe como era que se livrava da ventania. — Escondo a cabeça sob as azas. — De que maneira? — Assim, disse o pardal encobrindo a cabeça. A raposa, nesta oc-

casião, colhe-o de improviso. — Soubeste, diz ella, dar conselho á pomba, mas não a ti proprio”.

Este apologo, como se vae ver, foi modificado no Ceará pela seguinte fórma:

O canção encontrou uma rolinha chorando.

— Por que chora, camarada rolinha?

— Ora, porque não hei de chorar! — veiu aqui a raposa e me comeu uma filhinha!

(Este elemento novo é mais sentimental: no primitivo, como se vê, a raposa tinha apenas ameaçado.)

— Como? de que maneira? pois a raposa não pode subir esta arvore onde está o seu ninho!

— Ora, ella me ameaçou de derrubar a arvore.

— Como?

— Enrolou o raho no tronco da arvore e me disse que se eu não lhe dêsse um dos filhos ella a derrubava e comeria os dois, e seria muito peor. Então lhe atirei a minha filhinha e ella comeu ali mesmo.

— Ora, camarada rola — você é muito tola! A raposa LHE enganou. Ella não podia derrubar a arvore. Se você quer ver, quando ella voltar, mande que ella a derrube, e verá!

No dia seguinte, voltou a raposa e mandou que a rolinha lhe atiras-se o outro filho.

A rolinha, ainda chorando, disse que não era mais tola e que lhe não daria o filhinho como tinha feito com o outro.

— Se não dá derrubo a arvore — disse a raposa, enrolando o rabo ao tronco da mesma.

— Pode derrubar! — disse a rolinha.

— Ah! já sei quem te ensinou: foi o canção; elle ha de me pagar.

E foi a raposa armou uma arapuca e botou a céva de milho para pegar o canção. Mas não fez armadilha na arapuca, como se costuma fazer: mettuu apenas a for-

quilha e amarrou ao pé da mesma um comprido cipó, levando a ponta para detrás de uma moita, onde se escondeu.

(O artificio da raposa, aqui, é differente do original.)

O canção chegou e viu o milho debaixo da arapuca e, como é seu costume, trepou para cima da mesma e deu-lhe muitas sacodidelas para ver se a arapuca caia. Vendo que ella estava bem segura, veiu para debaixo a comer o milho. Então, a raposa puxou o cipó e a arapuca caiu, prendendo o canção.

— Camarada raposa, disse o canção, quero lhe pedir um favor antes de morrer.

— Qual é? disse a raposa orgulhosa.

— Ha muita gente, ahi por esses caminhos, que não gosta de mim, peço, que me coma logo aqui, e não me leve para sua casa, para não dar gosto e não servir de coada aos meus inimigos.

— Ah! disse a raposa, isto eu não faço! Eu te levo vivo para a casa para te mostrar aos meus filhos e depois te comeremos. Eu quero que todos saibam que comigo não se brinca!

Então abocanhou o canção e saiu com elle, vivo, em busca de casa.

Quando ia passando pela beira de um rio, uma lavadeira (passarro) lhe gritou da ponta de um canço:

— Pegou sempre o canção, hein, camarada raposa?!

— O! O!, respondeu a mesma.

Nisto, o canção voou e salvou-se.

A moralidade do apologo aqui, é bem diversa da do philosopho arabe.

O pardal (o canção) não foi punido ou castigado por haver dado um bom humanitario conselho á sua irmã, a pomba.

Que diz a isto o mestre João Ribeiro?

**José Carvalho.**

(“O Jornal” — Rio).

### O QUE AS CRIANÇAS SONHAM

O inspector dos serviços medico-escolares de Londres realizou ultimamente, algumas investigações sobre os sonhos das crianças das escolas da capital inglesa. Essas investigações são de grande interesse, segundo escreve "The Times".

As crianças de mais de cinco annos foram convidadas a escrever um relato do ultimo sonho, indicando o tempo transcorrido e a idade do autor do relato. O referido inspector recebeu relatos de cerca de cinco mil crianças.

Nas escolas dos manicômios infantis os sonhos foram relatados pelos meninos aos seus mestres. Estes pequenitos tiveram grande dificuldade em separar o sonho da vigília. A sua capacidade de descrição era, naturalmente, muito limitada, e o seu modo de empregar as palavras podia levar á mente do adulto que o escutava impressão mui diferente do que queria expressar.

Os meninos, inevitavelmente, exaggeram muito os sonhos e repellem como absurdas algumas coisas destes, que são contrarias á sua propria experiencia. De fórma que uma analyse completa dos sonhos das crianças não teria valor algum. O mais que se poderia fazer, talvez, seria classificar esses sonhos, amplamente, como desejos realísados, medo, contos, de fadas, assumptos domesticos, etc.

Estudando os sonhos das crianças de cinco a sete annos, verificou-se que os sonhos de Natal estavam amplamente representados. Nos pequeninos de menos de cinco annos, o "medo" impera nos seus sonhos. Aos sete annos de idade, os meninos e as meninas sonham mais com ladrões do que nas outras edades.

E curioso que os sonhos de medo aos animaes são mais frequentes nos meninos que nas meninas.

As occupaões escolares appare-

cem pouquissimo nos sonhos dos meninos de qualquer idade.

Nos sonhos das meninas, a influencia do cinema é muito pequena; mas nos meninos, especialmente entre os seis e sete annos, é um factor importante.

Os sonhos de contos de fada são muito frequentes nas meninas e raros nos meninos, e o mesmo ocorre com os sonhos de acontecimentos domesticos normaes.

Um facto importante revelado pela investigação é que o "duende" e o "diabo" foram substituidos pela fada. O antigo terror infantil desapareceu. Entre todos os sonhos dos meninos mais novos, houve apenas uma referencia a um "duende". O sonho de fadas é, geralmente, de puro gozo, e o de bruxas é um entretenimento.

Aos cinco annos o menino é o centro do conto e raramente um espectador passivo. Um dos pequenitos referiu, por exemplo:

"Eu sonhei que vi um tigre devorando o meu papá, minha mamã, meu irmão e a mim, mas acordei e disse: Ora, não é verdade!"

Uma menina de cinco annos sonhou que o rei e a rainha estavam debaixo da sua cama, comendo pão e manteiga, acompanhados de pessoas da córte.

O autor do trabalho acredita que um estudo cuidadoso dos sonhos das crianças nos collegios dos hospícios, pôde produzir resultados informativos sobre o temperamento normal da criança, enquanto que no caso das crianças de typo neurotico, pode dar indícios importantes para encontrar a base do valor mental.

As crianças pequenas, da primeira idade, gostam de contar os seus sonhos, e um resumo mensal durante um anno, poderia ser um instrumento de investigação muito util.

A guerra demonstrou o enorme valor do estudo dos sonhos dos adultos, no tratamento dos casos de "schock", nervoso, e em muitos ca-



sos a causa da perturbação foi encontrada em sucessos da primeira infância.

(*"Diario de Pernambuco"*).

### O COMBATE DE CAMPO OSORIO

.....  
O incendio, as violações, os massacres eram a normalidade nas campanhas do sul. Desenfreada-se a besta humana, na insanidade de seus mãos instinctos.

Afinal, convencido da crueldade dos que praticavam a chacina no sul, Saldanha se manifestou e partiu para o campo de batalha. E pela terra do Plata ficou pé em territorio nacional.

O que succedeu então, é narrado com uma simplicidade, commovente por um platino imparcial, que esteve no campo de batalha. Referimo-nos a um artigo inserto na revista portenha "Archivos de Psychiatria", da lavra do dr. Florencio Sanches. Eil-o:

— "João Francisco, sempre elle, foi a figura saliente da fronteira, durante a guerra. A' frente de uma força pouco numerosa, jámais quiz afastar-se das fronteiras, campando pela região durante os tres annos de guerra, em uma zona de mais de 600 leguas. Foi habil e previsora a sua resolução."

— "Os revolucionarios derrotados no interior, procurarão a fronteira oriental para se refazerem e aqui os enfiarei na lança", dizia elle. E si houve engano, foi na lança, porque os revolucionarios foram colhidos por seu facão e pelos dos seus milicianos. Com alternativas logicas, marchou de victoria em victoria, ou antes, de massacre em massacre, e no fim da revolução pôde mandar ao governador Castilho a parte memoravel de Varsovia: communicava que na região só restavam vivos, e em pé, elle e seus contingentes."

Saldanha da Gama com seus 300 homens, gente do mar, e um brilhante estado-maior de officiaes e aspirantes da esquadra, a pé, sem meio de mobilisação, embora com bastantes armas e munições, fortificou-se em uma planicie, apoiando suas trincheiras nas margens do rio Quaraim, linha divisoria, na previsão do desastre. Cincoenta gau'chos, dirigidos pelo commandante Chico Rivera — um bravo — abasteciam o acampamento.

João Francisco vigiava os movimentos da força invasora, deixando-a agir, temendo que um ataque prematuro lhe fizesse perder a presa: quando julgou os inimigos em condições de se tornarem fortes, decidiu-se a atirar-lhes o cartal de desafio. E a operação foi de uma infelicidade terrivel. Ordenou aos seus soldados, uns 600, que avançassem até ás trincheiras, montados, a trote, e fazendo fogo. Aquillo era descabellado. Os marinheiros de Saldanha dizimavam impunemente aquelles loucos, mas a avançada continuava. De repente, os clarins de Saldanha tocam a victoria: o inimigo, que chegara a 50 metros das trincheiras, voltava em evidente estado de desmoralização.

Chico Rivera lançou-se, então, com sua cavallaria para consumir a derrota.

— "Meia volta e sabre em punho", exclamam os officiaes de João Francisco.

E dentro de poucos segundos produziu-se infernal confusão no proprio acampamento de Saldanha.

João Francisco previra, com a intuição de um hemem affeito á guerra gau'cha, a saída do impetuoso chefe de lanceiros, Chico Rivera. Sua tactica era provocalo e depois batel-o, aproveitando o momento em que o inimigo não podia fazer fogo, para cair como uma tromba sobre o campo fortificado.

— "Nem um só ficou", dizia-

me o major Tambeiro, meu cicerone, em uma recente excursão (1895), ao local dos successos.

O major Tambeiro foi o executor glorioso de Saldanha. Sentados sobre uma das tricheiras, ainda em pé, dos desditosos vencidos, contou-me o episodio com estudada modestia.

Durante a confusão perseguiu um homem que galopava em um cavallo de raça, a caminho para o Estado Oriental. Alcançou-o.

— “Respeite-me! Sou o almirante Saldanha”, gritou o perseguido ao vel-o approximar-se.

— “São esses os que eu quero!”, disse-lhe, e levantei-o da sella com a minha lança.

“Na verdade, acrescentou Tambeiro, não supuz que o homem fosse Saldanha. Si o soubera, agarra-lo-ia vivo, porque estava elle desarmado e com uma das mãos em tipola. Certo teria eu obtido melhor proveito. No campo ficaram todos os cadaveres inseputos.”

— “E ninguem se rendeu?”, perguntel ao narrador.

— “Não houve tempo. Quando nos apercebemos, não restava um só vivo. A rapaziada estava em brasas com os marinheiros. Veja que linda cutilada!” disse-me, levantando do sólo um craneo que tinha a parte posterior rachada sem duvida por um só golpe de sabre.

Contou-me depois este episodio:

— “A tropa entregou-se ao **car-chéo** e como todos os cadaveres estavam nu's, foi impossivel reconhecer o do almirante. Por fortuna, o commandante João Francisco tinha dois prisioneiros, dois aspirantes,— pobres rapazes! muito moços, que choravam como creanças. Pediram-lhes que assignalasssem o almirante, mas as horas passavam e o corpo não era encontrado. Ameaçaram-nos com a degolla si demorassem, comprehendendo que não queriam entregar

o corpo de seu chefe. Um delles então mostrou um cadaver.

— “E' este”, disse.

Alguns signaes coincidiram, mas pelas mãos grossas, pés disformes e falta de asseio, perceberam que o menino mentia. E João Francisco fel-o degollar na presença do companheiro, por tel-o illudido.

O outro joven, intimidado, mostrou o cadaver, mas João Francisco fez cortarem-lhe a cabeça immediatamente, por covardia!

O corpo de Saldanha, horriavelmente mutilado, foi envolvido em couro fresco e conservado por muito tempo como trophéo do vencedor, até que seus amigos puderam dar-lhe sepultura piedosa, no cemiterio de Rivera, Estado Oriental”.

Do repertorio de episodios tão horrendos que conhecemos, ouvimos dos proprios autores da tragedia, escolhemos o seguinte, que traduz sinistramente a loucura do sanguinario:

— João Francisco teve a tetrica voluptuosidade de manter sua gente estaconada no acampamento de Saldanha, durante todo o tempo que os miasmas lh'o permitiram. Fel-o com o fim de familiarizar a tropa com o spectaculo da morte, e por tal forma consequiu seu proposito que nesses dias a milicia se entreteve a descarnar cadaveres para trançar com a pelle humana rédeas e arreamentos, prendas muito estimadas na região, que se exhibem como testemunhos de valor e que alguns supersticiosos conservam como amuletos contra as baixas!

Jámais esquecerei a impressão que me produziu ouvir officiaes de João Francisco, relatarem, com grandes gargalhadas, como os milicianos se divertiam, fazendo os mais tólos dos companheiros provarem carne assada dos defuntos, ou descreverem macabras d'sparadas de cavallos através o acampamento, arrastando cadaveres,

que serviam de estacas á soldadesca para os manter presos."

Aqui acaba a narração que lemos e que mostra um exemplo da loucura collectiva nas guerras civis. Florencio Sanches descreve com a simplicidade de psychiatria o combate de Campo Osorio. Nelle perdeu a vida o mais fidalgo representante da Marinha brasileira, o homem que se impoz ao conceito de seus concidadãos desapaixonados, quer como valente militar, quer como espirito de avantajada cultura.

Faz hoje 25 annos que se feriu esse combate. E cinco dias depois da morte de Saldanha extinguiu-se Floriano Peixoto, agoniado por um cancro, na incipiente povoação de Divisa.

Ambos deixaram partidarios apaixonados. Uns denigrem a memoria de Saldanha; outros, a de Floriano. Mas a verdade é que ambos foram homens de valor, cada qual se sacrificando pelo cumprimento do seu dever, cada qual representando uma convicção enraizada, cada qual synthetizando as virtudes militares, cada qual encarnando o brio, a energia e a coragem do povo brasileiro.

Assis Cintra.

("Correio da Manhã" — Rio).

#### A ESTATUA DE BENJAMIN

O governo do Brasil vai mandar erguer uma estatua á Benjamin Constant. Este egregio cidadão notabilisou-se por ser fundador da Republica, segundo a versão positivista, e por ter sido, conforme o declarou a Constituinte, "modelo de virtudes civicas e privadas." Tanto tenho pensado nessa estatua que cheguei a sonhar que estava passeando no Campo de Sant'Anna (vulgo praça da Republica), em companhia de Guilherme Tell.

Apezar do profundo respeito que

tenho por Guilherme Tell, heróe da libertação suissa, eu não podia deixar de sorrir de soslaio, quando via o seu salote, a sua aljava, a sua bêsta archaica e o seu chapéo com pluma á tyrolezz. Mas nem por isso deixava de admittil-o. Afinal era elle o Tell, o grande Guilherme Tell, aquelle mesmo que eu admirava no drama de Schiller!

— Com que então, Sr. Tell, cá estamos nós no Rio de Janeiro, hein?

— E' verdade. Ha muito tempo que eu desejava visitar esta bella cidade. Na Suissa fala-se muito do Brasil. Eu sempre suppuz que o Brasil fosse na Argentina. Depois verifiquei que não. Um amigo meu, Allemão e negociante em Hamburgo, explicou-me que o Brasil era alguma coisa diversa da Argentina...

— Outro paiz, não é verdade?

— Exactamente, outro paiz. Esse amigo até me mostrou um mappa... Nunca pensei que o Brasil fosse isto. E' verdade que conheci em Losana um homem muito instruido, que se dizia Brasileiro; mas eu sempre suppuz que elle fosse Australiano... Sabe o amigo porque? Porque no mesmo hotel em que eu estava, morava tambem um Francez, official aviador e decorado com a cruz de guerra, o qual jurava que no Brasil, quero dizer, no Rio de Janeiro, ainda se viam serpentes, tigres e selvagens nús em plena rua!

— Ha algum exagero na opinião desse Francez, como o Sr. Tell ha de ter verificado. No Rio de Janeiro ainda ha quem ande quasi nu, mas não são os selvagens: são as meninas civilisadas. Em Cuyabá...

— Cuyabá! E' nas Guyannas?

— Que Guyannas, que nada! Cuyabá fica em Matto Grosso. E' uma cidade brasileira.

— Muito longe daqui?

— Muito, muitissimo! E' mais longe do que de Berna a Basileá.

— Mais longe do que de Berna a Basileá! — interrogou Guilherme Tell de olhos arregalados.

— E' o que lhe digo.

— Mas que grande paiz! Olhe que de Berna a Basiléa é um pedacinho...

— Mas como eu lhe dizia, em Cuyabá costumam entrar indios, que vêm das mattas comprar fumo e aguardente. Esses indios andam habitualmente nus lá nas suas malocas; mas, quando têm de entrar na cidade, vestem-se, tanto os homens como as mulheres. Aqui é o contrario. As moças e as senhoras, em casa, andam vestidas; mas, quando têm de vir á rua, despem-se! E' por isso que os Francezes dizem que no Rio andamos nus...

Mas um automovel fonfonou com insolencia atrás de nós, que mal tivemos tempo de saltar para o grammado da alameda que tranquillamente percorriamos, capturando. O automovel passou, perigoso e veloz, levando o Dr. João do Rio, que tinha o ar de quem ia a toda pressa conferenciar com o prefeito, ali perto...

— Bolas! — berrei eu.

— Conhece? — perguntou-me Guilherme Tell, presentindo intimidades...

— Conheço. E' o dr. João do Rio, literato, academico, patriota lisboeta. Parece que é seu amigo?

— Meu amigo? Não o conheço...

— Não o conhece! Então o Sr. Guilherme Tell não conhece o Dr. João do Rio? Pois elle diz a toda a gente que é muito seu amigo. Até publicou uma entrevista... O senhor não jantou com elle uma vez, em Chamounix?

— Eu? nunca!

— Sim, senhor, em Chamounix, por signal que em companhia do principe Alexandre da Servia e do presidente da Confederação Suissa.

— Eu? Eu nunca vi o principe Alexandre! E o presidente da Suissa é até meu inimigo pessoal!

— Inimigo! Ora essa! Pois o Dr. João do Rio diz que jantou...

— Pilheria, pilheria! Aquella gente que lá está no governo da Helvecia não me quer ver nem pintado! Ora, é boa! Eu a jantar com o presidente da Confederação!

Francamente, fiquei desapontado. A maneira como Guilherme Tell negou a realidade historica do jantar com o presidente suiso, o principe Alexandre e o Dr. João do Rio mal disfarçava, nas suas phrases sacudidas, o despeito de ter concorrido para a libertação da patria e não ter influencia politica. Eu não me lembrava de que o grande Guilherme Tell era republicano historico na Suissa.

Iamos, entretanto, andando, quando Tell, apontando para uma estatua, me perguntou:

— Quem é este cidadão?

— Benjamin Constant.

— O escriptor e politico francez?

— Não. Cousa muito superior.

Este é o Fundador da Republica no Brasil.

— Ah! Ah! — exclamou Guilherme Tell, já cheio de respeito.

Estavamos, com effeito, diante da estatua do Fundador.

O monumento constava de um simples pedestal de granito, sobre o qual repousava uma columna de marmore, a qual sustentava um boneco de bronze, figura inexpressiva de lunetas, bigodes caídos de funcionario cangado, cavanhaque de professor jubilado, sobrecasaca militar... Não se podia distinguir se o homem era militar reformado ou se seria antes um mestre-escola jubilado. Era um typo intermedio entre o militar pacato e o professor bellicoso. Em todo o caso, uma cousa ficava evidente: o numero de rugas do seu rosto valia por um feixe de aposentadorias remuneradas...

— Que cousa grandiosa, dizia Guilherme Tell, ser fundador de uma Republica!

— Sim, respondi eu. Cousa realmente grandiosa, principalmente quando o Fundador é Benjamin

Constant, modelo de virtudes civicas.

— Elle combateu?

— Sim! Heroicamente!

— Nas trincheiras e nas barricadas?

— Não. Na cathedra de professor e nas reuniões dos conspiradores. Benjamin, Sr. Guilherme Tell, era um santo; e, como todos os santos, tinha horror ao sangue, a todo o sangue, em geral, e ao delle em particular... Esteve na guerra do Paraguay, mas o espectáculo da morte e da chacina de tantos innocentes bem depressa o ennojou. Elle voltou logo para a Córte, sem nunca ter entrado em combate. A sua espada era virgem. Pensando melhor, não chegava a ser espada: era, antes, um espeto que nunca viu fogo. Espada... Espeto... Se considerarmos com attenção, não ha grande differença entre uma cousa e outra. A differença reside apenas na qualidade da carne assada: a espada serve para assar carne humana; o espeto serve para assar vitellas e coelhos. No fundo a ferocidade é a mesma, e as victimas são muito parecidas...

— E como foi então que elle fundou a Republica?

— Como? sendo amigo do monarcha, Benjamin Constant era amigo e apaniguado do imperador D. Pedro II. E tão amigo era de sua magestade que resolveu livral-o dos encargos do governo. Então? Ficou provado que a melhor maneira de fundar uma Republica é ser amigo de um soherano... Elle tinha jurado fidelidade á bandeira de Dom Pedro II; era official do exercito de que Dom Pedro II era commandante em chefe; era professor da Escola Militar; era director do Asylo dos Meninos Cegos; era director da Escola Normal da Córte. Como official, percebia o soldo; como professor da Escola Militar, percebia ordenado; como director dos Meninos Cegos, percebia gratificação e tinha inda ca-

sa e mesa á custa do Estado; como director da Escola Normal, percebia outra gratificação. De sorte que, tendo casa e mesa á custa do Estado, o soldo, os ordenados e as gratificações chegavam intactas ás suas mãos. E ainda lhe sobrava tempo para conspirar. Na Escola Militar, em vez de ensinar calculo differencial, ballistica, fortificações e outras disciplinas indispensaveis aos officiaes, ensinava positivismo e pregava as excellencias do regimen republicano sobre o regimen monarchico, esse regimen que lhe dava tudo, inclusive a honra insigne de convencer o imperador de que elle, Benjamin, era um sabio... Um bello dia estourou uma rebelião da força armada. O marechal Deodoro foi a espada que deu vigor a esse movimento. Sem a espada de Deodoro e sem a cumplicidade de Floriano, nunca a rhetorica do Sr. Ruy e o positivismo mazorro de Benjamin teriam conseguido depôr nem ao menos um terceiro juiz de paz, quanto mais o imperador do Brasil! O marechal Deodoro foi proclamado generalissimo! Imagine o amigo Tell essa comedia: um generalissimo em tempo de paz! Um generalissimo de alguns regimentos amotinados! Benjamin era coronel. Os estudantes da Escola Militar e os tenentes philosophantes do tempo resolveram promover-o; de sorte que, um bello dia, por aclamação dos tenentes e dos aiferes-alumnos, foi Benjamin promovido a brigadeiro! Passou de coronel a general de brigada, preterindo camaradas mais antigos nas fileiras e com maior folha de serviços, por aclamação dos rapazes! Os rapazes queriam; Benjamin submetteu-se... Dizem que elle, intimamente, se revoltava contra essa promoção livremente aceita por elle; e costumava dizer, batendo nos pulsos: "Estes bordados me queimam os punhos!" Mas não consta que, recebendo o soldo de brigadeiro, tivesse dito alguma vez: "Estes di-

nheiros me queimam os bolsos..." Afinal morreu. Os positivistas choraram muito a sua morte. O povo não deu por isso. Mas a Assembléa Constituinte resolveu apresental-o ás gerações futuras como modelo de virtudes cívicas e privadas...

— Que pensa o senhor a esse respeito?

— Penso que está tudo muito certo. Mas é difficil conseguir imitar Benjamin. Depende de muita sorte. A dizer a verdade, meu ideal na vida é ser general sem nunca ir á guerra; ser professor da Escola Militar sem ensinar mathematica; ser director da Escola Normal; ser director dos Meninos Cegos, com casa e comida á custa do governo; ser amigo do chefe do Estado; conspirar contra esse chefe do Estado, meu bemfictor e meu amigo, depois morrer, ter uma estatua e ficar como modelo de virtudes cívicas. Tal é o meu ideal: ser Benjamin na vida. Mas é difficil. Depende de muita sorte...

Quando acabei de dizer isso, Guilherme Tell começou a ladrar como um cão de fila. Aterrorisado, suppondo-o louco, procurei fugir, mas acordei. Continuel, entretanto, a ouvir Guilherme Tell a ladrar. E, com effeito, havia um cão que ladrava: era o cão do visinho, que, com certeza, afugentava algum gato.

Rompia a manhã.

Antonio Torres.

(*"Gazeta de Noticias"* — Rio).

#### A HYGIENE DA MESA

**O papel do arsenico na vida diaria — Sua importancia na dietetica dos velhos.**

Como já tive a occasião de dizer, não podemos absolutamente viver sem o auxilio do arsenico. Faz elle parte integrante, capital dos nucleos das cellulas organicas; é elle que protege os nossos tecidos; é elle que promove activamente a

formação dos globulos vermelhos e dos globulos brancos do nosso sangue. é elle que faz do nosso sangue um meio bactericida, altamente impróprio para permittir a proliferação dos microbios pathogenicos. Mesmo fóra dos dominios do genio epidemico precisamos manter o nosso sangue em condições de resistir effizazmente ás invasões microbianas. No estado normal o arsenico é a potente couraça, que põe o nosso organismo ao abrigo de todos os ataques de surpresa.

O illustre professor Widal, de Pariz, observou e demonstrou, no caso de uma moça chloratica, que o numero de globulos vermelhos eleva-se, em algumas horas, de... 1.178.000 a 2.821.000 depois da injeção hypodermica de cacodylato de soda. E o professor Besredka observou o mesmo augmento para os globulos brancos.

O eminente professor de chimica organica de Pariz, o dr. Armand Gautier, retirou do corpo thyroide normal nucleinas arsenicaes. Já, alguns annos antes, outros chimicos notaveis haviam demonstrado a grande riqueza do figado normal em arsenico.

E, a proposito, e para bem frisar a materia será conveniente lembrar um episodio historico, que põe em plena luz a grande importancia e o alcance social das modernas acquisições da chimica organica.

Não vão ainda muito longe os tempos em que a nossa sciencia chimica não conhecia como fazendo parte integrante dos nossos tecidos senão quatorze elementos e nesse numero não figurava o arsenico. Por outro lado, nesses tristes tempos, era muito frequente o emprego do arsenico como agente mais seguro para a perpetração de envenenamentos homicidas. Até hoje perdura na imaginação das populações do sul da Europa o quadro de terror, que causava o veneno dos Borgias, bem como a

famosa "acqua Toffana": era simplesmente o acido arsenioso, que constituia a base desses toxicos.

Era natural a intensa preocupação dos chimicos procurando processos de analyse rapidos e seguros, de modo a não deixar passar impunes os crimes de envenenamento pelo arsenico. Com razão foi saudada como uma descoberta sensacional a do aparelho de Marsh, que permite revelar nas visceras do assassinado quantidades infinitesimas de arsenico. Foi precisamente nesse momento que se deu o celebre processo de madame Lafarge, processo para sempre memoravel em que uma virtuosa senhora era accusada de ter assassinado o seu marido empregando para isso o arsenico. Era então professor de medicina legal, em Pariz, o grande Orfila. Graças á sua eloquencia, graças sobretudo á admiravel perfeição do novo aparelho, foi-lhe facil demonstrar em pleno tribunal e á vista dos jurados consternados, com um pedaco de figado, a presença palpavel do arsenico criminoso. Debalde a infelz accusada, em desespero, banhada em lagrimas, protestava a sua innocencia. Nada valeu contra a immisericordiosa accusação da sciencia incipiente. Madame Lafarge foi condemnada á morte e executada em Pariz!... Poucos annos depois, a sciencia chimica adulta descobria que no estado plenamente normal, em todos os figados, existe o arsenico nas proporções que o aparelho de Marsh revelara... e que, portanto, um monstruoso assassinato juridico havia sido commettido!... A culpa não foi dos juizes, foi principalmente de Orfila, que personificava uma sciencia incompleta. E' sempre assim. E' sempre a nossa ignorancia que está por detrás de todos os actos precipitados da nossa conducta.

Que a barbara condemnação sirva ao menos de aviso aos meus leitores para não esquecerem que

no estado normal temos e precisamos ter no nosso organismo, mais especialmente no nosso figado e na nossa glandula thyroide, a proporção de arsenico indispensavel para o bom funcionamento de todos os nossos orgams.

Já indiquei que o arsenico normalmente existente no nosso organismo é o que introduzimos todos os dias nas nossas refeições com o sal grosso, não refinado, de cozinha. E' como impureza do sal que o recebemos, do mesmo modo que em identico character recebemos o iodo e o magnesio. As nossas donas de casa não devem, portanto, consentir que em suas cozinhas figurem outro sal a não ser o sal grosso, ligeiramente esverdeado, "não refinado"; é apenas toleravel na mesa a presença do sal refinado como supplemento mais elegante. Tudo é relativo. A "impureza" é de rigor na hygiene da mesa. Os que fizeram uso ininterrupto do sal puro tanto na cozinha como na meza ariscam-se a ter um sangue impuro. O cancro, o implacavel cancro especialmente é a ameaça permanente da velhice. E' o arsenico que faz o esplendor da mocidade; é elle que rejuvenesce os velhos alongando-lhes indefinidamente os dias. Couraçar a velhice contra os perigos do cancro deve ser a preocupação constante do higienista. A chimica organica nos informa que a velhice se caracteriza pela invasão avassalladora dos saes calcareos. E' a cal que suffoca as mais nobres funções vitaes. Para neutralisar ou contrabalançar a fatal invasão só podemos pôr em jogo a actividade do nosso aparelho glandular, das glandulas de secreção interna especialmente como a thyroide. Ora, essas glandulas não podem funcionar activamente se não tiverem á sua disposição a quantidade sufficiente de arsenico. As diferentes funções do organismo taes como a digestão, a circulação, a respiração

e a nutrição atingem o seu mais alto grau de perfeição quando estimuladas pela espôra do arsenico. Reflorescem na velhice a hematose e a assimilação, quando cuidadosamente entretida por doses infinitesimales, mas constantes, de arsenico sob qualquer forma.

E' sabido que de tempos immoriaes toda a população do Tyrol faz uso constante do arsenico. Pretendem os habitantes que sem o arsenico não poderiam aguentar as repetidas subidas e descidas diarias das altas montanhas do paiz e o que é facto é que toda essa vigorosa gente parece não conhecer o que seja fadiga muscular. Incontestavelmente o uso prolongado do arsenico traz um accrescimento de força e de resistencia ao cansaço.

Sabemos mais que os negociantes de animaes, para melhor impingir aos incautos os cavallos velhos arrebatados, submettem-nos durante algum tempo a um tratamento arsenical intensivo.

Graças ao energico poder reconstituinte do arsenico os animaes não tardam em apresentar todas as apparencias da juventude, relinchar alegre, calor, vivacidade, abundante saliva espumante ao morder o boccão do freio. O ingenuo comprador, que nada suspeita da artimanha, não continua naturalmente o tratamento arsenical: e dentro em breve o fegoso ginete está totalmente transformado em um cambaleante e desbriado pun-ga. Só resta á misera victima da capadoçagem o consolo de exclaimar com o poeta:

Ces superbes coursiers qu'on vo-  
|yait autrefois  
Plains d'un noble ardeur obéir á  
|sa voix,  
L'oeil morne maintenant et la tête  
|balsée  
Semblaient se conformer á sa tris-  
|te pensée

Da pratica consummada do ardil o leitor não deixará de tirar uma util conclusão: é que o uso do arsenico não deve limitar-se a algumas semanas ou mesmo alguns mezes, mas sim, prolongar-se por todo o decurso da vida. Para este fim, ahí está em primeiro logar o importante papel das nossas cozinheiras, que podem a capricho dar-nos vida longa ou vida curta, conforme lhes aprouver empregar em seus tempos o sal refinado ou o sal grosso não refinado. Está nas mãos da cozinheira o principal segredo de uma velhice sadia.

Dr. L. P. Barretto.

("O Estado de S. Paulo").

#### "CACURIS" E ESCRAVOS

**"Quem conquistar o com-  
mercio marítimo, conqui-  
stará o mundo"**

Por toda parte é sempre essa preocupação: abrir estradas, rasgar verêdas, estirar trilhos, fender canaes, multiplicar caminhos, baratear fretes, construir portos — ligar por terra, por mares, e agora até por ares — os centros productores aos centros consumidores...

E nesse afan de viver melhor, de prosperar, de produzir muito, e de facilmente atirar nos mercados do mundo os fructos do seu trabalho, o Homem, servido pela bondade infinita de um Deus misericordiosíssimo, encontra no mar, nos rios, nos lagos, nos igarapés, o trabalho feito, a agua profunda a correr, do interior das terras, dos altos das serras, para o litoral, para as planicies, para o oceano, poupando-lhe tempo, esforços, dinheiro...

E o Homem, grato ao Creador, lança jangadas, balsas, montarias, canoas, barcos, navios, grandes naus, grandes galeras, formidaveis cargueiros e rapidos paquetes, levando longe os fructos do seu trabalho, trocando mercadorias e i-



déas, approximando povos, confundindo raças, transformando paulatinamente o mundo numa só Patria e os povos numa raça unica, onde gente de todos os quadrantes se unirão ao som dos hymnos da Civilisação...

E o mar e os rios primam pelas facilidades do almejado intercambio: E' mais barato construir navios — e mantel-os e custeal-os — que construir ferro-vias...

E' mais barato e ha mais conforto numa viagem por mar que num trem de ferro, mesmo quando este é da "Oriental-Express Co."

Viajei duma sentada quatorze dias e quatorze noites de Vladivostock, na Siberia Oriental, a Moscow, em pleno inverno! Quasi enlouqueci de desconforto! Se houvesse percorrido igual distancia a bordo de um navio teria gosado uma viagem deliciosa! E teria, por certo, gasto muito menos!

Os povos cultos, ciosos do seu futuro e da sua grandeza amam e cultivam o mar, conquistam-n'o, morrem por elle.

Não fol outra a causa das grandes guerras, desde os tempos mais remotos até á ultima — em resposta á phrase do imperador Guilherme que bradava a plenos pulmões: "O futuro da Alemanha está no mar!"...

Predem-n'o, nepresam-n'o, crescem sobre elle diques e comportas, invadem-n'o para — que elle melhor penetre — navegavel e profundo — nas terras onde se trabalha e donde ha cousas a colher e exportar...

Isso é assim por toda a parte.

E', isso é assim por toda parte menos num grande paiz muito amado, em que o homem guiado, ninguém sabe por que infelz espirito, parece detestar o mar e os rios, e os igarapés, e os furos, e os pranás e os lagos, tudo quanto Deus lhe deu para facilitar-lhe a

vida, assegurar a riqueza, a prosperidade e a defeza da nação!

Parece incrível, mas é assim!

E esse paiz é o Brasil! Aquil o homem é peor que o rato de Fernando de Noronha e o coelho na Australia — só revela espirito de destruição!

Vi-o agora em Bragança, entupindo o Caeté: vi-o hontem no S. João no Estado do Rio, entupindo essa caudal e alagando oitocentos mil kilometros quadrados e levando a malarla e a miseria áquella rica zona fluminense!

— Vi-o agora a entulhar o Amazonas!

E' phantastico isso, mas é verdade!

Ninguém vê isso, mas eu brado alto com toda a força de minh'alma de patriota — os curraes de pesca, aos milhares, estão creando bancos que formam immensas corôas que se unem, que entopem a barra.

A partir de Collares — o banco do Corrello, as corôas de S. Caetano, Galvotas, Nova e Espadarte estão praticamente unidas ou para isso caminham rapidamente!

Vi fileiras interminas desses curraes plantados e avançados em linhas cruéis sobre o mar, á medida que os bancos crescem fechando a sahida ás aguas do rio Pará, do rio Amazonas, que só tem hoje por entrada o estreito canal de Bragança, entre bancos que crescem e se approximam!

E a causa disso é o "geleiro", o estrangeiro inconsciente que escravisa o nosso bravo e misero caboclo e dá-lhe varas para fincar "cacuris"!

Em Taipu' um só desses homens — de gelo — havia "emprestado" — só elle! — aos nossos caboclos, dezoito contos de reis, que o caboclo "pagaria" em trabalho de fincar curraes, de cercar peixes e... destruir o Brasil!

Positivamente phantastico! O caboclo do Pará, que linda e herolca maruja! — nada ha no mundo que se lhe compare em elegan-

cia, em bravura, em ousadia na bahia de Marajó e por toda a bocca desse colosso, bravo e correnso! Os primeiros marinheiros do mundo! Sem rivaes!

Em breve fechará o canal de Bragança; as aguas da bocca do Amazonas se alargarão destruindo tudo, empapando as terras...

E' o fim, meu Deus, desse lindo canto do nosso Brasil! Quem viver, verá — se outra orientação decididamente energica não mudar o rumo das aguas e... dos "cacuris".

Frederico Villar.

#### O DICCIONARIO BRASILEIRO

Assim como o portuguez saiu do latim, pela corrupção popular desta lingua, o brasileiro está saindo do portuguez. O processo formador é o mesmo: corrupção da lingua mãe. A candida ingenuidade dos grammaticos chama corromper o que os biologistas chamam evoluir. Aceitemos o labéo, e corrompamos, de cabeça erguida, o idioma luso, na certeza de estarmos a elaborar uma obra magnifica. Novo ambiente, nova gente, novas coisas, novas necessidades de expressão: nova lingua.

E' risivel o esforço do carrança, curto de idéas e incompreensivo, que deblatera contra esse phenomeno natural, e tenta paralyzar a nossa elaboração linguistica — em nome dum respeito supersticioso aos velhos tabús portuguezes... que corromperam o latim.

A nova lingua, filha da lusa, nasceu no dia em que Cabral aportou ao Brasil. Não ha documentos, mas é provavel que o primeiro brasileiro surgisse exactamente no dia 22 de abril de 1500. E desde então não se passou dia, talvez, em que a lingua do reino não fosse na colonia infiltrada de vocabulos novos, de formação local, ou modificada na pronuncia ou na significação das palavras.

Hoje, após 400 annos de vida, a differenciação está caracterizada de modo tão accentuado, que um camponez do Minho não comprehende nem é comprehendido por um jeca de São Paulo ou um gaúcho do sul. Quer isto dizer que no povo — e a lingua é criação puramente popular — a scisão está já completa. Nas classes cultas a differença é menor, se bem que accentuadissima, sobretudo na pronuncia, e no emprego de palavras novas. Até archaismos lusos resuscitaram cá, e são correntes de norte a sul. Um delles foi tomado como brasileirismo: o emprego do pronome pessoal "elle" como complemento directo. Ora, isso é coisa velha, fórma anterior ao descobrimento do Brasil. Dizem os escabichadores de antigualhas que é de uso corrente nos cancioneiros, na "Demanda do Graal", no "Amadis", etc. E citam de Fernão Lopes muito "viu ella", "nomeamos elle", "degradou elle", etc., — de Fernão Lopes! um dos grandes paes da lingua.

Não é brasileirismo, pois, essa fórma velha e revelha. E' um lusitanismo resurrecto na colonia.

Hoje, do Amazonas ao... Chuy, na linguagem falada, o "elle" e o "ella" desbancaram o "o" e o "a", apezar da resistencia dos letrados e da resistencia da lingua escrita. Não nos consta que algum escriptor de merito usasse, na prosa ou no verso, esse pseudo brasileiro, embora, falando familiarmente, incida nelle. Mas dia virá em que se rompa essa barreira. As correntes populares são irresistiveis, os grammaticos não são donos da lingua, e esta não é uma criação logica. Verão, pois, nossos netos um futuro Ruy, de tanta autoridade como o actual, abrir uma oração politica, da mais alta importancia, com esta forma que inda choca o belletrismo de hoje: "O Brasil, senhores, amei elle o mais que pude, servi elle o que me deram as forças, etc."

E verão um futuro Bifac lançar um "ouvir estrellas" assim:

Hontem divisei ella  
na janela...

Será isso, simplesmente, a reabilitação da fórma iusa dos pre-classicos, já victoriosa na lingua falada de hoje.

Riem-se? Não é materia de riso. E' a annotação singela da marcha dum phenomeno. Inda nos detem hoje o medo á ferula dos grammaticos d'além mar, e de seus prepostos no Brasil. Não obstante, a corrente do "elle" cresce, dia a dia, e acabará expungindo o "o".

Além destas modificações syntacticas, incoercíveis, temos outra feição evolutiva operada em larga escala: a adopção de palavras novas por injunções das necessidades ambientes.

A lingua é um meio de expressão. Modifica-se sempre no sentido de augmentar o poder da expressão. A variedade de coisas novas que tivemos necessidade de expressar, num mundo novo como é o Brasil, forçou no povo um surto copiosissimo de vocabulos. Elles brotam por ahí afóra como cogumellos durante a chuva. Lutam entre si. Os fracos, os inuteis, caem, como fructos temporões, bichados antes de maduros. Os bons, os expressivos e necessários, vencem, e ficam na lingua. A principio, na lingua falada; depois penetram na chamada literatura regional. Passam ahí aos glossarios de brasileirismos e entram, por fim, consagrados, no pantheon dos dictionarios.

A extensão do nosso territorio favorece grandemente o neologismo. Houve além disso a contribuição copiosa do indio e do negro. Ha agora a do italiano em São Paulo e a dos allemães no sul. A maioria destas palavras são de absoluta necessidade. Como falar da vida amazonica, sem recurso ás mil palavras de criação local? Como pintar o Rio Grande sem re-

correr ao vocabulario gaúcho? E falar do Rio sem tomar as pittorescas invenções glotticas do cafagesta carloca? Ha no portuguez termos que substituam o "enrenca", e derivados, de criação allemã, em Santa Catharina? E a "urucã", a "caguira", o "engrossamento", como enunciar a coisa com palavras do Moraes?

Sem coragem ainda de lançarmos o nosso dictionario, vemolo já em trabalhos preparatrios, a delincar-se nas obras de B. Rohan, Taunay, Romaguera e tantos outros collectores de regionalismos. Virá a seu tempo. Convencer-nosemos, um dia, de que, se saimos de Portugal, nada mais temos com o ex-reino, hoje tumultuosa republica. Virá, talvez, muito em breve. O dictionario brasileiro já está em elaboração. Um professor paulista, Francisco de Assis Cintra, emérito sabedor da lingua e rijamente dotado para o trabalho da empresa, acaba de inicial-a sob as mais intelligentes bases.

Em materia dictionarística vemos inda hoje em absoluta dependencia de Portugal. Temos o que Portugal nos dá, Aulete, Vieira, Candido de Figueiredo. Este nos deu a honra insigne de incluir na sua obra uma boa copia de brasileirismo, para contentar a colonia e fazer bom negocio nella. Os mais são dictionarios rigorosamente portuguezes. Isto dá resultados curiosos. Quem lê Alberto Rangel, por exemplo, o mais rico bateador de termos regionaes da nossa literatura, não tem meios de lhe comprehender o pensamento. Esbarra a cada passo com uma palavra regional, collectada por elle, e se recorre aos dictionarios fica na mesma.

No proprio Ruy Barbosa quantas palavras não existem que o carrança portuguez não nos deu a honra de "endictionarar"? Isso, porém, não é culpa delles, que fazem lexicos portuguezes, para seu uso, lá. A culpa é nossa, que já

era tempo de ter publicado o nosso dicionario, isto é aquelle que enfeixasse todas as palavras de creação nossa.

Pensando assim, o prof. Assis Cintra emprehendeu a obra sob as seguintes bases: eliminar do novo dicionario todas as palavras portuguezas, desusadas no Brasil, já archaismos, já lusitanismos de moderna creação popular, absolutamente inúteis para as nossas necessidades expressivas. Eliminar todas as palavras coloniaes portuguezas que atravancam os dictionarios actuaes, fazendo-os obesos. Dar, principalmente, a significação que os vocabulos portuguezes têm aqui no Brasil, e subsidiariamente a que têm no ex-reino. Introduzir todas as nossas creações linguisticas, as collectadas pelos glossaristas e as que andam soltas. Fazer, em summa, o dicionario pratico de que precisa quem vive nesta terra, que já foi colonia e está custando a se convencer de que não mais o é.

Será, pois, uma obra de grande utilidade e alto alcance, porque consolidará definitivamente o scisma operado na velha lingua iusa.

Acontece hoje o seguinte: um menino abre o Aulete e procura a palavra — hein; vê lá a pronuncia (an-e). Ri-se, está claro, e chama "âne" ao pobre Aulete.

Outro vae ao C. de Figueiredo em busca da palavra "chuplm", que elle ouve todos os dias applicada a um passarinho preto que parasita o tico-tico, e, por analogia, aos "maridos" de professoras. Não encontra. Mas encontra, por exemplo, "caloqueio", passaro africano, Cintra abrirá a gaiola ao caloqueio, pondo em seu logar o chuplm. Está aquelle estafermo a empatar um poleiro precioso.

Dirão: seria melhor conservar todas as palavras portuguezas e incluir todas as nossas. Isso seria fazer uma almanjarra ineditavel, ou caríssima, ao passo que o pe-neiramento ideado por elle allivia-

ria a obra das mumias inúteis que se esmirram ali, dos exotismos d'India e Angola com que nada temos que ver, daria livro manei-ro, commodo, num volume só, e por preço ao alcance do povo. Acoi-mam o nosso pobre povo de ignorante e não lhe dão sequer um dicionario da lingua, bom e barato! Os succedaneos portuguezes que lhe indicam, sobre não lhe satisfazerem as exigencias, custam os olhos da cara, oitenta, cem mil réis.

Além desta novidade o prof. Cintra pretende dar o maximo rigor ás definições, approximando-se dos grandes dicionaristas estrangeiros, Webster á frente. Fugirá, assim, ás sandices que Aulete e Figueiredo incriminaram aos anteriores e em que incidiram, se bem que em menor escala.

Abro ao acaso este ultimo e leio: "desarvorado", "adj. fam." "Que fugiu desordenadamente". Logo: navio desarvorado — navio que foge desordenadamente!

E são papões da lingua. Dão-nos em cima de palmatoria e ensinam-nos o que se não deve dizer, esquecidos de que não se deve dizer, sobretudo, asneiras.

Muita coisa se projecta para a commemoração da Independencia. Se for levado a termo o Dicionario Brasileiro, nenhuma commemoração será mais significativa. Valerá por um esplendido monumento e por um grande passo na "realização" duma independencia "proclamada", vae fazer cem annos.

**Monteiro Lobato.**

(*"Correio da Manhã" — Rio.*)

#### JACKSON DE FIGUEIREDO

O severo estudo que sobre a multiforme personalidade de Afranio Peixoto o nosso eminente collaborador Jackson de Figueiredo iniciou nesta revista, vae ser publicado em volume pelos srs. Leite Ribeiro & Maurillo, razão pela qual vê-se privada a "Revista do Brasil" de dal-o na integra.

CARICATURAS DO MEZ

**COCAINOPHOBIA.**

O novo regulamento da Saude Publica proíbe aos dentistas o emprego da cocaina na extracção de dentes.



*E a operação passa a ser a extracção de uma loteria: a vida? ou a morte?*

Calixto — D. Quizote



## A CRISE DAS HABITAÇÕES



O incauto — O' moço, isso ahi são casas p'ra cucurros!  
 O proprietario — Não, senhor; são casas de estylo Renascimento... do tempo de Diogenes.

ARTE NOVA  
(Numa redacção)

— Eu soube que a sua revista precisava de um caricaturista...  
 — O sr. estudou desenho?  
 — Não! mas fui alfaiate...

Belmonte — *Miscellanea*

## A Ordem do Cruzeiro

... Basta lembrar que só houve duas grandes cruzes — a visconde de Barbacena e o duque de Caxias — para ver o cuidado com que a monarchia agarrava as responsabilidades.

De um artigo de "O Noite"



A Republica, restabelecendo a Ordem do Cruzeiro, seria prodiga como sempre... Depois do Grande Rei, o Rei-Heroe, o primeiro condecorado, teremos, com certeza, o agarracador, como também o Chico *Cobra Verde*, que garanta as eleições de qualquer intendente municipal.



O Manoel da venda, conhecido falsificador, entrará logo para a Ordem; assim o 2º oficial de Secretaria que acompanha ao collegio dos filhos do ministro, e o bicheiro, o bicheiro também.



O guarda-que ronda o portão da casa do deputado situacionista e Mme. X., encantadora senhora do bom gosto de um senador qualquer. E, por fim, não haverá gato nem sapato esquecido pela Ordem do Cruzeiro!.

Fritz — D. Quixote

## O BANIMENTO DA FAMILIA IMPERIAL



*Bom Senso* — Mas porque não queres que ella entre? Tens medo?  
*Republica* — Medo, não! Tenho vergonha...

Belmonte — *Miscellanea*

## A TARIFA CONTRA O LIVRO

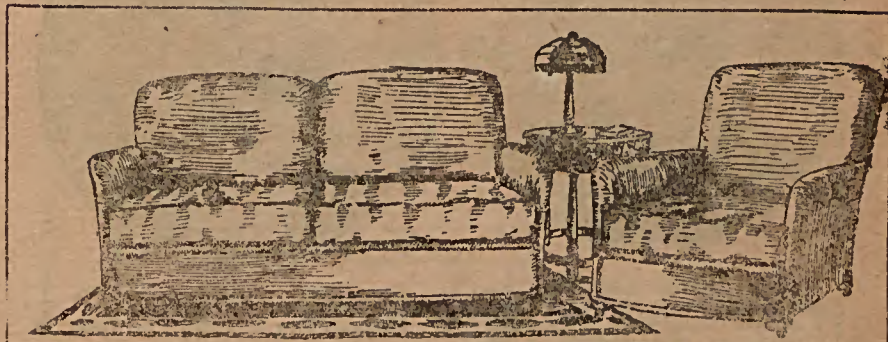


*E vão offerecer um "livro" ao rei da Belgica como documento da  
 nossa cultura...*



MAPPIN STORES  
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

## MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ———

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO

## O Vinho Reconstituinte

Recomendado e preferido por  
einentes clinicos brasileiros.

Silva Araujo



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticuloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellent tonico nervino e hematogenico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE

ANEMIA

RACHITISMO

INAPPETENCIA

ESCROPHULOSE.

# HOLMBERG, BECH & CIA.

---

---

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

==S. PAULO==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.

OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

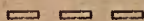
CIGARROS "37"

Companhia Grande Manufactura de Fumos e Cigarros  
"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO

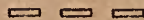
Edições da "Revista do Brasil"

Por estes dias :

LIVRO DE HORAS DE SOROR DO-  
LOROSA, poesias de Guilherme de Almeida,  
em luxuosa edição, ilustrada pelo pintor Wash,  
brochado . . . . . 5\$000



DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, pelo  
VISCONDE DE TAUNAY, o celebrado autor  
da "INNOCENCIA", volume brochado . 4\$000



BRASIL, COM S OU COM Z? por  
F. de Assis Cintra, Volume brochado . 3\$000

**AGUA INGLEZA**  
 TONICA  
 FEBRIFUGA E APPERITIVA  
**GRANADO**

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,  
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A  
 NOSSA MARCA  
 RECUSEM AS IMITACOES



QUINUM, CARNE  
 LACTO-PHOSPHATO DE CAL  
 PEPSINA E GLYCERINA.

**VINHO**  
**RECONSTITUINTE**  
**GRANADO**

TONICO NUTRITIVO  
 No tuberculose,  
 anemia, fraqueza,  
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA MARCA

## HEMO-KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do *Dr. Faria Lobato* — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE  
 ENERGICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO

AS MACHINAS

# LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

**Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.**

**CLING SURFACE** massa sem rival para conservação de correias.

**IMPORTAÇÃO DIRECTA** de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

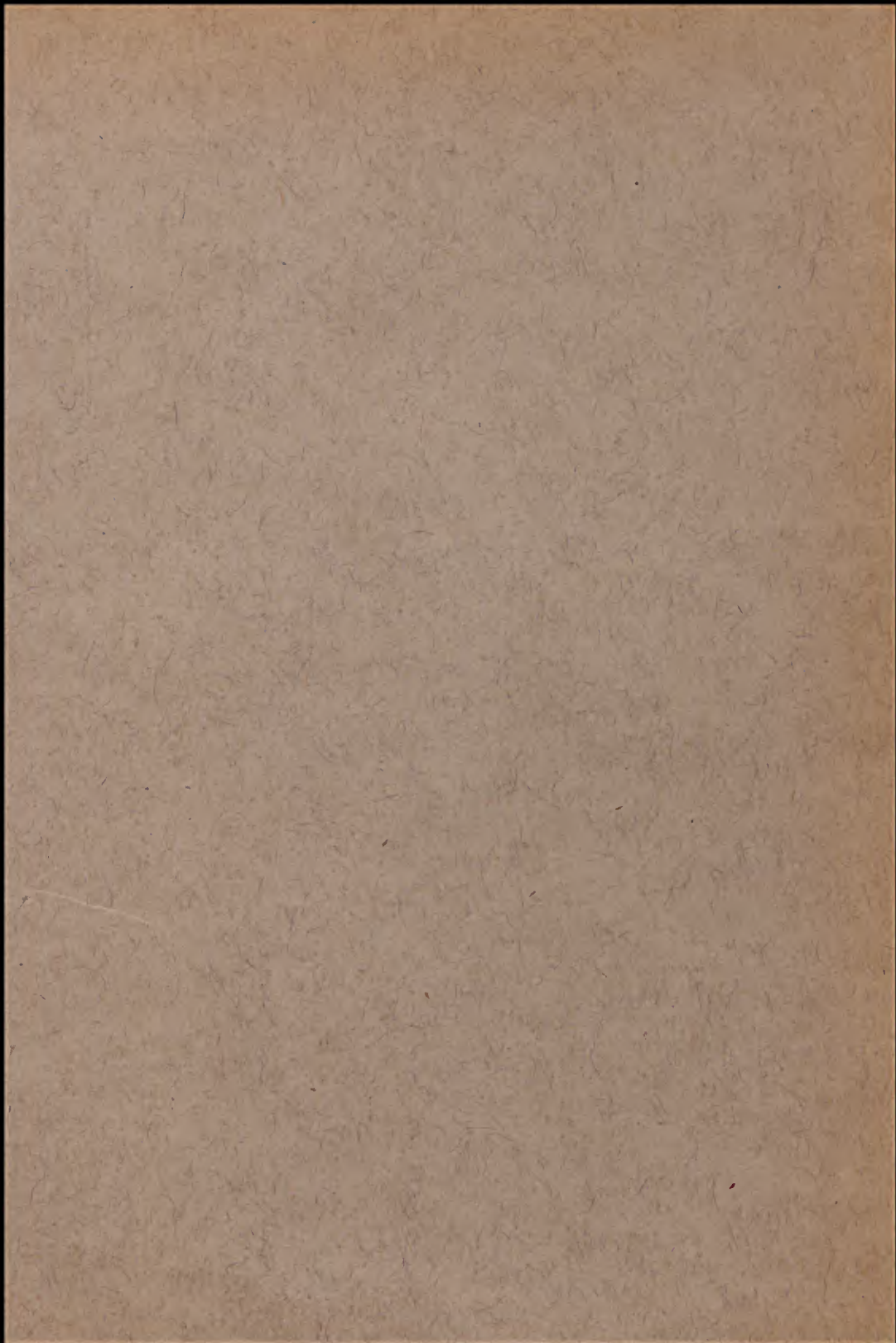
---

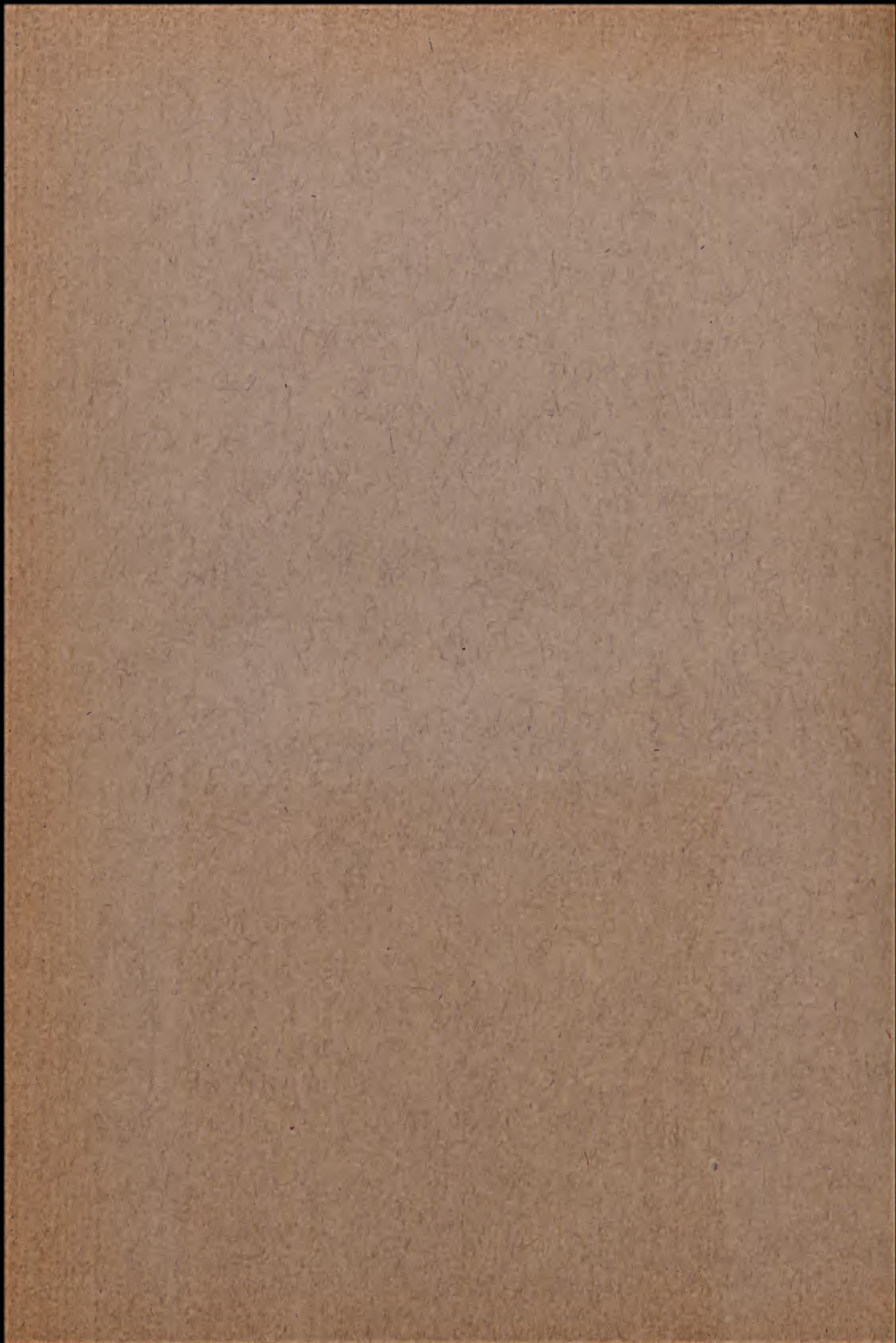
PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.  
DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SEÇÃO DE OBRAS DO "ESTADO DE S. PAULO"









Esta publicidade deve ser devolvida na  
última data marcada

27 JUN 1988		
29 SET 1989		
28 SET 1990		

20289

ANO 1920

VOL. 14

N.º 53-56

CLASSIF.  
OR050

SRSO ANO	DEVOLUÇÃO
71 63	27-06-88
72 72	27-07-89
	28-09-90

TOMBO:

20289

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA  
E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

PERIÓDICOS

ILHPA - Mod. SBD/62

